AUTORA BESTSELLER DO NEW YORK TIMES

LAVYRLE SPENCER

Beija-Flor



LAVYRLE SPENCER

Beija-Flor

Nenhuma chama arde mais do que um amor por muito tempo negado...

O Bandido e o Cavalheiro Ambos foram feridos no mesmo assalto ao trem na fronteira do Colorado e acabaram na porta de Abigail McKenzie atrás de cuidados.

O amoroso e gentil David, prometendo-lhe uma felicidade que ela perdera a esperança de encontrar, era tudo o que uma mulher poderia desejar.

Jesse representava tudo o que ela odiava: era rude, violento, grosseiramente bonito e perturbadoramente sensual.

Mas era a boca zombeteira de Jesse que incomodava seus sonhos, Jesse que a fazia sentir centenas de coisas que uma dama nunca deveria conhecer. Jesse que a desafiava a cada hora de vigília. Ela lutou com todas as suas forças..., mas nela queimava as brasas do amor por muito tempo negado — amor que a forçaria a uma escolha que nenhuma mulher deveria ter que fazer...

Com amor para Mamãe e Pat E um obrigado a Janis Ian, cuja pungente canção de amor "Jesse" me inspirou a escrever esta história.

I

QUANDO AS 9h50 CHEGARAM A STUART'S JUNCTION, sempre atraíam uma multidão, pois o trem ainda era uma novidade que toda a cidade antecipava diariamente. Crianças descalças agachavam-se como codornas na areia quente, até que a monstruosidade barulhenta e gasosa liberasse seus últimos fôlegos e corresse até o último quarto de milha em direção à estação ferroviária. Ernie Turner, o bêbado da cidade, vinha todos os dias para encontrá-la também.

Arrotando e saindo do saloon, ele se acomodaria em um banco na varanda da estação e dormiria até que o trem da tarde o mandasse de volta para sua ronda da noite. Na forja, Spud Swedeen recostaria sua marreta, esticaria os cotovelos, e ficaria na porta escancarada com os braços pretos cruzados sobre o avental mais preto. E quando o repique da ferramenta de Spud cessava, todas as orelhas de Stuart's Junction, Colorado, se animavam. Em seguida, ao longo da pequena extensão da Rua Front, lojistas sairiam de suas portas para as tábuas do calçadão, descoloridas pelo tempo.

Aquela manhã de junho, em 1879, não foi diferente. Quando Spud parou o ruído, a cadeira do barbeiro esvaziou-se, os funcionários do banco deixaram seus caixas e as balanças na contrastaria foram esvaziadas enquanto todos saíam para encarar o nordeste e observar a chegada das 09h50.

Mas as 09h50 não veio.

Em pouco tempo, dedos nervosamente brincaram com correntes de relógio; relógios foram puxados para fora, abertos e fechados antes que olhares duvidosos fossem trocados. Murmúrios de especulação foram eventualmente substituídos por inquietação quando um por um os moradores voltaram às suas lojas para espiar ocasionalmente através de suas janelas e se espantarem com o atraso do trem.

O tempo se arrastava enquanto cada orelha era levantada para captar o gemido do apito, que não veio e não veio. Uma hora passou, e o silêncio sobre Stuart's Junction se tornou um silêncio de reverência, como se alguém tivesse morrido, mas ninguém sabia quem.

Às 11h06 levantaram-se as cabeças, uma a uma. O primeiro, então o

segundo comerciante pisou na soleira de sua porta mais uma vez conforme o vento vívido do verão levantou o assobio de vapor saindo do fôlego de sua caldeira.

— É ela! Mas ela está vindo muito rápido!

— Se for Tuck Holloway dirigindo-a, ele está se preparando para atravessar a estação com ela! Se afastem, ela pode pular os trilhos!

O limpa-trilhos surgiu em um borrão de velocidade enquanto vapor e poeira flutuavam atrás dele, e um braço envolto em tecido vermelho-xadrez balançou da janela aberta da cabine. Era Tuck Holloway, cujas palavras foram perdidas no estampido do ferro e no sibilo de vapor conforme o motor sobrevoava os cem metros restantes até a ferrovia, ainda milagrosamente em ambas as faixas. Mas a voz rouca de Tuck não poderia ser ouvida acima da multidão balbuciante que tinha subido em direção à estação. Então, um único tiro de bala fez cada cabeça girar e cada mandíbula parar enquanto Max Smith, o agente da estação recém-nomeado, estava com uma pistola ainda fumegando em sua mão.

— Onde está o Doutor Dougherty? — Tuck gritou para a calmaria. — É melhor trazê-lo rápido, porque o trem ficou preso a cerca de vinte quilômetros ao norte daqui e nós temos dois homens feridos a bordo. O ferimento de um deles é ruim, com certeza.

— Quem são eles? — perguntou Max.

— Não parei para perguntar nomes. Ambos são estranhos para mim. Um deles tentou roubar o meu trem e o outro o deteve. Embora tenha sido preciso disparar enquanto o fazia. Eu preciso de um par de homens para tirá-los do trem.

Em poucos minutos, dois corpos flácidos foram carregados das profundezas do trem, descendo os degraus, até os braços do bancário, do moço da estrebaria, do avaliador e do ferreiro.

— Alguém traga uma carroça!

Através da multidão apareceu uma carroça, e sobre ela os corpos imóveis foram colocados, quando vindo da esquina do saloon o doutor Cleveland Dougherty chegou ofegando e bufando, sua maleta preta batendo em suas panturrilhas com força enquanto corria. Um momento depois, ele ajoelhou-se ao lado do primeiro estranho, cujo rosto estava pálido e pacificamente anormal.

— Ele está vivo — pronunciou o doutor. — Apenas mal. — O segundo homem também foi igualmente verificado. — Não posso falar sobre esse no momento. Levem-nos rapidamente para minha casa, e Spud, se certifique de não

passar por todas as rochas e buracos na rua entre aqui e lá!

Todos os que vieram à cidade naquele dia se demoraram. O saloon prosperou. Na cocheira, Gem Perkins ficou sem baias. O chão abaixo das escarradeiras no lobby do hotel esteve bem sujo muito antes do meio da tarde, enquanto debaixo das árvores de faia no quintal da frente do Doutor, os habitantes da cidade sentaram-se com os olhos fixos na porta; esperando agora como eles tinham esperado mais cedo á chegada das 9h50. Esperando para ouvir o destino dos dois feridos.

A SENHORITA ABIGAIL MCKENZIE SOLTOU UM SUSPIRO que levantou seus seios sob o corpete plissado de sua blusa vitoriana. Ela correu um dedo pequeno e eficiente em torno do interior do colarinho com gola de renda para liberá-lo de sua pele pegajosa. Ela deu uma volta para a esquerda, olhos azuis olhando de soslaio no espelho, e colocou a parte de trás de uma mão sob sua mandíbula, levemente, levantando a pele dali para testar sua firmeza.

Sim, a pele ainda era firme, ainda jovem, ela assegurou-se sobriamente.

Então ela rapidamente enfiou o enorme alfinete de filigrana na coroa de seu chapéu adornado com margaridas, colocou o chapéu cuidadosamente sobre seus cabelos castanhos severamente penteados para trás, empurrou o alfinete e pegou suas luvas brancas imaculadas do assento do enorme suporte de sombrinha — algo parecido a um trono com um espelho em seu encosto e sombrinhas e bengalas enfiadas nos buracos em seus braços desmesurados.

Ela considerou suas luvas por um momento, olhou pela porta de tela para o calor cintilante que irradiava do céu, abaixou as luvas, hesitou, então resolutamente as pegou de novo, obedientemente colocando-as por cima de suas mãos magras. O calor não é desculpa para ir até a cidade vestida indevidamente, ela se repreendeu.

Ela caminhou até a parte de trás de sua casa, verificando cada cortina em cada janela ao sul, assegurando-se de que elas estavam todas puxadas para baixo contra o sol rigoroso. Analisou sua cozinha em um círculo completo, mas nada precisava ser endireitado, guardado ou retirado. Sua casa era mantida com tanto cuidado como era seu vestuário.

Na verdade, tudo na vida da Senhorita Abigail McKenzie era sempre tão ordenado, preciso e correto quanto poderia ser.

Ela suspirou de novo, atravessou o desobstruído caminho da cozinha para a sala de jantar e para a sala de estar na frente da casa até a varanda. Mas,

abruptamente, ela voltou a entrar, examinando a porta de entrada, de maneira irritante, no modo daqueles que procuram defeitos onde não existem.

— Não adianta arriscar sua linda janela oval — ela disse em voz alta para a porta. Aquela janela era seu orgulho e alegria. Satisfeita de que a porta estava segura, ela saiu, fechando a tela tão gentilmente como se ela tivesse sentimentos. Atravessou a varanda, desceu e cruzou o curto caminho até alcançar suas rosas bem-cuidadas ao lado dos piquetes e fazer um gesto de saudação para elas.

Ela caminhava ereta, queixo paralelo à terra, como uma dama apropriada deveria. Que nunca se diga que a Srta. Abigail se curvou, se espreguiçou ou escorregou quando caminhou pela cidade. Oh, nunca! Sua vestimenta era absolutamente adequada para todos os momentos. Seus sapatos sensatos mal apareciam sob suas saias, porque ela nunca se apressava — correr era muito indigno!

Ela tinha coisas em sua mente, que a Senhorita Abigail jamais teria imaginado. Sua missão não era algo que ela apreciava. Mas quem a olhasse enquanto caminhava pela Rua Front nunca imaginaria que podia haver a menor coisa errada com a Srta. Abigail McKenzie, se de fato alguma vez pudesse.

Ao passar pelas casas e jardins, seus olhos foram capturados pela cena incomum à frente. O gramado do Doutor Dougherty estava lotado de gente, enquanto do outro lado da rua os bancos do calçadão estavam escondidos por trás de sólidas saias e homens sentados em sua beirada alta enquanto crianças arrastavam os pés na terra e cavalos aguardavam nos trilhos.

Qualquer um diria que a Senhorita Abigail manteria seu nariz fora dos assuntos de outras pessoas. Vendo a multidão, ela se virou para a esquerda, caminhou o curto quarteirão até Main Street e finalizou sua caminhada pelas ruas quase desertas da cidade na direção de seu destino. Então a Senhorita Abigail evitou o que provavelmente era um espetáculo sórdido na casa do Doutor Dougherty. Aquele tipo de coisa atraía a ralé, e ela não estava prestes a ser uma deles!

A Senhorita Abigail achava realmente lamentável ter que fazer o que estava prestes a fazer. Oh, não que houvesse algo de errado com o estabelecimento de Louis Culpepper. Ele dirigia um restaurante limpo e ordenado — ela sabia disso. Mas servir mesas era realmente um último recurso — oh, verdadeiramente um último! Isso não era o tipo de coisa que ela escolheria fazer, se tivesse escolha. Mas a Senhorita Abigail não tinha escolha. Era o estabelecimento de Louis Culpepper ou morrer de fome. E Abigail McKenzie era demasiado obstinada

para morrer de fome.

Com os práticos sapatos pretos de salto baixo clicando, ela passou sob a placa de saudação, O CRITÉRIO — BOA COMIDA E BEBIDAS, LOUIS CULPEPPER, PROP. Quando ela fechou cuidadosamente a porta, passou a mão pela frente da blusa, certificando-se de que ela estava firmemente enfiada na saia, depois, virando, ela suspirou de novo. Oras, o lugar parecia deserto. Havia um fraco odor do repolho de ontem à deriva no ar, mas nada parecido com o aroma de carnes cozidas que a clientela ceiava, clientela que não demoraria a chegar.

Ora, uma pessoa teria pensado que Louis era mais bem organizado do que isso!

— Olá? — Ela chamou, erguendo a cabeça, escutando.

De algum lugar na parte traseira veio um som minúsculo, metálico. Ela caminhou em direção à cozinha para encontrar a porta do beco aberta e uma brisa quente socando as panelas penduradas acima em um suporte de madeira. O lugar estava abandonado.

— Bem, eu declaro! — A Senhorita Abigail exclamou para ninguém. Então, olhando em círculos, repetiu: — Bem, eu declaro!

Levara algumas semanas para ela finalmente decidir que devia falar com Louis. Encontrar seu restaurante vazio era muito desconcertante. Limpando uma gota de suor transpirante de sua testa com um único dedo de sua luva imaculada, a Senhorita Abigail irritou-se com esta virada inesperada dos eventos. Inspecionando a ponta do dedo, ela o encontrou umedecido por seu próprio suor e soube que não poderia passar por isso uma segunda vez. Ela devia encontrar Louis agora, hoje!

Ajustando o chapéu já bem colocado, ela voltou a tomar a Main Street, depois mais de um quarteirão até o Front, onde ela e o Doutor viviam, a duas quadras de distância. Dobrando a esquina, ela se viu parte da multidão que encheu o quintal do Doutor Dougherty e a área circundante. O próprio Doutor estava debaixo de suas árvores de faia, as mangas roladas para cima, falando alto para que todos pudessem ouvir.

— ... perdeu muito sangue e eu tive que operar para limpar o buraco e fechá-lo. É muito cedo para dizer se ele vai se curar ainda. Mas todos sabem que é meu dever fazer o que puder para mantê-lo vivo, não importa o que ele tenha feito.

Um murmúrio distraído passou entre as pessoas da cidade, enquanto a Senhorita Abigail olhava ao redor esperançosamente, à procura de Louis

Culpepper. Notando um jovem de cabelos loiros que vivia ao lado dela, ela sussurrou: — Bom dia, Robert.

— Olá, Senhorita Abigail.

— Você viu o Sr. Culpepper, Robert?

Mas o garoto tinha o pescoço esticado e seus ouvidos se ajustaram novamente ao Doutor quando ele grunhiu — Un-uh.

— Sobre quem o Doutor Dougherty está falando?

— Não sei bem, alguns estranhos foram baleados no trem.

Aliviada por não ser alguém da cidade, a Senhorita Abigail foi forçada a desistir da sua causa decretando-a como infrutífera até que a multidão se dispersasse, de modo que ela voltou sua atenção para o médico.

— O outro não está tão mal, mas ele ficará fora de serviço por alguns dias. Entre os dois, eu vou ter minhas mãos ocupadas. Vocês sabem que Gertie foi para o casamento de sua prima em Fairplay e eu estou preso aqui. Haverá uma abundância de vocês que vai vir gritando até mim, e eu simplesmente não poderei estar em mais de um lugar ao mesmo tempo. Então, se houver alguém que se voluntarie para me dar uma mão cuidando desses dois, bem, eu ficaria grato.

De algum lugar da multidão, uma voz de mulher falou o que muitos pensavam. — Eu gostaria de saber por que deveríamos nos sentir obrigados a cuidar de um fora-da-lei que tentou nos arruinar! Roubando nosso trem dessa maneira e atirando naquele jovem inocente. Oras, e se ele tivesse atirado em Tuck?

O Doutor ergueu as mãos para silenciar a onda de concordância.

— Agora, esperem! Eu tenho dois homens aqui, e reconheço, um fez algo errado e o outro fez o certo, mas ambos precisam de ajuda. Vocês me fariam cuidar daquele que se machucou menos e virar as costas para aquele que está quase morto?

Alguns deles tiveram a graça de abaixar os olhos, mas ainda assim alguns contestaram.

O Doutor continuou enquanto os fazia se sentir culpados. — Bem, um homem pode fazer um número limitado de coisas sozinho, e isso é tudo o que ele pode fazer. Eu preciso de ajuda e eu estou deixando para vocês encontrá-la para mim. O problema não é apenas meu, é nosso. Todos nós queríamos que a Rocky Mountain Railroad colocasse a sua linha por aqui, não é? E com certeza conseguimos isso! Claro, nós só depositamos nela todo o meio de transporte do

nosso quartzo e cobre e prata para fora daqui e a importação de coisas para o nosso conforto vindas do Leste. Mas agora que temos um pouco de dificuldade, não estamos tão ansiosos para levantar e pagar o preço, estamos?

Ainda assim ninguém se ofereceu.

O que o Doutor disse era inegavelmente verdade. A ferrovia era um trunfo do qual todos se beneficiavam. Ter uma linha de trem atravessando uma cidade escondida nas montanhas como Stuart's Junction a abria para o leste e oeste, trazendo o comércio para a cidade, transporte e um futuro estável que tinha faltado antes da R.M.R. estabelecer uma via ferroviária aqui.

Os cidadãos optaram por esquecer tudo isso agora, embora, deixando o Doutor Dougherty defender seu caso, e deixando a Senhorita Abigail de alguma forma inexplicavelmente irritada com a insensibilidade do povo.

— Eu poderia pagar a qualquer um que me ajudasse, o mesmo que pago a Gertie quando ela está aqui — disse o Doutor, esperançoso.

A Senhorita Abigail olhou ao redor. Sua boca franziu-se.

— Droga, Doutor — gritou alguém — Gertie é a única enfermeira que esta cidade já viu ou provavelmente irá ver, você não vai encontrar ninguém para ocupar seu lugar.

— Bem, talvez não alguém tão qualificado como Gertie, mas qualquer um que está disposto é qualificado o suficiente para me atender. Agora o que vocês dizem?

O suor explodiu no lábio superior da Senhorita Abigail. O que ela estava considerando era muito repentino, sem precedentes, mas ela não tinha tempo para ruminações. E as atitudes presunçosas que a rodeavam a deixaram indignada de raiva! O pensamento de cuidar de dois homens feridos na privacidade de sua própria casa parecia muito, muito preferível a levar ensopado e sopa para a maior parte deles. Além disso, ela era quase tão hábil como Gertie Burtson. Seu pulso tamborilou um pouco atrás de seu apropriado, colarinho apertado, mas seu queixo estava alto como sempre conforme ela deu um passo adiante, silenciando seus receios, colocando aqueles ao redor dela no lugar apropriado deles.

— Acredito, Doutor Dougherty, que eu me qualificaria — declarou a Srta. Abigail em seu jeito de dama. Mas como uma dama não grita, o Doutor não a ouviu. Ninguém acreditou no que estavam vendo quando a Senhorita Abigail levantou uma meticulosa mão enluvada.

— Senhorita Abigail, é você? — ele falou; de alguma forma a multidão tinha

silenciado.

— Sim, Doutor Dougherty. Eu gostaria muito de me voluntariar.

Antes que ele pudesse controlar sua reação, o Doutor Dougherty ergueu as sobrancelhas, passou uma mão grisalha sobre a cabeça calva, e exclamou: — Bem, que me condenem!

Desculpando-se, a Senhorita Abigail se dirigiu para o lado do Doutor. Ela separou a multidão quase como Moisés separou o Mar Vermelho, ainda com o queixo elevado e aquela dignidade desmedida que ela sempre manteve. Quando ela passou, os homens realmente fizeram gesto de tirarem chapéus que não estavam usando.

— Bom dia, Senhorita Abigail.

— Como vai, Senhorita Abigail.

— Olá, Senhorita Abigail.

As mulheres a cumprimentaram com silêncio, sorrindo com acenos, a maioria delas impressionada pela sua fresca e fluída presença enquanto ela se deslocava para o Doutor em sua maneira costumeira e pura enquanto elas se abanavam e levantavam os braços para deixar a brisa entrar em suas axilas molhadas. Movendo-se pelo meio deles, a Srta. Abigail de alguma forma conseguiu fazer com que todos se sentissem grosseiros e oleosos e — pior — pequenos, pela ajuda que teimosamente se recusaram a dar.

— Entre, Senhorita Abigail — disse o Doutor, então levantou a voz para a multidão. — Vocês podem muito bem ir para casa agora. Eu deixarei algo dito na estação com Max se houver alguma mudança. — Então, solicitamente tomando o cotovelo da Senhorita Abigail, ele guiou-a para dentro.

Sua casa de viúvo era uma confusão de restos de coisas coletadas e nunca descartadas. Na grande sala da frente parecia que uma criança obstinada tinha desordenado-a em retaliação por ser espancada, exceto que os artigos espalhados obviamente eram de um adulto. O Doutor Dougherty tirou uma pilha de revistas e jornais de uma poltrona, chutou para o lado um par de chinelos abandonados e disse: — Sente-se, Senhorita Abigail, sente-se.

— Obrigada — ela respondeu, sentando no canto limpo como se fosse o estrado de uma sala do trono.

Enquanto ela dava a impressão de que nenhum dos detritos em torno dela se infiltrava em sua soberba altivez, a Senhorita Abigail notou tudo muito bem. O velho Doutor Dougherty se cuidava bem o suficiente, mas desde que sua Emma morreu o lugar tinha se tornado desleixado. O Doutor mantinha-se trabalhando

em horas absurdas, correndo até qualquer um que precisasse dele a qualquer hora do dia ou da noite, mas deixando para si pouco tempo para refinamentos como a limpeza da casa. Gertie Burtson foi contratada como sua enfermeira, não como sua governanta. O que era muito evidente pela aparência da sala.

O Doutor Dougherty sentou-se no braço de um velho sofá grumoso de crina, esticou seus velhos joelhos rugosos e os cobriu com suas velhas mãos enrugadas. Quando seu traseiro entrou em contato com o braço estofado, a Senhorita Abigail viu uma lufada de poeira emanar da crina e cobrir o ar em torno dele. Ele estudou o chão um minuto antes de falar.

— Senhorita Abigail, eu agradeço sua oferta. — Ele não sabia exatamente como dizer isso. — Mas você sabe, Srta. Abigail, eu quase não pensei que você seria a única a dar um passo à frente e se voluntariar. Este é provavelmente um trabalho para alguém mais adequado.

Abigail irritou-se. Rispidamente, ela perguntou: — Você está recusando minha ajuda, Doutor Dougherty?

— Eu... eu odiaria dizer que estou recusando. Eu estou pedindo que você considere no que você está se metendo.

— Eu acredito que considerei e, como resultado, ofereci meus serviços. Se houver alguma razão inexplicável para que eu não faça isso, então estamos perdendo tempo. — Quando a Srta. Abigail ficava irritada, sua voz se tornava brusca e ela tendia a ficar eloquentemente prolixa. Ela se levantou, olhando sob o nariz enquanto puxava as luvas mais firmemente em suas mãos.

Ele se moveu rapidamente para pressioná-la de volta na cadeira, sua nuvem de poeira rodopiando com ele. Ela olhou para ele por baixo da aba do chapéu, interiormente gratificada por ele ter visto sua irritação. Como se fosse um bom momento para ele ficar exigente!

— Espere um pouco, não fique com raiva.

— Com raiva, Doutor Dougherty? Eu dificilmente me descreveria como raivosa. — Ela arqueou uma sobrancelha e inclinou a cabeça.

O Doutor Dougherty estava acima dela, sorrindo, espiando seu rosto virado para cima sob a cobertura do chapéu.

— Não, Senhorita Abigail, eu duvido que você já tenha ficado com raiva em sua vida. O que eu estou tentando fazer você ver é que você não poderia ficar aqui se eu concordar em deixá-la cuidar desses dois.

— Por que, doutor?

— Bem, a verdade é... porque você é... uma dama solteira.

A frase ecoou cruelmente pela cabeça de trinta e três anos da Senhorita Abigail McKenzie, e dentro de seu acelerado, coração solitário.

— Uma dama solteira? — Ela repetiu, a boca franzida um pouco mais apertada.

— Sim, Senhorita Abigail.

— E qual é a possível relevância de que eu seja uma... uma dama solteira, como você disse com tanta gentileza, com a minha capacidade de ajudá-lo?

— Você deve entender que eu esperava que uma mulher casada se voluntariasse.

— Por quê? — ela perguntou.

O Doutor Dougherty virou de costas e afastou-se, procurando uma forma delicada de expressar. Ele limpou a garganta. — Você estaria exposta a partes desses homens que você provavelmente preferiria não estar e seria esperado que você fizesse tarefas que seriam, no mínimo, desagradáveis para uma dama de suas... — Mas as palavras dele vacilaram.

Ele se viu indisposto a constrangê-la ainda mais.

A Senhorita Abigail terminou para ele. — Delicadas sensibilidades, doutor? — Então, com um pouco de riso falso, ela perguntou: — Você estava prestes a explicar que eu era uma mulher de delicadas sensibilidades?

— Sim, você pode dizer dessa forma. — Ele virou-se para encará-la.

— Está se esquecendo, Doutor, dos anos em que cuidei de meu pai enquanto ele estava doente?

— Não, Senhorita Abigail, não estou. Mas ele era seu pai, não um estranho baleado.

— Oras, Senhor Dougherty — ela disse, dando a impressão de que cuspira as palavras quando na verdade elas saíram com controle calculado, juntamente com a palavra Senhor em vez de Doutor. — Dê-me uma boa razão do porque eu não deveria cuidar destes dois cavalheiros.

Ele lançou as mãos ao ar em frustração. — Cavalheiros! Como você sabe que eles são cavalheiros? E se não forem? O que você fará quando eu estiver a quatorze milhas de distância e desejar que eu não estivesse longe? Um daqueles cavalheiros tentou roubar um trem e eu estou disposto a tratá-lo, mas isso não significa que vou confiar nele. E se ele tentar dominá-la e escapar?

— Um instante atrás, você me aconselhou a não me irritar. Posso agora lhe aconselhar o mesmo, doutor? Você está gritando.

— Sinto muito, Senhorita Abigail. Suponho que eu estava. Mas é minha

responsabilidade fazer com que você veja o risco envolvido.

— Você já cumpriu o seu dever, Doutor Dougherty. Mas desde que vejo que o seu pedido de ajuda não suscitou uma grande quantidade de dispostos voluntários, quase não vejo que você tenha outra opção além de aceitar a minha oferta.

O Doutor sacudiu a cabeça para o tapete puído, perguntando-se o que o pai dela teria dito. Abbie sempre fora a menina dos olhos do velho.

A Senhorita Abigail ergueu os olhos para ele, tão empertigada e ereta em seu lugar na velha poltrona desbotada, sua mente resolvida.

— Eu tenho um estômago forte, uma mão cheia de bom senso e uma conta bancária quase vazia, doutor — afirmou. — E você tem dois homens feridos que precisam de cuidados e eu suspeito que nenhum deles está saudável o suficiente agora para me machucar ou fugir de mim, então o que você me diz?

Ela sabia que tinha ganhado ele com aquela referência à sua conta bancária.

— Você certamente é uma pessoa que fala bem, Srta. Abigail, e apesar desta ser uma situação que me deixa em uma situação precária, eu vou aceitar sua ajuda. Mas eu não posso te pagar muito, você sabe. Trinta dólares por semana. Como eu pago a Gertie.

— Trinta dólares vão servir muito bem... ah, e mais uma coisa — ela acrescentou, afastando-se até a borda da cadeira.

— Sim?

— O que você propõe fazer com eles quando seus pacientes chegarem amanhã de manhã?

Os olhos da Senhorita Abigail não haviam vasculhado a sala; eles não tinham que vasculhar para o Doutor saber que sua casa não era exatamente a ideia dela de um hospital adequado. Ele não tinha ilusões sobre a condição de sua casa. O que poderia ser visto do ponto de vista atual era uma triste bagunça, na melhor das hipóteses. Ambos sabiam o que ela encontraria se ela desse uma olhada no andar de cima ou — pior — na cozinha. Ambos sabiam, também, que ela tinha uma propensão para a limpeza. E então, quando o Doutor finalmente terminou de avaliar a sala, ele estava totalmente consciente das deficiências do local.

— Suponho que não poderíamos colocá-los lá em cima? — Ele perguntou infrutiferamente.

— Eu não acho que esse seria o lugar mais conveniente. Eu proponho que você mova-os para minha casa, logo que você achar que seja possível. Seria infinitamente mais fácil para mim cuidar deles se eu tivesse a minha própria

cozinha à minha disposição.

— Você tem razão — o Doutor concordou, e abruptamente a Senhorita Abigail levantou-se.

— Agora, posso ver nossos pacientes?

— Claro. Um está na mesa de cirurgia e o outro no sofá na sala de espera, mas os dois estão inconscientes por enquanto. Amanhã haverá tempo suficiente para você tomar conta deles.

Eles atravessaram um arco para entrar na sala de espera do Doutor Dougherty, que era apenas um pouco mais arrumada do que a sala de estar.

Num sofá debaixo de uma janela tripla, um homem permanecia imóvel. Ele usava um terno, seu colete e jaqueta desabotoados. Um dos pés, envolto em uma meia marrom, pendia de uma perna da calça, enquanto o outro usava uma atadura cobrindo o ante pé, mas deixando o calcanhar nu onde descansava sobre um travesseiro. Seu rosto, em repouso, era agradável. Seus cabelos eram castanho-escuros e caíam por sua testa em ondas infantis. Suas orelhas eram planas e suas unhas limpas. E isso era bom o suficiente para a Srta. Abigail.

— Este é o homem que roubou o trem? — ela perguntou.

— Não. O outro roubou o trem. Esse aqui, Melcher é seu nome, aparentemente interrompeu o processo. Do modo como Tuck contou, Melcher conseguiu uma bala perdida da arma daquele. — O Doutor apontou sobre o ombro na direção da sala de cirurgia. — Deve ter sido um tipo de briga envolvendo um monte de passageiros, porque quando Tuck conseguiu parar o trem e voltou lá para ver o que estava acontecendo, todo mundo estava contando a história de uma maneira diferente e estes dois estavam deitados lá sangrando. Um dos tiros acertou o dedão do pé direito de Melcher.

— Seu dedão! — Ela exclamou, pressionando os dedos nos lábios para esconder o sorriso.

— Poderia ter sido pior se o tiro tivesse atingido mais acima. Por outro lado, poderia ter sido pouco ou nada se ele estivesse usando um par de botas sensatas em vez dos suaves sapatos de cidade que ele usava.

A Senhorita Abigail olhou para onde o Doutor Dougherty apontou, e lá no chão estava um único sapato castanho e elegante de fino couro macio.

— Eu tive que cortar o outro — informou o Doutor. — De qualquer forma, ele não estava bom, com um buraco de bala na ponta.

A Senhorita Abigail teve que sorrir. Primeiro, pelo Doutor manter o sapato que saiu ileso, que não era bom sem o seu par, e segundo pelo absurdo do

primeiro herói da cidade, salvando o dia ao ter o dedão amputado por uma bala!

— Há algo engraçado, Srta. Abigail? — Ela ficou sóbria no mesmo instante, embaraçada em ser pega em um estado de leviandade às custas da desventura do homem.

— Não... não, perdoe-me, doutor. Diga-me, a perda de um dedo do pé é uma lesão grave? Quero dizer, a vida dele está em perigo?

— Não, dificilmente. O dedo do pé saiu de forma limpa, e não havia resquícios de chumbo ou pólvora deixadas nele desde que a bala atravessou aquele sapato. Ele sofreu um choque terrível e perdeu algum sangue, mas eu o coloquei para dormir e costurei a ferida e ele estará bom como novo em pouco tempo. Quando ele acordar, esse dedo vai latejar como uma cadela no cio, no entanto... — De repente, ele pareceu perceber com quem estava falando. — Oh... perdoe-me, Senhorita Abigail. Eu me perdi.

A Senhorita Abigail corou profundamente, balbuciando: — Eu... oh, certamente simpatizarei com o pobre Sr. Melcher.

— Sim... bem... — o Doutor Dougherty limpou a garganta. — O Sr. Melcher, sem dúvida, se encontrará andando com um coxear de agora em diante, mas isso deve ser o pior. Vamos manter o pé suspendido, mantê-lo enfaixado por alguns dias, e eu vou te dar algumas bandagens extras. Porém, o tempo e o ar terão que curar os pontos. Você está certa, o Sr. Melcher precisará da boa e velha simpatia acima de tudo.

— Tanto por causa do dano feito aqui. E quanto ao outro? — perguntou a Srta. Abigail, aliviada de que a compostura voltasse.

Virando-se para a porta da sala de cirurgia, o médico caminhou um passo ou dois em direção a ela. — A outra bala, eu temo, causou muito mais dano. Esse canalha, sem dúvida, lamentará o dia em que pisou no trem R.M.R... se ele viver por tempo suficiente.

Eles alcançaram a soleira da porta e a Senhorita Abigail o precedeu entrando nas profundidades coloridas. Aqui, finalmente, havia limpeza, embora ela não tenha dedicado nem o mais rápido olhar para isso. Seus olhos foram atraídos para a mesa retangular onde um lençol envolvia uma figura inerte. A mesa estava de frente para a porta, então tudo o que era visível era a sola de um pé esquerdo — um pé esquerdo muito longo, pensou a Senhorita Abigail — e o ascendido lençol cobria um joelho e a perna direita.

— Este é afortunado de estar vivo. Ele perdeu muito sangue com o tiro e mais ainda quando eu tive que limpar a ferida. Teria sido melhor se a bala tivesse

ficado nele. Em vez disso, ela saiu do outro lado e abriu um buraco nele vinte vezes maior do que aquele que fez ao entrar. Deixou também uma grande bagunça no caminho.

— Ele vai morrer? — a Senhorita Abigail sussurrou, olhando aquele pé longo que a fez ficar nervosa. Ela nunca tinha visto o pé nu de um homem antes, além do de seu pai.

— Não há necessidade de sussurrar. Ele está morto para o mundo e vai ficar assim por algum tempo, ou eu estou perdendo o tato para dar palpite. Mas quanto ao fato de que o pobre filho da p... o pobre tolo, vai morrer, isso ainda não posso dizer. Ele parece ter sido saudável como um cavalo antes que isso acontecesse com ele. — o Doutor Dougherty tinha caminhado para mais longe do que a Senhorita Abigail na sala e agora estava ao lado do homem na mesa da cirurgia. — Venha e olhe para ele.

A Srta. Abigail experimentou um súbito golpe de relutância, mas se arriscou o suficiente para ver ombros nus com o lençol dividindo-os no nível da axila. Acima havia um peito sombreado de cabelos escuros e enrolados, ombros largos e bronzeados e a parte inferior de um rosto de pele escura que exibia um bigode. Ela não conseguiu ver nenhum dos traços acima do bigode desse ângulo, apenas as narinas, que tinham a forma de meio-corações e o lábio inferior, que de repente se contraiu quando ela olhou para ele. Seu queixo tinha apenas um traço de crescimento do dia de barba, e de repente ela se achou pensando que, para um ladrão de trens, ele certamente se cuidava, se o pé limpo e o barbear recente fossem alguma indicação.

O lençol o cobria dos bíceps aos tornozelos, não dando indícios de onde ele estava ferido ou da seriedade do ferimento. A partir daqui, ele parecia como se estivesse esticado para uma soneca, um joelho pendurado ao acaso enquanto dormia serenamente.

— Ele foi baleado na virilha — disse o Doutor, e a Srta. Abigail de repente pestanejou e sentiu o estômago dar uma guinada.

— No... no... — ela balbuciou, então parou.

— Não chegou a tanto..., mas muito perto. Você ainda quer o emprego?

Ela não sabia. Freneticamente, pensou em todos na cidade ouvindo o motivo pelo qual ela mudara de ideia. Ela ficou ali, considerando um homem chegando a tal fim. Independente de ainda querer cuidar dele ou não, de alguma forma ela lamentava pelo companheiro inconsciente.

— Um assaltante de trem pode esperar chegar a um fim ruim, mas ninguém

deve chegar a isso.

— Não, Srta. Abigail. Não é uma visão bonita, mas poderia ter sido pior. Uma diferença de poucas polegadas e ele poderia ter perdido... bem, ele poderia estar morto.

A Senhorita Abigail corou novamente, mas, no entanto, olhou resolutamente para o Doutor Dougherty. Ninguém mais se voluntariou, além dela. Até mesmo um infeliz assaltante de trem merecia consideração humana.

— Eu entendo bem, doutor, qual poderia ter sido o dilema do homem, mas você não concorda que mesmo um ladrão merece nossa simpatia, em seu estado atual?

— Minha simpatia ele tem, Srta. Abigail, e bastante. Ele receberá todo o cuidado que eu puder dar, mas eu tenho que avisá-la, eu não sou um milagreiro. Se ele viver, será só isso, um milagre causado pelo Pai.

— O que devo fazer por ele, doutor? — Ela perguntou, de repente, decidindo que um homem dessa idade, ele parecia ter cerca de trinta e cinco anos, era muito novo para morrer.

— Você tem certeza disso? Muita certeza?

— Apenas me diga o que fazer. — O olhar em seus olhos, como o de anos atrás quando ela assumiu o cuidado de seu pai, disse ao Doutor Dougherty que ela queria se focar nos negócios.

— Você vai manter o joelho levantado, manter a coxa para cima, então o ar pode entrar na parte de baixo, bem como no topo. Eu consegui parar o fluxo de sangue, mas se começar novamente, você terá que aplicar alumínio para tentar detê-lo. Mantenha a ferida limpa, eu vou te dizer com o quê desinfetar. Observe por sinais de qualquer putrefação e, se você ver algum, venha correndo como um gato com a cauda em chamas no momento em que você ver qualquer sinal disso. Teremos que tentar manter a febre baixa. Para a dor não há muito que podemos fazer. Mantenha-o imóvel. Tente fazê-lo comer. Você acha que pode lidar com isso, Senhorita Abigail?

— Tudo, menos incendiar a minha cauda — ela respondeu secamente, surpreendendo o Doutor com sua inteligência. Ele sorriu.

— Bom. Vá para casa agora e tenha uma boa noite de descanso, porque provavelmente será o seu último momento livre por um tempo. Eu estou esperando um grande número de pessoas aqui pela manhã e eu gostaria de ter esses dois fora daqui antes das pessoas chegarem. Eu sei que todos, inclusive os que têm um mero cabelo encravado, estarão aqui esperando ter um vislumbre de

um ladrão genuíno ou de um herói genuíno.

— Ah, bem, então eu sou a afortunada, por ter visto os dois tão de perto. — Um breve sorriso puxou o canto da boca da Senhorita Abigail.

— Eu sei que você se dedicará a isso. Como posso agradecer?

— Eu vou te ver pela manhã. Tudo deverá estar pronto para a chegada deles.

— Tenho certeza que estará, Senhorita Abigail. Conhecendo você, tenho certeza que estará.

Ela se virou para sair, mas na porta se voltou.

— Qual... qual é o nome dele, do ladrão?

— Nós não sabemos. Homens em sua profissão não carregam cartões de visita como o Sr. Melcher carrega.

— Oh... oh, claro que não — ela respondeu, então hesitou um momento mais para adicionar — mas seria uma pena se ele morresse e não soubéssemos a quem informar. Ele deve ter alguém em algum lugar.

O Doutor Dougherty dificilmente teve tempo de pensar nisso ainda.

— Apenas uma mulher com um coração pensaria nisso em um momento como este.

— Bobagem — a Srta. Abigail disse rapidamente, depois se virou para sair.

Mas é claro que ele estava certo, pois seu coração estava dando cambalhotas enquanto ela caminhava para casa, lembrando-se de um longo pé nu; um escuro e peludo peito; e a perspectiva de cuidar de uma ferida perto do...

Mas a Srta. Abigail McKenzie não só evitaria falar tal palavra. Ela nem mesmo poderia pensá-la!

II

O SOL ESTAVA MAIS QUENTE DO QUE NUNCA no dia seguinte quando o Doutor se aproximou dos vagabundos na varanda caída da loja de alimentos de Mitch Field. Eles se reuniam lá para abrir os sacos de comida, cuspir e mastigar, e nunca dar ao pobre Mitch nada além de uma pequena quantidade de rendimento.

— Tudo bem, qual de vocês, preguiçosos, vai me dar uma mão? — desafiou o Doutor.

Eles até riram preguiçosamente, então apertaram os olhos para o sol, avaliando o desconforto de se exercitarem indo até a casa do Doutor. O velho Bones Binley arranhou seu maxilar grisalho com a ponta de uma faca e anuiu: — Suponho que você pode contar comigo, Doutor.

Foi a vez do Doutor rir. Bones tinha uma queda pela Senhorita Abigail e toda a cidade sabia disso. Bones parecia exatamente como seu nome, mas junto com alguma ajuda de Mitch e Seth Carter, a transferência dos pacientes foi tratada sem percalços.

A Srta. Abigail estava esperando na porta da frente de sua casa e guiou o Doutor e Mitch até o quarto sudeste no andar de cima onde colocaram David Melcher e o outro no quarto do andar de baixo, uma vez que provavelmente não era aconselhável carregá-lo pelos degraus.

O ladrão de trens era longo demais para o colchão, e os pés dele pendiam além do fim da cama, então o lençol o cobriu apenas até a cintura. Bones e Seth observaram o rosto da Senhorita Abigail quando ela se aproximou da porta e viu aquele, peito nu e peludo deitado lá, mas ela mal deu uma olhada antes de se voltar para o par e dispensá-los com frieza e inquestionavelmente. — Obrigada, senhores. Tenho certeza de que vocês têm negócios pendentes na loja de alimentos.

— Oh, sim, sim... sim nós temos, Srta. Abigail. — Bones sorriu enquanto Seth o acotovelava nas costelas para fazê-lo se mexer.

Do lado de fora, Seth disse: — Pode estar noventa e nove graus em toda a parte, mas um corpo pode congelar até a morte em qualquer lugar a menos de

quatro metros da Senhorita Abigail McKenzie.

— Mas ela é uma coisa, não é? — Bones tragou, seu pomo de Adão saltando.

— Toda a cidade sabe que ela pode te enrolar em torno de seu dedo, mas essa voz açucarada dela não me engana nem um pouco. Por baixo desse açúcar há principalmente vinagre!

— Você realmente acha, Seth?

— Oras, é claro que eu sei. Veja como ela acabou de nos dispensar, como se estivéssemos bagunçando seu quarto ou algo assim.

— Sim, mas ela aceitou cuidar daquele ladrão de trem, não é?

— Fez isso por dinheiro, como ouvi dizer. Provavelmente essa é a única maneira que ela conseguiria ter um homem na sua cama. E aquele que está nela agora lamentará não ter morrido quando ele acordar e encontrar-se sendo tratado por alguém como ela.

Havia aqueles na cidade, como Seth, que consideravam a Senhorita Abigail arrogante. Era verdade que ela sempre falava suavemente, mas tinha aquele jeito, em qualquer ocasião, de erguer-se e atuar de forma altiva.

Quando o Doutor estabilizou os pacientes e disse-lhe para ir até Rob Nelson se ela precisasse de alguma coisa, ele prometeu aparecer novamente naquela noite, depois partiu com Mitch a reboque.

Ela pensou que o Sr. Melcher estava dormindo quando se arrastou para a porta de seu quarto, pois o braço dele estava debruçado sobre a testa e os olhos fechados. Embora sua barba tivesse crescido durante a noite, ele tinha uma boca muito agradável. Lembrou-a da boca do vovô McKenzie, que sempre sorria prontamente. O Sr. Melcher parecia estar talvez no final dos vinte, era difícil dizer com os olhos dele fechados. Olhando ao redor, ela avistou a mala dele na mesa Phyfe perto da janela e cruzou na ponta dos pés para abri-la e encontrou sua camisa de dormir. Quando se virou, descobriu que o Sr. Melcher estava observando-a.

— Ah, você está acordado — ela disse alegremente, desconcertada por ser pega vasculhando seus pertences pessoais.

— Sim. Você deve ser a Srta. McKenzie. O Doutor Dougherty disse que você se voluntariou. Foi muita bondade de sua parte.

— Não realmente. Eu vivo sozinha e tenho o tempo que o Doutor Dougherty não tem. — Ela olhou para o pé dele e perguntou: — Como é que ele está essa manhã?

— Há um pouco de coceira — ele respondeu honestamente, e ela imediatamente se ruborizou e mexeu com a camisa de dormir.

— Sim, bem... vamos ver se podemos aliviar um pouco. Mas primeiro eu acredito que seria melhor tirá-lo do seu terno. Parece-me que ele deveria passar por um banho de farinha. — A lã marrom estava realmente enrugada, mas a Srta. Abigail tinha graves dúvidas sobre como graciosamente tirar o terno dele.

— Um banho de farinha?

— Sim, uma dragagem de farinha limpa para absorver a sujeira e restaurá-lo. Eu cuidarei disso para você.

Embora ele tenha retirado o braço da testa e sorrido, foi atingido com desconforto ao pensar em se despir diante de uma dama.

— Você é capaz de se sentar, Sr. Melcher?

— Eu não sei. Creio que sim.

Ele levantou a cabeça, mas grunhiu, então ela cruzou o quarto rapidamente e tocou sua lapela, dizendo: — Guarde sua energia por agora. Eu já volto. — Ela retornou logo, carregando cântaro e caneco, toalha e toalhinha e uma barra de sabão equilibrada sobre um copo de água borbulhante. Quando ela colocou as coisas sobre a mesinha, se pôs ao lado dele, dizendo: — Agora, vamos tirar o casaco.

A coisa toda foi feita com tanta rapidez que David Melcher depois se perguntou como ela havia conseguido. Ela conseguiu remover sua jaqueta, colete e camisa e lavar a parte superior de seu corpo com um mínimo de constrangimento para ambos. Ela sustentou o caneco enquanto ele enxaguava a boca com água com bicarbonato, então ela o ajudou a vestir sua roupa de dormir antes de remover as calças por baixo. Fazendo tudo isso conversando, deixando os dois à vontade. Ela disse que iria esfregar a farinha em sua jaqueta e deixá-la de molho por algumas horas, e quando ela a pendurasse no varal e batesse a farinha nela com seu rug-beater, ela ficaria tão fresca como uma margarida. Ele nunca tinha ouvido falar de tal coisa! Além disso, ele não estava acostumado a uma mulher agindo com ele daquela maneira. Sua voz fluía docemente enquanto ela o atendia, deixando-o à vontade através do que de outra forma teria sido uma situação incômoda, se ela fosse menos falante ou menos eficiente.

— Parece que você se tornou um herói local, Sr. Melcher — ela observou, dando-lhe apenas o começo de um sorriso.

— Eu não me sinto muito como um herói. Eu me sinto como um tolo, acabando estendido aqui com um dedo decepado por um tiro.

— As pessoas da cidade têm um grande interesse em nossa nova ferrovia e não gostariam de vê-la prejudicada de maneira alguma. Você salvou-a de seu primeiro acidente grave. Isso não é nada pelo qual você deva se sentir tolo. E também é algo que a cidade não vai esquecer rapidamente, Sr. Melcher.

— Meu nome é David. — Mas quando ele tentou encontrar seu olhar, ela o evitou.

— Bem, estou contente de conhecê-lo apropriadamente, apesar de me arrepender das circunstâncias. De onde você vinha, Sr. Melcher?

Quando ela usou o sobrenome dele, ele sentiu-se desconcertado e se ruborizou um pouco. — Eu sou do leste. — Ele observou seus movimentos precisos e de repente perguntou: — Você é enfermeira, Senhorita Abigail?

— Não, senhor, não sou.

— Bem, você deveria ser. Você é muito eficiente e gentil.

Por fim, ela sorriu. — Ora, obrigado, Sr. Melcher. Considero isso como uma das melhores coisas que você poderia dizer, sob as circunstâncias. Você está com fome?

— Sim, não me lembro quando comi pela última vez.

— Você passou por uma provação, tenho certeza, que você anseia esquecer. Talvez a comida certa faça sua estadia aqui parecer mais curta e suas más lembranças desaparecerão mais rapidamente.

Seu discurso era tão refinado quanto seus modos, ele pensou, observando-a mover-se sobre o quarto juntando sua roupa descartada, empilhando os artigos do toalete para levar. Ele sentiu-se seguro e cuidado ao tê-la atendendo às suas necessidades, e ele se perguntou se era assim que se sentia um homem ao ser um marido.

— Eu vou cuidar do seu terno depois de preparar o seu café da manhã. Ah! Me esqueci de pentear seu cabelo. — Ela parou a meio caminho da porta.

— Eu posso fazer isso sozinho.

— Você tem um pente?

— Não que eu possa alcançar.

— Então pegue o do bolso do meu avental.

Ela se virou e ergueu os braços carregados para que ele pudesse pegar o pente. Sua hesitação antes de se inclinar para pegá-lo contou coisas sobre ele que mil palavras não podiam contar. David Melcher, ela podia ver, era um cavalheiro. Tudo sobre ele agradou-a, e mais tarde ela se encontrou inexplicavelmente flutuante e assoviando enquanto trabalhava na cozinha

preparando a refeição dele. Talvez até tenha sentido a mais ligeira sensação conjugal ao entregar a bandeja de bacon, ovos e café, e desejou poder ficar e vistoriar. Mas ela tinha mais um paciente que precisava de sua atenção.

Na entrada do quarto no andar de baixo, ela hesitou, olhando para o estranho em sua cama. O fato de ele ser um criminoso era inquietante, embora ele permanecesse inconsciente, incapaz de machucá-la de alguma maneira. Sua barba era da cor preta como carvão, assim como seu bigode e cabelo, mas sua pele, desde a noite passada, tomara a cor do sebo. Entrando completamente no quarto, ela o estudou mais de perto. Havia um brilho de suor em seu peito nu e braços, e ela estendeu a mão institivamente para tocá-lo, encontrando seu corpo irradiando um calor interno insalubre.

Rapidamente, ela pegou uma bacia de água com vinagre e esponjou seu rosto, pescoço, os braços e o peito, até a cintura, onde o lençol parava, depois deixou a compressa fresca em sua testa em um esforço para parar sua febre. Ela sabia que deveria verificar sua ferida, mas ao pensar nisso suas palmas ficaram úmidas. Ela prendeu a respiração e levantou com cuidado um canto do lençol. Chamas dispararam através de seu corpo ao ver a nudez dele. Seus anos cuidando de um pai incontinente não fizeram nada para prepará-la para isso! Com uma mão trêmula, ela colocou o lençol em um ângulo sobre seu estômago, seus órgãos genitais e perna esquerda, depois pegou duas firmes almofadas para levantar seu joelho direito. Ela cortou as ligações de gaze, mas as bandagens ficaram presas na pele, então ela misturou água de vinagre com salitre e aplicou as compressas pingando para afrouxar o algodão de suas feridas. O tiro o atingiu muito alto na parte interna da coxa, que tinha sido firme antes que a bala fizesse seu trabalho sujo. Mas agora, quando as bandagens saíram, ela viu que a ferida começara a sangrar novamente. Um olhar e ela soube que ela teria que trabalhar duro para que ele não sangrasse até a morte.

De volta à cozinha, ela colocou uma colher de alúmen em uma frigideira de ferro, mexendo-a na extensão quente até que ele esfumaçasse e escurecesse. Ela espalhou o alúmen queimado generosamente sobre uma nova gaze, mas quando ela correu de volta para o quarto com o cataplasma, ficou horrorizada, encarando boquiaberta o sangue daquele ladrão de trem sem nome enquanto ele brotava do furo da bala e atravessava a curta distância até o vale raso de sua virilha, onde o cabelo grosso o absorveu.

Quanto tempo ela ficou olhando a ferida e o sangue acumulado ela não soube. Mas de repente foi como se alguém tivesse atirado nela em vez de nele.

Seu corpo se sacudiu como se tivesse levado um coice, e mais uma vez ela estava freneticamente banhando, cuidando, rezando. Nas horas que se seguiram, ela lutou contra o tempo como um inimigo mortal. Percebendo que ele devia comer em breve... ou morrer... ela bateu um pedaço de bife com um malho e colocou-o em água salgada para fazer chá de carne. Mas ele continuou sangrando e ela começou a duvidar que ele viveria para beber. Lembrou-se de sua avó McKenzie dizendo que tratava de feridas de flecha com ergot seco, depois fazia um cataplasma do fungo de centeio e aplicava-o. Sentindo a testa escura e larga do homem, ela percebeu que não tinha esfriado, então ela o limpou com álcool. Mas quando ela parou de esponjar, ele imediatamente ficou quente novamente. A febre, ela percebeu, deve ser combatida de dentro e não fora. Ela rebuscou em sua mente e encontrou outra possibilidade.

Chá de gengibre!

Mas quando ela trouxe o chá de gengibre de volta para ele, ele ficou tão imóvel como a morte, e a primeira colher cheia escorregou de seus lábios, passou pela orelha e manchou a fronha com um marrom fraco. Ela tentou novamente forçar outra colherada na boca dele, conseguindo apenas fazê-lo tossir.

— Beba! Beba! — Ela falou para o homem inconsciente quase em um sussurro raivoso. Mas isso não foi útil; ele sufocaria se ela forçasse o chá na boca dele dessa maneira.

Ela pressionou os nódulos nos dentes, desesperando-se, perto das lágrimas. De repente, ela teve uma inspiração e correu por sua casa como um ser demente, voou pela porta dos fundos e encontrou Rob Nelson brincando no quintal da casa ao lado.

— Robert! — Ela gritou, e Rob saltou. Nunca na sua vida ele tinha visto a Srta. Abigail parecer tão assustada ou levantar a voz desse jeito.

— Sim, senhora? — Ele tragou, de olhos arregalados.

A Senhorita Abigail agarrou-o pelos ombros com tanta força como se ela desejasse quebrar seus ossos. — Robert, corra rápido até a cocheira e peça ao Sr. Perkins um punhado de palha. Palha limpa, você entendeu? E corra como se sua cauda estivesse em chamas! — Então ela deu um impulso a Rob que quase o derrubou.

— Sim, senhora — O menino espantado falou, correndo tão rápido quanto suas pernas o levariam.

Pareceu para a Srta. Abigail que horas passaram enquanto ela andava de um lado para o outro febrilmente, esperando. Quando Rob voltou, ela agarrou a

palha sem muito além de um obrigado, entrou em sua casa e bateu a porta de tela no rosto do garoto.

Curvando-se sobre o rosto escuro do ladrão, ela inclinou o queixo dele e forçou dois dedos em sua boca. A língua dele estava ameaçadoramente quente e seca. Mas a palha era frágil demais, ela pôde ver depois de várias tentativas mal sucedidas para descê-la pela garganta dele. Atormentada, ela procurou na mente, desperdiçando minutos preciosos até encontrar uma resposta. Taboas! Ela arrancou uma de um buquê seco na sala de estar, tirou a medula do centro com uma agulha de tricô e, endurecendo sua resolução, ergueu o queixo escuro novamente, abriu a boca dele com os dedos e empurrou a taboa pela garganta, meio enjoada com o que ela estava fazendo com ele.

Mas funcionou! Foi um pequeno sucesso, mas fez com que ela tivesse esperanças: o chá de gengibre desceu suavemente. Sem pensar em delicadeza, a Srta. Abigail encheu a boca uma e outra vez, e jorrou o chá para dentro da boca dele, mas quando ela estava tirando a palha de sua boca, ele decidiu agir por reflexo e engoliu em seco, mordendo inconscientemente seus dois dedos. Ela gritou e endireitou-se com a dolorosa mordida, puxando os dedos para encontrar a pele ferida entre o primeiro e segundo nódulo de ambos os dedos.

Imediatamente, ela os colocou na boca e sugou, apenas para encontrar um traço da saliva dele sobre os dedos. Um fora da lei! Ela pensou, e puxou um lenço limpo de dentro da manga, limpando a língua e os dedos com delicadeza. Mas olhando para o rosto inconsciente, sentiu-se inundada com calor e seu coração deu um salto por algo que ela não entendeu.

Percebendo que era quase meio-dia, ela deixou o homem para preparar a bandeja de David Melcher. Quando ela bateu em sua porta, a mandíbula de Melcher caiu.

— Senhorita Abigail! O que aconteceu com você?

Ela olhou para baixo para encontrar manchas de sangue espalhadas por seus seios depois de ter batido o bife, talvez até mesmo por um pouco de sangue do corpo do homem lá embaixo. Levantando uma mão para seus cabelos, ela o encontrou espalhado como grama chicoteada pelo vento. Quando seu braço foi erguido, um grande anel de suor molhado apareceu sob a axila da blusa azul, que parecia tão impecável nesta manhã. Além disso, havia aquelas duas marcas sangrentas de dentes em seus dedos, mas aquelas ela escondeu nas dobras de sua saia.

Gracioso! Ela pensou, Eu não tinha percebido! Eu simplesmente não tinha

percebido!

— Senhorita Abigail, você está bem?

— Estou bem, realmente, Sr. Melcher. Tentei salvar a vida de um homem e acredite em mim, neste momento eu acho que eu ficaria grata por vê-lo com força suficiente para tentar me machucar.

O rosto de Melcher ficou rígido. — Ele ainda está vivo, então?

— Por pouco.

David Melcher se refreou de dizer "Que pena!"

A Senhorita Abigail sentiu sua desaprovação, mas viu como ele se esforçou para submergir sua raiva, o que era completamente justificável, considerando que o homem lá embaixo tinha feito o Sr. Melcher perder um dedão do pé. — Apenas não exagere. Eu não acho que você está acostumada a um trabalho tão duro. Eu não iria querer que você ficasse doente por cuidar de um ladrão comum.

Um calor inegável surgiu com as suas palavras, e ela respondeu: — Não se preocupe comigo, Sr. Melcher. Eu estou aqui para me preocupar com você.

O que foi exatamente o que ela fez quando ele terminou de comer. Ela trouxe seu equipamento de barbear e segurou o espelho para ele enquanto ele fazia seu ritual. Ela o estudou sub-repticiamente, a boca gentil e nariz reto, queixo forte sem fenda, sem covinhas. Mas foram seus olhos o que ela mais gostou. Eles eram castanhos pálidos e muito juvenis, especialmente quando ele sorria. Ele olhou para cima e ela abaixou os olhos. Mas quando ele cuidou de novo de sua tarefa, girando a cabeça de um lado para o outro, com a mandíbula subindo e as veias de seu pescoço se destacando, fez com que uma fraca palpitação ocorresse em seu estômago. Sem aviso veio à memória das características mais nítidas do ladrão, pescoço mais grosso e mais longo, rosto mais escuro. Semblante sinistro, ela pensou, em comparação ao rosto convidativo de David Melcher.

— O ladrão tem um bigode — ela observou.

Toda a gentileza deixou o rosto de David Melcher. — Típico! — ele rosnou.

— É mesmo?

— Certamente que é! Os criminosos mais infames na história tinham bigode!

Ela abaixou o espelho, levantou-se e juntou as mãos, lamentando tê-lo irritado.

— Eu posso ver que você não gosta de falar dele, então, por que você não

esquece que ele está lá embaixo e pensa em se melhorar? O Doutor Dougherty disse que eu deveria trocar o curativo no pé e aplicar um unguento se você sentir dor.

— Não precisa, sinto que está melhor. Não se preocupe.

Rejeitada, ela virou-se rapidamente para sair, lamentando tê-lo irritado ao falar sobre o assaltante, especialmente depois que o Sr. Melcher tinha sido tão elogioso sobre o bife e as batatas e o guardanapo de linho fresco na bandeja. Ela podia ver que haveria atrito nesta casa se o criminoso conseguisse sobreviver. No entanto, ela assumiu o cargo de cuidar dele, e ela estava compelida a dar o melhor de si.

Voltando ao quarto de baixo, ela descobriu que ele havia movido à mão direita — agora pousada sobre o estômago. Ela estudou os dedos longos e magros, ligeiramente ondulados, a sombra de cabelo e o que parecia ser uma mancha de sujeira. Aproximando-se, ela olhou novamente. O que ela tinha tomado por sujeira era na verdade uma marca negra e azul na forma distinta de um calcanhar. Pegando cuidadosamente a mão machucada pelo pulso, ela a colocou de volta ao lado dele. Mas quando tocou o lençol, ele rolou ligeiramente, protetoramente embalando-a em sua boa mão esquerda, como se tivesse doído. Instintivamente, ela o virou de costas, suas mãos pareciam ridiculamente minúsculas no poderoso peito dele. Mas ele recuou como antes, subjugado e parado novamente.

Era difícil dizer se a mão estava quebrada, mas apenas no caso, ela pegou um pequeno pedaço de madeira, encaixou-a na palma da mão dele e amarrou-a, enrolando uma gaze em torno de seu pulso cabeludo, cruzando pelo polegar até que qualquer osso quebrado não pudesse ser facilmente deslocado. Ela notou enquanto trabalhava que as mãos dele estavam limpas, as unhas bem cuidadas, as palmas calejadas.

Ao verificar sua testa novamente, ela achou que estava mais frio, mas ainda mais quente do que deveria. Cansadamente pensando no ontem quando ela partiu para a cidade à procura de trabalho com Culpepper, ela pensou no quão pouco ela suspeitava que acabaria com um emprego como esse. Talvez Culpepper teria sido preferível depois de tudo, pensou esgotada, caminhando pesadamente à cozinha para buscar algodão e álcool de novo. Ela olhou ao redor do cômodo com consternação: pedaços de trapos rasgados e gaze em todos os lugares; úmidos pedaços usados de algodão em tigelas; galheta de vinagre, vasilha de sal, sacos de ervas, tesouras, pratos sujos em toda parte; sangue espalhado nas

paredes e na cômoda alta, e o fedor de alúmen queimado desagradavelmente sobre tudo.

Virando-se, ela atipicamente ignorou tudo e retornou ao quarto dela.

Querido Deus! Ele havia virado... e estava deitado de lado apoiando sua posição na perna direita!

Empurrando e grunhindo, lutando com seu peso mole, ela conseguiu virá-lo de costas novamente, depois caiu sobre o estômago dele, ofegante. Mas ela soube, mesmo antes de ver, o que acharia: a ferida sangrando profusamente de novo.

Então, suspirando fortemente, quase cambaleando agora, ela lutou contra a batalha inteira mais uma vez: limpando a ferida, queimando o alúmen, estancando o sangue, aplicando ergot e orando para ver o fluxo parar. Ele parecia estar despertando mais vezes conforme a tarde passava. Cada vez que ele movia um membro, ela derramava sua força nele, segurando-o na horizontal, querendo que ele ficasse quieto, implorando em voz alta, suando com o esforço, mas limpando o suor do corpo febril dele em vez do seu. Quase de noite quando ele ainda não havia recobrado a consciência, ela desistiu de esperar que ele despertasse o suficiente para beber o chá de carne e o forçou a se alimentar de novo.

Algum tempo depois, ela estava parada olhando fixamente seu exposto quadril branco, contando os minutos desde que o sangramento parou, quando a batida do Doutor Dougherty a tirou de seu devaneio. — Entre. — Mas ela quase não teve força para convidar.

O Doutor também tinha tido um dia difícil, mas ele olhou para ela e gritou: — Senhorita Abigail, o que você fez consigo mesma? — Ela parecia horrível! Seus olhos estavam vermelhos e por um momento ele pensou que ela poderia começar a chorar.

— Eu nunca soube o quão difícil é salvar uma vida — ela disse com voz rouca. O Doutor a levou pelo braço para a sua desastrosa cozinha. Ela riu um tanto loucamente quando ele a forçou a sentar numa cadeira. — E agora eu sei por que sua casa parece da mesma forma.

Ao invés de se sentir insultado, ele bufou com raiva. Ela tinha sido iniciada então, ele pensou, como todos nós somos primeiramente.

— Você precisa de uma boa dose de café, Senhorita Abigail, e uma dose maior de sono.

— O café eu vou aceitar, mas o sono deve esperar até depois que ele reviver e

eu saber que ele conseguirá.

O Doutor serviu-lhe uma xícara de café e a deixou para verificar os pacientes, mas, enquanto saía da cozinha, viu as costas da Senhorita Abigail contra a cadeira e soube que ele tinha tido sorte por ela ter se oferecido para ajudar.

No entanto, entrando no quarto onde o ladrão estava acamado, ele se perguntou novamente se ela não era muito delicada para lidar com feridas assim. No começo, ele considerou apenas o senso de polidez dela, mas, vendo ela tão abatida, ele se perguntou se a tensão física não era demais para ela.

Mas um olhar para sua obra e ele ficou maravilhado com a ingenuidade e tenacidade dela. O que ele achou quando ele verificou a ferida genuinamente o surpreendeu. O homem não sabia quão sortudo ele era por acabar onde ele estava, o Doutor pensou. A ferida parecia bem, a febre estava baixa, nenhum sangramento, nenhuma gangrena. Ela fez tanto quanto o próprio Doutor poderia ter feito.

No andar de cima, ele disse: — Sr. Melcher, acredito que você está em boas mãos com a assistência da Senhorita Abigail. No entanto, pensei que eu deveria prestar minha escassa assistência médica do mesmo jeito.

— Ah, Doutor Dougherty, estou feliz em vê-lo. — Melcher parecia estar ótimo.

— O pé lhe dói muito?

— Não mais do que eu posso lidar. Ele lateja de vez em quando, mas a pomada que você deu à Senhorita Abigail ajuda imensamente.

— Emplastro de láudano, meu rapaz. Emplastro de láudano aplicado pela Senhorita Abigail, uma combinação muito eficaz, você não concorda?

Melcher sorriu. — Ela é maravilhosa, não é? Eu quero te agradecer por... bem, estou muito feliz por estar aqui na casa dela.

— Eu não tive muito a ver com isso, Melcher. Ela se ofereceu! E mesmo que ela esteja sendo paga, acho que ela põe mais do que o dinheiro a compensará. Os dois são um pouco demais para ela.

Ao lembrar-se do outro paciente, a expressão no rosto de Melcher se azedou.

— Diga-me... como ele está?

— Ele está vivo e sem sangrar, e ambos os fatos parecem ser mais do que credíveis. Não sei o que a Senhorita Abigail fez por ele, mas seja o que for, funcionou. — Então, observando a expressão no rosto de Melcher, o Doutor bateu na perna do homem. — Anime-se, meu rapaz! Você não precisará estar aqui sob o mesmo teto que o canalha por muito mais tempo. Este pé está com

uma aparência boa. Ele não deve mantê-lo aqui por muito tempo.

— Obrigado — Melcher ofereceu, mas seu rosto permaneceu intocado pela vivacidade quando ele falou.

— Meu conselho para você é esquecer que ele está aqui embaixo, se isso o incomoda tanto — o Doutor disse, preparando-se para sair.

— Como posso esquecê-lo quando a Srta. Abigail tem que estar lá também... e cuidar dele!

Ah, então é por aí que o vento sopra, pensou o Doutor. — Parece que a Senhorita Abigail causou uma grande impressão em você.

— Eu ouso dizer que ela causou — admitiu Melcher.

O Doutor riu brevemente, então disse: — Não se preocupe com a Srta. Abigail. Ela pode cuidar de si mesma. Virei de novo em breve. Enquanto isso, mova o pé e use-o tanto quanto você quiser, até onde você se sentir confortável. Ele está progredindo bem na cura. — Mas o Doutor foi sorrindo dessa inesperada mudança de eventos enquanto se dirigia para baixo.

O café revivera um pouco a Srta. Abigail.

— Tem um copo para mim? — perguntou o Doutor, retornando para a cozinha. — Não, não se levante. Os copos estão aqui? Eu vou me servir. — Conforme assim o fez, ele continuou. — Senhorita Abigail, me desculpe por ter duvidado de você ontem, posso ver que tipo de bobo eu fui. Você não apenas fez um bom trabalho de enfermagem com esses dois... como parece que você fez do Sr. Melcher um devoto.

— Um devoto? — Ela olhou para cima, assustada, sobre o copo dela.

O Doutor Dougherty recostou-se contra a borda do aparador dela enquanto sorria, seus olhos acesos.

Confusa, ela olhou para o copo dela. — Isso não faz sentido, Doutor, ele está simplesmente grato por uma cama limpa e comida quente.

— Como diga, Senhorita Abigail... como diga. — Mas os olhos do Doutor eram maliciosos. Então, abruptamente, ele mudou o assunto. — Chegou pelo telégrafo o aviso de que a ferrovia quer que possamos manter esse estranho aqui até que eles possam mandar alguém aqui para interrogá-lo.

— Ah, se ele viver para conversar. — Mais uma vez, ele podia ver o cansaço nela, podia ouvir o medo em sua voz.

— Ele vai viver. Examinei as feridas e elas parecem muito bem, Srta. Abigail, realmente muito bem. O que você colocou sobre aqueles cataplasmas?

— Ergot triturado. Curava os ferimentos causados por setas indígenas. Achei

que poderia curar os dele.

— Por que você não me chamou quando ele ficou ruim?

Seus olhos transpareceram incredulidade. — Eu não pensei nisso, suponho.

Ele riu e balançou a cabeça. — Você está planejando fazer comigo uma pequena competição no negócio de cura, não é? — Ele perguntou, os olhos brilhando.

— Não, doutor. É muito difícil para uma dama solteira. Quando esses homens estiverem em forma, eu vou desistir da minha vida na medicina, e com prazer.

— Bem, não desista ainda, Srta. Abigail, por favor. Você está fazendo um excelente trabalho por mim.

Demasiado cansada para se opor ao seu modo de falar, ela só respondeu: — Ora, obrigada, doutor. — E ele poderia ter jurado que ela sorriu, ali na cozinha perto do início da noite, em meio à bagunça e ao cheiro que era tão diferente de sua limpeza habitual. Ele soube que ela ficaria bem então; ela tinha qualidades nela que a maioria das mulheres não tinham. Além disso, ela estava experimentando a primeira alegria incipiente oferecida aos que venciam as chances contra a morte.

A caminho da porta, o Doutor virou-se. — Oh, eu me esqueci de mencionar, a ferrovia disse que eles irão pagar a conta pelo tempo que for necessário para ter esses dois saudáveis. Eu acho que eles querem pacificar Melcher e evitar que ele faça um barulho sobre como foi baleado enquanto estava a bordo de um dos trens da R.M.R. Quanto ao outro... ele deve ser procurado por mais do que apenas um atentado para que eles estejam interessados. Eu não quero assustá-la, só queria que você ficasse tranquila sobre o dinheiro. Você tem medo, estando aqui sozinha com ele?

Ela quase riu. — Não, não tenho medo. Nunca tive medo de nada na minha vida. Nem mesmo quando pensei que estava ficando sem dinheiro. As coisas têm uma maneira de trabalharem. Ontem eu estava enfrentando a penúria e esta noite aqui estou com uma ferrovia me apoiando. Não é conveniente?

Ele acariciou seu braço e riu. — É o ideal, Srta. Abigail. Agora vá dormir um pouco para que você possa lidar com tudo.

Quando ele abriu a porta de tela, ela o deteve momentaneamente, perguntando: — Doutor, o telegrama disse o nome desse homem? Parece estranho, sempre se referir a ele como “aquele homem” ou “aquele… ladrão”.

— Não, não. Apenas disseram que queriam que ele ficasse aqui e que não

houvesse dúvidas sobre isso. Eles querem muito colocar as mãos nele.

— Como eles podem saber se ele é procurado por outras acusações quando não o viram?

— Enviamos uma descrição. Alguém deve tê-lo reconhecido.

— Mas e se o homem morrer? Não parece adequado um homem morrer sem que nem uma alma saiba seu nome.

— Isso já aconteceu antes — o Doutor afirmou com sinceridade.

Ela enquadrou os ombros, e um olhar de pura resolução surgiu sobre seu rosto. — Sim, mas não acontecerá desta vez. Eu farei de meu objetivo, uma espécie de talismã se você preferir, me certificar de que ele reviva o suficiente para dizer seu nome. Se ele puder fazer isso, talvez ele possa se recuperar completamente. Você vê, Doutor, eu pretendo ser uma curadora tenaz. — Ela deu ao Doutor um sorriso irônico. — Agora, se apresse. Eu tenho uma cozinha para arrumar e uma ceia para preparar. — O Doutor estava rindo enquanto ela o espantava. Requeria mais que cansaço para derrotar Abigail McKenzie!

Ela não teve tempo de se preocupar com sua própria aparência enquanto preparava a bandeja da ceia de David Melcher, mas seu coração estava leve enquanto ponderava as palavras do Doutor. Um devoto. David Melcher era seu devoto. Uma sensação deliciosa de expectativa passou pela Senhorita Abigail com o pensamento. Ela tomou muito cuidado com a refeição dele e fez uma pausa para colocar algumas mechas de cabelo perdidas no lugar antes de entrar no quarto dele. Ele estava deitado calmamente, de frente para a janela, com a visão do céu de damasco. Quando ela parou na entrada, ele sentiu-a lá e virou-se com um sorriso. Seu coração bateu com alegria, enchendo-a de um novo senso de si mesma.

— Eu trouxe sua ceia — ela disse suavemente.

— Por favor, sente-se comigo enquanto eu como e me faça companhia — ele convidou. Ela queria... oh, como ela queria, mas isso simplesmente não era apropriado.

— Eu temo que tenho coisas para fazer no andar de baixo — foi sua desculpa. O rosto dele registrou desapontamento. Mas ele tinha medo de ser muito insistente; ela já havia feito muito. O quarto ficou em silêncio, e de fora veio o grito melancólico de uma rola-carpideira. A Senhorita Abigail colocou a bandeja no colo dele, então ofereceu brilhantemente: — Mas eu lhe trouxe algo para ler se você quiser, depois de terminar a ceia. — De seu bolso, ela puxou um livro de sonetos.

— Ah, sonetos! Você gosta de sonetos também? Eu deveria ter adivinhado que você gostava.

Com o seu sorriso de aprovação, ela ficou nervosa e ergueu os olhos para as nuvens rosadas além da janela. Novamente veio o chamado da rola-carpideira, cantando sua pergunta, "Quem? Quem? Quem? " De repente, pareceu à Srta. Abigail que a pergunta foi feita para ela. Era uma pergunta que ela se perguntava mais vezes do que se importaria em lembrar: Quem será que chegaria para iluminar sua vida? Para dar a ela motivo para viver?

Perdida no devaneio, a Srta. Abigail disse bastante sonhadora: — Acho que a noite é um momento particularmente apropriado para os sonetos, em vez da hora mais suave do dia, você não acha?

— Eu não poderia concordar mais — veio à resposta gentil dele. — Parece que temos algo em comum.

— Sim, nós temos. — Ela percebeu de repente como ela parecia, e tocou seu lábio inferior com as pontas dos dedos. Ela ainda usava o vestido manchado e suado que usara o dia todo, e seus cabelos estavam terríveis. No entanto, mesmo quando ela fugiu do quarto, ela percebeu que ele sorriu docemente e falou quase com ternura. Era verdade, o que o Doutor havia dito? Abigail McKenzie, você está tão cansada que você está ficando fantasiosa.

Mas cansada ou não, seu dia não havia terminado.

O anoitecer havia caído e, na escuridão do quarto de baixo, seu ocupante parecia mais obscuro do que nunca. Ela encontrou-se comparando ele com o Sr. Melcher. As suíças no queixo quase duplicaram, e ela decidiu que amanhã ela o barbearia. De qualquer forma, ela nunca gostou de homens com suíças. E bigodes! Bem, se suíças escuras no queixo eram sinistras, os bigodes negros eram positivamente ameaçadores! Seu bigode — ela se aproximou — limitava-se a seu lábio superior como grossas, caídas asas de morcego. Ela estremeceu ao estudá-lo e cruzou os braços de forma protetora. Vil! Ela pensou. Por que alguém quereria usar uma hisurta, coisa pouco atraente assim na sua própria cara?

Mas, de repente, o aperto da Senhorita Abigail nos braços dela se afrouxou. Ela tinha uma lembrança fraca de... mas não, não poderia ter sido, poderia? Ela franziu a testa, lembrando-se da sensação desse bigode quando ela o alimentou, e em sua memória ele não foi hisurto, mas suave.

Certamente estou enganada, ela pensou, sacudindo-se um pouco. Como pode ser suave quando parece tão espinhoso?

No entanto, ela estava de repente certa de que tinha sido. Ela olhou

cautelosamente atrás dela, mas é claro que não havia ninguém lá.

Foi simplesmente bobo ter olhado! Mas ela verificou novamente, furtivamente, antes de levantar um dedo tentativo para tocar os grossos cabelos pretos sob o nariz do ladrão. Chegou perto de ser um choque descobrir que era quase sedoso!

Ela sentiu sua respiração quente no dedo, e rapidamente, com culpa, recolheu o braço. A suavidade era desconcertante. De repente, sentindo-se envergonhada, ela falou em voz alta. — Bigode ou não, ladrão ou não, vou fazer você me dizer seu nome, você entendeu? Você não vai morrer comigo aqui, senhor, porque eu simplesmente não permitirei isso! Vamos dar um passo de cada vez, e o primeiro deve ser tirar seu nome de você. É melhor se você entender desde o início que não estou acostumada a ser contrariada!

Ele não moveu um músculo.

— Oh, olhe para você, você está uma bagunça. É melhor eu pentear seu cabelo para você. É o mínimo que posso fazer agora.

Ela pegou seu próprio pente da cômoda e o passou pelos cabelos grossos dele, experimentando uma estranha excitação ao pensar que ele era um ladrão de trens e ainda assim ela estava cuidando de suas necessidades íntimas. — Eu não posso dizer que já penteei o cabelo de um fora da lei antes — disse ela. — A única razão pelo qual eu estou fazendo isso agora é que, só no caso de você me ouvir, você saberá que você não tem permissão... de apenas ficar deitado aí sem lutar. Esse cabelo está sujo e se você quer que ele seja lavado, você deve simplesmente acordar.

De repente, o braço dele estremeceu e um pequeno som veio dele. Ele jogou a cabeça para um lado e teria rodado, mas ela o impediu, segurando-o com as mãos. — Você precisa se deitar na horizontal. Eu insisto! O Doutor Dougherty disse que você deve ficar assim! — Ele pareceu concordar então. Ela tocou sua testa e achou-a fria. Mas, só no caso, ela trouxe uma cadeira de costura da sala de estar, uma coisa pequena sem apoio para os braços que oferecia pouca comodidade, e sentou-se por apenas um momento, apenas até que tivesse certeza de que ele não iria se debater mais e ferir-se.

Em pouco tempo, sua cabeça agachou-se e seus pensamentos desvaneceram-se quando ela adentrou em um mundo de sonhos, onde o estranho acordou e sorriu para ela por trás de seu suave bigode preto. Seu amplo peito se aproximou e ela o apertou com as mãos. Ela evitou seus lábios tentadores, argumentando que ele era um ladrão, mas ele apenas riu profundamente e concordou que ele

era e queria roubar algo dela agora. Mas eu não sei o seu nome, ela suspirou como o vento noturno. Ele sorriu e provocou, Ah, mas você conhece mais de mim do que meu nome. E ela voltou a ver o corpo dele nu — suave, curvado, íntimo — e novamente ela sentiu a maravilhosa vergonha da sensibilidade. E, sobre a minúscula cadeira de costura, seu corpo adormecido se sacudiu.

Os membros agitados dele a despertaram e ela pulou e achatou-o, usando seu próprio corpo para mantê-lo de costas e parado. O sonho estranho e proibido estava forte nela enquanto sentia a carne daquele homem embaixo dela. Ela não deveria pensar tais pensamentos, ou tocá-lo assim.

Ainda assim, ela ficou ao lado dele, o protegendo durante a noite. Uma e outra vez ele se debateu, e ela ordenou — Fique de costas... fique com o joelho levantado... diga-me seu nome... — até que ela não pôde mais lutar com ele.

Tarde da noite, ela entrou na cozinha escura, encontrou um rolo de gaze e amarrou o tornozelo esquerdo dele ao pé de bronze da cama, o pulso esquerdo na cabeceira da cama. Enevoada pelo sono, ela voltou a sentar-se na cadeira sem braços. Mas, durante a noite, ela se levantou inconscientemente, subiu na cama sobre o pé e adormeceu perto do final da cama com os lábios perto do quadril dele.

III

LENTAMENTE… ENEVOADAMENTE… ELE PERCEBEU UM calor excelente e constante em seu rosto. E ele podia dizer pela sua constância que era o sol.

Vagamente... preguiçosamente... ele percebeu um calor suave e exuberante ao seu lado. E ele podia dizer por suas curvas que era uma mulher.

Lentamente... dolorosamente... ele tomou consciência do cru, torturante calor em sua carne. Mas isso ele não conseguiu identificar, sabia apenas que doía de um modo que nada tinha doído antes. Seus globos oculares rolaram atrás das pálpebras fechadas, recusando-se ainda a abandonar sua escura privacidade, envolvendo-o com os três calores que se fundiam para esquentá-lo. Se perguntou se ele abrisse os olhos, ele despertaria desse sonho? Ou era real? Ele estava vivo? Estava no inferno? Seus olhos se abriram, mas ele olhou fixamente para um teto, e não para o teto de uma tenda. Seu corpo doía em muitos lugares. Doce Jesus, ele pensou, e seus olhos se fecharam para deixá-lo imaginando onde ele estava e quem se deitou ali perto do pé de sua cama. Ele tentou engolir, mas não conseguiu, levantou as pálpebras grogues novamente e apertou os dentes até que a mandíbula doeu, e ergueu a cabeça com um esforço doloroso.

Uma mulher satírica de algum tipo estava apoiada nos cotovelos, olhando-o com os olhos arregalados.

Ele teve apenas um pensamento consciente: Devo ter feito uma besteira. É uma bruxa e ela teve que amarrar-me para me fazer ficar.

Então ele deslizou mais uma vez na escuridão. Mas ele levou consigo a imagem da feia bruxa, seus cabelos esparramados como uma vil palha em torno de um rosto que parecia ter desabado em dobras de seus olhos para baixo. Na sua insensibilidade, ele sonhou que ela o perseguia, ordenando-lhe que fizesse proezas das quais ele era incapaz. Ela insistia em que ele falasse, rolasse, não se mexesse, respondesse-a, ficasse quieto. Às vezes, ele sonhava que a voz dela se voltava terna, mas então a outra voz se intrometia, como um espinho, até que ele finalmente escapava dela completamente e dormia sem sonhos.

A Senhorita Abigail se desesperou quando a cabeça dele caiu pra trás e ele

esteve perdido no esquecimento antes que ela pudesse arrancar seu nome dele. Tudo o que ela sabia que não sabia antes era que seus olhos quase pretos tinham um leve toque de avelã. Ela esperava que eles fossem azeviches, sem matiz, tão agourento quanto o resto dele. Mas as manchas de avelã os salvavam de tudo isso.

Gemendo, ela saiu da cama.

Nunca na vida, a Srta. Abigail olhou para um espelho de manhã e viu uma visão como aquela que a confrontou hoje. A noite cobrou seu preço, aparentemente tendo encolhido a pele acima de seus olhos e esticado abaixo. As sombras cor de ameixa acentuavam seus olhos muito abertos e inquietos enquanto linhas alongadas formavam parênteses nas laterais de seus lábios. Os cabelos enrolados e devastados estabeleciam tudo com veracidade cruel.

Ela estudou seu reflexo e sentiu-se muito velha, de fato.

Pensar em David Melcher a tirou de seus devaneios.

Ela se banhou na cozinha e escovou os cabelos, enrolando-o cuidadosamente na base do pescoço, e vestiu uma blusa macia e cremosa como a que usara ontem e uma saia de linho marrom. Por um impulso, aplicou a mais ínfima gota de essência de rosas em seus pulsos.

— Senhorita Abigail, você parece adorável esta manhã! — David Melcher exclamou com apreciação quando ela pisou na porta dele com uma bandeja de café da manhã.

— E você muito vivaz, Sr. Melcher!

Novamente ele a convidou para ficar enquanto comia, e desta vez ela aceitou, embora os costumes exigissem que ela ficasse apenas brevemente. Mas ele elogiou sua culinária, os ovos poché, a torrada e a manteiga de maçã, provocando: — Ora, Senhorita Abigail, ficarei mimado até você me expulsar daqui.

A apreciação dele perturbou seu ego de forma suave e revoltante, como uma brisa leve que pode levantar o cabelo fino na parte de trás do pescoço e criar deliciosos arrepios.

— Eu não gostaria, como você diz, de expulsá-lo daqui, Sr. Melcher. Você é livre para ficar pelo tempo que precisar.

— Isso, Srta. Abigail, é verdadeiramente uma oferta perigosa. Posso levar sua palavra ao pé da letra e nunca mais sair. — Seus olhos mantinham a quantidade certa de travessura para fazer o comentário inteiramente apropriado. No entanto, aquelas cócegas agitaram a parte traseira de seu pescoço novamente. Mas ela

permaneceu pelo tempo que era prudente.

— Eu gostaria de ficar por mais tempo, mas eu tenho trabalho que eu gostaria de completar, enquanto a frescura da manhã prevalecer.

— Ora, Srta. Abigail, você fez isso soar exatamente como um soneto. Você tem uma maneira tão eloquente de falar. — Então ele limpou a garganta e acrescentou, de forma mais formal: — Eu gostaria de ler os sonetos novamente hoje, se você não se importar.

— Nem um pouco. Talvez você goste de alguns outros que eu também tenho.

— Sim... sim, tenho certeza que gostarei.

Quando ela se levantou de sua cadeira e passou as mãos pelas mangas para liberá-las de quaisquer rugas inexistentes, ele pensou em quão delicada o colarinho alto e as mangas compridas a faziam parecer e de como ela cheirava a rosas e que perfeita dama ela era.

Ela alimentou o ladrão com caldo quente através da taboa novamente. Agora, ao aproximar-se dele, seu pulso fazia coisas proibidas e estranhas, e ao alcançá-lo ela repreendeu o inconsciente: — Quando você se decidirá a despertar e me contar seu nome e comer uma alimentação decente? Você está sendo um grande problema, você sabe, deitado aí como um grande urso hibernando! Você me colocou na tarefa de alimentá-lo como eu fiz ontem. Eu sei que parece um método cruel, mas é a única maneira em que eu posso… e acredite em mim, senhor, não é mais palatável para mim do que para você, especialmente com esse bigode.

Quando a alimentação terminou, ela trouxe o equipamento de barbear e, intrepidamente, se pôs a barbeá-lo, sem saber com certeza o quão bem ela faria. Ela colocou toalhas grossas debaixo de seu maxilar, espumou-o e começou a trabalhar com a lâmina, todo o tempo confundida sobre aquele bigode.

Ela deveria ou não deveria?

Realmente era uma característica suja e ameaçadora. E talvez, se David Melcher não tivesse apontado como o bigode era normal entre foras da lei, e talvez, se não tivesse sido tão alarmantemente macio, e talvez, se seu coração não a tivesse traído quando ela o tocou, ela não o rasparia.

Mas no fim ela raspou.

Quando chegou na metade, ela teve uma onda de culpa. Mas já era tarde demais. Depois que terminou, ela se afastou para avaliar o rosto sem o bigode e achou, para o seu desgosto, que ela o tinha arruinado completamente! O bigode

pertencia a ele tão seguramente quanto as suas grossas sobrancelhas negras e a sua cor morena. Talvez quando ele acordar ele não pense o mesmo. O pensamento fez pouco para acalmar suas inquietações, e a próxima tarefa fez ainda menos. Era hora de dar-lhe banho.

Ela começou a fazer isso, uma seção de cada vez, primeiro ensaboando levemente um braço, depois enxaguando-o e limpando-o.

Sua axila era uma cama de cabelo preto reto e grosso, enervante. Então ela se concentrou em seu ombro e tentou não olhar para ele. O braço afastado apresentava um problema, pois a cama estava empurrada para um canto do quarto. Ela tentou puxar a cama para chegar a ele por aquele lado, mas ele era muito pesado e não se movia. Ela acabou escalando mais uma vez na cama com ele para facilitar as coisas.

Terminado a tarefa na sua metade superior...

Ela engoliu em seco, então lembrou que ele estava, afinal, inconsciente.

Deslizando o tecido oleaginoso debaixo da perna direita, ela lavou-o cuidadosamente, evitando a coxa ferida. Seu pé era longo, e evocava uma estranha satisfação enquanto ela lavava a sola, depois entre os dedos dos pés, que estavam sombreados com cabelos entre os nódulos. Ela admitiu agora que o que o Doutor Dougherty disse era verdade: era infinitamente mais desconcertante cuidar das necessidades íntimas de um estranho do que das de um pai. O lençol ainda envolvia suas partes privadas. Ela conseguiu mantê-las cobertas enquanto trabalhava na outra perna. Aquela parte, ela não lavou.

Mas ela já tinha visto uma vez, e não conseguiu tirar a imagem de sua mente.

À medida que o dia avançava, seus olhos se moviam com mais frequência, embora continuassem fechados. De vez em quando, ela via os músculos se flexionarem, e ele se debatia repetidamente, então ela manteve-o seguramente atado nos suportes da cama.

Enquanto a Srta. Abigail cuidava do quarto de David naquela manhã, ela soube que ele era um vendedor de sapatos saído da Philadelphia. Então ele a surpreendeu anunciando: — Quando eu voltar, vou me certificar de enviar um par de nossos melhores.

Ela colocou uma pequena mão no colarinho alto de sua blusa, os dedos espalhando-se delicadamente sobre o pescoço como se estivessem escondendo um pulso lá.

— Oh, Sr. Melcher... não seria apropriado, eu temo, apesar de adorar um bom par de sapatos feitos na cidade.

— Não seria apropriado? Mas por quê?

A Senhorita Abigail baixou os olhos. — Uma dama simplesmente não aceita um presente tão pessoal de um cavalheiro, a menos que ele seja...

— A menos que ele seja o que, Senhorita Abigail? — Ele perguntou suavemente.

Ela sentiu-se corar e olhou para sua bainha. — Ora, Sr. Melcher, simplesmente não seria apropriado. — Ela olhou para cima para encontrar seus olhos castanhos sobre ela. — Mas eu agradeço de qualquer maneira — ela acrescentou melancolicamente.

Ela pensou que a questão foi resolvida, mas ao meio-dia, o Sr. Melcher anunciou que se sentia bem o suficiente para descer as escadas para o almoço, mas pediu desculpas por não ter nada para pôr nos pés.

— Eu acredito que posso encontrar um par de chinelos do meu pai aqui em algum lugar.

Ela os trouxe e se ajoelhou diante dele.

Um sentimento bom surgiu dentro de David Melcher, observando-a. Ela era gentil, suave, refinada, e cada favor que ela fazia por ele fazia David Melcher reverenciá-la mais. Ele se levantou tremendo, saltando em um pé para pegar o equilíbrio, e ela colocou um braço em volta da cintura dele enquanto ele se apoiava no ombro dela.

— O chão é escorregadio, então segure o corrimão — ela advertiu.

Eles começaram a descer, um passo de cada vez, e cada vez que ele se inclinava sobre ela, seu rosto aproximava-se da têmpora dela. Mais uma vez ela cheirava a rosas.

Sua mão livre estava na blusa dele e ela sentia os músculos do peito dele flexionarem cada vez que ele se apoiava no corrimão.

— Que cor você gostaria, Senhorita Abigail? — Ele perguntou, entre saltos.

— Cor? — Eles pararam e ela olhou para o rosto dele, a poucos centímetros do dela.

— Que cor de sapatos vou escolher para você? — Eles deram mais um passo.

— Não seja bobo, Sr. Melcher. — Mais uma vez eles pararam, mas agora ela teve medo de levantar os olhos para os dele.

— E quanto a um sapato de couro castanho? — Ele apertou seu ombro ligeiramente, deixando seu coração batendo acelerado em silêncio. — Eles pareceriam grandiosos com o que você está vestindo agora. Imagine o couro com este laço macio. — Ele tocou o laço do manguito.

— Vamos... dê um outro passo, Sr. Melcher.

— Eu ficaria honrado se você aceitasse os sapatos.

Ela manteve os olhos desviados, a mão ainda em seu peito.

— Eu não teria lugar para usá-los.

— Isso eu não posso acreditar. Uma mulher fina como você.

— Não... eu não teria lugar. Por favor... nossa refeição está pronta. — Ela o cutucou, mas ele resistiu, e, sob sua mão, ela sentiu o coração dele tamborilando tão rápido quanto o seu.

— Não se surpreenda se um par de sapatos chegar um dia para você. Então você saberá que eu estive pensando em você. — Sua voz estava quase acima de um sussurro enquanto murmurava: — Senhorita Abigail...

Por fim, ela olhou para cima para encontrar uma multidão de sentimentos expressados em seus olhos. Então o braço dele endureceu em seu ombro, ele apertou a manga macia, o braço embaixo. Ela o viu engolir, e a respiração ficou em sua garganta enquanto os olhos castanhos pálidos prendiam os dela. Quando os lábios macios a tocaram, ela sentiu novamente a agitação sob a palma no peito dele. Seu beijo gentil foi tão leve como um suspiro sobre os lábios antes dele se afastar e contemplar o olhar derretido dela. Seu coração estava emocionado, seus joelhos enfraqueceram, e por um momento ela temeu que ela pudesse cair de cabeça pela escada de tão tonta que estava. Mas então ela deixou cair os cílios de forma recatada, e eles continuaram pelo hesitante, de parar o coração, caminho para a cozinha.

Fazia anos desde que David Melcher viveu em uma casa com uma cozinha como essa. A mesa estava coberta com uma toalha amarela engomada para combinar com as cortinas das janelas que se elevavam suavemente com o vento.

Os pratos e talheres haviam sido precisamente colocados, e um guardanapo de linho limpo estava dobrado sobre seu prato. Seus olhos seguiram Abigail McKenzie quando ela trouxe alimentos simples e cheirosos — três biscoitos grandes e dourados caíram em seu prato, depois ela voltou com uma chaleira com manchas azuis e pegou pedaços grossos de frango e molho de carne que colocou sobre o topo.

— Faz quanto tempo que você esteve em casa, Sr. Melcher?

— Você pode dizer que não tenho casa. Quando volto para a Philadelphia, alugo um quarto no Elysian Club. Acredite, não é nada assim.

— Então você... você não tem família?

— Nenhuma. — Seus olhos se encontraram, depois se afastaram. Os

pássaros cantaram de algum lugar no pátio sombreado e o cheiro inebriante dos nastúrcios flutuou para dentro. Ele pensou que nunca queria partir e se perguntou se ela sentia o desejo de nidificação tão forte quanto ele.

O HOMEM DE CABELO NEGRO E BARBEADO TOMOU consciência dos cheiros que o rodeavam desta vez, assim como ele havia tomado consciência do calor antes. Com os olhos ainda fechados, ele sentiu o aroma de algo doce, como flores. Havia, também, o aroma amiláceo e agradável de sabão em lençóis limpos. Ocasionalmente, vinha o aroma tentador de frango cozinhando. Ele abriu os olhos e seus cílios escovaram numa extravagante costura na fronha do travesseiro. Então... não foi um sonho. O cheiro doce vinha de um buquê de flores laranja em uma mesa baixa perto de uma janela. O assento da janela tinha almofadas com flores amarelas que combinavam com as cortinas.

Ele fechou os olhos, tentando lembrar-se de quem era o quarto. Obviamente de uma mulher, pois havia mais flores amarelas sobre as paredes cobertas de papel de parede e uma penteadeira com espelhos dobráveis.

Ele não se moveu — nada mais do que a abertura e o fechamento de suas pálpebras. Sua mão esquerda estava formigando, picando como se nenhum sangue passasse por ela. Quando ele flexionou os dedos, eles fecharam em torno de um cilindro de metal, e ele percebeu com um choque que ele estava amarrado a uma cama.

Então aquela bruxa não foi um pesadelo! Quem mais poderia tê-lo amarrado? Ele não era estranho à cautela.

Furtivamente testou as amarras para ver se ele poderia quebrá-las. Mas elas estavam apertadas em ambas as mãos e pés.

Ele levantou as pálpebras notando uma saia marrom, bem na frente dele, parada ao lado da cama. Ele avaliou-a cautelosamente, se perguntando se ele deveria usar sua mão direita para derrubá-la com um golpe de surpresa no intestino. Ele deixou as pálpebras caírem novamente, fingindo voltar a dormir, para poder ver o rosto dela através de um véu de cílios quase fechados.

Mas ele não podia dizer muito. Ela tinha as duas mãos cruzadas sobre o rosto, formando um campanário acima do nariz, como se estivesse alegre, angustiada ou orando. Pelo que ele podia dizer, ele nunca tinha posto os olhos nela antes. Não havia muito a dizer sobre ela, e do penteado rígido que ela usava, ele soube que ela não era uma garota de saloon. Suas mangas compridas e colarinho alto não eram típicos de um salão de dança também. Por fim,

imaginando que ele estava a salvo dela, ele abriu os olhos completamente.

Imediatamente, ela afastou as mãos e inclinou-se para aproximar uma mão — ah, tão fria — ao lado de sua bochecha.

Ela também não cheirava a uma garota de saloon.

— Seu nome... me diga seu nome — ela disse com uma nota de intenso apelo.

Ele se perguntou por que diabos ela não saberia seu nome se ela supostamente o conhecia, então ele não disse nada.

— Por favor — ela implorou novamente. — Por favor, apenas me diga seu nome.

Mas de repente ele se contorceu, torceu-se em suas amarras e olhou freneticamente pelo quarto em busca de algo.

— Minha câmera! — Ele tentou resmungar, mas sua voz saiu como uma coisa chiada e patética, e a dor o atacou em todos os lugares. Com seu brado selvagem, ela ficou com os olhos arregalados e pulou um passo para trás, os olhos fixos em seus lábios enquanto ele voltava a falar — Minha câmera. — A tentativa de pronunciar suas primeiras palavras lhe provocou uma dor abrasadora pela garganta. Ele tentou novamente, mas tudo o que aconteceu foi uma espessa raspagem. Mas ela leu seus lábios e foi tudo o que ela precisou para ficar repentinamente vibrante.

— Cameron — ela sussurrou em descrença.

Ele queria corrigir ela, mas não podia.

— Mike Cameron — ela disse mais alto, como se as palavras fossem algum tipo de milagre. — Cameron… imagine isso! — Então ela sorriu e apertou as mãos alegremente diante dela, dizendo: — Graças a Deus, Sr. Cameron. Eu sabia que você podia fazer isso!

Ela era boba ou o quê? Ela se parecia com a bruxa que ele imaginara na cama ao lado dele, só que ela estava arrumada e limpa e agradável aos olhos. Ainda assim, ela agia como se ela não tivesse sanidade, e ele pensou que talvez ele deveria tê-la derrubado quando teve a chance para quebrar o feitiço.

Ela rodopiou agora, ficando de frente para a janela baia, e por trás parecia que ela estava limpando os olhos. Mas por que diabos ela estaria chorando por ele?

Quando ela o encarou de novo, ele tentou dizer “Meu nome não é Cameron”, mas uma vez mais a dor disparou através de sua garganta, e o som foi irreconhecível.

— Não tente falar, Sr. Cameron. Você teve alguns objetos estranhos em sua boca e garganta, por isso que dói tanto. Por favor, fique parado.

Ele tentou sentar, mas ela veio imediatamente e pressionou aquelas mãos frias em seu peito para pará-lo. — Por favor, Sr. Cameron — ela implorou —, por favor, não. Você não está em condições de se mover ainda. Se você prometer que não vai tentar se levantar, eu tirarei essas amarras de gazes. — Ela olhou para seus olhos resolutos que estavam alinhados com uma suspeita obscura.

Ele teve uma maldita boa visão dela agora, e ela parecia tão forte como um garoto de dez anos, mas seus olhos disseram que ela daria seu melhor para subjugá-lo, se necessário. Até agora, cada vez que ele se movia, algum músculo o afligia como uma cadela. Ele sentiu-se desencorajado a lutar com um beija-flor como ela. Ele franziu o cenho, deu-lhe um aceno de cabeça, então, surgiu um ruído sobre sua cabeça e novamente em seus pés e ela reapareceu segurando as tiras de gazes, libertando-o para ele mover os membros que de alguma forma agora se recusavam a fazer o que era ordenado. — Sr. Cameron, você pode ver que está em uma condição enfraquecida. — Ela baixou seu braço morto e começou a esfregá-lo com habilidade, massageando os músculos. — Dê ao sangue a chance de voltar... estará tudo certo em um minuto. Porém, você não deve se mexer. Por favor. Devo deixá-lo sozinho um pouco enquanto preparo algo para você comer. Você ficou inconsciente por dois dias.

Mas, de repente, o sangue correu de novo como uma repentina descida de cachoeira, atravessando seu braço, disparando agulhas de gelo quente em todos os lugares. Ele ofegou e arqueou. Mas ofegar machucou sua garganta e arquear fez doer todo o resto de seu corpo. Ele tentou xingar, mas isso piorou, então, com uma queda de pálpebras, ele retrocedeu, lutando contra a sensação vertiginosa de que sua pele estava tentando explodir. Ela apertou a mão dele inerte sob sua axila enquanto ele ficava lá deitado, escutando o som hábil da massagem dela trazendo o sangue de volta ao seu membro formigante; de forma distante ele ouviu como se ela fosse fazer carne de pato para seu jantar. Ele não sentiu nada dela e, um momento depois, abriu os olhos para encontrar sua mão novamente no lençol ao seu lado, a mulher tendo partido do quarto.

Seu joelho direito foi levantado. Quando ele flexionou seus músculos, uma capa de suor surgiu de sua testa e axilas. Que diabos! Ele pensou. Ele olhou para baixo, para seu peito nu. Um remendo branco decorava sua coxa direita. Ao levantar a mão direita para explorar o curativo, uma nova dor o agarrou, desta vez centrada na mão. Ele sentia-se como se alguma garra gigante estivesse

repartindo um terrível aperto de mão. Ele usou sua mão esquerda em vez disso, explorando panos úmidos e apertados que guardavam algum segredo perto de sua virilha. Não lhe dizendo nada.

Tateando ao redor, ele encontrou um lençol colocado em sua perna esquerda, cobrindo suas partes privadas e seu umbigo. Acordar nu na cama de uma mulher não o surpreendeu, mas acordar em uma que pertencia a uma mulher como essa, com certeza!

Seus olhos vagaram quando ele ouviu sons tilintantes e domésticos ao redor da porta, e ele se perguntou quanto tempo havia passado desde que ele estava em um lugar como este. Todo o quarto parecia com um jardim de flores de uma velha! Ele não tinha dúvidas de que era o quarto dela, que, como um beija-flor, ela se encaixaria nele. Ele viu um par de retratos ao lado do buquê, em molduras ovais e um livro aberto no assento da janela baia, com a ponta de um marcador de crochê saindo das páginas. Havia uma pequena cadeira com uma almofada de agulha e uma cesta de costura no chão ao lado. Um roupeiro estava de pé contra uma parede, o tocador contra outra.

Através da porta de entrada aberta, ele viu um sofá de veludo verde no que deveria ser a sala de estar dela. Uma pequena mesa ao lado, e uma lamparina à óleo com globos de vidro branco opaco pintado com rosas . Deus, mais flores! Ele pensou. Um canto de uma janela coberta de cortina rendada e franjada. A sala de uma beata, ele pensou e perguntou-se, quando seus olhos se fecharam, como diabos ele tinha chegado aqui.

— Aqui estamos, Sr. Cameron. — Seus olhos se abriram; ele sobressaltou-se e estremeceu. — Eu preparei um caldo leve e um pouco de chá. Não é muito, mas teremos que atender sua garganta ao invés de seu apetite por um curto período de tempo. — Ela segurava uma bandeja de madeira esculpida, triângulos brancos de linho sobre as bordas.

Senhor, ele pensou, olhe isso! Provavelmente, ela costurou à mão aquelas bordas. Abraçando a bandeja contra ela, ela limpou um espaço na mesa de cabeceira. Ele ficou surpreso ao ver a bandeja marcar sua blusa contra um par de seios saudáveis e resistentes — ela se vestia como uma mulher que não queria que o mundo soubesse que ela tinha seios! Mas se houvesse uma coisa que ele sabia como encontrar, era um par de belos seios.

Seus olhos a seguiram enquanto ela cruzava para o roupeiro e encontrava um travesseiro. Quando ela se aproximou para colocá-lo debaixo de sua cabeça, ele novamente pegou à deriva aquele cheiro fresco e doce, tanto dela quanto do

travesseiro, e ele pensou nas muitas noites dormindo no chão de uma tenda de lona molhada com um cobertor mofado sobre ele como único conforto. Quando ela levantou sua cabeça, uma série de ondulações de dor correu pelos músculos do seu corpo. Automaticamente, seus olhos se fecharam e ele respirou fundo. Quando sua dor diminuiu, a voz dela voltou.

— Eu trouxe algo para refrescar sua boca. É apenas água com bicarbonato. — Um pano pressionou sua mandíbula e um copo tocou seus lábios, então ele tomou a solução salgada. — Mantenha por um minuto e deixe borbulhar. A efervescência é muito refrescante. — Ele estava muito fraco para discutir, mas a observou furtivamente quando ela trouxe o recipiente para ele cuspir. Quando saliva molhou seu queixo, ela imediatamente aplicou um pano morno e úmido e então começou a lavar todo seu rosto como se ele fosse uma criança. Ele tentou se afastar, mas doeu, então ele se submeteu. Em seguida, ela colocou um guardanapo sob seu queixo e encheu a colher, colocando a mão debaixo dela em seu caminho para a boca dele.

Ela se perguntou por que ele franziu o cenho e falou porque seus olhos quase pretos eram assustadores. — Você é um homem de sorte, Sr. Cameron. Você foi gravemente baleado e quase sangrou até a morte. Felizmente o Doutor Dougherty…

Ela continuou divagando, mas ele ouviu pouco além da afirmação de que ele havia sido baleado. Ele tentou levantar a mão direita, lembrou-se de como doía e usou a esquerda para parar a colher. Mas ele bateu na mão e a sopa derramou-se no seu queixo, escorrendo pelo pescoço. Maldição! Ele pensou, e tentou dizer isso — sem sucesso — enquanto ela alisava, limpava e esponjava com força.

— Comporte-se, Sr. Cameron. Veja a bagunça que você fez aqui!

Ela sabia perfeitamente que qualquer homem que acabasse de descobrir que ele havia sido baleado queria saber quem fez isso! Ele tinha que perguntar mesmo com essa garganta inflamada dele! Ela se concentrou em limpar o resto das manchas de sopa e, desta vez, ele agarrou-a pelo pulso, pegando o pano, também, sob seu aperto, deixando os olhos dela arregalados de choque.

— Quem atirou em mim? — Ele tentou dizer, mas a dor agrediu sua garganta de todos os ângulos, então ele falou as palavras amplamente, eeemm... irou... eeem… imm? Ela olhou para ele como se estivesse aturdida, pegou seu punho e o torceu sob seus dedos até ele sentir os ossos de passarinho se esforçando para se libertar.

— Não fui eu, Sr. Cameron — disse ela — então você não precisa me

acossar! — Seu aperto se afrouxou e ela se libertou, espantada de quão forte ele era em sua raiva. — Temo que eu desamarrei você cedo demais — ela disse com o nariz levantado de ultraje, esfregando os dedos sobre a vermelhidão, onde o aperto firme tinha marcado seu pulso.

Ele sabia pela expressão do rosto dela que ela não estava acostumada a ser maltratada. Ele realmente não tinha a intenção de assustá-la, mas ele queria algumas respostas. Ela tinha tido muito tempo para explicar tudo a ele enquanto se movia por ali com aquele travesseiro e lavando seu rosto. Ele pegou o pulso dela novamente, mas ela conseguiu se afastar. Porém ele apenas tocou o pulso para fazê-la olhar seus lábios. Quem atirou em mim? Ele formou com a boca mais uma vez.

Ela endureceu o rosto e falou: — Eu não sei! — Depois encostou a colher na sua boca, chocando-a contra seus dentes.

A colher continuou chegando mais e mais rápido mal dando tempo para ele engolir entre cada empurrão. A cadela vai me afogar, maldita seja! Ele amaldiçoou silenciosamente. Desta vez ele agarrou a colher no ar e enviou caldo de frango por toda a frente da blusa impecável dela. Ela recuou, respirou fundo e fechou os olhos como se estivesse suplicando aos deuses por paciência. As suas narinas se alargaram quando ela olhou com raiva para ele.

Ele empurrou o queixo na direção da tigela de sopa, olhando furiosamente até que ela a pegou e a segurou perto do seu queixo.

Ele descobriu enquanto estava comendo o caldo que estava quase morrendo de fome. Mas, com a mão esquerda, ele era desajeitado, então, depois de algumas tentativas ineptas, ele jogou a colher de lado, agarrou a tigela e bebeu diretamente dela, tendo prazer perverso em chocá-la.

Um bárbaro! Ela pensou. Eu tenho lutado para salvar a vida de um bárbaro! Como uma besta babante, ele continuou até a tigela estar vazia. Mas quando seu polegar se curvou sobre a tigela, ele a afastou, falando: — Quem atirou em mim? — Ela puxou a tigela obstinadamente de novo, mas, com doloroso esforço, ele puxou-a dela e jogou a tigela pelo quarto, onde se quebrou contra a base do assento da janela. Ele a atravessou com olhos furiosos. Seu rosto ficou lívido quando ele foi forçado a usar a voz que cortou sua garganta em tiras.

— Maldita seja, sua puta! Foi você! — ele murmurou.

Oh, a dor! A dor! Ele apertou a garganta enquanto ela pulava para trás, apertando as duas mãos diante dela enquanto dois pontos de cor apareciam em suas bochechas. Nunca na sua vida alguém falou com a Srta. Abigail McKenzie

dessa maneira. Pensar que ela tinha curado este... este babuíno e lutou para fazê-lo acordar, falar, apenas para ser amaldiçoada, chamada de puta, e acusada de ter atirado nele! Ela moveu a boca para um franzido desdenhoso, mas antes que ela pudesse dizer mais alguma coisa, a voz alarmada de David Melcher soou pela casa.

— Senhorita Abigail, Senhorita Abigail! Você está bem aí?

— Quem é esse! — perguntou a voz raspada.

Deu-lhe um grande prazer respondê-lo finalmente. — Esse, senhor, é o homem que atirou em você!

Antes que sua resposta pudesse se assentar, a voz voltou. — Esse animal tentou te machucar?

Ela correu, presumivelmente até o final dos degraus. — Eu estou bem, Senhor Melcher, agora volte para a cama. Acabei de ter um acidente com uma tigela de sopa.

Melcher? Quem diabos era este Melcher para chamá-lo de animal? E por que ela mentiu sobre a tigela de sopa?

Ela voltou e se ajoelhou para pegar os pedaços quebrados. Ele desejava lançar perguntas, pular e sacudi-la, fazê-la preencher os espaços em branco, mas ele estava machucado em todos os lugares agora por ter jogado a maldita tigela. Tudo o que ele podia fazer era olhar para ela enquanto ela parava ao lado da cama com uma atitude altiva.

— Blasfemar, Sr. Cameron, é uma muleta para a estupidez. Além disso, eu não sou uma puta, mas, se eu fosse, talvez eu atirasse em você para te colocar fora de sua própria miséria auto-infligida e me livrar de você. Eu, ao contrário de você, sou civilizada, então eu só vou me afastar e esperar que você sufoque até a morte! — Ela pontuou esta declaração deixando cair à porcelana quebrada na bandeja com um tinido. Mas antes de partir, ela o atormentou ainda mais, deixando cair uma última informação, justo o suficiente para despertar mil perguntas que não podiam ser formuladas no momento.

— Você foi baleado, Sr. Cameron, enquanto tentava assaltar um trem... — Ela arqueou uma sobrancelha e depois acrescentou: — Como se você não soubesse. — E com isso ela se foi.

IV

ELE APERTOU O PUNHO BOM. OH, ELA ERA UMA CADELA PRESUNÇOSA! Que trem? Eu não sou nenhum ladrão de trem! E quem é esse Melcher? Obviamente não é o marido dela. Seu protetor? Ha! Ela precisa de proteção como uma tarântula precisa se proteger.

A Senhorita Abigail estava parada em sua cozinha tremendo como um álamo alpino, olhando os fragmentos quebrados da porcelana, perguntando-se por que ela não tinha atendido o aviso do Doutor Dougherty. Nunca na sua vida tinham falado com ela dessa maneira! Ela iria tirá-lo daqui! — iria! — antes deste dia terminar, ela prometeu a si mesma.

Pressionando uma mão na testa latejante, ela considerou correr até o Doutor Dougherty e alegar enfermidade, mas, se o fizesse, ele certamente removeria o Sr. Melcher, também. Então ela se lembrou de quão desesperadamente ela precisava do dinheiro e se preparou para um longo dia á frente.

No quarto, ele desejava levantar a voz e berrar como um alce até que alguém lhe dissesse o que estava acontecendo por ali. Ele deitou em vez de suar profusamente, tendo se contorcido muito mais do que deveria. Sua perna, quadril e abaixo do estômago ardiam. Descansando a parte de trás de uma mão nos seus olhos, ele apertou os dentes contra a dor. Foi assim que ela o encontrou.

— Faz dois dias desde que...

Ele sobressaltou-se e outra dor o agarrou. Maldita seja! Ela tinha que andar dessa forma silenciosa o tempo todo?

Muito calma agora, ela começou de novo, com controle exagerado. — Eu pensei que você poderia ter que se aliviar. — Mas ela olhou para o suporte na cabeceira da cama enquanto falava.

Olhando para ela com desconfiança, ele sabia que ela o tinha impotente. Ele precisava se aliviar, mas sabia que não ia a lugar nenhum para fazer isso. Então, o que ela tinha em mente?

Com uma voz como gelo, ela emitiu ordens. — Não tente falar ou esticar sua perna de modo nenhum. Eu devo ajudá-lo a rolar de lado primeiro. — E vindo para o lado da cama, ela removeu a almofada de debaixo de seu joelho, o

abaixando com surpreendente gentileza, então pegou as pontas do lençol debaixo deixado solto de suas amarras e o rolou com ele até ele encarar a parede, ainda coberto pelo lençol de cima. Ela colocou uma tina de porcelana ao lado dele e sem mais uma palavra saiu do quarto, fechando a porta sem muito além de um clique do trinco.

Que tipo de mulher era ela? Ela saltitou para dentro carregando esse penico como se não tivesse ideia de que foi ele quem tinha apenas alguns minutos atrás quebrado sua tigela de sopa e chamando-a de puta.

A maioria das mulheres teria recusado quaisquer outros serviços apenas por despeito... mas não ela. Por que isso deveria aborrecê-lo também? Talvez porque ela parecia fraca o suficiente para ser intimidada com um olhar feroz. Talvez porque ele tentou e não funcionou.

Ela voltou para coletar o penico com a mesma cara silenciosa de antes. Eles não precisavam ter falado para informar um ao outro que eles tinham se igualado.

Ela teve a vingança perfeita por sua atitude insuportável nesta manhã: ela o deixou sozinho. A Srta. Abigail sabia perfeitamente bem que ele estava deitado ali com uma centena de perguntas sem respostas, comendo-o. Bem, então! Deixe-as comê-lo! Não é mais do que ele merece.

No quarto florido, isso foi exatamente o que estava acontecendo. Cadela! Ele pensou uma e outra vez, incapaz de gritar, perguntar qualquer coisa que ele quisesse agora era pior do que saber. Ele ferveu pelo resto do dia, preso como um maldito zangão estúpido em uma jarra de vidro, nesse insuportável jardim de flores amarelas em que ela o prendera. Uma vez ele até mesmo a ouviu cantarolando lá fora no que parecia ser a cozinha, e isso o deixou mais louco. Ela estava cantarolando enquanto ele não conseguia fazer um chiado sem pagar caro.

Muito mais tarde, ele a escutou subindo as escadas, então os dois desceram para jantar. Os fragmentos da conversa deles flutuaram pela casa tranquila, e ele ouviu o suficiente para saber que eles estavam se sentindo bem aconchegados um com o outro.

— Oh, Srta. Abigail, nastúrcios na mesa!

— Ah, quão agradável é encontrar um homem que realmente possa identificar um nastúrcio.

— Que agradável é encontrar uma mulher que ainda os cultive. — O bisbilhoteiro no quarto rolou os olhos.

— Talvez amanhã você se sinta bem o suficiente para sentar-se no quintal

enquanto eu faço um pouco de capinagem.

— Eu adoraria isso, Senhorita Abigail, eu realmente adoraria.

— Então você deve fazer isso, Sr. Melcher — ela prometeu antes de perguntar: — Você gosta de limonada fresca?

— Eu gostaria que você me chamasse de David. Sim, adoro a limonada.

— Nós poderemos ter um pouco, amanhã... no jardim?

— Ansiarei por isso.

Ela o ajudou a voltar para a cama. O homem lá embaixo os ouviu subir e um silêncio que se seguiu e pensou consigo mesmo, não, não poderia ser. Mas, de fato, poderia ser, e David Melcher beijou a Srta. Abigail apaixonadamente, e a observou partir toda corada da cor do pêssego e agitada.

Ela voltou escada abaixo de seu interlúdio agradável para enfrentar a terrível perspectiva de alimentar aquele brutamonte novamente. Ela gostaria de deixá-lo morrer de fome. Além disso, ela estava com medo de aproximar-se dele e mais receosa ainda de que aparentasse isso. Ela preparou torrada de leite para ele, e entrou no quarto armada com aquilo, pronta para jogar aquilo nele e esquivá-lo, se ele a agarrasse de novo.

— Eu trouxe torrada de leite — ela informou. Ele refletiu que ela aparentava que dizer aquilo tinha azedado sua boca.

— Bah! — Foi tudo o que ele conseguiu dizer para deixar que ela soubesse exatamente o que ele pensava da torrada de leite. — Estou faminto! — Ele formou com a boca.

— Eu desejei que você estivesse — ela disse, com a voz doce como mel, e apertou um guardanapo debaixo do queixo dele. — Fique quieto e coma.

O leite quente quase o sufocou, os pedaços de pão viscoso deslizaram por sua garganta, repulsivamente. Desse jeito, toda deglutição foi uma tortura. Ele se perguntou exatamente o que tinha estado em sua boca para fazê-la doer dessa maneira, mas parecia que ela ainda estava irritadiça e não lhe diria nada.

Eles se olharam mutuamente de forma ameaçadora. Ele, esperando a oportunidade de fazer perguntas, ela, pronta para pular à segurança no primeiro sinal de brutalidade. Ela dificilmente podia suportar a visão dele e achava que o único bem em alimentá-lo era que ele não podia falar. E, como ele não estava de modo algum preparado para conduzir uma conversa digna, ela o deixou a marinar. Ela colocou sua cozinha de volta em ordem e se viu exausta. Infelizmente, todas as coisas que usava pela noite estavam em seu quarto e a última coisa que ela queria era entrar lá de novo. Então, ela inventou uma

desculpa: um gargarejo.

Antes de entrar, ela caminhou na ponta dos pés até a entrada, olhou para dentro, reunindo sua coragem. Ele encarava a janela, os músculos do maxilar tensionando-se repetidamente. Ah, então ele ainda está com raiva, ela pensou. Sua barba cresceu novamente, escurecendo todo o seu rosto. Estudando o beiço, que ela tinha deliberadamente desnudado, estremeceu ao pensar sobre o que aconteceria quando ele descobrisse a perda do bigode. Ela queria que ele, por favor... por favor, se apressasse e crescesse de novo!

Ela atravessou silenciosamente o limiar, seu estômago rolando com apreensão.

— Você está pronto para agir de forma civilizada? — ela perguntou. Ele girou a cabeça e apertou seu punho bom. Então ele fez uma careta de dor.

Maldito andar silencioso! Ele pensou. — Você está tentando me matar com negligência? — Ele sussurrou estridentemente e pressionou uma mão em seu abdômen — ou apenas deixar aquela viscosa torrada de leite fazer o trabalho por você?

O pensamento dos cálidos elogios de David Melcher tornou sua voz ainda mais frígida quando ela respondeu: — Eu tentei ensinar-lhe uma lição, mas, aparentemente, eu falhei. — Ela se virou para sair.

— Não... espere! — Ele falou com a voz raspada pela rouquidão.

— Esperar, Sr. Cameron? Pelo que? Ser insultada e amaldiçoada e ter minhas posses destruídas como reembolso por te trazer comida?

— Você chama aquela porcaria de comida? Eu estou meio morto de fome e você me traz caldo e torrada de leite, então tira sua bunda daqui sem nada além de um bem feito! Eu estive aqui esperando algumas respostas por quem diabos sabe quanto tempo, então mantenha seus ossos onde eles estão, madame!

Apavorada pela repentina rudeza, ela tentou nivelá-lo com um pouco de calma, e superioridade sarcástica.

— Ora, ora! Que extenso vocabulário você nutre, Sr. Cameron. Porcaria... bunda... ossos... falando como um verdadeiro erudito. — Ela lançou-lhe um olhar de desprezo, então endureceu a espinha e tentou dar a impressão de que ela estava tomando as rédeas, embora ela se sentisse muito menos convencida do que ela soou.

— Se você quiser respostas para quaisquer questões, pare de xingar, senhor, trate-me com respeito e pare de emitir ordens! Eu emitirei ordens se houver a necessidade de alguma ser emitida, entendeu? Você acabou por estar sob meus

cuidados e, apesar do quão desprezível você é, eu estou empenhada em cuidar de você. Mas eu não, repito, eu não, tenho que aceitar a sua grosseria ou o seu abuso. Agora, devo partir ou você vai consentir?

Ele sacudiu o queixo uma vez, deu-lhe um olhar mirrado e sussurrou algo que soou como — Sheece! — Então, com uma voz raspada, ele cedeu: — Entre, Beata Certinha, e eu vou tentar controlar meu temperamento.

— É melhor você fazer mais do que tentar, senhor. — Ela podia dizer senhor da maneira mais cortante que ele já ouviu, considerando aquela doce voz que ela tinha.

— Sim, senhora — ele respondeu, dando-lhe uma dose de sua própria língua ferina.

— Muito bem. Eu fiz um gargarejo para aliviar sua garganta. Se você usar isso, tenho certeza que vai lhe oferecer algum alívio de manhã. — Mas ela hesitou, além do alcance dele, como se ainda estivesse insegura com ele. Ele considerou piscar para ela apenas para vê-la saltar, mas acenou em vez, concordando em dispensar seus modos rudes.

Ela se aproximou — Aqui, apenas gargareje, não engula. — Ela o ajudou a beber de lado. Ele sugou metade do conteúdo para dentro de sua boca, mas acabou cuspindo.

— Que tipo de mijo é esse!

— Senhor Cameron! — Ela sibilou, puxando a blusa da pele.

Ele realmente não pretendia sujá-la dessa vez. Afinal, ele queria que suas perguntas fossem respondidas, mesmo que ele tivesse que ficar na linha para conseguir isso.

— Desculpe — ele sussurrou com insinceridade.

Isso pareceu apaziguá-la momentaneamente, pois ela empurrou o copo em sua direção e ele fez uma careta, engoliu e gargarejou enquanto ela tinha grande prazer em informá-lo: — É um remédio antigo de vinagre, sal e pimenta vermelha da minha avó.

Desta vez, ele acertou na tigela, mas ele não pôde evitar engulhar.

— Enxague! — Ela ordenou imperiosamente, entregando-lhe um outro copo. Ele olhou-o com desconfiança, finalmente pegando. Mas desta vez foi água.

— O que diabos aconteceu na minha garganta? — Ele conseguiu dizer.

— Como eu disse, havia objetos estranhos nela enquanto você estava inconsciente. Deverá parecer melhor amanhã. Eu apreciaria se você mantivesse

suas rudezas para si mesmo.

— Não é o suficiente eu ser baleado... eu também tenho que me engasgar. Isso faria com que qualquer homem amaldiçoasse. E qual é o problema com essa mão?

— A mão que você usa para atirar? — Ela perguntou docemente, insinuando uma culpa nele com a única sobrancelha arqueada dela.

Ele franziu o cenho, fazendo vincos ameaçadores alinharem sua testa.

— Eu suponho que alguém tenha maltratado-a na briga, já que tem a marca perfeita de um calcanhar no dorso.

— Dói como o inferno.

— Sim, deve, pelo aspecto. Mas então você trouxe tudo isso para si mesmo ao roubar aquele trem.

— Eu não roubei nenhum maldito trem! — Ele sussurrou com ferocidade. Do outro lado do quarto, onde ela estava tirando coisas de uma cômoda, suas costas ficaram rígidas como uma vareta. Era óbvio para a Senhorita Abigail que xingamentos fluíam de seus lábios mais prontamente do que o sangue de sua ferida. Seria difícil tentar atingi-lo com sua linguagem civilizada. Mas havia outras farpas com as quais admoestá-lo.

— Então, por que o Sr. Melcher está deitado no andar de cima neste momento, ferido por você, e por que ele prestou uma queixa legal contra você pelo dano que você cometeu?

— Quem é esse Melcher?

— O homem em que você atirou... e quem atirou em você.

— O que!

— Vocês dois saíram carregados do trem, aqui em Stuart's Junction, e há um vagão cheio de testemunhas para provar que você tentou roubar os passageiros da R.M.R. e ele tentou detê-lo. Na briga, vocês dois se balearam.

Ele não podia acreditar, mas aparentemente ela sim, e alguns outros nesta cidade, também, aparentemente. Pelo menos ele sabia onde ele estava agora.

— Então, eu estou em Stuart's Junction.

— Sim.

— E eu sou o vilão?

— Naturalmente — ela concordou com aquele olhar insolente.

— E este Melcher é o herói da cidade, eu presumo.

Isto ela se recusou a responder.

— E por quê você teve a honra de cuidar de nós... Senhorita Abigail, certo?

Ela desconsiderou seu tom sarcástico ao responder — Eu me voluntariei. A R.M.R. está me pagando e eu preciso do dinheiro.

— A R.M.R. está pagando você!

— Isso mesmo.

— Esta cidade não tem um médico?

— Sim, o Doutor Dougherty. E você provavelmente vai vê-lo de novo amanhã. Ele não veio hoje, então acredito que ele tenha sido requisitado no campo. Você pode guardar o resto de suas perguntas para ele. Eu estou extremamente fatigada. Boa noite, Sr. Cameron. — Ela saiu com a cabeça alta como uma girafa, cortando o resto de suas indagações, e ele ficou furioso de novo.

Ele tinha visto algumas mulheres de coração frio na sua vida, mas esta superava todas elas. É rígida! Ela era tão rígida que ele achava que ela iria se inclinar no canto de algum lugar lá fora e ir dormir. Boa noite, Sr. Cameron, meu ovo! Meu nome não é Cameron, mas você não me deu a chance de dizer. Apenas chegou aqui se pavoneando, lançando ordens para todos os lados como uma víbora que se aproveita de machucar um homem só porque ele é um. Oh, eu vi o seu tipo antes, envolvida em espartilho tão apertado que parece que você tem indigestão permanente.

Ainda assim, pelo que ele tinha ouvido da conversa entre ela e este Melcher, ele se perguntou se Melcher tinha feito milagrosamente um pouco de seu sangue fluir. Então, olhando para seu próprio quadril nu, ele se perguntou qual tinha sido a reação da velha víbora ao ter ele esparramado nu em sua cama. Se não fosse doer tanto, ele teria rido. Não, ele decidiu, ela é tão fria como o sangue de um sapo, aquela mulher. Ele deitou para conspirar como ele se vingaria dela por encerrá-lo assim.

Na escuridão, surgiu um leve sussurro. Ele supôs que ela estava trocando de roupa no salão. Ele meio que esperava ouvir uma explosão quando aquele espartilho fosse desapertado.

Havia quartos vagos no andar de cima, é claro. Mas, de alguma forma, a Srta. Abigail pensou que seria menos apropriado para ela ir dormir lá em cima, agora que ela e David Melcher estavam se dando tão bem.

Seria muito melhor para ela ficar aqui no sofá do salão. É verdade que o formidável Cameron estava do outro lado da parede, mas o antagonismo entre eles tornava este arranjo aceitável. Afinal, atualmente ela deixara de se importar se ele vivia ou morria.

Ela acordou e estremeceu e esticou o pescoço tenso, consciente de que algo a despertou. Era tarde da noite — nenhum som de pássaro chegava através das janelas, apenas um gelado relento, entrando junto com o ar carregado de orvalho.

— Senhorita Abigail...

Ela ouviu seu nome ser sussurrado roucamente e soube que ele estava chamando-a, e inconscientemente ela verificou os botões no pescoço de sua camisola.

— Senhorita Abigail? — ele sussurrou de novo, e desta vez ela não hesitou, nem mesmo pelo tempo suficiente para acender uma lamparina.

Ela andou com segurança através da escura, casa familiar, até o lado da cama.

— Senhorita Abigail? — ele fracamente falou.

— Sim, eu estou aqui, Sr. Cameron.

— Está... está pior. Você pode me ajudar?

— Eu devo dar uma olhada. — Algo disse a ela que ele não estava fingindo, e ela acendeu a lamparina rapidamente para achar os olhos dele fechados, o lençol chutado completamente para longe dele. Ela o colocou no lugar e começou a remover as bandagens e o cataplasma.

— Querido Deus — ela exalou quando o odor assaltou suas narinas. — Querido Deus, não. — A borda do ferimento de bala tinha ficado da cor de um cinzento sujo, e o fedor de putrefação fez tudo menos nocauteá-la. — Eu devo ir buscar o Doutor Dougherty — ela gemeu em uma voz estrangulada de desespero, então saiu correndo.

Descalça ela correu, a sempre apropriada, sempre melindrosa Senhorita Abigail McKenzie, negligenciou o orvalho que molhava a bainha da camisola, deslizando os pés no cascalho afiado. Com o cabelo voando descontroladamente, ela tomou a direção da Front Street para a casa do Doutor. Mas ela sabia, mesmo quando atacou sua porta da frente, que ele não estava em casa. Ele não tinha vindo ver os homens esta noite, o que significava que ele poderia estar dormindo em um celeiro abandonado com um cavalo doente ou fazendo o parto de um bebê em uma casa de campo a vários quilômetros de distância. Correndo de volta para casa, ela alternadamente se amaldiçoou e rezou, vasculhando sua mente em busca de respostas para questões que ela nunca tinha perguntado ao Doutor Dougherty, nunca acreditando que ela teria que saber. Ela nunca deveria ter permitido que a raiva se sobreposse ao bom senso. Mas foi justamente isso o que ela fez hoje. Aquele homem tinha deixado ela tão irada que ela não pôde

suportar o pensamento de checar aqueles cataplasmas para ver se eles precisavam serem trocados. Oh, por que ela não tinha feito isso, apesar de sua raiva? Sua mãe sempre tinha dito, "A raiva serve a nenhum propósito além da nublação de julgamento", e agora ela sabia exatamente o que aquilo significava.

Ela saltou os degraus da frente, camisola levantada acima dos joelhos, suspirando ao chegar ao pé da cama. Ele descansava sobre ela com os olhos fechados, respirando muito superficialmente e audivelmente para ser um sinal de boa saúde. Esqueceria agora sua raiva dele, seu medo dele. Tudo o que ela sabia agora era que deveria fazer tudo o que pudesse para salvar a vida dele. Ela caiu de joelhos para puxar e vasculhar um baú de cedro no pé da cama, procurando um livro muito gasto que tinha cruzado as pradarias em um vagão conestoga com seus avós anos atrás.

Ele continha curas para seres humanos e animais, e ela desesperadamente esperava que ele tivesse respostas para ela agora.

Ele se moveu inquieto enquanto seus frenéticos dedos examinavam as páginas. — Onde está o doutor? — Ele sussurrou roucamente.

Ela voou para o lado dele.

— Shh... — ela o acalmou. Com os olhos ardendo, cabelos espalhados em todas as direções, ela revirou as páginas, lendo fragmentos em voz alta antes de finalmente encontrar o remédio. Então ela se aproximou da porta, lançando o livro para o lado, murmurando: — Carvão e fermento, carvão e fermento — como uma ladainha.

Ele vagou por um longo tempo em uma espécie de devaneio pacífico, do qual ele estava curiosamente alheio, ainda que de alguma forma consciente de seus arredores. Ele ouviu tampas ressoando, ouviu-a exclamar: — Ouch! — E ele sorriu, perguntando o que ela tinha feito para se machucar, uma mulher tão cuidadosa como ela. Alguns sons de vidro tinindo, tecido rasgando, água sendo derramada. Ela parecia flutuar, braços e mãos carregados. Mas ele foi retirado de seu bem-aventurado estado de inércia quando ela começou a limpar sua ferida.

— Eu sinto muito, Sr. Cameron, mas eu tenho que fazer isto.

Ele tentou alcançá-la para combater suas mãos.

— Por favor, não lute comigo — ela implorou. — Por favor. Não tenho tempo para amarrar você de novo. — Ele emitiu um intenso, longo e raspado gemido, e ela apertou os dentes e mordeu a parte interna de sua bochecha. Ele apertou o lençol com sua mão boa enquanto com a outra bateu languidamente contra o colchão. Ela removeu a carne inútil e morta, engolindo o vômito na

parte de trás da garganta, limpando a testa com o dorso de uma mão.

Lágrimas se formaram em seus olhos, vazaram pelos cantos enquanto ela banhava as feridas com desinfetante, e então sussurrou: — Estou quase acabando, Sr. Cameron. — Ela sentiu a mão dele se aproximar de seu peito e pensou estupidamente em como ele estava usando sua mão maltratada e que ele não deveria estar. Ainda assim, ela o deixou agarrar um punhado da frente de sua camisola e puxá-la para perto de sua boca.

— Meu nome não é Cameron. É Jesse — ele grunhiu.

— Jesse, o quê? — ela sussurrou.

Mas ele derivou para o esquecimento então, seu aperto afrouxando, seus lábios ficando imóveis, perto dos dela.

Tornou-se uma coisa pessoal então, recusar-se a deixá-lo morrer. Ela misturou fermento quente e úmido com restos de carvão, formando a mistura que esperava que o deixaria vivo, enquanto sentia pela segunda vez aquela obstinada vontade de impedir a morte de outro ser humano. O que ele era e como ele a tratou tornou-se insignificante contra o fato de que ele era carne e sangue. Teimosamente, ela prometeu que ele viveria.

Se a noite anterior tinha sido difícil, o restante desta foi um horror.

O livro dizia para manter os cataplasmas quentes, então ela fez dois, correndo para a cozinha para reaquecê-los. O fogo ficou fraco e ela caminhou pesadamente para fora para buscar mais lenha. Ainda assim os cataplasmas esfriavam muito rápido, então ela os cobriu com emplastros de mostarda, a única coisa que sabia que reteria o calor. Mas eles precisavam ser trocados frequentemente, então, em vez de atá-los, ela sentava e pressionava-os levemente no lugar com a mão. Muitas vezes, ele estremecia espasmodicamente ou se debatia furiosamente, e quando seus gemidos a levaram a voltar voando da cozinha, ela molhou seus lábios com um pano úmido, espremendo uma torrente de água dentro da boca dele, massageando sua garganta, tentando fazê-lo engolir. Às vezes, ela dizia seu nome, o novo nome — Jesse — encorajando-o a lutar com ela.

— Vamos, Jesse — ela sussurrou com ferocidade. — Vamos, me ajude!

Ela não sabia se ele a ouvia.

— Não morra sobre mim agora, Jesse, não agora que chegamos tão longe. — Ele se debateu, delirando ferozmente, e ela lutou contra ele, descarregando o que ela pensou ser o último resquício de suas forças nele para mantê-lo imóvel. Ele resmungou imperceptivelmente.

Ela argumentou com intensa urgência: — Lute comigo, Jesse. Eu sei que você é um lutador. Lute comigo agora!

Mas mesmo se ele não lutasse, ela poderia lutar por mais tempo. E ela lutou por muito tempo depois até não ter certeza de saber o que ela estava dizendo ou quem ela era ou quem ele era ou onde eles estavam.

Quando a inconsciência a alcançou, ela nunca soube.

V

O SR. MELCHER ESTAVA EXTREMAMENTE FELIZ NA MANHÃ SEGUINTE. Seu dedo do pé quase não doía, então ele decidiu surpreender a Srta. Abigail ao descer para o café da manhã sozinho. A casa estava anormalmente silenciosa enquanto ele descia as escadas. Do último degrau ele olhou para a entrada do quarto orientado na direção do salão da frente. Ele foi repelido pelo pensamento de aquele criminoso dormia sob o mesmo teto que ele e a Srta. Abigail, mas ele teve um desejo de esgueirar-se para dar uma olhada no homem, no entanto. Seria algo para dizer aos garotos do Elysian Club ao voltar, qual era a aparência daquele assaltante depois dele ter derrotado ele.

Mas ele não esperava a visão chocante que o cumprimentou quando ele passou sua cabeça cuidadosamente arrumada pelo batente da porta!

Ali estava o ladrão ferido, mas o homem não tinha absolutamente nenhum pedaço de roupa, salvo suas ataduras. Ele estava ali debruçado, nu e cabeludo, uma perna coberta por um par de travesseiros, a outra esparramada lascivamente de lado, apoiada na curva do estômago de uma mulher. Ela ocupava a metade inferior da cama, seu vestido erguido até a metade das coxas, com os pés pendurados, junto aos dele, dentro da distância entre os suportes da cama. Seu rosto estava perto do quadril dele, mas enterrado sob uma confusa bagunça de cabelo em que os dedos do homem estavam enroscados. Mas o pior de tudo: a rameira tinha um braço esticado pelas coxas peludas do brutamonte, a palma de sua mão perigosamente perto dos órgãos genitais do homem!

Pela aparência dela, nada disso era surpreendente. A puta estava uma bagunça. A sola de seus pés estava imunda, seu vestido igualmente, maculado com manchas ocre e cinza; os punhos de renda encardidos com o que parecia ser fuligem. Suas mãos não pareciam melhor do que o resto dela, as unhas incrustadas, os dedos com necessidade de serem esfregados, os de sua mão esquerda envolvidos em um pedaço de gaze suja, como se ela tivesse estado em uma briga de saloon.

Como o homem conseguiu ter a mulher aqui assim era um mistério, mas a Srta. Abigail ficaria chocada até o núcleo dela ao testemunhar tal espetáculo!

Naquele momento, o homem se contorceu inquieto e murmurou algo incoerente. A mulher saiu de seu sono profundo apenas o suficiente para suspirar, aproximar-se do curativo e murmurar: — Fique quieto, Jesse. — Então, sua mão caiu no joelho dele enquanto ela se aconchegava contra sua perna comprida e nua, virando o rosto.

— É você, Abbie? — ele murmurou, os olhos ainda estavam fechados.

— Sim, Jesse, sou eu, agora volte a dormir.

Ele suspirou, então um ruído suave soou enquanto sua mão relaxava nos cabelos dela. E logo a respiração rítmica dela juntou-se a dele enquanto um horrorizado David Melcher se arrastava silenciosamente para voltar ao quarto.

A cena permaneceu fixa em sua mente durante os horríveis dias que se seguiram, durante as tardes agridoces no jardim da Senhorita Abigail, quando desejava pedir explicações, mas temia que não houvesse boas. Seu ciúme cresceu, porque ela passava a maior parte do tempo com o fora da lei, que se recuperava no ritmo de um caracol. Houve momentos em que David passeou pela casa e olhou para dentro do quarto do ladrão, nutrindo seu ódio pelo homem que não só o tinha mutilado, mas roubado a maior alegria de sua vida. O coxear de David parecia permanente agora, e isso prejudicava sua auto-estima, fazendo-o acreditar que nenhuma mulher poderia achá-lo atraente. Ele observava o cuidado com o qual a Srta. Abigail atendia o homem, embora ele tenha estado drogado com láudano para seu próprio bem, e cada minuto que ela passava naquele quarto do andar de baixo era um minuto do qual David sentia-se furtado de sua atenção.

A Senhorita Abigail ficou intrigada com seu afastamento. Ela desejava que ele a beijasse de novo, para animar sua disposição cansada no final de um árduo dia, mas ele não fez. O dedo do pé de David parecia completamente curado e ela temia o pensamento de que ele poderia partir sem nunca mais voltar. Quando ela tentava agradá-lo com pequenos favores, ele agradecia consideravelmente, mas seus velhos elogios faziam parte do passado.

Depois que o Doutor finalmente deu as ordens para parar com o láudano, Jesse acordou numa manhã ensolarada, fraco, mas faminto como um urso, e impressionado por encontrar-se ainda vivo. Ele flexionou seus músculos, achou-os rígidos e doloridos devido ao desuso, mas aquelas dores moedoras desapareceram. Ele ouviu vozes da cozinha e lembrou-se do homem que o colocou aqui, perguntou-se por quantos dias ele ficou inconsciente.

Ele não ouviu tanto como um passo, mas de alguma forma soube que ela

estava ali na entrada. Ele se virou do estudo das árvores da janela para encontrá-la observando-o sem nenhum vestígio de seu antigo antagonismo.

Ela parecia tão pura como uma folha de primavera em uma saia de floresta verde e uma blusa de gramado branco, seu cabelo castanho atado cuidadosamente em um coque na base de seu pescoço, sua pele fresca e aveludada. E ele viu pela primeira vez como um sorriso poderia transformar seu rosto.

— Então você conseguiu — ela disse calmamente.

Ele a estudou por um momento. — Consegui. — Suavemente, ele acrescentou: — Venha aqui.

Ela pausou incerta, depois se dirigiu lentamente para o lado da cama.

— Você esteve ocupada? — Ele sorriu para ela de forma torta.

— Um pouco — veio sua resposta suave.

Ele ergueu um braço, pegou-a pelas saias de floresta verde e audaciosamente acariciou suas nádegas, dizendo: — Acho que estou em dívida com você. — Não era nada que Jesse não tinha feito a centenas de mulheres centenas de vezes, mas foi apenas pela sorte da Srta. Abigail que ele escolheu aquele preciso momento para fazer isso, pois o som de suas vozes trouxe David Melcher para a soleira da porta.

O sangue inundou seu rosto antes dele comentar com secura: — Bem, bem...

A Senhorita Abigail congelou, horrorizada, desamparada. Aconteceu tão rápido. Ela se contorceu, mas Jesse apenas firmou mais seu agarre e falou pausadamente com um sorriso torto: — Sr. Melcher, nosso herói vingador, eu presumo?

— Você não tem decência! — David sibilou.

Implacável, Jesse apenas virou o sorriso para Abbie enquanto ela lutava para se soltar do agarre dele. — Nenhuma, não é, Abbie?

— Abbie, é? — Retrucou o indignado David, quando ela finalmente conseguiu se livrar do agarre de Jesse, seus olhos no homem na soleira.

— Isto... isto não é o que parece — ela implorou a David.

— Sim, é — Jesse brincou, desfrutando intensamente do desconforto de Melcher, mas a Srta. Abigail girou para Jesse, todo o seu veneno retornado em pleno vigor.

— Cale-se! — Ela espetou, as pequenas mãos apertadas em punhos raivosos.

David deu à dupla um olhar mordaz. — Esta é a segunda vez que te

encontrei com ele no... no que eu chamaria de p... posição comprometedora — ele acusou.

— A segunda vez! Sobre o que você está falando? Ora, eu nunca...

— Eu vi você, Senhorita Abigail, enrolada ao lado dele com a mão no... — Mas ele franziu a boca de repente, incapaz de continuar.

— Você é um mentiroso! — exclamou Abigail, as mãos agora em seus quadris.

— Bem, Abbie — Jesse se meteu — houve aqueles pares de noites... — Ela rodopiou na direção dele, faíscas parecendo voar de seus olhos.

— Eu ficarei agradecida se você fechar sua boca desprezível, Sr... seja lá qual for o seu nome!

— Você o chamou de Jesse enquanto dormia — declarou David.

— Enquanto... — Ela não entendeu. Jesse apenas sorriu, desfrutando de tudo.

— Eu pensei que você era uma dama. Que tolo eu fui — Melker desdenhou.

— Eu nunca fiz nada do que você insinuou. Nunca!

— Mesmo? Então, onde você esteve naquela noite se não esteve rolando na grama? Seu vestido, seus pés, suas mãos...

Ela se lembrou de tudo com grande clareza, as juntas feridas porque ela se queimou com brasas de carvão quando ela foi coletar carvão, seus pés e vestido sujos por correr para a casa do Doutor.

— Ele estava inconsciente, e a gangrena havia se instalado. Eu fui buscar o Doutor Dougherty.

— Ah é? Não me lembro do médico ter vindo naquela noite.

— Bem, ele não... quero dizer, ele não estava em casa, então eu tive que tratar de Jesse, o Sr. Cameron, quero dizer, da melhor forma que pude.

— Você parece ter tratado ele com mais do que um cataplasma de mostarda — acusou David.

— Mas eu...

— Guarde suas explicações para alguém que vai comprá-las, Senhorita McKenzie.

Ela estava tão pálida quanto um lençol a esta altura e apertando as mãos para fazê-las parar de tremer.

— Eu acho melhor você ir, Sr. Melcher — ela disse calmamente.

Um músculo saltou em sua mandíbula enquanto ele a olhava, tão imóvel e erguida ao lado do homem sorridente.

— Sim, acho que é melhor — ele concordou, agora calmamente, também, e se afastou do quarto. Ele subiu as escadas para reunir as coisas com um coração pesado. Quando ele voltou para o andar de baixo, ela estava parada na sala de estar, a dor em seu coração bem escondida enquanto encarava-o.

— Eu não tenho sapatos — ele disse melancolicamente.

— Você pode usar os chinelos de papai e pedir a alguém que os devolva quando eles trouxerem sua valise. — As mãos dela se enlaçaram apertadamente quando seus olhos se encontraram, depois se afastaram.

— Senhorita Abigail, eu... — Ele engoliu em seco. — Talvez eu tenha sido precipitado.

— Sim, talvez você tenha sido — ela disse em um tom cortante, muito magoada para se suavizar.

Ele coxeou até a porta de tela e cada passo esmagou uma pétala de uma flor frágil que floresceu dentro dela desde que ele chegou aqui. Ele abriu a porta, e a mão dela instintivamente se ergueu em sua direção. — Você... — Ele se virou e ela retraiu a mão culpada. — Você pode pegar uma das bengalas de papai. Não há necessidade de devolvê-la.

Ele pegou uma do suporte de sombrinha, olhou tristemente para ela e disse: — Eu lamento muito. — Ela desejava atravessar a sala, enlaçar um braço entre o dele e dizer: "É um grande erro. Fique e vamos consertar as coisas. Fique e vamos tomar uma limonada no jardim. Eu também sinto muito." Mas o orgulho a manteve distante. Ele se virou e coxeou para longe.

Ela o observou até que ele virou uma esquina e esteve perdido para ela. Ele era um homem gentil e um cavalheiro, e ambos os atributos elevaram as esperanças da solteirona Senhorita Abigail, mas essas esperanças estavam firmemente desfeitas agora.

Não haveria limonada no jardim, nenhum suave, par de sapatos da cidade chegando para dizer a ela que ele estava pensando nela. Só haveria suas tardes tranquilas de jardinagem e seus crepúsculos passados com os sonetos. O que eu fiz para merecer isso? Ela pensou dolorosamente. Não fiz nada além de salvar a vida de um fora da lei.

Como se fosse uma deixa, a voz dele soou, clara e ressonante. — Abbie?

Impossível acreditar em como uma única palavra poderia deixar uma pessoa tão irritada.

— Não há ninguém aqui com esse nome! — Ela explodiu, limpando uma lágrima errante.

— Abbie, por favor — ele adulou, mais alto desta vez.

Ela desejava poder enfiar um garfo na garganta dele e incapacitá-lo novamente! Ela o ignorou e foi fazer suas tarefas matinais na cozinha.

— Abbie! — Ele chamou depois de vários minutos, sua voz mais firme e impaciente. Mas ela continuou com suas tarefas, aproveitando o prazer extremo de ignorá-lo. Ódio instalou-se na sua garganta como uma espinha de peixe.

— Maldição, Abbie! Venha aqui!

Ela se encolheu com a profanidade, mas jurou que ele nunca a colocaria novamente em desvantagem. Dois podiam jogar este jogo ladino, e ela não era boa demais para tentar igualar o que ele havia feito. Ela calmamente ignorou seus chamados até que finalmente, com uma voz cheia de raiva, ele berrou.

— Senhorita Abigail, se você não vier aqui neste minuto, eu vou mijar toda a sua imaculada cama branca!

Amedrontada, corada, mas acreditando em todas as palavras que ele falou, ela pegou a comadre e correu. — Nem tente! — Ela gritou e atirou a comadre pela soleira da porta. Ela caiu sobre seu joelho bom com um retumbante pamm-m-m, mas ela se foi antes que as reverberações terminassem. Em sua vigília, ela o ouviu silvar algo sobre uma víbora perversa.

Horrorizada e tremendo, ela sabia que agravara a situação, pois teria que voltar lá e pegar o objeto e — Oh! Ele estava tão bravo de novo! Talvez ela não devia ter lançado aquilo, mas ele mereceu isso, e merecia pior. Ele teria merecido que estivesse cheio! Ela pressionou as mãos nas bochechas. O que eu estou pensando? Ele está me transformando no mesmo tipo de bárbaro malvado que ele é. Eu devo me controlar, me firmar. Eu vou me livrar dele assim que puder, mas até que eu consiga, nivelarei meu temperamento, como mamãe sempre me advertiu que devo, e de alguma forma esmagarei esse desejo de vingança. Ela estava sob controle cuidadoso quando voltou a entrar em seu quarto e falou com frio desdém.

— Eu sugiro, senhor, que, durante a duração da sua convalescença, nós formemos uma trégua. Eu gostaria de ver você bem e no seu caminho de novo, mas simplesmente não posso tolerar sua hostilidade.

— Minha hostilidade! Eu mereço demonstrar hostilidade! Primeiro, fui baleado por aquele... aquele tolo por algo que eu não fiz, depois torturado por uma mulher que me golpeou nos dentes com a colher, se recusa a me dizer onde eu estou ou porque, me chama pelo nome de outra pessoa, me amarra ao poste da cama e se esconde de mim quando preciso de uma comadre! Senhora, você

fala sobre hostilidade, eu já demonstrei muita, e tenho ainda mais de onde ela veio!

Os gritos dele maltrataram seus nervos, mas ela escondeu isso cuidadosamente, ironizando: — Eu vejo que você recuperou o uso total de suas cordas vocais.

Sua alta e poderosa atitude o fez gritar ainda mais alto — Esteja malditamente certa disso!

Os olhos dela se contraíram.

— Eu não permito palavrões nesta casa — ela rangeu.

— O inferno que obedecerei você! — ele rugiu.

— Quão corajoso você é quando você grita como um louco. — E, finalmente, ele começou a esfriar. Usando sua melhor dicção, seus tons mais serenos e seu vocabulário explícito, ela estabeleceu a lei enquanto o fazia se sentir acanhado. — Primeiramente, senhor, você deve entender que eu não sou obrigada a aceitar você me chamando por termos tão familiares e depreciativos como Abigail, Abbie ou... ou senhora. Você vai me chamar de Srta. Abigail e eu o chamarei pelo seu sobrenome, se você gentilmente me dizer qual é.

— O inferno que eu direi.

Quão fácil ele conseguia acabar com a importância da etiqueta e fazê-la se sentir a única errada.

— Qual o problema em me chamar de Jesse? — ele perguntou agora. — É o meu nome. Você estava tão ansiosa para eu dizê-lo quando pensou que eu não conseguiria.

— Sim, por causa da sua lápide — ela disse com satisfação.

Inesperadamente, ele sorriu afetadamente. — Agora, eu nunca vou te contar o resto.

Ela virou o rosto rapidamente, temendo que ela pudesse sorrir.

— Por favor, não podemos parar essa briga e resolver nossa disputa?

— Podemos, maldição. Só me chame de Jesse, Senhorita Abigail. — Uma vez que ele disse, ela desejou que ele não tivesse dito, não daquele jeito! Ele era o homem mais irritante que já conhecera.

— Muito bem, se você não me disser seu sobrenome, continuarei chamando você de Cameron. Eu me acostumei, de qualquer forma. No entanto, se você persistir em usar rudezas como fez anteriormente, nós não nos entenderemos. Eu agradeceria se você temperasse sua língua.

— Minha língua não é de se temperar com muita facilidade. Não é preciso

na maioria dos lugares que eu vou.

— Isso já se tornou muito óbvio. No entanto, acho que nenhum de nós gostou de ser juntado dessa maneira, mas, visto que fomos, devemos dar o nosso melhor.

Mais uma vez, ele considerou suas palavras, analisando seu modo de falar altivo e aquela sobrancelha pretenciosa que constantemente picava seu desejo de irritá-la.

— Você vai me envenenar com mais de uma suas poções que prepara para pistoleiros impertinentes? — ele perguntou maliciosamente.

— Você provou esta manhã, sem dúvida, que você não precisa disso — ela respondeu, seus ouvidos ainda zunindo da tirada dele.

— Nesse caso, aceito sua trégua, Senhorita Abigail. — E com isso, a tensão pareceu diminuir um pouco.

Ela foi até a janela baia e abriu-a para o ar da manhã. — Este quarto está com um cheiro nauseabundo. Ele e você precisam de uma completa arejada e limpeza. Você ficou tão fétido quanto sua roupa de cama — ela terminou, de costas para ele enquanto mexia nas cortinas sobre suas hastes.

— Ora, ora, Senhorita Abigail, agora quem está provocando?

Aquele "ora ora" soava absurdo vindo de um homem como ele. Ela não tinha certeza se poderia lidar com seu novo senso de humor.

— Eu só queria dizer que pensei que você poderia apreciar um banho, senhor. Se você prefere ficar deitado em seu próprio eflúvio, eu felizmente o deixarei. — Até agora ele sabia que ela soltava suas palavras de alta classe sempre que ficava nervosa. Era divertido vê-la se ruborizar daquela maneira, então ele continuou provocando.

— Você está propondo me dar um banho enquanto eu repouso nu nessa cama? — Ele ofegou com aflita zombaria e puxou o lençol como uma espécie de virgem tímida.

Virando, ela fez tudo o que podia fazer para não rir dele naquela pose ridícula. Ela lançou-lhe um olhar de desafio puro e declarou em termos inequívocos: — Eu fiz isso antes... eu posso fazer isso de novo.

Suas grossas sobrancelhas negras se elevaram de surpresa. — Você fez isso antes! — Ele empurrou o lençol, logo abaixo do umbigo. — Bem, então... — Ele falou pausadamente, relaxando com sua mão boa embalando sua cabeça.

Quando ela saiu girando do quarto, ele ficou deitado sorrindo, perguntando-se se ela realmente lhe daria uma limpeza minuciosa. Seu sorriso cresceu.

Inferno, eu estou disposto se você estiver, Abbie, ele pensou, e isso o deixou com o melhor humor que ele desfrutou desde que caiu nesta cama florida dela.

Quando ela voltou, ele a viu rolar as mangas para cima, pensando, Ah, a dama desnudou os pulsos para mim finalmente. Ele sabia que ele tinha acertado em sua opinião dela. Ela era virtuosa até o ponto do fanatismo, e ele não conseguia descobrir como ela iria lidar com essa situação e sair tão inocente como antes de começar. Ele se divertiu imensamente, convencido como estava, deitado de costas esperando o desconforto dela começar.

Ela tinha mãos muito delicadas que pareciam incapazes de administrar o trabalho. Mas, alguns minutos depois, ela teve um pano oleado debaixo dele tão rápido, que ele nem mesmo se lembrava de levantar-se para que ele deslizasse no lugar. Ele se submeteu complacentemente, levantando o queixo, virando a cabeça, levantando o braço com o comando. Ele tinha que admitir, ela realmente sabia como dar a um homem um banho de cama decente. A sensação era malditamente boa. Ele não pôde acreditar quando ela subiu ao lado dele para alcançar o lado esquerdo. Mas ela fez isso, por Jeová! Ela fez! E elevou um novo respeito rancoroso nele.

— Agora que nós fizemos uma trégua, talvez você me diga por que você começou a me chamar de Cameron — ele disse enquanto ela o ensaboava.

— Eu pensei que você estava acordado e coerente naquela primeira vez que você falou. Eu perguntei seu nome e você disse "Mike Cameron". Eu ouvi, ou de preferência, vi isso, distintamente.

Ele relembrou e subitamente riu. — Eu não disse Mike Cameron, eu disse "minha câmera", mas no momento parecia que alguém estava secando seu couro em volta do meu pescoço, então talvez não tenha saído muito claro — Ele olhou em volta. — Por sinal, onde está?

— Onde está o quê? — Ela continuou a lavagem, ajoelhando-se a seu lado.

— Minha câmera.

— Câmera? — Ela olhou para cima duvidosamente. — Você realmente perdeu uma câmera e você acha que eu sei onde está?

Ele ergueu uma sobrancelha sardônica. — Bem, você não sabe?

Ela tinha estado lavando seu lado. O pano na mão dela descansava quase no seu quadril agora, o lençol ainda o cobrindo de lá para baixo. Ela olhou para ele e disse secamente: — Acredite, Sr. Cameron, eu não achei uma câmera em você... em qualquer lugar. — Isso saiu antes que ela pudesse controlar, e a Srta. Abigail ficou mortificada pelo que disse. Seus olhos assustados encontraram os

dele, depois desviaram-se quando ela começou a trabalhar com intensidade renovada.

— Ora, Senhorita Abigail, que vergonha — ele disse, sorrindo para a cor em suas bochechas. Mas ele estava sinceramente preocupado com seu equipamento. — Uma câmera e chapas ocupam muito espaço. O que poderia ter acontecido com eles? — ele perguntou. — E eu estava segurando meus apetrechos fotográficos. Onde estão?

— Tenho certeza de que não sei do que você está falando. Você foi trazido para mim justo como você está, senhor, e ninguém disse nada sobre nenhuma câmera ou chapas. Você acha que estou escondendo-os de você? Levante o braço, por favor.

Ele ergueu o braço enquanto ela esfregava seu comprimento, incluindo a axila.

— Bem, eles devem estar em algum lugar. Ninguém os tirou do trem? — Ela começou a enxaguar o sabão do braço.

— As únicas coisas que eles tiraram daquele trem foram você, Sr. Melcher, e a valise dele. Tenho certeza de que ninguém esperava que um ladrão carregasse uma câmera. — A pequena inclinação ascendente de sua sobrancelha contou a ele quão absurda ela achava que era sua pequena fábula. — Diga-me, senhor, o que um fora da lei faz com uma câmera? — Ela o olhou diretamente nos olhos, perguntando-se sobre o que ele inventaria.

Ele não conseguiu resistir. — Tira fotos de suas vítimas mortas para seu álbum de recortes. — Seu sorriso maligno encontrou o olhar horrorizado dela.

— Isso, Sr. Cameron, nem sequer é remotamente engraçado! — Ela retrucou bruscamente, de repente esfregou com mais força.

— Ouch! Se acalme! Eu sou um convalescente, você sabe.

— Por favor, não me lembre — ela disse amargamente.

Seu tom tornou-se conversacional. — Você não acreditaria em mim de qualquer maneira, sobre minha câmera, então não me incomodarei em dizer. Você preferiria pensar que eu estava alegremente roubando trens, então você pode se sentir justificada em... — sua voz levantou alguns decibéis enquanto ele continuava — ... esfolar minha pele em vez de apenas esfregá-la! Ouch, eu disse! Você não sabe o que ouch significa, mulher? — Ele acariciou os nós dos dedos. Mas ele quase podia ouvir os ossos se encolherem no pescoço dela, ela se endureceu muito rápido.

— Não me chame de mulher!

Ela apanhou a mão dele e começou a secá-la bruscamente.

— Por quê? Você não é? — Suas mãos ficaram quietas, pois ele pegou sua mão, toalha e tudo, e estava segurando-a em seus longos e escuros dedos. Seu coração palpitou em pânico. Ela olhou para seus olhos escuros examinando-a com uma intensidade que a alarmou.

— Não para você — ela respondeu rigidamente, libertou a mão e logo saltou da cama.

Algo indefinível havia mudado entre eles naquele instante quando ele agarrou sua mão. Agora eles estavam quietos enquanto ela procedia com a lavagem da sua perna direita. Ela esfregou o comprimento dela, trabalhando cautelosamente na área perto da ferida. Uma vez ele arqueou o peito e afundou com força a cabeça no travesseiro com uma rápida exalação de dor.

— Está curando, não importa qual seja a sensação.

Mas ela ainda estava chateada com seus comentários anteriores. Ela estava trabalhando rapidamente em direção ao seu pé com uma espuma fresca quando ele olhou para ela e perguntou calmamente: — Você é para o velho Melcher?

A cabeça dela ergueu-se. — O que?

— Uma mulher. Você é uma mulher para o velho Melcher?

Mas seu tempo foi mal escolhido. Ela o tinha pela perna ruim e não foi muito gentil ao soltá-la, com espuma e tudo. Ele apertou os dentes e ofegou, mas ela ficou de pé com uma expressão ultrajada no rosto, com as mãos presas nos quadris de seu avental manchado de umidade, com os olhos brilhantes.

— Você não cometeu danos suficientes onde o Sr. Melcher está concernido sem empurrar meu nariz nisso? Ele é um cavalheiro... mas então você não saberia nada sobre cavalheiros, saberia? Satisfaz seu ego saber que você conseguiu fazer com que eu o perdesse também?

A perna dele doía como o inferno agora e uma linha branca apareceu ao redor de seus lábios, mas ela teve pouca simpatia. Quanto mais ela poderia ter dele?

— Se ele é tal cavalheiro, por que você o expulsou? — Jesse respondeu.

A boca dela franziu-se e ela jogou o pano na tigela, enviando água salpicando pelo rosto dele, o chão e o travesseiro. Ele deu um coice, gritando para sua figura em retirada: — Ei, aonde você vai? Você ainda não terminou!

— Você tem uma boa mão, sente e use-a! — E as saias desapareceram ao redor da porta. Ele olhou para o pé com sabão.

— Mas o que eu vou fazer com o sabão?

— Por que você não tenta lavar a boca com ele, o que sua mãe deveria ter feito há anos!

O sabão estava começando a coçar. — Não deixe este sabão em mim!

— Sinta-se afortunado de eu ter concordado em lavar tanto de você!

Ele afundou o punho bom no colchão e gritou com toda a força de seus pulmões: — Volte para cá, sua víbora!

Mas ela não voltou, e o sabão permaneceu até que a coceira se tornou insuportável e ele foi forçado a se inclinar dolorosamente para remover a maior parte, depois secar o pé e a panturrilha com os lençóis.

Quando a Srta. Abigail saiu da casa, ela bateu a porta de tela com mais força do que já tinha feito em sua vida.

Ela esmurrou os degraus de trás como um soldado Hessian, pensando, Eu não posso ficar na mesma casa que esse monstro! Ninguém que a conhecia conseguiu irritá-la como ele. De pé na sombra da tília, olhando para o jardim, ela desejou um retorno da tranquilidade à sua vida. Mas nem mesmo a coroa de suas flores de linho podiam acalmá-la hoje. Ela se perguntou como ela iria suportar esse odioso homem até que ele estivesse bem o suficiente para sair daqui por conta própria. Ele era a criatura mais rude que já havia encontrado. Ela quase teve que rir agora com a memória do Doutor, preocupado com suas "delicadas sensibilidades". Se ao menos ele soubesse como aquelas sensibilidades haviam sido ultrajadas pelo homem que ela livremente permitiu entrar em sua casa.

A mãe e o pai da Srta. Abigail foram pessoas com modos impecáveis. Amaldiçoar e se enraivecer tinham sido elementos estranhos à sua vida. Ela sempre foi ensinada a esconder a raiva porque ela não era uma emoção gentil. Mas o Sr. Cameron conseguia suscitar mais do que apenas sua raiva. Ela estava ferida pela culpa, tudo o que ela tinha feito — reteve uma comadre de um inválido, depois jogou-a sobre ele, depois abusou de sua perna, causando dor intencional e saiu de casa batendo a porta como uma criança petulante. Ora, ela até mesmo fez um comentário imperdoável! A lembrança disso escaldou suas bochechas inclusive agora.

Mas aquele que causou tudo isso não permitiu que ela escapasse, nem mesmo aqui fora em seu jardim. A voz dele rebitou pelo ainda ar de verão, corroendo-a mais uma vez.

— Senhorita Abigail, a ferrovia te paga, só por meio trabalho? Onde está o meu café da manhã? — ele provocou.

Oh, típico desse homem fazer demandas a ela! Ela não desejava nada mais, além de deixá-lo morrer de fome e ficar aqui fora. Criatura odiosa! Mas ela estava presa em uma armadilha de sua própria criação. Tudo o que ela podia fazer era reunir seus modos de dama ao redor dela como um manto enquanto voltava á cozinha para preparar a refeição dele.

Quando ela entrou com a bandeja, a primeira coisa que ele notou foi que não havia um guardanapo de linho como antes.

— O que? Eu não mereço flores como o velho Melcher?

— Como você sabia... — ela disse antes que pudesse pensar; ele riu.

— Sons se transportam em sua casa. Isso é um verdadeiro rubor que vejo na bochecha desta mulher? Ora, ora, eu me pergunto se o velho Melcher sabia que ele tinha o que é preciso para colocar isso aí. Ele certamente não parecia como se ele soubesse. — O jeito que ele disse "velho Melcher" fez com que ela quisesse golpeá-lo!

— Lembra-se da nossa trégua, senhor? — ela disse com rigidez.

— Eu só me perguntei por que eu não tenho a mesma consideração por aqui — ele se queixou com falsa consternação.

— Você queria comida, senhor. Eu trouxe comida para você. Você quer ficar aí deitado e tagarelando durante toda a manhã ou comê-la?

— Depende do que você escolheu para me envenenar dessa vez.

Não ajudou seu temperamento recordar todos os comentários calorosos e apreciativos que o Sr. Melcher fez sobre sua comida. Ela trouxe um travesseiro para içar a cabeça do diabo negro, desejando que ela pudesse usá-lo para sufocá-lo. O pensamento deve ter se refletido em seu rosto, pois ele a observou cautelosamente enquanto ela espalhava um pano no seu peito e pegava a colher. O vislumbre em seu olhar avisou-lhe que seria melhor ela não acertar os preciosos e brilhantes dentes dele!

— Você preferiria fazer isso sozinho? — ela perguntou bruscamente.

— Não, isso não funcionaria quando eu tenho que ficar nesta posição. Além disso, eu sei como você gosta de fazer isso por mim, Senhorita Abigail. — Um sorriso lento começou a surgir no canto de sua boca. — O que é essa coisa?

— Essa... coisa... é caldo de carne.

— Você está determinada a me matar de fome? — Ele perguntou com aquele tom horrível e provocador que ela achava mais ofensivo do que o seu beligerante.

— Esta noite na hora do jantar, você pode ter algo mais pesado, mas por

enquanto, é apenas um caldo e um ovo escalfado.

— Formidável. — Ele fez uma careta.

— Você pode considerá-lo ótimo quando você provar o que se seguirá a seu café da manhã.

— E o que vai ser?

— Eu vou preparar uma decocção de bálsamo de Gileade, e enquanto você pode achar bastante amargo, tenha certeza de que é muito fortificante para uma das suas debilidades. — Ele considerou isso enquanto ela lhe dava mais algumas colheradas de caldo, evitando cuidadosamente seus dentes.

— Você consegue falar como as outras pessoas, Senhorita Abigail? — ele perguntou então.

Imediatamente ela soube que ele estava tentando irritá-la novamente. — Há algo de errado com a maneira como eu falo?

— Não há nada de errado. Isso é o que há de errado nisso. Você nunca fala simples, como: "Eu misturei alguns remédios e isso o tornará mais forte"?

Ela não conseguiu deixar de se lembrar de como David Melcher comparou seu discurso a um soneto. Um leve rubor chegou ao seu rosto com essa mais nova crítica injusta. Ela sempre se orgulhava de sua alfabetização e começou a se afastar para encobrir a dor de ser criticada por isso agora. Mas ele agarrou seu pulso.

— Ei, Srta. Abigail, por que você não fica um pouquinho flexível? — Ele perguntou, e naquela vez a provocação parecia estar ausente de sua voz.

— Você já conseguiu me ver... flexível... como você apontou, Sr. Cameron. Você conseguiu me irritar, me fazer perder a paciência, gritar como uma peixeira e mais. Eu asseguro que eu não ajo assim. Eu sou uma pessoa civilizada e minha maneira de falar reflete isso, eu espero. Você me incitou de inúmeras maneiras, mas não acho motivo para esse novo assalto. Você pretende torcer novamente essa colher do meu pulso?

— Não... não, eu não pretendo — ele respondeu suavemente, mas tampouco a soltou. Em vez disso, ele segurou-a frouxamente, restringindo-a e bem dentro do círculo de seus dedos longos e escuros, enquanto os olhos cor de avelã olharam de sua mão para seus olhos e de volta. Ele balançou-a suavemente; a mão se sacudiu, dizendo-lhe que ele não estava prestes a tentar restringi-la à sua força superior. — Mas você é mais crível quando está irritada e impaciente e gritando. Por que você não fica assim mais frequentemente? Eu não me importaria.

Surpreendida, ela escapou facilmente de seu aperto.

— Coma seus ovos. — Ele abriu a boca e ela colocou uma colherada dentro.

— Essas coisas são viscosas.

— São, não são? — ela concordou, como se estivesse radiante. — Mas eles vão construir sua força, e quanto mais rápido você ficar forte, mais cedo eu vou me livrar de você, então eu pretendo cuidar de você de agora em diante. Quando você terminar o seu café da manhã, eu vou andar pela cidade até chegar na loja de alimentos do Sr. Field para comprar sementes de flor de linho para um cataplasma. A semente de flor de linho curará essa ferida tão rápido quanto qualquer coisa pode, mas não tão rápido para me satisfazer.

— Que tal alguma coisa para essa mão dolorida também? Deve haver algo quebrado aqui porque dói como o inferno. — Ela deu-lhe um olhar afiado. — Bem, dói. Não me interprete mal, Srta. Abigail. Eu resplandeço positivamente com seus cuidados, mas com duas boas mãos eu posso ter uma livre para você segurar.

— Guarde seu conselho mal-refletido para alguém que vai apreciá-lo.

Jesse estava começando a apreciá-la cada vez mais. Ela tinha uma língua cáustica, que ele gostava, e se ela sabia ou não, ela não tinha um mau senso de humor. Se ele pudesse levá-la a flexibilizar aquela couraça conservadora e aqueles ideais conservadores apenas um pouco, ela poderia ser quase humana, ele pensou. O café da manhã realmente não tinha sido tão ruim depois de tudo.

— Ah — disse ele. — Mais uma coisa antes de você sair. Que tal um barbear?

Pareceu que ela havia acabado de engolir uma joaninha.

— Não há... pressa, há? — Ela de repente ficou inquieta. — Quer dizer, sua barba está crescendo desde que você ficou inconsciente. O que mais algumas horas importarão? — Ele esfregou o queixo e ela prendeu a respiração, sentindo-se repentinamente enjoada. Mas foi-lhe dada uma suspensão temporária, pois a mão dele parou sua investigação antes de chegar ao lábio superior. Subitamente, ela pareceu ansiosa para sair da casa. — Eu vou fazer para você a decocção de bálsamo de Gileade, então irei até a loja de alimentos, e você pode... bem, você pode descansar enquanto eu vou estou fora... e...

— Vá... vá, se você quiser. — Ele fez sinal para ela ir em direção à porta, intrigado por seu nervosismo repentino, que era tão atípico dela. Quando ela voltou um minuto depois com o bálsamo de Gilead, ele deu as boas-vindas e o engoliu. Era vil.

— Bluhhh... — ele grunhiu, fechando os olhos, tremendo, despregando a língua do céu da boca. Normalmente, sua careta de descontentamento teria sido tudo o que precisava para deixar a Srta. Abigail feliz, mas ela estava muito preocupada com o bigode dele para se regozijar.

Ela se preocupou com isso durante todo o caminho até a cidade.

A janela baia encarava o sul, com vislumbres do leste e oeste. Ele a viu enquanto ela passava pela estrada, ereta e apropriada, e ele não podia acreditar que ela colocou um chapéu e luvas em um dia quente de junho como este.

Ela era uma coisa, a Srta. Abigail. A mulher tinha formalismo em tudo, desde seus calções até sua espinha dorsal, e era divertido tentar fazê-la explodir. Ela passou de sua limitada visão e ele pensou em outras coisas.

Ele se perguntou se eles tinham encontrado a câmera e os apetrechos em Rockwell, no final da linha. Se tiverem ficado no trem, a tripulação em Rockwell provavelmente os teria por agora e já teriam deixado Jim Hudson saber que eles haviam chegado sem Jesse. Jim viria falar com ele mais cedo ou mais tarde.

Um golpe na porta afastou Jesse de seus pensamentos. — Entre! — ele falou. O homem que apareceu era atarracado, com pouco cabelo e respiração ofegante, mas sorridente. Ele levantou sua maleta por meio de introdução.

— Cleveland Dougherty é o nome, mais conhecido simplesmente como Doutor por aqui. Como você está, garoto? Você parece mais vivo do que pensei em vê-lo novamente.

Jesse gostou dele instantaneamente. — Aquela mulher é teimosa demais para me deixar morrer.

O Doutor rugiu a gargalhadas, já percebendo que o homem tinha classificado a Senhorita Abigail com bastante precisão.

— Abigail? Ela é assim mesmo. Você teve muita sorte dela ter se voluntariado para cuidar de você. Ninguém mais na cidade quis, você sabe.

— Assim eu soube.

— Você estava péssimo quando te tiramos do trem. Tudo o que resta de suas coisas é essa camisa e botas. Tivemos que cortar as suas calças, é claro. E acho que isso também pertence a você. — O Doutor levantou uma pistola, sustentando-a na mão enquanto ele olhava com as sobrancelhas baixas o homem na cama. — Claro que está descarregada — ele disse mordazmente. Então, como se o assunto tivesse sido totalmente lapidado e resolvido, o Doutor atirou a arma na cama.

— Eu acho que você pode colocar minhas botas e camisa debaixo da cama

— disse Jesse. — Dessa forma, não vamos desordenar a casa da Senhorita Abigail.

— Parece que você já conhece suas maneiras, hein? Onde ela está por sinal?

— Ela foi "andar pela cidade" para chegar na loja de alimentos. — Ele conseguiu falar do mesmo jeito que ela teria dito.

— Eu vejo que você já sentiu a chicotada de língua da Senhorita Abigail — o Doutor disse, rindo novamente. — O que raios ela está fazendo lá?

— Ela disse que iria comprar sementes de flor de linho para um cataplasma.

— Isso parece com a Srta. Abigail. Ela tem mais curas na manga do que uma galinha tem piolhos. Vejamos aqui o que ela fez com você. — Ele levantou o lençol e achou a ferida parecendo surpreendentemente saudável. — Eu teria jurado que a melhor forma em que você sairia disso seria perdendo a perna para a gangrena, por como parecia. Mas ela inventou uma mistura de carvão e fermento que purificou o ferimento e continuou trabalhando na superfície. Isso parece ter salvado sua vida, rapaz, ou pelo menos sua perna.

— Mas eu ouvi que você fez a cirurgia primeiro. Eu acho que eu devo a você por me tratar quando me arrastaram para fora daquele trem. Eles disseram que eu estava roubando-o e isso poderia fazer alguns homens hesitarem em me remendar.

— Alguns homens, talvez. Até mesmo alguns homens por aqui. Mas não somos todos assim. Ah... qual é o seu nome mesmo? — Jesse gostou da linguagem do homem e do fato de que ele parecia não se importar se era um assaltante de trem ou outra pessoa quem ele salvava.

— Apenas me chame de Jesse.

— Bem, Jesse, acho que um homem tem direito ao tratamento médico primeiro e um julgamento depois.

— Um julgamento?

— Bem, há conversas por aí. Claro, há uma abundância devido à maneira como você apareceu por aqui.

— Causei um alvoroço, não foi?

— Alvoroço não é a palavra para isso. Toda a maldita cidade se reuniu no meu gramado para levantar objeções para mim sobre tomar você como paciente. Isso me enervou ferozmente, deixe-me dizer-lhe! Ainda assim, é natural que as pessoas estivessem nervosas sobre ter você sob seus telhados, considerando as circunstâncias. Você dificilmente pode culpá-los de certa forma.

— Ainda assim, a Srta. Abigail encarou tudo isso?

— Ela certamente encarou. Marchou no meio daquela multidão, fria como uma salada de pepino, e disse a toda à cidade que ela estava disposta a tomar conta de você, de ambos! Deixou todos se sentindo um pouco envergonhados, sendo o que ela é e tudo mais.

— E o que seria, Doutor?

— Você quer dizer que você não sabe?

— Bem, eu tenho uma ideia bastante justa, mas eu gostaria de ouvir sua versão.

— Eu posso te dizer, mas não é nada que você não saiba depois de passar algum tempo com ela. Tenho certeza de que você adivinhou que ela não é uma qualquer. A Srta. Abigail é mais ou menos o modelo da cidade. — O Doutor coçou a cabeça pensativamente, tentando achar uma maneira de descrever como todos se sentiam sobre ela. — Quero dizer, se você quiser ver exatamente o que uma dama apropriada deve ser, você a mede contra a Srta. Abigail, porque ela é a dama mais apropriada que a cidade já viu. Você quer saber como uma filha devotada deve agir, você a mede contra a Srta. Abigail, depois do modo que ela cuidou do seu velho pai nos últimos anos. Há algumas mulheres nesta cidade que poderiam tirar uma lição dela ao manter o nariz fora dos assuntos de outras pessoas também. Oh, ela é exatamente o que ela aparenta, não se engane com isso, toda uma dama. Eu acho que é por isso que as pessoas da cidade ficaram bastante surpresas que ela aceitasse cuidar de um pistoleiro. — Aquela palavra poderia ter inflamado as coisas, mas o Doutor tinha uma maneira de dizer isso como se não fosse importante para ele.

— Ela já esteve casada? — Jesse perguntou.

— A Senhorita Abigail? Não... — Então, recordando, o Doutor acrescentou: — Agora espere um minuto. Ela quase casou uma vez. Um frequentador de saloon ele era, nunca consegui ver os dois juntos. Mas, pelo o que eu me lembro, ele a cortejou apropriadamente até o momento em que seu pai ficou doente. Parece que ele não estava disposto a assumir um velho acamado junto com sua noiva, então ele a deixou. Você sabe, ao longo dos anos, uma pessoa esquece essas coisas. Ela era diferente então, é claro. Mas é difícil pensar na Senhorita Abigail como qualquer outra coisa, exceto uma dama solteira. Acho que é por isso que ficamos tão surpresos quando ela aceitou cuidar de você. — o Doutor levantou os olhos. — Como ela está indo?

— Dedicada como uma parteira.

— Isso também seria típico dela. Ela é assim, você sabe. Quando ela assume

uma responsabilidade, ela está preparada para administrá-la, venha o inferno ou o dilúvio. Ela desistiu da melhor parte da sua juventude ao cuidar de seu pai, e no momento em que ele morreu, todos nós acreditávamos que ela se tornaria a velha solteirona da cidade. Algumas pessoas acharam que ela ficou um pouco insolente, mas então você não pode culpá-la. Inferno, quem não iria, sendo tão jovem quando todos os seus vizinhos te rotularam de uma solteirona? Ah, em todo caso, todos agradeceríamos se você lhe desse o devido respeito.

— Você tem minha palavra sobre isso. Oh, e Doutor, você poderia verificar essa minha mão?

O Doutor anunciou que a mão estava apenas machucada, e resumiu suas conclusões. — Bem, você está curando rápido, graças a ela, mas não force. Progrida aos poucos. Tente sentar-se amanhã, mas não mais do que isso. Eu diria, pelo seu aspecto, que você estará andando lentamente até o final da semana. Apenas não exagere.

Jesse sorriu e assentiu, gostando do homem mais do que nunca conforme o Doutor esteve se preparando para partir.

— Doutor?

— Sim?

— E sobre o camarada Melcher?

— Eu me perguntei quando você perguntaria sobre ele. — o Doutor podia ver agora as primeiras linhas duras no rosto de Jesse desde que ele entrou no quarto. — Parece que ele está saindo da cidade hoje. Foi para a estação e comprou um bilhete para Denver no trem da tarde. Sabia que você amputou um dedo dele ao atirar nele?

— Eu ouvi.

— Ele provavelmente vai coxear pelo resto de sua vida. Muitos motivos para uma ação judicial, hein?

— Me perdoe por não estar subjugado pela culpa — disse Jesse com um tom amargo em sua voz. — Olhe o que ele quase fez comigo!

— Por aqui, isso não vai contar muito, penso. Você vê, você é o vilão, ele é o herói.

Estranho, mas mesmo nessas palavras francas, Jesse não sentiu nenhuma crítica vinda do Doutor. À medida que os dois se entreolhavam, houve mútua aprovação silenciosa.

— Diga a Srta. Abigail que eu vou tentar estar por perto se ela precisar de mim novamente, mas não acho que ela irá.

— Obrigado, Doutor.

O Doutor parou na entrada, virou uma última vez, e disse: — Agradeça a Srta. Abigail. Ela é a pessoa que o manteve vivo. — Então ele se foi.

Jesse estava pensando em tudo o que o Doutor havia lhe dito, tentando imaginar uma jovem e vibrante Senhorita Abigail cortejada por um ardente pretendente, mas a imagem não encaixava. A imagem dela cuidando de um pai doente parecia muito mais credível. Ele se perguntou quantos anos ela tinha, adivinhando que ela tinha trinta ou quase. Mas seu porte e ações a faziam parecer muito mais velha, amarga e bolorenta. Imaginá-la com um marido e filhos parecia ridículo. Ela pareceria uma intrusa nesse papel, com os dedos pegajosos de uma criança puxando seu avental impecável ou admirando uma torta de lama trazida para sua aprovação. Nem ele poderia imaginar ela gemendo em êxtase sob um homem.

Mas, como a mudança de visualização em um estereoscópio, veio à imagem da Senhorita Abigail como tinha estado naquela noite lutando por sua vida, cabelos e vestidos e pele uma bagunça, inclinando-se sobre ele, implorando, exortando-o a lutar com ela. Quão intensa ela tinha sido então, cheia de fogo e dedicação, tão diferente do caráter formal que ela geralmente exsudava. Aquelas duas facetas simplesmente não se encaixavam. Mas de acordo com o Doutor Dougherty, ele devia sua vida a ela. Ele sentiu uma picada de desconforto, pensando em como ela havia sido rejeitada por aquele outro homem há tantos anos, só porque aceitou a responsabilidade de cuidar de um homem doente, e agora o mesmo aconteceu de novo e por culpa dele. A culpa era uma coisa nova para Jesse. Ainda assim, ele decidiu que ele devia algo a ela e que suavizaria sua língua porque ela perdeu seu namorado por causa dele.

Mas certamente sentirei falta de provocá-la, ele pensou. Sim, certamente sentirei falta disso.

VI

DURANTE TODO O CAMINHO DE VOLTA PARA CASA, a Senhorita Abigail, sabia que ela não podia evitar barbeá-lo por mais tempo. Ele estava obrigado a descobrir, mais cedo ou mais tarde, que ela o tosquiou, se ele já não tivesse descoberto! Ela teve a intenção de passar por essa provação ao mesmo tempo em que lhe dava banho, mas ele a irritou tanto que ela simplesmente não pôde enfrentar isso. Oh, se não houvesse a necessidade de passar por isso. Ele simplesmente ia explodir quando descobrisse sobre o bigode, e agora que ela sabia o quão volátil ele era, o pensamento a fez tremer.

— Estou em casa — ela anunciou da soleira da porta do quarto, surpreendendo-o, como de costume. Como uma mulher poderia se mover através de uma casa sem fazer um som, o desconcertava.

— Hum.

Com um suspiro de alívio por ele ainda não ter feito a descoberta, ela entrou no quarto, puxando as luvas brancas de suas mãos conforme foi na direção do espelho. Ele ficou surpreso ao descobrir que estava feliz por ela estar de volta.

— E você trouxe sua semente de flor de linho? — ele perguntou, observando seu perfil enquanto ela levantava os braços acima da cabeça e removia o alfinete de chapéu de filigrana ornamentado. Ele notou novamente que ela tinha seios generosos. Suas engomadas blusas usuais dissimulavam o fato, mas daquele ângulo, e com os braços levantados daquela maneira, eles ressaltavam, entregando-se.

— De fato, sim — disse ela, virando-se. — E alguns limões frescos para uma bebida refrescante.

Ele engoliu uma cortante observação sobre Melcher e perguntou em vez disso: — Você trouxe uma cerveja para mim?

Ela se azedou. — Seus dias de ebriosidade estão pausados temporariamente. A limonada terá que servir enquanto você está aqui. — Ele a entendia agora, a forma como sua provocação a fez arrancar uma palavra pretensiosa de sua ampla provisão e usá-la para derrubá-lo. Ebriosidade! Mas, novamente, sua nova aceitação o impediu de provocar, e ele concordou agradavelmente: — Na

verdade, a limonada servirá muito bem, Senhorita Abigail.

Ela ficou ali no centro do quarto, se sentindo mal por algum motivo que ela não conseguia definir, e a brisa inconstante vindo da janela aberta capturou sua saia, fazendo-a se elevar diante dela. Ela pegou o chapéu e o usou para abaixar a saia novamente, o gesto muito juvenil e encantador, fazendo com que ele se perguntasse novamente como ela foi quando menina.

— Eu... eu vou barbear você agora, se você quiser. — Seus olhos evitaram os dele, e ela mexeu distraidamente com as margaridas em seu chapéu. Ele esfregou o queixo enquanto o coração dela pulava na garganta.

— Eu provavelmente pareço um urso-pardo — ele arriscou, sorrindo.

— Sim — ela concordou bem fracamente, pensando, E você provavelmente irá agir como um a qualquer minuto, também. — Eu irei aquecer a água e pegar as coisas necessárias.

Ela saiu do quarto para alimentar o fogo, depois encontrou panos limpos e o copo antigo de seu pai e escova. Ela estava alcançando a bacia quando a voz dele rugiu do outro cômodo.

— Senhorita Abigail, traga seu traseiro aqui e rápido! — Ela se endireitou como se a ponta da bota dele lhe tivesse dado um pouco de ímpeto, então fechou os olhos para contar até dez, mas antes de terminar, ele estava gritando de novo. — Senhorita Abigail... agora!

Ele havia esquecido sua promessa de ser agradável com ela. Ela apareceu segurando a bacia como um escudo diante dela.

— Sim, Sr. Cameron? — ela quase sussurrou.

— Não venha com "sim, Sr. Cameron" para mim! — ele rugiu. — Onde diabos está meu bigode?

— Ele se foi — ela chiou.

— Acabei de descobrir o fato. E quem é responsável por isso?

— Responsável? Não vejo por que você coloca isso dessa...

— Eu vou colocar isso da maneira que eu malditamente bem quiser, sua intrometida... — Ele estava tão bravo que ele não confiava em si mesmo para chamá-la de um nome, não sabendo o que poderia sair. — Quem no inferno deu-lhe permissão para me barbear?

— Eu não precisava de permissão. Estou sendo paga para cuidar de você.

— Você chama isso de cuidar de mim! — Seus olhos negros e penetrantes não tinham suavidade nas manchas avelãs agora. — Eu suponho que você pensou enquanto você estava mudando tudo por aqui, lençóis, comadres,

bandagens, que você também poderia mudar aquele que estava a usar tudo isso. Bem, você extrapolou! Me ouviu, mulher? Extrapolou!

Embora ela tenha se retraído diante de sua ira, ela não estava disposta a ter alguém falando com ela dessa maneira. — Você está gritando comigo e eu não gosto disso. Por favor, baixe sua voz. — Mas seu próprio controle pareceu apenas elevar o temperamento e volume dele.

— Oh, Deus — ele implorou ao teto — me salve desta fêmea! — Então ele olhou para ela. — Você decidiu que o grande e malvado ladrão de trem precisava de uma lição, é isso? Suponho que você escolheu fazer isso dessa forma. Ou você o raspou apenas por despeito porque é masculino? Oh, eu entendo, Srta. Abigail. Já vi seu tipo antes. Qualquer coisa masculina é uma ameaça para você, não é? Qualquer coisa que chega perto de virilidade seca você até você chiar quando anda. Bem, você escolheu o homem errado para satisfazer a sua vingança puritana, você me ouviu, mulher? Você pagará muito caro por isso!

A Senhorita Abigail estava de rosto vermelho, horrorizada por ele ter chegado tão perto da verdade.

— Estou pagando por isso, suportando parada o seu abuso e suas blasfêmias, que eu não mereço.

— Você quer falar sobre merecer? Eu mereço isso? — Ele fez um gesto de desgosto assinalando a perna ferida. — Ou isto? — Ele apontou para o lábio superior. Ela ficou novamente impressionada com o fato de que ele parecia muito nu e não natural sem o cabelo facial.

— Talvez eu tenha agido precipitadamente — ela começou, ainda tremendo, mas disposta a comprometer-se agora com uma espécie de desculpa, mesmo se fosse apenas para silenciá-lo. Ele soltou um bufo ridículo e ficou lá deitado encarando o teto. — Se isso te faz se sentir melhor — disse ela — eu sinto muito pelo que fiz.

— Acredite ou não, isso não me faz sentir nem um pouco melhor. — Então ele continuou em um tom ferido — Por que diabos você fez isso? Isso estava incomodando você?

— Parecia sujo e lhe dava a aparência de um típico fora da lei. — Então, sua voz se iluminou visivelmente. — Ora, você não sabe que alguns dos mais famosos foras da lei da história tiveram bigodes?

— Mesmo? — Ele ergueu a cabeça um pouco para olhar para ela. — E quantos de nós você conheceu?

— Você é o único — ela respondeu hesitantemente.

— Eu sou o único.

— Sim — ela disse com muita humildade.

— E você me barbeou para não parecer com os outros, hein?

A Senhorita Abigail, que sempre teve tal controle, chegou muito perto de choramingar. — Na verdade, n... não. Bem, não... quero dizer, ele é muito problemático quando... bem, quando você está comendo. Quero dizer... bem, ele faz cócegas.

A cabeça dele saiu do travesseiro. — É o que!

— Nada! — ela estalou. — Nada!

— Faz cócegas?

Mortificada por sua língua traiçoeira, ela foi forçada a expor. — Sim, quando eu estava alimentando você. — Isso trouxe a cabeça dele ainda mais para frente.

— Você gostaria de explicar isso, Srta. Abigail? — Mas ela ficou tão vermelha que ele quase sentiu o cheiro do amido escorrendo do colarinho dela enquanto ela girava saindo do quarto. Enquanto ela reunia suas coisas de barbear, ele ficou deitado considerando. Uma noção louca tomou conta dele, e sendo um homem apreciador de mulheres, inchou seu ego considerável e esfriou sua raiva um pouco. Mas o bom senso lhe dizia que não poderia ser verdade, não da espigada Senhorita Abigail! Ainda assim, a noção ganhou credibilidade quando ela voltou, pois ela estava nervosa como uma gata no tempo de ser barulhenta, mexendo naquelas coisas de barbear, evitando seus olhos e, obviamente, muito desconfortável.

Ela sentiu os olhos dele seguindo-a com um brilho ferino, mas ela se endureceu e aproximou-se, derramou água quente no copo e se ocupou da espuma. Mas quando ela se moveu em direção ao rosto dele, seus olhos negros detinham uma advertência.

— Eu mesmo vou fazer isso — ele protestou, e agarrou a escova ensaboada da mão dela. — Apenas segure o espelho — ele ordenou. Mas uma vez que ele deu uma olhada no seu rosto nu, ele ficou novamente desgostoso. — Maldição, Abbie, é quase como se você tivesse mudado também a forma do meu nariz. Um bigode é a parte de um homem que ele não se sente o mesmo sem. — Ele conseguiu soar bastante ferido agora. Olhando para o espelho, ele sacudiu a cabeça com tristeza para o seu próprio reflexo, e começou a passar a espuma como se quisesse cobrir o que via.

À medida que as suíças pretas ficavam cobertas de branco, ele pareceu menos

temível, então ela admitiu: — Eu soube disso assim que eu o raspei. Desculpe. — Ela parecia genuinamente contrita, então ele parou de escovar o sabão em suas mandíbulas e se virou para estudá-la. Ela manteve os olhos no espelho, mas disse: — Eu... eu descobri que eu gosto muito mais de você com ele. — Temendo que ela voltasse a dizer o que era errado e lhe desse munições, ela se atreveu a espiá-lo. Mas seu cenho franzido havia desaparecido e, surpreendentemente, também a maior parte da raiva em sua voz.

— Vai crescer de volta.

Algo lhe disse que o pior já havia passado, que ele estava tentando, realmente tentando se controlar por ela.

Satisfeita, ela ofereceu: — Sim, sua barba cresce extremamente rápido. — Eles se avaliaram por alguns segundos e, naquele tempo, ele percebeu que ela o estudava durante o sono por tempo suficiente ou com a intensidade suficiente para marcar a velocidade com que sua barba crescia.

— Como você é observadora, Senhorita Abigail — ele disse calmamente. E maldição se ela não se ruborizou. — Aqui, você pode assumir o controle. — Ele entregou-lhe a escova. — Eu não sou muito coordenado com a mão esquerda.

— Você tem certeza de que confia em mim? — Uma sobrancelha fina foi içada mais alta que a outra, mas ainda assim ele sorriu.

— Não, eu deveria?

— O Sr. Melcher confiava — ela mentiu, sem saber por que ela deveria querer que este homem pensasse que ela tinha barbeado David Melcher.

— Ele não parecia ter masculinidade o suficiente nele para cultivar barba. Você tem certeza de que havia cabelo no rosto dele quando você começou?

— Fique quieto ou eu ainda posso cortar seu nariz. — Ela colocou a lâmina por cima de sua bochecha. — E, ao contrário do seu bigode, ele não deve crescer de volta.

— Apenas fique longe do meu lábio superior — ele avisou, então puxou os músculos da boca para apertá-los e sentiu a lâmina enquanto ela raspava embora não com muita habilidade. Ele estendeu a mão para detê-la para poder conversar sem conseguir um corte.

— Dê forma aqui...

— Eu lembro-me bem o suficiente da forma, senhor — ela interrompeu — e você me agarrou pelo pulso novamente. — Um instante interminável passou, enquanto seus dedos marrons circundavam o pequeno pulso dela.

— Agarrei — ele sorriu. — Eu vou tirar a lâmina de você e cortá-lo se você

tirar um cabelo a mais do que eu acho que deveria. — Ele a soltou e fechou os olhos enquanto ela terminava. Ela estava melhorando nisso enquanto prosseguia. Então, ele pensou, ela se lembra da forma bem o suficiente, não é? Por algum motivo aquilo o agradou demais.

— Senhorita Abigail? — Ela se virou de enxaguar a lâmina para encontrar seus olhos negros cheios de diversão perversa enquanto sorriam de seu rosto recentemente barbeado. — Eu vou passar um tempo pensando em uma maneira de atingir você pela perda do meu bigode.

— Tenho certeza que você vai, senhor. Enquanto isso, vamos beber limonada juntos como se fôssemos os melhores amigos?

Quando ela trouxe a limonada, ele teve dificuldade em beber do copo.

— Aqui, experimente isso — ela disse, entregando-lhe algo que parecia um galho de salgueiro.

— O que é isso?

— Um pedaço de taboa que eu tirei com uma agulha de tricô. Você pode beber sua limonada através dele.

Ele tentou e funcionou.

— Que engenhoso da sua parte. Por que você não o trouxe para o caldo esta manhã? Você estava tão ansiosa para me alimentar?

— Eu simplesmente não pensei nisso.

— Ah — ele disse com ar conhecedor, sua expressão dizendo que apenas um idiota acreditaria nisso.

— Eu tenho coisas para fazer — ela disse abruptamente, decidindo não ficar e beber sua limonada depois de tudo, não se ele fosse provocá-la novamente.

— Você não vai beber sua limonada? Traga ela aqui e vamos conversar um minuto.

— Estou cansada da sua conversa. Quase desejo que sua voz não tenha voltado.

— Quão cruel de você me negar o uso da minha voz quando é uma das poucas partes de mim que está funcionando corretamente. — Antes que ela pudesse decidir se ele quis que aquela observação fosse sugestiva, ele encorajou: — Não vá. Eu só quero conversar por algum tempo.

Ela hesitou, então se empoleirou na cadeira de balanço, perguntando-se por que ela ficou no quarto com ele. Ela sorriu delicadamente enquanto ele sugava ansiosamente a bebida refrescante através do pedaço de taboa e depois ronronava — Ahhhh, isso é quase tão bom quanto cerveja.

— Eu não saberia dizer. — Não, ele supôs que realmente não.

— O Doutor Dougherty esteve aqui enquanto você estava fora.

— E o que ele achou de sua condição?

— Muito melhor do que o esperado — Ela levantou o copo, mas não os olhos dela. — Ele me disse que eu deveria agradecer você por salvar minha vida.

— E você vai? — ela desafiou.

— Ainda não tenho certeza — ele respondeu. — O que você teve que fazer para me salvar? Estou curioso.

— Não foi muita coisa. Um cataplasma aqui e uma compressa ali — Por que tanta modéstia, Srta. Abigail? Eu sei que levou mais do que um tapinha na cabeça para me trazer à tona. Tenho uma curiosidade natural sobre o que você fez para evitar que minha carcaça se apodrecesse.

Inconscientemente, a Srta. Abigail estudou seus dois dedos mordidos, esfregando o polegar sobre as pequenas crostas que se formaram, sem saber que seus olhos seguiam os movimentos dela.

— Havia muito pouco para eu fazer. Você era forte e saudável e a bala não pôde lhe matar, só isso.

— O Doutor e eu estamos nos perguntando sobre como você me alimentou. Eu ouvi você dizer que eu comi, mais de uma vez hoje você se referiu a isso. Como um homem inconsciente pode comer?

— Muito bem, eu vou lhe dizer. Eu forcei o alimento em você, usando esse pedaço de taboa que você está usando para beber. Eu tive que inseri-lo em sua garganta. Por isso ela doeu tão severamente quando você despertou pela primeira vez. — Mais uma vez ele notou a preocupação dela com as marcas entre os nódulos e começou a juntar dois e dois.

— Você está dizendo que você empurrou remédios e alimentos através deste pequeno buraco? — Ela estava ficando muito desconfortável sob essa linha de interrogatório, então de repente percebeu que os olhos dele estavam nos nódulos que ela estava esfregando e os escondeu na saia.

— Eu não empurrei. Eu soprei — ela admitiu com impaciência.

— Com sua boca, Senhorita Abigail? — ele perguntou surpreso.

— Com minha boca, Sr. Cameron. — Mas ela não encontrou seus olhos.

— Bem, eu vou ser condenado.

— Sim, você provavelmente já está, mas, por favor, se abstenha de dizer isso na minha presença.

— Foi assim que meu bigode lhe fez cócegas? Através deste pequeno pedaço

de palha aqui? Com toda certeza me parece que ele poderia ter sido cortado um pouco maior.

Sentindo seu rosto aquecer, ela saiu disparada da cadeira de balanço, mas ele foi rápido demais. Ele pegou a mão dela. Ele olhou para seus dedos expostos, então seu rosto, com um sorriso malicioso dobrando um lado de sua boca.

— E estes... — ele disse, estudando os dedos — o que são estes?

— Solte minha mão, senhor!

— Assim que eu estiver satisfeito com o que aconteceu aqui enquanto eu não estava coerente. Essas poderiam ser marcas de meus dentes?

— Sim!

Ele segurou a mão em um aperto forte enquanto ela lutava para se libertar. — O que seus dedos estavam fazendo na minha boca?

— Mantendo-a aberta e forçando sua língua para baixo enquanto eu inseria a palha em sua garganta.

— E você chama isso de nada demais?

Ela olhou para ele em silêncio, vermelha até os ouvidos agora.

— Alimentar um ladrão comum, boca a boca, colocar seus dedos na boca dele e sofrer a mordida dele até ele ferir a pele e pegar caldo em sua própria boca e jorrá-la na dele. Isso é muito mais do que nada demais. Isso é dedicação, Srta. Abigail. Isso é firme e admirável dedicação, não é? Parece que eu lhe devo minha gratidão.

— Você não me deve nada... Solte minha...

— Eu lhe devo minha gratidão. Como devo expressá-la?

— Apenas solte minha mão e isso será o bastante.

— Ah não, Srta. Abigail. Certamente, isso não servirá. Afinal, você foi forçada a entrar em alguns métodos pouco ortodoxos, para não mencionar íntimos, ao cuidar de mim. Eu seria ingrato por deixar sua generosidade passar sem um reconhecimento devido. — Com o polegar ele acariciou suavemente as marcas dos dentes nos dedos dela. Seus olhos desafiantes se encontraram enquanto uma estranha emoção agarrava o estômago dela e ela se esforçava para ficar fora de seu alcance. — Desde que eu não tenho mais bigode para fazer cócegas que te ofenderia, me permita... por meio de desculpas por isto... — Então, lentamente, ele levou os dedos dela para os lábios e beijou as pequenas cicatrizes. Ele sentiu a mudança quando ela parou de lutar e deixou-o beijar os dedos dela. Então ele virou a mão, beijou a palma da mão com um toque leve e persistente, e percorreu-a com a língua ligeiramente para molhar sua pele. Ela se

sacudiu então e agarrou a mão acometida com a outra.

— Eu devo ter ficado louca para trazê-lo para minha casa! — ela cuspiu.

— Eu só queria me desculpar por mordê-la. Não se preocupe, não vai acontecer novamente.

— E esta... esta forma de desculpa, é sua maneira de dar o troco por eu ter raspado seu bigode?

— Oh, isso. Não, nunca, Srta. Abigail. Quando eu escolher a hora e o método para o troco, você saberá disso.

Sua implicação foi clara, e tudo o que a Senhorita Abigail poderia fazer era escapar, escapar daqueles lábios e olhos casualmente sorridentes que eram muito mais uma ameaça em seu novo bom humor que quando estiveram raivosos.

Ela permaneceu tão longe da porta do quarto quanto possível pelo resto do dia, dizendo a si mesma que cada vez que se lembrava de seu beijo e o estômago tremia, era de raiva.

AO MEIO-DIA ELA FOI FORÇADA A IR ATÉ ELE COM SUA REFEIÇÃO. Ela fez o ensopado mais grosso que conseguiu e, sem cerimônia, colocou a tigela no peito dele.

Ele tinha estado dormindo e acordou com um arranque. Tudo o que ele teve tempo para dizer foi: — Rapaz, o serviço realmente está decaindo em volta deste lugar. — Mas ela foi embora novamente. Ela não se importava se ele conseguiu ou não conseguiu comer aquele ensopado. Além disso, ela esperava que estivesse grosso o suficiente para rasgar seu intestino!

— Há mais desse ensopado aí? — ele gritou alguns minutos depois.

Ela deveria ter adivinhado que um bode como ele iria comer tudo na casa e nunca ser incomodada por isso! Ela jogou mais ensopado em sua tigela e novamente colocou-a sem palavras no peito dele enquanto ele ficava lá deitado sorrindo como se soubesse algo que ela não sabia.

À tarde, ela subiu para limpar o quarto do Sr. Melcher, apenas para encontrar o livro de sonetos descansando ali como uma carta de amor de um namorado perdido. Em uma vida de muita solidão, ela lembrou-se de que, durante aqueles poucos dias preciosos, ele tinha sido um prenúncio de algo melhor por vir. Mas ele saiu de sua vida tão repentinamente quanto entrou.

Uma batida tímida na porta do andar de baixo tirou a Srta. Abigail do seu estudo melancólico. Descendo os degraus, ela reconheceu o tecido da manga do terno de David Melcher, que era tudo o que ela podia ver dele. Isso trouxe uma

palpitação ao seu coração quando, cruzando o salão, fez uma pausa, colocou uma mão nos lábios sem fôlego, depois alisou a frente da blusa, a cintura e depois tocou uma mão no solitário cacho de cabelo na nuca.

Ela não percebeu que de dentro do quarto Jesse viu tudo.

Ela moveu-se para além da visão dele, mas cada palavra foi audível, e mesmo do quarto ele podia detectar a falta de ar dela.

— Ora, Sr. Melcher, é você.

— Sim... hã... eu vim para devolver os chinelos de seu pai.

— Sim... sim, claro. Obrigada. — A mola da porta de tela foi geminada, e um longo silêncio se seguiu.

— Eu temo ter dado muitos problemas á você.

— Não, não, você não deu nenhum problema.

Melcher parecia ter problemas com sua garganta. Ele limpou-a várias vezes, seguido de um segundo longo silêncio. Quando eles falaram novamente, foi simultaneamente.

— Senhorita Abigail, talvez eu tenha saltado para...

— Sr. Melcher, esta manhã foi...

Silêncio novamente enquanto o homem no quarto inclinava a orelha.

— Você estava dentro do seu direito de ficar brava comigo esta manhã.

— Não, Sr. Melcher. Não sei o que deu em mim.

— Você teve uma boa causa, entretanto. Eu nunca deveria ter dito aquelas coisas.

— Bem, realmente não importa, já que você estará saindo de Stuart's Junction no trem dentro de uma hora.

— Eu quero que você saiba o quanto significou para mim, este tempo que eu passei na sua encantadora casa enquanto você cuidava de mim. Você fez muito mais do que se esperava de você.

— Isso é sem sentido, Sr. Melcher... — Consciente agora do homem no quarto, ela percebeu que ele podia ouvir cada palavra, mas não havia mais onde ela poderia levar David Melcher. A varanda da frente era muito pública, a cozinha era muito privada.

— Não, não é, Srta. Abigail. Ora, seus... seus nasturtiums e os sonetos e sua forma elegante de fazer as coisas... Quero dizer, eu não estou acostumado a tal tratamento. E toda aquela comida deliciosa e seu cuidado...

— Tudo na linha do dever.

— Foi isso? — ele perguntou. — Eu esperava... — Mas isso ele não

terminou, e a Senhorita Abigail brincou com a borda de renda do seu colarinho alto e rígido.

— As esperanças podem ser coisas muito prejudiciais, Sr. Melcher — ela disse calmamente.

— Sim... bem...

— Vejo que você comprou um par de sapatos novos.

— Sim. Não tão bons quanto aqueles que eu vendo, mas... — Mais uma vez suas palavras se arrastaram.

— Sinta-se bem-vindo para manter a bengala de papai. Eu não a uso para nada desde que ele se foi.

— Você tem certeza?

De repente, ela queria muito que ele levasse aquilo, que ele levasse alguma coisa pequena de sua casa que sempre o faria lembrar-se dela.

— Eu não vou sentir falta dela, mas você pode sentir se você partir sem ela.

— Sim... bem... obrigado novamente, Senhorita Abigail.

Houve silêncio novamente e Jesse imaginou os dois, ambos provavelmente olhando boquiabertos a bengala do velho. A mola na porta de tela cantou novamente.

— Se eu voltar por aqui, eu vou te devolver a bengala.

— Você não precisa se incomodar.

— Ah... eu vejo — ele disse, bastante desamparado.

— Eu não quis dizer... — Mas suas palavras, também, se arrastaram.

— Eu sempre pensarei neste lugar quando eu sentir o cheiro de nasturtiums.

Ela engoliu em seco, seu coração ameaçando explodir, seus olhos inundar.

— Adeus, Senhorita Abigail — disse ele, afastando-se lentamente.

— Adeus, Sr. Melcher.

Tudo ficou tão quieto que Jesse podia ouvir todos e cada um dos passos irregulares de Melcher se arrastando pela estrada. Ele viu a figura coxeando através da faceta leste da janela baia, abaixo da sombra semi-esticada, e pensou, Maldito idiota que deveria ter usado a cabeça naquele trem e então não iria mancar agora. Era a primeira vez que Jesse conseguia pensar em Melcher sem ficar frustrado e zangado com a própria incapacidade. Ele ouviu os passos da Senhorita Abigail voltarem a subir as escadas, muito depois que Melcher partiu coxeando. Ela devia ter ficado observando-o até ele sair de vista, pensou Jesse. Ele não pôde evitar se lembrar de tudo o que o Doutor havia lhe contado sobre o outro homem que tinha deixado-a antes, não pôde deixar de comparar o

presente com o passado. E ele não conseguiu parar o irritante tremor de consciência que o picou.

De uma janela no andar de cima, a Srta. Abigail observou as lufadas de fumaça quando o trem da tarde deu início a sua viagem. O som de seu apito se espalhou através da quietude enquanto ela segurava as cortinas de renda. Ela imaginou o Sr. Melcher mancando a bordo do trem. Seu coração implorava para que ele não a esquecesse. Uma nuvem inchada levantou-se acima do telhado da estação e o apito do vapor chorou tristemente mais uma vez, tirando David Melcher da sua vida. Os olhos dela picaram quando ela se virou para colocar lençóis frescos em sua cama.

Ela esperava que fosse provocada novamente depois de tudo o que o homem em sua casa tinha ouvido. Ela chegou até a soleira da porta do quarto dele para encontrá-lo dormindo. Deu-lhe um momento de prazer perverso perturbá-lo.

— Eu encontrei algumas ervas daninhas que ajudarão sua mão — ela falou alto, de forma metódica.

Ele despertou com as palavras dela, apertou a mão boa e deu um daqueles tremores, enquanto se esticava. Foi lento, masculino, e ela desviou os olhos, lembrando-se de como ele havia dito anteriormente que qualquer coisa masculina a ameaçava. Ele rosnou preguiçosamente, profundamente na garganta, torcendo-se e bocejando. Finalmente, ele abriu os olhos e disse: — Olá, Senhorita Abigail. Há quanto tempo você esteve aí?

— Eu só... — Mas ela tinha de admitir. Ela tinha estado observando aqueles músculos se torcendo e girando.

— Estudando minha barba crescer novamente?

— Você se lisonjeia, senhor. Seria como observar a grama crescer.

Ele sorriu, novamente, lentamente e preguiçosamente.

— Eu vim para colocar um fomento nessa mão machucada. Quanto mais cedo ela curar, mais cedo eu vou me dispensar de torcer seus panos de barbear.

Ele riu. Parecia estar de bom humor — Falou como uma verdadeira adversária, Srta. Abigail. Entre. Posso fazer uso da companhia, agora que fui tão grosseiramente despertado de todo jeito. Espero que você também possa, agora que Melcher se foi.

— Deixe o Sr. Melcher fora disto, por favor — ela disse acidamente. — Você quer a compressa em sua mão ou não?

— Claro. Afinal, é minha mão de atirar, não é? — Ele estendeu-a para ela e ela se aproximou para desenrolar as velhas tiras de gaze e o encosto. Conforme

ela desenrolava as peças, ele acrescentou: — E minha mão amorosa também. — Ela interrompeu automaticamente todos os movimentos, percebeu seu erro, continuou a desenrolar enquanto ele continuava. — É difícil para um homem destro fazer amor com apenas uma mão boa e ela sendo a esquerda dele.

Ela já podia sentir a cor rastejando por trás de seu sufocante colarinho.

— Quão indelicado de sua parte dizer isso.

A mão estava livre agora e ele flexionou-a apenas um pouco, ao mesmo tempo que a movia em direção ao rosto dela. Ela se empurrou para trás.

— E quão indelicado de você se abalar, Senhorita Abigail, como se eu tivesse desígnios para você. Afinal, com uma mão como essa não há forma de amar ou atirar. Quando houver, você saberá.

Inquieta agora, ela virou as costas para ele, e sua voz foi quase suplicante. — O que eu tenho que fazer para evitar que você me provoque desse jeito? Eu não estou acostumada com isso, então eu não tenho nenhuma defesa contra isso. Estou certa de que as mulheres que você conheceu no passado foram rápidas com a refutação, mas eu fico simplesmente com a língua amarrada, e profundamente envergonhada. Eu percebo que este é precisamente o resultado que você espera alcançar comigo, por isso deve agradar você, infinitamente, me ouvir finalmente admitir isso. Mas eu coloco minha alma nua para você e admito que essas provocações são desconcertantes. Peço-lhe que facilite meu trabalho me tratando de forma justa e honrosa.

— Você quer que eu implore para você colocar nasturtiums frescos no meu quarto?

Quando ela falou, sua voz foi extremamente silenciosa, quase derrotada. — Eu não quero absolutamente nada de você, exceto ser tratada como uma dama, como eu fui pelo Sr. Melcher. Mas então, obviamente, você despreza o Sr. Melcher. Suas qualidades de bondade e consideração são estranhas a você, eu sei, mas você só se torna mais ofensivo ao zombar dele.

— O velho Melcher conquistou você, hein?

Com um esforço, ela manteve a voz calma. — O Sr. Melcher sabe como tratar uma dama, como fazer com que ela se sinta valorizada e apreciada, como externar o sublime do tedioso cotidiano. Essas coisas podem parecer suaves e fracas para você, mas é porque você nunca aprendeu que há pontos fortes a serem encontrados nas coisas lindas e gentis dessa vida. A força para você é apenas... apenas... raiva, xingamento e provocação e fazer os outros fazerem o que você quiser pela força dessas coisas. Eu tenho pena de você, Sr. Cameron,

pois de alguma forma foi negado a você o conhecimento de que os atributos tão bem usados como a cortesia, o respeito, a paciência, a tolerância, até a gratidão, têm uma qualidade de fortalecimento peculiar.

— E você praticou essas virtudes durante toda a sua vida?

— Eu tentei — Ele viu que seus ombros se ergueram orgulhosamente enquanto ela admitia.

— E que bem isso fez a você? Aqui está você, educada e amarga, e deixada comigo e abandonada por Melcher.

Ainda com as costas para ele, ela gritou: — Você não tem direito, Sr. Cameron! Nenhum direito! Você é a razão pela qual ele está perdido para mim, você e sua língua provocadora. Eu tenho certeza que você se sente supremamente auto-convencido de que ele se foi e que com ele se foi minha última chance de... de... — Mas finalmente a Srta. Abigail se quebrou, baixou o rosto em suas mãos e soluçou, seus pequenos ombros tremendo quando Jesse pensou que nunca os veria assim.

A última mulher que ele fizera chorar tinha sido sua mãe, na última vez que ele partiu de New Orleans para voltar para o oeste novamente. Ver a Senhorita Abigail chorar agora foi igualmente perturbador. Isso o fez se sentir exatamente como muitas vezes ela dizia que ele era: insensível e grosseiro. E esse sentimento era algo novo e perturbador.

Ele queria de repente compensar a dor que causara, mas antes que ele pudesse dizer mais, ela disse — Com licença, senhor — e abandonou o quarto.

O atingiu a percepção de que, mesmo na sua descompostura, ela se aderiu aos seus modos impecáveis tão fortemente quanto foi possível.

A Senhorita Abigail ficou horrorizada com suas próprias ações. Nunca na sua vida ela tinha chorado na frente de um homem. A força vinha de muitas fontes, mas chorar, ela acreditava, não era uma delas. Ainda assim, era peculiar como ela se sentiu purgada quando terminou. Toda a amargura e o desperdício de sua vida, todos os anos dados, todas as alegrias não experimentadas, todos os prazeres perdidos pelos quais ela nunca antes culpou seu pai ou Richard... ah Richard... era um alívio feliz pensar em seu nome novamente... agora eram uma grande e esmagadora dor que ela se permitiu explorar. Todas as frustrações reprimidas que uma dama nunca mostra se sentiram como uma libertação abençoada depois de anos de prisão.

Ela ficou em seu quintal sombreado e chorou finalmente pela perda de Richard, de seu pai, de David Melcher, de crianças, calor e companheirismo. E

pela primeira vez, ela lamentou os anos que sacrificou por seu pai.

E sua ruptura diante de Jesse lhe fazendo parecer algo que ela nunca lhe tinha parecido antes: vulnerável.

E o fato dele ter causado isso fazendo com que ela mal pudesse suspeitar do que ele era capaz de ser: contrito.

E assim, no final da tarde, quando ela foi até ele, houve um primeiro toque de harmonia entre eles. Ela apareceu com a mesma dignidade auto-assegurada que teve antes de sua explosão, como se ela nunca tivesse ocorrido. O único remanescente de suas lágrimas era uma leve umidade sob suas pálpebras. Seu rosto não reportava nem repreendia enquanto ela permanecia parada na entrada, dizendo: — Parece que negligenciei sua mão novamente.

— Minha culpa — ele disse simplesmente. Ele parecia agradável, não havia indícios de provocações no seu rosto.

— Eu vou cuidar dela agora? — ela perguntou mais do que determinou.

— Entre — ele respondeu. — O que você trouxe desta vez?

— Os aparatos para um fomento. Posso colocá-lo? — O que ela realmente estava perguntando era se ela poderia entrar sem ser torturada novamente pela língua dele. Ele assentiu, totalmente compreensivo. Ela entrou, pegou sua mão ferida e começou a trabalhar. Uma admiração rancorosa voltou a alcançá-lo. Uma e outra vez, ela vinha até ele, não importando o que ele fizesse ou o que ele dissesse. Não parecia ter fim a sua tenacidade diante do dever.

— Qual é a sensação? — ela perguntou, estudando a mão.

— Não é boa.

— Você acha que os ossos estão quebrados?

— O Doutor disse que não, mas dói toda vez que eu a movo.

— Seria surpreendente se nenhum deles estiver quebrado — disse ela. O hematoma estava agora de um horrível tom verde-amarelado.

Ela pegou um pequeno, saco de pano cheio de um copo fumegante.

— O que é isso? — ele perguntou com desconfiança.

— Fique parado. — Segurando aquilo com cautela entre dois dedos, ela soprou-o.

— Você estará me punindo com essa coisa? — Mas ela apenas espremeu aquilo no copo e o colocou no hematoma colorido. Não o queimou, mas foi incômodo. — Eu acho que eu mereço isso — ele se arriscou a dizer enquanto ela se concentrava apenas em cobrir a mão. — O que você colocou nisso?

— Algo que vai acabar com as dores, curar o ferimento.

— Bem, é um segredo ou o quê?

— Não, não é segredo. É apenas uma erva daninha.

— Uma erva daninha? Que erva?

— Uma erva chamada araruta.

— Araruta! Você está falando sério? — Levou todo o autocontrole que ele tinha, mas ele se absteve resolutamente de fazer outros comentários além daquele sobre aquela escolha.

Enquanto isso, a Srta. Abigail pensou: Não há nada que possamos dizer um ao outro que não tem algum significado ulterior? Ele estava, é claro, mostrando um sorriso, o que ela ignorou. Para cobrir seu desconforto, ela lecionou.

— Minha avó ensinou minha mãe, e ela me ensinou o valor da araruta. Ela pode dissolver o sangue coagulado, e é por isso que eu estou usando isso em sua mão. Minha avó usava isso para tudo. Ela até usou isso em uma pequena verruga que ela tinha no queixo bem aqui. — Por fim, a Senhorita Abigail olhou nos olhos de Jesse, tocando em seu queixo. Hesitantemente, ela terminou: — Mas, tanto quanto eu posso recordar, aquela verruga nunca desapareceu. Ela nunca...

Suas palavras se apagaram enquanto ela olhava para o rosto escuro de Jesse, ainda dolorosamente consciente das lágrimas que ele a viu derramar antes, pensando se ele iria mencioná-las. Mas ele não disse nada e parecia estar pensativo agora.

Ela juntou o rolo de gaze. — Eu acredito que pela manhã você encontrará esses músculos notavelmente aliviados.

Seus olhos deslizaram para a mão dele. Agora, ela pensou, agora ele me provocará. Mas em vez disso, ele apenas estendeu a mão, balançou a cabeça como se estivesse se repreendendo.

— Bem, isso certamente deixa a mão de atirar fora da comissão. Mas eu sinto que ela está muito melhor.

Não foi um obrigado, mas era perto, e a Srta. Abigail pensou nisso durante todo o tempo que levou para ela arrumar a bandeja da ceia dele. Era demais esperar uma desculpa — ele provavelmente nunca se desculpava por algo em sua vida. Ainda assim, sua explosão de lágrimas o apaziguou um pouco e, para que ele soubesse que ela não seria crítica a um estilo de vida gentil, ela pegou um pequeno ramo de nasturtiums e colocou-os em uma delicada bilha de vidro em sua bandeja, que foi novamente forrada com um linho imaculado.

Quando ele viu a bandeja arrumada e as flores frescas, ergueu uma sobrancelha interrogativamente, mas tomou tudo como uma oferta de paz e

decidiu que aceitaria.

— São essas coisas que cheiram tão doces? — Ele tocou uma pétala.

— São.

— Nasturtiums, eu presumo?

— Sim.

Eles olharam um para o outro como dois bighorns decidindo se iam se cabecear ou recuar.

— Com essa mão, não conseguirei lidar com uma faca. — E com essas palavras ele aceitou o ramo de oliveira dela.

— Eu vou lidar com a faca — ela ofereceu. Então, acrescentou: — Espero que você goste de fígado, Sr. Cameron. É simplesmente um dia quente demais para manter o fogo aceso por muito tempo. O fígado e as cebolas foram às coisas mais rápidas em que eu poderia pensar.

Diante das palavras dela, ele sentiu um inchaço curioso na base da língua, advertindo-o para não abrir a boca para qualquer fígado. Mas ali ela sentou-se, na cadeira de costura ao lado de sua cama, cortando a carne, estendendo-a à sua boca, uma espécie de trégua não escrita, entre eles. Então ele aceitou, mastigou lentamente e engoliu em seco, disposto a não engulhar, a não desagradá-la novamente, como ele parecia fazer tão facilmente. Mas oh! Como ele odiava fígado!

Ela continuou cortando o fígado e lhe dando de comer e, finalmente, ele teve que pensar em algo. — O que há no copo? — ele perguntou.

— Café.

— Onde está seu canudo?

— Bem aqui. — Ela o pegou de debaixo do guardanapo de linho na bandeja.

— Eu vou tomar um gole disso. — Ele estava com muita pressa e queimou a boca, escancarou-a, exclamando: — Ahh!

— Ops — ela disse inocentemente. — Eu acho que deveria ter avisado que pode estar muito quente.

Mas, por essa altura, ele estava muito preocupado em acabar com aquele fígado para recriminá-la por escaldá-lo com café.

Ela queria a paz e ela a teria, por Deus! Ele se armou para a chegada de mais fígado e não pronunciou uma palavra, mas comeu obedientemente até que o prato estivesse vazio.

Enquanto isso, ela falava sobre as muitas curas e remédios caseiros que ela

tinha aprendido de sua mãe e avó, contando-lhe sobre o livro onde ela encontrou o remédio de fermento e carvão que salvou sua vida.

E durante todo o tempo seu estômago se rebelou.

Por fim, ela disse: — Pela manhã, sua mão poderia melhorar tanto que você poderia cortar seu próprio fígado... quero dizer, cortar o fígado sozinho.

Mas ele estava de olhos fechados, curiosamente impassível. Por favor, não, ele estava pensando. Qualquer coisa, exceto fígado.

Inconsciente de seu estômago, ela saiu com a bandeja, satisfeita pela primeira vez com o quão dócil e obediente ele tinha sido.

No meio da lavagem dos pratos, ela o ouviu fracamente chamar — Senhorita Abigail? — Ela ergueu uma orelha, sorriu, contente por ele ter chamado-a de Srta. Abigail sem o seu habitual tom irritante, mas se perguntando ao mesmo tempo que truque ele poderia estar preparando agora.

— Senhorita Abigail... me traga um balde, por favor, rápido!

Aquilo foi um, por favor, que ela ouviu? Então, de repente, ela percebeu que ele havia pedido um balde. Seu silêncio durante a ceia, seus olhos fechados logo depois, sua passividade pouco característica... oh não! — Estou chegando! — Ela gritou no topo dos pulmões.

O balde mal tinha sido colocado no chão ao lado da cama quando ele gemeu, lutando para rolar em direção a ele. Ela puxou as almofadas de debaixo da perna dele, se inclinou para ele, e o agarrou — lençol e tudo — pelas nádegas e o rolou até a borda da cama, justo a tempo. Ele vomitou todo o fígado frito, cebolas, café, feijão verde e até mesmo o bolo de cereija. Ele ficou suando, de cabeça para baixo na borda da cama, com os olhos fechados.

Por fim, ele tomou um gole de ar, e disse ao chão: — Ocorreu-lhe, Senhorita Abigail, que talvez estejamos destinados a nos aborrecer mesmo sem tentar?

— Aqui, role — ela ordenou. — Você não deve se deitar assim na sua perna ferida. — Ela o ajudou a virar de costas novamente e viu seu tez pálida sob as suíças negras. — Talvez seja melhor verificar sua ferida novamente.

Ele jogou um braço sobre a testa e os olhos. — Isso não teve nada a ver com minha ferida. Eu apenas detesto fígado, isso é tudo.

— O que? — ela ofegou. — E ainda assim você comeu tudo?

— Bem, eu tentei — ele conseguiu dizer com uma risada pesarosa. — Eu tentei, mas não funcionou. Eu estava compelido e determinado a não antagonizar você de novo, especialmente quando eu vi como você tinha feito aquela bandeja. Mas parece que eu não consigo manter a paz, mesmo quando eu

tento. — Ele fracamente tirou o braço dele de seus olhos para encontrar a Srta. Abigail McKenzie em estado de humor suspenso, seu sorriso largo escondido atrás de ambas às mãos, e ele não conseguiu evitar que seu próprio sorriso malicioso se espalhasse pelo rosto. E a Srta. Abigail fez a coisa mais incrível! Ela desabou na cadeira, enviando-a para trás enquanto ria e ria, apertando a cintura e deixando sua alegria preencher o quarto. Era a última coisa do mundo que Jesse esperava que ela fizesse.

Ela veio para frente e para trás, esquecendo-se de sua pose por uma vez, levantando os pés como uma criança se balançando em um balanço, um lampejo de renda da anágua acompanhando sua libração. E, oh, quão encantadora ela parecia relaxada e rindo dessa maneira.

— Me desculpe, eu não posso me juntar a você — disse ele — dói rir logo depois de ter acabado de vomitar. — Mas o sorriso dele estava ali do mesmo jeito enquanto continuava pensando o quão surpreendentemente sedutora ela parecia com a guarda abaixada.

— Ah, Sr. Cameron — ela suspirou finalmente — talvez você esteja certo e estamos destinados, você e eu. Mesmo quando você tenta fazer justiça à minha culinária, ela é contraproducente. — Ela riu mais uma vez alegremente.

— Contraproducente? Por uma vez você escolheu a palavra perfeita — disse ele, rindo, apesar de seus músculos do estômago doloridos. — Oh Deus, não me faça rir... por favor. — Ele se abraçou.

— Você merece isso depois do jeito que você acabou de insultar minha culinária.

— Quem insultou quem? Você foi à única que me empurrou aquele fígado sem se preocupar em perguntar se eu gostava ou não. Foi mais do que um insulto ter que comê-lo. Acredite, senhora, ele foi uma arma letal.

A essa altura, ela estava tão divertida que se esqueceu de se ofender com o palavrão ou a forma como ele risonhamente chamou-a de senhora. Ela apenas ficou à vontade descansando na cadeira enquanto ele desfrutava observando-a.

— Uma por uma, estou descobrindo as fendas na sua armadura — disse ela, parando o balanço da cadeira, com a cabeça inclinada para trás preguiçosamente. — E uma delas é fígado. — Ela estava relaxada, como ele nunca a tinha visto ficar antes, com as mãos no colo com as palmas para cima. O sol dourado do fim da tarde passou pela janela lateral, iluminando seus cabelos, seu queixo, o colarinho alto, as pontas dos lóbulos das orelhas e as pestanas, deixando tudo dourado.

Ele se perguntou de novo quantos anos ela tinha, porque ela parecia repentinamente jovem, recostando-se na cadeira daquele jeito, e ele experimentou novamente um arrepio momentâneo de arrependimento pelo que ele havia dito anteriormente sobre como ela foi abandonada por Melcher. Ele queria que o ar fosse limpo, pensou que talvez agora, enquanto ela estava relaxada e afável, ele podia falar sobre isso e exorcizar os maus sentimentos persistentes que isso havia causado.

— Quantos anos você tem? — ele perguntou.

— Muito velha para que seja da sua conta.

— Muito velha para deixar um bom partido como Melcher escapar?

— Você é desprezível — disse ela, mas sem muita luta, ainda relaxada naquela cadeira. Ela revirou a cabeça em direção a ele, encontrou seus olhos e um leve sorriso abriu seus lábios.

— Talvez — ele admitiu, sorrindo também. — E você está preocupada.

— Sobre o quê eu estou preocupada?

— Sobre envelhecer e não ter marido. Mas há mais de onde Melcher veio.

— Não em Stuart's Junction — disse ela com resignação.

— Então... eu fiz uma boa fenda entre você e Melcher e ele foi o último pretendente, hein?

Ela não respondeu, mas então não precisava. Ele a estudou com apreciação enquanto ela olhava os raios do sol através de olhos estreitados, como se jogasse algum jogo com eles.

— Devo me desculpar por isso, Srta. Abigail?

Ela parou de brincar com os raios de sol e revirou a cabeça, tranquila pelo momento, considerando. — Se você deve perguntar, isso conta para nada — disse ela suavemente.

— Não conta? — Então, depois de um momento — De qualquer forma, seria uma decepção ter desculpas entre nós agora, não seria? Afinal, começamos a brigar como gatos de rua. Você sentiria falta disso se de repente eu me tornasse manso.

— E lhe doeria pedir desculpa, não é? — ela respondeu.

— Me doeria? Ora, você me faz uma injustiça, Senhorita Abigail. Eu sou tão capaz de pedir desculpas como qualquer um. — Mas ainda assim ele não disse que lamentava.

— Eu pedi desculpas pelo bigode, não foi?

— Por medo, eu acho.

Ela rolou a cabeça de volta para a luz que atravessava a janela e encolheu os ombros. — Uma desculpa é um movimento que denota força, não força corporal, o que eu tenho certeza que você sempre teve, mas força de caráter como o Sr. Melcher tem.

Sua mansidão foi subitamente agitada pelas palavras dela. Ele estava ficando doente e cansado de ser comparado desfavoravelmente com aquele homem. Seu ego foi definitivamente chamuscado. Ele não gostava de ser visto como inferior, mesmo por uma mulher tão assexuada como ela, e certamente não quando colocado contra um infante como Melcher. Se precisava de um pedido de desculpa para saciar o apetite eterno da mulher por mitigação, bem, ela teria isso, por Deus!

— Me desculpe, Senhorita Abigail. Isso faz você se sentir melhor?

Ela nem sequer se virou na direção dele, apenas ficou sentada, atenta a aquela luz solar. Mas ela ouviu o tom defensivo em sua voz, fazendo das desculpas menos do que sinceras.

— Na verdade não. Supostamente isso deveria fazer você se sentir melhor. Fez?

Ele sentiu o sangue saltar no rosto dele, flagelado pela recusa dela em aceitar graciosamente suas desculpas depois dele ter retirado-as de uma profunda busca em sua alma. Nunca na sua vida ele se rebaixou a pedir desculpas a qualquer mulher, e agora que ele tinha, olha o que havia acontecido. Repentinamente irritado, ele riu, duro e brevemente.

—Eu lhe direi o que me fará sentir melhor... se você simplesmente sair daqui e levar seu fígado e todas as suas imagens rosadas de Melcher com você!

Virando, ela encontrou o rosto dele cheio de irritabilidade. Seus olhos divertidos permaneceram sobre os duros olhos dele. Ela podia ver que ele achava que ela deveria ter alegremente aceitado suas desculpas; não ocorreu a ele que aquela desculpa foi dada por todos os motivos errados, tornando-a totalmente sem contrição. A cor voltou a aparecer no rosto dele e a mordacidade de suas palavras semeou uma semente de suspeita dentro da Srta. Abigail. Ora, ele está com ciúmes de David Melcher! Apesar de parecer inacreditável, tinha que ser verdade. Que outra razão poderia haver para ele reagir como ele tinha? Ele encarou-a enquanto ela, usando um sorriso secreto e conhecedor, levantou-se e docemente desejou boa noite a ele.

Foi sua atitude convencida e aquele boa noite açucarado que o levou a falar a ela — Agora eu devo-lhe dois! Um pelo bigode e um pelo fígado!

Quando ela subiu as escadas para dormir, ele ficou acordado por um longo tempo, montando o quebra-cabeça de como ela conseguia irritá-lo daquela maneira. O que havia sobre Abigail McKenzie que ficava debaixo de sua pele? Ele analisou todas as irritações óbvias que ela causara — o bigode, a comadre e o resto —, mas nenhum deles era realmente o cerne da raiva dele. Ela resultava da maneira como ela conseguia fazê-lo sentir-se culpado por ter assustado Melcher a ponto dele ter partido. Ora, ele tinha tido mulheres de New Orleans até a Divisória Continental, qualquer uma delas fariam Abigail McKenzie parecer um espantalho triste, e aqui estava ela, devaneando sobre o fracote do Melcher, que se acovardou tanto que torceu um dedo acusador para ela. E quando ela finalmente tirou uma desculpa dele, o que ela tinha feito? Atirou-a de volta em seu rosto! Por um momento nesta noite, enquanto ela estava sentada naquela cadeira rindo, ele se perguntou se ela poderia ser humana, com impulsos como outras mulheres. Bem, ele pensou, logo descobriremos se essa fêmea tem impulsos ou não. Se ela quiser devanear em torno de mim para me fazer sentir culpado por Melcher, sempre me lembrando do cavalheiro que ele é e do quão desprezível canalha eu sou, mesmo quando eu estou tentando pedir desculpas, eu vou dar-lhe algo para apoiar essa opinião, por Deus! E talvez da próxima vez que ela forçar um pedido de desculpas de mim — se esse dia chegar — ela mostrará uma parte daquela educação impecável que ela sempre está jogando na minha cara e aceitará a desculpa como a dama que ela afirma ser!

VII

ELE OUVIU-A DESCER SUAVEMENTE a escada antes do amanhecer ter florescido completamente no céu. Ela atravessou a área que ele podia ver de sua cama, e ouviu a porta da frente ser aberta. Depois de um prolongado silêncio, ele a ouviu cantarolar baixinho. No lado de fora na distância não vista, um galo cantou. Ele imaginou que ela estava de pé na porta leste, olhando para o amanhecer, ouvindo. Ela voltou a entrar na ponta dos pés.

— Apreciando o amanhecer, Senhorita Abigail? — ele perguntou. E ela rapidamente virou a cabeça em sua direção. Ela ainda tinha a camisola posta, então se escondeu atrás da parede.

— Ora, Sr. Cameron, você está acordado e está sentado!

— O Doutor Dougherty disse que eu poderia.

— E como você se sente?

— Que eu deveria estar aí com você assistindo o sol nascer. Estou acostumado a observá-lo se erguer sobre as regiões mais íngremes, mas não o vejo há algum tempo. Como está hoje?

Ela olhou para a porta da frente, ainda se protegendo atrás do batente da porta, mas ele podia ver a mera ponta do seu nariz. — É uma miríade de rosas hoje, plumas estriadas de cores, desde o mais profundo vermelho até o mais pálido tom de amarelo, com os espaços entre cada cor tão profundo e claro quanto os pensamentos dos sábios.

Ele riu, não desagradavelmente, e disse: — Bem colocado, Senhorita Abigail. Mas tudo que eu entendi foi rosa.

Ela se sentiu tola por ter sido levada pela beleza do amanhecer, mas ele, obviamente, não seria do tipo que o apreciaria da mesma forma que ela.

— Eu... eu preciso de algumas coisas para hoje. Posso entrar e pegá-las?

— É o seu quarto. Por que o súbito pedido de permissão?

— Eu... eu esqueci meu robe na noite passada. Você poderia desviar o olhar enquanto eu entro?

Do outro lado da entrada, soou a risada mais vigorosa que ela já havia ouvido.

— A menos que eu tenha imaginado errado, Srta. Abigail, você está envolta de algodão branco dos pulsos, até os ouvidos, e até seus calcanhares. Estou certo?

— Sr. Cameron!

— Sim, senhora — ele disse — sim, senhora, você pode entrar. Você está a salvo de mim. — Naturalmente, ele ficou lá sentado encostado na cabeceira da cama, observando-a atrevidamente enquanto ela recolhia roupas frescas para usar no dia. Ela viu seu sorriso pelo canto do olho e, uma vez ele teve inclusive a audácia de perguntar: — O que é isso? — Ela colocou a roupa interior fora da vista, assegurando-se de que ela não mais se esquecesse de tirar as coisas daqui enquanto ele estivesse dormindo.

— A perna parece bem hoje — ele disse conversador — e também a mão. A única coisa que dói é o meu estômago após o seu fígado que vomitei na noite passada. Estou com tanta fome que eu poderia comer um cavalo e perseguir o cavaleiro!

Ela quase riu alto. Às vezes isso acontecia com tanta facilidade que ela não podia controlar-se, pois geralmente ela não queria se divertir com ele. Mas agora ela respondeu: — Se eu ver algum vindo nessa direção, me certificarei de avisá-lo. Eu de alguma forma não duvido que você faria isso!

— Mal-humorada esta manhã, Senhorita Abigail?

— Eu poderia perguntar o mesmo, Sr. Cameron — ela retrucou, indo para a porta com seus cordames acumulados.

— Abbie? — O nome abreviado parou-a.

— Senhorita Abigail — ela corrigiu, levantando o queixo e virando-se para ele.

E foi então que ela viu a arma.

Era preta, oleada, lisa, e ele a segurava frouxamente na mão esquerda. Ela não teve a menor dúvida de que ele poderia usá-la com precisão nesta distância, canhoto ou não.

Tudo o que ele disse foi "Abbie" novamente, reiterando muito mais do que o nome. Seguiu-se um grande silêncio enquanto ele deixava o significado da arma e o nome encurtado afundar. Então ele disse com uma voz casual e suave: — Você sabe, eu estou me sentindo um pouco mal-humorado esta manhã. — Um meio sorriso tocou seus lábios generosos, sob a pele sombreada que uma vez ela tocara com uma lâmina.

Ela olhou para aquele lábio, depois voltou para a arma enquanto ele a balançava na mão sem cuidado, fazendo com que ela apertasse as peças de roupa

firmemente contra seu peito.

— On... onde você conseguiu essa... essa coisa? — Ela perguntou com uma voz trêmula, os olhos fixos na arma.

— Eu sou um ladrão de trem, não sou? Como posso roubar trens sem uma arma?

— M... mas onde você a conseguiu?

— Isso não importa agora. — Mas havia pouca coisa com o qual ela podia se importar mais. Seus olhos estavam como luas enquanto ele sentia um prazer perverso na maneira temível em que ela o encarava.

— Abbie? — ele repetiu. Ela não se moveu, apenas ficou olhando boquiaberta a arma enquanto ele usava a ponta dela para apontar o chão a seus pés.

— Solte os trapos — ele ordenou, quase levemente.

— Os... os trapos? — ela engasgou.

— Os que estão em seus braços. — Levou algum tempo antes que as palavras parecessem alcançá-la. Quando elas alcançaram, ela soltou a roupa em movimentos lentos, deixando as luvas, as meias, as roupas íntimas tristemente descerem até o chão em seus pés descalços.

— Venha aqui — ele ordenou calmamente. Ela engoliu em seco, mas não se moveu. — Eu disse venha aqui — ele repetiu, levantando a pistola agora para apontá-la diretamente para ela, e ela começou a andar lentamente pelo pé da cama.

— O que eu fiz? — ela conseguiu guinchar.

— Nada... ainda. — Sua sobrancelha esquerda arqueou-se provocativamente. — Mas o dia está apenas começando.

— Por que você está fazendo isso?

— Eu vou te ensinar algumas lições hoje. — Seus olhos, como os de um coelho encurralado, nem sequer piscaram.

— Você sabe o que eu vou te ensinar? — Ele perguntou, e a cabeça dela se moveu negativamente.

— Número um... — ele continuou: — Eu vou ensinar você a não raspar o bigode de um fora da lei desavisado. Eu disse venha aqui e eu quis dizer isso. — Ela se aproximou, mas ainda não estava perto o suficiente para ele alcançar de onde ele estava sentado encostado calmamente contra a cabeceira de latão. Ele balançou a pistola lentamente na direção dela.

— Aqui — ele ordenou, apontando para o chão diretamente ao lado dele.

— Por... Porque você está me ameaçando?

— Eu fiz alguma ameaça?

— A arma é uma ameaça, Sr. Cameron!

— Jesse! — Ele cuspiu de repente, e ela pulou. — Me chame de Jesse!

— Jesse — ela repetiu mansamente.

— Assim é melhor. — Mais uma vez sua voz ficou tranquila, quase sedosa. — Lição número dois, Abbie, é o que acontece quando você persuade uma desculpa de um homem, depois a usa para dar um tapa no rosto dele.

— Eu não persuadi...

— Você persuadiu, Abbie, você persuadiu — ele afirmou. — Você me levou ao ponto em que eu realmente lamentei ter feito o velho Melcher fugir como um esquilo assustado. Você sabia que você me fez chegar nesse ponto, Abbie?

Ela balançou a cabeça, pasmada.

— E quando me desculpei, o que você disse?

— Não lembro.

— Eu quero fazer você lembrar, Abbie, então você nunca mais fará isso.

— Eu não vou — ela prometeu — basta afastar a arma.

— Eu irei... depois de ter ensinado sua lição. O que você disse foi que minha desculpa deveria me fazer sentir bem, só que isso não ocorreu... porque você não deixaria. Mas estou disposto a me sentir bem, muito bem, em breve.

Ela apertou seus braços firmemente sobre os seios, agarrando as mangas de sua camisola.

— Abaixe os braços, Abbie. — Ela olhou para seus olhos negros e divertidos, incapaz de fazer os músculos dela se moverem.

— O que? — ela engoliu em seco.

— Você me ouviu. — Por fim, ela fez como ordenado, mas novamente em movimentos lentos. — Desde que eu assustei Melcher e você se recusou a aceitar minha desculpa por isso, pensei que o mínimo que eu poderia fazer é compensar o que você perdeu, hein?

Aqui vem, ela pensou em pânico, e seus olhos se fecharam enquanto ela tremia por toda parte.

— Mas eu estou preso nesta cama, então você terá que vir até mim, Abbie... vamos lá. — Ele fez um gesto acentuado com a ponta da arma. Quando ela estava diretamente ao lado e acima dele, ele apontou a pistola para ela, nem sequer levantando a cabeça enquanto fazia isso. — Você estava tão intensamente sem fôlego com Melcher, houve momentos em que eu ouvi seu coração palpitar

daqui. Mas se o velho Melcher tivesse uma coluna vertebral, ele teria ficado rondando os arredores pelo menos para um pouco de afago. Você sabe o que eu quero dizer? Uma vez que o grande e malvado ladrão de trem o afugentou, o mínimo que ele pode fazer agora é ficar no lugar do velho Melcher, certo? — Quando ela apenas ficou ali tremendo, sem dizer nada, sua voz sedosa continuou. — Eu sei que você entendeu, Abbie , então me beije. Estou esperando.

— Não... não. Eu não vou — ela respondeu, perguntando-se de onde ela conseguiu ar para falar, seu peito se sentia esmagado pelo medo. Ele moveu a pistola então e, mesmo através da camisola dela, ela podia sentir o cano do metal frio contra seu quadril. Ele ainda não tinha nem mesmo olhado para cima, apenas cutucou seu quadril com a arma. Ela se inclinou lentamente e, com os olhos bem abertos, tocou os lábios dele rapidamente com os seus.

— Você chama isso de beijo? — Ele zombou quando ela pulou para trás de novo. — Isso pareceu como uma lagartixa seca e velha batendo sua cauda nos meus lábios. Tente novamente, como você faria se eu fosse Melcher.

— Por que você está fazendo isso... — ela começou, mas ele a interrompeu.

— Mais uma vez, Abbie! E feche seus olhos desta vez. Apenas uma lagartixa mantém seus olhos abertos enquanto está beijando.

Ela baixou o rosto para o dele, vendo seus olhos pretos e divertidos perto dela enquanto ela baixava as pálpebras e o beijava de novo. O novo crescimento de bigode era como o caule de um botão de rosa silvestre.

— Está melhorando — ele disse quando ela voltou a se afastar. — Agora me dê alguma língua.

— Querido Deus... — ela gemeu, mortificada.

— Ele não vai te ajudar agora, Abbie, então venha aqui e faça o que eu digo.

— Por favor... — ela sussurrou.

— Por favor, Jesse! — ele corrigiu.

— Por favor, Jesse... eu nunca... eu não tenho...

— Pare de falar e faça isso — ele ordenou. — E sente-se aqui. Estou ficando tonto assistindo você saltar para cima e para baixo.

Com seus adentros tremendo, ela sentou-se com cautela na beira da cama, odiando todas as suíças negras que sombreavam sua pele, todos os cabelos que cercavam seu rosto odioso e bonito.

— O que você quer de mim? Termine logo com isso — ela implorou.

— Eu quero um receptivo e molhado beijo de você. Você não beijou um

homem antes, Abbie? Eu não tenho nada além de tempo enquanto você pratica. Do que você tem medo? — Quando os olhos dela se recusaram a baixar para a arma ao seu lado, ele riu. — Voltemos à lição em questão. Você estava a ponto de me dar alguma língua. Isso é chamado de beijo francês e todo mundo faz assim, provavelmente até lagartixas. — Ele ficou ali recostado de forma insolente, e quando ela permaneceu rigidamente sentada, ele teve que colocar a arma nela novamente, desta vez abaixo do maxilar direito.

— Molhado! — foi tudo o que ele disse, depois engatilhou a arma, fazendo-a pular com o clique metálico.

Ela fechou os olhos e se resignou. Ele não fechou os dele, viu os olhos dela firmemente fechados sob as sobrancelhas franzidas, viu suas sobrancelhas se contraírem enquanto a ponta da língua dela tocava seu lábio superior e sua língua saía para encontrá-la. Contra seus lábios, ele disse: — Relaxe, Abbie — ele abaixou a arma e colocou um braço ao redor de seus ombros, puxando-a contra seu peito, curvando a boca lateralmente na dela. — Coloque seus braços em volta de mim — ele disse enquanto sentia os cotovelos cavando contra ele em resistência. — Vamos, Abbie, a menos que você queira estar aqui o dia todo. — E um dos braços dela se arrastou ao redor de seu pescoço, o outro ao seu lado descoberto. Ela sentiu a arma, ainda na mão que ele estava usando para pressionar a parte de trás da sua cabeça, forçando suas bocas a ficarem juntas apertadamente. Ele abriu mais os lábios; o interior de sua boca estava quente. Ele empurrou a língua para as fendas secretas de sua boca, retirou-a novamente, depois mordeu ligeiramente sua língua, fazendo com que ela empurrasse com medo contra seu peito. Mas ele de alguma forma combateu seus braços, puxando-a contra ele, esmagando seus peitos contra sua pele, combatendo cada movimento dela, enquanto a boca dele mantinha-se presa na dela. Ele quebrou o contato então, deslizando os lábios para baixo, tomando seu lábio inferior suavemente entre os dentes. — Jesse! — Ele ordenou em um sussurro feroz — ...diga isso.

— Jesse — ela gemeu antes que sua boca se deslizasse sobre a dela novamente, quente e molhada e derretesse sua resistência.

— Jesse... novamente — ele exigiu, sentindo seu coração trovejando através da fina camisola em seu peito.

— Jesse — ela sussurrou enquanto ele esfregava a parte de trás do seu pescoço com os dedos e a coronha da arma: quente e frio juntos. Então ele silenciou a palavra novamente, beijando-a com a mesma conversa de línguas

como antes, combinando medo e prazer, sensualidade e vergonha, recusa e aceitação, tudo dentro de seu corpo confuso.

— Ab... — ele sussurrou então — Ab... — Seus lábios estavam livres para corrigi-lo, mas o pensamento nunca passou pela sua cabeça, pois alguma estranha languidez a possuía. Então, usando as mãos e a boca, ele a empurrou abruptamente, assombrando-a ao perguntar: — Fez cócegas dessa vez?

Ela não podia olhar para ele. Sua cabeça pendeu e ela sentiu-se repentinamente imunda, violada de alguma forma que não conseguia compreender. Não por ele, mas por ela mesma, porque ela parou de lutar contra ele durante alguma hora enquanto a língua dele se movia dentro de sua boca, porque ela começou a gostar do toque úmido e quente dela, da sensação de seus ombros largos e musculosos sob as mãos, o coração batendo acelerado sobre o peito dele.

— A lição de hoje acabou — ele disse dispensadoramente, o sorriso satisfeito mais uma vez sobre seus olhos. — Eu lhe disse, quando eu lhe desse o troco você saberia.

— E eu lhe disse que a robustez não é força. A gentileza é força.

— A robustez é muito eficaz, no entanto, não é, Abbie?

Uma vez livre dele, fora da cama, sua coragem voltou. — Eu quero você fora daqui, você ouviu? Imediatamente!

— Não se esqueça de quem segura à arma, Abbie. Além disso, eu ainda não posso andar. Qual motivo você dará a todos os seus vizinhos curiosos quando perguntarem por que você expulsou um homem indefeso de sua casa? Você vai dizer que foi porque ele te ensinou como beijar adequadamente?

— Eles não vão perguntar. Nenhum deles estava disposto a cuidar de você em primeiro lugar. Eles não vão me crucificar por expulsá-lo agora.

— Tenho querido falar com você sobre isso, Abbie. O Doutor Dougherty disse que você foi à única que se ergueu e falou por mim dentre todos dessa cidade inteira. Tenho querido agradecer a você por isso.

Suas palavras levaram seu sangue ao ponto de ebulição. Oh, a ousadia do idiota presumido, ficar sentado agradecendo-me depois do que acabou de fazer! — Os seus agradecimentos não são essenciais, nem são mais procurados. A ferrovia está me pagando para mantê-lo até que eles possam colocar suas mãos em você. É todo o agradecimento que eu preciso.

Ele se esticou e riu. — Você pensou em por que eles me querem, Abbie? — Ele perguntou, com um olhar conhecedor em seus olhos.

— Que pergunta de um ladrão de trem! — Ela ansiava esmagar o sorriso repugnante de seu rosto. — Eu irei à estação ferroviária hoje e irei telegrafar para que quem quer que seja que queira você, venha buscá-lo! A ferrovia pode ter você, ferido, bigodudo e tudo mais!

— Você vai sentir falta do dinheiro que você ganharia às minhas custas durante minha recuperação.

— Não sentirei falta de nada de você, seu imundo, bode presunçoso!— ela quase guinchou.

— É o suficiente! — ele rugiu de repente. — Saia daqui e vista-se e faça-me um café da manhã antes de eu decidir dar o troco por você ter me alimentado com aquele fígado na noite passada. Por quanto tempo um homem pode viver sem comida decente?

Ela caminhou pesadamente até a pilha de roupas ao pé de sua cama, agitando o ar com cada peça antes de enganchá-la em um braço e sair. Seus lábios estavam apertados com tanta força que seus dentes estavam secos de sugar vento. Quando ela se foi, a cabeça de Jesse se curvou para trás e seu corpo saltou com grandes arfadas de risada silenciosa. Então ele tirou a camisa suja de debaixo do lençol perto de seus pés, enrolou a arma vazia e colocou-a de volta debaixo do colchão.

Ela não tinha nenhuma intenção de cozinhar para ele qualquer comida. Ela fez fogo, banhou-se, vestiu-se e, durante todo o tempo, ele periodicamente questionou sobre seu café da manhã.

— O que diabos está fazendo você demorar tanto aí?

— Estou morrendo de fome, mulher!

— Onde está minha comida?

Ela manteve a atenção no relógio, ansiosa para que chegasse uma hora adequada para que ela pudesse ir à cidade e enviar o telegrama. Mas, no meio de seu extremo prazer em fazer aquele bode morrer de fome no outro quarto, ele a informou — Eu não sinto o cheiro de nada cozinhando aí. Eu tenho essa arma apontada na parede, onde eu acho que você está. Devo tentar um tiro de sorte?

A resposta foi o ruído alto e contínuo de uma chaleira quando ela apoiou-a fortemente no fogão. Ela a encheria para calá-lo, mas ela deveria ser cegada se ela o alimentasse com alguma coisa remotamente deliciosa! Fubá era a coisa mais rápida, mais comum e menos apetitosa que ela pensou. Ele manteve-se alfinetando enquanto ela cozinhava.

— O que você está fazendo agora, matando o porco para o bacon?... Eu

cheiro algo cozinhando. O que é?... Se você está pensando em perder o tempo trazendo-me o jarro e a tigela, esqueça, a menos que eles estejam cheios de comida. Um homem poderia morrer de fome aqui e passar despercebido enquanto ele está assim!

Ele continuou a falar sem parar até que, pelo momento em que ela levou sua bandeja, estava lívida.

— Ah, vejo que você me ouviu finalmente — disse ele, com um sorriso estúpido no rosto. Ela procurou a arma, mas ela não estava à vista.

— As pessoas se deslocando sobre a cidade ouviram, tenho certeza.

— Bom! Talvez alguém tenha pena de mim e me traga um pouco de hardtack para armazenar debaixo do meu colchão. Provavelmente superaria a culinária daqui, para não mencionar o serviço. Você não me trouxe mais de seus ovos viscosos, não é?

— Você é insuportável! Desprezível! — ela cuspiu venenosamente.

Ele sorriu mais largo do que antes. — Você também, Senhorita Abigail, você também. — Ele parecia bastante jovial.

— Agora, dê um passo para trás e me entregue essa delícia gastronômica da semana. Ahhh, fubá. Requer uma mão experiente para fazer fubá.

A única coisa que ela poderia pensar no momento era: — Até os animais se lavam antes de comerem.

— Ah, sim? Nomeie-me um — ele disse através de um bocado de fubá. Ela olhou de lado com desgosto.

— Um guaxinim.

— Guaxinins lavam seus alimentos, não os seus rostos. Além disso, eles podem se dispor do tempo. Ninguém os faz vomitar, então os deixa morrer de fome a noite toda.

Estava além dela porque ela falou com ele. Mas apenas uma vez ela gostaria de conseguir o melhor dele. Mas não havia como lidar com um suíno. Irritada, ela ficou agitada. Em um período ridiculamente curto, ele pediu mais fubá.

— Eu poderia comer outra tigela de fubá — ele a informou alto. Ela levou a chaleira até lá e colocou um bocado agora frio da coisa na tigela dele. No decorrer do tempo, ele adquiriu o aspecto e a textura do adobe seco.

— Quando você se livrar de mim, por que você não obtém um emprego servindo bolas de carne? — Ele sorriu diabolicamente. — Você tem uma verdadeira habilidade para isso. — Ele cortou o tijolo de milho em pedaços menores que se pareceram como ilhas saindo do lago de creme que ele derramou

sobre eles. Enquanto ela virava-se para sair, ele estava sorrindo torto e cavando de novo.

Por que no mundo eu pensei que cuidar dele seria preferível a "servir bolas de carne" no Louis Culpepper, ela se perguntou. Eu trabalharia para Louis agora... e com prazer... se eu pudesse!

Pelo tempo em que ele tinha se sentido satisfeito, ele havia comido suficiente fubá para encher um bando de gansos. Tudo o que ele disse, por meio de apreciação, foi: — Nós poderíamos tê-lo no acampamento, Abbie. — Chegou à sua cabeça que qualquer mulher tola o suficiente para ser encontrada no acampamento de um bandido sem dúvida se acharia usada!

Em seguida, ele ergueu a voz e gritou: — O que um homem tem que fazer para conseguir um pote de água quente por aqui? Preciso me lavar e barbear. Você me escutou, Abbie?

Ela não tinha nenhuma fonte de comparação para medir a capacidade do homem de ser excessivo e rude, mas com certeza ele devia definir o recorde mundial, pensou ela. Ela entregou a água e cravou um insulto que conseguiu pensar mais rápido em dar. — Lave-se... se você já aprendeu como!

Ele apenas riu e observou: — Você está muito gentil esta manhã, não é?

Ele fez um verdadeiro espetáculo de sua lavagem. Mesmo da cozinha, ela sabia tudo o que ele estava fazendo. Ele cantou em voz alta, chapinhou, exclamou o quão boa era a sensação disto, e daquilo. Foi asqueroso. Ela não tinha ideia de como ele estava conseguindo com uma mão, mas não se importava. Muitas vezes ela ficou mais irritada porque ele quase a fez sorrir. Finalmente, ele chamou: — Estou tão fresco como um cintilante nasturtium. Venha e cheire!

Mesmo na cozinha, ela corou. Nunca na vida dela ela esteve tão irritada. Ele teve que ameaçá-la com a arma novamente para fazê-la levar o equipamento de barbear. Quando ela o carregou para dentro do quarto, ela angulou os olhos sobre o nariz em um ângulo sugerindo que talvez ela estivesse tentando olhar para uma mosca na ponta. — Vamos prosseguir? — ela perguntou acidamente. Meio esperando que ele estivesse nu, estava pelo menos aliviada ao ver que ele se cobriu com o lençol.

— Nós?

Ela permaneceu ali com paciência esticada, aguardando sua mais nova objeção, desejando que ela pudesse pegar a lâmina e raspar todos os cabelos de sua cabeça inteira.

Talvez o olhar em seus olhos lhe tenha dito para ser cuidadoso, pois ele finalmente disse: — Mantenha-se longe da minha barba, mulher. Você fez com que eu me banhasse sozinho, então por que está ansiosa para me ajudar a me barbear? Como se eu não soubesse. Tenho uma boa mão e meia e posso sentar agora. Eu conseguirei sem sua ajuda. — Então, quando ela se virou para sair, ele acrescentou: — ...Dalila.

As costas dela se endureceram e ele começou a se barbear. Ele estaria condenado se ele deixasse-a chegar perto do bigode novamente depois do que ele tinha feito com ela nesta manhã. Ele sorriu, lembrando-se disso. Mas o barbear acabou por ser mais difícil do que ele planejava, sendo desconfortável com apenas uma mão. O espelho ficava em uma das dela.

Maldita geringonça feminina! ele pensou. Ele tentou segurar o espelho entre os joelhos enquanto ele esticava uma bochecha, usava a outra mão para trabalhar a lâmina, mas a coisa inútil escorregava ou virava de lado, recusando-se a ficar onde ele queria. Ele finalmente desistiu de frustração e chamou: — Senhorita Abigail, não consigo administrar o espelho. Venha segurá-lo para mim. — Ela apenas começou a cantar como se não tivesse ouvido uma palavra que ele falou. Mas sua voz surgiu profunda e forte novamente, e não havia como não ouvir. — Alguém pisou na cauda de um gato lá fora? Parece que eu tenho que gritar para ser ouvido acima dos guinchos espantosos! Venha segurar o espelho!

— Você tem uma boa mão e meia e pode sentar novamente. Segure-o você mesmo! — Ela ficou a ouvir, escutando ele suspirar com desdém. Então, surpresa das surpresas!, veio a palavra mágica.

— Por favor? — Isso trouxe um enorme sorriso aos lábios da Senhorita Abigail.

— Desculpe, você disse alguma coisa, Sr. Cameron? — Ela falou, o sorriso crescendo mais.

— Eu disse, por favor, e você sabe muito bem que eu disse, então, deixe de se regozijar com sua auto-justiça e venha aqui.

— Estou indo — ela cantou. Ela estava aprendendo rapidamente que alegria requintada poderia ser falsificada. Da soleira da porta, ela disse agradavelmente: — Como posso recusar o pedido de um homem de maneiras tão estereotipadas? — Ela olhou seu rosto espumoso, que falava por si mesmo. — O que você me faria fazer? — Seus olhos, como pedaços de carvão em um homem de neve, estavam rígidos e mordazes.

— Apenas segure o maldito espelho, Sua Alteza!

Pegando-o, ela notou: — Você obviamente colocou mais espuma do que é necessário. Se quiser, posso limpá-la por você. Minha mão está, sem dúvida, mais estável, vê como você está tremendo? — Ele a ignorou e olhou para si mesmo de lado no espelho, raspando uma bochecha, circundando uma suíça negra e grossa, esboçando um lado de seu precioso bigode.

Ela levantou um pequeno dedo. — Ah, tenha cuidado com o bigode — ela advertiu, observando a espuma se afastar, manchada de preto, enquanto sua carranca era revelada abaixo.

— Apenas segure a coisa imóvel para que assim eu possa ver. — Ele puxou o lábio superior para baixo, curvando-o contra os dentes, moldando o bigode. — É muito difícil seguir... uma forma... que não existe mais.

— Eu acho que você deveria ter feito a forma um pouco mais profundamente ao longo deste lado — ela aconselhou, baixando as sobrancelhas como se estudasse seriamente a falha.

— Droga, Abigail, cale a boca! Você era mais fácil de aguentar antes de encontrar seu senso de humor. Você mexeu o espelho novamente!

— Ops, desculpe. — Ela se acomodou e o observou terminar. Foi surpreendentemente agradável. Incrível, ela pensou, quão rápido a barba de um homem crescia. Quando ele terminou com o barbear, o bigode destacou-se novamente. Coisa engraçada, pensou ela, mas o tolo parece melhor com isso.

— Intrigada? — ele perguntou. Ela saltou, incomodada de ser pega refletindo sobre ele daquela maneira. — Você pode senti-lo sempre que quiser. O prazer será meu.

— Eu só sentiria as suíças de um bode! — ela respondeu.

— Você está desculpada — ele riu, enquanto ela se dirigia para a porta. Em um segundo pensamento, ele acrescentou: — Mas seja boazinha.

Pareceu ter levado uma eternidade até que fosse tarde o suficiente para ela ir até a cidade enquanto ela se perguntava o que significava "ser boazinha". Ele tentaria detê-la com aquela arma novamente? Ela colocou as pontas dos pés na porta dos fundos, sabendo que não podia atravessar a porta aberta do quarto sem ser vista. Mas a mola a denunciou, e a voz dele lhe disse que ele sabia exatamente o que ela estava fazendo.

— Enquanto está fora, veja se eles têm alguma carne nesta cidade além de fígado, tudo bem? Ninguém vai vir até mim amanhã. É domingo.

Ela se rendeu a uma profunda e intensa necessidade e bateu a porta de tela até que ela bateu contra a armação e saltou a meio caminho novamente antes de

se fechar. Naturalmente, ele riu.

VIII

— EU NÃO POSSO ENVIAR NENHUM TELEGRAMA SOBRE esse assunto sem autorização — Max insistiu.

— Por que não? — A Senhorita Abigail se eriçou.

— É o xerife quem tem que fazer isso — Max disse enfaticamente. — Vá falar com Sam sobre isso, então ele enviará o telegrama. Ele sabe quem é a pessoa certa para enviá-lo de qualquer maneira. Eu não.

Frustrada, a Srta. Abigail ficou de pé, com as costas rígidas e irritada com a recusa. Ela não queria andar para cima e para baixo de toda a cidade deixando todos os cidadãos saberem que ela estava ansiosa por ter aquele homem fora de sua casa. O que a irritava era que ele estava parcialmente certo. Ela tinha medo de que, se ela fosse correr por toda parte dizendo: "Eu o quero fora", as pessoas se perguntariam por quê. E então, o que ela diria? Que ele apontou uma arma para ela e a fez beijá-lo? Nenhum poder na Terra poderia fazê-la confessar tal coisa. Ela poderia dizer que ele apontou uma arma para ela para fazer com que ela fizesse seu café da manhã? Dificilmente. Afinal, ela estava sendo paga pela ferrovia para fazer essas coisas por ele. Como pareceria se ela admitisse que tentou matá-lo de fome para ele sair de sua casa? E se ela dissesse que ele lhe apontara a arma para ajudá-lo a se barbear? As implicações tornavam-se piores o tempo todo. Oh, por que esse idiota do Maxwell Smith teve que ficar todo desfaçado com ela? Um telegrama silencioso é tudo o que teria levado. Contra seu bom senso, ela foi até o Xerife Samuel Harris em seguida.

— Desculpe, Srta. Abigail — disse o Xerife Harris. — Tenho que ter um parecer do Doutor Dougherty primeiro. É a lei. Qualquer prisioneiro sob o cuidado de um médico deve ser liberado oficialmente pelo médico antes de poder ser transferido de uma prisão para outra... Oh! Imploro seu perdão minha senhora, isso não quer dizer que sua casa é uma prisão. Você sabe o que quero dizer, Senhorita Abigail.

— Sim, claro, Sr. Harris — ela condescendeu. — Falarei com o Doutor Dougherty então.

Mas o Doutor Dougherty não estava em casa, então ela voltou para a Main

Street, dirigindo-se para o açougue, completamente aborrecida agora.

— Olá, Senhorita Abigail — Bill Tilden cumprimentou, saindo de sua barbearia.

— Bom dia, Sr. Tilden.

— Está quente, não é? — Ele observou, olhando para os cabelos descobertos. Ela assentiu rapidamente, seguindo em frente. — Irei até Culpepper's para ceiar — ele falou para ela conversadoramente, justo quando Frank Adney pendurava o sinal na porta ao lado que dizia FORA PARA ALMOÇAR.

— Como vai, Senhorita Abigail — ele cumprimentou.

— Sr. Adney — ela aquiesceu.

— Dia escaldante, hein?

— De fato. — Ela dirigiu-se ao calçadão pensando em quão limitada à variedade de conversas estava em Stuart's Junction.

Atrás dela, Bill Tilden perguntou a Frank Adney: — Você já viu a Srta. Abigail pela cidade sem o chapéu e as luvas antes?

— Pensando nisso, não...

—Bem, as maravilhas nunca cessam! — Eles se viraram para assistir a Senhorita Abigail quando ela passou pela porta do Mercado de Carnes do Porter, sacudindo suas cabeças com descrença.

— Olá, Srta. Abigail — Gabe Porter disse.

— Bom dia, Sr. Porter.

— Ouvi dizer que você levou aquele ladrão de trem para sua casa.

— Foi?

Gabe apoiou os braços do tamanho de um presunto cruzados sobre o grande, estômago marcado pelo avental, as moscas zumbindo em torno das manchas de sangue ali, uma ocasionalmente pousando no papel esvoaçando que pendia em espiral do teto.

— Raios, todo mundo sabe disso. Ele não está lhe dando problemas, está?

— Não, ele não está, Sr. Porter.

— Eu ouvi que aquele outro tipo da cidade foi embora no trem ontem.

— Sim, ele partiu.

— Não é um pouco arriscado, você ficar lá sozinha com aquele homem?

— Parece que estou em perigo, Sr. Porter?

— Não, na verdade não, Srta. Abigail. As pessoas estão apenas se perguntando, isso é tudo.

— Bem, as pessoas podem deixar de se perguntar, Sr. Porter. O perigo mais

grave que eu corro é ter que comer fora de casa.

Então Gabe saltou, percebendo que ela estava esperando para comprar um pouco de carne. — Ah... certo! E o que será hoje?

— Como estão suas costeletas de porco hoje? Estão frescas e magras?

— Oh, ambos, madame. Cortadas hoje e mantidas no gelo pelo tempo que ele dure.

— Muito bem, Sr. Porter. Eu vou querer três delas.

— Sim, é pra já!

— Pensando bem, talvez eu precise de quatro... não, cinco.

— Cinco? Elas não vão durar até mais do que amanhã, Senhorita Abigail, até mesmo no poço.

— Eu, no entanto, levarei cinco, e um comprimento de salsicha defumada, oh, deste tamanho. — Ela ergueu as palmas das mãos a seis centímetros de distância, depois aumentou a extensão para dez ou mais e disse: — Não, deste tamanho.

— O que pelo inferno, você está alimentando lá, Senhorita Abigail, um gorila?

Levou todo seu autocontrole para não responder "Exatamente!" Em vez disso, ela empurrou o pobre Gabe a total consternação ao solicitar: — Eu gostaria que uma bexiga de porco fosse adicionada ao meu pedido.

— Uma... bexiga de porco, Senhorita Abigail? — Gabe perguntou, com os olhos arregalados.

— Você acabou de matar um porco, não foi? Onde estão as entranhas?

— Oh, eu as tenho. Quero dizer, elas ainda não foram enterradas, mas o que...

— Apenas embrulhe uma bexiga, por favor — ela ordenou imperiosamente, e ele finalmente desistiu e fez o que ela pediu.

Quando ela se foi, Gabe murmurou para as moscas — ...uma bexiga de porco... agora, o que diabos ela vai fazer com isso?

Quando a Srta. Abigail chegou a sua casa novamente, havia trilhas frescas de pó na varanda da frente, e ela percebeu que havia perdido o Doutor Dougherty novamente. Que triste sorte não ter encontrado-o quando ela precisava de sua ajuda para tirar aquele homem daqui.

De sua maneira habitual, ela parou para olhar seu reflexo no espelho do suporte de sombrinha. Não havia nenhum chapéu para remover, então ela alisou os cabelos, as mangas, o cós e testou rapidamente a força da pele sob seu queixo

com o dorso da mão.

— Está firme? — Uma voz profunda perguntou, e ela girou e saltou do chão, pressionando uma mão em seu coração.

— O que você está fazendo em pé? — Ele estava de pé ao lado do arco da cozinha, apoiado em muletas, seu peito escuro, canelas e pés saindo de um lençol que ele havia enrolado em torno de si mesmo.

— Eu perguntei primeiro — disse ele.

— O que? — Tudo o que ela podia pensar era, E se esse lençol caísse!

— Está firme? Deveria estar, do jeito que você aponta esse pequeno queixo insolente ao teto o tempo todo. — Como se quisesse comprovar isso, seu queixo foi levantado.

— Se você está de pé, é forte o suficiente para sair daqui. Que animador!

— O Doutor me trouxe as muletas e eu precisei sair depois que ele partiu, então eu decidi dar uma chance. Mas eu não estou tão forte quanto eu pensei que estava.

— Você percorreu o quintal vestido nesse lençol? — ela ofegou. — E se alguém te viu?

— E se eles viram?

— Eu tenho uma reputação para defender, senhor!

— Não se lisonjeie, Senhorita Abigail — ele sorriu. Ela ficou ali com o sangue cascateando em seu rosto, ela sentia quente até mesmo as suas orelhas. — Você sabe, estou ficando um pouco tonto — ele disse.

— Tonto? Não se atreva a sair embrulhado nesse lençol! Volte para a cama, você ouviu? Eu nunca seria capaz de te mover se você cair no chão!

Ele percorreu o caminho até o outro lado da sala e tudo correu bem até ele chegar a um tapete curvo que estava na entrada do quarto. Uma muleta ficou presa nele e ele começou a oscilar. Ela correu, agarrou-o ao redor de sua cintura para evitar que ele se inclinasse, e quando ele estava firme, desceu em um joelho para remover o tapete. Mas a muleta ainda estava plantada sobre ele, prendendo-o. — Não consigo pegá-lo. Você pode mover a muleta? — ela perguntou, olhando de baixo o longo comprimento dele. Foi um longo, longo caminho até o topo desse comprimento, e ela avisou:— Sr. Cameron, se você cair em cima de mim, eu nunca vou te perdoar.

— Não haveria mais nada para perdoar. Você seria um... beija-flor... esmagado. — Ele balançou contra o batente da porta quando uma muleta colidiu com o chão.

— Rápido, venha para a cama — ela ordenou, colocando o braço dele sobre os ombros. Ele era tão alto quanto uma porta de celeiro e quase tão largo nos ombros, mas eles chegaram bem à cama e se sentaram na borda lado a lado. Ela rapidamente tirou o braço dele do ombro e levantou-se.

— Agradeço-lhe que use o bom senso a partir de agora. Antes de tudo, se você pretende desfilar por aí, deve fazer isso de pijama e manto. Em segundo lugar, você deve atender às necessidades e não ficar em pé falando sem parar enquanto põe em perigo o seu grande eu na minha casa. Se um... um gorila como você caísse, como eu iria te levantar?

Apesar de sua nebulosidade, ele perguntou: — Você enviou seu telegrama, Srta. Abigail?

— Sim! — ela mentiu — E eles não podem vir logo para tirar você das minhas mãos.

— Se você quiser se livrar de mim, é melhor começar a me alimentar melhor. Estou tão fraco como um mosquito. Você comprou alguma carne decente?

— Sim! Eu comprei algo perfeitamente adequado para você!

Ele despertou de um sonho de que havia chuva salpicando na lona de sua tenda, mas eram as costeletas de porco que se agitavam na cozinha da Senhorita Abigail. Ele se esticou, sentindo a pele da perna direita apertada, mas curando e doendo menos ao mesmo tempo. Algo cheirava tão bem que seu estômago se encolheu, sua boca salivou, e um ronco soou em algum lugar do seu interior. Quando ela trouxe a bandeja, ele estava faminto.

— Mmm... cheira a costeletas de porco. Por fim, alguma carne verdadeira? — Ele se iluminou quando ela colocou a bandeja no seu colo. Ela tinha inclusive consideravelmente cobrido o prato com uma tigela voltada para baixo para mantê-lo quente.

— Sim, carne verdadeira — ela confirmou, toda sorrisos.

— Talvez você tenha um coração afinal?

— Decida por si mesmo — ela respondeu impertinentemente quando puxou a tigela, revelando a crua bexiga de porco. Ela simplesmente tinha que ficar por tempo suficiente para ver a expressão em seu rosto. Foi uma negra, estremecedora raiva enquanto uma torente de obscenidades jorrava dele. Em algum momento enquanto ele amaldiçoava, ele perguntou o que diabos era aquilo que estava no prato.

— Carne verdadeira. Não é isso que você queria? — ela perguntou

inocentemente, desfrutando de cada minuto disto. — De fato, é carne de porco. A bexiga de um porco... simplesmente perfeito para um bode como você.

Ele olhou para ela venenosamente e rugiu: — Eu senti o cheiro de costeletas de porco, Abbie! Não me diga que eu não senti. Agora eu terei alguma ou eu andarei até a cidade em meu lençol e direi a eles que a vadia Abigail McKenzie se recusa a me alimentar, como ela está sendo paga para fazer?

Ela ficou furiosa, com pequenos punhos fechados em bolas apertadas, olhos brilhantes com vindicação enquanto ela batia o pé.

— É a minha vez de ensinar uma lição a você, senhor! Eu tenho costeletas de porco, batatas, molho, vegetais, tudo para saciar seu apetite estúpido e deixá-lo forte e fora daqui. Tudo o que eu quero de você é um tratamento decente. Me dê aquela arma imunda!

— Traga para mim minhas costeletas de porco! — ele gritou, olhando furiosamente para ela.

— Me dê à arma!

— O Inferno que eu vou!

— Então você não terá costeletas de porco! — Mas a arma apareceu tão rapidamente que ela juraria que estava na mão dele o tempo todo. Aquilo a fez se calar como uma armadilha acionada.

— Me... dê... minhas... costeletas... de... porco — ele rosnou.

Ela balbuciou: — Mantenha ess... essa coisa imunda... fora da... da minha visão!

— Vou afastá-la quando você me trouxer as costeletas de porco que você está sendo paga para me dar!

— Por favor! — ela berrou agora.

— POR FAVOR! — Ele berrou de volta.

Então o silêncio caiu sobre eles, e por um momento auto-consciente, ambos se sentiram tolos, olhando um para o outro daquela maneira.

Ele conseguiu suas costeletas de porco. E naquele momento, a Senhorita Abigail estava fervendo! Ela admitiu culpadamente que era uma coisa boa que amanhã era domingo. Ela definitivamente precisava de orientação divina depois de todas as transgressões que ela havia cometido ultimamente. Raiva, despeito, vingança, mentira, até promiscuidade. Sim, ela admitia que o que aconteceu durante aquele beijo foi inegavelmente promíscuo — bem, acabou daquele jeito. Mas se ela fosse culpada de tudo isso, pense em pelo quê ele tinha que pedir perdão — não que ele pediria. Além dos seus, ele causou todos os pecados dela!

A bexiga de porco havia desaparecido misteriosamente. Ela não sabia para onde tinha ido e não perguntou.

Sendo o bode que ele é, pensou ela, ele provavelmente comeu a coisa e desfrutou de cada mordida!

— Eu trouxe algumas roupas de cama do meu pai. Coloque-as e deixe-as postas. Estou cansada de olhar suas pernas e esse peito peludo.

— Se você diz. — Ele estufou o peito em questão e esfregou sua superfície coberta de pêlos como se estivesse fiando ouro.

Ela ignorou sua presunção, afastando-se, mas então ela avistou a bexiga embebida na tigela de água. Ela ergueu dois dedos para pegar a coisa mal cheirosa e tirá-la, mas ele ordenou: — Deixe isso aí onde está.

— O que!

— Eu disse, deixe isso aí onde está.

— Mas isso fede! — Ela fez uma careta para a intrusão ofensiva que havia deixado um resíduo de espuma na superfície da água.

— Deixa isso! — ele repetiu — e deixe os pijamas e saia.

Ela soltou a tripa em sua água pantanosa e saiu, agradecidamente.

Era à tarde de sábado e ela passou o dia limpando a casa para o domingo, como tinha feito durante toda a sua vida. Quando ela terminou de limpar tudo, aproximou-se da porta do quarto dele, perguntando primeiro: — Você está decente agora, Sr. Cameron?

— Uma cobra tem axilas? — veio à resposta.

Ela agarrou suas bochechas para não rir. Como esse homem infernal poderia fazê-la rir com tanta facilidade quando ela estava completamente desgostosa com ele?

— Estou coberto, se é o que você está perguntando, mas nunca estarei decente, espero.

Ela deu uma olhada nele e teve que lutar diligentemente para impedir que seu rosto sorrisse de novo. Ele parecia totalmente ridículo. As pernas do pijama pararam a meio caminho de suas canelas peludas.

— Bem, do que você está sorrindo? — ele resmungou.

— Nada.

— O inferno que é nada. Continue dizendo isso e eu vou tirar essas coisas idiotas. Eu me sinto como um maldito coolie nelas... ou pelo menos eu seria se elas fossem longas o suficiente. Seu velho deve ter sido um anão!

— Eles terão que servir. Eu não tenho nada maior que isso. — Mas, não

obstante, ela ficou ali sorrindo abertamente agora para as canelas peludas e os pés que saíam das ceroulas.

— Tudo bem! Comece a sua limpeza se é por isso que você veio aqui, se você ficar sorrindo um minuto mais eu vou tirar essas coisas malditas!

— Você é o homem com a língua mais vil que já conheci. Estou tentada a fixá-la com a taboa novamente.

— Continue com a limpeza e deixe de me incomodar.

A constante briga deles tinha vindo a ter um padrão. Quando estavam com raiva, suas línguas cortavam afiado e profundamente com palavras que raramente eles queriam dizer. E quando iam muito longe, eles voltavam ao sarcasmo ou a provocação, fazendo uma luta verbal de uma maneira que até a Senhorita Abigail tinha vindo a apreciar. Limpando o quarto, ela sentiu seus olhos nela o tempo todo. Ele moveu-se para o assento da janela enquanto ela trocava os lençóis e tirava o pó de debaixo da cama. Ajoelhada, ela viu suas botas empurradas profundamente debaixo da cama, e a protuberância do que devia ser a camisa dele com a arma dentro dela, entre o colchão e a mola solta. A única maneira que aquilo poderia ter chegado ali era se o Doutor Dougherty a trouxe, mas ela não podia acreditar que o homem seria estúpido para fazer tal coisa. Ela não mencionou a arma de novo, mas fez como se ela não tivesse visto-a ali, então foi para a sua espanação e, finalmente, para limpar a mesa onde o jarro e a tigela estavam.

— Posso perguntar o que você propõe para manter esta coisa imunda? — Ela olhou a bexiga desgostosamente.

— Não importa — foi tudo o que ele disse. — Apenas deixe-a.

A ceia ocorreu sem problemas, exceto que ele deixou-a saber que ele odiou suas beterrabas de aparência sangrenta.

A bexiga ainda estava na tigela. E um plano estava se formando na cabeça da Senhorita Abigail.

Chegou à noite e Jesse ficou entediado e apático. Era engraçado como ele se acostumara com ela indo e vindo. No instante em que tudo ficava quieto e ele ficava sozinho, ele quase desejava que ela entrasse, mesmo que fosse apenas para argumentar. Como uma criança que brigou com um companheiro de brincadeira, ele percebeu que ele preferia a rabugice dela à ausência dela.

Ele a ouviu fazer muitos barulhos aquosos e se levantou com as muletas e acabou encontrando-a inclinada sobre os degraus da parte de trás da casa, lavando o cabelo. Ele abriu a porta de tela e bateu na cabeça dela duas vezes,

suavemente, apenas o suficiente para enfurecê-la. — Este é um lugar maravilhoso para lavar o cabelo. Você está diretamente no caminho entre o quarto e a casa de banho.

— Tire essa porta de tela da minha cabeça! — ela exclamou debaixo de seu cabelo úmido. — Vou lavar meu cabelo em qualquer lugar que eu quiser. Estou fazendo isso aqui porque faz menos bagunça para limpar depois do que na cozinha.

Ele ficou olhando para ela, ajoelhada no chão com a cabeça sobre a bacia. O oco na nuca do pescoço dela mantinha uma espuma de sabão, e ele achou difícil tirar os olhos dela. Ele abriu a porta de tela o suficiente para sair, fazendo com que ela se afastasse de joelhos. Ela se sentiu vulnerável, sabendo que ele estava acima dela, observando-a.

Do jeito que ele estava, o pé direito pendurado convenientemente diante dele, foi fácil incliná-lo e colocar seu dedão ali mesmo, naquela pequena cavidade que mantinha o shampoo cativo na parte de trás do pescoço dela.

— Livrando-se de todos os eflúvios desagradáveis para que toda você esteja limpa e brilhante para a igreja amanhã? — Ele provocou, usando a palavra pretensiosa que ela uma vez usara com ele. Ela tentou golpear cegamente seu pé, mas ele se deslocou no quintal, usando apenas aquelas calças de pijama curtas, voltando a falar: — Pela redenção de quem você vai orar, Senhorita Abigail, a sua ou minha?

E do quintal vizinho, Rob Nelson ouviu e viu tudo e entrou em sua casa, gritando: — Mãe! Mãe! Adivinha o que acabei de ver!

Ela havia desaparecido, com bacia e tudo, quando ele voltou para a casa. Ele sentiu-se fraco novamente e foi direto para sua cama, decidindo que ele deveria continuar trabalhando com suas forças permanecendo cada vez mais tempo com as muletas. Ele afundou na beira da cama e passou uma mão por seus cabelos. Pinicava. Apesar de sua provocação, aquele shampoo parecia poderosamente convidativo.

— Senhorita Abigail? — Ele chamou, mas a casa estava quieta. — Você pode me ouvir?

Nenhuma resposta.

— Eu não vou ter direito a um shampoo?

Ainda assim, não houve resposta, mas ele ouviu um rangido de tábua acima dele.

— Ei, eu poderia usar um, você sabe. — Ele realmente não esperava uma

resposta, nem ela estava prestes a lhe dar uma. Para si mesmo, ele disse: — Ela mantém os horários típicos de uma solteirona. Trancada em seu quarto antes das oito horas da noite de um sábado. — Ele estava entediado até a morte e desejou que ela descesse e fizesse companhia a ele. Se ela pudesse apenas segurar aquela língua afiada, ele tentaria fazer o mesmo, apenas para ter alguém com quem conversar por um tempo. Os sons de vibrante folia vinham da direção da cidade, e ele ansiou por uma cerveja e uma pequena companhia, talvez até mesmo uma mulher no joelho.

A Senhorita Abigail estava secando os cabelos diante de uma janela aberta no andar de cima, afofando-o com uma toalha grossa, perguntando-se quando ela encontraria seu primeiro cabelo branco. Ele falou algo de novo, mas ela o ignorou, pensando em como ele tocou na parte de trás do seu pescoço com o dedo do pé, sorrindo secretamente. Ele poderia ser tão exasperante e tão engraçado ao mesmo tempo. Ela pensou no que ela usaria para a igreja pela manhã; desta vez, ela havia pegado todas as coisas de seu quarto. Ela pensou na arma debaixo da cama dele. Ela pensou no beijo dele, mas afastou o pensamento, porque aquilo fazia coisas engraçadas ao seu estômago. O ar estava tão quieto que você podia ouvir cada som vindo do saloom, mas era quase julho e o calor do verão fazia isso. Quantas noites de sábado ela lavou o cabelo e o penteou, foi para a cama cedo e desejou estar fazendo outra coisa? Algo com um homem. Agora, ela foi juntada com um homem que poderia ter sido um companheiro se ele não tivesse se revelado o auge da perversidade. Quanto tempo ela ficaria presa com ele?

Ela o ouviu chamar, dizendo que queria um shampoo também. Absurdo! Ele não aguentaria ficar de pé pelo tempo necessário para lavar o cabelo. Quantos dias haviam passado desde que ele tinha lavado o cabelo? Nove? Dez? Ela lembrou-se de como prometeu quando ele estava inconsciente de que ela o lavaria por ele. Ela ficaria presa com ele até que a ferrovia o tirasse das suas mãos. Pelo menos, se ele estivesse limpo, ele seria muito menos ofensivo, ela disse a si mesma, não querendo admitir que estava solitária, que mesmo sua companhia era preferível a nenhuma.

Quando entrou no quarto dele e viu o que ele segurava, ela perguntou com desgosto: — O que você está fazendo com essa coisa vil?

A bexiga de porco foi raspada, distendida e amarrada com fios da sua cesta de costura. Ele apertou-a na mão direita, espremendo repetidamente, depois relaxando uma e outra vez. A ação foi tão sugestiva como a lambida dos lábios, e

ele sorriu quando disse: — Exercitando minha mão de atirar.

Mortificada, seus olhos não conseguiram deixar os dedos escuros e flexíveis enquanto espremiam, espremiam, espremiam. Seus lábios se abriram e seu estômago ficou leve e flutuante. Ela deveria se virar e escapar? E deixá-lo ter a satisfação de humilhá-la mais uma vez? Embora suas bochechas brilhassem, ela ordenou: — Solte essa coisa horrível se você quiser que eu ajude você com seus cabelos.

Ele deu vários apertos mais lentos e sugestivos antes de jogar a coisa para o lado com negligência, com o mesmo sorriso conhecedor em seus lábios. Bem, bem, ele pensou, a rainha desceu! E em sua camisola e roupão, não menos!

— Você está muito fraco para ficar de pé ou se inclinar o suficiente para tirar com água o shampoo de seu cabelo, então eu vou lhe dar a melhor coisa que se aproxima disso, um shampoo de aveia. Não é tão perfumado, mas funciona.

— Sem ofensa, Abbie, mas você sabe o que está fazendo?

— Precisamente, mas você terá que se deitar.

— Aveia? — Ele perguntou com ceticismo, sem se mover para deitar ainda.

— Exatamente — ela disse com crispação. — Você quer o tratamento seco ou nenhum? — Muito tarde, ela percebeu o que ela havia dito. O sorriso já estava se esgueirando ao redor das bordas externas dos olhos dele e, quando chegou aos lábios, ela estava da cor da canela.

Ele esticou seu comprimento e falou pausadamente — Se é assim, me dê o seco.

Afobada, ela se agitou com a tigela de aveia seca, uma toalha e três alfinetes enquanto ele olhava-os inquisitivamente. — A toalha vai ficar debaixo da sua cabeça — ela disse com irritabilidade, como se ele fosse verdadeiramente um idiota.

— Oh, sim, que estupidez minha. — ele sorriu, levantando a cabeça enquanto ela arrumava a toalha debaixo dela. Então, para a surpresa dele, ela colocou metade do conteúdo da tigela em seus cabelos e começou a trabalhar como se fosse sabão e água.

— Duplo serviço devido, hein? — ele brincou. — Amanhã você pode cozinhar isso para o meu café da manhã em vez de fubá. — Ela foi pega desprevenida e soltou um riso enquanto ele olhava para ela travessamente.

Finalmente, ele fechou os olhos e se deixou apreciar a sensação das mãos dela em seus cabelos — uma sensação que o lembrava das noites de sábado de sua infância. Ele acreditava que ele podia quase cheirar o frescor de sapato recém-

engraxado de todos os sapatos de suas irmãs e irmãos, alinhados no fundo da escada aguardando serem usados na manhã de domingo. Há quanto tempo ele tinha estado em uma casa onde o sábado era reservado para preparar aquelas coisas?

— Sente-se! — Ela ordenou, interrompendo seu devaneio. — Eu devo sacudir isso. Mantenha-se parado até eu voltar. — Ela pegou a toalha com cautela por seus quatro cantos e foi embora com a aveia suja. Ela repetiu o processo mais uma vez, só que desta vez quando ela teve a aveia limpa em seu cabelo, ela amarrou a toalha no estilo turbante e prendeu-a com os alfinetes. — A aveia absorverá a oleosidade. Vamos deixá-la aí por um tempo — disse ela, e foi até a tigela para lavar as próprias mãos. Mas a água da bexiga de porco ainda estava lá. Com uma careta, ela pegou-a para despejar.

Quando ela voltou, ele estava exercitando sua mão com aquela coisa novamente, mas ele convidou: — Fique enquanto eu estou de molho.

Ela olhou para a mão flexionada, então de novo para ele com ceticismo.

— O que posso fazer todo embrulhado como um animal com pulgas? — Ele perguntou, revirando os olhos para cima. Inconscientemente, ela apertou as extremidades do cinto que mantinha fechado seu roupão. Finalmente, ele jogou a coisa de lado e disse tentativamente: — Ei, é sábado à noite, Abbie, a hora social... lembra-se? Eu estive nesta cama por quase duas semanas e, sinceramente, estou ficando meio louco. Tudo o que eu quero é uma pequena conversa.

Ela suspirou e posicionou-se no baú ao pé da cama. — Se você está ficando inquieto você deve estar curando.

— Eu não estou acostumado a ficar quieto por tanto tempo.

— Ao quê você está acostumado? — Ela não estava realmente certa se queria ouvir detalhes sórdidos sobre sua vida de ladrão, mas a perspectiva de ouvir sobre isso era estranhamente sedutora. Ele, entretanto, estava se perguntando se ela acreditaria nele se ele lhe dissesse a verdade.

— Eu não estou acostumado com um lugar como este, com certeza, ou passar um tempo com uma mulher como você. Eu viajo muito.

— Sim, eu suponho que você viaja, na sua ocupação. Não fica cansativo?

— Às vezes, mas eu tenho que fazer, então faço.

Ela o olhou diretamente nos olhos, a Srta. Certinha entrando no modo reformista. — Ninguém deve viver esse tipo de vida. Por que você não desiste e encontra uma ocupação sadia?

— Acredite ou não, ser fotógrafo não está longe de ser sadio.

— Oh, vamos, você não pode pensar que acreditei na sua história sobre a câmera que você deixou no trem.

— Não, uma mulher como você não acreditaria, eu acho.

— O que é que você clama fotografar? — ela perguntou, deixando claro que tudo isso era muito exagerado.

— A construção das estradas de ferro — disse ele, com aquele meio sorriso no rosto. — A grandeza da história em construção — ele emitiu, levantando os braços dramaticamente. — A extensão de nossa terra por trilhos de ferro gêmeos, capturado para sempre para que nossa posteridade compartilhe. — Mas então ele deixou cair os braços, acabando com sua dramatização e ficou pensativo, introspectivo. — Você sabe, isso nunca mais vai acontecer, do jeito que está acontecendo agora. Tem sido algo notável de se ver, Abbie. — Ele suspirou, entrelaçou os dedos na cabeça e estudou o teto. E por um momento ela quase acreditou nele, ele parecia tão sincero.

— Eu tenho certeza que você gostaria que eu acreditasse em você, Sr. Cameron.

— Machucaria tanto você me chamar de Jesse? Isso tornaria mais agradável nossa conversa.

— Eu pensei que tinha feito você compreender que eu vivo por regras de comportamento.

— Não há ninguém além de você e eu. Eu não vou dizer — ele provocou maliciosamente.

— Não, você não vai, porque eu não vou chamar você de Jesse... nunca. Agora, deixe de mudar de assunto e me fale sobre sua ocupação. Tente me convencer de que você não é um ladrão de trens.

Ele riu e disse: — Tudo bem. Eu trabalho para a ferrovia, fotografando todas as fases da construção das vias férreas, como eu disse. Eu tenho passe livre, enquanto trabalhar para eles, e eu viajo pela via férrea, para onde quer que seja necessário, para tirar a maioria das minhas fotografias. Eu moro em acampamentos e trens na maior parte do tempo. Não há muito mais a contar.

— Exceto que, se você tem um emprego decente, você escolheu roubar da mão que o alimenta.

— Isso foi um erro, Abbie.

— Senhorita Abigail — ela corrigiu.

— Muito bem, Senhorita Abigail, então. Você já viu um acampamento de ferrovia?

— Dificilmente.

— Não, você não teria. Bem, não é a casa de Abigail McKenzie, te afirmo. É selvagem no meio do nada, e os homens que trabalham lá não são exatamente apresentáveis.

— Como você? — ela não conseguiu resistir a dizer. Novamente ele riu levemente, deixando-a pensar o que fosse.

— Eu sou uma verdadeira mina de ouro de boas maneiras em comparação com os escavadores que constroem as estradas de ferro. Suas vidas são ásperas, seu modo de falar é ainda mais áspero, e qualquer um que trombar com qualquer outra pessoa pode esperar uma bala entre os olhos. Não há lei onde eles vivem, nenhuma. Eles estabelecem suas disputas com armas e punhos e às vezes até com martelos, tudo o que é conveniente. Não é apenas sem lei no final de uma linha ferroviária, não há cidade. Não há casas, lojas, igrejas, depósitos... em outras palavras, nenhum abrigo de nenhum tipo. Um homem que vive na selva assim não vai sobreviver por muito tempo sem uma arma. Há linces nas montanhas, lobos nas praias, e tudo o que cresce com dentes no meio. Naturalmente, todos eles vão para a água, que geralmente é onde as pontes e os cavaletes ascendem. Por volta desse momento do dia, os animais sempre vêm beber.

— Onde quer chegar, Sr. Cameron?

— O que quero dizer é que eu carrego uma arma como qualquer outro companheiro inteligente que espera domar o Oeste e viver para ver isso. Eu não estou negando que eu tinha uma arma comigo naquele trem. Estou negando que eu a usei para fazer um ataque.

— Você está esquecendo que você foi pego em flagrante.

— Fazendo o quê? Eu tinha acabado de tirá-la, pensando em limpá-la, mas antes de eu ter descarregado-a, alguma nervosa mulher velha estava gritando, e eu me encontrei no chão, baleado, e a próxima coisa que eu soube foi que eu acordei aqui em sua casa. É tudo o que sei.

— Uma história plausível. Você seria um bom ator, Sr. Cameron.

— Eu não preciso ser um bom ator, eu sou um bom fotógrafo. Quando eu conseguir ter meu equipamento de volta, você verá.

— Você parece muito confiante sobre isso.

— Eu estou, espere e veja.

— Oh, eu esperarei, mas duvido que haja algo para ver.

— Você é uma mulher difícil de convencer.

— Eu sou uma mulher que reconhece a verdade quando está encarando ela na cara.

— Mas é o que eu faço como fotógrafo. Reconheço a verdade e gravo-a permanentemente em imagens.

— A verdade?

Ele pensou por um momento, depois inclinou a cabeça para o lado como se estivesse estudando-a. — Bem, pegue a noite passada, por exemplo. Você teria feito um subjetivo muito atraente na noite passada quando você se sentou naquela cadeira, rindo. A luz caiu sobre você exatamente no ângulo certo para tirar toda a dureza afetada do seu rosto e dar-lhe uma qualidade natural que faz refletir. Chame isso de despreocupação, se você quiser. Naquele breve momento, se eu tivesse minha câmera, eu poderia ter capturado você como você realmente é, não como você pretende ser. Eu teria exposto você como uma charlatã.

Ferida por suas palavras, a negação surgiu instantaneamente em seus lábios. — Eu não sou charlatã. — Em vez de argumentar, ele a estudou com a cabeça inclinada, como se pudesse ver suas profundezas e soubesse exatamente sobre o que ele estava falando. — Se há algum charlatão aqui é você. Você provou isso por suas próprias palavras. Qualquer fotógrafo sabe que um subjetivo não poderia ser fotografado balançando em uma cadeira de balanço. Mesmo eu sei que os subjetivos devem ficar rígidos, às vezes até mesmo apoiados para tirarem fotografias de sucesso.

— Você perdeu meu ponto completamente, mas de propósito, eu acho. No entanto, se for assim que você quer, está tudo bem para mim. Deixe-me dizer que, se você quer resultados rígidos e inexpressivos, eles são fáceis de obter. Minhas fotografias carecem de tal artifício. É por isso que faço o que faço pela ferrovia. Eles querem que sua história seja fotografada como de fato aconteceu, e não como alguns tolos acham que podem adaptar a pose e postura da coisa real. Pode ser o mesmo com as pessoas. Algum dia eu vou tirar sua foto e ela irá lhe revelar o que quis dizer. Ela irá mostrar-lhe como é a verdadeira Abbie.

Era fácil dizer pela expressão dela que ela tinha censurado suas palavras, tudo o que ela escolheu não acreditar.

— O verdadeiro eu está indizivelmente cansado — disse ela, levantando-se do baú. — Mas não cansado o suficiente para se encantar por uma história como a sua. Eu ainda acredito que você é um ator melhor do que qualquer ladrão de trem ou fotógrafo.

— Compreenda da forma que lhe for conveniente, Senhorita Abigail —

disse ele. — Os charlatões costumam fazer isso.

— Você deveria saber — ela respondeu, mas seus olhos atraíram e prenderam os dela, fazendo-lhe se perguntar se ele realmente foi sincero sobre tudo o que ele havia dito. Por fim, ela olhou para a cabeça turbanteada e disse: — Eu acredito que podemos remover a aveia agora. — Ela foi até a penteadeira para pegar sua escova.

— Eu posso escová-lo sozinho — ele ofereceu, mas ela afastou sua mão, tirou os alfinetes, a toalha, e começou a escovar.

— Você espalharia a aveia sobre tudo e a aveia atrai ratos — disse ela. — Eles não se opõem a comer coisas de segunda mão como você.

Ele fechou os olhos e virou a cabeça de um lado para o outro conforme ela instruiu. Que noite de sábado, ele pensou, tendo aveia sendo tirada do meu cabelo por uma mulher que não gosta de mim e de ratos. — Eu não consigo alcançar a parte de trás. Você poderia se sentar e se debruçar sobre a beira da cama? — Ele se sentou, inclinou-se para frente, cotovelos nos joelhos, e ela espalhou a toalha cuidadosamente no chão entre seus pés. Ele observou a poeira de aveia caindo enquanto ela escovava da nuca do pescoço para frente com escovadelas ágeis. Havia momentos em que ela poderia ser bastante atraente, como ontem à noite na cadeira de balanço, e agora, fazendo uma coisa comum como escovar seus cabelos. No entanto, raramente ela fazia algo de uma maneira comum. Ela preferia, por algum motivo, se posar, tensa, rígida, tão inflexível como as restrições eternas que ela colocava em seu comportamento. Estava além dele por que ele deveria tentar fazê-la se ver verdadeiramente. Se ela estava feliz com o artifício, deixe-a estar, ele pensou. Ainda assim, era difícil para ele entender por que alguém colocaria um tal molde para si.

A escovação trouxe arrepios em seus braços. Foi deliciosamente relaxante. Em seus pensamentos sonolentos, ele se perguntou sobre Abigail McKenzie, pensou em outras coisas que ele poderia dizer a ela, mas então percebeu que a escovação havia parado; ela tinha partido tão silenciosamente quanto tinha vindo, deixando a escova recostada, com as cerdas para baixo, na parte de trás do seu pescoço.

IX

ELA O DEIXOU RELAXADO E SONOLENTO E FICOU ALI deitada, ouvindo os sons abafados do andar de baixo. Ela ouviu o leve ruído das colchas amassadas sob seu peso, depois o som silencioso da cabeceira de latão enquanto ele empurrava contra ela. Ela o visualizou virando de lado, suspirando e adormecendo enquanto ela esperava pacientemente. Ela lutou contra a sonolência, ouvindo os sons ocasionais da cidade que desapareceram até que tudo estivesse tão parado como a eternidade. Um cão latiu, uma vez, distante e solitário, porém isso a fez ficar alerta e sentar-se, resistindo ao sono.

Depois de um período interminavelmente longo, ela se levantou, rápida e levemente, fazendo apenas um pequeno ruído que já havia desaparecido. Mais uma vez, ela esperou, paciente como um gato a espreita, e quando ela se moveu, seu movimento foi acompanhado de uma falta de som. Ela alcançou as escadas com os pés descalços, fazendo uma descida rápida e deslizante, sabendo que ela arriscava menos som assim do que se ela hesitasse em cada passo. Mas uma vez no último degrau, ela esperou novamente. Ela podia ouvir sua respiração na quietude — longa, rítmica, sonolenta. E ela se moveu de novo, sem parar ao se aproximar da porta do quarto, nem no pé de sua cama, nem olhou para se certificar de que ele estava dormindo; qualquer uma dessas hesitações, especialmente a última, poderia influenciar algumas reações instintivas e despertá-lo. Em vez disso, segura e silenciosa, ela deslizou para o lado da cama e deitou-se no chão.

Ele respirava como antes, enquanto sua respiração vinha em curtas, rajadas assustadas.

A camisa embrulhada na arma estava perto da borda externa do colchão, onde ele conseguia alcançar sem ter que se inclinar muito para baixo. Ela tocou-a, explorando o tecido da camisa, o nódulo duro dentro, os cumes da câmara do cartucho, o afiado gancho do cão, a coronha, o tambor. Ela estremeceu. Se ela tentasse puxá-la através dos espaços retangulares entre as molas, sem dúvida seria pega, pois a arma era maior do que os buracos. Em vez disso, ela estudou a forma como uma pessoa cega poderia: usando a ponta dos dedos, determinando

que aquilo estava tão perto da borda que não mais do que a menor pressão para cima no colchão liberaria a arma para que ela pudesse puxá-la de lado.

O problema era levantar o colchão uma polegada ou mais.

Ela simplesmente teria que esperar até que ele decidisse rolar. Talvez quando as molas grunhissem, ela poderia tirar a arma rapidamente e ele nunca saberia a diferença. O chão ficou tão duro como uma bigorna. Ela ficou gelada e precisou muito se mexer, e ele ainda dormia pacificamente. Ela ouviu o cachorro novamente, longe, e a resposta de um lobo ainda mais longe, e apesar do piso duro, ela começou a dormir. Para ficar acordada, ela estendeu a mão e tocou em algo frio e carnudo. Ela recuou com medo, então percebeu que era apenas a bexiga de porco. A lembrança dos dedos longos e fortes apertando aquilo voltou para assombrá-la, e ela fechou os olhos para apagar a imagem. Mas então, Jesse fungou, suspirou e se moveu para o outro lado, fazendo com que as molas rangessem. Naquele exato momento, ela elevou e sustentou com uma mão os espaços abertos das molas, enquanto com a outra puxava a camisa, arma e tudo. Ela pousou no seu peito, caindo fortemente, e controlou o impulso de engasgar com o peso.

Ela ficou absolutamente imóvel, repelida pela coisa pesada. Mas finalmente ela tinha a ominosa arma! Lentamente, ela desembrulhou-a. A camisa pousou sobre seu estômago e seios e ela pôde sentir o cheiro dele nela. Ela estremeceu. Então ela lentamente revirou a camisa em uma bola apertada, certificando-se de que nem mesmo um botão batesse no chão. Enquanto esperava com o aço frio em seu peito, imaginou que tipo de pessoa era requerido para armá-la, levantá-la e apontá-la para outro ser humano. Ela viu-se no outro extremo como ela tinha estado esta manhã, e mais uma vez disse a si mesma que seria preciso um animal para fazer tal coisa.

Ele estava respirando uniformemente de novo. Ela prendeu a respiração, tremendo ao pensar em ser pega. Mas a parte mais difícil foi feita — o resto era fácil. Seja paciente, seja paciente, ela se admoestou. Ele estava roncando levemente agora. Com a arma em uma mão e a camisa na outra, ela sentou-se, alerta, preparada para saltar se ele se movesse, quase assustada ao ver o quão perto ela realmente esteve da cabeça dele todo esse tempo. Ele encarava a parede, então ela se elevou ainda mais, sem som como sempre, e no momento em que suas solas tocaram o chão, ela se sentiu confiante em partir para a segurança.

Ela deu menos de um passo quando um braço se elevou, a pegou, e a virou por trás, sacudindo fortemente a cabeça dela e fazendo a parte baixa de suas

costas colidir com a anca dele na quase cambalhota que fez até seus dedos do pé baterem contra a parede. Quando ela acertou o colchão, um peso horrível se instalou em seu peito. No momento seguinte, ela teve a certeza de que ela estava morrendo, pois ele tinha tirado o ar dela. Na parte inferior de suas costas, onde havia colidido com ele, parecia que havia dois pedregulhos debaixo dela e ela tentou alcançá-la para amaciar a dor, mas rapidamente, ele prendeu seu braço debaixo dele e empurrou o outro contra o colchão sobre sua cabeça, a arma ainda dentro de seu aperto.

— Tudo bem, senhora, quer se esgueirar debaixo da minha cama, isso é o que você recebe! — ele rosnou. — Me dê à maldita arma! Agora! — Ele empurrou o pulso no colchão, tentando arrancar a pistola de seus dedos.

Mas foi inútil. Eles estavam apertados em um aperto de morte, presos no meio de um inconsciente movimento desesperado quando ele tirou seu ar. A dor em seu peito cresceu até se tornar uma dificultosa, estrangulada, desbaratada e esmagadora dor, enquanto ela lutava pelo ar que se recusava a preencher seus pulmões. Ele bateu no pulso contra a cama, apoiando-se nela, aumentando a pressão nos pulmões até ela sentir que seus olhos estalariam de suas órbitas.

— Me dê à arma, sua mulher estúpida! Você achou que eu era tolo o suficiente para deixar você fugir com ela? — Ainda sem conseguir respirar, seu medo aumentou e aumentou e ela entrou em pânico, incapaz de dizer o que havia de errado.

E quando ela soube com mais certeza do que nunca que ela estava começando a morrer, um chacoalhar saiu de sua garganta e sua mão ficou frouxa, soltando a arma. Ele ouviu sibilos e ofegos enquanto ela lutava para respirar.

Então, de repente, seus joelhos se elevaram fetalmente.

Ele saltou do seu peito, exclamando: — Cristo, Abbie! — Ela enrolou-se como um tatu, meio chorando, meio ofegando e rolando de um lado para o outro, agarrando os joelhos. Ele tentou fazê-la endireitar-se para que o ar pudesse entrar, mas ela apenas se curvou mais.

Finalmente, ele a deitou de barriga como uma boneca de pano, a arma voando para a parede, depois retinindo no chão do canto atrás da cama. Com a testa agora contraída no colchão, ela apertou o estômago, contorcendo-se, seu traseiro içado instintivamente em sua tentativa de renovar sua força vital. Jesse a segurou pelos quadris, suas mãos gigantes mantendo-a, tentando ajudá-la a respirar novamente.

— Eu não queria tirar seu ar. — Sua respiração ainda vinha áspera e raspada. Ela podia sentir a sua dolorida parte posterior contra algo quente. — Abbie, você está bem? — Mas o polegar dele apertou um ponto que tinha sido machucado pela sua anca. Agitando-se, ofegando, chorando de uma só vez, ela tentou se libertar.

— Me so... — Mas sua voz ainda não estava funcionando e ele a mantinha naquela posição ignominiosa contra seu corpo revestido de pijama.

— Não tente falar ainda — ele ordenou — deixe sua respiração voltar primeiro.

Então, finalmente chegou. Abençoados, puros, gigantes goles de ar, fluindo para seus pulmões e fortificando-a. — Me... solte. — ela conseguiu dizer, enquanto seus punhos ainda agarravam o lençol e ela ondeou um pé de forma dissoluta. Ele a soltou finalmente e ela se afundou bruscamente na cama. Ela sentiu seu peso rolar enquanto ele se movia para ajoelhar-se ao lado dela.

— Ferida? — Ele perguntou, e ela sentiu sua mão esfregando a parte baixa de suas costas enquanto ela ficava deitada flacidamente, ofegando, esperando que seu coração quase arrebentado se tranquilizasse.

— Tire... suas... mãos... imundas... de... mim — ela falou atabalhoadamente no colchão entre arfadas de ar.

— É culpa sua — disse ele, ignorando sua ordem, ainda esfregando, mais ternamente agora e em varreduras mais longas. — O que você estava tentando fazer, atirar em mim?

— Nada me agradaria mais — ela soprou.

— Isso é o que você ganha em troca — ele disse, e propositadamente dirigiu seus dedos longos e magros, um deslizar, para baixo da espinha, onde a sua cavidade se alargava, depois se estreitava. Ela pulou como uma lebre em um salto desesperado em direção ao canto da cama, pulando para a arma. Mas sua cabeça bateu na parede com um retumbante crack! As molas da cama rangeram e ele a agarrou pelos tornozelos e a arrastou para trás, seus dedos nunca tocaram a pistola, sua camisola subiu rolando debaixo dela. Ela se inclinou para ela desesperadamente, mas logo ele pairou e pousou toda a extensão dele na parte superior do seu corpo, inclinando facilmente um braço longo para recuperar a arma do chão. O peito dele empurrou seu rosto para a cama, depois o peso desapareceu, se situando mais abaixo quando ele se sentou como um cowboy ao montar, prendendo seus braços em seus lados com os joelhos.

Mas agora ele também estava ofegante, apertando os dentes enquanto

pressionava a mão em sua ferida latejante. Ele balançou uma ou duas vezes, de repente irritado por causa da dor.

— Tudo bem, Senhorita Toda-Poderosa, então você quer brincar de armas, não é? Ok, eu vou brincar. — Através do zumbido na cabeça, ela ouviu sua respiração irregular. Então ele balançou os quadris e ela ouviu a arma clicar em sua orelha. — Role — ele ordenou.

Ela lutou com a camisola, mas, enquanto ela se esforçava, o tambor da arma raspava no centro das suas costas, segurando-a onde ela estava.

— Role — ele repetiu, tenso e feroz agora, e cutucou-a um pouco mais com o tambor. Ela se rolou medrosamente para longe dele, tremendo perto da parede. — Por que é que, toda vez que eu acordo, você parece estar na minha cama? — ele acusou.

Ela apertou a cabeça, que agora estava doendo incontrolavelmente, fechou os olhos enquanto sua voz untuosa fluía. — É por isso que você me trouxe para sua casa, Abbie? Então, você poderia pular para a cama de um pistoleiro? Por que você não disse isso em vez de fingir ser a enfermeira graciosa? Enfermeira... ha! Você sabe o que você me fez sob o pretexto de enfermagem? Deixe-me recontar tudo para que você saiba no que estou prestes a chegar. Primeiro, você raspou meu bigode sem nenhum motivo aparente. Você me fez ficar deitado em necessidade até eu pensar que minha bexiga estouraria. Então você jogou a comadre em mim. Então você empurrou ramos para baixo da minha garganta até que ela esteve praticamente inútil para mim, e depois afirmou que era para meu próprio bem que você tinha que me deixar passar fome. Em seguida, você calmamente começou a me envenenar com fígado até eu vomitar como um urubu. Então, você me apresentou uma bexiga de porco crua enquanto eu gemia por uma refeição decente. E agora, por último, mas não menos importante, você tenta atirar em mim!

— Eu não tentei atirar em você!

— Você, Senhorita Abigail, foi pega em flagrante. Essas são palavras familiares? Você se lembra de ouvi-las recentemente?

— Você atirou no Sr. Melcher e ele tem um buraco no lugar de um dedo para provar isso. Eu atirei em ninguém. Eu só estava atrás da arma.

— Você não atirou em ninguém porque eu fui mais rápido do que você. Qual o problema, sua cabeça está doendo agora?

— Eu bati na parede.

— Como você também me disse uma vez, isso é culpa sua. Você trouxe isso

para si mesma quando veio se esgueirar aqui. Você exercita o seu andar silencioso com demasiada frequência.

— Eu salvei sua vida, seu ingrato! — ela cuspiu e supôs que aquilo era um blefe, achando que ele realmente não iria machucá-la. Mas seus ombros não conseguiram sair do colchão por mais do que a largura de uma mão antes que ela se encontrasse empurrada de novo, as juntas dele esquadrinhando os ossos de seu peito.

— Ingrato? — Ele riu maliciosamente. — Sim, talvez eu tenha sido um ingrato. Talvez eu não tenha mostrado a gratidão adequada por tudo o que você fez por mim. Talvez seja melhor retribuir... agora. Pagá-la por tudo o que você fez para mim, é isso o que você quer?

— N... não, eu não quis dizer isso.

— Mas é claro que você quis dizer isso. Vamos chamar isso de pagamento por serviços prestados.

— Não... — Ela cruzou os braços protetoramente sobre o peito.

— Vamos ver como você gosta de ter sua boca invadida, Abbie. — Ele se moveu tão rapidamente que ela não teve chance de lutar. No momento seguinte, um de seus braços foi preso entre o colchão e o corpo dele, o outro pulso pressionado contra um trilho da cabeceira de latão enquanto ele o segurava com uma poderosa mão. Sua boca se aproximou, mas ela virou o rosto e ele perdeu o alvo. Ele tentou novamente, mas ela rolou para o outro lado.

— Então você ainda quer brincar, hein? — Ela se contorceu enquanto ele empurrava seu braço para baixo. Mas ele a rolou facilmente para o lado, forçando o braço que estava estendido a ficar atrás de suas costas antes do próprio peso dela. A mão dele recém-liberada foi até a parte de trás do seu pescoço, longos dedos arrastando-se através de seus cabelos recém-lavados, controlando-a enquanto ele aproximava a boca á dela novamente e passava a língua nos seus dentes descobertos. Ela ofegou e sacudiu-se, mas a dor surgiu em seu braço então ela ficou parada, percebendo que não era rival para a força dele.

Ele colou os lábios nos dela, provocando agora com a língua, correndo-a pelos cantos de sua boca, torturando-a com sua insinuação suave e úmida. Incapaz de combatê-lo, seu único recurso foi ficar mole e submissa, determinada a não mostrar luta nem medo.

Ele sentiu o que ela estava fazendo e deslizou os lábios até a cavidade embaixo da sua mandíbula, sussurrando perto de sua orelha: — Eu vou pagar você por cada coisa que você fez comigo, Abbie. — Então ele acariciou seu

caminho de volta ao canto de sua boca, os lábios cheios se fechando tranquilamente sobre sua boca enquanto ela mantinha sua mandíbula fixamente fechada. Ele riu baixinho em sua garganta e ela o sentiu sorrir contra seus lábios. — Como você gosta, Abbie? — Seu coração dançou em sua garganta e suas pálpebras tremeram ao mantê-las bem fechadas. Ele se moveu para capturar o lado de uma narina sua como um garanhão beliscando uma égua, deixando sua pele úmida quando se moveu, inclinando-se para baixo. Ele pegou seu queixo na boca, sugando suavemente, fazendo eixos de calor atravessar seu corpo. E, ao longo da cama, ela sentiu que ele crescia cada vez mais duro contra a parte de trás da sua mão capturada. Querendo morrer, mas se sentindo mais viva do que nunca em sua vida, Abbie absorveu a sensação de tudo. Retida prisioneira, de repente ela sentiu como se estivesse alçando voo.

A mão dele se afastou de seus cabelos e ele correu apenas a ponta de seu dedo mindinho pelo vale entre seus seios, até sua cintura. Então, pescando cada botão com esse único dedo, ele os abriu em seu vagaroso caminho de volta para cima. — Ei — ele sussurrou contra seu pescoço — você achou que iria sair com minha camisa esta noite? Você roubou a minha... eu roubo a sua. — Então, lentamente, ele afastou o corpete do vestido, abrindo primeiro o lado esquerdo, depois o direito, ainda usando apenas aquele dedo mindinho, encostando o lado de trás dele contra a superfície de seus seios, sobre cada montículo suave até cada mamilo ereto, roçando-os como vento quente e criando colisões de arrepios não solicitados sobre sua pele.

— Você sabe o que faz comigo, Abbie? Você me esfrega em uma centena de maneiras erradas. Deixe-me mostrar-lhe o modo certo. — A palma dele segurou seu peito nu e seus olhos voaram abertos. Ela viu seu bigode escuro tão perto de seu rosto, sentiu sua respiração em sua boca, sua dureza quente contra a parte de trás de sua mão. E, durante todo o tempo que ele amassou seu peito com seu imperdoável mamilo tenso, ele acariciou suas costelas e estômago com o antebraço. Suas pálpebras se fecharam, a respiração que ele já havia tirado dela ficando presa em sua garganta.

— Que tal um banho de cama, Abbie? Eu te devo um. — Seus sentidos fugiram para um ponto central enquanto ele acariciava um peito e se inclinava para cercar o outro com sua língua quente e úmida, banhando-o de forma lenta e minuciosa, da crista rígida ao perímetro mais suave. Ela sentiu a aspereza da lambida sobre a suavidade, lustrosa pela umidade. Seus dentes, abertos, separados suavemente, conhecendo. Entre a língua e os dentes superiores, ele

pegou a coroa de rubi do seu peito, levemente, levemente acariciando, sugando até seu ombro se afastar do colchão. Ele baixou a boca para a suave cavidade, onde o peito se encontrava com a costela e lá a banhou com calor antes de continuar para baixo enquanto seu corpo atingia seu ponto de condensação. Ele mergulhou a língua no interior de seu umbigo como uma abelha mergulhando no cálice de uma flor em busca de mel. Sua língua quente desapareceu, então ele a beijou ligeiramente um pouco mais abaixo e ergueu o rosto para perguntar: — Devo fazer um trabalho minucioso ou deixá-lo meio acabado como você fez comigo?

— Por favor... — ela implorou em um sussurro sufocado.

— Por favor, o quê? Por favor, termine ou pare?

— Por favor, pare. — As lágrimas pareciam ter se juntado nos seus olhos, na garganta e entre suas pernas.

— Ainda não. Não antes de trazer alguma vida a esses membros, como você fez com os meus. Lembra-se, Abbie? Lembra-se de como você massageou a vida de volta para mim e fez meu sangue bombear novamente depois que você me amarrou? — Ela não podia mais saber se isso era tortura ou prazer. Parecia que seu coração batia em cada poro de seu corpo quando mais uma vez, naquele lento, lento movimento, ele fez o que queria com ela, deslizando os braços ao longo do comprimento dos seus, colocando um no alto acima de sua cabeça, selando o outro abaixo deles.

Ele esticou seu comprimento sobre ela, segurando-a agora por trás, enquanto seu pulso ficava apertado contra a cabeceira de latão, que fazia um gemido mudo cada vez que ele a empurrava, moendo seu corpo tumescente contra o seu excitado. Seus lábios se abriram quando seu corpo traidor respondeu. Sua respiração batia rápido e quente no rosto dele. Ela não fez nenhum som, mas ele a ouviu choramingar. Choramingando por todo o medo misturado com essa nova turbulência sensual despertada tão repentinamente nela, o vazio pulsante que parecia gritar pela satisfação.

De repente, ele ficou imóvel, olhando para seu rosto sombreado com seus olhos fechados e trêmulos, seus lábios abertos e trêmulos. Ele tocou no cume de sua bochecha suavemente. — Quantos anos você tem, Abbie? Você mentiu para mim, não foi? Você disse que você é velha porque isso é um escudo no qual você se esconde por trás, com medo do que a vida realmente é. Mas do que você tem medo agora, viver com isto ou sem isto?

Um soluço ficou preso em sua garganta. — Eu tenho trinta e três anos e eu

odeio você — ela sussurrou. — Eu odiarei você até o meu dia de morte. — Seu medo dele havia desaparecido, substituído por um tipo de medo diferente e novo: um medo de si mesma. Um medo do músculo e do sangue que haviam respondido tão claramente a tudo o que ele havia dito e feito.

Há quanto tempo suas mãos estavam livres? Elas descansavam inanimadamente, enroladas em um abandono flácido, comandadas agora apenas pelo ar enquanto ele afastava o cabelo de sua testa — gentilmente, tão gentilmente. Ele havia reivindicado sua vitória sobre ela, é verdade, mas de alguma forma isso o deixou vazio e espancado. Enquanto ela ficava deitada debaixo dele, desgrenhada e derrotada, ele de repente desejou que ele tivesse a velha Abbie de volta, toda engomada e irascível.

— Ei, o que começou isso? — Ela ouviu a mudança em sua voz e isso não fez nada para acalmar as vibrações desenfreadas de sua carne. Ela engoliu as lágrimas na garganta, mas sua voz estava grossa, a parte de trás de seu pulso caindo nos seus olhos.

— Se eu me lembro bem, alguém trouxe um ladrão de trem para minha casa e ele usava um bigode.

— Abbie... — ele disse tentativamente, como se houvesse muito mais não dito. Mas ela o afastou e lutou para alcançar a beira da cama, deixando-o lamentar o que ele fez, lamentando ainda mais que ele não tinha feito. Porém, enquanto ela deslizava pelos lençóis amarrotados, sua mão tocou no aço frio, abandonado na luta deles, que havia deixado de ser uma luta. Os dedos dela se fecharam naquilo quando ela se afastou silenciosamente no escuro.

X

ERA UM BOM DOMINGO, BRILHANTE E FRESCO, O CÉU tão azul quanto o ovo de um pisco. Mas, durante todo o serviço, a Srta. Abigail achou difícil prestar atenção. Mesmo enquanto rezava por perdão pelas respostas que ela não tinha conseguido controlar na noite passada, ela sentiu sua pele arrepiar docemente pela lembrança. De pé para se juntar em um hino, seus lábios se separaram para formar as palavras, mas a lembrança da língua dele entre eles a chamuscou de vergonha e de um proibido ardor de desejo. Colocando uma mão na nuca para alisar seus cabelos, a lembrança da mão dele fez com que ela abaixasse a cabeça com vergonha. Mas, conforme ela assim fez, olhou para o corpete coberto de renda de seu próprio vestido de colarinho alto apenas para saber que, dentro dele, seus mamilos estavam rígidos como balas de goma. E dentro de sua alma primitiva, Abigail McKenzie sabia que ela estava realmente condenada agora, mas sem uma real culpa. Ela tinha vivido uma vida modesta, uma em que era permitido pouca tentação do tipo que tinha sido posta em seu caminho na noite anterior. Mas ela não tinha merecido ser tratada tão implacavelmente.

Enquanto a Srta. Abigail contemplava tudo isso, ela ocasionalmente se pegava olhando a parte de trás da cabeça careca do Doutor Dougherty, desejando que ela pudesse apontar aquela arma e acertar algum sentido nele!

Quando o culto acabou, ela perdeu a conta de quantas vezes ela foi perguntada sobre como tudo estava indo em sua casa, quantas vezes ela foi forçada a mentir e responder: “Bem, bem”. Foi-lhe perguntado tudo sobre como as feridas do fora da lei estavam se curando e o que no mundo ela queria com aquela bexiga de porco! Para o último, ela respondeu novamente com uma meia mentira, de que o ladrão de trem a usava para fortalecer sua mão machucada — verdade o suficiente, mas dificilmente a razão pela qual ela havia comprado-a. Quando ela finalmente conseguiu afastar o Doutor Dougherty a um lado, ela estava chateada não só com ele, mas com todos os que lhe perguntaram coisas que não era da conta deles.

O Doutor estava no seu temperamento agradável de sempre quando a

cumprimentou — Como vai, Senhorita Abigail.

— Doutor, eu preciso falar com você.

— Há alguma coisa errada com o paciente? Qual o nome dele mesmo? Jesse, não é? Ele já fez algum exercício?

— Sim, ele fez, mas...

— Ótimo, ótimo! Aquele membro se enrijecerá como uma pele não curada se ele não se mexer. Alimente-o bem e se certifique de que ele se levante e ande, talvez até mesmo para fora da casa.

— Fora de casa! Ora, o homem não tem roupas. Ele saiu ontem da casa embrulhado em nada mais do que um lençol!

O Doutor riu, sua barriga sacudindo jovialmente. — Nunca pensei nisso quando devolvi as coisas dele no outro dia. Suponho que teremos que comprar umas roupas para ele, hein? A ferrovia pagará...

Impaciente, ela interrompeu: — Doutor, no que você pensou para devolver a arma para ele? Ele... ele me ameaçou com ela, depois de tudo o que fiz por ele.

O Doutor franziu o cenho preocupado. — Ele te ameaçou?

— Shh! — Ela olhou ao redor rapidamente, depois mentiu novamente. — Não foi nada muito sério. Ele só queria algumas costeletas de porco fritas para o jantar.

De repente, o Doutor suspeitou que tipo de rivalidade poderia ter surgido entre duas pessoas tão obstinadas, e um brilho revelador acendeu seus olhos quando perguntou: — E ele as teve?

Ela se ruborizou, inquietando-se ao puxar a luva já apertada, e balbuciou: — Ora... eu... ele... sim, ele teve.

O Doutor colocou a mão em um bolso do peito, encontrou um charuto, mordeu a ponta e olhou para longe refletindo. Então ele cuspiu a ponta do charuto no chão e sorriu. — Muito esperto da parte dele, considerando que a arma não tinha balas.

A Senhorita Abigail sentiu que alguém tinha acabado de abrir sua chemise e derramado água gelada por dentro.

— Balas? — ela explodiu, sua mandíbula tão apertada que ela poderia ter ferido alguém naquele momento.

— Balas, Senhorita Abigail. Você não pensou que eu devolveria a arma para ele com um cilindro cheio de balas, não é?

— Eu... eu... — Mas ela percebeu o quão estúpida ela devia parecer para o Doutor Dougherty, admitindo que ela foi enganada por um criminoso com uma

pistola vazia. — Eu não tinha pensado que a arma poderia estar vazia. Eu... eu... deveria ter sabido.

— É claro que você deveria. Mas sinto muito que ele tenha apontado-a para você, de qualquer maneira. Parece que você teve suas divergências com ele. Fora isso, tudo está bem?

A Senhorita Abigail não podia, não admitiria a uma alma viva o quão difícil tudo estava. Ela nunca poderia voltar a encarar uma pessoa nesta cidade se as pessoas descobrissem o que ela sofreu nas mãos daquele canalha em sua casa. Ela se orgulhava do controle, da boa criação, dos bons costumes, e a cidade a respeitava por essas coisas. Ela não lhes daria nenhum motivo para levantar as sobrancelhas para ela agora. Não tão tarde na vida!

— Eu lhe asseguro que tudo está bem, Doutor Dougherty. O homem não me prejudicou de forma alguma. Mas ele é um grosseirão, um bruto, mal-educado e convencido, e eu estou completamente cansada de tê-lo em minha casa. Quanto antes ele sair, melhor. Eu gostaria que você assinasse imediatamente uma liberação para que o Xerife Harris pudesse transmiti-la as autoridades da ferrovia para que o levassem.

— Com certeza, vai ser a primeira coisa que farei pela manhã. Ele deve estar bem o suficiente para viajar em breve.

— Você acha que levará quanto tempo antes de virem e pegá-lo?

O Doutor coçou o queixo. — Isso é difícil de dizer, mas não deve levar muito tempo, e eu vou estar lá todos os dias. Você pode contar com isso, Srta. Abigail. Assim que eu ver que ele pode viajar, nós o teremos fora de lá e fora de suas mãos. Há mais alguma coisa que eu possa fazer por você?

— Sim. Você pode comprar algumas calças para ele. Se ele deve se exercitar com as muletas, eu insisto que ele se vista corretamente.

— Claro. Eu vou comprá-las e levá-las.

— Quanto antes, melhor — ela sugeriu, sem muita apaziguação. Então, com aquele pequeno elevar de queixo, ela lhe desejou bom dia e se virou para ir para casa, mais irritada do que nunca se lembrou de estar em sua vida.

Pensar que ela tinha sido enganada, assaltada, zombada por tal... tal cão que ela pegou nas ruas quando ninguém mais na cidade faria mais do que jogar os restos de suas mesas para ele! Ele a tinha vitimado uma vez, mas duas vezes... e com uma arma vazia ainda por cima! O pensamento a fez positivamente chiar quando chegou à casa.

JESSE OUVIU O ALTO CLACK! CLACK! CLACK! DOS SALTOS dela nos degraus enquanto ela ruidosamente subia para o andar de cima. Um momento depois, ela desceu de novo, marchando alto, regularmente, como se alguma banda acompanhasse seu desfile.

O ruído incomum o surpreendeu; antes da igreja, ela estava andando silenciosamente de novo. Ela passou por sua porta, foi até a cozinha e abriu a porta da despensa. Ele a ouviu derramar algo, então ela voltou, ainda marchando. Além da porta do quarto, ela bateu. Até a cama ela caminhou, e antes que ele pudesse dizer uma palavra, o feriu, puxando-o e batendo em seu rosto com tanta força que sua bochecha reverberou da cabeceira. O latão cantou como se ela tivesse batido nele com um martelo.

Enquanto ele ainda estava atordoado, ela cruzou calmamente para o jarro de água, colocou uma xícara de algo nele, então segurou sua pistola sobre ele, usando apenas o polegar e indicador.

— Nunca mais vai me ameaçar com este objeto desagradável que você chama de arma — ela disse, toda eloquente e auto justificada, antes de soltar a arma com um plop! dentro da água. — Nem com nem sem balas! — Ainda muito surpreso para se mover, ele ouviu borbulhos dentro do jarro enquanto a água gorgolejava no tambor. Quando finalmente o atingiu o que ela tinha feito, ele saltou da cama e coxeou até o jarro. Ele estava prestes a mergulhar a mão atrás da arma quando ela avisou friamente: — Eu não tentaria tirar isso a menos que você queira a sua mão dissolvida também pela lixívia. — Ela recuou a uma distância segura.

Ele pulou para trás, girando torpemente para encará-la, mas atropelando a mesa no processo. — Sua filha de uma cobra! Tire essa arma dali ou eu vou despejar toda essa coisa no chão, eu juro!

— Minha mesa! — ela exclamou, enquanto a água de lixívia encharcava o verniz. Ela deu alguns passos em direção a ela, mas parou de forma incerta.

— Tire-a! — ele rugiu. Eles olharam um para o outro, suas mandíbulas rangendo, suas bocas apertadas e tremendo.

Como animais selvagens, eles se posicionaram, atentos, tensos, cautelosos. Em uma disposição escassamente controlada, entre os dentes cerrados ele falou, pontuando suas palavras com grandes lacunas vazias: — Tire... ela... dali!

E ela sabia que seria melhor que tirasse.

Com uma sacudida de ombros e uma curva para pegar o jarro, ela carregou o jarro até a porta de tela dos fundos. Ele ouviu o conteúdo ser lançado, depois o

splash enquanto ela esvaziava toda a bagunça no quintal. Ela veio correndo de volta com um pano para limpar o tampo de mesa de sua preciosa mesa. Enquanto ela se debruçava, Jesse colapsou na cadeira de balanço, enterrando o rosto nas mãos, murmurando com desgosto: — Para que você fez uma coisa como essa?

Em uma voz exagerada de sarcasmo, ela começou: — Sua incursão no prolixo é realmente impressionante.

— Não comece com suas palavras de três dólares — ele rugiu — porque nós dois sabemos que cada maldita vez que você faz isso, é porque você está com medo! Eu direi o que eu quiser, da forma que eu quiser!

— Assim como eu! Você pode ter pensado que me derrotou na noite passada, mas a Srta. Abigail McKenzie não será vencida, ouviu! — Ela esfregou a mesa com movimentos violentos. — Eu o trago para a minha casa - Você! Um comum ladrão de trem! - e mantenho sua carcaça putrefada viva e para quê! Para ser criticada pela minha culinária, minha linguagem, meus costumes, até mesmo as flores que eu cultivo no meu jardim! Para ser pisada e degradada em reembolso pelos meus cuidados!

— Cuidados? — Ele riu com dureza. — Você nunca se importou com nada em toda a sua lúgubre vida! Seu sangue é tão frio como o de um sapo. E, como um sapo, você mora na sua solitária flor-de-lis, pulando e se escondendo sempre que algo parecido com a vida chega perto de você! Você descobriu que a arma não estava carregada, hein? E é por isso que você entrou aqui e me bateu, e então soltou minha arma na lixívia? Certo?

— Sim! — ela gritou, girando para ele, lágrimas escorrendo de seus olhos agora.

— O inferno que é, Senhorita Abigail McKenzie! O motivo pelo qual você fez isso é porque você sabia que essa arma já não estava mais apontada para você quando você virou gelatina debaixo de mim, não é? Porque o que você sentiu na noite passada não tinha absolutamente nada a ver com uma arma. Você viveu toda a sua vida nesta casa de velha solteirona esquecida por Deus, assustada até a morte de mostrar qualquer emoção até que eu apareci. Eu! Um comum ladrão de trem! Um homem que seu sentido de decência entortado lhe disse para ter cuidado desde o primeiro minuto em que fui trazido aqui. Só que você não pode admitir a si mesma que você é humana, que você poderia ser acesa por tipos como eu, que você poderia estar deitada naquela cama e achar que a pele nua pode ser algo menos sórdido, apesar de quem está tocando-a, apesar do que você

se forçou a acreditar em todos esses anos. Você também aprendeu que uma pequena briga de vez em quando pode ser bastante revigorante, para não mencionar francamente, sexualmente estimulante. Só que não deveria ser, hum? Desde que estive aqui, você experimentou todas as emoções que lhe foram proibidas durante toda a sua vida. E a verdade é que você me culpa porque você gostou de todas e você acha que não deveria gostar.

— Mentiras! — ela argumentou. — Você mente para se defender quando sabe que o que fez na noite passada foi baixo, cruel e imoral!

— Baixo? Cruel? Imoral? — Mais uma vez, ele riu com dureza. — Ora, se você tivesse algum sentido, Abbie, estaria me agradecendo por te mostrar na noite passada que há esperança para você, afinal. Como você esteve silenciosa durante sua vida com suas limpas luvas brancas e seus pensamentos fastidiosamente limpos, estou surpreso por você não ter pedido à congregação que a homenageasse como mártir nesta manhã. Admita, Abbie. Você está doente porque gostou de rolar comigo naquela cama na noite passada!

— Pare com isso! Pare com isso! — ela gritou. Então ela girou e jogou o pano encharcado de lixívia nele. Ele pousou na parte inferior do rosto dele, uma ponta encharcada enrolando como uma cauda de rato em torno de sua mandíbula e pescoço. Instantaneamente, sua pele começou a queimar e seus olhos se arregalaram. Ele agarrou o pano de forma selvagem quando percebeu, horrorizado, o que ela tinha feito. No momento seguinte, ela estava reagindo como sua vida a programou para reagir, pegando uma toalha seca do lavatório, pulando para passá-la por seu rosto. Suas mãos trabalharam juntas freneticamente para secar a pele antes de qualquer dano ter sido feito. Ele viu seus olhos se alargarem com medo, dizendo-lhe que ela sabia que tinha ido longe demais.

— Você... — ela sufocou, esfregando sua pele com mais força do que esfregou sua mesa. — Você ri de tudo o que eu faço por você e me... ridiculariza por tudo o que é culpa sua. Nunca desde que você esteve aqui, conseguiu agradecer uma única coisa que fiz por você. Em vez disso, você critica, repreende e calunia. Bem, se eu sou tão sangue frio e moralmente estrita e indesejável, por que você começou o que fez naquela cama ontem à noite? Por quê? — Arrasada, a ponto de se quebrar, ela encontrou seus olhos, no entanto. — Você acha que eu não conheço a razão pela qual você me soltou? Você acha que eu sou tão ingênua que não poderia dizer que você acabou com aquilo por auto derrota, pois você acabou gostando? — Suas mãos ficaram paradas sobre a toalha, que se

afastou da parte de trás de seus ombros. Ela cobriu sua boca, mas seu bigode parecia mais negro do que nunca, contrastando contra a sua brancura. Eles enfrentaram um ao outro agora em um impasse silencioso. Seus olhos negros perfuraram os dela, que se desviaram para seu peito bronzeado. Suas mãos caíram da toalha como seus olhos tinham do olhar implacável e conhecedor dele.

De repente, ela desejou poder reclamar suas palavras. Lentamente, seus dedos morenos tiraram a toalha da boca. Suas palavras, quando finalmente chegaram, foram as mais temíveis, pois foram faladas em uma voz baixa e confusa.

— E se eu gostei, Abbie? E se eu gostei?

De novo, ela sentiu seus nervos agitados, a pele na parte de trás do pescoço formigando, enquanto a confusão a atravessava. Ele era um jogador, um quebrador da lei, seu inimigo. Ele não podia ser confiável. Ainda assim, ela olhou para os olhos desconcertados do assaltante de trens e eles a prenderam no lugar, como nenhuma arma poderia. Ele não sorriu nem franziu a testa, mas olhou para ela com uma expressão de intensa sinceridade.

— Eu não pedi por isso — ela conseguiu dizer em um sussurro engasgado.

— Nem eu — ele disse baixo.

Rapidamente ela se virou, perguntando: — Sua pele está queimada? — Mas sua mão forte foi erguida para mantê-la em uma firme aderência logo acima de seu cotovelo.

— Você realmente queria me queimar? — Ele perguntou, estudando as veias esticadas de seu pescoço enquanto ela tentava se afastar dele e engolia em seco.

— Eu... não... eu não sei o que eu queria. — Sua voz foi timorata e incerta. — Eu não sei como sobreviver em torno de você. Você me deixa tão brava quando não quero estar. Eu quero... — Mas ela suspirou, incapaz de terminar. Tudo o que ela queria era paz, não esse coração martelando, esse desejo ameaçador por uma pessoa como ele.

— Você também me deixa bravo — ele disse com mais delicadeza, apertando a carne sob seus dedos esticados.

Ele observou o perfil de seu peito direito levantando-se enquanto ela dava um grande e trêmulo suspiro. Ele viu suas pestanas caírem sobre suas bochechas rosadas.

— Solte meu braço — ela implorou tremendo. — Eu não quero ser tocada por você.

— Eu acho que você está atrasada Abbie — disse ele. — Ele balançou seu braço gentilmente. — Ei, olhe para mim.

Quando ela não o fez, ele agarrou seus ombros estreitos e forçou-a a encará-lo. Ela estudou o chão em seus pés enquanto as mãos dele queimavam uma trilha pelos seus braços flácidos até os cotovelos e em seus pulsos. Ele pegou frouxamente suas mãos enquanto ela lutava contra a compulsão de levantar o olhar para aqueles olhos escuros.

— É domingo, Abbie. Não devemos ser amigos por um dia e ver como isso funciona?

— Eu... — Ela engoliu em seco. Seu coração clamou em sua garganta e ela se sentiu corajosa para levantar os olhos até o queixo dele. Ele se barbeou enquanto ela esteve fora, e ele cheirava a sabão. Seu bigode grosso e negro, mas ela não levantaria mais os olhos. De repente, ele suspirou e voltou a cair na cadeira, ainda segurando suas mãos, fazendo algo suave e maravilhoso para as costas delas, esfregando-as lentamente com os polegares, do pulso até as juntas, enquanto ela estava confusa, dizendo a si mesma para puxar suas mãos das dele, mas absorvendo a delicadeza do toque, tão diferente de como ele já a tocou antes. Isso era gentil, terno de uma maneira que ela teria jurado que este homem nunca poderia ser. Ela olhou para suas mãos juntas e ficou completamente consciente do que ele estava fazendo, mas ela o deixou fazer.

Devagar, ele virou uma palma para a boca e seus olhos se fecharam enquanto os lábios quentes e o bigode se perdiam nela. Seus dedos ficaram enrolados sob o queixo dele e ela ficou parecida com uma estátua com o toque de uma varinha mágica, repentinamente imbuída de corrente viva, enquanto seu beijo se prolongava. Então a mão dele foi até sua cintura e ele puxou-a para o colo.

— Não, não... não de novo — ela implorou enquanto ele a abaixava com habilidade.

— Por que não? — Ele sussurrou enquanto as mãos fortes se fechavam sobre seus ombros e a giravam inexoravelmente em direção ao seu peito.

— Porque nós odiamos um ao... — Ele parou suas palavras com os lábios abertos enquanto suas mãos passavam por suas costas. Seu bigode estava macio agora, quase tão macio quanto antes de ela barbeá-lo, e sua língua quente veio sondando, eletrizando, acolhendo com sensualidade antes dela se separar dele, afirmando: — Isso é loucura, não devemos... — Mas suas longas palmas moldaram suas bochechas e ele teve-a novamente. Ele puxou sua boca para a dele, depois encontrou seus braços e colocou-os atrás do pescoço, segurando-os no lugar até que ele sentiu sua concordância e os enrolou em torno de sua cabeça.

E ela pensou, Eu estou louca, e o deixou continuar beijando-a até que suas mãos voltaram para suas costas, correndo para cima e para baixo, para cima e para baixo. Em seguida, em sua cintura, pressionando firmemente seus lados, descendo até logo acima da linha do cinto.

Ele sussurrou coisas em sua boca. — Não lute, Abbie... por uma vez, não lute contra isso — e as palavras foram borradas por sua língua movendo-se contra a dela enquanto ele falava. Suas mãos se moveram para baixo, até seus quadris, girando-os até que ela estivesse meio deitada, meio sentada em seu colo. Ele endureceu seu corpo na cadeira muito pequena, levantando-a e deslocando-a até que ela não mais controlasse onde ela estava ou como ela descansava sobre ele. Com o peito e a cintura arqueados para longe da cadeira, Jesse a manipulou até ela se deitar sobre ele. Ele era uma base de carne lisa e dura sobre a qual ela se acomodou enquanto ambos os braços dele circundavam sua cintura, mantendo-a muito imóvel, permitindo que ela conhecesse a sensação dele por meio das anáguas debruadas.

E ele era comprido... e duro... e de alguma forma muito bom.

Com o senso comum se intrometendo, ela se separou, resistindo. — Não... você é um ladrão. Você é meu inimigo.

— Você é seu próprio inimigo, Abbie — ele sussurrou. Então ela sentiu suas mãos cobri-la debaixo de seus braços enquanto ele erguia todo o seu corpo, deslizando-a sem esforço até que seus seios estiveram sobre o rosto dele e ele a segurou desse jeito, respirando através da frente engomada de seu vestido antiquado, soprando vida para ela que lutou contra isso.

— Oh, por favor... por favor, me ponha no chão. — Agora ela estava quase chorando, a dor e o prazer se misturando em seus seios, seu coração, nas mãos sobre seus ombros duros... e a parte dela que agora descansava contra o peito dele.

— Abbie, deixe-me — ele disse em seus seios — deixe-me.

— Não, oh, não, por favor — ela implorou, os lábios escovando contra seus cabelos suaves enquanto falava isso.

— Deixe-me fazer de você uma mulher, Ab.

— Não, não — ela ofegou. — Eu... Eu não vou tocar sua arma ou seu bigode novamente. Eu prometo. Eu vou alimentar você com o que quiser, apenas deixe-me ir, por favor.

— Você não quer que eu deixe — ele disse, deixando-a deslizar ao longo dele até que seus lábios estiveram nos dele novamente. Mas a toalha tinha se

intrometido entre suas bocas de alguma forma.

— Tire a toalha, Abbie — ele suplicou, seus braços firmes e sólidos em sua cintura.

— Não, Jesse, não — ela exalou tremulamente.

E, ouvindo-a pronunciar seu nome, Jesse soube que ela também o queria. Ele ergueu o queixo, cutucando a toalha com ele, acariciando seu pescoço. — Vamos ser amigos — ele disse contra seu colarinho alto e rígido.

— Nunca — ela negou enquanto seus lábios voltavam para os dela. Ele empurrou a cadeira para trás e ficou apoiado horizontalmente, seus quadris de encontro aos dela, balançando de pouco em pouco, cada movimento da cadeira dirigindo seu corpo duro contra o dela. Ele sabia que estava verdadeiramente além dela dizer sim para ele, que o único jeito que ele a teria seria como um tipo de violação, pois mesmo que ela cedesse, ela faria isso contra a vontade dela. Ele tinha que ouvi-la dizer sim ou soltá-la. Mas ele também entendia que aquela única palavra, sim, era impossível para ela pronunciar. Quando ele a soltasse, ela ficaria envergonhada pelo que ela havia feito até agora. Mas ele deveria soltá-la, e para fazer isso mais fácil, ele brincou: — Diga sim rápido, Abbie, porque minha perna dói como uma cadela.

Com sua provocação, ela pulou para trás, muito aborrecida para ter vergonha. — Oh, você! Seu egoísta e insofrível!

Para sua consternação, ele riu, segurando-a por apenas um momento mais.

— Mas continuemos sendo amigos por hoje, de qualquer forma. Estou cansado de brigar também.

Ela lutou para sair de seu colo, ajustando suas roupas. — Se você prometer não fazer nada assim novamente.

— Bem, eu poderia talvez apenas pensar sobre isso? — Seu bigode escuro ondulou acima de um sorriso provocante, enquanto Abby mal sabia onde deixar seus olhos repousarem, ela estava tão nervosa. Ela dirigiu-se para a cozinha e ele a seguiu em suas muletas.

— Se importa se eu me sentar aqui por algum tempo? — ele perguntou. — Estou ficando bastante doente naquele quarto.

Ela não olhou para ele, mas permitiu: — Faça o que quiser, desde que você fique fora do meu caminho.

Ele se sentou casualmente ao lado da mesa, apoiando as muletas no chão debaixo das pernas. — Não serei um incômodo — ele prometeu. No entanto, já era, pela maneira como ele se sentou lá com as pernas esparramadas e as muletas

descansando entre as pernas. Requeriu um esforço supremo evitar que seus olhos se desviassem, e ela não tinha dúvidas de que ele sabia exatamente o que ele estava fazendo com ela. Mas antes que ele pudesse perturbá-la mais, a voz do Doutor Dougherty veio da porta da frente.

— Olá, vocês aí dentro. Posso entrar? — E ele entrou, pois a forma como a casa da Senhorita Abigail foi projetada fazia com que ele conseguisse ver que ambos estavam na cozinha. — B-e-e-e-e-m — ele dirigiu a vista à Jesse — você está parecendo como uma rabeca, sentando na cadeira da cozinha. Como você se sente?

— Mais forte a cada dia, graças à Senhorita Abigail — respondeu Jesse, satisfeito, como de costume, por ver o doutor.

— Sim, ela me contou na igreja mais cedo. Oh, Srta. Abigail, eu trouxe aquelas calças que você me pediu para conseguir. Avery abriu sua loja especialmente para mim. Nós achamos que calças seriam uma necessidade, então ele foi obrigado a abri-la. Se elas não se encaixarem, será muito ruim, porque Avery já está fechado novamente.

A Srta. Abigail deu uma pequena olhada nos denims e continuou com os preparativos para o jantar novamente enquanto o Doutor e Jesse iam para o quarto para o Doutor dar uma olhada na perna dele. Ela pôde ouvir suas vozes abafadas antes do Doutor voltar para repetir sua ordem anterior. — Ele já não sofre mais perigo e pode fazer o que ele se sentir forte o suficiente para fazer, dentro, fora, não importa. Um pouco de ar fresco e luz do sol pode fazê-lo bem. Agora que ele tem roupas decentes, não faria mal dar uma caminhada pela cidade ou se sentar no seu jardim.

— Eu duvido que ele desfrutaria de qualquer uma dessas coisas.

— Eu já sugeri e ele parecia realmente ansioso para sair. Isso tampouco fará mal a você. Bem, é melhor eu ir agora. Se você precisar de mais alguma coisa, apenas grite.

Ela foi levá-lo até a porta da frente, mas, a meio caminho, Jesse saiu do quarto, vestido agora com denims azuis e uma camisa de algodão azul pálido que pendia aberta.

— Obrigado por parar aqui, Doutor, e pelas roupas — ele disse, e foi até a porta da frente como se a casa fosse dele.

— Foi ideia da Srta. Abigail — o Doutor informou.

— Então, talvez eu devesse agradecer a Srta. Abigail — disse Jesse, lançando um breve sorriso em sua direção.

Mas o Doutor já estava fora, passando pela porta, descendo os degraus da varanda, falando enquanto ele ia — Vejo vocês dois amanhã! — A maneira como ele falou, agrupando os dois juntos daquela forma, deixou um curioso sentimento caloroso quase como de segurança em Abbie, parada ali ao lado de Jesse na porta da frente depois de ter conduzido o Doutor até a saída.

Inesperadamente, a voz de Jesse ao lado dela foi educada e sincera, conforme ele disse: — É bom ter algumas roupas que se encaixam em mim novamente. Obrigado, Abbie. — Isso a surpreendeu porque ela estava tão acostumada com suas provocações e críticas, que dificilmente sabia como lidar com sua cortesia. Ela estava profundamente consciente do fato de que, enquanto o Doutor estava aqui, Jesse a chamara educadamente de Srta. Abigail, mas, assim que ele partiu, ele voltou a usar o familiar Abbie. Ela podia senti-lo olhando para ela, vislumbrou aquele peito nu sortido de cabelos negros, aqueles longos pés nus, e se perguntou sobre o que dizer a ele. Mas ele virou então, levantou uma muleta e gesticulou educadamente para que ela se movesse para frente dele de volta à cozinha. Ela sentiu seus olhos marcando suas costas quando ele seguiu atrás dela.

Ela voltou a cozinhar e ele voltou para a cadeira, mas o cômodo permaneceu tenso e em silêncio até Jesse comentar: — O Doutor me deu um grande sermão por apontar a arma para você.

Ela não conseguiu esconder sua surpresa. Era absurdo pensar que ele disse uma coisa assim. Então ele acrescentou: — Fiquei surpreso por você ter admitido isso.

Timidamente, ela disse: — Eu só disse que você fez pedidos de costeletas de porco, nada mais.

— Ah — ele retrucou — isso é tudo?

Ela estava desconcertada com ele sentado atrás dela, provavelmente olhando cada movimento que ela fazia. Por fim, ela arriscou uma olhada por cima ombro. As muletas estavam apoiadas contra o mesmo ponto de distração de antes, enquanto ele deixou inclinado o cotovelo na mesa, franzindo o cenho, correndo o dedo indicador repetidamente sobre seu bigode como se estivesse pensando profundamente.

Ela virou as costas para ele antes de inquirir inocentemente: — Ele disse mais alguma coisa?

Silêncio por um longo momento, então — Ele queria saber por que meu queixo e meu pescoço estavam vermelhos. Eu disse a ele que eu estava comendo morangos frescos do seu jardim e eles me mancharam. É melhor você ter alguns

morangos nesse seu jardim... — Por trás, ele viu suas mãos caírem.

Abbie podia sentir a coloração subindo por seu pescoço. — Você... você quer dizer... que você não falou sobre a lixívia no pano?

— Não. — Ele observou seus ombros caírem ligeiramente em alívio.

Para coroar, ela disse: — Sim, eu tenho morangos no meu jardim.

Atrás dela, ele ficou sentado observando enquanto ela começava a chicotear algo com uma colher. O movimento agitou as saias até que elas se balançaram sobre seus quadris estreitos. De repente, ela ficou imóvel e disse calmamente: — Obrigada.

Um sentimento estranho o pegou. Ela nunca tinha falado tão bem com ele antes. Ele limpou a garganta e isso soou como um trovão na sala silenciosa. — Você tem alguma coisa para colocar nisso, no entanto, Abbie? Está começando a picar muito.

Ela girou rapidamente, e ele pegou um olhar de preocupação no seu rosto quando ela cruzou a sala até ele. Sua mão foi erguida tentativamente até seu queixo, retraiu-se e seus olhos se encontraram, cada um se perguntando por que o outro havia suavizado a verdade quando o Doutor Dougherty fez suas perguntas.

— Leitelho deve ajudar. — Seus olhos caíram nas muletas.

— Você tem algum? — ele perguntou.

— Sim, lá fora no poço. Eu vou pegar.

Ele a viu caminhar pelo quintal e puxar o balde e trazer um jarro de frutas de volta para a casa. Durante todo o tempo, o cenho ficou no rosto dele. — Eu vou pegar uma gaze para aplicá-lo — ela disse quando voltou.

Trazendo isso, ela parou hesitante, de alguma forma com medo de tocá-lo agora.

Ele estendeu a mão, palma para cima, dizendo: — Eu posso fazer isso sozinho. Você está ocupada. — Quando ela voltou ao fogão, ele a surpreendeu mais uma vez perguntando: — Suas mãos estão bem?

— Minhas mãos?

— Da lixívia. Elas estão bem, ou você também precisa de leitelho?

— Oh, elas estão bem. Eu quase não as molhei.

Quando ela recolheu o leitelho e a gaze molhada para começar a preparar a mesa para o jantar, ela parou na porta da despensa, olhou-o através da sala. — Você gosta de leitelho? — ela perguntou.

— Sim, eu gosto.

— Você quer um pouco para acompanhar o seu jantar?

— Soa bom.

Ela desapareceu, voltou com um copo de branco espumoso e entregou-o. Seus dedos pareciam mais morenos do que nunca contra o leite.

— Obrigado — ele disse para ela pela segunda vez naquele dia.

Por fim, ela se juntou a ele na mesa, estendeu um prato na direção dele, perguntando educadamente: — Frango?

— Sirva-se primeiro — ele sugeriu. E, em pouco tempo, incrivelmente, seus pratos estavam cheios e eles estavam ceiando um ao lado do outro sem tanto quanto uma palavra cruzada entre eles.

— Nós costumávamos ter frango todos os domingos quando eu era pequeno — ele lembrou.

— Quem é nós?

— Nós — ele repetiu. — Minha mãe e meu pai e Rafe e June e Clare e Tommy Joe. Minha família.

— E onde foi isso?

— Nova Orleans.

De alguma forma, a imagem dele em um círculo de irmãos e irmãs e pais parecia ridícula. Ele era — ela lembrou a si mesma — um mentiroso consumado.

— Você não acredita em mim, não é? — Ele sorriu e deu uma mordida no frango.

— Eu não sei.

— Mesmo os ladrões de trem têm mães e pais. Alguns de nós até temos irmãos. — Ele voltou a sua provocação habitual, mas de alguma forma ela não se importou desta vez. A palavra irmãos também foi uma surpresa, o tipo que ele agora e antes demonstrou inesperadamente. Era o tipo de palavra dela, não dele.

— E quantos irmãos você teve?

— Eu tinha... tenho... quatro. Dois irmãos e duas irmãs.

— Mesmo? — Ela ergueu uma sobrancelha duvidosamente.

Ele ergueu um pouco o queixo e riu com prazer. — Posso ouvir o ceticismo na sua voz e sei o porquê. Desculpe se eu não correspondo à sua noção de onde eu deveria ou não deveria ter vindo, mas eu tenho dois pais, ainda vivendo em Nova Orleans, em uma casa real, ainda comendo frango real aos domingos, apenas no estilo crioulo, e tenho dois irmãos mais velhos e duas irmãs mais novas e ontem à noite quando você lavou o meu cabelo me lembrou das noites de

sábado lá em casa. Todos nós lavávamos o cabelo nas noites de sábado e mamãe polia nossos sapatos para o domingo.

Ela agora o encarava atrevidamente. A verdade era que ela queria estar convencida de que tudo era verdade.

Poderia ser? Ela lembrou-se novamente de que ele era um criminoso acusado, que a última coisa que deveria fazer era acreditar nele.

— Surpresa? — Ele perguntou, sorrindo para sua expressão espantada. Mas ela ainda não estava pronta para acreditar.

— Se você teve uma casa tão agradável, por que a deixou?

— Oh, eu não a deixei permanentemente. Volto regularmente e visito. Eu deixei minha família porque eu era jovem e tinha a minha fortuna para procurar, e um amigo bom e leal que queria buscá-la junto comigo. Mas eu sinto falta deles às vezes.

— E então vocês deixaram Nova Orleans juntos?

— Nós deixamos.

— E vocês acharam suas fortunas?

— Nós achamos. Nas ferrovias, juntos.

— Ahhh, as ferrovias de novo — ela cantarolou conscientemente.

— O que posso dizer? — Ele levantou as mãos culpadamente. — Fui pego em flagrante.

Sua atitude alegre e diabólica, a confundiu, mas ela sorriu para sua afabilidade, imaginando se tudo era verdade sobre Nova Orleans e sua família.

— E você? — Ele terminou de comer e recostou-se relaxadamente na cadeira, um cotovelo apoiado na mesa. — Algum irmão ou irmã?

Ela imediatamente olhou para fora da porta de tela, coisas distantes em sua expressão quando ela respondeu: — Nenhum.

— Eu imaginei isso pelo que o Doutor disse. Eu deixei minha família quando eu tinha vinte anos. Ele disse que você ficou com a sua.

— Sim. — Ela puxou um fio inexistente de sua saia.

— Não por escolha?

Ela levantou o olhar bruscamente. Não seria possível admitir tal coisa, independentemente da verdade. Uma boa filha simplesmente não se ressentiria de um pai por alguma coisa, não é? Jesse estava distraidamente brincando com o bigode novamente, descansando o dedo indicador sob o nariz enquanto continuava. — O Doutor me disse uma vez que você desistiu de sua juventude para cuidar de um pai doente. Eu acho isso louvável. — Ela olhou para seus

olhos para ver se ele estava provocando novamente, mas eles estavam sérios. — Há quanto tempo foi isso?

Ela engoliu em seco, pesando os riscos de lhe contar coisas de que nunca falou. Finalmente, admitiu — Treze anos.

— Quando você tinha vinte?

— Sim. — Os olhos dela caíram no colo novamente.

— Que desperdício — ele comentou calmamente, fazendo a pele na parte de trás do pescoço dela formigar. Ela não sabia o que responder ou aonde olhar ou o que fazer com as mãos dela. — Não são todos os que fazem uma coisa assim, Abbie. Você se arrepende agora?

O fato de que ela não negou seu arrependimento foi o mais próximo que ela já chegou a admiti-lo.

— Quando ele morreu? — Jesse continuou.

— Um ano atrás.

— Doze anos você lhe deu? — Somente o silêncio o respondeu enquanto ela encarava as mãos.

— Doze anos, e todo esse tempo você aprendeu a fazer todas as coisas que você faz tão bem, tudo o que é preciso para fazer uma casa funcionar sem problemas, e uma família... mas você nunca teve uma. Por quê?

Ela ficou assustada e envergonhada por sua pergunta. Ela pensou que eles tinham chegado a um acordo silencioso para não se machucarem intencionalmente mais. Mas um pouco de orgulho impediu seus olhos de lacrimejarem quando ela respondeu: — Eu acredito que isso é óbvio, não é?

— Você quer dizer que você teve pouca escolha no assunto?

Ela engoliu em seco, e enrijeceu o rosto. Eu deveria ter sabido melhor do que confiar nele, ela pensou, seu coração quase explodindo de dor amarga.

— Até que Melcher veio e eu tirei a escolha de você afugentando-o.

Ela não podia mais tolerar suas farpas. Ela pulou de sua cadeira para fugir, mas ele a deteve com uma mão em seu braço. — Eu vejo agora que eu estava errado — ele disse calmamente, fazendo seus olhos voarem para os dele. Era a última coisa que ela esperava que ele dissesse. Minguou sua determinação de odiá-lo, mas agora ela estava com medo do que tomaria o lugar do ódio, caso ela o abandonasse.

— Nós temos que falar sobre isso? — Ela perguntou à mão bronzeada em sua manga.

— Estou tentando me desculpar, Abbie — ele disse. — Eu não fiz isso

muitas vezes na minha vida. — Ela olhou para cima, assustada, para achar sinceridade absoluta em seus olhos, e seu coração criou uma enxurrada de bater de asas com o sombrio olhar que ele lhe dirigia.

Sabendo que uma vez que ela dissesse isso ela estaria em uma base ainda mais precária, disse de qualquer maneira — Desculpa aceita — Seus dedos escuros apertaram o braço dela uma vez, depois se afastaram. Mas parecia que ele a marcara com esse toque enquanto falava as palavras que ela nunca pensou em ouvir dele.

XI

A SENHORITA ABIGAIL MATINHA OS JARDINS TÃO meticulosamente como ela mantinha tudo o mais, Jesse pensou enquanto descansava contra uma árvore, com as mãos enlaçadas em seu estômago, olhando para ela. Havia uma predominância de azuis, mas sendo homem, ele não podia identificar escovinhas, campânula ou não-me-esqueças, embora ele conhecesse uma glória da manhã. Ele apertou os olhos enquanto Abbie se dirigia para explorá-las onde escalavam uma treliça branca contra a parede da casa. Ele quase esperava que ela se abaixasse e cheirasse uma, ele pensava nela como um beija-flor por tanto tempo. Com preguiça e saciado, ele a viu se mover de flor para flor. Ela se inclinou para puxar uma erva daninha errante e ele sorriu em particular quando o traseiro dela ficou na sua linha de visão. As costas de seus tornozelos apareceram sob sua saia. Ele fechou um olho, deixando o outro aberto como se estivesse tomando uma nota sobre ela. Quando ela parecia prestes a se virar, ele fingiu estar dormindo. Então, um momento depois, ele cuidadosamente olhou para ela novamente. Mais uma vez, ele avaliou seus tornozelos finos, percebendo que ela era uma mulher muito bonita.

Solte aquele coque, desabotoe alguns botões, ensine-lhe que está tudo bem rir, e ela faria um homem se sentar e apreciá-la. Percebendo o que estava pensando, ele fechou os olhos completamente e pensou: Esse beija-flor não é para você, Jess. Mas então, por que eles haviam se atacado e lutado um com o outro como eles fizeram? Havia todas as referências de um ritual de acasalamento e ele sabia disso. O garanhão não mordia a égua antes de montá-la? E a gata, como ela gritava e rosnava e cuspia no gato antes que ele montasse nela. Mesmo os coelhos gentis tornavam-se viciosos de antemão, a coelha usando suas pernas traseiras poderosas para chutar o macho como se fosse repelida por ele.

Ele estudou Abigail McKenzie através de pálpebras quase fechadas Ela pegou algo amarelo e levantou-o até o nariz. Ela tinha um nariz adorável e petulante.

Ele considerou o beija-flor. Mesmo sua disposição tornava-se pungente na época do acasalamento, tanto o macho quanto a fêmea se tornando brigões e irritados em sua própria maneira aviária. Ele tinha visto beija-flores inúmeras

vezes na floresta, se alimentando da doçura de árvores com flores. Cada macho marcava seu território de alimentação, defendendo-o contra todos os que procurassem saborear o néctar das suas flores escolhidas. Ele lutava contra todos os invasores até que uma fêmea especial chegasse para tentá-lo. Juntos, eles flutuavam pelo ar flertando, em direção e longe das flores preciosas. Então, no final, a fêmea abaixava suas asas e hesitava apenas o suficiente para que o macho se acasalasse com ela, pagando pelo sabor de suas flores antes de beber rapidamente e se afastar rapidamente.

Ele lembrou como Abbie tinha retido sua comida, tentando expulsá-lo morto de fome. Ele lembrou-se de todas as provocações, das brigas, dos ataques que cada um fazia.

Ela se endireitou e enxugou a testa com a parte de trás de uma mão, os seios balançando em alívio afiado contra a massa de flores azuis atrás dela.

Maldição, Jess, pegue sua carcaça curada e saia daqui! Ele pensou e sentou-se rapidamente.

— O que você diz sobre irmos para aquele passeio? — ele perguntou, precisando de alguma distração.

Ela se virou. — Eu pensei que você estava dormindo.

— Eu dormi muito nas últimas semanas, não me importo se nunca mais o fizer. — Ele tinha uma leve carranca quando desviou o olhar para as montanhas.

— Como está sua pele? — ela perguntou.

— Azeda, eu acho. Este leitelho foi calmante, mas acho melhor tirá-lo antes que os vizinhos comecem a reclamar. — Um sorriso divertido ergueu seus lábios e ela enxugou sua testa novamente.

— Vou pegar um pouco de água. — Logo ela voltou com uma bacia de água fria, um pano e uma barra de sabão, colocando-os no chão perto dele.

—Ugh! Você fede! — ela exclamou, afastando-se.

— Se você acha que cheira mal daí, você devia sentir o cheiro daqui. — Novamente ela riu, sentou-se a uma distância adequada, enfiando os dois pés para um lado debaixo de suas saias, observando-o colocar a bacia entre as pernas e inclinando-se para banhar seu rosto. Ele usou as mãos em vez do pano, ergueu o queixo, passando o sabão em volta da mandíbula e do pescoço. Ele enxaguou, abriu os olhos e a pegou observando-o, e ela rapidamente olhou para os montes para onde as montanhas se elevavam, azuladas e nebulosas, mesmo com o sol do dia.

— Seria bom fazer um passeio de charrete lá fora — disse ele.

— Mas eu não tenho uma charrete ou um cavalo — ela explicou.

— Esta cidade não tem um estábulo?

— Sim. O Sr. Perkins administra um, mas eu não acho que seja uma boa ideia.

— Mas o Doutor disse que está tudo bem. Eu tenho andado muito. Fiquei de pé o tempo todo enquanto você esteve fora. Eu até lavei meu cabelo com água e sabão, você não percebeu?

Oh, ela tinha notado. Ela ainda podia lembrar-se do cheiro dele enquanto ele respirava em seus seios na cadeira esta manhã.

— Estar de pé é diferente de cavalgar em uma carroça sacolejante. — Mas ela olhou melancolicamente para a estrada, levantando-se suavemente do vale até o sopé, inclinando-se gentilmente em direção aos cumes acima da cidade.

— Você tem medo de dar uma volta comigo?

Assustada porque ele adivinhou a verdade, ela foi forçada a mentir. — Ora... ora, não. Não, por que eu deveria?

— Eu sou um homem procurado.

— Você é um homem ferido e, apesar do que o Doutor Dougherty diz, eu me recuso a acreditar que poderia fazer a você qualquer bem sentar no assento duro de uma charrete.

— Quando foi à última vez que você viu minha ferida, Abbie? O Doutor foi o único a olhar para ela e ele disse que não teria nenhum problema andar de charrete.

— Não é uma boa ideia — ela repetiu com força, pegando um talo de grama.

— Não sou eu que você pensa que não deveria sair em uma charrete, é você. Admita.

— Eu!

Ele semicerrou os olhos para as montanhas, enquanto os olhos dela se desviavam para os cabelos negros na parte superior de seus dedos desnudos. — Quero dizer — ele ironizou, arrancando um talo de grama — provavelmente seria muito estranho, a Srta. Abigail McKenzie alugando uma carroça para levar seu ladrão de trem a quem sabe onde em um domingo à tarde.

— Você não é meu ladrão de trem, Sr. Cameron, e eu apreciaria se você não se referisse a si mesmo como tal.

— Oh, perdão — ele disse com um sorriso torto — então o ladrão de trem da cidade. — Ele podia ver seu enfraquecimento - maldição, mas ela estava

ficando mais atraente a cada minuto - e ele se perguntou se ele deveria continuar pressionando.

— Por que você está me pressionando assim novamente? Você prometeu que se comportaria.

— Eu estou me comportando, não estou? Tudo o que eu quero fazer é sair daqui por algum tempo. Além disso, eu prometi ao Doutor que eu não iria machucá-la ou tentar escapar. É domingo, todos na cidade estão relaxando e fazendo exatamente o que eles quiserem, e você está aqui sentada, olhando para as montanhas do seu quintal quente, enquanto nós poderíamos estar lá onde é mais frio, andando e desfrutando do dia.

— Estou desfrutando do dia daqui, pelo menos eu estava até que você começou com essa ideia absurda. — Mas ela colocou um indicador fino na faixa alta e apertada de seu colarinho e o moveu de um lado para outro.

Ele se perguntou se alguma vez em sua vida ela tinha tido um passeio de charrete com um homem. Talvez com aquele antigo pretendente, treze anos atrás. Ele voltou a tentar imaginar como ela parecia e agia ao ser cortejada.

— Eu não morderei você, Abbie. O que você diz?

Seus olhos azuis pareciam atraí-lo para não convencê-la desse jeito, no entanto, quando seu dedo deslizou para fora do colarinho, seus lábios se separaram com expectativa e ela olhou mais uma vez para as montanhas. Suas bochechas se tornaram da mesma delicada cor rosa de suas prímulas. Então ela deixou cair os olhos no colo enquanto falava. — Você teria que abotoar sua camisa completamente e colocar suas botas.

Tudo ficou em silêncio, com exceção do chilrear de um grilo. Ela ergueu os olhos para ele e ele pensou, Que diabos você está fazendo, Jess? De repente, ele sentiu-se como um maldito zangão tolo sentado em seu jardim enquanto ela colocava uma jarra de vidro acima dele, pronta para abaixá-la e capturá-lo. Mas, contra seu melhor julgamento, ele sorriu e disse: — Fechado.

— ORA, OLÁ, SENHORITA ABIGAIL — GEM PERKINS disse, respondendo a sua batida, tentando não mostrar sua surpresa. Nunca antes ela veio à sua porta, mas aqui estava ela, vestida perfeitamente com chapéu branco e luvas.

— Boa tarde, Sr. Perkins. Eu gostaria de alugar um cavalo e uma charrete com um assento bem suspenso. Uma que sacoleje o menos possível.

— Uma charrete, Senhorita Abigail? — Gem perguntou, como se ela tivesse

solicitado uma monstruosa gila selada.

— Você aluga ou não aluga charretes, Sr. Perkins? — ela perguntou secamente.

— Ora, é claro que eu alugo, você sabe disso, Srta. Abigail. Eu apenas nunca soube que você costumava andar em uma antes.

— E eu não andaria agora, exceto que o Dr. Dougherty quer que o inválido na minha casa se acostume a andar novamente para que ele possa ser colocado no trem o mais rápido possível. No entanto, precisamos de um assento estofado com poucas molas.

— Ora, claro, Srta. Abigail, assento estofado e o que mais mesmo? — Ele se dirigiu para o estábulo, ainda impressionado por ela aparecer aqui.

— Poucas molas, Sr. Perkins — ela declarou novamente, perguntando-se quanto tempo demoraria para que a notícia se espalhasse para todos os residentes da cidade sobre o que ela estava fazendo.

JESSE RIU, OBSERVANDO-A MANOBRAR A CARROÇA NA RUA. Ele podia ver que ela não sabia nada a respeito de lidar com um cavalo. A égua sacudiu a cabeça e relinchou em objeção ao puxão forte do freio pelas mãos muito cautelosas de Abbie. Ela parou na frente dos piquetes e ele a observou desmontar com cuidado, depois percorrer sibilando todo o caminho até a porta. Não, ele decidiu, ela nunca tinha feito nada assim antes em sua vida.

Quando ela entrou no salão, ele estava esperando no seu elegante sofá. A Senhorita Abigail resistiu ao desejo de rir do quão ridículo ele parecia lá — a única discrepância na sala dela, sempre, arrumada. Não, pensou ela, ele nunca será um ocioso de salão.

— A perna está um pouco rígida — ele disse — assim como o novo denim. Você poderia me ajudar com minhas botas? — Ela olhou para os desnudos dedos dele, mortificada por sentir uma peculiar excitação diante da visão deles, então rapidamente ela se ajoelhou e estendeu primeiro as meias e depois as botas. Eram botas finas, ela percebeu pela primeira vez, bem oleadas e feitas de couro pesado e caro. Ela se perguntou se ele tinha roubado um trem para pagar por elas e novamente ficou surpresa que o pensamento não fez nada para impedi-la de querer passear com ele.

Quando as botas estavam postas, ela se levantou, evitando cuidadosamente olhar seu peito de pele escura por trás da roupa aberta. — Você prometeu que

você abotoaria sua camisa — ela o lembrou.

Ele olhou para si mesmo. — Oh sim. — Então ele lutou para levantar ficando de forma desajeitada em um pé, abotoou a camisa, braguilha e começou a ensacar a camisa. Suas bochechas se acenderam, mas ela ficou de pé e observou os movimentos dos ombros dele enquanto ele fazia os ajustes necessários. Finalmente, percebendo o que estava fazendo, ela saiu da sala e foi esperá-lo na varanda.

Ele caminhou para fora em suas muletas e se moveu para o lado da charrete. Os denims estavam realmente muito rígidos. Ficou imediatamente aparente que ele teria problemas para embarcar. Havia apenas um único e pequeno apoio para os pés na charrete, e depois de três tentativas de levantar o pé, ela ordenou: — Aguarde nos degraus e eu vou levá-la para perto deles.

Ele se retirou para os degraus da varanda para vê-la inexperientemente dirigindo a charrete em torno do fim da cerca de piquete.

— Você está puxando muito! — ele avisou. — Afrouxe as rédeas! — Ele prendeu a respiração por medo dela acabar com tudo antes que o passeio começasse. Mas a carroça chegou com segurança na varanda e ele colocou suas muletas no segundo degrau.

— Você pode fazer isso? — ela perguntou, medindo a distância visualmente.

Ele sorriu, brincando: — Se eu não fizer isso, envie meus ossos de volta a Nova Orleans. — Então ele balançou os dois pés em direção ao chão da charrete, pendurado momentaneamente por suas axilas nas muletas. Mas o resto de seu corpo não foi com os pés dele, e ele balançou precariamente, à beira de cair para trás.

— Não! — A Senhorita Abigail exclamou, reagindo automaticamente, pegando a única coisa que podia ver para pegar: o cós de seus novos denims. Funcionaria, certamente, mas ela puxou um pouco demais e ele caiu como uma árvore derrubada, quase jogando-a para o outro lado da charrete. No momento seguinte, ela se encontrou esmagada debaixo dele, uma mão esticada em seu duro peito, a outra ainda cavada em sua cintura. De repente percebendo onde aquela mão estava enterrada, ela a afastou. Mas não antes que o sorriso sugestivo dele fizesse seu rosto inflamar. Ela o empurrou para longe e ajustou seu chapéu, bateu na saia e recusou-se a olhar para ele. Mas o sorriso dele permaneceu na sua visão periférica. Ele estava bem o suficiente para utilizar seus truques novamente, naturalmente! Vermelha até as orelhas e tentando fingir que não estava, ela endireitou suas costas enquanto ele tomava as rédeas, instava, assobiava e a égua

partia enquanto Abbie se sentou como um bocado de seu próprio fubá sendo levado para um passeio.

— Você está bem? — ele perguntou. Mas ela podia ouvir aquele sorriso ainda colorindo suas palavras.

— Estou perfeitamente bem! — ela respondeu.

— Então, por que você está olhando torto para mim?

— Você sabe perfeitamente por que eu estou olhando torto para você!

— O que eu fiz agora? — Toda inocência e luz.

— Você sabe perfeitamente o que fez! Você, suas artimanhas, e olhar sugestivo!

Ele sorriu de lado para a pose empertigada e afrontada dela. — Bem, eu não iria mencionar isso, mas, já que você mencionou, o que um homem deveria fazer quando uma mulher coloca a mão nas calças dele?

— Minha mão não estava nas suas calças! — ela cuspiu, realmente franzida agora.

Ele riu com audácia: — Oh, mil perdões, Senhorita Abigail. Acho que me equivoquei. Deve ter sido a mão de outra mulher na minha calça agora mesmo. — Ele olhou em volta como se estivesse procurando à culpada. Ele riu baixinho, avaliando-a alegremente. Ela não estava lidando com suas provocações muito bem hoje. Ele gostava mais quando ela lhe rebatia. Ele sorriu ironicamente, lançando olhares laterais para o rosto severo e relaxou de repente e começou a assobiar uma pequena cantiga suavemente entre os dentes, decidindo que ele seria bom por um tempo e veria se poderia adoçá-la.

Eles se dirigiram para o norte em uma pista dupla que era paralela às faixas ferroviárias em direção ao sopé. Estava escaldante, e a Srta. Abigail estava agradecida pela pequena sombra oferecido pela aba de seu chapéu. O espaço da perna era inadequado para os membros longos dele, então seus joelhos se esticaram de lado, roçando nas saias dela, embora ela mantivesse os pés bem juntos e as mãos no colo. Ela se afastou o mais longe possível, mas eles tiveram um solavanco e seu joelho refastelou-se e bateu contra o dela e seus olhos sorridentes vaguearam na sua direção. Quando ela ficou rígida e silenciosa, ele finalmente olhou para o cenário sem dizer uma palavra.

Quando se aproximaram dos montes, o mato da vegetação engrossou-se e Jesse levantou um braço apontando silenciosamente. Ela seguiu o dedo para onde um coelho entrava em uma toca, e sem saber disso, ela sorriu. Seus olhos ficaram retidos no local até alcançarem e passarem, e Jesse observou furtivamente

procurando mais vida animal. Um falcão apareceu, circulando acima dele, e ela ergueu o rosto para segui-lo. A vegetação se aproximou mais da estrada, e ela pareceu encantada por um bando de cotovias flutuando para dentro e fora da vegetação, alimentando-se de pinhões. Os trilhos giravam para a direita enquanto a trilha dos vagões seguia para a esquerda, e mais uma vez eles invadiram um espaço aberto, onde picos de lupinos azuis criaram um mar em movimento sobre eles, como se uma parte do céu tivesse caído na estrada montanhosa. Os lábios dela formaram um "Ohhh" silencioso, e ele sorriu apreciativamente.

Silenciosamente, eles oscilaram, subindo cada vez mais alto até o terreno se tornar mais rochoso, com afloramentos aqui e ali segurando um teixo estrangulante. Eles passaram por um conjunto de flores laranja brilhante, e novamente os olhos dela se desviaram para se demorar nas flores o maior tempo possível.

Ele olhou lentamente para ela. — Até onde isso vai?

Ela estava empoleirada como um pequeno pardal, na beira de seu assento, alerta e absorvendo tudo dentro. — Até Eagle Butte, em seguida, ao longo de Cascade Creek até Great Pine Rock e sobre o cume de Hicksville.

Mais uma vez eles ficaram em silêncio, ele sorrindo e ela observando tudo, enquanto a égua trotava. Uma vez Jesse secou a testa na manga da camisa. Eles entraram em uma trilha de álamos trementes e passaram pelas trêmulas manchas de sombras que as árvores criaram. Aqui e ali havia uma fragrância arboresca, de zimbro ou picea, competindo para alcançar o céu com os ramos formando um túnel sobrecarregado. Logo, eles chegaram a um precipício de rocha cinzenta achatada e sem forma.

— Aqui é Eagle Butte?

Ela olhou em volta em um círculo completo. — Eu acho que sim. Faz muito tempo desde que eu vim aqui.

Ele parou o cavalo e eles ficaram lá sentados com o sol banhando-os sem piedade enquanto olhavam para além da enormidade de Eagle Butte para uma crista semelhante que subia através de um abismo ao longo do qual eles cavalgaram antes. Ali, os abetos estavam na sombra profunda — um rico e exuberante refúgio de frieza, enquanto, nesse lado, o sol da tarde ainda brilhava. Estudando a cena oposta, Jesse ausentemente desabotoou dois botões de sua camisa e passou a mão por dentro. Misturando-se com o perfume de pinheiro estava o da grama madura e a essência agradavelmente fecunda de suor de cavalo.

— Se você continuar, logo devemos chegar a Cascade Creek e lá deve estar muito mais fresco.

Ele instou a égua e eles seguiram em frente. Quando chegaram a Cascade Creek, de fato, era fresco e convidativo, avançando lentamente por uma cama rochosa entre sombras de salgueiros e amieiros.

O cavalo avançou para a água, mergulhou a cabeça e bebeu, depois se endireitou piscando lentamente. Ambos os passageiros assistiram o animal durante vários minutos longos e silenciosos.

Por fim, Jesse perguntou: — Você gostaria de descer por um momento?

Ela sabia que seria melhor continuar com este passeio estritamente no assento, mas lançou um olhar de desejo para a água.

Em vez de esperar por uma resposta, Jesse agitou as rédeas e virou a égua, guiando-a em direção a um ramo que se pendurava baixo em um pinheiro nodoso. Ele levantou-se, agarrou o ramo resistente e se moveu facilmente para o chão. Ele recuperou suas muletas da charrete enquanto ela ocultava sua surpresa com a agilidade dele — para alguém tão grande quanto ele, ele se moveu como um puma. Ele levantou uma mão escura para ajudá-la, e ela encarou-a, assustada, bastante despreparada para essa civilidade.

— Não bata sua cabeça — ele disse, indicando o ramo acima dela.

Sua palma esperava, calosa e dura, tornando-se um problema maior quanto mais ela demorava a pegar nela. Mas ela lembrou que estava usando suas luvas brancas e, finalmente, colocou uma mão em seu firme aperto enquanto ele a ajudava a pular ao chão. Ela passou por ele em direção à água convidativa, mas ela estava com aquelas luvas, e ele estava de muletas então nenhum deles a tocou. Em vez disso, eles observaram—na borbulhar em seus pés. Depois de algum tempo, ele puxou completamente sua camisa de suas calças e desabotoou a camisa no restante do caminho. Ela ficou rígida e formal, entretanto. Jesse olhou ao redor e avistou um lugar de aparência confortável, onde a água tinha escavado a margem para formar uma rude, mas natural, cadeira.

Ele curvou-se, jogou suas muletas para baixo, depois se acomodou com um suspiro. O riacho gorgolejou. Os pássaros falaram. As árvores exalavam a fragrância de pinho e folhas se decompondo. Jesse cruzou os braços atrás da cabeça e recostou-se, observando a mulher que estava na margem do riacho.

Suas costas estavam tão rígidas quanto uma vareta: ela nunca se permitia relaxar de suas infernais boas maneiras.

Agora, ela estava tão dura quanto os troncos dos pinheiros, embora ele

soubesse que ela também estava quente, porque ela ergueu uma luva branca para tocar sua testa, e novamente para coçar a nuca. O que ela estava pensando enquanto olhava para o riacho? O que ela queria fazer que seus modos idiotas não permitiam? Ele se perguntou se ela se sentaria, se ela tocaria a água, se ela se dignaria a falar com ele.

— A água parece agradável e refrescante — ele comentou finalmente, observando-a com atenção para ver o que ela faria.

Quando ela nem respondeu nem se moveu, ele acrescentou: — Diga-me se é. Eu não consigo alcançá-la.

Suas mãos permaneceram tão imóveis quanto um relógio observado por um longo, longo tempo. Finalmente, ela tirou as luvas. Ele podia dizer pela maneira hesitante como ela se inclinou para tocar a água que ela desejava que ele não a observasse. Mesmo um gesto simples e sensual como esse a fez ter segundos pensamentos. Por um momento ele teve pena dela. A bainha de seu vestido escorregou um pouco e ela apressou-se a afastá-la da superfície do riacho.

E ele pensou, Deixe ir, Abbie, deixe ir, depois siga atrás dela e veja o quão boa é a sensação. Mas ele sabia, é claro, que ela nunca faria isso.

— Traga-me um pouco de água — ele falou de qualquer maneira, apenas para ver o que ela faria.

Ela lhe deu um breve olhar interrogativo sobre o ombro. — Mas não tenho nada para levá-la.

— Então, traga em suas mãos.

Abruptamente, ela se ergueu. — Essa é a sugestão mais ridícula que eu já ouvi.

— Não para um homem sedento.

— Não seja tolo, você não pode beber das minhas mãos.

— Por que não? — ele perguntou casualmente.

Ele podia ouvi-la pensar, tão claramente como se tivesse falado as palavras em voz alta: “Isso simplesmente não se faz!”

— Se eu pude beber da sua boca enquanto eu estava inconsciente, por que não posso beber de suas mãos agora?

Seus ombros se encurvaram e ela disse, ainda desviando o rosto dele: — Você sente um grande prazer em me perseguir, não é?

— Tudo o que eu quero é um pouco de água — ele disse razoavelmente, ainda com a cabeça inclinada para trás no berço de suas duas mãos. Então ele suspirou, olhou para o riacho e murmurou: — Ah, que diabos, esqueça — e

deitou a cabeça no chão e fechou os olhos.

Ele parecia muito inofensivo daquele jeito quando ela se atreveu a espreitar. Engraçado, mas ela realmente não gostava de discutir com ele, mas ela nunca sabia o que ele estava fazendo. Ela olhou para o bigode dele — estava quase tão grosso como quando ela o viu pela primeira vez — depois para a água, depois de volta para ele novamente. Ela olhou em volta em busca de algo que ela pudesse moldar em um cone ou vasilha, mas não havia nada. Nunca em sua vida ela tinha feito tal coisa, mas a ideia de fazer aquilo causou uma sensação estranha no fundo de seu estômago. A água tinha parecido deliciosamente fresca. Mesmo o cavalo precisou de uma bebida longa. E Jesse estava obviamente com muito calor. Ele havia desabotoado a camisa, e ela se lembrou de como ele passou a mão dentro dela antes. Ela olhou para ele deitado pacificamente. Ela olhou para a água.

Os olhos de Jesse se abriram quando duas grandes gotas de água atingiram seu peito. Ele saltou, mas depois sorriu: ela estava de pé sobre ele com as mãos em concha.

— Abra — ela ordenou.

Bem, eu vou ser condenado, ele pensou, e abriu a boca obedientemente. Ela abaixou as palmas, criou uma fenda, mas a água se derramou, dentro de seus punhos, um pouco bateu no peito e no queixo dele, mas nenhuma gota atingiu seus lábios. Ela meio que esperava que ele pulasse e esticasse as mãos, lembrando-se do momento em que ela bateu a colher contra os seus dentes, mas ele a surpreendeu esfregando uma mão sobre seu peito escuro, espalhando a água.

— Ah, isso é bom — ele disse com apreciação, então seus olhos cintilaram. — Mas eu também gostaria um pouco na minha boca.

— Oh, eu molhei os meus punhos — ela reclamou, puxando-os. Mas eles ficaram presos em seus pulsos e nem se deslocaram sobre a pele dela.

— Já que eles estão molhados, você poderia tentar novamente.

Desta vez, funcionou melhor, pois ele apoiou as costas de suas mãos e derramou a água na sua boca pela ponta dos dedos dela como se fossem a orla de um cântaro.

Era uma coisa decididamente sensual, observá-lo beber da ponta dos seus dedos. Isso fez com que tremores estranhos começassem a surgir no seu estômago. Depois de engolir, as gotas ficaram no bigode dele. Fascinada, ela observou sua língua correr ao longo da borda e limpar as gotas. Ela percebeu de repente que ela estava encarando-o.

Imediatamente seus olhos se dirigiram para um arbusto distante.

— Por que você não toma um pouco?

Ela tocou sua garganta logo abaixo da mandíbula. — N... Não, eu não quero.

Ele sabia que não era verdade, mas entendeu — ela já havia ido longe demais.

— Venha, sente-se um pouco. É agradável e fresco aqui e realmente muito confortável.

Ela olhou em volta como se alguém pudesse pegá-la se ela ousasse. Chegando a algum tipo de acordo com ela mesma, ela disse: — Eu vou sentar aqui — e se empoleirou em uma pedra perto dos pés dele.

— Você nunca esteve aqui antes? — Ele perguntou, estudando suas costas enquanto ela encarava o riacho.

— Quando eu era criança, eu estive.

— Quem te trouxe?

— Meu pai. Ele veio cortar madeira e eu o ajudei a carregar.

— Se eu morasse por aqui, viria aqui o tempo todo. É muito plano e quente no vale para me satisfazer. — Ele colocou as mãos atrás da cabeça e olhou para as árvores. — Quando meus irmãos e eu éramos pequenos, passamos horas e horas pelo Golfo, pegando caranguejos da areia, brincando na rebentação, caçando conchas. Sinto falta do oceano.

— Eu nunca vi o oceano — ela lamentou.

— Não é mais bonito do que isso, é apenas muito bonito de uma maneira diferente. Você quer?

— O quê? — Ela olhou para ele.

— Ver o oceano?

— Eu não sei. Richard costumava... — Mas ela parou e rapidamente encarou o riacho.

— Richard? Quem é Richard?

— Nada... ninguém... nem sei por que o citei.

— Ele deve ser alguém, ou você não teria falado dele.

— Ah... — Ela circulou os joelhos com as mãos. — Ele foi apenas alguém que conheci uma vez que sempre disse que queria viver diante do oceano.

— Ele conseguiu?

— Eu não sei.

— Você perdeu contato com ele?

Ela suspirou e encolheu os ombros. — O que isso importa? Foi há muito tempo.

— Há quanto tempo?

Mas ela não respondeu. Ela tinha medo de confiar nele. Ainda que ele a exortou a falar de coisas que nenhuma outra pessoa se importara o suficiente para perguntar.

— Treze anos atrás? — ele perguntou. Ainda assim ela não respondeu, e ele pensou por muito tempo antes de finalmente admitir: — Eu sei sobre Richard, Abbie.

Ele ouviu sua respiração ficar presa em sua garganta antes de virar os olhos assustados para ele. — Como você pode saber sobre Richard?

— O Doutor Dougherty me disse.

Suas narinas distenderam-se e seus lábios ficaram apertados. — O Doutor Dougherty fala demais.

— E você fala muito pouco.

Ela se abraçou e se virou. — Eu mantenho meus assuntos particulares para mim mesma. Exatamente como deveria ser.

— É? Então por que você citou Richard?

— Eu não sei. O nome dele escapou inadvertidamente. Nunca falei sobre ele desde que ele partiu e eu lhe asseguro que não estou prestes a começar agora.

— Por que? Ele é tabu, assim como todo o resto?

— Você fala como um idiota.

— Não, eu suspeito que alguém fez isso há muito tempo antes de eu chegar, ou você não ficaria tão na defensiva por deixar escapar tão pouco.

— Eu nem sei por que ouço você, uma pessoa completamente impulsiva como você. Você não tem nenhuma noção de restrição ou autocontrole de qualquer tipo. Você... você anda pela vida como se quisesse chocá-la para que então haja a lembrança de que você esteve lá. Isso pode funcionar para você, mas eu asseguro que não é o meu jeito. Eu vivo com padrões estritos.

— Ocorreu a você, Abbie, que talvez você estabeleça seus padrões em grandes alturas, ou que outra pessoa possa ter feito isso por você?

— Isso é impossível para qualquer pessoa viva fazer.

— Então me diga por que você está sentada aqui a cinco milhas da civilização, mas não tiraria o chapéu mesmo se crescesse tentáculos nele ou desabotoou a fileira de botões em seus punhos que provavelmente está irritando sua pele agora. Mas o pior de tudo é que você não vai falar sobre algo que te

causou dor, porque algum idiota disse que uma dama não deveria mostrar arrependimento ou raiva, correto? Uma dama simplesmente não demonstra emoções. Ela se senta em seu lugar com todas elas amarradas em esmerados, nós formais. Naturalmente, conversar tornaria você humana, e talvez você prefira pensar que você está acima dos humanos. — Ele sabia que estava irritando-a, mas sabia que essa foi à única vez que ela realmente se abriu.

— Foi-me ensinado, senhor, que é falta de educação e, sim, atípico de uma dama lamentar as insatisfações com a vida. Isso simplesmente não se faz.

— Quem disse isso, sua mãe?

— Sim, se você quer saber!

— Humph! — Ele poderia imaginar como foi à mãe dela. — A melhor coisa do mundo para você seria chegar e dizer: "Uma vez eu amei um homem chamado Richard, mas ele me rejeitou e isso me deixou louca como o inferno.

Seus punhos se aninharam em bolas apertadas e ela girou para encará-lo, os olhos brilhando perigosamente. — Você não tem direito!

— Não, mas você tem, Abbie, você não vê? — Ele sentou-se mais reto, intenso agora.

— Tudo o que vejo é que eu nunca deveria ter vindo aqui com você hoje. Você conseguiu novamente me deixar tão irritada que eu gostaria de... de bater em seu rosto odioso!

— Seria a segunda vez que você me dá uma bofetada por fazer você sentir alguma coisa. É tão assustador para você sentir algo? Se me bater faria você se sentir bem, por que você não vem aqui e faz isso? O quão irritada eu tenho que te fazer ficar antes de você se quebrar? Por que você não consegue amaldiçoar ou rir ou chorar quando algo dentro da Abbie dizer que ela deveria?

— O que você quer de mim afinal?

— Apenas lhe ensinar que o que vem naturalmente não deve ser proibido.

— Oh, certamente! Bater, chorar... e... e aquela... pequena cena na cadeira esta manhã! Ora, se você tivesse as coisas do seu jeito, você me transformaria em uma devassa! — As lágrimas se derramaram pelas bordas de seus olhos.

— Essas coisas não são indecentes, mas você não pode ver isso por causa de todas as regras tolas pelas quais a sua mãe a fez viver.

— Deixe minha mãe fora disso! Desde que você veio para minha casa, você esteve contrariando e encontrando falhas. Eu não vou deixar você atacar minha mãe quando a sua poderia ter lhe ensinado algumas maneiras!

— Ouça a si mesma, Abbie. Por que você pode me chamar de nomes e ficar

com raiva de mim quando os culpados são sua mãe, pai e Richard pelo que eles fizeram com você?

— Eu disse deixe-os fora disso! O que eles eram para mim não é da sua conta! — Os olhos dela arderam quando ela se afastou.

— Por que ser tão beligerante, Abbie? Porque eu acertei a verdade? Por que eles são culpados quando você acha que supostamente não deve culpá-los? O Doutor Dougherty não precisou me contar muito para eu encaixar as peças. Corrija-me se eu estiver errado. Sua mãe ensinou-lhe que uma boa filha honra seu pai e sua mãe, mesmo que isso signifique sacrificar sua própria alegria. Ela ensinou que a virtude é natural e que a carnalidade não é, quando na verdade é o contrário.

— Como você se atreve a sentar aí e derramar acerbações sobre pessoas inocentes que queriam apenas o melhor para mim?

— Eles não tinham ideia do que era melhor para você, todos, exceto Richard, eu suspeito, e ele foi inteligente o suficiente para saber que ele não poderia lutar contra o código de ética de sua mãe morta, então ele partiu!

— Oh! E você sabe o que é melhor para mim, suponho!

Ele a avaliou desapaixonadamente. — Talvez.

Ela o avaliou apaixonadamente. — E talvez você brote asas e voe para longe da lei quando vierem buscá-lo! — Ela apontou um dedo na direção da cidade.

A compreensão surgiu em seus olhos. — Ah, agora estamos chegando à verdade aqui, não estamos? — Ele pegou suas muletas sem tirar os olhos ameaçadores dela. — Confunde você como um imprestável e comum ladrão de trem, como eu, poderia atingir a verdade sobre você, não é?

— Exatamente! — ela cuspiu, de frente para ele, os punhos apertados com raiva em seus lados. — Um imprestável e comum ladrão de trem!

— Bem, deixe este imprestável e comum ladrão de trem, contar-lhe algumas coisas sobre você, Senhorita Abigail McKenzie, que você está negando desde que pôs os olhos em mim. — Ele lutou para se levantar, avançando sobre ela. — É precisamente porque eu sou um fora da lei que você, em diversas ocasiões, se aventurou a sair de seus modos rígidos e perdeu o controle. Comigo você fez coisas que nunca ousou fazer antes, você espreitou a vida. E você sabe por que tentou? Porque, depois, você poderia secar sua consciência limpa e me culpar por influenciá-la. Afinal, eu sou mesmo o vilão, certo?

— Você fala em círculos! — ela escarneceu, tremendo agora, porque ele atingiu a verdade e aquela verdade era horrível para ela admitir.

— Você está negando que é porque eu sou um... um criminoso que você ousou dobrar seu sagrado estatuto em torno de mim um pouco? — Eles estavam nariz a nariz agora.

— Eu não sei do que você está falando — ela sussurrou, e se virou, cruzando seus braços firmemente em seus seios.

Ele estendeu a mão para agarrar-lhe o braço e tentar fazê-la virar-se para encará-lo. — Oh, tire a cabeça da areia, Srta. Abigail Ostrich, e admita! — Ela puxou-se para sair do controle dele, mas ele se aproximou dela, perseguindo-a com suas implacáveis acusações. — Você bateu portas e jogou comadres, beijou-me e gritou comigo e até mesmo se excitou sexualmente, e descobriu que tudo isso pode ser malditamente divertido às vezes. Mas você poderia colocar a culpa de todas essas coisas proibidas em mim, certo? Porque Eu sou o desagradável aqui, não você. Mas o que aconteceria com todas as suas grandes ilusões se eu acabasse por ser algo diferente do bandido que você pensa que sou? — Novamente ele a pegou pelo braço. — Venha, fale comigo. Diga-me todas as suas culpas secretas que estão aí bem guardadas! Você pode me dizer. Que diabos, eu vou embora logo e levarei todas comigo!

Por fim, ela girou sobre ele, estapeando a mão dele para longe de seu braço. — Eu não tenho culpas secretas! — ela gritou com raiva.

Seus olhos perfuraram os dela enquanto ele gritava de volta, com ferocidade igual à dela — Agora isso é o que eu tentei fazer com que você visse todo esse tempo!

O silêncio caiu como um carvalho de cem anos. Seus olhos ficaram presos. Ela lutou para entender o que ele estava dizendo, e quando a verdade veio até ela, ela foi atingida por sua própria compreensão, e se virou.

— Não se afaste de mim, Abbie — disse ele, indo até ela, desajeitadamente, nas muletas, tocando seu braço mais gentilmente agora, tentando fazê-la encará-lo de bom grado, o que ela se recusou teimosamente a fazer. — Eu tenho que dizer para você, Abbie? — ele perguntou suavemente.

Lágrimas começaram a se juntar na garganta dela.

— Eu... eu não sei o que você quer que eu... diga.

No tom mais silencioso que ele já usou com ela, Jesse falou. — Por que não começar por admitir que Richard era um jovem turbulento, que aconteceu algo entre você e ele que o fez partir. — Jesse pausou por um longo momento, depois adicionou ainda mais suavemente, enquanto com o polegar ele acariciou o braço que ainda segurava — Que não teve nada a ver com seu pai.

— Não, não... não é verdade! — Ela cobriu o rosto com as palmas das mãos. — Por que você me aguilhoa assim?

— Porque eu acho que Richard era exatamente como eu e assustou você até a morte.

Ela girou então e o bateu uma vez com seu patético punho no centro de seu peito. Isso o mandou mancando para trás, mas ele não caiu. — Não era? — Jesse persistiu.

Ela olhou para seus olhos implacáveis como uma ninfa da floresta demente, abalada, as lágrimas agora escorrendo pelo rosto. — Me deixe em paz! — ela implorou miseravelmente.

— Admita, Abbie — ele disse suavemente.

— Maldito! — ela chorou, soluçando agora e levantou uma mão para golpeá-lo novamente. Ele não se encolheu nem se afastou conforme o soco, e outro e outro choveu sobre seus ombros e peito. — Maldito... R... Richard! — Ela engasgou, mas Jesse ficou firme quando ela bateu no lado de seu pescoço e suas unhas o arranharam deixando duas linhas vermelhas.

Ele não lutou contra ela, não bloqueou seu giro, apenas disse com muita delicadeza: — Eu não sou Richard, Abbie. Eu sou Jesse.

— Eu sei... eu s... eu sei — ela soluçou em suas mãos, com vergonha agora de ter perdido o controle.

Ele estendeu a mão e circulou seus ombros trêmulos, atraindo-a para perto, apertando a testa dela contra seu duro peito. Suas lágrimas escaldaram sua pele nua e trouxeram uma picada completamente nova e perturbadora para a parte de trás de seus olhos. Uma muleta caiu no chão, mas ele se estabilizou e a deixou caída. Seu chapéu tinha ficado torto e ele o pegou para puxar o pino.

Suas mãos voaram para cima e ela engasgou — O... o que v... você está... fazendo?

— Apenas algo que você não faria por si mesma, tirando seu chapéu. Nada mais, ok? — Ele pegou o pino de filigrana através da palha, jogou-o atrás dele na margem do riacho, depois puxou-a de novo para seus braços, dando uma volta em seu pescoço com uma mão grande, esfregando um polegar sobre o cabelo puxado, tão prudentemente esticado atrás de sua orelha.

Ela chorou contra ele com os cotovelos dobrados entre eles, confortada mais do que pensava ser possível com a sensação de seu antebraço atravessando seus ombros estreitos e a palma dele acariciando sua manga. Ele tocou seu suave lóbulo da orelha. Ele colocou a bochecha contra seu cabelo, e ela sentiu uma

sensação de segurança estranha, estando dentro dos seus braços dessa maneira.

Abbie, Abbie, ele pensou, meu pequeno beija-flor, o que você está fazendo comigo?

Ele cheirava de forma diferente de seu pai — melhor. Ele se sentia diferente de David — mais duro. Ela lembrou a si mesma quem ele era, o que ele era, mas, por enquanto, não importava. Ele estava aqui, quente e real, e a batida de seu coração era firme e confiante sob sua bochecha em seu peito. E ela precisava terrivelmente falar sobre tudo finalmente.

Quando seu choro cessou, ele se inclinou para trás, tomando seu rosto em ambas as mãos, limpando a umidade sob seus olhos com os polegares.

— Vamos, Abbie, vamos sentar e conversar. Você não vê que precisa falar sobre isso?

Ela assentiu com a cabeça, então ele a atraiu pela mão em direção ao banco do riacho, e ela seguiu docilmente, exausta agora de suas próprias lágrimas.

Um melro cantou nos salgueiros. O riacho correu para acompanhar sussurrando quando Abbie começou a falar. Jesse não a tocou novamente, mas deixou que ela falasse tudo, tirando dela as verdades que ele havia adivinhado há dias. Ele montou a imagem de um marido patético e retraído e da filha única, ambos dos quais a mãe tinha prejudicado com sua versão estreita do amor. Uma mulher rígida de disciplina severa que ensinou a sua filha que o dever era mais importante do que as urgências de seu próprio corpo. E Richard, o homem que informou Abbie sobre essas urgências, mas não pôde livrá-la das rígidas leis estabelecidas por sua mãe e Abbie, se escondendo todos esses anos atrás da ilusão de que Richard a abandonou por causa do pai inválido.

Mas Jesse viu a Abbie presa fugir, enquanto os sapos estabeleciam seu coro de final do dia. Ele observou a mulher no banco do riacho se transformar em um brando, indivíduo humano, com medos, dúvidas, fragilidades e arrependimentos. E era dessa Abbie transformada de quem Jesse sabia que seria melhor ter cuidado.

As coisas foram infinitamente diferentes entre eles quando voltaram para a cidade. Os mitos foram destruídos. A verdade agora andava como um passageiro no assento, intimamente, entre eles. Havia uma facilidade perturbadora, nascida de uma compreensão mais profunda, e muito mais ameaçadora do que as animosidades que anteriormente criaram o relacionamento deles.

Pois ela tinha aprendido que ele poderia ser gentil.

E ele tinha aprendido que ela poderia ser humana.

Eles cavalgaram em silêncio, conscientes de cada escova de cotovelo e joelho. As brumas brancas da noite saíram e a canção da cigarra cessou. As sombras das árvores cresceram até se estenderem como longos tendões e depois desapareceram no cessar do sol. As folhas sussurraram suas últimas vésperas abafadas. A égua acelerou seu passo em direção a casa, sua voz, a única ouvida quando ela relinchou para o crescente crepúsculo. A manga de Abbie roçou o ombro de Jesse e ele se inclinou para frente, afastando-se, olhando para frente, cotovelos nos joelhos e as rédeas frouxas nas mãos. Ele a ajudou a quebrar muitas barreiras hoje, mas ela ainda estava vinculada pelas convenções. Ela não era mesmo o seu tipo de mulher. No entanto, ele olhou para trás sobre o ombro e pegou-a observando-o, seus olhos como a cor do céu da noite, seu pequeno rosto ruborizado mostrando sinais de confusão, mas as mãos novamente com luvas brancas, brilhando quase roxo agora que o crepúsculo apareceu.

Seus olhos se desviaram, depois voltaram a se encontrar com os dele, e ela conheceu o desejo rápido e intimidante da mulher que se sente atraída pelo homem errado. As rodas continuaram a girar silenciosamente, os cavaleiros balançaram em uníssono, os olhos presos. Finalmente, seu olhar perturbado se afastou, assim como o dele. Ela pensou na arma na mão dele naquele trem e seus olhos se fecharam, sem querer imaginar ainda que incapaz de manter a imagem à distância. Ela abriu os olhos novamente e estudou seus amplos ombros esticados com o algodão azul sobre músculos ondulantes, cabelos pretos ondulados sobre o colarinho, suíças grossas curvando-se sobre uma mandíbula apertada, mangas enroladas nos cotovelos expondo os cabelos escuros, o pulso mole, aqueles dedos longos. Ela se lembrou deles sobre ela, depois desviou o olhar, distraída.

Deus me ajude, ela pensou, eu o desejo.

A cidade se aproximou. Jesse mudou as rédeas para uma mão e, sem dizer uma palavra, abotoou a camisa com cuidado. No crescente anoitecer, ela sentiu-se corar. Ele se recostou, seus ombros se tocando de novo, então sua familiar cerca de piquete branca estava ao lado deles e ele parou diante dos degraus da varanda.

Ele entregou-lhe as rédeas. Elas estavam quentes de suas mãos.

Ele falou gentilmente. — Não a puxe tanto dessa vez. Eu não quero que você tombe.

Algo muito bom aconteceu dentro dela com sua calma advertência.

Ele ficou de pé no crepúsculo observando-a novamente puxar as rédeas muito bruscamente em torno dos piquetes, prendendo a respiração, soltando-a

apenas quando ela conseguiu controlar a charrete para seguir em linha reta e prosseguiu pela rua. Então ele se aglomerou no balanço na extremidade norte da varanda para esperá-la. Ele apoiou suas muletas no canto e se balançou, examinando a varanda, que era tão típica dela. Estava arrumada, recém-pintada, cercada por um corrimão circular que parava apenas onde os amplos degraus davam para o quintal. Na extremidade oposta, havia um par de cadeiras de vime branco com uma mesa correspondente entre elas mantendo uma samambaia esparramada. Ele pensou nela enquanto se balançava, acompanhado pelo suave e estremecedor chiado das cordas.

Ela rodeou uma esquina na rua e ele a observou, pequena e reta, e sentiu a força de seus músculos curados e soube que seria melhor deixar este lugar em breve.

Ela pausou quando o viu lá nas sombras, um braço esticado descuidadamente na parte de trás do assento duplo. Ela se perguntou como seria a sensação de simplesmente se sentar ao seu lado com a cobertura daquele braço e encostar a cabeça para trás contra ele e se balançar até que a escuridão completa chegasse e ele devesse dizer: — É hora de dormir agora, Abbie.

Mas ele era Jesse, o ominoso ladrão de trens, então ela ficou incerta, parada no topo dos degraus. Só que ele não parecia muito ameaçador se balançando ociosamente. As cordas chiaram uma queixa sobre seu peso, e por um momento ela lembrou-se da grandeza dele sobre ela. Ela baixou seus olhos com culpa.

— Você está com fome? — ela perguntou, incapaz de pensar em algo mais para dizer.

— Um pouco — ele respondeu. Ele percebia muito claramente pelo que ele estava com fome.

— Pão e frango frio estará bem?

— Claro. Por que não comemos aqui?

— Eu não acho... — Ela lançou um olhar para a casa ao lado, então pareceu mudar de ideia. — Tudo bem. Eu vou trazer. — Ela o deixou se balançando lá, e quando ela voltou com a bandeja ele sentiu sua hesitação em aproximar-se dele.

— Coloque-a no chão aos nossos pés e venha se sentar comigo — ele convidou. — Está ficando escuro, ninguém nos verá.

Mas seus olhos deslizaram para o cotovelo pendurado na parte de trás do balanço, e só quando ele o abaixou, ela colocou a bandeja para baixo e se sentou ao lado dele.

Eles mordiscaram silenciosamente, atraídos pela consciência, amarrados em

silêncio pela nova tensão que surgiu entre eles.

Eles comeram pouco. Ela disse a si mesma para levar a bandeja de volta para dentro, mas ficou sentada em vez disso como se suas pernas tivessem vontade própria.

Ele cruzou o tornozelo ao longo do joelho, colocando uma mão escura sobre a bota para segurá-lo, enquanto cada oscilação do balanço agora segredava seu joelho contra as saias de Abbie. Seus olhos foram atraídos pela coxa resistente, embrulhada no denim. Ela apertou a mão nas dobras de suas saias para evitar esticá-la e descansá-la sobre aquele músculo firme que se flexionava repetidamente com cada empurrão de seu calcanhar no chão. Ela quase podia sentir o quão quente e dura seria aquela coxa, o quão sensual seria correr a palma da mão ao longo do seu comprimento, conhecer o movimento íntimo do músculo enquanto ele se movia com o balanço. Mas ela só olhou enquanto sua imaginação pesada fazia coisas estranhas ao seu estômago.

Uma sensação de aperto residia lá, e estremecimentos afligiam suas partes mais íntimas. Ela ficou ali sentada cobiçando aquela coxa masculina e ficando apaixonada pelo mero toque de sua própria roupa contra sua pele.

Ele colocou o pulso preguiçosamente sobre a parte de trás do balanço, nunca tocando nela, mas fazendo seu coração bater rapidamente quando ela percebeu o quão perto de seu ombro ele estava pendurado.

— Bem, acho que é hora de dormir — ele disse calmamente, finalmente. Ela apertou os pulsos e o sangue subiu por suas bochechas. Mas ele apenas tirou o braço da parte de trás do balanço e pegou as muletas no canto, depois levantou-se e colocou-as, polidamente esperando que ela o precedesse.

Ele conseguiu abrir a porta de tela e, quando ela passou por ele para entrar no salão, ele perguntou atrás dela: — Você quer a porta interna fechada?

Ela estava com medo de olhar para ele, então continuou a ir em direção à cozinha, respondendo: — Não. É uma noite quente, basta enganchar a tela.

Jesse sentiu um senso de casa, entrando com ela desse jeito, colocando as coisas em ordem para a noite e sabendo mais do que nunca que era hora de seguir em frente. Ele atravessou o escuro na direção da cozinha.

— Onde estão os fósforos? — ele perguntou.

Sua voz veio de algum lugar perto da porta da despensa. — Na caixa de fósforos na parede à esquerda do fogão.

Ele procurou, encontrou, acendeu a ponta de um e segurou-o. Abbie saltou com a luz, pairando à caminho da despensa com a bandeja pressionada contra a

cintura, e os olhos grandes e luminosos na luz da lamparina. Ele colocou o chapéu da lamparina de volta no lugar e olhou para ela, tentado... oh tão tentado.

Por um minuto, nenhum dos dois soube o que dizer.

— Eu... vou colocar esses pratos sujos na copa.

— Oh... claro — ele encolheu os ombros, olhou em volta como se tivesse perdido alguma coisa. — Suponho que irei lá fora antes de ir para a cama. — Resolutamente, Jesse dirigiu-se para a porta de trás, sabendo que ele estava fazendo o certo. Mas enquanto ele estava tentava descer os degraus escuros, ele a encontrou atrás dele, segurando a lamparina para iluminar o caminho. Ele se virou e olhou para ela.

Séria, ela estudou seu rosto brilhando abaixo dela, seus cabelos se misturando com o pano de fundo da noite. A lamparina pegou as profundidades incomensuráveis de seus olhos, como as de um gato empalado por um raio de luz direta.

— Obrigado, Abbie — ele disse calmamente — ...boa noite. — Então, seus braços se flexionaram sobre as muletas e ele se foi pelo quintal, engolido pelo escuro.

Ela colocou a copa em ordem, e ele ainda não havia entrado. Ela foi até a tela de trás e olhou para fora. A lua estava elevada e ela moldou a forma dele com sua luz branca, sentado no quintal sob a tília. Seu rosto estava sombreado pelas sombras das folhas, mas ela viu o contorno das suas botas e a forma como um joelho estava erguido com um braço ao redor dele.

— Jesse? — ela chamou suavemente.

— Uhum.

— Você está bem?

— Estou bem. Vá para a cama, Abbie.

Quando ela foi, ela ficou por muito tempo ouvindo, mas nunca o ouviu voltar para dentro.

XII

NA MANHÃ SEGUINTE, UM SORRIDENTE BONES BINLEY estava na varanda da Senhorita Abigail, parecendo uma lanterna no topo de um poste, com a cabeça grande, a fenda nos dentes e o pomo de Adão protuberante.

— Bom dia, Senhorita Abigail. Boa manhã. Muito boa manhã. Este pacote... ah... chegou para você na estação no trem de ontem, Senhorita Abigail, mas não havia ninguém por perto para levá-lo, então Max me fez trazê-lo essa manhã.

— Obrigado, Sr. Binley — ela respondeu, abrindo a tela apenas o suficiente para pegar o pacote, desapontando o velho Bones, que teria dado meio tabaco para ver exatamente o que estava dentro daquela caixa e a outra metade para ver o que aquele ladrão de trem estava fazendo dentro da casa dela. Mas quando Bones continuou sorrindo para ela através da tela, ela acrescentou: — Foi muito gentil da sua parte vim me entregá-lo, Sr. Binley.

Ela era a única pessoa que o chamava de Senhor daquele jeito.

— Claro, Senhorita Abigail — Bones disse quase reverentemente, acenando e movendo os pés enormes enquanto ela se perguntava se teria que jogá-lo de sua varanda com a porta da tela, como uma incômoda mosca.

Uma vez, quando eram mais jovens, Bones comprou a cesta da Senhorita Abigail em um piquenique do quatro de julho, e ele nunca esqueceu o sabor do bolo de creme de leite e do frango frito, nem as suas maneiras e o momento em que ela o fez subir para fazer um pequeno reparo nas telhas e como ela lhe perguntou depois se queria bolo e café. Mas ele podia ver agora que ele não iria mais entrar em sua casa como qualquer ladrão de trem iria entrar dentro das calças dela, o que era depois de tudo o que a cidade toda estava fofocando.

— Como está o ladrão? — Ele perguntou, levantando o chapéu gasto e coçando a testa.

— Eu não sou qualificada para dar uma opinião médica sobre o estado de saúde dele, Sr. Binley. Se você quer passar essa informação ao seu grupo no armazém, sugiro que pergunte ao Doutor Dougherty.

Bones tinha acabado de terminar uma coxa e estava prestes a jogar o resto

quando a Srta. Abigail avisou da porta da frente: — Não deixe o seu lixo na minha propriedade, Sr. Binley!

Bem, maldição! pensou o velho Bones, se ela estava falando sobre o cuspe, por que ela apenas não disse cuspe? Talvez as pessoas estivessem corretas quando diziam que ela ficava um pouco petulante às vezes. Mas, de qualquer forma, Bones esperou até chegar à estrada antes de dar uma boa escarrada. Ele não iria contrariar ela... não, senhor!... não o velho Bones. E a menos que ele tenha perdido sua aptidão para dar palpite, nenhum homem nunca iria se meter com ela, ladrão de trem ou não!

O PACOTE NÃO ESTAVA ASSINADO, COM EXCEÇÃO DE UM selo de Denver e o nome dela e Stuart's Junction, Colorado. Ela não reconheceu a caligrafia. Era angular, grande e fez seu coração acelerar. Em toda a sua vida, ela podia ter tido talvez três pacotes entregues. Fazia muito tempo que chegara o quadro pequeno que ela pedira, para manter a fotografia da mãe e do pai. Então, houve aquela vez que ela pediu uma comadre quando seu pai não conseguia mais caminhar até o quintal. Este pacote agora era o terceiro da Senhorita Abigail, e ela queria saborear seu mistério pelo maior tempo possível.

Ela sacudiu e o mediu como muffins secos em uma torta. Ela viu Bones desaparecer na rua e, em um impulso, levou a caixa de volta para o balanço da varanda. Ela a saboreou por um longo tempo antes de finalmente remover cuidadosamente o invólucro exterior, mantendo o papel em bom estado para guardar e entesourar mais tarde.

Ela sacudiu a caixa novamente e até mesmo cheirou-a. Mas tudo a que cheirava era às páginas de um livro antigo, papelado e seco. Ela colocou-a nos joelhos e correu uma mão perplexa sobre a tampa e balançou ociosamente sobre o balanço, desfrutando do delicioso espanto enquanto a curiosidade brotava lindamente em sua garganta. Ela tomou algum tempo para apreciar o sentimento antecipatório e arquivá-lo para lembranças futuras. Finalmente, ergueu a tampa e sua respiração ficou presa em sua garganta. Aninhado dentro, como duas peças de um quebra-cabeça, estava um dos mais bonitos par de sapatos que já havia visto. Havia uma nota dobrada, mas ela não pegou a nota nem os sapatos imediatamente, sentou-se, em vez disso, com a mão sobre os lábios abertos, lembrando-se do rosto de David Melcher como ela o vira pela última vez, cheio de arrependimento.

Por fim, ela levantou a nota em uma mão e um sapato na outra.

Oh meu Deus! Ela pensou. Vermelho! Eles são vermelhos! O que devo fazer com um par de sapatos vermelhos?

Mas ela examinou o couro requintado, macio como uma pétala de gentia, tão macio que ela se perguntou como coisas tão maleáveis poderiam suportar o peso de uma pessoa.

Eles eram de estilo coturno, com cordões delicados que passavam do tornozelo para cima e saltos moldados como cinturas de fadas, côncavos e elegantes. Tocando a textura suave da camurça, ela sabia sem precisar ser informada de que eles eram realmente feitos da melhor pele que o dinheiro poderia comprar. David, ela pensou, oh, David, obrigada. E ela apertou um sapato na bochecha, de repente sentindo falta dele e desejando que ele estivesse aqui. Ela gostaria de estar com os sapatos enquanto ela lia sua nota, mas ela nunca poderia colocar esses sapatos vermelhos onde eles poderiam ser vistos. Ah, talvez durante algum tempo na privacidade de seu quarto. Mas por enquanto, ela colocou o sapato na caixa ao lado de seu companheiro e leu a nota dele: Minha querida Srta. Abigail, *Eu tomo a liberdade — não, a honra — de enviar o melhor e mais novo par de sapatos do carregamento que me aguardava quando cheguei a Denver. Vai me agradar imaginá-los em seus pés delicados enquanto você colhe nasturtiums e leva-os à sua graciosa casa. Eu penso em você nesse cenário e, mesmo agora, lamento minha imprudência em falar com você como eu fiz. Se você pode achar em seu coração o poder de me perdoar, saiba que eu gostaria que as coisas tomassem um curso diferente do que tomaram.*

Seu, com humildade e gratidão, David Melcher

Ela tinha pensado há treze anos que tinha percebido como ter um coração quebrado, quando foi desprezada pelo homem que ela amara durante todos os seus anos de juventude. Mas parecia agora que essa sensação de uma coisa perdida antes de ganhá-la era mais triste do que qualquer coisa que ela havia sofrido naquela época. Seu coração ficou apertado ao pensar que David Melcher se sentiu atraído por ela — impossível, por assim dizer, ela tendo a idade que tinha. Um homem tão refinado, que era exatamente o que procurava por tantos anos, desde que Richard fugiu.

E agora ela não tinha como chegar até ele, para dizer: — Volte... eu perdoo você... vamos recomeçar.

A caixa de sapatos não contou nada a ela. Não possuía nenhum nome de

empresa, nenhuma cor ou estilo distintivo. Não havia pista de para quem ele trabalhava. Tudo o que sabia era que ele mencionara a Filadélfia e que esse pacote havia sido postado em Denver. Mas elas eram grandes cidades, Denver e Filadélfia, cidades em que havia, sem dúvida, muitos fabricantes de calçados, muitos vendedores ambulantes. Seria impossível encontrar um homem que nem mesmo possuía um endereço permanente. Mas, ao pensar na falta de residência, as palavras Elysian Club voltaram para ela.

O Elysian Club! Na Filadélfia!

Era lá que ele ficaria quando voltasse. Com um coração saltitante, soube que escreveria um agradecimento a ele endereçado ao Elysian Club, na Filadélfia, e apenas esperaria que ele de alguma forma o recebesse em uma de suas viagens de volta, e talvez — apenas talvez — voltasse para Stuart's Junction algum dia e procurasse-a.

— Abbie? O que você está fazendo aí fora? — Um Jesse desgrenhado, limpo, estava descalço, de peito nu, na porta da frente.

Sua voz tinha um tom excitado enquanto falava: — Oh, Sr. Cameron, olha o que acabou de chegar para mim.

Ela não tinha olhos para nada além dos sapatos, que ele não podia ver ainda. Ela levou o pacote para a sala de estar, cruzou-a e colocou-o na mesa da sala de jantar em um dos extremos, com o endereço voltado para cima, para que não houvesse dúvidas de que os sapatos eram para ela.

Jesse mancou até o pacote para ver o que era. — De onde você pediu isso? — Ele perguntou, surpreso quando viu os sapatos escarlates, pois eles não pareciam em nada o tipo de coisa que ela escolheria.

— Eu não os pedi. Eles são um presente de David Melcher.

De repente, Jesse precisou de uma segunda olhada, e depois de tê-la, decidiu que definitivamente não gostou dos sapatos.

— David Melcher? Ora, ora, não estamos nos tornando informais, de repente? E sapatos ainda por cima! Que chocante, Senhorita Abigail.

— Eu acho isso bastante cativante — disse ela, tocando o couro, sua mente mal concentrada sobre o que ela estava fazendo. — Não é o tipo de presente que qualquer homem escolheria.

Jesse podia sentir a excitação dela quando deixou seus dedos vibrarem sobre o couro vermelho, como borboletas, tocando os cordões, a língua, os dedos, quase reverentemente.

— Você pode usá-los na cidade toda vez que precisar de uma bexiga de

porco no açougue — disse ele irritado — ou sempre que você precisar enviar um telegrama pedindo a alguém para se livrar de um pistoleiro para você.

Ela estava muito feliz para dar atenção a sua tentativa de desprezar o presente.

— Oh meu Deus, receio não poder usá-los em nenhum lugar. Eles simplesmente não são... bem, são muito bons e elegantes para Stuart's Junction.

Uma carranca negra baixou as sobrancelhas dele. Ela estava malditamente perto de acariciar o couro vermelho agora, e seu rosto tinha uma expressão beatífica enquanto ela falava sobre o acabamento requintado e a qualidade do couro. Ele nunca a viu brilhar tanto antes, ou tagarelar dessa maneira. Seus olhos eram tão azuis e brilhantes quanto suas glórias da manhã, e seus lábios se separaram em um sorriso raro e flexível. Observando, ele queria tirar os malditos sapatos vermelhos das mãos dela.

Mas, de repente, Jesse percebeu que o cabelo de Abbie não estava tão apertado e ela usava uma velha camisa floral escura, com mangas arregaçadas até os cotovelos e um pano de prato amarrado triangularmente ao redor da barriga.

Ela parecia tão comum quanto uma empregada de limpeza, e o efeito foi devastador. Ele se viu estudando o nó do pano de prato que percorria o vale de sua espinha.

— Oh, meus céus! — ela disse alegremente — Você dormiu até tão tarde e aqui estou eu boquiaberta com essas coisas enquanto você provavelmente está perto de morrer de fome. — Ela colocou a tampa da caixa de volta sobre os sapatos e olhou para cima para pegar a carranca escura em seu rosto.

Por um momento pareceu a Abbie que ele ficou mais alto da noite para o dia, mas de repente ela percebeu o porquê.

— Ora, você está andando sem muletas! — ela exclamou alegremente. Então ela pensou, Nossa, mas ele é alto!

E imediatamente depois, Nossa, mas ele está apenas meio vestido! Ele estava sem camisa e descalço, como de costume, vestindo apenas o novo jeans. — O Doutor Dougherty disse que você deve ir um pouco de cada vez — ela repreendeu, para cobrir sua ruborização com a visão de sua pele nua.

Sua preocupação amenizou alguns dos incômodos aborrecimentos que ele sentiu sobre os sapatos, e sua raiva desapareceu.

— Estou faminto. Que horas são? — Ele esfregou a barriga dura e lisa, contente de ver os olhos dela se afastarem.

— É quase meio-dia. Você dormiu até muito tarde. — Ela virou-se para ir à

cozinha e ele a seguiu.

— Você sentiu minha falta? — Ele deu à caixa de sapatos um último olhar mordaz e olhou para o pano de prato atado na cintura conforme ele dobrou-se com suavidade, de forma contínua, a cada passo que ela dava. Ela tinha um dos traseiros mais bem formados que ele já tinha visto.

— Eu mal tive tempo. Eu estava ocupada fazendo a limpeza.

— Oh, então é por isso que você está vestida como uma copeira. Eu não me importo de dizer que é uma mudança agradável.

De repente, ela se tornou auto-consciente e começou a desenrolar uma das mangas da camisa, abaixando as dobras para cobrir os braços expostos, e ele se perguntou se ela os teria deixado enrolados se ele fosse David Melcher.

O pensamento o irritou ainda mais.

— Trabalhos sujos não são feitos magicamente — ela disse, toda focada de novo, abotoando as mangas com eficiência, depois estendendo a mão para desamarrar seu pano de prato. Ele lamentou vê-lo ser tirado enquanto ela preparava o almoço. Não havia nenhuma evidência de ela ter lavado roupas na cozinha, mas do lado de fora ele encontrou varaus postos agora, segurando roupas de cama, panos de prato e algumas saias e blusas. Mancando até chegar à latrina, ele também avistou roupas íntimas e chemises enfeitadas com ilhós, escondidos o mais discretamente possível atrás das peças maiores e mais mundanas de roupa. O espartilho que ele tinha imaginado nela, dando-lhe indigestão gástrica e emocional crônica, não estava em lugar algum.

No entanto, quando ele voltou para a casa, ele percebeu que a razão pela qual não estava no varau era porque ele devia estar ocupado partindo-a em duas! Seu temperamento vexatório havia inexplicavelmente retornado. Ela começou a atacá-lo no minuto em que ele entrou pela porta.

— Eu pedi para você não ficar vagando por aqui despido desse jeito, senhor! — Ela disse asperamente, obviamente incomodada com uma coisa tão idiota como essa.

— Despido! — Ele olhou para si mesmo. — Eu não estou sem roupa!

— Onde está sua camisa?

— Está no quarto, pelo amor de Deus!

— Senhor Cameron, por que você não deixa de lado seu vernáculo ofensivo até que esteja mais uma vez com o tipo de companhia que irá apreciá-lo?

— Tudo bem, tudo bem, o que mordeu você de repente?

— Nada me mordeu, eu apenas... — Mas ela se virou sem terminar.

— Um minuto atrás, você estava toda de olhos esbugalhados sobre os sapatos do velho Melcher e agora...

— Eu não estava de olhos esbugalhados! — Ela girou, os olhos cortantes, as mãos nos quadris.

— Huh! — Ele bufou, agarrando a borda do balcão atrás dele, movimentando as pontas dos dedos em um ritmo irritado. — Ele te acendeu como uma bolha de gás do pântano com aqueles... aqueles pedaços de frivolidade! — Ele jogou uma mão depreciativa em direção à sala de jantar.

As sobrancelhas dela se ergueram. — Ontem você estava me dizendo para jogar a cautela ao vento e sentir as coisas. Hoje você me deprecia por uma simples mostra de apreciação.

Eles se encararam por alguns segundos tensos antes que Jesse dissesse a coisa mais absurda.

— Mas eles são vermelhos!

— Eles são o que? — ela perguntou, perplexa.

— Eu disse, eles são vermelhos! — ele rugiu. — Os malditos sapatos são vermelhos!

— Bem, e daí?

— E daí... e daí que eles são vermelhos, isso é tudo. — Ele começou a vagar pelo lado da porta da despensa, sentindo-se bobo.

— Que tipo de mulher usa sapatos vermelhos? — Ele gritou, esquecendo-se de que acabara de admirar a maneira como o pano de prato a fazia parecer exatamente o tipo de mulher que usaria sapatos vermelhos.

— Eu disse que queria usá-los?

— Você não teve que dizer. O olhar em seu rosto falou por você.

Ela apontou para a porta dos fundos. — Enquanto eu estou tentando preservar algum decoro por aqui, você coxeia para o banheiro, nu como um selvagem, então tem a audácia de me repreender por pensar que eu gostaria de usar sapatos vermelhos!

— Vamos esclarecer a questão aqui, Senhorita Abigail. Você não está com raiva por eu sair a céu aberto sem uma camisa e sapatos. Você está com raiva porque eu peguei você olhando de olhos esbugalhados aqueles sapatos intoleráveis!

— E você não está bravo porque os sapatos são vermelhos, você está bravo porque eles são de David Melcher!

— David Melcher! — ele gritou incrédulo, quase em seu ouvido enquanto

ela passava por ele para entrar na despensa. — Não me faça rir! — Ele seguiu logo atrás dela, nariz para cima, como um cão de caça. — Se você acha que eu estou com ciúmes de um débil como... — Mas então ela se virou e pisou em seu dedo do pé descoberto.

— Ai! — ele gritou, enquanto ela não diminuía a velocidade nem dizia desculpe-me.

— Você não seria pisado se se vestisse apropriadamente. — Ela colocou alguns pratos na mesa.

— O inferno que não! Você fez isso de propósito!

— Talvez eu tenha feito. — Ela soou satisfeita.

Ele esfregou seu dedo contra sua panturrilha. — Por nada. Eu não fiz nada dessa vez!

Mas ela se virou para ele, apontando um dedo indignado para o quintal. — Nada, você diz? Como se atreve, senhor, a andar pelo meu quintal vestido assim e encarar boquiaberto as minhas roupas de baixo na frente de toda a cidade!

Suas sobrancelhas se ergueram e um lento sorriso apareceu em seu semblante, levantando um dos cantos do bigode antes de iluminar seus olhos maliciosos e ele começou a rir profundamente, mais alto e mais alto até que finalmente desabou em uma cadeira.

— Oh você... você... apenas... apenas cale a boca! — ela balbuciou. — Você quer que toda a cidade te ouça? — Ela sentou na cadeira do lado oposto e criou uma violação grosseira de etiqueta para a Senhorita Abigail McKenzie, servindo-se sem esperar por ele. Ela bateu a colher de servir contra o prato, empurrando as batatas nele enquanto ele ficou lá sentado, rindo. Finalmente ela empurrou uma tigela em sua direção e grunhiu: — Coma!

Ele encheu seu prato entre risadas estremecedoras, enquanto ela sentia vontade de chutar a perna ferida dele por debaixo da mesa.

Finalmente ele apoiou um cotovelo na mesa, inclinou-se para perto e sussurrou muito alto: — É melhor se eu sussurrar? Dessa forma, os vizinhos não me ouvirão. — Mesmo olhando para o prato, ela podia ver aquele bigode insuportável bem na bochecha dela. — Ei, Abbie, você sabe o que eu estava procurando lá fora? Espartilhos. Eu queria ver por quanto material eu teria que passar antes de atingir a pele.

Ela deixou cair o garfo e a faca com um tilintar e deixou a cadeira como se tivesse sido ejetada, mas ele agarrou-a e segurou-a pelas costas da saia.

— Me solte! — Ela puxou a saia, mas ele arrastou e puxou-a para trás entre

suas coxas enquanto seus braços se debatiam ineficazmente.

— Quantas camadas estão aí embaixo, Abbie? — Ele brincou, tentando colocar um braço em volta da cintura dela e puxá-la para seu colo. Ela empurrou e bateu e tentou libertar sua saia, mas ele puxou-a como um cordão, ao mesmo tempo rindo alto em sua garganta.

— Me solte! — Ela vociferou enquanto ele a colocava contra o colo dele como uma escuna contra uma pilha. Ela lutou freneticamente, então se retorceu até que ela pudesse empurrar contra o ombro dele, ainda tentando controlar sua saia com a outra mão.

Seu sorriso foi perverso, suas mãos mortais, enquanto ele respirava pesadamente no ouvido dela: — Você não usa anáguas, Abbie? Vamos lá, vamos ver. — Eles se tornaram um emaranhado de braços e mãos e cotovelos e anáguas e joelhos a esta altura. Ele ganhou e ela lutou. Ele capturou e ela se sacudiu. Ele afastou-se de uma bofetada mal-humorada, reagindo habilmente enquanto ela rapidamente perdia terreno.

— Seu maníaco! — ela berrou, arranhando os dedos dele no pulso dela.

— Vamos, Ab, pare de provocar. — Ele pegou o pulso dela de novo, mais apertado do que antes.

— Eu! Deixe-me ir! — ela gritou. Mas de alguma forma ele a tinha virado de frente para ele. Ele puxou-a contra sua virilha, a coxa dela contra seus órgãos vitais, enquanto ela caía sobre o peito duro como pedra. Mas mais uma vez ela se soltou, girou até que suas mãos a pegaram pelos quadris e a levaram para a posição novamente.

— Deus, mas você luta bem para um beija-flor — ele soprou. E como se para provar isso, ela quase fugiu. Mas seu braço poderoso pegou sua cintura e ela sentiu seu traseiro puxado sem cerimônia contra o colo dele.

— Ugh! — Ele grunhiu quando ela bateu na perna machucada, mas o aperto dele se manteve firme em sua cintura.

— Bom! — ela cuspiu — Espero que eu tenha te machucado! Abaixe a mão! Deixe meus botões em paz!

Ele a agarrou por trás, apertou o braço em torno de sua barriga, lutando com os botões em sua garganta com a outra mão. Ele conseguiu desfazer um enquanto ela lutava para afastar sua mão e lutava com a outra que serpenteava da barriga dela até seu peito.

— Vamos lá, Abbie, eu não vou te machucar. — Sua luta só pareceu divertí-lo ainda mais enquanto a escaramuça na frente de sua blusa continuava.

— Eu vou te machucar de qualquer jeito que eu puder! — ela jurou, um mosquito ameaçando um rinoceronte. — Eu te juro! — Ela lutou bravamente, sem fôlego agora, mas ele a manteve presa com tanta força que ela não podia se afastar o suficiente para causar qualquer dano.

— Deus, como eu gosto de você nessa velha camisa desbotada — ele ofegou, e de alguma forma conseguiu liberar um segundo botão enquanto ela tentava agarrar suas duas mãos e ganhar a liberdade dela ao mesmo tempo.

— Seu imundo... eu espero que eles... te enforquem! — ela grunhiu.

— Se eu for enforcado... — ele grunhiu de volta — pelo menos me dê... uma última... doce lembrança para levar ju... junto. — Ele teve um peito agora e ela se contorceu violentamente enquanto ele se abaixava para evitar um cotovelo voador.

— Quieta, Abbie, vire-se aqui onde eu posso chegar até você. — Seu bigode preto apareceu vindo em direção à boca dela, mas ela agarrou uma mecha de cabelo na têmpora dele e puxou com toda a força.

— Ai! — ele gritou, e ela puxou mais forte até que, de repente, inesperadamente, ele a soltou. Espalhada como estava, ela desceu escorregando, pousando de joelhos com a boca logo acima do umbigo dele. Mas o cotovelo dela o atingiu precisamente no local onde ele havia sido baleado, e ele engasgou e rigidamente foi para trás, os braços estendidos, como se ela tivesse acabado de crucificá-lo naquela cadeira. Seu gemido rouco lhe disse que a batalha terminara.

Ela se arrastou para longe de suas coxas, abotoando os dois botões do pescoço enquanto os olhos dele permaneciam fechados, as pálpebras apertadas. Seus lábios haviam ficado abertos, a ponta de sua língua saindo para vagar nas bordas inferiores de seus dentes superiores, e então ele respirou longa e dolorosamente e olhou para o teto, com a cabeça ainda pendurada para trás. Lentamente ele tocou o cabelo em sua têmpora, massageando-o cautelosamente enquanto ela observava, tremendo e cautelosa. Seu braço foi abaixado e ele finalmente grunhiu, endireitando-se até que ele ficou em forma de L novamente. O silêncio no cômodo era abundante quando ele apoiou um cotovelo em cada lado do prato e olhou para ele como se algum pedaço de comida ali tivesse sido movido. Ela sentou-se na cadeira, sentou-se com as mãos no colo e, em seguida, apalpou uma faca que estava presa em um ângulo precário em um monte de purê de batatas. Ela limpou-a contra a borda de seu prato e a apoiou com muito cuidado e ainda nenhum dos dois disse nada. Ela tentou uma mordida, mas a comida pareceu ficar presa em sua garganta. Ele levantou a cabeça e olhou além

dela pela extensão da casa, passando pela porta da frente. Não adiantava fingir que comia, por isso ela limpou cuidadosamente a boca, dobrou o guardanapo, pousou-o com precisão, como se esperasse a sua penitência.

Ele sabia agora por que ele fez aquilo. Realmente não foi uma surpresa para ele descobrir que ele estava com ciúmes, só que ele deveria ser inabalado por uma mulher como ela. No entanto, ele nunca fora capaz de fazê-la sorrir, rir ou brilhar como aquele par de sapatos de Melcher tinha feito.

Sua cadeira recuou no silêncio no mesmo instante em que ele finalmente decidiu falar.

— Abbie, eu acho que...

— O que? — ela hesitou, metade erguida, prato na mão.

Ele olhou para a porta da frente ao longe, não confiando em si mesmo para olhar para ela. — Eu acho que é melhor eu sair daqui antes que machuquemos um ao outro.

Ela encarou o prato em sua mão, de repente muito triste por tê-lo machucado.

— Sim — ela disse humildemente. — Eu acho que seria melhor.

— Você pegaria minhas muletas no quarto, por favor? — ele perguntou, muito educadamente.

— É claro — ela concordou, igualmente educada, e foi buscá-las. Ela queria dizer que sentia muito, mas achava que ele deveria dizer primeiro. Ele havia começado. Silenciosamente, ela entregou-lhe as muletas.

— Obrigado — ele disse, novamente muito educado, se colocando de pé, depois se afastando em direção ao seu quarto, favorecendo cautelosamente a perna direita novamente. Seguiu-se um longo e profundo suspiro quando ele se acomodou nas molas da cama.

Abbie olhou pela porta dos fundos por mais tempo, sem ver nada. Finalmente, ela suspirou e colocou o cômodo em ordem, então se esgueirou até seu quarto no andar de cima para descartar a blusa floral.

Mas ela caiu na beira da cama desconsolada, enterrando o rosto nas mãos. Ah, ela estava tão confusa com tudo. Nada parecia simples como antes dos dois homens terem entrado em sua vida. Ela não podia mais negar sua atração por Jesse. Às vezes ele podia ser tão caloroso e simpático. Como ontem, quando ela disse a ele coisas que ela nunca contou a outra alma viva e começou a confiar nele, apenas para que ele fizesse o que ele acabara de fazer. Por que ele não podia ser como David? David que era muito mais parecido com ela.

David — um cavalheiro cujos valores corriam paralelos aos dela. David — que a beijara tão docemente nas escadas, mas nunca teria tentado nada como Jesse acabara de tentar naquela cadeira no andar de baixo. Mas pensando nisso, ela sentiu aquela excitação estranha e proibida que não seria reprimida. Por que ela era incapaz de resistir aos feitiços sombrios que sempre a atraíram para a teia de Jesse?

Ela tentou imaginar seu pai com a mãe daquela maneira, mas simplesmente não conseguia. Ora, a mãe dela teria saído de casa. No entanto, Abbie se perguntou por que seu pai e sua mãe nunca se tocaram ou beijaram. Ela sempre presumira que o jeito educado deles era o modo como todos os casais bem-educados agiam.

Abbie pressionou as mãos no rosto aquecido, lembrando-se de sua mãe dizendo que todos os homens eram bestas.

Ela se lembrou de Richard abordando-a no estábulo uma vez e como ela lhe deu uma bofetada. Ela se lembrou de Jesse lutando com ela naquela cadeira, e naquela noite na cama com a língua por todo seu peito e barriga. Ela estremeceu, ali no calor do quarto no andar de cima, assegurando-se de que o que ela sentiu naquela noite e hoje era medo e nada mais. Pois qualquer outra coisa seria pecaminosa.

Ela levantou-se bruscamente, vestiu-se com roupas adequadas e, decidiu que devia lhe pedir desculpas por machucá-lo e desceria e faria limonada, o que bastaria se não conseguisse proferir as palavras.

XIII

ELA ESTAVA PRESTES A VERTER A LIMONADA QUANDO houve uma batida na porta da frente. Ali, na varanda, estava um homem moreno e bem vestido de uns quarenta e cinco anos. Tudo, desde os sapatos cordoban até o chapéu Stetson, era impecável, limpo e correto. Ele tirou o chapéu com a mão impecavelmente arrumada e curvou-se ligeiramente, ajustando um pacote que segurava sob um braço.

— Bom dia. Senhorita Abigail McKenzie?

— Sim.

— Foi me dito na cidade que você tem um Sr. DuFrayne aqui.

— DuFrayne? — ela repetiu, confusa.

— Jesse DuFrayne — ele esclareceu.

Ela ficou momentaneamente surpresa com o nome. Jesse DuFrayne? Jesse DuFrayne. Rimava com trem e tinha um som rítmico de trilhos nele. Por sua própria vontade, o nome se repetiu em sua mente, como se rodas de aço em movimento produzissem a mensagem: Jesse DuFrayne

Viajou em um trem...

Jesse DuFrayne

Viajou em um trem ...

Ainda assim, de alguma forma, ela pensou que o nome não poderia pertencer ao Jesse que ela conhecia. Dar-lhe um sobrenome genuíno seria lhe dar validez injustificada.

— Ele está aqui, Senhorita McKenzie?

Abruptamente ela afastou suas reflexões.

— Oh, me desculpe, Sr...?

— Hudson. James Hudson, da Rocky Mountain Railroad. Temos, Senhorita McKenzie, como você provavelmente já imaginou, um interesse pessoal em Jesse DuFrayne.

Então, ela pensou, o Sr. Jesse DuFrayne não é um ladrão de trem, não é? Este era o momento que ela esperou; a vingança era dela. Mas de alguma forma perdeu o sabor.

— Entre, Sr. Hudson, por favor, entre — ela disse, abrindo a tela e gesticulando para ele entrar. — Eu acredito que o homem que você está procurando está aqui. Ele se recusou a dizer...

Mas naquele momento a voz dele veio do quarto. — Ei, doutor, é você que está aí? Venha aqui.

Um sorriso de repente cobriu o rosto do Sr. Hudson, e ele fez um movimento em direção à voz, então parou, corretamente, se não impacientemente, perguntando: — Posso?

Ela assentiu e apontou para a porta do quarto. — Ele está lá.

James Hudson não escondeu o fato de que estava com muita pressa para bater na porta do quarto.

Seis ou sete passos longos pela sala de estar e suas vozes estavam ressoando alto.

— Jesse, maldição, como você acabou aqui?

— Jim! Estou feliz em ver você!

Abbie foi na ponta dos pés timidamente até a porta. Jesse estava se barbeando, mas mesmo através da espuma ela podia ver que ele não tinha absolutamente nenhum medo de Jim Hudson, em vez disso, estava entusiasmado em vê-lo. Para seu espanto, os dois abraçaram-se e afavelmente bateram nas costas um do outro.

— Ah se você não é uma visão para olhos doloridos! — DuFrayne exclamou, recuando.

— Olhe para si mesmo! Eu poderia dizer a mesma coisa. A notícia veio ao longo da linha de que você foi baleado. O que aconteceu? Alguém tirou seu bigode com uma bala perdida? Parece um pouco irregular.

O riso de DuFrayne, genuíno, espontâneo, encheu o quarto enquanto ele olhava no espelho que segurava. — Eu gostaria que isso tivesse sido tudo que uma bala perdida fez.

— Sim? O que mais foi atingido?

— Minha perna direita, mas ela está indo bem, graças a Senhorita Abigail aqui. Eles me tiraram do trem da R.M.R. e me colocaram aqui e ela está presa comigo desde então.

— Senhorita McKenzie, como podemos agradecer a você? — Jim Hudson perguntou, mas como se para responder sua própria pergunta levantou o pacote que ele trouxe e veio até ela, estendendo-o. Estava embrulhado, mas mesmo assim a forma de uma garrafa era evidente. — Isso não é muito, mas, por favor,

aceite como meus sinceros agradecimentos.

Ela ficou lá parada em perplexa confusão, pegou o presente oferecido com as mãos de um autômato e ficou chocada com o que tudo isso parecia significar, mas Hudson voltou imediatamente para DuFrayne.

— O que aconteceu, Jesse? Nós estávamos preocupados como o inferno. Você desapareceu e os garotos da Rockwell encontraram seu equipamento no trem, e nenhum Jesse! Então alguém da estação de Stuart's Junction registrou uma descrição de um suposto ladrão que eles tiraram de um trem aqui e soou como você: bigode de carvão preto e alto como uma porta de celeiro. Eu disse a mim mesmo, se não é Jess, eu vou comer meu Stetson de quinze dólares.

Jesse riu de novo por trás da espuma e afundou na cama onde estivera quando Hudson chegou. — Bem, você pode tirar seu Stetson de quinze dólares daqui porque estou bem. — Ele lançou um olhar cauteloso para Abbie. — A perna está doendo um pouco esta tarde, então eu pensei em sentar enquanto faço a barba isso é tudo.

— Então... o que aconteceu? Você vai me manter em suspense o dia todo?

— Não, não o dia todo, mas só um pouquinho mais. Esse sabão de barbear está secando e começando a coçar. Importa-se se eu terminar isso primeiro?

— Não, não, vá em frente.

— Entre, Abbie. Não há necessidade de pairar na porta. Jim, esta é Abbie. Ela fez um ótimo trabalho de impedir minha carcaça de apodrecer por quase três semanas. Se não fosse por ela, eu seria isca de corvo a esta altura. Senhorita Abigail McKenzie, conheça Jim Hudson.

— O Sr. Hudson e eu nos conhecemos na porta. Você não vai se sentar, Sr. Hudson? — ela convidou, puxando a cadeira de balanço para frente. — Eu vou deixar vocês dois sozinhos.

— Espere um minuto, Abbie. — Jesse novamente pegou a navalha e espelho de mão, mas estava tendo problemas para executar tudo de uma vez, precisando das duas mãos para acertar o ângulo. — Segure essa maldita coisa, para que eu possa terminar. — O pedido foi feito tão amigavelmente que ela se esqueceu de se ofender e foi fazer o que ele queria.

Observando os dois, Jim Hudson achou essa pequena cena doméstica bem diferente de seu amigo Jesse e se perguntou o que teria acontecido por aqui nas últimas semanas.

— Jess, o que diabos aconteceu com o seu bigode? Parece que você colocou a lâmina nele — ele observou. — Eu nunca pensei que viveria para ver esse dia.

Os olhos de Jesse e Abbie se encontraram brevemente sobre o espelho antes que ele respondesse: — Nem eu. Eu apenas decidi ver como eu parecia de rosto limpo. Eu acho que você pode dizer o que eu pensei por conta própria. Um dia sem ele e eu estava torcendo para que ele crescesse de volta o mais rápido possível. Abbie concorda que eu pareço melhor com um bigode também.

Ela sentiu o rosto corar e ficou grata por estar de costas para Jim Hudson. Jesse limpou o rosto, depois seus olhos encontraram-se alegremente com os dela de novo, enquanto ela conhecia uma profunda confusão pela maneira diferente como ele sempre a tratava diante dos outros, sempre respeitosa, escondendo qualquer vestígio de suas transgressões, culpando apenas a si mesmo. Que tipo de homem é este, ela se perguntou, enquanto seus olhos valsavam para longe novamente.

Com a barba feita, Jesse ficou na cama enquanto continuavam conversando.

— O que há de errado com a sua mão, Jess?

— Ele ficou presa de alguma forma no trem.

— Vamos lá, eu esperei tempo suficiente. Diga-me o que aconteceu aqui.

— Não há muito o que contar. Foi apenas um erro idiota. Eu estava indo para Rockwell, como você sabe... — Enquanto Jesse contava o incidente no trem, Abbie se debruçou sobre a cama para pegar o equipamento de barbear. Quando ela o fez, ele distraidamente colocou a mão em sua cintura, em seguida, deu-lhe um tapinha leve enquanto ela se endireitava e se afastava. Jim Hudson notou o toque com interesse. O gesto descuidado era tão íntimo quanto uma carícia poderia ter sido, pois enquanto o fazia, Jess continuou falando, e Jim tinha certeza de que ele estava alheio ao fato de ter tocado a mulher. Hudson fez um bom trabalho em esconder sua surpresa. A Senhorita McKenzie não era do tipo de Jess. Não demorou mais de trinta segundos para Hudson reconhecer o fato. Ele a observou sair do quarto, intrigado com o que acabara de testemunhar.

Enquanto Jesse estava inconsciente do que ele tinha feito, Abbie não estava. O ponto em sua espinha onde sua palma descansara parecia em chamas. Em toda a sua vida, nenhum homem jamais colocou uma mão sobre Abigail McKenzie de maneira tão casual. Era totalmente diferente das muitas maneiras pelas quais Jesse DuFrayne a havia tocado antes: às vezes brincando, às vezes ousado, às vezes com raiva, mas sempre por um motivo. Não, esse toque foi diferente. Era do tipo que ela se perguntava se houve entre seus pais, do tipo que nunca tinha visto entre eles, e isso aumentou sua pulsação pelo inesperado.

Todo o tempo que ela preparou mais limonada na cozinha, o pensamento

ecoou em sua mente — Jesse DuFrayne acabou de tocar a parte de baixo das minhas costas diante de seu amigo...

NO QUARTO, JIM HUDSON DISSE: — AGORA ESCUTE, JESS, teremos tudo isso resolvido em pouco tempo. Você sabe que não há nenhum problema com a ferrovia. — Ele riu, sacudiu a cabeça bem-humorado e continuou.

— Ora, diabos, sabemos que você não estava roubando nenhum trem. Mas esse camarada Melcher está levantando um fedor. Ele está tentando nos processar por tudo que ele pode conseguir, por causa de sua incapacidade permanente.

— O que você acha que ele vai conseguir?

— Nós vamos descobrir amanhã. Eu marquei uma reunião aqui na cidade ao meio-dia e nós vamos resolver isso, se pudermos. Melcher estará vindo, mas eu estarei lá para representar a ferrovia, então você não precisa vir a menos que queira, é claro, e só se você estiver se sentindo bem. Melcher terá seu advogado presente, tenho certeza. Será melhor resolver isso com tão pouca publicidade quanto seja possível, você não concorda?

— Eu concordo, Jim, mas ainda me irrito ao pensar no que aquele camarãozinho pode conseguir apontando um dedo acusador para a ferrovia e indo embora dois dias depois, enquanto eu fico deitado aqui com um buraco do tamanho de um ovo de ganso em mim.

— E essa é a principal coisa com a qual você deveria se preocupar. Deixe-me lidar com as coisas legais. Inferno, todo mundo está mais preocupado com você do que com o que Melcher planeja pedir como recompensa. Ele provavelmente se tornará mais blefe do que ameaça de qualquer maneira. Mas e você? Como a perna está se curando?

— Oh, está rígida como o inferno, assim como a mão, mas eu não poderia ter tido mais sorte se o tiro tivesse me levado direto para os braços do Doutor Dougherty, ele é o médico local. Abbie tem remédios na manga que o Doutor Dougherty nunca sonhou. Ele me consertou no primeiro dia, mas foi Abbie quem me manteve vivo depois.

— O que me lembra — acrescentou Hudson — ela recebeu nossa mensagem dizendo que a compensaríamos por você e Melcher?

— Ela recebeu... e Jim? — Ele abaixou a voz, embora estivessem falando em voz baixa já. — Se certifique de que ela recebe muito. Eu tenho sido um regular filho da puta para ela.

Na cozinha, a Senhorita Abigail ouviu uma gargalhada, embora não tenha ouvido o que a motivou.

— Pelo que entendi você está impressionado com a dama? — Jim Hudson perguntou baixinho, com uma sobrancelha levantada.

— Você já viu uma mulher que não me impressionou, Jim?

— Inferno, eu não acho que já te vi com uma dama antes, Jess. — Havia bom humor escrito em ambos os rostos.

— Eu admito que ela é uma espécie de esquisitice para mim, mas apesar de tudo eu não estou tendo um mau momento aqui, além do fato de que ela me considera um ladrão de trens, um profanador de mulheres, um contador de mentiras e o pior dos canalhas. E ela está dando o seu melhor para me reformar. Eu aguento porque eu gosto da comida dela, caldo de carne, ovos viscosos e fígado letal. — Jesse riu, lembrando-se de tudo.

— Parece que ela é exatamente o que você sempre evitou, Jess. Uma mulher direita. Talvez ela seja exatamente o que você precisa.

— O que eu preciso, James-Garoto-Esperto-Hudson, é de um trem para fora daqui, e quanto mais cedo melhor. Eu estarei na reunião amanhã o Doutor me liberando ou não. Eu pensei que você fosse o Doutor quando chegou. Ele supostamente deve me dar os meus documentos de caminhada, por assim dizer. Eu já sou muito hábil nessas muletas.

— Bem, não apresse isso, Jess. Eu vou ter que procurar esse homem, Dougherty, também, enquanto eu estiver na cidade. Suponho que você tenha acumulado uma conta com ele também, hein?

— Eu ainda estou acumulando, mas eu sabia que você viria atrás de mim e pagaria a conta.

Hudson riu. — Olha, os garotos de Rockwell querem saber o que fazer com o seu equipamento.

— Está tudo bem com ele, Jim?

— Intacto, garanto-lhe. Tudo. Eles armazenaram tudo em um barraco lá perto da linha.

— Em um barraco perto da linha! Inferno, esses caras terão cada um dos meus pratos quebrados. Eu os quero fora de lá. Você vai para lá?

— Não, eu estarei voltando para Denver novamente depois da reunião de amanhã. Você sabe que estamos ouvindo cada prefeito de cada cidade mineira neste estado implorando por uma linha de incentivo para carregar o minério deles. Nós não podemos construí-los rápido o suficiente, então se apresse em

ficar bem.

— Eu vou confiar no seu julgamento sobre isso, Jim. Apenas deixe-me saber o que está acontecendo porque eu já estou cansado desta vida ociosa. Assim que o Doutor me liberar, eu vou levantar e sair daqui de volta para as linhas da ferrovia. Eu só quero ter certeza que o meu equipamento está seguro, entretanto.

— Eu poderia pedir para Stoker trazê-lo no trem de abastecimento — Hudson sugeriu com um sorriso conhecedor.

— Deus, não! Salve-me de Stoker! — Ambos riram. — Ele faz tudo certo com aço e madeira, mas eu logo teria o meu equipamento rolado para o lado da montanha assim como derrubado no motor de Stoker. Apenas deixe lá por enquanto. Talvez eu pense em algo. Eu poderia até sair daqui com você amanhã. Quem sabe?

— Bem, descanse, garoto. Eu tenho que ver esse Doutor Dougherty ainda, e enquanto eu estiver aqui, posso muito bem ver se o agente da estação tem alguma reclamação sobre esse novo estímulo. Acho melhor eu ir, Jess. De um jeito ou de outro, eu vou te ver antes de sair da cidade.

Enquanto Hudson se preparava para ir embora, a Srta. Abigail apareceu na porta com uma bandeja. — Posso lhe oferecer um copo de limonada antes de sair, Sr. Hudson?

— Eu acho que já demos problemas o suficiente para você, Srta. McKenzie. Eu sou a pessoa que deve lhe oferecer algo antes de sair. Quanto eu devo a você pelos seus cuidados com os dois homens?

Independentemente de quantas vezes ela lembrou a Jesse que ela o cuidou apenas pelo dinheiro, quando oferecido o pagamento agora, ela ficou desconcertada.

Jesse podia ler seu desconforto sobre a pergunta de Jim, viu sua relutância em colocar um valor em dólar sobre o que ela tinha feito. Como muitos outros assuntos, o dinheiro era um assunto indelicado para uma dama discutir. — Dê à dama um preço justo, Jim.

— O que você acha que sua pele vale, DuFrayne?

Os dois trocaram um olhar de conspiração divertida antes que Jess respondesse: — Não sei o que minha pele vale, mas um copo de limonada de Abbie vale mil dólares em qualquer dia.

— Nesse caso, vou ter que experimentar um copo antes de sair — disse Jim Hudson, sorrindo agora para Abbie.

— Eu vou servir um para você então — Abbie ofereceu, desconfortável

diante da provocação óbvia deles.

— Onde você vai tomá-la, Sr. Hudson? — ela perguntou.

— Que tal na sua varanda da frente, Senhorita McKenzie? Você vai se juntar a mim?

Por que ela olhou para Jesse antes de responder, como se ela precisasse da permissão dele para sentar na varanda com outro homem?

— Vá em frente, Abbie, você merece um descanso — disse ele, notando o rosa em suas bochechas. — Jim, seu grande desajeitado, obrigado muito por ter vindo.

Hudson se aproximou da cama e os dois apertaram as mãos de novo, enquanto Hudson batia nas costas de Jess enquanto dizia: — Tire seus ossos daqui e volte para aquelas estradas, me ouviu? E não dê a dama qualquer confusão enquanto você está se recuperando. Isso é uma ordem!

— Dê o fora daqui antes que a limonada evapore nesse calor. — Então, quando os dois saíram do quarto, ele falou para eles: — Se certifique de usar suas melhores maneiras na varanda da frente, Jim. A Senhorita Abigail é uma dama de extrema qualidade.

A extremidade norte da varanda da Senhorita Abigail estava na sombra fria agora no meio da tarde. Hudson viu o balanço de madeira, mas apontou Abbie para o extremo oposto, onde estavam as cadeiras de vime. Suas maneiras se mostraram em tudo que ele fez, ela pensou, até mesmo em sua escolha de cadeiras separadas no sol batendo em lugar do balanço duplo mais íntimo na sombra convidativa. Ele permaneceu de pé até que ela se sentasse. Ela notou como ele puxou a calça amarrotada até os joelhos enquanto pegava a cadeira oposta.

— Eu entendo que Jesse tem sido menos que um paciente modelo — ele começou.

— Ele estava gravemente ferido, Sr. Hudson, dificilmente esperava viver. Seria difícil para qualquer um ser um paciente modelo nessas circunstâncias. — Uma vez dito, ela não sabia por que havia defendido Jesse dessa maneira, assim como ele a tinha.

— Acho que você está andando na ponta dos pés na amoreira, Srta. McKenzie, mas conheço Jess melhor que isso. Você mereceu cada centavo que ganhou. Temo que ele não seja alguém que se permita ser cuidado e mimado demais. Em seu próprio elemento, ele é um ótimo homem, o melhor que existe.

— Mas qual é o elemento dele, Sr. Hudson?

— A ferrovia, é claro.

— Então ele trabalha para a ferrovia?

— Sim, e é um ótimo trabalho que ele faz.

Ao ouvir isso, os sentidos de Abbie giraram. Então era verdade depois de tudo. Com um esforço, ela impediu que sua mão tremulasse até a garganta.

— Sua lealdade dá crédito a ele, Sr. Hudson, já que você mesmo parece ser um tipo respeitável. — Levando em conta sua elegância impecável, sua polidez, sua admiração óbvia de Jesse DuFrayne, ela se sentiu subjulgada pela rápida mudança do status de seu paciente.

— Homens ganham respeito de maneiras diferentes, Senhorita McKenzie. Se eu sou respeitado, é por razões diferentes das que ele é. Aceite minha palavra, Jess DuFrayne é uma pedra preciosa em bruto, e não há um homem na linha R.M.R. que dirá diferente.

— O que ele fez para ganhar esse respeito? — Ela se perguntou se ele podia ver o copo tremendo em sua mão.

— Eu ouço refutação em seu tom, Senhorita McKenzie, e eu estou pensando que ele lhe deu pouca razão para ver o bem nele. Eu o faria uma injustiça ao listar seus méritos. Você só acreditará neles se você os descobrir. Se você tiver a chance de ver suas fotografias, estude-as bem. Você verá mais do que imagens em sépia... você verá onde está o coração dele.

Engraçado, ela nunca havia pensado em Jesse como tendo um coração antes.

— Sim, eu vou, Sr. Hudson, se eu as ver. — Ele é um fotógrafo, ela estava pensando conforme asas pareciam bater sobre suas têmporas, ele realmente é um fotógrafo!

— Jess estava certo — disse Jim Hudson, colocando seu copo vazio na mesa de vime entre eles. — Esta limonada vale mil dólares por copo em um dia como hoje.

— Estou feliz que tenha gostado.

— Se há alguma coisa que você precise enquanto ele estiver aqui, você tem apenas que dizer a palavra e é seu.

— Que gentileza sua, senhor.

— Tenho certeza de que, se as nossas graças fossem mantidas para comparação, as minhas seriam lamentáveis ao lado das suas. Bom dia, Senhorita McKenzie. Cuide dele para mim. — Jim Hudson olhou para a porta da frente enquanto dizia isso.

Essa observação curiosamente sincera deu o toque final de confusão às

emoções confusas da Srta. Abigail. Ela achara que Jim Hudson tinha ido à sua porta para impor a justiça, mas em vez disso ele havia justificado o homem que ela repetidamente chamava de "ladrão". Observando as pernas da calça de Hudson enquanto ele descia a estrada empoeirada, ela foi abalada pelas revelações sobre Jesse Cameron-DuFrayne.

Mais uma vez, a rima irônica veio para ela do nada: Jesse DuFrayne

Viajou em um trem...

Ela não podia ficar aqui na varanda indefinidamente. Ela tinha que entrar e encará-lo. Mas o que ela poderia dizer? Ela parecia estar tendo uma grande dificuldade para respirar e podia sentir o sangue jorrar até a raiz dos cabelos, o pulso pulsando ao passar dos segundos enquanto as memórias voltavam, lembranças das inúmeras vezes que o insultou porque ele era um ladrão de trem. Ela tentou se recompor, mas descobriu que estava se sentindo inexplicavelmente feminina e, de alguma forma, muito vulnerável. Como ele deve ter rido de si mesmo todos esses dias, ela pensou. E o que ele está pensando agora?

Ela abriu a porta silenciosamente, deu um passo à frente do suporte de sombrinha para verificar seu reflexo, mas a mão dela parou antes de alcançar o cabelo. Ali, no banco, havia um pedaço de papel retangular. Algo pareceu avisá-la, pois sua mão hesitou, depois finalmente o pegou.

Seguiu-se um suspiro audível.

Era um cheque ostentando o nome do pagador na parte superior em letras maiúsculas: ROCKY MOUNTAIN RAILROAD, DENVER, COLORADO. Foi feito para Abigail McKenzie no valor de mil dólares!

Seu estômago começou a tremer e o papel estremeceu em seus dedos. Ela olhou para a porta do quarto, de repente com mais medo do que nunca de enfrentá-lo novamente.

Mil dólares! Ora, ela levaria dois anos ou mais servindo nas mesas de Louis Culpepper para ganhar tal soma. O que havia nesse Jesse DuFrayne que a ferrovia lançaria dinheiro assim para seu cuidado? Totalmente confusa, ela ficou boquiaberta com o cheque, sabendo que não ganhara nem um quarto desse valor. Lembrou-se dos olhares trocados por Jesse e Jim Hudson e das palavras: "Um copo de limonada de Abbie vale mil dólares em qualquer dia." Mais confusa do que nunca, ela engoliu o nó na garganta.

— Abbie, Jim foi embora? — ele perguntou.

— Sim, ele se foi, Sr... — Mas do que ela deveria chamá-lo agora? Ela ainda não conseguia conectá-lo com o novo nome dele ou com o antigo.

Tudo mudou de repente. Ela se olhou no espelho, viu seu rosto vermelho, o papel em sua mão, a confusão em seus olhos, e ficou enraizada, sem saber, de repente, como agir diante do homem do outro lado da parede. Ele tinha um nome verdadeiro e um emprego muito respeitável e um amigo muito impressionante, além de uma ferrovia inteira cheia de trabalhadores que aparentemente o respeitavam imensamente. Mas tudo isso parecia secundário ao fato de que o fato de ele ter sido baleado causara impacto suficiente para fazer com que a ferrovia pagasse muito por seus cuidados.

Como ela deveria agir?

Ela o chamara de Sr. Cameron, ladrão de trem por tanto tempo que, de repente, era perplexante ter de mudar sua opinião, que — ela admitiu agora — baseava-se em grande parte na suposição de que ele era culpado como acusado. Mas então, quantas vezes ele próprio insinuou que ele era um fora da lei? Ora, ontem mesmo ele disse que não estaria por perto tempo suficiente para que importasse o que ela lhe contasse sobre ela e... e Richard. Ela entendeu agora que ele estava brincando com ela, insinuando que era a justiça que viria para levá-lo, quando ele sabia o tempo todo que era Jim Hudson.

Com um sentimento de afundamento, ela se lembrou de todas aquelas outras coisas — as brigas e beijos e puxar a arma um contra o outro, e as maneiras terríveis que eles se incitaram e judiaram. Ele estava certo sobre tudo isso? Teria ela perdido seu senso de decência pensando que ele, o ladrão de trem, era o responsável indecente?

Só que ele não era ladrão.

Mas de repente ela recuperou o juízo, percebendo que poderia tratá-lo da mesma maneira que antes da visita de James Hudson. Ele não estava imediatamente exonerado de tudo o que ele a fez passar! Mas ela segurava mil dólares em sua mão instável e, embora negasse, isso o exonerava de alguma forma.

Seu coração bateu loucamente quando ela se aproximou de seu quarto e encontrou Jesse sentado nas almofadas florais do assento da janela, parecendo tão preto e marrom contra todos aqueles amarelos e verdes, tão masculinamente fora de lugar em seus jeans e camisa desabotoada. Ele estava assistindo Jim Hudson andar de volta para a cidade e não sabia que ela estava ali observando-o. Ela engoliu em seco, pois ele parecia muito bonito e perdoável e ela queria que ele não parecesse nenhum dos dois. Ele deixou cair à cortina, coçou distraidamente o peito nu e os olhos dela seguiram os dedos magros que lhe percorriam a pele.

Por fim, ela limpou a garganta.

Ele olhou para cima, surpreso. — Oh, eu provavelmente não deveria sentar aqui, hum? — Ele se moveu como se fosse levantar-se.

— Não, está tudo bem. É fresco aí entre as janelas, fique onde você está.

Ele se sentou de novo. — Bem, entre. Talvez você não tenha medo agora. — Mas todos os traços de provocação desapareceram de sua voz e de seus olhos, e de repente ela desejou que voltassem e aliviassem essa fascinação terrível que ela sentia por ele.

— Eu... eu ainda tenho — ela admitiu. Mas nenhum deles sorriu. — Eu quero dizer "Por que você não me disse", só que, tão bobo quanto parece, você disse.

Ele foi gentil o suficiente para não esfregar isso, e agora tudo o que ela queria era que ele fizesse. Seria muito preferível a essa seriedade tensa. Tudo o que ele disse foi: — Eu poderia ter um copo de limonada também, Abbie. Você se importaria de me dar um, por favor?

— Como posso me importar? Afinal, está pago por agora. — Ela sentiu os olhos dele sobre ela, e suas mãos tremiam quando ela serviu a bebida. Quem é você? Sua mente gritou. E por quê? Ela ficou totalmente perturbada com a mudança que sentiu nele desde que Jim Hudson partiu. Ele aceitou o copo, agradeceu, tomou um gole e se inclinou para frente, apoiando os cotovelos nos joelhos, olhando para ela em silêncio.

— Antes de eu dizer qualquer outra coisa — ela começou nervosa, — eu quero deixar explicitamente claro que eu não o machuquei intencionalmente na cozinha antes, e... e a razão pela qual eu digo isso agora não tem nada a ver com você se sustentar dos trens para viver.

— É bom saber disso. E é claro que eu acredito em você. Você é uma pessoa muito honrada, Abbie. — Seus olhos pareciam mergulhar em suas profundezas.

— E quanto a você?

— Sente-se, Abbie, pelo amor de Deus... lá na sua pequena cadeira de balanço, onde eu posso falar com você. — Ela hesitou, depois se sentou, mas mal relaxou. — Toda maldita coisa que eu já disse sobre mim é verdade. Eu nunca menti para você.

— Jim Hudson é o amigo de quem você falou? Aquele que deixou Nova Orleans com você quando você tinha vinte anos?

Ele assentiu com a cabeça, depois olhou pela janela, perturbado novamente por essa mulher e desejando que não estivesse.

— Ele é muito gentil — ela admitiu, olhando para baixo em seu copo, em seguida, acrescentou no mais silencioso dos tons — e muito rico.

Ele colocou os olhos manchados de avelã sobre ela novamente, mas não disse nada.

— Eu simplesmente não posso aceitar mil dólares. É demais.

— Jim não parece pensar assim. — Seus olhos encontraram os dele diretamente.

— Eu não acho que Jim decidiu sozinho.

— Não? — A expressão dele era evasiva. Ele levou o copo aos lábios, como se isso realmente não importasse para ele.

Ela se pegou observando sua boca cheia sobre a borda do copo, seu bigode escuro, que ele alisou com o dedo indicador depois que ele bebeu.

— Quem é você? — ela perguntou quando não aguentou mais.

— Jesse DuFrayne ao seu serviço, minha senhora — ele retrucou, erguendo o copo como se estivesse brindando em saudação.

— Não foi isso que eu quis dizer e você sabe disso.

— Eu sei. — Ele agora olhava profundamente a limonada. — Mas eu não quero que você tenha que restabelecer seu compromisso comigo de qualquer maneira, o que pode acontecer se eu de repente me tornar uma pessoa real para você.

Ela respirou fundo, irregularmente. — Você é uma pessoa real para mim e você sabe disso, então eu posso muito bem ter tudo.

Ele continuou estudando o copo atentamente, girando-o de modo que o líquido se transformasse em um redemoinho, deixando pedaços transparentes de gomos de limão em seus lados. — Eu não quero ser uma pessoa real para você. Deixe-me colocar dessa maneira então. — Seus olhos perturbadores desafiaram quando ele finalmente os levantou e olhou diretamente para os dela. — Mas, no entanto, você já sabe o que eu sou. Sou fotógrafo, como eu disse.

— Contratado por James Hudson?

Ele deu um longo gole enquanto olhava pela borda do copo, depois baixou os olhos ao engolir e disse: — Sim.

— Por que a ferrovia deveria protegê-lo se tudo o que você é, é um fotógrafo?

— Eu acho que eles devem gostar do meu trabalho.

— Sim, eles certamente devem. Eu estou ansiosa para vê-lo, se eu for permitida. Suas fotos devem ser algo realmente extraordinário.

— Nem tanto. Elas são gráficas, mas a única coisa sobre eles que pode ser considerada extraordinária é o fato de que elas retratam a vida da estrada de ferro como ela realmente é.

— Não foi o que você disse na outra noite.

Ele sorriu pela primeira vez, um pouco torto. — Oh bem... essa é a única vez que eu posso ter mentido um pouco. Mas você pode julgar por si mesma se alguma vez as vir.

— E eu vou? — ela se atreveu a dizer, seu coração na garganta.

— É difícil dizer. Jim e eu vamos amarrar algumas pontas soltas por aqui amanhã. — Ele apoiou um braço escuro na moldura da janela e estudou a estrada além dela. — Então eu vou sair da cidade.

Não, ainda não! Seus pensamentos choraram silenciosamente. Ela já sentia um vazio, percebendo que isso era injustificado depois de todas as vezes que desejara que ele fosse embora. Olhos sóbrios ainda na estrada, ele acrescentou: — Se eu tiver a chance de voltar e mostrar-lhe minhas fotografias, certamente farei isso.

Tristemente, ela sabia que ele nunca faria. — Tem certeza de que está bem o suficiente para viajar?

Ele lançou um olhar para ela. — Bem, você me quer fora daqui, não é?

— Sim, eu quero — ela mentiu, em seguida, terminou com sinceridade — mas não machucado.

Seus olhos se moveram para o rosto dela e sua expressão ficou momentaneamente suave. — Não preocupe sua cabeça comigo, Abbie. Você já teve preocupação comigo o suficiente.

— Mas você me pagou muito por isso — ela afirmou. Ele notou sua postura rígida na cadeira de balanço, as mãos agarradas ao redor de seu copo, como se ainda estivesse morrendo de medo dele. Ele supôs que ela suspeitasse da verdade real sobre ele, mas partir seria mais fácil se ele nunca verificasse isso.

— Foi à ferrovia que pagou você, não Jim ou eu — ele disse de forma convincente.

— Eu sei. Era apenas uma figura de linguagem. Eu só quis dizer que era demais.

— Quanto você diria que minha vida vale? — ele perguntou, só para ver o que ela diria, sabendo agora o quanto importava que ela o valorizasse de alguma forma.

Seus olhos percorreram o quarto em semicírculo e acabaram estudando o

copo em sua mão. — Mais que um copo de limonada... — Mas finalmente sua compostura escorregou. — Oh, eu não sei — ela suspirou e se inclinou para frente, descansando a testa em uma mão, estudando seu colo.

— Quanto você diria que tudo vale, todas as coisas que você teve que fazer para salvar minha vida? Eu nunca realmente descobri tudo o que você fez. Algumas delas eu soube naquela noite quando eu tive você... — Os olhos dele foram até a cama e depois abruptamente ele olhou para a vista além da janela. Maldição, mas a mulher fazia coisas à cabeça dele!

Olhando despreocupadamente para a tarde de verão, ele disse rispidamente: — Abbie, eu sinto muito por tudo isso.

Sua cabeça se levantou para estudar o perfil dele. Ela o viu engolir, o pomo de Adão dele subindo, pousando de volta no lugar. Ele parecia intrigado com aquele jardim, o que era bom, pois o rosto dela estava queimando e sua própria boca e olhos pareciam subitamente cheios de sal.

— Eu... eu também sinto muito, Sr. D... DuFrayne — ela conseguiu dizer.

Palma apoiada contra a moldura da janela, ele virou a cabeça para olhar através de seus bíceps, descansando seus lábios contra sua própria pele enquanto a estudava. Então ele disse suavemente pela última vez por trás daquele braço bronzeado — Jesse... o nome é Jesse. — Ele queria de alguma forma ouvi-la dizer isso, apenas uma vez, agora que ela sabia que ele não era criminoso.

Ela ergueu os olhos para o rosto dele, procurando por um traço de humor, não encontrando nada dessa vez, encontrando apenas aquela intensidade calma que ameaçava desfazê-la. O nome pairava no ar entre eles, e ela queria ecoá-lo, mas se tivesse feito isso, ambos se perderiam e, naquele momento comovente, eles souberam disso. Seus olhos percorreram o comprimento daquele braço musculoso, demorando-se no ponto em que seus lábios deveriam estar. Seu bigode olhou sombriamente para ela por trás do braço dele. Era preciso um olho perceptivo para dizer que já tinha sido raspado: o Sr. Hudson conhecia muito bem esse homem para discernir. Então, ele devia conhecer igualmente todas as qualidades interiores que ele sugeriu? Abbie se perguntou.

Minutos atrás, estudando Jesse pela soleira da porta, tinha sido óbvio que ele seguiu o progresso de seu amigo pela rua como se estivesse ansioso para segui-lo para fora daqui, de volta à dura vida das estradas de ferro que os dois haviam compartilhado por muitos anos. Ela não tinha absolutamente nenhum motivo em desejar que ele não tivesse que ir ainda.

O silêncio aumentou e esticou, mas finalmente ele deixou cair o braço da

moldura da janela e olhou ao redor do quarto, examinando-o completamente como se fosse à última vez. — Quero agradecer-lhe pelo uso de seu quarto, Abbie. Ele é bonito. Um quarto de uma verdadeira dama. Imagino que você ficará feliz em voltar a ele.

— Eu não me sinto desconfortável no andar de cima — ela disse insensatamente.

— Deve estar muito mais quente lá em cima nessas noites do que aqui embaixo. Desculpe por ter te expulsado. — Então ele olhou para a pequena moldura oval dupla. Ele se inclinou para pegá-la. — Estes são seus pais?

— Sim — ela respondeu, seguindo o retrato com os olhos, observando um curvado dedo bronzeado tocá-lo pensativamente.

— Você não se parece muito com ela. Mais com ele.

— As pessoas sempre disseram que eu parecia com ele e agia como ela. — Isso saiu antes que ela percebesse o que tinha dito.

O quarto ficou silencioso. Jesse pigarreou, estudou a imagem, virou-a na palma da mão uma ou duas vezes, depois ela ficou pendurada em seus dedos enquanto ele se inclinava para frente e falava ao chão entre seus pés, seu tom o mais emotivo que ela já ouvira.

— Abbie, esqueça o que eu disse sobre sua mãe. Que diabos... quero dizer... eu nem sequer a conhecia.

Ela olhou para o estanho e a mão familiar que o segurava. Um nó se alojou em sua garganta e lágrimas se formaram em suas pálpebras. — Sim... sim você conheceu. Você a conheceu melhor do que eu, eu acho.

Ele ergueu os olhos assustados enquanto seus cotovelos saíam dos joelhos em câmera lenta e seus músculos pareciam se esforçar a ir em direção a ela, embora ele nunca saiu da borda do assento da janela. Por um momento de parar o coração, ela pensou que ele sairia. Ela viu a batalha que ele travava enquanto estava sentado em indecisão. Ele pronunciou então o nome familiar que falara tantas vezes para provocá-la, mas ele saiu agora com uma emoção crua.

— Abbie?

A maneira como ele disse isso a fez querer marcar a palavra em uma sólida massa para carregar em um medalhão, talvez, ou pressionar entre as páginas de um livro de sonetos. Ela deveria corrigi-lo, mas aqueles dias em que ela o repreendia pareciam parte de uma neblina para sempre, pois anos-luz pareciam ter passado durante essa conversa.

Aqui, agora, com o nome dela fresco nos lábios, com os olhos escuros e

perturbados parecendo fazer as perguntas que era melhor serem deixadas sem resposta, com o bigode preto intacto pelo sorriso, ela implorou silenciosamente que ele não parecesse tão ferido.

— Abbie? — Ele disse novamente, suave como antes: tão lindamente ameaçador. E ela estremeceu, depois quebrou o feitiço que não deveria ter sido lançado em primeiro lugar.

— Eu tenho pelo menos mais duas refeições para dar a você, Sr. DuFrayne, e nem uma coisa na casa parecida com carne. É melhor eu ir até a cidade antes que o açougue se feche. O que você gostaria?

Os olhos dele analisaram seu rosto, então lentamente, felizmente, o velho indício de humor voltou aos seus lábios. — Desde quando você se incomoda em perguntar?

— Desde o leitelho — ela respondeu, sabendo o momento exato.

Ele riu levemente, apreciando-a imensamente, como tantas vezes podia. Ela era uma coisinha bonita, ele tinha que admitir enquanto examinava sua gola alta e encaracolada e o cabelo puxado para trás. Ela, por sua vez, gostava de sua beleza morena e da imponente largura do músculo parcialmente exposto diante dela.

— Ah, sim, o leitelho — lembrou-se ele, balançando a cabeça, divertido. Ambos perceberam que o leitelho havia sido um ponto de virada.

— E para o seu jantar? — ela perguntou.

Ele permitiu que seu sorriso caloroso permanecesse nos olhos encantadores dela. Seu olhar, por conta própria, baixou para os seios dela, depois levantou novamente.

— Eu vou deixar você escolher — ele disse, muito diferente do Jesse ao qual ela se acostumou.

— Muito bem — ela retrucou, muito parecida com a Senhorita Abigail a quem ele se acostumara.

Quando ela se levantou, seus joelhos pareciam curiosamente aquosos, como se ela tivesse percorrido um longo caminho. No entanto, ela fugiu novamente, embora seus passos fossem lentos e medidos como sempre. Ela fugiu do sorriso nos olhos de Jesse... para o suporte de sombrinha, para se armar com um chapéu enfeitado com margaridas e um par de luvas que traziam manchas de sujeira de rédeas de couro e um banco de riacho.

XIV

A CIDADE ESTAVA ZUMBINDO COM AS NOVIDADES. A Senhorita Abigail sabia disso. Ela sentiu os olhos olhando para ela por trás de todas as janelas do calçadão. Mas ela se portou com orgulho, seguindo em direção ao mercado de carne como se não percebesse todos os olhares curiosos que a seguiam.

— Senhorita Abigail — Gabe Porter mergulhou direto na questão. — O que você acha do homem levado até a sua casa acabando por não ser um ladrão de trem? Isso não é curioso? A cidade inteira está falando sobre esse cara da ferrovia que vem hoje para pagar as dívidas do seu paciente. Parece que nós nos enganamos com ele. Parece que ele trabalha para a ferrovia, afinal de contas. O que você acha disso?!

— É de pouco interesse para mim, Sr. Porter. O que ele é não tem nenhuma influência sobre como ele é. Ele não está totalmente curado e estará sob meus cuidados por mais um dia antes de estar pronto para sair de Stuart's Junction.

— Você quer dizer que você vai mantê-lo lá em cima mesmo que ele não precise ficar se não quiser agora?

Os olhos da Srta. Abigail chisparam fogo o suficiente para fazer o pré-cozimento das carnes penduradas nos ganchos da enorme prateleira de ferro na parede de Gabe. — O que exatamente você está implicando, Sr. Porter? Que eu estava segura com ele desde que ele era um criminoso, mas que eu não estou agora que ele é um fotógrafo?

Isso não fazia muito sentido, mesmo para Gabe Porter. — Ora, eu não quis dizer nada assim, Senhorita Abigail. Apenas me certificando do bem-estar de uma mulher solteira isso é tudo. — Gabe Porter não poderia tê-la ferido mais profundamente se ele a tivesse cortado com um cutelo de carne gorduroso, mas o rosto da Srta. Abigail não mostrava nenhum sinal da dura dor que suas palavras atingiram em seu coração.

— Você pode cuidar melhor do meu bem-estar cortando dois bifes especialmente grossos, Sr. Porter — ela ordenou. — Carne é o que restitui a força quando alguém está enfraquecido. Devemos ao homem uma boa carne

vermelha depois do sangue que ele perdeu por causa desse infeliz incidente, você não concorda?

Gabe fez como pedido, lembrando-se o tempo todo de como Bones Binley dissera que Gem Perkins tinha dito que a Srta. Abigail tinha saído com o fotógrafo, vagando nas colinas, e logo depois o jovem Rob Nelson viu o homem andando pelo quintal de Abigail vestido com nada além de calças de pijama. E a partir do que ouviu, ele encomendou presentes para ela por via expressa de Denver. Tinha que ser dele. Inferno, ela não conhecia mais ninguém de Denver!

Mas se Gabe Porter estava surpreso com tudo isso, a surpresa maior ainda estava por vir. A caminho de casa, Gabe ouviu dizer que, a caminho de casa, a Srta. Abigail tinha parado no banco e depositado um cheque de nada menos que mil dólares, da Rocky Mountain Railroad Company, mas o que todos na cidade não sabiam até aquele momento, era que o homem em sua casa era quem lançava as "folhas".

Virando a esquina entre os prédios, a Senhorita Abigail ficou desconcertada ao ver Jesse esperando por ela no balanço da varanda novamente. Ela controlou o desejo de olhar para cima e para baixo da rua e ver se alguém o havia visto ali. Ah, pelo menos ele está de camisa, pensou ela, e chegando mais perto, viu que estava abotoado quase ao ponto da decência. Mas quando ela subiu os degraus, viu que os pés dele estavam nus e uma das pernas dele estava meio pendurada no assento do balanço, fazendo com que ficasse todo torto quando ele a colocou em movimento.

— Oi — ele cumprimentou. — O que você decidiu?

Lembrando timidamente dos olhos irritados de Blair Simmons enquanto deslizava o cheque em seu compartimento no banco há apenas alguns minutos, ela respondeu: — Eu guardei.

Confuso, ele perguntou: — O que?

— Eu guardei — ela repetiu. — Eu depositei no banco. Obrigada.

Ele riu e balançou a cabeça. — Não, não foi isso que eu quis dizer. Eu quis dizer o que você decidiu para o jantar. — Os mil dólares não pareceram incomodá-lo. Ele mal parecia pensar duas vezes, como se realmente achasse que era devido, e isso era o fim do assunto.

— Bife — ela respondeu, satisfeita agora em como ele minimizou os mil.

— Porra, mas isso soa bem! — ele exclamou, batendo em seu estômago, esfregando-o, enrugando a camisa e se esticando de uma só vez.

De repente, ela achou impossível ficar irritada com ele por sua linguagem

grosseira, e mais difícil ainda de não sorrir. — Você é incorrigível, senhor. Eu acho que se você ficasse aqui por mais tempo, eu poderia estar em perigo de falhar em não notar sua grosseria.

— Se eu ficasse aqui por mais tempo, você teria que me converter ou me expulsar para a estação, provavelmente teria que ir apoiado em você, no entanto. Eu sou o que eu sou, Senhorita Abigail, e bife parece muito bom agora.

— Se você dissesse isso de qualquer outra forma, não tenho certeza se acreditaria mais em você, Sr. Came... Sr. DuFrayne.

Seu sorriso era amplo agora e o encantou completamente.

Era infinitamente mais fácil trocar leves brincadeiras com ele. Isso, ela sabia, os levaria em segurança pela noite à frente. Mas naquele momento ele colocou o pé no chão, apoiou as palmas das mãos na borda do assento e, com o sorriso agora familiar em um dos lados do rosto, disse em voz baixa: — Vá fritar o bife, mulher.

E depois de tudo o que tinham passado, essa era a última coisa no mundo que deveria tê-la deixado corada.

O sol caía atrás das montanhas enquanto o bife estava fritando, e a varanda da frente estava fresca e sombreada de lavanda. Jesse DuFrayne ficou sentado ouvindo os sons de crianças brincando de "Run Sheep Run ", flutuando nas asas do crepúsculo. Do balbucio estridente ele podia ouvir ocasionais discussões infantis: "Não, ele não fez!... Sim, ele fez... Nem ele!..." Então uma onda de discussão novamente antes da briga aparentemente ser resolvida e as crianças correrem novamente de forma pacífica. O cheiro de carne chegava até ele, aumentado de vez em quando por um barulho de ferro e um tilintar ocasional de objetos de vidro. Ele levantou-se preguiçosamente e mancou para dentro e lá estava ela, saindo da despensa com um monte de pratos e talheres e copos equilibrados contra o umbigo. Eles apertaram a blusa contra seus seios e ele admirou a visão, em seguida, levantou os olhos para descobrir que ela o pegou olhando. Ele sorriu e encolheu os ombros.

— Posso ajudar? — ele perguntou.

Ah, ele estava cheio de surpresas esta noite, ela pensou. Mas ela entregou-lhe a pilha de pratos de qualquer maneira.

Quando ele se virou para a mesa da cozinha, ela o surpreendeu.

— Não, não aí. Coloque-os na sala de jantar. Aquela mesa nunca é usada. Eu pensei que poderíamos usá-la hoje à noite.

Seu bigode torceu-se. — Vai ser uma pequena festa de despedida então?

— Um pouco.

— Tudo o que você disser, Abbie. — Ele foi em direção à sala de jantar.

— Só um minuto, vou pegar o linho.

— Oh? É uma ocasião de linho também?

Ela veio com uma imaculada, e impecável toalha e perguntou: — Você pode pegar os castiçais também?

— Claro. — Ele tirou o par da mesa, junto com seu outro fardo, e segurou tudo enquanto ela sacudia o pano no ar. Ele o observou ondular e pairar e cair exatamente onde ela queria.

— Ora, essa é a coisa mais malditamente incrível que eu já vi!

— O que? — ela perguntou, inclinando-se para suavizar a superfície já perfeita do tecido.

— Bem, se eu tentasse isso, a coisa provavelmente iria na direção oposta e me levaria com ele. — Ele inclinou a cabeça e pendurou-a em sua pilha de pratos e observou seu bumbum quando ela se inclinou sobre a borda da mesa daquele jeito, passando as rugas com as mãos. Ele voltou a endireitar-se quando ela se virou.

— Você quer terminar ou vai ficar segurando essas coisas à noite toda?

— Eu quero ver você fazer isso mais uma vez — disse ele.

— O que?

— Levante essa coisa e faça com que ela caia exatamente centrada assim. Vou fazer uma aposta de que você não pode fazer isso de novo.

— Você está louco. E você vai esmagar o resto dos meus pratos, se não colocá-los na mesa.

— O que você quer apostar?

— Depois de tudo agora você quer que eu comece a apostar?

— Vamos lá, Abbie, o que você vai apostar?

— Eu o posicionei para você, é o suficiente! — Ela sorriu de maneira envolvente.

— Que tal um retrato fotográfico contra uma boa refeição caseira? — ele sugeriu, pensando que isso o traria de volta a Stuart's Junction novamente com uma desculpa plausível para a vinda.

O que deu em Abigail McKenzie ela não podia dizer, mas a próxima coisa que ela sabia era que ela estava tirando aquela toalha de mesa da mesa, agitando-a novamente enquanto ele observava. Claro, o pano caiu torto desta vez... e na próxima... e na próxima... e então ambos estavam rindo como malucos quando

aquilo realmente não era tão hilário assim!

Os pratos tilintaram contra o peito de Jesse enquanto ele brincava alegremente — Veja, eu lhe disse que você nunca seria capaz de fazer isso de novo com um lance só. Eu venci.

— Mas eu fiz isso da primeira vez, então não importa. Não foi justo depois que todas as correntes de ar foram agitadas. De qualquer forma, o que estou fazendo aqui sacudindo uma toalha de mesa como uma idiota?

— Maldição, se eu sei, Abbie — ele brincou, e finalmente colocou a pilha na mesa.

E pela primeira vez em sua vida ela pensou, amaldiçoada se eu também soubesse.

— É melhor eu virar esses bifes — disse ela, e voltou para a cozinha.

Ele falou um instante depois para o fundo chato dos copos que ela lhe dera. — Ei, se isso é uma festa, não devemos usar taças de champanhe e beber o champanhe que Jim trouxe?

— Champanhe?

— Eu abri a bolsa enquanto você estava fora, e o bom e velho Jim trouxe champanhe para você. Bem a tempo da minha festa de despedida. O que você acha de abrirmos?

— Receio que não bebo e não acho que você... — Mas as coisas eram diferentes agora. Ele era respeitável. — Você pode tomar champanhe se desejar.

— Onde estão as taças?

— Esses são tudo o que tenho.

— Ok, qual é a diferença? — E ele foi colocá-los de volta na mesa.

Ele abriu a garrafa no quintal, usando uma lâmina de faca, e ela tinha certeza de que toda a maldita cidade podia ouvir o som da abertura — não que muitos deles reconhecessem o som.

— Tudo pronto? — ele perguntou, voltando para dentro. Ela tirou o avental, precedeu-o para a sala de jantar carregando os bifes e legumes em uma bandeja larga cor de marfim. Mas tudo o que estava lá como luz eram as velas.

— Traga a lamparina também — disse ela por cima do ombro, — está ficando escuro. — Ele saiu da mesa da cozinha e seguiu atrás dela, balançando não muito alegremente em sua perna machucada, derramando óleo em um recipiente, champanhe em outro.

— Os fósforos... — ela disse.

— Chegando.

Ocorreu-lhe agora que ele sabia onde muitas coisas eram mantidas em sua casa e que ela gostava que ele conhecesse. Ela sofreu de um súbito e melancólico orgulho, observando enquanto ele buscava os fósforos como se ele fosse o senhor da mansão para acender seus fogos.

— Sente-se, Abbie, eu farei as honras. Eu estou no comando da mesa de qualquer maneira esta noite. — Ele acendeu não apenas a lamparina, mas também as duas velas, lançando a sala em um tom rosado ao redor deles. Sua mão a cativou com seus longos dedos enrolados ao redor do fósforo, os cabelos escuros descendo de seu antebraço e pulso quando ele soltou o fósforo. A mesa tinha o dobro do tamanho daquela na cozinha, mas ele colocara os dois lugares de forma aconchegante em ângulos retos. — Você vai ter que me perdoar, Abbie, eu não estou vestido para a ocasião — disse ele, verificando seus botões quando se sentou.

Ela sorriu. — Sr. DuFrayne, para você isso é vestido.

Ele afagou as costelas e riu. — Acho que você está certa.

Em seu prato ela colocou bife e batatas redondas, douradas, e cenouras de ouro velho, e ele olhou para todos enquanto ela servia, então começou a comer com evidente prazer, gemendo — Deus, eu estou com fome. O jantar não foi... — Mas eles não iriam interromper o jantar. Ele deu de ombros e continuou a comer.

— Interrompido — ela terminou para ele, levantando uma sobrancelha. Ela nunca em sua vida viu alguém que gostasse de comer como ele. Surpreendentemente, ele fez isso silenciosamente, usando os movimentos apropriados, usando a faca apenas para cortar, não para esfaquear e comer. Ele usou o guardanapo de linho em vez da manga, relaxou na cadeira quando bebeu. Abbie não pôde deixar de comparar esse homem agradável e educado com o canalha que a criticara durante as primeiras refeições que lhe servira. Por que ele não podia ter sido tão sorridente e receptivo desde o começo?

— Vou sentir falta dessa boa comida quando ela não estiver mais disponível — disse ele, como se lesse sua mente e reforçasse suas novas opiniões sobre ele.

— Como a maioria das coisas, uma vez além do alcance, minha cozinha vai parecer melhor do que realmente era.

— Oh, eu duvido disso, Abbie. Uma vez que paramos de brigar na hora das refeições, eu realmente gostei da sua comida.

— Eu não sabia disso antes. Achei que não havia nada que você gostasse tanto quanto uma boa... ou eu deveria dizer uma má briga.

— Você está parcialmente certa. Eu gosto de uma boa briga. Acho revigorante, bom para o sistema emocional. Uma boa briga expele e deixa você limpo para começar de novo. — Ele olhou maliciosamente para ela, acrescentando: — Assim como o fígado.

Ela riu e teve que colocar o guardanapo nos lábios rapidamente para evitar que a comida saísse voando. Ah, ela sentiria falta de sua sagacidade afinal. Quando ela pôde engolir e falar mais uma vez, o fez com um sorriso atrevido para ele.

— Mas seu sistema emocional precisa ser purgado com tanta frequência, Sr. DuFrayne?

Ele riu abertamente, recostando-se na cadeira em puro prazer. Ele a amava dessa maneira, com o melhor de seus humores, e foi sua vez de pensar que ele sentiria falta dessa brincadeira animada que eles tinham se tornado tão habilidosos em jogar entre si. — Sua sagacidade irônica está aparecendo, Abbie, mas eu passei a amá-la. Tem melhorado os dias tanto quanto as pequenas brigas que temos de vez em quando. — Atrás de seu copo, seus olhos pareciam pretos, a luz da noite não era brilhante o suficiente para que ela pudesse ver as manchas cor de avelã que ela conhecia tão bem agora.

— Pequenas brigas? — ela retrucou. — De vez em quando?

Ele esfaqueou um pedaço de carne, olhando-a divertidamente pela mesa. — Eu acho que você tem mais do que a sua parte do meu mau humor... — Aqui ele brandiu seu garfo quase debaixo do nariz dela. — Mas você mereceu, você sabe, mulher.

Ela nivelou-o com um olhar de severidade fingida e empurrou o garfo para o lado com um pequeno dedo indicador. — Pare de apontar sua carne para mim, Jesse.

Tarde demais, ela percebeu o que dissera. Sua expressão se transformou em um sorriso sugestivo enquanto o rosto dela estava queimando. Divertido, ele observou o sangue subir do queixo até a linha do cabelo dela. Ele não teve a decência de dizer algo divertido, o que teria sido a coisa cavalheiresca a fazer. Mas quando Jesse já foi cavalheiresco? Ele apenas recostou-se e usou o comentário imprudente dela a seu favor, seus dentes cintilando em um sorriso largo enquanto ela passava o guardanapo novamente nos lábios e baixava os olhos para o prato, gaguejando por algo a dizer. — Eu... eu... não merecia... ter minha melhor porcelana jogada no meu q... quarto limpo e... e sopa e copo...

Ele desenhou círculos em seu prato com o pedaço de carne que tinha

começado tudo isso, finalmente decidindo deixá-la fora do gancho . Ele colocou a carne em sua boca, estudou o teto pensativamente e refletiu: — Agora, por que diabos eu fiz isso? Você lembra?

Desta vez, sua ridícula atuação de inocente a pegou desprevenida. Ela riu sem aviso e cuspiu um pedaço de carne. Ele voou e pousou em sua toalha limpa de linho, enquanto ela apertava a boca com as palmas das mãos e ria até que seus ombros tremeram.

Ele pegou a carne errante, rindo agora também, e repreendeu — Ora, Senhorita Abigail McKenzie, você colocou-a de volta onde ela pertence! — Então ele segurou-a sobre o nariz dela. Mal acreditando que era ela agindo de forma tão irrefletida, ela tentou pedir desculpas, achando muito difícil abrir a boca quando se está rindo tanto.

Ela escutou uma recapitulação humorística de todas as indignidades que ele tinha sofrido em suas mãos, terminando com sua acusação de que ela tentou afogá-lo com sopa.

— Então você pegou a tigela e sorveu como um suíno em um cocho — ela terminou.

— Ah, há um novo, um suíno em um cocho. Eu sou um zoológico regular, tudo em um. Você percebe, Srta. McKenzie, que você me chamou pelos nomes de mais animais do que Noé tinha em sua arca?

— Eu chamei? — Ela parecia surpresa.

— Chamou.

— Eu não chamei! — Mas enquanto ela sorria, ele começou a nomeá-los.

— Bode, porco, babuíno, suíno... até mesmo piolho. — Ele segurava faca e garfo muito corretamente, fingindo uma etiqueta de mesa exemplar. — Agora eu pergunto a você, Abbie, eu tenho as maneiras de um bode?

— E sobre o fígado?

— Oh, isso. Bem, naquela noite, como muitas outras, justamente quando eu estava pronto para fazer as pazes com você, você trouxe aquele fígado letal. É verdade, Ab, toda vez que eu decidi ser legal com você, você veio carregada com algum novo esquema para me deixar infeliz e com raiva de você. — Ele limpou a boca, escondendo um sorriso atrás do guardanapo, enquanto ela percebia como era agradável agora rir de tudo com ele.

— Mas você sabe o que, Abbie? — ele perguntou, pegando a garrafa de champanhe. — Você era uma adversária digna. Não sei como nos aguentamos todo esse tempo, mas acho que nós dois merecemos tudo o que conseguimos. —

Ele encheu os dois copos e disse: — Proponho um brinde. — Ele lhe entregou um copo e olhou fixamente nos olhos dela. — A Abigail McKenzie, a mulher que salvou minha vida e quase me matou, tudo ao mesmo tempo.

O copo dele tocou o dela, e a junta escura do segundo dedo dele roçou o dela. Ela desviou o olhar. — Eu não bebo — ela reiterou quando a sala ficou silenciosa.

— Oh, não, claro que não. Você só tenta matar pistoleiros rebeldes. — Ele ainda segurava o copo no alto, esperando por ela. Ela se sentiu boba negando-lhe o direito de acabar com tudo isso graciosamente, o que ele vinha administrando gentilmente durante todo o agradável jantar até então. E então ela tocou seu copo e tomou um gole pequeno e achou que não a machucou, apenas a fez querer espirrar. Então ela tomou outro gole e espirrou.

E eles riram juntos e ele esvaziou o copo e encheu-o, e o dela.

— Você deve devolver o brinde — insistiu ele, reclinando-se despreocupadamente em sua cadeira — é o único meio aceitável.

Seus olhos, encontrando os dele, eram violetas na luz suave, registrando pensamentos profundos. Ele se perguntou se ela estava se lembrando... como ele estava... dos bons momentos que eles compartilharam desde que ele chegou ali. Ele desejou poder ver que imagens passavam por sua mente, pois ela parecia completamente adorável esta noite.

Abbie sentou-se com o cotovelo apoiado na mesa, o champanhe desconhecido borbulhando diante de seus olhos.

— Muito bem — ela finalmente concordou, então ficou um momento mais olhando para ele através do líquido dourado pálido, intrigada sobre como dizer o brinde. Por fim, baixou o copo o suficiente para ver o rosto dele e entoou baixinho: — A Jesse DuFrayne, que na verdade admira minha moral mesmo enquanto ele tenta sujá-la.

Mas desta vez, depois que seus copos se tocaram, foi ele quem não bebeu o dele. Em vez disso, sua testa franziu e ele fez uma careta levemente.

— O que você disse?

— Eu disse: "A Jesse DuFrayne que...

— Eu sei o que você disse, Abbie, eu quero saber por que você disse isso.

Você, Jesse, ela pensou. Você quer? Ou você entende perfeitamente, assim como eu, que você poderia ter se forçado a mim em qualquer uma das inúmeras vezes, mas você sempre recuou. Eu devo te dizer por quê? Você entende tão pouco de si mesmo? Abbie respirou fundo e encontrou seus olhos.

— Porque é verdade. Talvez porque eu tenha notado que quando os outros estão por perto você se refere a mim respeitosamente como a Srta. Abigail, não importa do que você possa me chamar quando estamos sozinhos. Talvez também porque você... Oh, não importa. — Ela não achava que poderia passar por isso e dizer a ele o que ele não podia ver por si mesmo.

— Não, eu quero saber o que você ia dizer. — Ele se inclinou para frente agora, apoiando seus antebraços contra a borda da mesa, rolando o copo entre as palmas das mãos, a carranca persistindo sobre seus olhos.

Ela pensou por um momento, bebeu um gole, depois desviou o olhar da boca dele: ele estava mastigando de alguma forma à franja do bigode, e ela achou que poderia ser um sinal perigoso. — A verdade, como eu vejo, soaria descaradamente vaidosa se eu dissesse isso. Não quero que você saia daqui pensando em mim sob essa luz.

— Você de todas as pessoas é a coisa mais distante de vaidosa que eu já conheci. Hipócrita talvez, mas não vaidosa.

— Não tenho certeza se devo agradecer ou cuspir em seus olhos.

— Nenhum dos dois. Apenas explique o que você quis dizer sobre mim e sua moral.

Ela tomou um gole novamente por falsa coragem, seus olhos pegando algumas das bolhas de champanhe e refratando a luz da lamparina neles. — Muito bem — ela concordou finalmente, olhando em seu copo para encontrá-lo surpreendentemente vazio.

Ele voltou a enchê-lo quando ela começou. — Eu acho que você me acha... digamos, não totalmente desinteressante. Eu também, no entanto, acho que meu gênero feminino por si só serviria a esse propósito para você, porque você simplesmente gosta de mulheres. Mas isso não vem ao caso. Eu só mencionei isso para salientar que eu não digo isso em vão. Eu acho que você está atraído por mim pela mesma coisa que você procura mudar em mim. A menos que eu tenha perdido minha habilidade em palpites, eu sou a primeira mulher que você encontrou em um bom tempo que possui alguma das qualidades que as velhas beatitudes louvam. E todo o tempo que você me repreende por minha incapacidade de me render, você está esperando que eu não o faça. Em outras palavras, Sr. DuFrayne, eu acho que talvez pela primeira vez em sua vida você tenha encontrado algo além de carne para admirar em uma mulher, mas você nunca aprendeu a lidar com a admiração desse tipo, então você recorre a quebrar minha moral para se sentir à vontade em seu relacionamento comigo.

Ele sentou-se lá com os ombros descansando em uma inclinação contra as costas da cadeira, mas a carranca em seus lábios desmentia a atitude relaxada de seu corpo. Ele tinha um cotovelo apoiado no braço da cadeira e passava um dedo indicador repetidamente ao longo da margem inferior do bigode.

— Talvez você esteja certa, Abbie. — Ele tomou um gole, medindo-a sobre o copo. — E se você está, por que você cora como uma colegial? Sua natureza beatífica está toda intacta, tudo está bem onde estava quando te encontrei pela primeira vez. — Preguiçosamente, ele se inclinou e estendeu o dedo bronzeado que estava acariciando seu bigode, tocou-a levemente sob o queixo e a fez olhar para ele. Mas ela endureceu, afastando os olhos de novo, virando o queixo para evitar o dedo que parecia também muito quente e excitante. Quando ela não olhou para cima, ele passou o dedo calejado levemente ao longo de seu delicado maxilar. Isso finalmente fez seus olhos voarem para os dele.

— Não faça isso! — Ela recuou, mas algo estranho aconteceu dentro de sua cabeça. Por um momento, as coisas pareciam ter partes difusas.

Os olhos dele percorreram seus lábios abertos, notaram sua respiração rápida, as narinas dilatadas, então preguiçosamente voltaram para as profundezas azuis ameaçadoras de seus olhos arregalados.

— Tudo bem — ele concordou suavemente — e desta vez nem mesmo vou perguntar por quê.

Em pânico pela mudança repentina nele, ela se levantou da cadeira, mas um tornado parecia estar girando dentro dela. Ela caiu para frente, às mãos pressionadas na mesa de cada lado do prato. Sua cabeça reverberou. Seu pescoço estava flácido e uma mecha de cabelo úmido pendia de seu pescoço.

— Você me enganou de novo, não foi, Sr. DuFrayne? Desta vez com seus inocentes brindes. — Sua cabeça pendeu vergonhosamente, mas ela não conseguia levantá-la, nem mesmo para lançar adagas com os olhos para ele por fazer isso com ela.

— Não, eu não enganei. Se assim for, eu não pretendia. Ora, você mal bebeu o suficiente para embebedar um beija-flor. — Ele pegou a garrafa e inclinou-a, olhando para a luz da lanterna através dela. Ainda estava meio cheia.

— Bem, esse beij... beija-flor está... bêbado da mesma forma — disse ela para a mesa, sua cabeça afundando entre as omoplatas durante as palavras.

Ele sorriu para seus cabelos, pensando em como ela ficaria chocada pela manhã e como eles não sairiam disso sem outra briga depois de tudo. Abbie bêbada, imagine isso, ele pensou, incapaz de não sorrir para ela.

— Deve ser a altitude — ele disse agora. — A este nível não é preciso muito, especialmente se você nunca bebeu antes. — Ele colocou um braço em volta dela e conduziu-a para a porta dos fundos. — Vamos lá, Abbie, vamos pegar um pouco de ar fresco. — Ela tropeçou. — Tenha cuidado, Abbie, os degraus estão aqui. — Ele pegou uma mão mole e a colocou em volta da sua cintura e ela pegou um punhado da camisa dele obedientemente. — Vamos, Ab, vamos caminhar, ou você vai encontrar sua cama girando quando você se deitar.

— Tenho certeza que você sabe... sabe tudo sobre... cam... camas gir... girat... giratórias — ela murmurou, em seguida, endireitou-se e esbofeteou as mãos dele. — Estou bem. Estou bem — ela repetiu, embriagada, pensando que estava recuperando um pouco de decoro. Mas ela começou a cantarolar em seguida e sabia perfeitamente que não estaria cantarolando se estivesse realmente bem.

— Shhh! — ele sussurrou, forçando-a a andar.

Ela levantou a palma da mão. — Mas eu sou um... um beija-flor, não sou? — Ela realmente riu, depois balançou e caiu contra ele, batendo no peito dele. — Eu não sou um beija-flor, Jesse? Hmm? Hmmm? — Seu indicador perfurou provocativamente o queixo dele, e ele o afastou erguendo o queixo para o lado.

— Sim, você é. Agora cale a boca e continue andando e respirando profundamente, tudo bem?

Ela tentou dar passos cuidadosos, mas o chão parecia tão distante de suas solas, e tão evasivo e tonto. Eles andaram e andaram, ao redor do quintal. E mais uma vez ela riu. E mais de uma vez tropeçou, então ele a agarrou com mais força pela cintura para ajustá-la corretamente. — Continue andando — ele insistiu de novo e de novo. — Droga, Abbie, eu não fiz isso com você de propósito. Eu nunca na minha vida vi ninguém se embebedar com um dedinho de champanhe. Você acredita em mim?

— Quem se importa se eu acredito em você. Você acredita em mim?

— Continue caminhando.

— Eu disse, você acredita em mim?! — De repente, ela exigiu, suas palavras acertando o ar parado. — Você acredita no que eu disse lá sobre você e eu?! — Ela ficou beligerante e tentou se afastar, mas ele a firmou perto de seu quadril e ela se submeteu a seu braço forte e vigoroso.

— Não levante a sua voz, Abbie. Os vizinhos ainda podem estar acordados.

— Ha! — ela quase berrou. — Esculpa isso em mármore! Você está preocupado com o que meus vizinhos possam pensar! — Ela cambaleou e

agarrou a frente de sua camisa em ambos os punhos, sacudindo-a, puxando até encostar-se ao colarinho contra o pescoço dele.

— Shh! Você está bêbada.

— Estou tão sóbria quanto um juiz agora. Por que você não me responde?

Ela estava bêbada ou sóbria quando recuou e começou a gritar da maneira mais atípica de uma dama "Jesse DuFrayne ama Abbie M..." e ele colocou a boca sobre a dela para calá-la? Seus braços vieram ao redor de seu pescoço e ele a ergueu do chão, seus seios achatados impiedosamente contra o peito rígido. Mas uma vez que sua boca cobriu a dela, ele esqueceu que estava apenas tentando calá-la. Ele tomou sua boca completamente, e não havia nada seco nisso. Ela tinha os dois braços cruzados atrás do pescoço forte, os dedos dos pés pendurados a meio metro da terra, e eles ficaram assim no luar prateado, beijando e beijando, e esquecendo que tinham jurado serem inimigos, tudo sendo línguas e dentes e lábios e um bigode macio e espesso.

Sua boca era quente, doce e saborosa de champanhe. O cheiro de rosas veio do tecido de sua blusa engomada e ela soltou um pequeno gemido em sua garganta, sua respiração quente contra a bochecha dele. E em pouco tempo seu corpo ficou desconfortavelmente duro, então ele a colocou no chão não muito gentilmente, puxou os braços para longe de seu pescoço e ordenou ferozmente: — Vá para a cama, Abbie. Você me ouviu?

Ela ficou lá inclinada, conquistada.

— Você pode andar sozinha? — Sua mão quente ainda segurava o cotovelo dela.

— Eu te disse que não estou bêbada — ela murmurou para a terra a seus pés.

— Então prove e vá para dentro que é onde você pertence.

— Eu, Sr. DuFrayne, estou tão sóbria quanto um verdadeiro juiz! — Ela se gabou ainda para a terra, porque ela não podia levantar a cabeça. Ele cuidadosamente soltou o cotovelo dela, e ela balançou um pouco, mas permaneceu de pé.

— Não me julgue por isso, Abbie, apenas dê o fora daqui!

— Bem, você não tem que parecer tão bravo por isso — ela disse infantilmente, e sabia em algum lugar em sua cabeça turva o quão bêbada ela realmente estava ao estar falando dessa maneira, quase choramingando. Envergonhada pelo que fizera, virou-se e foi até a casa, engolindo profundos goles de ar da noite rigorosa. Ao passar pela mesa da sala de jantar, tomou uma

xícara de café frio. E quando subiu as escadas, era ela mesma que estava julgando, não ele. Champanhe não era desculpa, absolutamente nenhuma. A verdade pura e inadulterada era que ela estava querendo que ele a beijasse a noite toda. Pior, ela estava querendo beijá-lo de volta. Pior ainda, ela não achava que isso era tudo o que ela queria mais.

No andar de cima, ela caiu de costas na cama, os braços tão moles quanto às desculpas que tentava pensar.

Céus, aquele homem pode beijar! Um dedo enrolou em volta de uma mecha de cabelo até que ela enrolou todo o caminho até o couro cabeludo. Ela fechou os olhos e gemeu, então abraçou a barriga e se encolheu, de repente, tragicamente certa de que sua mãe estava errada. Ali estava ela, Abigail McKenzie, solteirona, trinta e três anos e tonta, para nunca mais saber exatamente o que a mãe dela havia lhe advertido. Certamente ela não poderia estar falando de beijos. Não podia descrever aquele beijo como nada menos do que um milagre rápido e doce. Fazia tanto tempo com Richard que era impossível lembrar se tinha sido tão bom assim. E certamente o beijo de David não tinha começado tal vulcânico pulsar nela. Mas sempre antes ela se continha, com medo do que sua mãe dissesse. Mas quando você solta a sua reserva e extravasa tudo, beijar é um assunto totalmente diferente. Dá início a sensações ondulantes tão estranhas e agradáveis que deslizavam para baixo através do corpo.

Deitada na escuridão acima de Jesse, ela novamente imaginou seu corpo. Ah, ela o conhecia muito bem. Ela conhecia a forma, o matiz e a textura de cada parte, os vales de suas omoplatas, onde fortes músculos se erguiam para deixar ocos convidativos. Seus braços escuros, longos, fortes, gravados com veias na curva interna do cotovelo. Suas pernas e pés, quantas vezes ela os viu, lavou-os. Ela conhecia as mãos dele, grandes, quadradas, com igual capacidade de provocação e gentileza. Seus olhos pareciam buscá-la na escuridão, sob as sobrancelhas cujos contornos ela traçava em seu estômago agora de memória. Aqueles olhos se enrugavam nos cantos no instante em que seu bigode suave, tão suave, se erguia com um sorriso preguiçoso. Ela conhecia o local onde a pele ficava lisa, plana, onde os pelos do peito largo se estreitavam e mergulhava numa linha mais fina, estreitando-se, estreitando-se ao longo de sua barriga dura até a virilha.

Ela rolou de barriga para baixo porque seus seios doíam. Ela apertou os braços contra os lados inchados desses seios e apertou as coxas juntas, travando

seus tornozelos, segurando-os firmemente, com força, tentando esquecer a imagem de Jesse nu. Mas o esquecimento recusou-se a vir. Ela abriu a boca, esperando pelo calor de seu beijo imaginário. Mas ela tocou apenas o travesseiro, não lábios quentes e macios. Ela rolou para o lado, segurando um pouco da camisola entre as pernas, sentindo o que estava acontecendo ali, aquela terrível necessidade dolorosa de ser preenchida.

Era assim então como era? Como deveria ser? O que sua mãe sabia? O que sua mãe nunca conheceu? Era plenitude e vazio, aceitação e negação, quente e frio, arrepio e suor, sim e não. Era a separação de escrúpulos, ética, códigos, padrões e virtudes e não se importar nem um pouco, porque seu corpo falava mais alto que sua consciência.

Jesse esteve certo o tempo todo e sua mãe estava errada. Como essa compulsão poderia estar errada?

Sentidos que Abbie nunca tinha percebido que ela possuía agora foram expandidos ao máximo. Seu corpo latejava e pulsava e implorava. Quão certo... quão absolutamente certo... seria simplesmente ir até ele e dizer: "Mostre-me, porque eu quero ver. Dê-me, pois eu mereço. Permita-me, porque eu sinto a certeza."

A questão não era mais se ela poderia fazer isso e viver com isso depois. A questão agora era, ela poderia não fazer isso e ver sua única chance sair pela porta amanhã para deixá-la ignorante e insatisfeita.

XV

A LUA ESTAVA DE UM RICO CREME, ALTA, REFLETIDA através da ampla janela da sacada, correndo por ele enquanto ele jazia, esparramado descuidadamente, nu na cama. Sua cabeça e queixo estavam enroscados em um ângulo estranho, como se tentassem ver a cabeceira da cama atrás. Ela havia escutado seus movimentos inquietos pelo que pareceram horas, lutando por coragem para descer as escadas. Mas agora ele dormia, ela podia dizer por sua respiração pausada e pelo pé escuro que oscilava na extremidade da cama onde ele nunca havia se encaixado e nunca encaixaria.

Ela veio tremendo até a porta do quarto, com medo de entrar, com medo de não entrar. E se ele a mandasse ir embora?

Com os punhos apertados contra o queixo e os dentes, ela se aproximou mais. Seu peito parecia como se estivesse em um torno. Como ela deveria acordá-lo? O que ela deveria dizer? Ela deveria tocá-lo? Talvez dizer: "Sr. DuFrayne, acorde e faça amor comigo?" Quão absurdo ela nem mesmo saber como chamá-lo.

De repente, ela sentiu-se desajeitada e pouco atraente e soube com toda certeza que ele lhe diria que voltasse para o andar de cima e ela morreria de humilhação.

No entanto, ela sussurrou o nome dele de qualquer maneira. Ou ela choramingou?

— J... Jesse?

Poderia ter sido o toque da cortina no peitoril, tão hesitante foi o som.

— Jesse? — ela perguntou novamente ao corpo dele banhado pelo luar.

Ele endireitou sonolento a cabeça no travesseiro. Embora ela não pudesse distinguir seus olhos, ela viu o reflexo da lua nas linhas mais marcadas de seu rosto. Seu bigode fez uma sombra mais escura e chamativa. Seu queixo abaixou e ele olhou através de seu peito e a viu, e puxou um pedaço do lençol para se cobrir.

— Abbie? O que é? — ele perguntou sonolento, desorientado, apoiado nos cotovelos agora.

— J... Jesse? — Ela tremeu, repentinamente sem saber mais o que dizer. Isso foi horrível. Isso foi tão horrível. Era pior do que qualquer um dos insultos que ela sofreu em suas mãos, mas ela permaneceu como estava, suas duas mãos, apertadas, unidas contra o queixo.

Mas ele soube. Ele soube pela maneira trêmula como ela falava o nome dele. Ele sentou-se, levando mais do lençol em seu colo, deixando cair uma única perna sobre a beira da cama para o equilíbrio.

— O quê você está fazendo aqui em baixo?

— Não pergunte... por favor — ela implorou.

A noite silenciosa os cercou e o tempo pareceu parar seu curso, até que, da silenciosa noite cremosa, veio à voz dele, baixa e conhecedora.

— Eu não preciso perguntar, não é?

Ela engoliu em seco, balançou a cabeça negativamente, incapaz de falar.

Ele não sabia o que fazer; ele sabia o que deveria fazer.

— Suba as escadas, Abbie. Pelo amor de Deus, vá. Você não sabe o que está fazendo. Eu não deveria ter deixado você tomar aquele champanhe.

— Eu não estou bêbada, Jesse. Eu... eu não estou. E eu não quero voltar lá para cima.

— Você não precisa disso em sua vida.

— Que vida? — ela perguntou asperamente, e seu coração foi tomado pelo remorso por tê-la feito questionar a insipidez que sempre fora suficiente antes.

— A vida que você sempre se orgulhou de ter, a que eu não quero arruinar para você.

— Houve tantas vezes que pensei que sabia o que arruinaria a minha vida. Minha mãe sempre me avisou que homens como Richard iriam arruiná-la. Então ela morreu e ele fugiu e eu me perguntei como existir de um dia para o outro com todo aquele nada. Então um homem chamado David Melcher entrou em minha casa e me fez ansiar novamente, mas...

— Abbie, eu tentei me desculpar por isso. Eu sei que não deveria ter feito aquilo com você. Desculpe-me.

— Não, você não deveria, mas você fez, e ele se foi e nunca mais voltará. E eu preciso... eu... — Ela ficou imóvel como um manequim, a luz da lua enlaçando-a em marfim, suas mãos pressionadas contra sua garganta.

— Abbie, não diga isso. Você estava bem à mesa do jantar hoje à noite. Eu valorizo toda a sua moral antiga ou eu a teria tido há muito tempo. Eu não quero ser a pessoa que vai arruiná-la agora, então volte para o andar de cima e

amanhã eu vou embora.

— Você não acha que eu sei disso! — ela chorou desesperadamente. — Você é o único que me fez perceber a verdade sobre Richard e eu. Você é o único que me acusou de estagnar, então, a quem melhor devo pedir? Não mude para mim agora, Jesse, não agora que eu vim. Você é a minha última chance, Jesse, eu quero o que todas as outras mulheres sabem muito antes dos trinta e três.

Ele pulou da cama, torcendo o lençol ao redor dele, segurando-o baixo contra um quadril. — Caramba, isso não é justo! Eu não vou ser aquele que vai ajudar na sua ruína! — Ele puxou o lençol violentamente, mas ele estava ancorado sob o colchão, prendendo-o diante dela. — Eu fiquei aqui pensando em você por horas depois de ir para a cama e descobri que você estava cem por cento certa sobre meus motivos. Eu não sei o que é sobre você que me confunde assim, mas um minuto eu quero dobrar sua vontade e no próximo eu estou xingando porque você é tão moralista que se você se dobrar, eu serei o único que quebrará. Mas você sabe disso e está usando isso contra mim!

Ela estava. Ela sabia disso. Mas ela engoliu seu orgulho e falou em um sussurro tenso. — Você está me mandando embora então?

Oh, Deus, ele pensou. Deus, Abbie, não faça isso comigo quando estou tentando ser nobre pela primeira vez na minha vida! — Abbie, eu não poderia viver comigo mesmo depois. Você não é uma... uma prostituta de dois dólares seguindo os acampamentos da ferrovia.

— Se eu fosse, poderia ficar? — Seu pedido melancólico o fez doer de desejo.

Por que diabos eu a empurrei até esse momento? Ele se repreendeu, imaginando como tirar os dois dessa situação sem feri-la duradouramente. Esse era o momento em que a moral dela e a moral de sua mãe se enfrentavam. Como era irônico que ele agora fosse o porta-voz da mãe que ele havia criticado.

— Abbie — ele argumentou — é porque você não é que você não pode. Você entende a diferença? — Ela não tinha ideia do que ela fazia com ele, de pé ali abraçando-se, envolta em luar e estremecimentos?

— Você vai me odiar depois, assim como você odeia Richard. Porque eu estarei indo, Abbie. Eu vou e você sabe disso.

— A diferença é que eu sei de antemão.

O suor escorregou pelo seu peito e ele apertou a torcida parte do lençol em seu quadril até que ele cavou em sua pele.

— Mas você sabe o que eu sou, Abbie.

Ela ergueu o queixo com orgulho, embora seu corpo tremesse. — Sim, você é Jesse DuFrayne, fotógrafo, que ver a vida como ela realmente é. Mas você é quem está fugindo da realidade agora, não eu.

— Você está malditamente certa de que eu estou fugindo. — Com sua respiração difícil parecia que ele realmente tinha fugido. — Mas a razão é você. Amanhã você olharia para isto diferente e você me odiaria.

— E você se importaria? — Ela o enfrentou com o queixo levantando-se defensivamente.

— É malditamente certo que eu me importaria, ou eu não estaria aqui discutindo, enrolado nesses lençóis como um colegial tímido!

— Mas você sabe que se você me mandar de volta ao andar de cima, eu odiarei você de qualquer maneira.

O luar cintilou em seus corpos delineados enquanto se esforçavam para ver os rostos um do outro. Ele pensou que podia sentir o cheiro de rosas claramente do outro lado do quarto. Seus ombros eram tão pequenos, e ela parecia tão vulnerável e assustada com os braços cruzados no centro do peito daquela maneira. Mas o cabelo dela estava solto, iluminado pelo brilho da lua, como uma auréola no rosto sombreado.

— Abbie... — Sua voz soou torturada. — Eu não sou para você. Eu tive muitas mulheres na vida. — Mas sua convicção de algum modo desapareceu e ele deu um passo hesitante na direção dela. Ela também deu um passo trêmulo, depois outro, até que ele pôde ver a rápida subida e descida de sua respiração.

— O que faz com que você seja melhor, Jesse, meu primeiro e único, você que conhece tão bem. — Suas palavras foram suaves, ofegantes e ergueram o cabelo ao longo de seus braços. Eles estavam tão perto que a sombra de Jesse bloqueou o luar de seu rosto erguido. A tensão deixou seus corpos incertos e inseguros. O sussurro das cortinas na brisa da noite era agora o único som no quarto. As narinas de Jesse se dilataram enquanto ele apertava o lençol com mais força, apertando-se. Ele pensou no dia seguinte e sabia que ela não fazia ideia de que David Melcher estaria de volta à cidade. Tudo o que ele tinha que fazer era dizer isso a ela e ela voltaria para o andar de cima obedientemente. Mas o pensamento de deixá-la para Melcher inundou-o com ciúme vívido. Ele poderia tê-la agora, mas como ela o odiaria depois, quando descobrisse que ele sabia o tempo todo do retorno de Melcher.

Ela não sabia absolutamente nada sobre o que ele poderia fazer com ela, ele tinha certeza. Lá estava ela, implorando-lhe por aquilo que ela ignorava — seu

pequenino beija-flor Abbie, que lutara por sua vida e desafiara a morte bem aqui neste mesmo quarto. E em troca ela pedia apenas uma coisa dele agora... e ele queria dar a ela tanto que doía fisicamente. Ela estava à escassa distância na frente dele agora. Tudo o que ele tinha que fazer era dar mais um passo. Parado ali, lutando contra o desejo, cheirando a aura de rosas à deriva, Jesse se atrapalhou, perdeu-se nela — Abbie — ele proferiu, o nome soando tenso, no fundo da garganta: — Você é tão pequena. — E o lençol, como uma poça de leite ondulante, moveu-se com ele enquanto se inclinava para sussurrar em seu ouvido: — Não me odeie, Abbie, prometa que não vai me odiar. — Suas palavras ásperas moveram o cabelo atrás de sua orelha e prenderam seu coração em sua garganta. Uma mão firme atravessou a luz da lua para se fechar em torno de seu braço.

Seus lábios se abriram. Ela levantou o rosto e seu nariz tocou seu ombro firme. Em sua pele ela sentiu o cheiro produzido pelo calor da noite e o sono em um leve traço de umidade, não totalmente desagradável. Ela levantou a mão hesitante para tocá-lo com as pontas dos dedos. Ele era tão duro, tão quente, e ela tão insegura. Ele pairou, sua respiração tocando seu ouvido, e ela se perguntou o que ele faria com ela. Ela sabia tão pouco, só que beijar como eles se beijaram no quintal tinha transformado seu corpo em geleia doce e trêmula. Então ela ergueu os lábios e perguntou perto dos dele: — Você me beijaria primeiro, como você fez no quintal, Jesse?

Seu aperto no braço dela ficou doloroso. — Oh, Deus, Abbie — ele gemeu, e deixou o lençol cair enquanto ele a pegava nos braços e a segurava contra o coração que martelava descontroladamente em seu peito. Ele enterrou o rosto no cabelo dela, sabendo que ele não deveria fazer isso, mas era incapaz de negar a si mesmo por mais tempo.

Ela esfregou a têmpora contra os lábios dele, ansiosa pelo toque deles nos dela. Então, lentamente, timidamente, seu rosto apareceu, buscando aquele arrebatamento lembrado.

— Abbie, isso é errado — ele reiterou uma última e inútil vez.

— Só uma vez, como no quintal — ela sussurrou. — Ah, Jess, por favor... eu gostei muito.

A sanidade desapareceu. Seu pedido simples jogou seu coração contra suas costelas. Ele abaixou os lábios abertos para os quentes, lábios dela à espera. Quando ela encontrou o beijo dele, seus braços se entrelaçaram em volta do pescoço dele, dedos explorando os mistérios do cabelo preto grosso na parte de

trás de sua cabeça. Sua língua, uma vez seca de febre, agora estava molhada de fervor, mergulhando contra a dela, escorregando para explorar sua boca avidamente. Ela respondeu timidamente a princípio, mas imitando suas ações, seu prazer cresceu e sua língua ficou mais ousada dentro da boca dele. Ele a soltou de repente e seus joelhos e pernas deslizaram ao longo dos seus até que seus pés tocaram o chão. Ele apertou os braços poderosos sobre as costelas dela, levantando seu corpo inexperiente contra ele. Sua boca inclinou-se exigente na sua e sua língua mergulhou mais fundo, brincando, derretendo suas entranhas como doces de açúcar até que ela sentiu um apertão, doce e quente, muito abaixo das profundezas dela.

Para Abbie, foi a maravilha do primeiro beijo ampliada cem vezes enquanto seu corpo pressionava voluntariamente contra o dele. Ele soltou um leve rosnado em sua garganta, depois enfiou os longos dedos para trás através do cabelo em suas têmporas, embalando a cabeça dela em suas palmas enquanto ele espalhava pequenos beijos por toda parte. Ele parecia estar devorando-a, fazendo-a sentir-se deliciosa enquanto ele capturava um pouco do queixo, depois o lábio, o nariz, a sobrancelha, a orelha, o pescoço, voltando à boca, mordendo sua língua levemente como se achasse-a do mais saborosa. Ela esqueceu tudo, menos o lento e doce anseio dentro de seu corpo. Ela deixou aquilo controlá-la, preenchendo-a com a maravilha daquele homem a quem tanto temera, mas a quem ela desejava agora com um desejo que excluía todos os pensamentos errados. Ela esqueceu que não tinha experiência, sabia apenas que aquilo era o prelúdio de tudo o que ela estava tão ansiosa para aprender com ele, dele. Ele enterrou o rosto no pescoço dela, o hálito dele como uma brisa de verão quente em sua pele.

— Abbie, eu tenho que saber, então eu não te machucarei — ele disse com uma voz rouca e estranha — você e Richard fizeram isso?

Suas mãos pararam em seu pescoço.

— Não... não! — ela respondeu em um sussurro assustado, se esforçando para se afastar de repente. — Eu disse a você... — Ela teria se desviado, envergonhada, mas ele pegou sua mandíbula em ambas as mãos quentes, inclinando seu rosto para cima como se fosse um cálice do qual ele beberia, forçando-a a olhar para ele.

— Abbie, não importa — ele disse baixo, roçando levemente os polegares sobre as cristas de suas bochechas. — Eu não quero te machucar isso é tudo. Eu tive que perguntar.

— Eu... eu não entendo — disse ela tremulamente, com os olhos arregalados

nos dele, os lábios caídos em desânimo.

Ela engoliu duramente em seco; ele sentiu aquilo sob as palmas das mãos e pensou: "Senhor, ela é tão pequena. Eu a matarei". Mas ele roçou a bochecha dela com os lábios e disse: — Shhh... está tudo bem — e levantou seu rosto para encontrar o beijo dele novamente, fazendo com que ambos se esquecessem de tudo, exceto dos sentidos turbulentos despertados agora além das lembranças. Com a língua na boca dela, ele a ergueu novamente e levou-a para a beira da cama, onde ele se sentou com ela em seu colo. Silenciosamente prometeu ir devagar com ela, para tornar aquilo bom, certo, memorável se pudesse. Ele ergueu os braços tímidos e os enrolou no seu pescoço. Ela estava muito ciente de que ele estava nu, sentia suar pele quente queimar a barreira de seu roupão e vestido. Seus lábios deslizaram para o cálice quente de sua clavícula, e ele murmurou: — Você cheira a rosas... tão bom. — Ela torceu a cabeça sensualmente, esfregando a mandíbula contra a têmpora dele. Ele tocou o pescoço dela com a língua, e ela estremeceu com um desejo novo e vital. — Posso tirar seu roupão, Abbie? — ele perguntou, arrastando breves beijos até um ponto macio na parte inferior do seu queixo.

— É assim que é feito? — ela perguntou sonhadoramente.

— Apenas se você quiser.

— Eu quero — ela confessou simplesmente, enviando tremores aos sentidos dele. Então ele encontrou a ponta do cinto em sua cintura, puxou-o e afastou a roupa até ela cair sobre seus joelhos nus.

Ele a beijou mais uma vez, então disse em sua boca: — Abbie, eu estou tremendo como se fosse a minha primeira vez.

— Isso é bom — ela sussurrou.

Sim, ele pensou, é bom.

Então ela acrescentou: — Eu também — e ele ouviu o sorriso em suas palavras. Ele sorriu também, contra a bochecha dela, depois mordeu a ponta da orelha dela.

— Lembra quando estávamos sentados no balanço? Eu realmente queria fazer isso então, mas estava com medo de colocar meu braço em torno de você de repente.

— Você nunca teve medo, eu acho. Não disso. — Mas ainda assim agradou a ela que ele dissesse aquilo. Sua mão deslizou para as costelas dela, esfregando-as, abrandando a pele suavemente através do tecido fino de sua camisola.

— Eu estou com medo agora, Ab, com medo de que isso possa desaparecer

sob minha mão.

Ela prendeu a respiração, a pele formigando de antecipação até que finalmente a palma da mão dele se encheu de seu peito, quente, pontudo e generoso. A pressão de sua outra mão se tornou insistente na parte de trás do pescoço até que ela obedeceu ao comando e voltou à boca para a dele. Mas desta vez seu beijo não foi mais pesado do que o toque da asa de uma mariposa, mais um beijo de respiração do que de lábios. Mas trouxe arrepios de todos os poros do corpo dela. Suas carícias eram amorosas, gentis, enquanto ele tomava um mamilo, duro e expectante, entre o polegar e a borda da palma da mão, apertando-a suavemente até que ela suspirou contra seus lábios. Suas mãos percorreram seus ombros e a camisola caiu sobre seus quadris, deixando primeiro os dedos quentes do ar noturno ondularem sobre sua pele nua... então os dedos quentes de Jesse DuFrayne. Quando finalmente a mão dele segurou seu seio nu, ela deitou a testa contra o queixo dele, perdida na magia de seu toque. Ele roçou o mamilo ereto com as costas dos dedos, enquanto os pulsos dela ficavam frouxos, pendurados nos ombros dele. À deriva na sensação, ela inconscientemente recuou para liberar um espaço para que ele pudesse explorar mais. Encontrando seu outro seio tão excitado quanto o primeiro, ele fez um som satisfeito em sua garganta. — Ahhh, eles estão tão duros — ele disse roucamente.

Ela murmurou alguma resposta sem palavras, à deriva de prazer, querendo que isso continuasse para sempre. Ela parecia estar flutuando acima de si mesma, olhando para uma mulher estranha e sortuda sendo agradada por seu homem. Ela nunca imaginou pessoas conversando quando eles faziam coisas como esta, ainda assim seus tons suaves a libertaram das amarras, e a amante que ela assistiu de cima respondeu ao seu consorte — Às vezes tudo que eu tenho que fazer é pensar em você e eles ficam assim. Uma vez inclusive aconteceu na igreja.

Ele riu suavemente contra seu pescoço, foi tudo o que ele podia fazer para evitar deitá-la e mergulhar nela, profunda e duramente. Ele sentiu como se fosse explodir de sua pele! Ele queria prová-la, senti-la, ouvi-la choramingar, sentir sua carne ao redor dele. Mas ele se conteve, sabendo que seria melhor fazer durar para o desfrute de ambos. Ele a encheu com mais beijos, passando a mão pelas costas dela, depois descendo pela espinha. Seus dedos deslizaram para sua cintura e puxaram seu quadril nu com força contra a evidência ereta de seu desejo, dando-lhe tempo para aprender a novidade de um homem, ensinando-lhe a diferença entre ele e ela. Ele colocou a mão no estômago dela, a outra na base da

coluna e sentou-se como se estivesse rezando, com ela entre as mãos cruzadas. Em seguida, sua palma grande engoliu seu seio quando ele a levou com ele, para trás, até a suavidade dos lençóis amarrotados. Ela caiu sobre seu peito duro, mas ele a rolou de costas, abaixando a cabeça para beijar seu ombro, sua clavícula, então a pele abaixo. Ela sentiu seu bigode macio, imaginou-o vividamente enquanto sua língua quente e úmida se arrastava cada vez mais perto de um mamilo até que finalmente ele estava sobre ele, acolhendo a ponta rígida embaixo da língua acariciadora, fazendo-a suspirar, arquejar as costelas e procurar cegamente pelo cabelo dele. Ele puxou e sugou, enviando ondas de sensações fluindo para cima e para baixo de onde ele ensinou sua pele a desejar a umidade de seu amor. Ele deixou um mamilo molhado, e ela estremeceu quando ele se moveu para o outro, a palma da mão agora guiando sua mandíbula. Com o ardente beijo no seio, todos os seus sentidos inusitados ganharam vida, escorregando numa grande e líquida corrida. Seus mamilos doíam docemente por mais, mas ele se esticou ao lado dela então, dobrando um braço sob a orelha, fazendo cócegas no peito dela com uma única ponta brincalhona do dedo. Arrepios surgiram por todo o corpo dela, então ela riu de maneira feminina e rolou um pouco, empurrando o dedo brincalhão para longe.

— Eu quero te tocar toda — disse ele. Mas, curiosamente, ele havia removido seu toque dela, deixando-a ansiosa por seu retorno. Eles olharam nos olhos um do outro por um longo e intenso minuto, nenhum dos dois falando ou se movendo. Ela enviou-lhe um convite tácito para voltar e tentar novamente, incapaz de dizer em palavras. Sua mão se deitou ao longo de seu quadril. Levantou-a devagar e viu as pálpebras dela se encolherem e se arregalarem quando ele tocou a barriga dela levemente com a ponta do dedo indicador, desenhando curvas ao redor do umbigo dela, até as costelas, ao redor dos mamilos, até a garganta. Então, ainda com aquela única ponta do dedo, ele examinou a linha ao longo da qual os finos cabelos de seu corpo se encontravam, se uniam e apontavam como flechas da natureza, para o lugar que chorava por querê-lo. Ele apertou a barriga dela, deixando as pontas dos dedos entrarem no musgo espanhol, permanecendo lá enquanto ela ficava com a respiração presa em sua garganta. Mas quando os dedos dele se moveram mais para baixo, ela recuou, instintivamente protegendo-se contra a intrusão.

Percebendo o que tinha feito, ela sentiu-se desajeitada e estúpida, cobrindo-se desse jeito, mas de repente sentiu um medo inexplicável. Certamente ele ficaria enojado agora e a acharia completamente infantil e perceberia que ele

estava desperdiçando seu tempo com ela.

Mas em vez disso, ele sussurrou perto do ouvido dela: — Está tudo bem, Abbie, está tudo bem. — Ele passou um braço pela cintura dela e a beijou novamente, explorando suas costas, ombros, e a firme elevação na base de sua espinha.

Ele levantou a cabeça, olhando para o rosto dela. — Abbie, você mudou de ideia? — ele sussurrou, rouco e tenso. Seus olhos largos e incertos olharam para ele, mas ela não conseguia falar. Sentindo seu medo de última hora, ele a acalmou com palavras sussurradas, passando as costas dos dedos pelos ombros e ao redor do perímetro externo de um seio. — Sua pele, Ab, eu nunca senti uma pele assim. É como pudim de creme quente... suave... e macio... e doce. — E, como se para provar isso, ele se inclinou para sentir um gosto, bem dentro do cotovelo, onde pulsava o pulso suave. Ele pegou a pele aveludada suavemente entre os dentes, puxando-a carinhosamente, depois enterrou o rosto no oco de seu abdômen. Sua espinha ficou tensa, então ele se inclinou para sussurrar em sua boca: — Não tenha medo, Abbie.

Então gentilmente, insistentemente, sua mão fluiu para baixo, quente, lenta, mas segura. Ela fechou os olhos com força, respirou fundo e segurou os olhos apertados com força, imaginando a exata extensão e força de seus dedos antes de sondar, encontrar e entrar.

Ela estava docemente inchada e totalmente excitada, toda acetinada e úmida. Ele se apoiou em um cotovelo, para melhor vê-la. Ele moveu o dedo, observando o rosto dela o tempo todo — as pálpebras que tremiam, os lábios que se abriam, as bochechas que ficavam vazias. Ela arqueou e ofegou com o que estava acontecendo dentro dela. Ele encheu-a com o conhecimento certo de que ela estava absorta pela necessidade disso. Ele brincou com ela conscientemente até que, em abandono, ela jogou um braço sobre sua cabeça, olhos escondidos agora atrás de seu cotovelo, sua respiração rápida, quente e urgente.

Ele sorriu, observando-a ficar toda sensual e esticada.

Então seu toque parou.

Ela abriu os olhos assustados para o rosto sorridente acima dela.

— Jesse... — ela sufocou, morrendo de necessidade.

— Shhh... nós temos a noite toda. — Ele circulou-a com um braço forte e os virou de lado, puxando-a com força contra seu comprimento quente. Seu joelho deslizou suavemente entre as pernas dela, subiu alto contra o lugar que sua mão havia abandonado. Com a sola do pé, ele acariciou a parte de trás de sua

panturrilha e a suavidade atrás de seu joelho. Mesmo na luz vaga, ele podia ver o olhar de anseio em seus olhos. Ele a beijou apenas o suficiente para manter a febre alta, depois pressionou as omoplatas contra os lençóis novamente. Com uma lentidão agonizante, ele deslizou a mão ao longo de sua barriga, suas costelas, seu seio, sua axila, depois para cima, para cima, pelo comprimento de seu braço frouxo, finalmente fechando a palma da mão sobre a dela, carregando-a entre seus dois corpos. Sentiu-a tensa quando ela sentiu onde ele estava levando aquela mão.

— Não... — ela proferiu antes que pudesse se conter. Seus dedos se esticaram contra o seu aperto, deixando-o duvidoso de como proceder com ela. Finalmente ele colocou a mão dela nas suas costelas, deixando a escolha para ela.

Mas para inclinar a balança a seu favor, ele usou palavras ardentes e uma linguagem atemporal do corpo para tentá-la.

— Toque-me, Abbie — ele encorajou — me toque como eu acabei de tocar em você. — Sua voz era um sussurro tortuoso, seus beijos percorreram caminhos de fogo em seu rosto, seus joelhos e quadris falaram promessas íntimas contra ela. A mão permaneceu nas costelas, tremendo ali, quente e ligeiramente úmida. — É assim que se faz, Ab, nos tocamos primeiro. Você gostou quando toquei em você? — Ele a ouviu engolir convulsivamente. — Foi bom, não foi? Os homens gostam disso tanto quanto as mulheres.

Uma temerosa timidez inchou a garganta dela, mas a mão não se moveu. Faça! Faça! ela disse a si mesma, com o coração saltando e acelerando dentro do peito. Mas nada a havia preparado para isso. Ela havia pensado em deitar passivamente e deixá-lo fazer o que quisesse com ela. O pensamento de acariciá-lo fez sua palma queimar na vontade de conhecê-lo, mas ela tinha medo de que quando alcançasse, tocasse-o, o espírito de sua mãe soubesse o que ela estava fazendo.

— Apenas um toque, então você saberá. — Ele estendeu a mão para excitá-la novamente, insinuando a concessão do fogo que a tinha impulsionado antes, e ela se viu empurrando para cima dando as boas-vindas. Mas seus dedos provocantes saíram novamente, e ela entendeu a frustração como nunca antes. Ela engoliu e fez sua mão se mover. Ele ficou parado, esperando. Mas quando, por fim, as pontas dos dedos dela entraram em contato com a sua tumescência, elas se recolheram em uma rápida pausa: ele estava tão inesperadamente quente!

Ele perdeu todo o senso de cautela e moveu-se rapidamente, capturando o pulso dela entre suas barrigas. — Apenas pegue, Ab, apenas toque — ele

implorou em um sussurro estridente. O medo ficou alojado em sua garganta. As costas da mão dela agora descansavam contra aquele calor suave, mas a timidez esmagava sua vontade de fazer o que ele pedia. Ela fechou os olhos enquanto ele implacavelmente forçava seus dedos a fecharem em torno de sua carne ingurgitada e mostrou-lhe como ele gostaria que ela o agradasse. Um som abafado caiu na noite e seus olhos se abriram para encontrá-lo levantado em um cotovelo, à cabeça para trás, a boca aberta quase como se estivesse sentindo dor. Ele gemeu irregularmente e ela afastou a mão com culpa.

— Jesse, o que é isso! Eu machuquei você?

Ele mergulhou sobre ela rapidamente, segurando a mão dela onde estava.

— Senhor... não, não, você não me machucou. Você pode fazer o que quiser... faça isso... por favor. — Seus lábios sufocaram os dela, quase violentamente, sua língua e quadris empurrando ritmicamente enquanto sua mão deslizava sobre o estômago dela em uma busca frenética agora.

Seus sentidos foram divididos entre o ir e vir dentro dela e a mão quente deslizando por sua coxa, os leves toques com os quais ele novamente a estimulou, seus dedos conhecedores nunca vacilando. A feminilidade havia permanecido dentro dela por trinta e três anos, plantada pela natureza, nutrida pelo tempo, até que levou apenas um beijo para fazê-la entrar em erupção e florescer.

Ela estava vagamente ciente de que ele asperamente tirou a mão dela de sua carne, mas seus olhos não podiam mais abrir do que seu corpo poderia controlar o clímax vulcânico que ele trouxe para ele tão facilmente. E o tempo todo ele entoou murmurantemente, apoiando-se em um cotovelo acima dela, beijando seus olhos, acariciando sua carne. — Deixe acontecer, Ab... deixe-se voar... voe, Abbie... voe comigo...

Seu nome escapou de sua garganta quando os espasmos de calor pulsaram do fundo de seu estômago para baixo, para baixo, e seus quadris se elevaram, ansiando. Quando o ataque final a pegou, ela não estava preparada para sua força. Ela nunca, nunca adivinhou... aaah, o poder disto, o arrebatamento... Jesse, ela pensou, ah, Jess, é tão bom... Jess, você estava certo... Mãe, por que você me avisou contra isso?

Suas unhas arranharam seu braço. Um grito rouco de êxtase foi arrancado de sua garganta e mesmo quando ela estremeceu o corpo dele cobriu o dela. Ele falou o nome dela enquanto os cabelos sedosos do peito dele pressionavam os seios nus dela, absorvendo o leve brilho de umidade ali. Seu corpo tumescente revistou, sondou e encontrou seu lar. Ele flanqueou os ombros estreitos dela com

as mãos, se erguendo.

— Abbie, vai doer, amor, mas apenas uma vez, eu prometo.

Carne quente a penetrou; sua carne resistiu. Ela começou a lutar, empurrando contra o peito dele. — Relaxe, Abbie, relaxe e vai ser melhor. Não brigue comigo, Abbie. — Mas os punhos dela o esmurraram, então ele os capturou e prendeu-os no colchão. — Eu quero fazer isso bom para você — ele entoou quando seu peso pressionou fortemente e ele mergulhou. Ela engasgou e um grito de apelo saiu de sua garganta, mas ele a sufocou com um beijo, depois falou seu nome em um amoroso pedido de desculpas.

Do êxtase de um momento atrás, ela foi queimada pela dor. Seus ombros se esticaram no colchão, mas ele a segurou impotente, movendo-se dentro dela. A membrana delicada rasgou e provocou angústia nos membros recém-saciados. Ela lutou inutilmente, pois todas as suas resistências eram controladas pela incrível força e tamanho dele. A respiração dele tocou-a duramente com cada impulso até que finalmente ela desistiu, jogando seu rosto para o lado, esperando passivamente pelo fim do tormento.

Conforme Jesse se movia, cada golpe também trazia fragmentos de dor vítrea para ele. Os longos músculos não usados de sua perna inflamaram como se um líquido quente tivesse sido empurrado para dentro de sua ferida. Ele cerrou os dentes, suas mãos agarrando os pulsos dela como garras, pensando em como ela era pequena, causando-lhe mais miséria ao suportar seu peso para evitar machucá-la. Ele lutou contra a dor em um esforço para obter o máximo de prazer, mas quanto mais rápido ele se movia, mais doía. O suor irrompeu em sua testa enquanto a dor lentamente, mas com firmeza, aumentava. Sua cabeça caiu, e seus esforços pela liberação ficaram severos. Seus braços tremeram poderosamente e um profundo gemido escapou quando finalmente ele desmoronou sobre ela, queimando jatos de fogo branco ardentes de seus quadris. Ele suspirou, mas não era um som repleto, foi um som preenchido com alívio.

Ele caiu em metade do corpo dela, uma perna ainda esparramada sobre suas coxas, e ela sabia, mesmo no fundo de sua ingenuidade, que algo estava errado. Não tinha sido bom para ele como fora antes para ela. Ele gemeu no travesseiro ao lado de sua orelha e rolou para longe, membro por membro. Mas ela podia ouvi-lo rangendo os dentes e podia sentir seus músculos tensos ainda tremendo. Ela reviu tudo e sabia exatamente de quem era a culpa.

Sua retirada súbita só poderia ter sido causada por sua falta de coragem. Ela não tinha certeza do que tinha feito de errado, mas ela sabia, sem sombra de

dúvida, que era alguma coisa, pois lembrou-se de como ele tinha tirado sua mão do corpo dele. Ele estava deitado agora com as costas de um pulso sobre os olhos, obviamente muito aliviado por ter acabado. Envergonhada, ela rolou para longe, amaldiçoando-se por ser uma virgem estúpida de trinta e três anos, incapaz de realizar o mais simples ato para a satisfação dele.

— Onde você vai?

— Ao andar de cima. — Ela começou a se sentar, mas um longo braço a imobilizou.

— Qual é o problema?

— Me deixe ir. — Ela já podia sentir as lágrimas em sua garganta.

— Não até você me dizer o que está errado.

Suas pálpebras ardiam. Ela mordeu o interior do lábio, desapontamento, raiva e culpa se estabelecendo em um repentino choramingo.

— Obrigada, Sr. DuFrayne, pelo desempenho cordial — disse ela com ar feroz.

— Pelo quê! — O pescoço dele se virou subitamente, os dedos dele morderam o braço dela.

— Do que mais devo chamar tal farsa?

— O que há de errado, Abbie? Não foi bom para você? — ele perguntou sarcasticamente.

— Oh, você me serviu bem. Eu temo que eu sou a única que não serviu.

Ele instantaneamente amoleceu. — Ei, é sua primeira vez. Leva tempo para aprender, tudo bem?

Ela arrancou os dedos dele do braço e rolou para longe dele, completamente envergonhada agora de todos os gemidos e suspiros que ela tinha feito quando ele, por sua vez, agia como se não pudesse esperar para acabar com ela. Ele rolou para fora dela o mais rápido que pôde, então ficou ali deitado como um grande e silencioso montante, sem dizer nada. Tudo bem então! Se ele não tinha nada a dizer, ela também não tinha! Ela olhou para a janela ao luar, lutando contra as lágrimas, lembrando como ele não queria fazer amor com ela em primeiramente, como ela praticamente teve que implorar a ele. Mortificada, ela se moveu como se fosse sair, mas ele a pegou pelos ombros e a deitou de volta.

— Oh, não você não vai! Você não vai correr para fora desta cama e deixar isso não resolvido, porque eu não estou prestes a deixar você! Você vai ficar bem aqui até eu descobrir o que te deixou eriçada, mulher você vai me dar uma chance para acertar isso!

— Eu não estou eriçada!

— O inferno que não está! Não podemos nem mesmo fazer isso sem uma briga! Nem mesmo isso! — Ela mordeu o lábio para não chorar em voz alta.

Ele continuou: — Eu pensei que nós nos saímos bem, considerando que foi a primeira vez que passamos juntos. Então, qual é a sua queixa?

— Deixe-me levantar. Você já acabou comigo de qualquer maneira. — O martírio pareceu abençoadamente doce. Mas um braço duro pressionou seus ombros implacavelmente, não permitindo escape.

— Eu fiz o que! — Ele gritou, ficando cada vez mais irritado com a repentina e inexplicável rabugice dela. — Não use esse tom de voz comigo, como se eu tivesse puxado você aqui contra sua vontade e estuprado você!

— Eu não quis dizer isso dessa maneira. Eu só quis dizer que era óbvio que eu não era nada.

— Abbie, não diga isso. — Sua voz perdeu a dureza. — Isso não deveria acontecer entre um homem e uma mulher e deixá-los como nada. Deve sempre deixá-los como mais.

— Mas eu fui nada. Você disse isso.

— Eu nunca disse nada disso!

— Você disse que leva... algum tempo... para aprender. — As lágrimas estavam ficando mais grossas em suas pálpebras.

— Bem, maldição, é verdade! Mas isso não é nada contra você.

— Não se atreva a mentir sobre mim, xingando direto na minha cara, Jesse DuFrayne!

— Eu vou ficar deitado aqui e fazer qualquer coisa que me agrade, Senhorita Abigail McKenzie! Você tem a história toda errada. Olhe para você! Ora, você tem metade do meu tamanho. O que você acha que aconteceria se eu me deitasse em cima de você com todo o meu peso? — Ela virou o rosto para o lado. Ele agarrou suas bochechas e a fez olhá-lo nos olhos. — Abbie, eu não queria te machucar, então eu me segurei... e não há nada demais nisso, isso é tudo, quando um homem faz isso. E sim, você é inexperiente, e não, você não sabe todos os movimentos, mas eu não me importei. No momento em que chegamos ao fim, eu sabia exatamente o quão doloroso foi para você, a primeira vez é sempre assim para uma mulher. Eu só queria terminar rápido para você.

— Eu não sou feita de porcelana como a tigela de sopa que você quebrou uma vez neste quarto! — ela apontou.

— Eu não acho que eu sei exatamente do que você está reclamando! O que

foi afinal?

Seu queixo tremeu e uma lágrima se derramou. Ela olhou para o luar que atravessava a janela. — Eu... eu também não sei... você só... você agiu como se estivesse feliz por ter aca... acabado, só isso.

Ele suspirou, cansado e enojado agora. — Abbie, minha perna doía como o inferno e eu estava preocupado em não te machucar mais e... e... oh, droga! — Ele exclamou, batendo o punho no colchão e caindo de costas para olhar para o teto.

Ela sabia que ele tinha terminado com ela, então se sentou. Mas ele tocou o braço dela, gentilmente. — Fique um minuto — ele aplacou. — Ficará? — Havia uma nova nota de sinceridade em sua voz quando ele soltou a mão do braço dela. Ela empurrou o cabelo para trás e enxugou os olhos, tão triste agora que ela tinha começado isso. — Não vá, Abbie, não assim — ele implorou, levantando-se em um cotovelo.

— Estou apenas pegando o lençol. — Ela encontrou-o no chão e enxugou os olhos com ele antes de deitar-se.

O lençol caiu sobre ele também, e eles ficaram ali, como um par de espantalhos sob o lençol e o silêncio e o mal-entendido. Finalmente ele rolou para o lado de frente para ela e dobrou um cotovelo debaixo da orelha, estudando seu perfil rígido contra a fraca luz vinda da janela. Sua voz veio novamente, suave e desarmante. — Abbie, você acha que é sempre tão fácil para um homem? Bem, não é. Um homem deve liderar o caminho e uma mulher confia nele para fazer a coisa certa. Mas ser o líder não o torna infalível ou sem medo. — Ela olhou para o teto, o lençol apertado sob suas axilas enquanto as lágrimas escorriam em seus ouvidos. Ele passou um dedo ausente para frente e para trás ao longo da borda tensa do lençol enquanto ela continuava em silêncio. — Eu tomei uma virgem hoje à noite. Você sabe o que passa pela mente de um homem quando ele faz isso? Você acha que eu não temia que você me afastasse ou pensasse que eu fui rápido demais ou muito áspero ou muito longe? Você acha que eu não sei como você se assustou sobre me tocar, Abbie? O que eu deveria fazer então? Parar, pelo amor de Deus? — Para trás e para frente, para frente e para trás, seu dedo bateu levemente na sua pele e borda do lençol. — Eu prometi fazer isso bom para você, o melhor que pude, mas a primeira vez nunca é bom demais para uma mulher. Abbie, acredite depois disso que fiquei com medo? Cada passo do caminho eu tinha dúvidas como você, assim como todos os amantes têm pela primeira vez. Quanto mais longe eu ia, mais temia que você

se levantasse e saísse correndo no meio de tudo isso. Abbie, olhe para mim.

Ela olhou, porque ele parecia muito magoado e sincero.

— Abbie, o que eu fiz de errado? — ele perguntou suavemente. A mão dele parou de brincar com o lençol e ficou imóvel entre seus seios, o cotovelo repousando levemente ao longo da concavidade de sua caixa torácica.

— Nada... nada. Foi com... comigo. Eu fui terrivelmente barulhenta e estava com medo de fazer o que eu sabia que você queria que eu fizesse, e te culpei porque doeu no final, e... e... oh, tudo. — Envergonhada, ela virou o rosto contra o bíceps dele. As lágrimas estavam vindo rápido agora. — É... é mais fácil ficar... com raiva de você do que... ficar brava com... comigo.

— Shhh, Abbie — ele disse — você foi bem.

— N... não, eu não f… fui bem. Eu fui ass... assustada e infantil, mas eu... não esperava...

Uma grande mão encontrou sua bochecha, seu polegar roçou perto de uma pálpebra inferior. — Eu sei, Ab, eu sei. É tudo novo para você. Não chore, no entanto, e não pense que você não me deu prazer, porque você deu.

Ela ficou horrorizada por não conseguir conter o fluxo de lágrimas. Seu polegar ficou liso na poça quente na cavidade sob os olhos dela. Seu peito parecia estar quase explodindo de conter os soluços.

— Ent... Então por que você estava com tanta pressa de acabar? Eu até... ouvi você ranger seus dentes...

— Eu lhe disse por que me apressei. Minha perna doía e eu pensei que te esmagaria. Além disso, minha performance também não foi muito boa no final. — Ele levantou a cabeça do braço para olhar para o rosto dela e encontrou os olhos dela bem fechados. Em toda sua vida ele nunca enfrentou uma situação como essa depois de fazer amor.

Ele também se sentia inepto e carente, insatisfeito apesar do que havia passado. Mas, ao mesmo tempo, sentia-se singularmente protetor em relação a essa mulher: a primeira que ele encontrara com o qual se preocupara tanto em satisfazer suas necessidades quanto às dela. Ele se inclinou para beijar o rio de sal que fluía de seus olhos, e ela de repente se engasgou e agarrou seu pescoço, soluçando lastimosamente, seus braços tenazmente prendendo-o muito perto para ele ver sua miséria. Seu peito arfava com soluços dolorosos que sacudiam o peito dele e deixavam seu estômago apertado com a necessidade de consolá-la e fazer as coisas direito.

— Abbie, Abbie, não chore — ele sussurrou contra o cabelo dela. — Vamos

tentar de novo e vai ser melhor — Mas ele entendeu pelo que ela realmente chorou. Ele entendeu o quão longe ela veio de sua moralidade para isso. Então ele a segurou com ternura, arrulhando carinhos suaves enquanto alisava o cabelo da nuca e das costas de suas têmporas, imaginando miseravelmente como as coisas podiam ter dado tão errado.

— Oh, Jess, eu que... queria que minhas lembranças desta n... noite fossem boas. Eu não que... queria que briga... brigássemos hoje à noite. Eu queria que nós nos agra... agradássemos.

— Shhh, Abbie, existem muitas maneiras. — Ele secou as bochechas dela com a ponta de um lençol. — Muitas maneiras e muito tempo.

— Então me mostre, Jess, mostre-me — ela implorou, desesperada agora para se certificar de que esta noite não terminaria em desolação.

A mão dele parou de se mover. Ele beijou sua testa. Ela o ouviu engolir.

— Eu não posso agora. Um homem precisa de tempo no meio, Abbie, e minha perna precisa de um descanso também. Mas logo... tudo bem?

Mas ela não acreditou nele. Ela tinha certeza agora que ele só estava aplacando-a porque ela tinha feito um trabalho tão miserável na primeira vez. Ele rolou de costas novamente, engolindo o suspiro que se formou quando ele descansou totalmente a perna. Ela ficou muito quieta, olhando para o teto, repassando tudo em sua memória, recategorizando Jesse DuFrayne mais uma vez, de acordo com o que aquela noite lhe ensinara sobre ele. Ela não podia mais considerá-lo um profanador de mulheres, mas sim um amante terno e atencioso. Não era destemido, como ela pensara, mas humano, com receios não diferentes dos dela. Ele sempre parecia tão ousado e sem dúvidas em suas provocações.

Que revelação pensar que havia um certo receio por trás de sua bravata. No entanto, mesmo em sua decepção, ele a aliviou com palavras amáveis e gentis e acalmou seus sentimentos de inadequação, assumindo a culpa.

Mas como ela poderia enfrentá-lo de manhã? Como ela poderia despertar ali e olhar em seus olhos escuros, quando nenhum dos dois seria capaz de negar que a consumação de amor deles tinha sido desastrosa? Como ela havia feito uma vez antes neste quarto, ela permaneceu falsamente imóvel, esperando que o sono o alcançasse para que ela pudesse escapar. Mas uma mão grande e pesada procurou e encontrou seu cabelo, alisou-o, em seguida, puxou-a para o lado e apertou-a contra seu peito. Ele apoiou o queixo no topo da cabeça dela e os cílios dela se fecharam enquanto ela suspirava e ficava, não querendo negar a si mesma o conforto de ser embalada daquele jeito. Depois de alguns minutos, sua mão se

moveu preguiçosamente contra o cabelo dela. Seu peito musculoso tinha uma textura sedosa sob sua bochecha. Ela disse a si mesma que precisava levantar e ir — o que ela diria a ele pela manhã? Mas como um pássaro em seu ninho, ela se sentiu segura. Sua mão ficou pesada sobre o crânio dela, depois ficou imóvel. A outra mão, que jazia sobre o quadril dela, se contorceu uma vez espasmodicamente. Sua respiração ficou pesada e fustigou o topo de seu cabelo. Uma letargia diferente de qualquer outra que ela conhecesse antes veio para abaixar suas pálpebras e enfraquecer seus membros. Ela sabia que estava adormecendo nos braços de Jesse DuFrayne. Ela sabia que ele tinha sido um amante gentil e atencioso.

Ela sabia que deveria acordar amanhã para o fato de que ele estava indo embora. Mas tudo deixou de importar.

E eles dormiram, inconscientes.

AS MONTANHAS ROCHOSAS DO COLORADO ESPALHARAM braços protetores sobre os amantes. A lua puxou a terra, subiu as nuvens e deslizou para o outro lado, para o oeste. Os pios do amanhecer dos pássaros agitaram-se no ar rosado. Um homem adormecido rolou e colocou o rosto contra um braço quente e firme. Uma mulher adormecida puxou o travesseiro para a curva profunda do ombro, inclinou um joelho nu em direção ao nariz. O homem roncou de leve e se mexeu de bruços, e uma mecha de cabelo ficou presa no bigode, tremulando enquanto ele respirava, fazendo-o cócegas distraidamente. A ponta de uma mão longa e escura coçou o nariz, tentando afastar o incômodo. Mas a respiração dele acelerou de novo, ainda presa, ainda fazendo cócegas. Ele fungou, despertou, sentiu algo quente cobrindo seus dedos e abriu os olhos atordoados para ver o que era.

Abbie.

Ele sorriu ao ver um único seio de ponta rosada cobrindo as costas de sua mão. Seu outro seio estava enterrado embaixo dela em algum lugar, pois ela também estava meio de barriga, um joelho bem alto, apresentando um quadril lindamente virado, mas escondendo seus segredos femininos. Ele sorriu torto. Ela gosta de se esparramar na cama, ele pensou. O sorriso se dissolveu quando ele se lembrou de como ela chorou na noite passada. Ele cuidadosamente retirou a mão, rolou para o lado e apoiou o queixo na palma da mão. Seus olhos vagarosamente viajaram pelo comprimento dela, várias vezes. Dedos minúsculos, tornozelos delicados, panturrilhas bem torneadas. Ele se lembrou de vislumbrá-

los antes, mas nunca tão livremente assim. Seu quadril era redondo como a ondulação de uma onda do mar, e sua cintura tão fina quanto o cocho criado pelas marés. A fenda profunda esculpia um ângulo atraente, sustentado pelo joelho que ela tinha lançado em direção ao peito. Miríades de lembranças passaram pela mente dele. Abbie, você salvou minha vida. Abbie, eu te fiz chorar. Abbie, devo partir em breve. Ele olhou para a janela onde a luz cinza-rosada se erguia sobre o parapeito e conheceu um vazio diferente de qualquer outro que já tivesse visto ao sair da cama de uma mulher. Não, os prazeres da noite anterior, para ele, foram mínimos, na melhor das hipóteses, mas seu corpo ganhou vida agora com a visão dela. Ele se inclinou para dar um leve beijo nas costelas dela, depois naquele quadril pálido. Ele colocou um muito mais demorado no cocho de sua cintura. Uma pequena mão desceu e bateu inconscientemente nele. Então ela se virou, de costas para ele, com a perna de cima levantada como antes.

Seu coração ficou louco e a umidade explodiu em sua testa. Ela era pequena e requintada e — sim, ainda era verdade — inocente, pois não sabia nada sobre os modos como ele ainda a desejava. Ele soltou um suspiro reprimido e se abaixou na cama, tocou sua língua no lugar macio atrás de seu joelho, fechou os olhos e respirou contra sua pele, sabendo que ele estava tirando vantagem injusta enquanto ela dormia, mas ele estava tão ardentemente excitado que seu corpo parecia que iria estourar seus limites. Ele provou sal e rosas e talvez um pouco de si mesmo. Ele seguiu o contorno de sua perna, seu cabelo roçando sua coxa, lembrando como ela estava muito familiarizada há muito tempo com o corpo dele.

O que ele fez pareceu inevitável; as semanas de intimidade que haviam compartilhado tornaram isso quase que predeterminado. Ele a beijou em todos os lugares, menos no único lugar que ele mais queria provar, esperando que ela despertasse para que ele pudesse beijá-la lá também. Aprendeu os sulcos de suas vértebras, a firmeza de seu quadril, a elasticidade de suas coxas, nádegas e panturrilhas. Ele memorizou até o seio semi-achatado. Ela acordou quando ele mordeu levemente o arco de seu pé, e com um sobressalto ela olhou por cima do ombro para o homem atrás dela. Uma luz vaga e inesperada ficou presa em seus olhos negros e excitados quando ele se levantou e procurou permissão no rosto dela.

Acima dos seus lábios abertos, o bigode era uma sombra escura e trêmula. Seus olhos foram atraídos para eles, sentindo que tinham acabado de explorar

sua pele. Seus olhos assustados novamente correram para os dele, e ela leu naquele olhar uma espécie de agonia ardente que ela não suspeitava que um homem pudesse abrigar. Isso deixou seu coração e sangue vivos com um salto de sensualidade e expectativa.

— J... Jesse? — ela gaguejou roucamente. Lentamente, ela relaxou a perna, percebendo o quão imodesta sua pose tinha sido e que, sem dúvida, ele estava acordado há algum tempo. — Vo... Você me acordou.

— Eu queria, amor — ele sussurrou, segurando-a cativa apenas pela forte e sensual amarra de seu olhar. Ela rolou para trás um pouco, torcendo a cintura, apoiando-se em um cotovelo agora e vendo seus olhos caírem para o pico de seu outro seio, que se curvava à vista, depois voltando para seu rosto. Ela sentiu a palma quente dele viajar da parte de baixo de suas costas, ao redor de uma nádega, ao longo do lado de trás de sua panturrilha, gentilmente enfiando o joelho de volta a posição de antes. E todo o tempo seus olhos nunca deixaram os dela.

— É a minha vez de conhecer o seu corpo como você conheceu o meu durante todas essas semanas, Abbie. — Ela tomou conhecimento de todos os lugares onde seu corpo estava molhado, onde sua língua tinha se arrastado enquanto ela dormia, onde sua pele agora esfriava enquanto secava. A ingenuidade desapareceu quando ela leu seus olhos e entendeu sua intenção. Involuntariamente ela estremeceu, então lentamente escondeu seu seio atrás de seu braço, não sabendo bem como esconder o resto dela. Hipnotizada pela fome em seu olhar, ela assistiu em fascinação quando ele baixou a cabeça novamente para seu quadril branco, seus olhos absorvendo a vista de perto enquanto um som de profunda paixão retumbava de sua garganta. Ele se apoiou em uma das mãos, agora torcido pela cintura e, com uma palma quente e carinhosa, empurrou-a para ela ficar sobre seu estômago.

Sua bochecha se perdeu em um travesseiro e seu coração bateu violentamente contra o colchão enquanto os lábios quentes roçavam de cima abaixo suas costas e ele começou a pronunciar seu nome contra sua pele. — Abbie... Abbie... Abbie... — Mais e mais, vagando por seu corpo com seu bigode macio e sua boca ainda mais macia até que tudo dentro dela ficou ansiando e querendo mais. Ele a virou suavemente de costas, movendo seus membros para onde ele os queria, arrastando umidade e palavras de amor enquanto seus beijos percorriam sua carne. Sua voz rouca sussurrou que a segunda vez era melhor, implorou para que ela ficasse quieta, para lhe permitir. — Não brigue comigo,

Abbie, eu vou te mostrar... Abbie, você é tão pequena... Deus, você é linda... Shhhh, não se esconda de mim... há mais... confie em mim, Ab. — Quando ela se inclinou instintivamente para se cobrir, ele cutucou a mão dela com o nariz. Então seus dentes gentilmente se fecharam ao lado de seu polegar e ele o levou para o oco de seu quadril.

— Jesse... — ela murmurou, suplicando-lhe por não sabia o quê.

— Nada vai doer dessa vez, Abbie, eu prometo.

Não, ela pensou, as pessoas não fazem isso! Mas as pessoas faziam, ela aprendeu, quando a boca dele a possuiu em todos os lugares, a fez girar em espanto sem sentido, enquanto perdia toda a vontade de resistir. Ele a levou ao alto e a fez se contorcer até o calor explodir como um foguete dentro dela, enviando faíscas chiando do centro de seu estômago até as pontas dos dedos dos pés e dos dedos das mãos em uma gigantesca explosão de sensações em chamas. Ela abriu os olhos para a visão dele olhando com indisfarçada necessidade através de seu estômago, dentro de seus olhos ofuscados e vidrados. Ela gemeu e rolou um ombro languidamente para longe do colchão, depois o deixou cair de novo. Ela puxou seus sentidos de suas profundezas debilitadas e abriu os olhos, percebendo que ele precisava de satisfação tanto quanto ela teve um momento atrás. Então ela levantou os braços drogados dando boas-vindas.

Ele saltou para cima dela, sussurrando instruções em seu ouvido, cercando-a com poderosos braços marrons que a ergueram, viraram e colocaram-na em cima de seu estômago, depois a desceram até que seus seios foram esmagados contra a esteira de cabelo no peito dele. Palavras se tornaram desnecessárias, pois seu corpo e suas mãos lhe diziam o que fazer. Inocência, timidez, ingenuidade fugiram quando ela começou a se mover, observando seu rosto agradado quando seus olhos se fecharam e sua cabeça se arqueou contra os travesseiros revoltos. Quando seus lábios se abriram e sua respiração saiu duramente, ela viu em seu rosto o abandono da plenitude que ele havia trazido para ela. Seu coração disparou. Seus olhos arderam. Isto, isto, isto é como deveria ser entre um homem e uma mulher, ela percebeu. Um dando ao outro, um tirando do outro, com tanta alegria derivada da doação quanto da tomada. Ela vacilou e as pálpebras dele se abriram momentaneamente, depois se fecharam novamente e sua têmpora virou-se bruscamente contra o travesseiro enquanto ela recuperava o ritmo. Inacreditavelmente, quando ele alcançou seu clímax, ele gritou — foi o nome dela ou alguma profanidade irracional ou as duas coisas? Não importava, pois aquilo a fez sorrir, a fez se sentir habilidosa e ágil, e explodindo de alegria.

Ela desabou sobre o peito largo, a testa aninhada sob o queixo dele. Uma de suas mãos caiu cansada em seu ombro, esfregou-o em um leve e carinhoso círculo de satisfação antes de cair fracamente no travesseiro novamente. Então, surpreendentemente, sob sua orelha, uma risada lenta, silenciosa e maravilhosa começou. Ressoou lá como um doce trovão até que, intrigada, ela levantou a cabeça para estudá-lo. Mas seus olhos permaneceram fechados enquanto seu peito subia e descia por baixo do dela, com um riso silencioso. E de repente ela entendeu por que ele ria.

Foi uma risada de satisfação elementar. Um sorriso floresceu em seus lábios, e um ardor lento começou a descer por sua barriga, em resposta a alegria. Ele pendurou seus braços cansados sobre ela, abraçou-a com força, e sorriu contra o cabelo dela enquanto ele rolava os dois de um lado para o outro várias vezes.

— Ah, Abbie, você é boa — veio o murmúrio de seu amante — você é tão boa.

Nada que ele pudesse ter dito poderia ter agradado mais a Abbie naquele momento. Ela sorriu contra o peito dele.

Então as mãos dele caíram para trás, com as palmas voltadas para cima, de cada lado da cabeça dele. Ela se sentou, olhou para ele, mas seus olhos permaneceram pacificamente fechados, e enquanto ela assistia com espanto, ele adormeceu, com ela sentada ainda montada nele — atordoada, nua e nova.

XVI

COM SEU PRIMEIRO MOVIMENTO, ABBIE SOUBE que tinha exagerado. Ela tinha trinta e três anos e alguns dos músculos que ela esticara na noite passada não tinham sido alongados por anos. Suprimindo um gemido, ela rolou para a beira da cama.

— Bom dia, Senhorita Abigail — disse uma voz rouca e agradável atrás dela. Mas ela não podia suportar o pensamento de enfrentá-lo, sabendo que em poucas horas ele simplesmente estaria saindo de sua vida. Duas fortes mãos morenas circularam seus quadris brancos, e ele a beijou embaixo, quase onde ela estava sentada, deitado atrás dela, espalhado por toda a cama, como os lençóis caídos.

— Aonde você vai? — Ele perguntou preguiçosamente, dando-lhe um apertão.

Ela respirou fundo e suas costas ficaram rígidas. — Não faça isso, dói!

Suas mãos se afastaram e ele a observou se levantar lentamente com uma mão apoiando as costas.

Dois ou três passos disseram a eles que suas costas não eram a única coisa que doía. Mas ela caminhou até a pilha de roupas descartadas no chão, curvou-se dolorosamente para pegar seu roupão.

Ooooo, ele gostou disso!

Ele tinha planejado ter um pequeno bocado matinal dela, mas podia ver que isso estava definitivamente descartado. Ela endireitou-se muito bem, mas não estava se movendo muito facilmente. Ela se arrastou para fora, murcha, enquanto ele se sentia como a primeira rosa do verão — sem dúvida! Ele flexionou, bocejou, coçou o peito e levantou-se alegremente para vestir as calças.

Abbie ficou olhando para o prato cor de marfim engordurado, os ossos e a gordura endurecida com bordas secas e onduladas. Ela examinou as xícaras de café com anéis marrons e resíduos em seus fundos, os simples copos do dia-a-dia com champanhe agora sem vida nas profundezas, o lugar no lençol onde o bife bateu quando voou de sua boca. Miseravelmente ela se lembrou da risada alegre deles enquanto ela tentava em vão ajustar a toalha de mesa perfeitamente todas

aquelas vezes. Estudou tudo e isso a enojou, em pé no meio da sala, segurando as duas pontas do cinto como se considerasse puxar, puxar, puxar, até cortá-la ao meio. Disse a si mesma que não pensaria na noite passada como sórdida! Ela não poderia!

Mas olhando a bagunça na mesa, se perguntou com tristeza o que ela queria lavar primeiro, os pratos ou a si mesma.

Atrás dela, Jesse cruzou os braços morenos e encostou um ombro no batente da porta. Ele podia lê-la com a mesma precisão, como se as velhas bem-aventuranças estivessem de repente passando por uma fita adesiva na parte de trás de seu roupão sensível e assexuado.

Ele se perguntou o que fazer ou dizer. Se ele fizesse uma piada, ela ficaria sem graça. Se ele tentasse tomá-la em seus braços, tinha certeza de que ela o afastaria. Se ele lhe conferisse o direito de colocar a culpa nele, isso só pioraria as coisas. Ainda assim, ele não podia deixá-la ficar ali interminavelmente, sendo sua própria censora.

Ele veio por trás dela, colocou as duas mãos nos ombros dela e decidiu simplesmente dizer a verdade. — De manhã, às vezes, uma pessoa precisa de tranquilidade, às vezes ambas as pessoas precisam de tranquilidade. — Seu pescoço estava muito duro e ele lentamente esfregou os polegares longos ao longo de seus cordões tensos. Ele sentiu-a engolir e continuou: — Parece sempre diferente de manhã, então a melhor coisa a fazer é esperar até o final do dia para decidir como você se sente. Nesse meio tempo, é costume pelo menos reconhecer o parceiro. Isso é geralmente feito de uma maneira muito charmosa e antiquada, assim.

Abbie sentiu-se sendo virada pelos ombros. Ela sabia que seu cabelo e rosto estavam de assustar, que toda essa situação era assustadora. Mas ele fez tudo aquilo parecer insignificante abaixando suas mãos quando ela tentou esconder o cabelo e os olhos, beijando-a levemente enquanto acariciava suavemente seu pescoço. Ela queria responder, mas estava com medo e culpada, então, Jesse teve que se contentar com, nada mais do que o fechamento de suas pálpebras. No entanto, ele entendia que a auto-retribuição já a tinha em suas garras, então a beijou ternamente novamente, tocando-a fugazmente em cada canto de sua boca.

Seu beijo foi uma nova surpresa, uma sensação única e agradável que a ameaçou apenas com gentileza. Mas no meio disso, com seus lábios quentes desejando-lhe seu primeiro bom dia de um amante, ela lembrou que antes do dia

terminar ele teria ido embora. Dolorida, controlou o desejo de se agarrar a ele. Ela mordeu o lábio enquanto ele descansava o queixo no topo de sua cabeça. Suas mãos esfregaram sua parte inferior da coluna com uma consideração comovente enquanto ele murmurava: — A dor desaparecerá em pouco tempo.

E seus pensamentos choraram, Oh, mas você também, Jesse, você também!

Ela ficou abalada pela sensibilidade dele, sua profundidade de compreensão. Tanto ontem à noite como nesta manhã, ele tinha sido bondoso em seu tratamento com ela, e ela agora desejava que isso não fosse verdade. Isso fez com que sua partida iminente fosse muito abrupta e dura para ser aceita. Se ele se voltasse novamente para seus antigos modos, provocando, agulhando ou irritando-a de alguma forma, seria muito melhor para ela, pois ela disse a si mesma rigidamente que não iria — não iria! — pedir para ele ficar.

Ele lhe deu um tapinha, no traseiro, e disse: — Por que você não toma um bom banho quente e não se preocupa com o café da manhã? Nós comemos tarde da noite ontem de qualquer maneira.

Ela virou-se rigidamente de seu abraço, sua consideração rasgando um novo ferimento nela a cada momento que passava. Mas ainda assim continuou, pois quando ela estava colocando o fogo e ele a viu estremecer quando ela ergueu um pesado pedaço de madeira, ele veio tirá-lo dela, dizendo: — Aqui, deixe-me fazer isso. Vá recolher suas roupas ou esses pratos ou algo enquanto eu faço um fogo e trago um pouco de água.

Quando ela se virou, sobrecarregada pela doçura dele, ele a parou, chamando baixinho: — Abbie?

Ela se virou, encontrando seus olhos diretamente pela primeira vez através da extensão matinal da cozinha. Ele parecia tão cativante como sempre: nada além do jeans, descalço, com aquele pedaço de madeira nos longos dedos morenos, o cabelo despenteado e escuro, o bigode e os olhos tão inquietantemente atraentes quanto antes.

— O que? — ela disse.

— Você ainda não me disse nada esta manhã, exceto "Não faça isso, dói".

Ela pensou, Maldição, Jesse, não faça isso comigo! Eu não mereço isso, não tudo isso!

Por que ele tinha que ficar ali parecendo tão bonito e atencioso e simpático e caloroso apenas agora, quando ele estava prestes a partir?

— Eu estou bem — ela disse uniformemente, disfarçando seu tumulto. — Não se preocupe com a noite passada. Eu posso viver com isso.

— Isso é melhor — disse ele, colocando o pedaço de madeira para baixo, limpando os pedaços da casca de suas mãos. — Abbie, eu tenho que te pedir um favor.

— Sim?

— As lojas já estão abertas na cidade?

— Sim.

— Bem, todas as minhas coisas foram no trem com o meu equipamento fotográfico. Tudo foi embalado junto. Eu quero ir comprar um conjunto de roupas, mas eu não tenho dinheiro. Eu nunca pensei em pedir a Jim um pouco. Se você puder me emprestar um pouco desses mil, eu me certificarei de repor de volta.

— Não seja bobo. Você não precisa pagar de volta. O dinheiro era para qualquer coisa que você precisasse, e se você precisar de roupas, é claro que você pode ter o quanto quiser.

— Eu pensei em apenas lavar meu rosto rapidamente e passar um pente no meu cabelo e subir para comprar o que eu preciso, depois voltar aqui e me limpar e trocar antes de ir embora. Tudo bem para você?

— Você vai partir no trem da manhã, então?

— Não. Eu vou encontrar algumas pessoas ao meio-dia para discutir... alguns negócios, então eu vou partir no trem das três e vinte esta tarde.

— Encontrar algumas pessoas? — ela perguntou, intrigada, mas ele desviou o olhar, ocupando-se em fazer fogo.

— Sim, Jim marcou uma reunião aqui e me falou sobre isso ontem. Ele disse que eu não tenho que estar lá, mas eu quero desde que é... bem, é negócio da ferrovia e eu estou envolvido nisso.

Ela não pôde deixar de imaginar que tipo de reunião um fotógrafo de estradas de ferro estaria participando em uma cidade tão remota e insignificante quanto Stuart's Junction, mas decidiu que não era da sua conta. Ela estava agindo como uma amante presumida, com base em um encontro de uma noite. Ele não tinha obrigação de explicar seus negócios para ela.

— Claro — ela concordou, observando-o cutucar o fogo. Ele parecia tão natural, de peito nu e descalço daquele jeito. Era difícil imaginá-lo em um conjunto completo de roupas. Ela nunca pensou que veria o dia em que ele realmente compraria e usaria roupas, para reunião ferroviária ou não. Pareceu-lhe que ele devia estar ansioso para partir, pois havia memorizado a hora exata dos assobios do trem.

Alguns minutos depois, ela estava sentada na sala de estar diante da escrivaninha quando ele saiu do quarto, com a camisa abotoada, todo arrumado, botas, cabelo penteado.

— Espero que esteja tudo bem eu ter usado sua escova Abbie, já que eu não tenho uma das minhas.

Ela não sabia se ria ou chorava com o comentário depois do que os dois haviam compartilhado na noite passada.

Ela entregou a ele um cheque bancário que havia escrito, dizendo: — Sim, é claro que está tudo bem. Aqui. Espero que isso sirva. Não tenho muito dinheiro em casa.

Ele estendeu a mão lentamente, seus olhos nunca deixando seu rosto abatido enquanto pegava o cheque entre dois dedos finos.

— Volto em breve. — Ele hesitou, desejando que ela olhasse para ele, mas finalmente se afastou, vendo que ela não o faria.

Conforme ele foi saindo, mancando levemente, ela disse: — Vá na loja de artigos secos de Holmes, no lado esquerdo da rua, a cerca de meio quarteirão de distância.

Seus olhos devoraram suas costas largas. Mas de repente ele parou, apoiou a palma da mão na coluna da varanda e estudou as botas. Então ele bateu na coluna, murmurou — Maldição — e girou.

A porta de tela rangeu como se fossem ossos de amor, e seu coração disparou enquanto desejava desesperadamente que ele fosse embora, saísse rápido. Mas, em vez disso, ele ficou de pé, desanimado, ao lado da escrivaninha, com o peso pendurado no quadril, um polegar pendurado na cintura de seus jeans. Ele desabou um ombro, inclinando-se pela metade do caminho, mas ela se recusou a erguer os olhos dos compartimentos da escrivaninha. O polegar deixou o cós e chegou ao seu queixo, mas ela se afastou, explodindo — Não! — Ele hesitou por mais um momento, depois se inclinou pelo resto do caminho e deu um beijo no nariz dela.

— Eu voltarei. — Sua voz soou um pouco trêmula e o queixo dela tremeu. Ele se endireitou, tocou os lábios dela com as costas do dedo indicador, depois saiu de casa tão rápido quanto deveria pela primeira vez. A porta de tela bateu e ela apoiou os dois cotovelos no tampo da escrivaninha, depois baixou o rosto para as mãos. Ficou assim muito tempo, infeliz, sabendo que ficaria muito mais infeliz antes de conseguir superá-lo. Ainda que superá-lo, ela devia.

Por fim, ela se levantou, se banhou e subiu para se vestir para o dia. Vestiu

uma saia preta e uma blusa organdi azul pastel. Fechou os laços sobre os muitos botões dos punhos, depois esticou o pescoço para o alto e alisou o laço apertado em sua garganta até quase roçar suas orelhas. Todas as evidências do encontro da noite anterior tinham sido apagadas, mas enquanto estudava seu reflexo no espelho oval, ela parecia dez anos mais velha do que na manhã anterior. Atrás dela, refletido no vidro, ela viu os sapatos vermelhos.

Levantou os próprios olhos castigantes mais uma vez, imaginando se, depois de ontem à noite, aqueles sapatos vermelhos poderiam servir. Virou-se, pegou um, estudou, fechou os olhos, julgando a si mesma. Por fim, sentou-se na cama e calçou um sapato vermelho.

Do andar de baixo, ela ouviu a porta da tela bater, e então Jesse disse: — Abbie? Estou de volta. Ei, onde você está?

— Eu estou no andar de cima — ela respondeu, lançando um olhar sinistro para o sapato.

Ele chegou ao pé dos degraus e perguntou: — Tudo bem se eu tomar um banho?

— Sim. Há água quente no reservatório e toalhas limpas na gaveta da escrivaninha em frente à despensa.

— Eu sei onde você as guarda. — Seus passos se afastaram.

Ela fechou os olhos contra o ataque de boas-vindas que sentiu com o seu retorno, falando das escadas daquele jeito familiar.

Oh, Deus, Deus, ela não queria que ele fosse, não tão cedo.

O sapato vermelho ainda estava pendurado no dedão do pé dela, e ela se inclinou para amarrá-lo. Estendeu o pé, girou o tornozelo de um lado para o outro, admirando a aparência do presente de David Melcher.

E de alguma forma a Senhorita Abigail se sentiu segura, então calçou o segundo sapato.

Ela os examinou novamente e a cor vermelha pareceu desvanecer-se em um tom menos ofensivo, menos impróprio.

Levantou-se, equilibrada nos sapatos confortáveis, e descobriu que eles tinham um ajuste celestial. Eles a fizeram se sentir pequena e feminina. Foi o primeiro vestígio de vaidade que Abigail McKenzie se permitiu em toda a sua vida. No momento em que ela percorreu quatro passos experimentais, os sapatos perderam toda a extravagância e eram agora bastante atraentes. Não lhe preocupava que isso fosse verdade apenas porque ela queria que fosse. Andando de um lado para o outro no chão do quarto, ouvindo os saltos franceses clicarem

nas tábuas do assoalho, não havia nada na consciência da Srta. Abigail sugerindo que a razão pela qual ela usaria os sapatos seria mostrar a Jesse DuFrayne que, mesmo apesar de que ele estava prestes a sair de sua vida para sempre, ele devia ter em mente que ele não era o único peixe no mar.

— Onde diabos você mantém a navalha? — Jesse falou do andar de baixo, soando como o seu antigo eu novamente. — Abbie? Eu tenho que me apressar.

— Só um momento, eu estou chegando — ela respondeu, descendo os degraus, os sapatos vermelhos esquecidos. Ela tirou a navalha do esconderijo da cozinha e se virou para encontrar Jesse de pé atrás dela em um par de calças stovepipe azul-esverdeadas, apenas elas. Seus olhos viajaram da cintura até os dedos longos, depois de volta para o rosto quando ele pegou a navalha.

— Você poderia me trazer o amolador também, Abbie? — ele perguntou, aparentemente inconsciente de qualquer coisa que pudesse estar acontecendo dentro dela.

E algo estava definitivamente acontecendo.

Aqui estava uma pontada agridoce de um novo tipo. Ali estava sua casa cheia da visão, do som e do cheiro da toalete de um homem, algo que ela pensara que nunca mais veria. Ah, ele se barbeou e se banhou e se vestiu aqui antes, mas agora ele se preparava para deixá-la. Agora ela era íntima com o músculo sob as calças, os sulcos sob a navalha, a textura sob o pente, o calor sob o cheiro. Agora ela queria voltar no tempo, proibi-lo de embelezar seu corpo por qualquer outra causa que não ela. Mas ela não tinha o direito.

Então, ela tentou evitar ver os ombros nus dele se curvarem em direção ao espelho, o ângulo lateral de sua cabeça, seus olhos de soslaio enquanto ele raspava perto de uma orelha. Ela tentou não sentir o cheiro do sabão de barba vagando pela cozinha de uma velha solteirona. Ela tentou impedir os olhos de cobiçar o rico tecido da nova calça que ele usava. Ela tentou ignorar o apito das 09h50 de Denver quando passou pela casa, o mesmo trem que o trouxera aqui inicialmente. Ela fingiu que não haveria trem da tarde para levá-lo embora.

— Deixei o troco na escrivaninha — disse ele, secando o rosto, inclinando-se para pentear o bigode.

Ela nunca o viu fazer isso antes. Ela afastou os olhos gananciosos e foi até a sala de estar sentar-se diante da escrivaninha, em um esforço para parecer ocupada, vasculhando alguns papéis de forma evasiva. Mas o tempo todo o coração dela ficou mais pesado. Ele entrou no quarto e, vindo da porta, veio o farfalhar das roupas, barulho de botas, tinido de fivela, assobio suave nos dentes,

tudo pontuado por proclamações de silêncio durante as quais sua imaginação se incendiou com imagens muito familiares e proibidas.

E então ele surgiu.

Ele passou pela porta do quarto e precisou de todo o seu controle para ela não ofegar e deixar seu queixo cair. Ele poderia ter sido um estranho, um belo dândi vindo visitar conforme ele fez uma pausa, alisando seu colete quase conscientemente com um olhar estranho em seu rosto. Sua pele de bronze sob o talho do bigode foi destacada contra um colarinho virado de um branco imaculado, suas pontas voltadas para trás para criar um "V" em seu pomo de Adão. Uma gravata de quatro voltas na mão estava meticulosamente amarrada e ostentava um alfinete contra as listras sedosas que a marcavam. A gola enrolada de um colete trespassado espreitava sob as lapelas impecáveis de uma jaqueta cortada impecavelmente, mais curta e mais delineada que as sobrecasacas que ela via na igreja aos domingos. A visão dele era de tirar o fôlego, especialmente nesta cidade, onde os mineiros se arrastavam em calças sujas seguradas por suspensórios gastos sobre simples ternos cinzentos. Todo o traje de Jesse era feito daquela cor surpreendente que lembrava a Abbie da cabeça de um pato-real.

De repente, ela sentiu uma pontada de ciúmes tão grande que baixou os olhos para impedi-lo de lê-los, ciúmes por uma causa que poderia fazê-lo se vestir como um pavão apenas quando ele a deixava, quando durante todo este tempo ela mal conseguiu tê-lo em botas ou camisa.

Ela falou para sua escrivaninha. — Você encontrou todo esse... vestuário em Stuart's Junction?

Ele pensou que ela ficaria satisfeita em vê-lo finalmente vestido civilizadamente, mas a palavra de três dólares definitivamente veio em uma voz irritada e crítica.

— Você parece surpresa, mas não deveria estar. — Ele se moveu graciosamente para o lado da escrivaninha, tocou sua superfície levemente com três pontas dos dedos. — As ferrovias trazem tudo o que têm no Leste atualmente. Os Ianques não têm mais o monopólio da atualidade.

— Hmph — ela bufou — eu deveria pensar que você teria escolhido pelo menos uma cor menos indiscreta.

— Qual é o problema com ela? Chama-se verdigris, me disseram, e é a última moda no Leste e na Europa.

— Verdigris, é? — ela desdenhou, levantando uma sobrancelha para os dedos que a assombravam, não importando o quanto ela tentasse ignorá-los. —

Pavão teria sido mais apropriado.

— Pavão? — Por fim, ele retirou a mão para puxar as novas lapelas. — Ora, isso não é mais pavão do que... do que os sapatos que o velho Melcher lhe enviou.

Reflexivamente, ela colocou os pés atrás das pernas da cadeira enquanto silenciosamente admitia que o verdigris não era nem um pouco ofensivo. Era profundo, masculino e absolutamente apropriado. Mas nada disso importava, pois não era realmente a cor que a irritava, e por agora ambos sabiam disso.

— Talvez não seja o terno que é pavão, mas apenas o seu portador — disse ela com rigidez, e podia sentir Jesse eriçado agora.

— Por que você não decide o que você quer de mim, Senhorita Abigail? — Ele perguntou calorosamente, referindo-se, claro, à roupa, mas fazendo-a corar com a lembrança do pedido da noite anterior. Sua boca ficou apertada.

— Deve ser uma reunião vital que você vai participar, para provocar tal transformação, quando eu mal consegui fazer você vestir uma camisa por amor ou dinheiro! — Seus olhos finalmente se encontraram em um choque de vontades, mas sua frase duvidosa e mal escolhida tornou-se pungente com um significado não intencional.

— Não por amor ou dinheiro? — ele repetiu, devagar, com precisão. Ela percebeu que tinha empregado ambos nas últimas dez horas.

— Não se atreva a tomar essas palavras figurativamente, senhor! — ela retrucou. — Apenas vá! Vá para o seu tête-à-tête, seja lá o que for, no seu terno verdigris. Mas não se esqueça de levar a sua calça do dia a dia. Você nunca sabe quando podem ser tiradas por balas!

Eles olharam um para o outro enquanto Jesse se perguntava como sair dali graciosamente sem mais recriminações de ambos os lados. Por fim, ele colocou as mãos nos quadris, sua postura murchada e ele balançou a cabeça para o chão — Abbie — perguntou ele, em tom de brincadeira — pelo amor de Deus, não podemos pelo menos dizer adeus sem tudo isso de novo?

— Por quê? Parece muito mais familiar ver você partindo com raiva em seus olhos.

Ele percebeu que isso era verdade, que embrulhada no cobertor de segurança da raiva ela não precisava emitir apelos ou desculpas. Ele se agachou ao lado de sua cadeira enquanto ela olhava sem piscar para as profundezas da escrivaninha.

— Abbie — ele disse calmamente, pegando uma de suas mãos pequenas e apertadas, que se recusaram a abrir — Eu não quero deixar você com raiva. Eu

quero ver você sorrindo e eu quero estar sorrindo.

— Se você me perdoar, parece que não tenho muito pelo que sorrir nesta manhã.

Ele suspirou, olhou para a bainha dela e distraidamente esfregou os dedos sobre o punho firmemente fechado que colocá-la no seu joelho erguido.

Maldição! Maldição! Ela pensou, por que ele tem que cheirar tão bem e ser tão gentil? Por que agora?

— Eu sabia que você ficaria amarga esta manhã — continuou ele. — Eu tentei avisar você, mas você não quis ouvir. Abbie, eu não tenho tempo para ficar aqui e ajudá-la a endireitar sua consciência. Apenas acredite em mim. O que aconteceu aconteceu, e você não tem nada do que se envergonhar. Diga que você não vai continuar se sentindo culpada.

Mas ela não disse tal coisa, nem afrouxou o punho, nem olhou para ele. Se ela tivesse feito alguma dessas coisas, ela acabaria em seus braços novamente, e ela já estava presa por um longo período no inferno, ela tinha certeza. Jesse percebeu que estava ficando tarde, que ele deveria partir em breve. — Abbie, há uma coisa que... escute, Abbie, o que fizemos pode não ter acabado ainda, você sabe. Se alguma coisa acontecer, quero dizer, se você estiver grávida, você vai me deixar saber?

Aquilo nunca, nunca passou pela sua cabeça. Não antes, durante ou depois de fazer amor com ele, mas sua consideração pela possibilidade lhe deu o último corte imperdoável, pois sabia que ele nunca voltaria e se casaria com ela se ela estivesse.

Ele estava dizendo: — Você pode me encontrar a qualquer momento escrevendo para o escritório central da R.M.R em Denver — quando ela lentamente girou em sua direção e tirou os pés debaixo da saia, bem ao lado do joelho envolto em verdigris no chão. Ele viu as pontas dos sapatos vermelhos espreitarem lentamente por baixo da saia, como duas línguas insolentes e salientes, e ele ficou de pé com os punhos cerrados ao lado do corpo, dois pequenos vincos horizontais por detrás do joelho da própria perna da calça que ele inclinara para ela com a mais gentil das intenções.

— Caramba, Abbie, o que você espera de mim?! — ele gritou. — Eu te disse na noite passada que eu estava indo e eu estou! Não pense que eu não sei por que você está usando esses... esses sapatos de prostituta! Mas isso não vai funcionar. Você não vai me bater na cabeça com o fato de que você é agora uma mulher escarlate, porque leva mais do que uma noite na cama com um homem para te

fazer uma! Você queria o que você teve e eu também, então não me faça o vilão. Cresça, Abbie. Cresça e perceba que ambos estamos um pouco certos e ambos um pouco errados e que você não tem nem um pouco de culpa neste mundo!

Ela manteve os olhos treinados em seu joelho e inocentemente entoou: — Ora, que pena, Sr. DuFrayne, ter vincado sua perna impecável de calça de pavão dessa maneira.

— Tudo bem, Abbie, faça do seu jeito, mas não se faça de boba desfilando pela rua principal nesses malditos sapatos vermelhos!

Naquele momento, uma voz irritada soou da porta da frente — Senhorita... Senhorita Abigail, você está bem?

David Melcher olhou para dentro, sofrendo a inquietante sensação de déjà vu, pois parecia que ele havia passado por essa cena uma vez antes.

A Senhorita Abigail ficou de pé, boquiaberta. Poderia facilmente enfiar os dois sapatos vermelhos na caverna de sua boca antes dela reunir sua inteligência dispersa o suficiente para gaguejar: — S... Sr. Melcher... como... há quanto tempo você está aí? — Freneticamente ela ouviu o eco dos comentários de Jesse sobre mulheres escarlates e gravidez.

— Eu acabei de chegar aqui neste minuto. Há quanto tempo ele está aqui?

Mas Jesse DuFrayne não seria ignorado como se ele fosse algum índio de tabacaria . Seu tom foi gelado e desafiador quando ele encarou a porta — Eu estou aqui desde antes de você sair, Melcher, e daí?

David perfurou-o com um olhar de puro ódio. — Eu falarei com você através de uma mesa de negociação ao meio-dia e nem um minuto antes. Estou aqui para ver a Senhorita Abigail. Presumi que você a teria aliviado de sua presença muito antes disso, especialmente porque você está obviamente bem o suficiente para estar organizando a discussão de arbitragem hoje.

DuFrayne arrumou com raiva uma manga, confirmando categoricamente: — Como você diz, ao meio-dia, então. — Ele se virou na direção do quarto para pegar suas poucas coisas, deixando Abbie chocada com o choque, mas incapaz de mostrá-lo.

Ele sabia! Ele sabia! Todo o tempo ele sabia! Ele sabia, desde que Jim Hudson chegou, que David voltaria para Stuart's Junction. Ele sabia, porque a reunião de hoje era entre os dois, aparentemente para liquidar a responsabilidade sobre os tiroteios no trem. A pomposa e vaidosa bolsa de arrogância sabia que ele não era sua última chance, mas ele roubou sua virgindade de qualquer maneira, sabendo que ela nunca teria dado-a se soubesse do iminente retorno de Melcher.

Nem era preciso muita percepção para adivinhar que um homem como David Melcher nunca aceitaria uma noiva suja. A Senhorita Abigail queria voar para Jesse DuFrayne e esmurrá-lo até ele virar polpa, gritar com raiva sobre como ela tinha sido aproveitada quando ele poderia simplesmente ter dito a verdade e David poderia ter sido dela!

Melcher viu a raiva manchando seu rosto, mas não conseguiu adivinhar o que Duffrayne, de boca suja, dissera para colocá-la ali. A Senhorita Abigail pareceu recuperar o equilíbrio, pois se virou e convidou docemente: — Por favor, entre, Sr. Melcher — e até abriu a tela para ele.

— Obrigado. — Ele entrou trazendo a bengala de seu pai, mas nesse momento Jesse abriu caminho pela porta do quarto, agarrando a calça e a arma em uma das mãos enquanto atravessava a sala de visitas.

— Seu homem chegou na cidade então? — Melcher perguntou sem expressão.

— Ele chegou aqui ontem — DuFrayne respondeu, os estremecimentos de raiva mal mantidos em cheque. — E o seu?

— Ele está esperando na estação como o telegrama afirmou que deveria.

DuFrayne acenou com a cabeça uma vez, sentindo os olhos de Abbie perfurando a parte de trás de sua cabeça numa ira reprimida e fria. Ele se virou, relaxou o maxilar o tempo suficiente para dizer rigidamente: — Adeus, Senhorita Abigail.

De repente, ela foi revisitada por todo o ódio que sentira por Jesse DuFrayne naquela outra manhã, quando suas insinuações a haviam feito perder David. Agora, pouco importava que DuFrayne estivesse indo e Melcher permanecesse, pois o homem de maneiras gentis estava novamente perdido para ela. Tão certamente quanto se Jesse DuFrayne tivesse levantado a arma, apontado e atirado contra David Melcher entre os olhos.

Jesse leu no rosto diante dele o desprezo, e suas entranhas se contorceram de culpa.

— O mesmo para você... Senhor Dufrayne!

Seus olhos perfuraram os dela por um momento antes dele virar de costas, passar por David Melcher e caminhar para a porta. Em seu rastro, as narinas de Abbie ficaram cheias do perfume angustiante de seu sabonete de barbear.

— Bem, pelo menos ele aprendeu a se dirigir a você em termos respeitosos — David notou rigidamente.

Observando Jesse mancar pela rua, ela murmurou: — Sim... sim, ele

aprendeu — embora ela desejasse gritar um último demérito com o sarcasmo agora refletido pelo termo.

David pigarreou. — Eu... Eu vim devolveu sua ben... a bengala do seu pai, Senhorita Abigail. — Quando ela não respondeu, ele repetiu: — Senhorita Abigail?

Ela se virou distraidamente, forçando sua mente para longe de Jesse DuFrayne. — Estou feliz que você veio, Sr. Melcher, eu realmente estou muito feliz. Não porque eu a queria de volta, mas porque me dá a chance de vê-lo novamente.

Ele se ruborizou ligeiramente, bastante surpreso pela franqueza dela, tão diferente da última vez que ele falou com ela. Ele pensou que detectou uma ponta de fragilidade em sua voz que ele não se lembrava de ter antes também.

— Sim, bem... eu... eu tive que voltar a Stuart's Junction para participar de uma reunião na qual tentaremos determinar quem foi o culpado pelo fiasco a bordo do trem.

Ele olhou para baixo, depois para cima. — O desconforto se foi. O mancar não.

Por fim, a velha solicitude voltou à sua voz. — Ah, eu sinto muito. Talvez com o tempo isso também desapareça.

Mas ela lembrou como o Doutor disse que ele andaria mancando pelo resto de sua vida.

— Eu vejo que você... ah... recebeu o presente que enviei — ele gaguejou.

Agora era a vez da Senhorita Abigail olhar para os pés dela. Gracioso! Ela pensou, Eu tinha que estar com essas coisas justo quando ele chegasse!

— Eles são ainda mais adoráveis em seus pés do que fora — Melcher disse, completamente inconsciente da inaceitabilidade do sapato, e ela não teve coração para esmagar seu orgulho.

— Eles se encaixam perfeitamente — disse ela, sinceramente, levantando a saia alguns centímetros e flexionando os dedos do pé dentro do sapato flexível. — Eu queria agradecer a você, mas eu não tinha nenhum endereço para onde eu poderia encontrá-lo. — Olhando para cima, então, viu que David Melcher estava envergonhado por quanto de seu tornozelo ela revelara. Rapidamente ela deixou cair às saias. Com que rapidez se esqueceu da educação diante de um verdadeiro cavalheiro depois de uma breve estada com um vadio como Jesse.

— Você deve perdoar minhas maneiras rudes, Sr. Melcher. Por favor, sente-se — ela insistiu, indicando o sofá e tomando uma cadeira lateral — Eu tive uma

manhã diferente e eu temo ter deixado meus modos falharem por causa disso. Por favor... por favor, sente-se. Já falamos o suficiente sobre mim. E você? Você estará novamente vendendo sapatos assim que esta reunião de hoje estiver concluída?

— Eu esperava... isso quer dizer... eu tinha pensado em passar... ah, bem, alguns dias... bem aqui em Stuart's Junction. Eu peguei um quarto no hotel e coloquei meu material lá. Eu peguei a maior remessa de calçados de todos os tempos, ela estava me esperando em Denver, pensei em ver alguns novos mercados para eles aqui e nas cidades próximas.

— Bem, nesse caso, talvez você esteja livre esta noite para me visitar e me contar o resultado da reunião de hoje. Estou mais interessada, é claro, já que tanto você quanto... — ela achou difícil dizer o nome agora — o Sr. DuFrayne estavam sob meus cuidados.

— Sim — David disse um pouco sem fôlego. — Eu... eu gostaria disso... muito. Claro que eu sei que você vai ficar ansiosa pelas... notícias.

— A cidade inteira estará, Sr. Melcher. Nada assim já aconteceu em Stuart's Junction antes e tenho certeza de que as línguas estão agitadas prontas para atacar. Quando a reunião começar, as pessoas da cidade ficarão ainda mais curiosas, tenho certeza.

Ele brincou nervosamente com os botões do colete antes de finalmente perguntar, com incontáveis clareamentos de sua garganta, — Senhorita... Senhorita Abigail, você foi... agh... você, ou melhor... a sua... agh... a sua repu... isto é, as pessoas da cidade... agh, disseram qualquer coisa...

Ela finalmente teve pena de seu senso de delicadeza excessiva. — Não, Sr. Melcher. Minha reputação não sofreu por causa de você ou do Sr. DuFrayne estarem aqui em minha casa. Acredito que é justo dizer que as pessoas desta cidade me conhecem melhor do que isso.

— Oh, é claro — ele rapidamente emendou — eu não quis dizer...

— Por favor — ela estendeu uma mão delicada em direção a ele, — não falemos em parábolas. Isso traz apenas mal-entendidos. Vamos concordar em começar de novo como os melhores dos amigos e esquecer tudo o que passou.

Mais uma vez, sua franqueza o confundiu, mas ele estendeu a mão e pegou as pontas de seus dedos estendidos por uma fração de segundo, enquanto seu rosto avermelhado dizia de novo como esse homem era muito diferente de Jesse DuFrayne.

— Até esta noite, então — ela disse suavemente.

— Sim... agh... até esta noite.

Ele pigarreou pela talvez quinquagésima vez desde que entrou em sua casa e, de repente, irritou profundamente a Senhorita Abigail.

OS INQUISITIVOS CIDADÃOS DE STUART'S JUNCTION sabiam que algo estava acontecendo quando Max chutou Ernie para fora de seu costumeiro banco na varanda da estação muito antes do 03h20 partir, declarando que a estação estava fechada para negócios oficiais de trem até novo aviso.

No calçadão, espalhava-se a notícia de que aquele sujeito Melcher, com um dedão do pé perdido por um tiro, havia se registrado no Albert's Hotel, junto com um dândi em terno de xadrez amarelo. Eles sabiam também que alguns figurões da estrada de ferro estavam na cidade desde ontem. E não era segredo que aquele que estava na casa da Srta. Abigail veio para a parte alta da cidade esta manhã e comprou aquele terno chique que todos estavam desejando na vitrine da Loja de Artigos Secos de Holmes. Quando o viram mancar pela rua, a especulação ficou pesada.

— Bem, se ele não é um ladrão de trem, o que você acha que ele é, e o que você acha que acontecer na estação?

Mas tudo o que conseguiram tirar de Max foi que um representante da R.M.R. convocara uma reunião ali.

Max espanou as cadeiras de carvalho e as reuniu em volta de uma mesa de conferência improvisada, feita de duas tábuas rústicas, equilibradas em dois barris de pregos, já que a estação era nova demais para ter uma mesa real ainda.

Diziam que os homens estavam preparados para matar. Max pegou um pedaço de uma tábua de madeira, ansioso para agradar. Sim senhor, ele pensou, parece que isso é realmente importante, seja lá o que for. Então ele pegou uma jarra e quatro taças e encheu a jarra com água do tanque gigante acima dos trilhos lá fora, onde os motores a vapor se abasteciam.

Os quatro convergiram na estação ao mesmo tempo, o quarteto parecendo uma truta arco-íris. Havia James Hudson, em um terno de cor vinho. Ele apertou a mão de Max. — Agradável e limpa a estação que você mantém aqui, Smith. — Instantaneamente ele ganhou a simpatia de Max. Jesse DuFrayne apareceu no terno azul-esverdeado, o qual mesmo Max estivera a encarar na Loja de Artigos Secos do Holmes. Quando Hudson apresentou Maxwell Smith, ele

disse: — Smith é nosso agente de estação aqui em Stuart's Junction.

DuFrayne, estendendo a mão, observou com simpatia: — Senhor Smith, o homem que se recusou a deportar-me sem uma autorização do Doutor Dougherty? Quero agradecer-lhe por isso, senhor.

Embora Max tenha dito: — Ah, não foi nada — ele ficou muito satisfeito e orgulhoso.

Hudson pareceu assumir a liderança em todas as apresentações e Max manteve os ouvidos abertos, aprendendo que o homem de terno xadrez amarelo era Peter Crowley, advogado de Melcher. Quando Hudson sugeriu: — Senhores, sentemos? — Max ficou aliviado. Toda essa comoção e cor durante os apertos de mãos estava deixando-o tonto. Ele nunca tinha visto tal grupo de dândis em sua vida!

James Hudson sentou-se à mesa improvisada como se fosse de mogno polido. Havia um ar de liderança sobre ele que se destacava entre os quatro — Agora, Crowley — ele começou — Eu sugiro que renunciemos às acusações e nos atemos aos fatos diretos sobre as circunstâncias que cercam os tiros. Tanto o Sr. Melcher quanto o Sr. DuFrayne obviamente sofreram alguma incapacitação devido ao incidente no trem.

— O Sr. Melcher veio aqui para discutir a responsabilidade — Crowley respondeu. Melcher assentiu. DuFrayane sentou-se como uma estátua, olhando furiosamente para ele enquanto os braços envolvidos em verdete permaneciam dobrados firmemente sobre o peito. Hudson e Crowley continuaram.

— Você quer dizer responsabilidade de ambos os lados ou apenas de um? — Hudson perguntou.

— Pelo que eu entendi, você diz que DuFrayne vê o Sr. Melcher como responsável de alguma forma?

— Bem, ele não é?

— Ele não pensa assim.

— Ele foi o único que precipitou a briga em que o Sr. DuFrayne foi baleado.

— Ele não começou isto. Ele entrou no meio disto.

— Fazendo o Sr. DuFrayne receber um tiro quase fatal.

— A partir do qual seu cliente obviamente se recuperou, de acordo com relatórios que eu tenho aqui de um... — Crowley examinou um maço de papéis diante dele — ...Dr. Cleveland Dougherty, que afirma que DuFrayne irá, com toda probabilidade, recuperar o pleno uso da perna, enquanto o Sr. Melcher, sem dúvida, andará mancando pelo resto de sua vida.

— Pelo qual o Sr. Melcher supostamente sente que tem direito a algum tipo de acordo?

— De fato. — Crowley se recostou na cadeira.

— Querendo quanto? — Hudson perguntou, juntando as pontas dos dedos.

— O Sr. Melcher estava a bordo de um vagão do R.M.R. quando foi baleado. Os donos da linha férrea não devem ser responsabilizados?

Mais agudamente desta vez, Hudson perguntou: — Querendo quanto, eu perguntei, Sr. Crowley?

— Devemos dizer... dez mil dólares?

Então todo inferno desabou. DuFrayne ficou de pé como uma pantera, olhando para Melcher com olhos ferozes. — Não daremos dez mil, seu fingido pequeno parasita! — ele gritou.

— Parasita! — O abalado Melcher enfrentou-o em seu tom mais angustiado, enquanto Hudson e Crowley tentavam acalmar os dois. — Quem é o parasita aqui, eu pergunto!

— Bem, com certeza não sou eu! — DuFrayne atacou. — Você é quem está procurando por uma recompensa, pensando que a ferrovia pode pagar. Afinal de contas, as ferrovias são ricas, não são? Por que não mamar desta por tanto tempo quanto você conseguir?

— Qualquer ferrovia pode muito bem pagar essa quantia, é verdade.

— Ora, seu pequeno...

— Jess, se acalme! — Hudson pegou-o pelo braço e empurrou-o de volta para a cadeira.

— Cavalheiros, controlem-se — interveio Crowley.

— DuFrayne obviamente não sabe o significado da palavra. Ele nunca o fez! — Melcher alegou iradamente.

Crowley domou seu cliente. — Sr. Melcher, estamos aqui para discutir a responsabilidade.

— E assim nós devemos. Ele é responsável, certo, por muito mais que uma ferida física minha. E sobre as feridas que ele causou a Senhorita Abigail?

Uma fina linha branca apareceu ao redor de toda a circunferência dos lábios de DuFrayne, mas escondida na parte de cima pelo bigode, que delineou sua formidável carranca. A raiva borbulhava nele, gerada pela acusação de Melcher, mas inchada por sua própria culpa secreta sobre Abbie. Ter Melcher involuntariamente lembrando-o disso apenas aumentou seu ódio pelo homem.

— Deixe a Senhorita Abigail fora disso! — DuFrayne grunhiu.

— Sim, você gostaria disso, tenho certeza. Você foi insuportável com ela e provavelmente gostaria de não ser lembrado exatamente do quão insuportável!

Confuso, James Hudson falou. — Senhorita Abigail? Você quer dizer a Senhorita Abigail McKenzie? Eu não posso ver o possível rumo que ela poderia ter em nada disso.

— Nem eu — concordou Crowley. — Sr. Melcher, por favor...

— Nenhuma quantia de dinheiro pode expiar seu tratamento com ela — disse Melcher.

— A Senhorita Abigail já foi recompensada por sua ajuda — assegurou-lhe Hudson. — O Sr. DuFrayne cuidou disso.

— Oh, sim, eu vi exatamente como DuFrayne a pagou por tudo o que ela fez. Ele a forço...

Novamente DuFrayne ficou de pé. — Deixe Abbie fora disso, seu pequeno insignificante, ou então Deus me ajude...

— Maldição, Jess, sente-se! — Hudson finalmente perdeu a paciência. Mas em sua raiva, Jesse usara o familiar primeiro nome da mulher. Max notou com grande interesse. Quando as coisas esfriaram um pouco, Hudson colocou as dez pontas dos dedos na tábua de pinho e falou com cuidado. — Parece que vocês dois estão pegando ossos que não têm nada a ver com o assunto em questão. Agora, vocês pediram a vinda do Sr. Crowley e a minha aqui como seus árbitros. Vocês nos permitirão arbitrar ou deixaremos vocês dois lidarem consigo mesmos? — Uma pausa, então — Sr. Crowley, suponhamos que o Sr. DuFrayne concorde com um acordo sobre Melcher, que consideração ele receberia em troca?

— Temo que você me confunde, senhor. Não achei que fosse decisão de DuFrayne. Pensei que você falasse pela ferrovia nessa questão.

Hudson limpou a mesa dos dedos e olhou para Jesse.

— Jess? — ele perguntou baixinho. Todos os olhos no local pousaram em DuFrayne.

— Não.

— Está na hora, Jess. Você quer pagar dez mil por nada?

Mas DuFrayne apertou os lábios com força e pensou enquanto os dois árbitros continuavam discutindo. O rosto moreno de Jesse era ilegível, embora Melcher o perfurasse com olhos cheios de ódio. Preocupado com a culpa da noite anterior e com a raiva por Melcher tentar espremer cada centavo que pudesse conseguir, Jesse foi atormentado por uma ideia que não iria desistir. E se

eles dessem dinheiro suficiente ao abutre para estabelecê-lo na vida?

E se eles deixassem o maldito tolo tão rico que ele poderia se estabelecer em um lugar e vender sapatos até o inferno congelar? E se eles o fizessem confortável e aconchegante aqui mesmo, onde tudo o que ele precisaria agora era uma mulher com quem se contentar? Por mais desagradável que fosse, pelo menos pouparia a consciência de Jesse DuFrayne sobre a noite anterior.

Se ele pudesse providenciar aquilo, Abbie terminaria com tudo o que ela precisava ou desejava — aquele vendedor de sapatos com cara de ovelha, os meios para montar um negócio substancial e dinheiro suficiente para manter os dois em pelica vermelha pelo resto de suas vidas sem brilho! DuFrayne novamente imaginou o rosto de Abbie quando ela o procurou na noite anterior, dizendo: "David Melcher se foi e ele nunca mais voltará. Você é minha última chance, Jesse".

Vislumbres do que se seguiu pincelaram a mente de Jesse. Ela era uma mulher com muito fogo para ser desperdiçada com um tipo como Melcher, mas provavelmente estava certa ao supor que Stuart's Junction não oferecia alternativas melhores. Melhor que ela tivesse Melcher para fazer algumas faíscas do que queimar para ninguém. Ele saiu de suas ruminações e pegou o fio da discussão ainda em curso.

— ...dificilmente acha que a sentença de vida como um aleijado parcial seria considerada algo se isso fosse levado à corte, não é? Você deve considerar o fato também de que o Sr. Melcher achava que estava defendendo a ferrovia contra o que ele considerava um ladrão armado. — O tom de Crowley soou um pouco presunçoso e, finalmente, Hudson perdeu a paciência.

— Sr. Crowley — ele refutou impacientemente — eu quero fazer algo direito para o registro. Estou cansado do nome de DuFrayne ser usado como se ele fosse um ladrão de trem quando é a acusação mais absurda do mundo! Agora eu pergunto a você, por que alguém iria querer roubar seu próprio trem?

— Jim! — DuFrayne latiu, mas seu amigo lhe deu pouca atenção.

— Sim, você me ouviu corretamente. Vejam, senhores, Jesse DuFrayne é um grande acionista de ações da R.M.R. Em outras palavras, ele é dono da ferrovia que ele é acusado de roubar.

Em seu canto, Max se sentou como uma esperança com asas paradas. Crowley parecia estar tentando cuspir um ovo de ganso preso em sua garganta. Melcher parecia que estava tentando engolir um. DuFrayne ficou sentado como uma pedra, de frente para a janela, olhando para o céu azul do outro lado, onde

uma ponta do tanque d'água aparecia. Hudson esperou que o feitiço tivesse efeito total. Melcher foi o primeiro a falar.

— Se você acha que isso muda o que você deve à Srta. Abigail, não muda. Você ser um grande dono da estrada de ferro não desculpa suas ações com ela. Você pode ser inocente de roubar aquele trem, mas em relação a ela, você é culpado das violações mais grosseiramente imperdoáveis de con...

— Pague-o! — Jesse falou com dureza, tentando calar o homem, pois agora Jesse se dava conta do agente da estação, olhando boquiaberto como um falcão de seu canto. O homem tinha ouvidos e não demorou muito para ouvir tudo o que estava sendo dito no local.

— Agora espere um minuto, Jess...

— Eu disse que pague, Jim, e estou falando sério — gritou DuFrayne.

Melcher não podia acreditar em seus ouvidos. Apenas um momento atrás ele teria jurado que todas as chances de ganho monetário eram nulas, percebendo quão completamente ele julgara mal as intenções de DuFrayne a bordo daquele trem. Ainda assim, ele não conseguiu segurar a língua.

— O dinheiro da consciência é tão esp...

— E você cale a boca, homenzinho, se você quiser tanto quanto um centavo de mim! — Jesse cuspiu, pondo-se de pé, apontando um dedo. — Jim, apenas faça o que eu digo.

— Agora espere um minuto, Jess, a ferrovia é parcialmente minha. Eu quero alguma satisfação sobre isso antes de entregarmos a ele o que ele quer.

De repente, DuFrayne se virou. O arranhão de pernas de cadeira fez Melcher se contorcer atrás da mesa.

— Eu quero falar com você lá fora, Jim.— DuFrayne estava alheio aos olhares curiosos do outro lado da rua.

Ele ficou de pé, furioso, na varanda da estação, com os polegares enfiados nos bolsos do colete, os olhos semicerrados para as panelas douradas penduradas à mostra diante de uma loja do outro lado da rua.

— Jess, eu tive que dizer a eles sobre nossa parceria — Hudson explicou.

— Tudo bem, Jim, estava fadado a ser descoberto mais cedo ou mais tarde. Eu só não queria que Abbie descobrisse antes de eu sair da cidade, só isso.

— Há algo acontecendo aqui que eu não entendo e talvez não seja da minha conta, mas eu só quero que você pense no que está fazendo antes de tomar decisões precipitadas sobre entregar o que aquela sanguessuga quer.

— Eu estive considerando isso e minha decisão está feita.

— Você tem certeza?

— Com várias estipulações, e com o entendimento de que o dinheiro pago a Melcher é apenas do meu ganho, não do seu.

Eles conversaram em voz baixa por vários minutos, depois entraram novamente na estação e tomaram seus lugares diante da mesa improvisada.

— Sr. Crowley — Hudson se dirigiu ao homem, em vez de ao seu cliente — se a ferrovia concordar em imbuir o Sr. Melcher de dez mil por danos, nós por sua vez exigiremos que certas estipulações sejam cumpridas por ele. Primeiro, Melcher emitirá uma declaração para o jornal local no sentido de que a ferrovia não foi de forma alguma responsável por este incidente devido ao fato de que o Sr. DuFrayne estava carregando uma arma, mas apenas declarando que seu cliente esteve a bordo de um de nossos vagões quando ele foi baleado. A declaração não deve, de modo algum, denegrir o nome de DuFrayne ou da Srta. Abigail McKenzie, mas deve explicitamente deixar claro que o Sr. DuFrayne não estava roubando o trem, mas que Melcher julgou mal as intenções de DuFrayne na época. Ele pode indicar que agiu pelo que achava que era o bem dos passageiros, se quiser, mas essa é a única defesa que ele deve dar para suas ações.

"Nossa segunda estipulação é que o Sr. Melcher invista nada menos que dois terços desse dinheiro em um negócio ou subsistência situado em Stuart's Junction. Ele pode escolher qualquer tipo de empreendimento que desejar, mas deve ser nesta cidade e ele não poderá ser vendido dentro dos próximos cinco anos.

"A terceira estipulação é que o Sr. Melcher, pessoalmente, nunca mais ande a bordo de um trem da RMR. Ele pode, é claro, usar a ferrovia para promover seu negócio transportando mercadorias, mas ele nunca mais pisará em um de nossos vagões.

"Nós queremos que estes termos sejam validados por escrito e autenticados, e é claro que haverá uma inclusão declarando que se algum destes termos não forem cumpridos, o Sr. Melcher estará sujeito a pagar a R.M.R. o valor total de dez mil dólares sob demanda."

Crowley levantou uma sobrancelha silenciosa e inquiridora para Melcher, que ainda se debatia com a onda de choque.

DuFrayne não foi apenas vindicado da tentativa de assalto, ele era rico o suficiente e poderoso o suficiente para dar o último aceno a um acordo de dez mil dólares do que, em retrospecto, era seu própria capital! O fato fez o rosto de Melcher flamejar e suas mãos tremerem. Ele claramente não entendia as razões

do homem para estipular que o dinheiro fosse investido em Stuart's Junction, mas ele certamente não estava prestes a perguntar. Era suficientemente espantoso sujeitar-se à supremacia auto-satisfeita do homem sem ser submetido ao seu raciocínio, o que poderia ser tão irritante quanto o fato de que ele estava emitindo ultimatos em primeiro lugar.

— Eu vou concordar — declarou Melcher categoricamente — mas com uma condição minha; — Qual? — Hudson perguntou.

— Que DuFrayne peç... peça desculpas a Senhorita Mc... McKenzie.

— Você foi longe demais, Melcher! — DuFrayne advertiu tempestuosamente, seu rosto agora lívido. — Qualquer animosidade entre a Srta. McKenzie e eu não tem relação com essa negociação e, além disso, não é da sua conta!

— Você fez ser da minha conta, senhor, uma manhã, quando você tomou liberdades grosseiras no quarto dela diante dos meus olhos!

— Suficiente! — rugiu DuFrayne, enquanto Max quase engolia a língua. O homem grande levantou-se, batendo na mesa e quase derrubando-a, fazendo o jarro de água se inclinar precariamente, taças oscilando. Um rodou e finalmente se inclinou, lançando um jato de água sobre a borda da mesa no colo de Melcher, enquanto DuFrayne, com os pés separados, olhava venenosamente, cerrando os punhos. — Nossas diferenças estão resolvidas, as de Abbie e as minhas, então não diga mais nada sobre ela, está ouvindo? Você pode pegar seus dez mil em dinheiro de sangue ou dinheiro do pé ou o que você quiser chamar e viver em esplendor pelo resto de seus dias, ou você pode me ver sair daqui com o controle dele ainda no bolso e nunca mais me ver! Agora, qual será?

Melcher olhou para o bigode preto, visualizando novamente aquele forte corpo nu que tanto insultou a ele e a Senhorita Abigail, desejando fervorosamente que a bala tivesse atingido a anatomia de DuFrayne a cerca de dez centímetros à esquerda de onde ela ficou! Mas se ele expressasse seu pensamento, ele perderia dez mil dólares do próprio lucro do diabo. Nem duvidava que DuFrayne quis dizer aquilo quando disse mais uma palavra e David veria suas costas, mas não seu dinheiro. E assim David mordeu a língua, não ousando insistir novamente no pedido de desculpas que tanto desejava para a Senhorita Abigail. O pomo de Adão estava inchado onde seu orgulho estava preso em sua garganta. Mas ele apenas assentiu com a cabeça.

— Muito bem. Vou dar aos jornais apenas as respostas que você quer, mas nunca mais volte a Stuart's Junction, DuFrayne. Você não tem motivo para isso.

— Ambos sabiam que ele aludia a Abigail McKenzie, mas DuFrayne cuidadosamente deu uma última réplica a Melcher.

— Você está esquecendo, Melcher, que eu possuo propriedade aqui, algumas das quais você está em pé neste exato minuto. Não me diga onde eu posso e não posso ir... em interesses comerciais, é claro — ele terminou sarcasticamente, com uma sobrancelha arqueada.

Hudson interveio: — Parece haver pouco mais a ser dito aqui — tentando atenuar a animosidade entre os dois e acabar com o processo antes que eles começassem a se socar. — Sr. Crowley, se você permanecer por mais tempo, podemos redigir o acordo, verificá-lo antes de eu sair da cidade, e vermos como mandar um cheque bancário para o Sr. Melcher dentro de três dias em qualquer destino que ele dite. Você entende que o Sr. DuFrayne terá que liberar essa quantia pessoalmente de suas contas em Denver.

— Sim, eu entendo. Se isso for bom para o Sr. Melcher, isso é bom para mim.

Melcher permaneceu rígido.

Quando as coisas terminaram, Hudson e DuFrayne saíram para o calor do meio-dia árido, o que não ajudou em nada o temperamento de Jesse.

— O que diabos está errado com você, Jess? — Hudson pegou o cotovelo do amigo como se para esfriar seu temperamento. — Eu nunca vi você tão defensivo e beligerante por uma mulher antes.

— Mulher, inferno! Eu acabei de assinar a entrega de mais de dez mil dos meus suados dólares àquele verme lá dentro! Como diabos você se sentiria?

— Agora espere, Jess. Foi você quem disse para dar a ele, e eu pensei na hora que era tanto para calá-lo quanto por qualquer outro motivo. Afinal, o que aconteceu na casa da Srta. McKenzie?

Os olhos de Jesse se moveram para a empena da casa de Abbie, visível além da fachada falsa da loja de selas e arreios. Seu olhar foi mecânico, os lábios tensos quando ele respondeu: — Você tem uma mente inquisitiva, Jim, e eu tenho um temperamento. E é por isso que você cuida do negócio e eu faço o trabalho de campo. Vamos apenas manter assim, apenas reservar suas inquisições para os tipos como Melcher, está bem velho amigo?

— Tudo bem... como você quiser. Mas se você está disposto a preservar a reputação da Srta. McKenzie, que tal o agente da estação com sua orelha erguida e olhos esbugalhados? Eu não sei o que aquela observação significava, sobre suas liberdades no quarto da dama em questão, mas poderia vir a ter todos os tipos de

ramificações inesperadas, uma vez que rolar para fora da língua do nosso agente da estação. Devo entrar e suborná-lo ou você vai?

— Porra, Jim, eu não levei o suficiente abuso de Melcher para você adicionar mais?

Mas Hudson entendeu a frustração de seu amigo, assim sua bronca foi tomada como um grão de sal. Mas havia algo comendo Jess que ele não estava deixando transparecer. Hudson não pôde deixar de se perguntar exatamente o que era.

— Apenas tentando ser prático — acrescentou Hudson.

— Bem, você vai lá dentro e seja prático da maneira que achar melhor. Eu já perdi o suficiente... praticidade por um dia.

Eles fizeram arranjos para se encontrarem no hotel pouco antes da hora do trem, então Hudson voltou à estação enquanto DuFrayne ia para o salão local, para ser olhado por todos no lugar, exceto Ernie Turner, que estava dormindo com a cabeça no lugar de uma poça de suor do copo de cerveja.

XVII

DA JANELA DO SEGUNDO ANDAR EM SEU QUARTO DE hotel na Main Street, David Melcher observou Hudson e DuFrayne embarcarem no 3:20. Ele tinha feito como prometido, tinha dado ao jornal apenas a informação acordada, mas incomodava Melcher impiedosamente ter que dourar DuFrayne de qualquer forma. Iria irritá-lo ainda mais acidentalmente encontrar DuFrayne na casa da Senhorita Abigail novamente, assim ele esperou até que DuFrayne estivesse seguramente a bordo do trem e tivesse saído da cidade.

Então, e só então, David Melcher permitiu que sua vitória o dominasse, para fazê-lo sorrir diante de suas possibilidades ilimitadas. O pensamento de possuir dez mil dólares o deixava exultante, e ele cantarolou enquanto trocava de roupa e penteava o cabelo, pensando no repentino futuro rosado à sua frente. Quando chegou à porta da Srta. Abigail, ele estava radiante como o farol de um motor da R.M.R.

— Ora, Sr. Melcher, chegou cedo! — ela disse quando o viu lá. Mas ela ficou aliviada por ter a companhia dele, pois as últimas cinco horas foram as mais longas de sua vida. Sua imaginação não só tinha muitas cenas da reunião na estação, como ela também teve que permitir que ela seguisse seu curso com visões de Jesse embarcando no 3:20, que ela não podia ver de sua casa, e saindo de Stuart's Junction naquele traje deslumbrante, com seu simpático amigo, James Hudson, para os dois nunca mais voltarem. Quando o apito a vapor elevou o volume de branco acima dos telhados e suspirou o grito de partida, ela cruzou os braços firmemente sobre o peito e pensou: Bom. Ele está saindo da minha vida para sempre. Mas quando o último barulho de rodas morreu no silêncio do verão, ela se sentiu repentinamente desolada e solitária.

Ter David Melcher chegando, com sua expressão alegre, era exatamente o que ela precisava para afugentar os pensamentos remanescentes de Jesse DuFrayne. De pé agora no degrau da varanda, David tinha um olhar quase melancólico, suas bochechas rosadas desabrochando em um sorriso de menino, quase como se ele quisesse achatar o nariz contra a tela, deliciado. Ela soube imediatamente que a decisão na estação devia ter ido a seu favor.

— E o que trouxe tal olhar de júbilo ao seu rosto? — A Senhorita Abigail perguntou.

Por um momento ele se esqueceu dos modos e perguntou: — Posso entrar? — Tendo a porta aberta antes que ela pudesse dar permissão ou abrir para ele. — Sim, estou adiantado e, sim, estou exultante e você consegue adivinhar por que, Senhorita Abigail?

Ela não pôde deixar de sorrir com ele. — Bem, eu acho que os resultados da reunião se encontraram com a sua aprovação, mas... meu Deus, Sr. Melcher... você está quase dançando. Sente-se.

Ele empoleirou-se na beira do sofá, depois voltou a se levantar como um boneco de molas.

— Senhorita Abigail, espero que você ainda esteja usando aqueles sapatos vermelhos, porque eu quero levar você para jantar para comemorar.

— Para comemorar?... Sair para jantar?... Ora... por que, Sr. Melcher? — Ela nunca havia sido levada para jantar em sua vida.

Ele agiu impulsivamente ainda mais e apertou as duas mãos dela e, olhando para o rosto espantado, disse: — Por nossa vitória é claro. A estrada de ferro concordou em me pagar dez mil dólares por danos.

Por um momento ela não conseguiu falar de tão aturdida. Seu queixo caiu tanto que sua gola alta mordeu seu pescoço. — Dez... mil... dólares? — ela repetiu incrédula, depois se deixou cair em uma cadeira.

— Exatamente! — Ele sorriu para ela por mais um momento, depois pareceu lembrar-se de seus modos e soltou suas mãos para sentar-se no sofá novamente.

— Nossa, que admirável generosidade — ela disse sem jeito, imaginando James Hudson novamente, e o cheque de mil dólares que ele tinha deixado no assento do suporte de sombrinha.

David Melcher sabia que deveria contar a ela agora que DuFrayne era sócio da ferrovia, mas não queria que nada estragasse a noite deles juntos.

— Diga que você vai me permitir levá-la esta noite para comemorar comigo. Eu considero isso como nossa vitória, a sua e a minha juntas. Parece certo que devemos comemorá-la com uma noite na cidade.

— Mas é sua compensação, não minha.

— Senhorita Abigail, eu não me importo de lançar sombras sobre a alegria do momento, mas considerando as circunstâncias em que nos encontramos, eu me sinto, digamos, um pouco responsável por você pelas indignidades que você

sofreu nas mãos daquele vilão, DuFrayne. Me senti impotente para compensar isso de alguma forma. Agora, sair vencedor nesta disputa parece que de alguma forma o trouxemos para a baia finalmente. Não só pelo que ele fez comigo, mas pelo que ele fez com você também.

Ela estudou o homem empoleirado na beira de seu sofá. Ele falava com tanta seriedade, querendo ser seu defensor, que de repente ela foi tomada pela culpa de que ele ainda a considerasse uma dama perfeita, digna de seu cavalheirismo. Ela também sentia uma completa desesperança, porque não podia desfazer o que ela e Jesse DuFrayne haviam feito juntos. Como desejava que aquilo nunca tivesse acontecido, que ela pudesse honestamente merecer o cortejo e admiração de David Melcher. Ela tocou a mão na gola alta e desviou o olhar.

— Oh, Sr. Melcher, estou realmente comovida, mas acho que seria melhor para mim não celebrar sua vitória. Deixe-me apenas parabenizá-lo e manter os sapatos como seu agradecimento.

Desapontamento cobriu seu rosto. — Você nem vai me deixar comprar o jantar para você?

Mas o relacionamento deles não tinha futuro agora. Ela se levantou da cadeira e caminhou até a escrivaninha e fingiu que um aglomerado de papéis precisava ser endireitado. De costas para ele, ela respondeu: — Eu simplesmente acho que é melhor você não fazer isso.

David Melcher engoliu em seco, depois gaguejou: — É... é que você n... não pode me perdoar pelo que eu te... te acusei, naquela... ter ... r... rível manhã, quando eu saí daqui?

— Oh não! — Ela se virou para encará-lo, um olhar implorante em seu rosto. — Isso está tudo esquecido, por favor, acredite em mim, Dav... Sr. Melcher.

Mas ele a ouviu escorregar. Ele se levantou, reuniu sua coragem e se aproximou dela. Aturdida, ela se virou para a mesa novamente.

— Então pr... pr... prove — ele finalmente conseguiu dizer.

Ela se virou para olhar por cima do ombro para ele, uma mão ainda arrastando na mesa.

— Provar? — ela repetiu.

— Ven... venha jantar comigo... e pr... prove que tudo até agora... f... f... foi esquecido.

Novamente ela tocou a renda em sua garganta, uma expressão jovial suavizando suas feições. Ah, como ela queria ir jantar com um bom cavalheiro

como ele, pela primeira vez em sua vida. Ela queria a alegria e o descuido que sua juventude nunca provara, o charme e a companhia de um homem ao seu lado.

Ela queria compartilhar os interesses mútuos que ela sabia que os dois eram capazes de compartilhar.

Ele ainda esperava por sua resposta, o convite aceso em seus olhos castanhos.

Recriminações brotaram em sua mente. Se fosse ontem. Se eu não tivesse feito o que fiz com o Jesse. Se apenas... se apenas. A raiva a tocou também. Maldito seja, Jesse, por que você não me disse que ele voltaria?

Ela sabia que deveria recusar, mas no final o convite de David foi muito tentador. O que vai doer se eu passar uma noite com ele, apenas uma? Ele, também, está aqui hoje e vai amanhã, então que mal pode vir de uma única noite em sua companhia?

— O jantar parece bom — ela declarou, já se sentindo culpada por aceitar.

— Então você vem? — Ele novamente pareceu jubiloso.

— Eu irei.

— E você vai usar os sapatos vermelhos?

Oh céus! Ela pensou, sentindo-se corada. Mas não havia maneira graciosa de sair disso agora, pois ele estava totalmente inconsciente da exuberância dos sapatos. Mas então, como se em resposta a seu desconforto, veio à voz depreciativa de Jesse, enquanto ela se lembrava dele advertindo: "Não se faça de boba desfilando pela rua principal nesses malditos sapatos vermelhos!" E assim, timidamente, ela os deixou, rezando por todo o caminho que nenhuma das pessoas da cidade os notasse em seus pés. Mas ela teria dado aquele depósito bancário de mil dólares se o próprio Jesse DuFrayne pudesse vê-la usando-os para ir jantar com David Melcher, a mão enluvada na dobra do braço dele enquanto caminhavam pelo calçadão. Nenhuma alma na cidade poderia criticar seu comportamento. Na manhã seguinte, todos em Stuart's Junction sabiam exatamente o quão educado David Melcher fora e como a Srta. Abigail fora elegante e refinada. Eles também sabiam o que o casal havia pedido e exatamente quanto tempo ficaram e quantas vezes sorriram um para o outro. Mas eles tinham ouvido direto da boca de Louis Culpepper como a Senhorita Abigail apareceu usando sapatos vermelhos. Vermelho! Eles devem ter sido um presente de Melcher, porque parecia que ele era um vendedor de sapatos do leste em algum lugar.

Imagine isso! Disseram todos, a Senhorita Abigail, andando com um vendedor de sapatos, e um do leste ainda por cima. E fazendo isso como se fosse

o dia vinte cinco de dezembro em sapatos vermelhos que o homem havia dado a ela depois de dormir em sua casa!

— Que noite memorável — disse a Srta. Abigail enquanto caminhavam de volta à sua casa depois do jantar. No mais lento passo que ela já havia voltado da cidade. — Como posso te agradecer?

Ele mancou ao lado dela a cada passo que dava, ela podia sentir o engate de seu passo puxando levemente a mão com a qual ela segurava seu cotovelo.

— Ao não me recusar na próxima vez que eu te perguntar.

Ela controlou o desejo de virar os olhos assustados para ele. — Da próxima vez? Você não vai sair de Stuart's Junction em breve?

— Não, eu não vou. Como eu disse anteriormente, eu tenho um grande estoque de sapatos para vender e eu pretendo abordar alguns comerciantes locais na esperança de que eles atuem como pontos de venda para nós. Além disso, a ferrovia estará enviando meu dinheiro para Stuart's Junction, então terei que esperar aqui até que chegue.

Mais uma vez ela controlou o desejo de perguntar quantos dias levaria.

Ele se absteve de dizer a ela que estava sendo forçado a investir a maior parte do dinheiro do acordo aqui, porque ele pareceria como o fantoche de DuFrayne, e o fato irritava David. David queria que ela acreditasse que a decisão de ficar e se estabelecer ali era sua, o que provavelmente teria sido se isso tivesse sido deixado a cargo dele.

— Quantos... quantos dias você acha que vai demorar? — ela finalmente perguntou.

— Três dias, talvez.

Três dias, ela pensou. Oh gloriosos três dias! Que mal pode acontecer em desfrutar de sua companhia por três dias? Eles são tudo que eu vou ter, e então ele vai embora para sempre.

— Nesse caso, não vou recusar nada enquanto você estiver aqui — disse ela, e sentiu-o apertar o cotovelo em volta da mão enluvada e colocá-lo contra as costelas.

— Senhorita Abigail, você não vai se arrepender — ele prometeu.

Mas no fundo a Srta. Abigail já estava, pois esta noite fora tão maravilhosa. E porque o coração dela saltou quando ele colocou a mão dela contra as costelas dele.

— Diga-me que coisas grandiosas você pretende fazer com esse dinheiro quando ele chegar — disse ela, para distrair seus pensamentos.

— Eu não tinha pensado muito sobre isso. É o suficiente por enquanto só sentir a sensação de liberdade que isso traz. Eu nunca estive desprovido, mas nunca tive uma segurança como essa também.

Eles estavam quase na casa dela, os passos mais lentos do que nunca.

— É estranho, não é — ela perguntou — que o mesmo tipo de coisa me aconteceu por causa de tudo isso? Eu lhe disse que a ferrovia me pagou mil dólares pelo meu cuidado com você e... e o Sr. DuFrayne?

Era terrivelmente difícil dizer o nome dele agora, e quando ela o fez, sentiu o braço de David tenso, mas continuou. — Isso me traz uma sensação de segurança também. Temporária, claro, mas segurança mesmo assim.

David Melcher certamente não a invejava pelos mil dólares, apenas pelo fato de DuFrayne ter sido o único que pagou e era rico o suficiente para fazê-lo tão facilmente.

Mas ele submergiu sua irritação e perguntou: — Como isso aconteceu?

— O Sr. Hudson veio aqui e deixou um cheque bancário para mim. Ele parece estar em uma posição de autoridade na estrada de ferro. Ele é o dono?

David engoliu em seco, ainda relutante em lhe dizer que DuFrayne era o outro proprietário — Sim — ele respondeu com firmeza.

— Você mereceu cada centavo que ele pagou a você, tenho certeza.

Então eles chegaram à sua varanda e ela perguntou: — Você gostaria de sentar um pouco? Seu pé provavelmente está cansado.

— Não... quero dizer sim... quero dizer, meu p... pé está b... bem, mas eu gostaria de sentar um pouco de qualquer maneira.

Ela olhou para o par de cadeiras de vime, mas o encaminhou para o balanço, justificando sua escolha, reiterando em silêncio o pouco tempo que eles tinham juntos.

Quando ela se sentou, David perguntou educadamente antes de sentar: — Posso?

Ela puxou a saia para o lado e abriu espaço enquanto ele se acomodava bem rigidamente ao lado dela, certificando-se de que a manga do casaco dele não a tocasse. Havia sons noturnos inquietos ao redor deles — de insetos, o piano do saloom, folhas agitando-se na brisa fraca.

Ele limpou a garganta.

Ela suspirou.

— Há algo errado? — ele perguntou.

— Errado? Não... não, tudo está... está maravilhoso. — E de fato deveria ter

estado. Ele tinha seu dinheiro, ela tinha o dela, ele a levara para jantar, ela finalmente se livrara de Jesse DuFrayne.

Ele limpou a garganta. — Você parece... dif... diferente às... vezes.

Ela não tinha percebido isso. Ela teria que ter mais cuidado.

— É só que eu não estou acostumada a tudo sair tão bem. Tudo aconteceu tão rápido. E eu tenho certeza que você adivinhou que eu não recebo convites para jantar todas as noites. Eu ainda estava pensando em quão agradável foi.

— Foi... — Ele limpou a garganta mais uma vez. — Foi para mim também. Eu pensei nisso tudo... depois que eu saí de Stu... Stuart's Junction, sobre como eu queria voltar e levá-la para jantar. — Aqui ele limpou a garganta mais uma vez. — E agora aqui estamos nós.

Sim, como dois medrosos, ela pensou, surpreendendo-se, desejando que ele colocasse seu braço ao longo da parte de trás do balanço como Jesse tinha feito. Mas ele não era Jesse, e ela não tinha nenhum motivo para desejar que David agisse remotamente como ele! Ainda assim ela ficou mais desapontada enquanto os minutos passavam e David permanecia sentado como um boneco ao lado dela. Sua atitude pareceu subitamente pueril. Ela se perguntou se poderia amolecê-lo um pouco.

— Este foi o lugar onde eu estava quando abri o pacote com os sapatos.

— Bem aqui? No balanço?

— Sim. O Sr. Binley os trouxe da estação. Lembra-se do Sr. Binley... aquele que ajudou você a entrar na minha casa naquela primeira manhã?

— Ele seria o alto e magro que eles chamavam de Bones?

— O próprio. Ele parecia fascinado pelo fato de eu ter recebido um pacote. Tenho certeza de que ele esperava que eu abrisse-o na frente dele.

— Mas você não fez?

— Certamente que não. Eu sentei e trouxe o pacote aqui no balanço depois que ele se foi e abri tudo sozinha.

— E o que você... ahem! — essa era a garganta dele de novo — achou?

— Ora, fiquei espantada, Sr. Melcher, simplesmente espantada. Eu não acho que outra mulher nesta cidade possua um par de sapatos vermelhos. — Isso era verdade!

— Bem, elas vão em pouco tempo, porque eu tenho outros no meu estoque. Vermelho é a tendência que vem, você sabe.

Ela simplesmente não tinha coragem de dizer a ele seus verdadeiros sentimentos sobre os sapatos. Ele só teria que descobrir por si mesmo quando

seu estoque de sapatos vermelhos não vendesse. Ali no oeste, uma mulher séria e trabalhadora queria sapatos marrons e negros robustos, mas ele, como tantas pessoas que trabalhavam com vendas, estava convencido de que o que ele vendia era o melhor e não via nenhuma falha nisso.

— Você teria preferido outra cor? — ele perguntou agora.

Ela mentiu. — Oh, não! Claro que não! Eu amo estes! — Quando ela se tornou tão loquaz em mentir?

Ele mais uma vez limpou a garganta. Colocou as mãos sobre os joelhos e olhou para frente. — Senhorita Abigail, quando me aproximei de sua porta hoje, ouvi claramente você e DuFrayne discutindo sobre os sapatos.

— Nós estávamos — ela admitiu francamente.

— Por quê? — ele perguntou, surpreendendo-se com sua própria audácia. Mas onde seus produtos estavam em causa, ele tinha espinha.

— Ele não gostou deles.

— Bom! — ele exclamou, sentindo-se subitamente muito satisfeito consigo mesmo. Era talvez a coisa mais romântica que ele tinha dito naquela noite, mas ela estava muito ocupada se preocupando com o que mais ele ouvira esta manhã para notar a expressão de satisfação de David.

Seu coração bateu com força quando ela reuniu coragem e perguntou: — O que mais você ouviu?

— Nada. Apenas sua observação sobre os sapatos.

Ela escondeu um suspiro, mas ficou muito aliviada.

David olhou para ela subitamente e disse: — Ele se foi agora e nós dois podemos esquecê-lo.

— Sim — ela concordou. Mas havia uma sensação doentia na boca do seu estômago e ela não conseguia encontrar os olhos de David, sabendo que, enquanto vivesse, jamais esqueceria Jesse DuFrayne. Ela tentou aliviar a atmosfera, sugerindo: — Vamos falar de coisas mais agradáveis. Diga-me como é no leste.

— Você nunca esteve lá?

— Não. Eu nunca fui mais longe do que Denver, e eu estive lá apenas duas vezes, ambas às vezes quando criança.

— O leste... — Ele parou momentaneamente e ruminou. — Bem, o leste tem absolutamente tudo o que se pode querer comprar. Fábricas em todos os lugares produzem tudo, especialmente desde que a guerra acabou. As mais recentes inovações e as maiores invenções. Você sabia que um homem chamado

Lyman Blake em Massachusetts inventou uma máquina para costurar solas em sapatos?

— Não, eu não sabia, mas acho que devo agradecê-lo por sua gloriosa invenção. — A Senhorita Abigail percebeu que estava entediada até a morte por essa conversa.

— O leste tem todos os avanços modernos promissores, incluindo as mulheres sufragistas expressando suas ideias absurdas e encorajando atividades tão estranhas como o jogo de tênis para mulheres. Nem tudo no leste é apropriado — concluiu, deixando claro o que ele pensava de mulheres jogando tênis.

— Eu já ouvi falar da Associação de Sufrágio da Sra. Stanton, é claro, mas o que é tênis?

— Absolutamente nada para você, Senhorita Abigail, asseguro-lhe — disse ele com desagrado. — Ora, é a mais... a brincadeira mais grosseira que a França já inventou! As mulheres realmente correndo e... e suando e batendo nas bolas com essas raquetes de corda.

— Soa como o jogo índio de lacrosse.

— Pode-se esperar tal comportamento de um selvagem incivilizado, mas as mulheres do leste deveriam saber melhor do que usar bainhas encurtadas e mangas encurtadas e se portarem como... bem, é vergonhoso! Elas perderam o senso de decência. Algumas delas até mesmo bebem! Prefiro muito mais vocês, mulheres do oeste, que ainda se conformam com as velhas graças sociais, e, prefiro investir meu dinheiro em um local assim. Deixe as ideias arrivistas para o leste, onde elas pertencem.

Ele mal havia gaguejado durante toda aquela longa diatribe.

Ela percebeu que ele estava muito indignado com o assunto. A Senhorita Abigail estava ali sentada no balanço da varanda, balançando-se em silêncio e, de repente, viu-se comparando as opiniões de David Melcher às de Jesse DuFrayne nas várias ocasiões em que ele a encorajara a deixar de lado seus modos recatados e corretos. Ela se lembrou daquele dia nas colinas quando ele tirou o chapéu para ela e brincou com ela sobre não desabotoar seus punhos molhados.

Ela imaginou sua mão escura derramando champanhe e recordou a sensação que percorreu seu sangue. E então houve aquela desajeitada briga que eles tinham tido na cadeira da cozinha e de alguma forma no meio disso ele disse que gostava dela naquela velha camisa desbotada...

— ...você não concorda, Senhorita Abigail?

Ela saiu de seu devaneio ao perceber que David estava expondo as virtudes de uma mulher do oeste enquanto ela pensava sobre Jesse, comparando-o — e desfavorável ainda! — com David.

— Oh, sim — ela endireitou-se. — Eu concordo, com certeza. — Mas ela não tinha certeza de com o que estava concordando. A lembrança de Jesse sempre a distrairia tanto?

Aparentemente, ela concordara que uma hora da tarde seria um bom momento para eles se encontrarem amanhã, por isso ele estava se levantando do balanço e atravessando a varanda enquanto ela o seguia.

Ele desceu um degrau, virou-se, limpou a garganta, voltou um passo, procurou a mão dela, beijou-a rapidamente e depois recuou apressadamente.

— Boa noite, Senhorita Abigail.

— Obrigada pelo jantar, Sr. Melcher.

Por alguma razão, vendo-o desaparecer na rua, ela se viu desejando que ele não tivesse limpado a garganta daquele jeito ou se atrapalhado quando pegou a mão dela ou até mesmo beijado-a! Ela desejou que ele pudesse ter beijado sua boca, e que quando ele fizesse, ela o achasse preferível aos beijos de Jesse DuFrayne.

No interior, a casa estava completamente silenciosa.

Ela entrou sem sequer acender uma lamparina, indiferente e insatisfeita. Ela levou as costas da mão beijada aos lábios, tentando tirar algum sentimento da lembrança. David Melcher aprovou-a de todo o coração, ela tinha certeza. Ela desejou que isso fosse o suficiente por enquanto, mas a lembrança de Jesse DuFrayne contrapunha cada ação e maneirismo que David demonstrara naquela noite. Por que, mesmo ele tendo ido embora, Jesse tinha o poder de se impor a ela desse jeito? E nos momentos mais inoportunos possíveis? Em vez de deleitar-se com a aparente atração de David por ela, sua alegria foi marcada por seu interminável contraste entre os dois homens em que Jesse invariavelmente saía vencedor. Com esses dois dias tão preciosos, enquanto David permanecia, ela queria achá-lo perfeito, impecável, incontestável. Mas Jesse não a deixava. Jesse dominava tudo de todas as maneiras.

Mesmo aqui em sua casa, de onde ele tinha ido, ela se viu ouvindo sua respiração, seu bocejo, o rangido das molas da cama quando ele se virava. Talvez assumindo o antigo quarto dela pudesse exorcizá-lo.

Mas, vagando por ele, ela foi atingida por um sentimento de vazio por seu "pistoleiro". A cama estava escura e vazia. A mortalha do silêncio crescendo

impressionantemente. Ela caiu na beirada da cama, sentindo sua ausência profundamente, conhecendo uma desolação mais completa e triste do que a que sentira com a morte de seu pai.

Dobrando a cintura, de repente ela socou um pequeno punho no travesseiro que ele ocupou até recentemente, exigindo com raiva: — Saia da minha casa, Jesse DuFrayne!

Só que ele já estava fora.

Ela socou o travesseiro novamente, seu punho delicado criando um som abafado e pesado de solidão. Ele se foi, ela se desesperou. Ele se foi. Como ela poderia ter se acostumado tanto a ele que sua ausência a agrediu por sua mera vacuidade? Ela queria sua vida de volta do jeito que tinha sido antes dele entrar nela. Ela queria levar um homem como David Melcher àquela velha vida e forjar uma relação de gentileza e sensibilidade normal, em vez disso ela afundou as duas mãos nas penas macias do travesseiro de Jesse, tomando grandes punhos de sua ausência, a cabeça baixa entre seus flácidos ombros enquanto se apoiava ali na penumbra.

— Maldito seja você, Jesse! — ela gritou para o teto escuro. — Maldito seja você por ter vindo aqui!

Então ela caiu sozinha na cama dele, rolando de lado e abraçando o travesseiro contra o estômago enquanto chorava.

XVIII

DESPERTANDO NA MANHÃ SEGUINTE, ABBIE ESQUECEU que estava sozinha em casa. Ela se esticou e rolou para o outro lado, imaginando o que faria para Jesse no café da manhã. Percebendo seu erro, ela se sentou abruptamente e olhou em volta. Ela estava de volta em seu próprio quarto — sozinha.

Ela desabou de novo, estudou o teto, fechou os olhos e se repreendeu por ser sensível. A vida devia continuar. Ela poderia e iria superar Jesse DuFrayne. Mas ela abriu os olhos e se sentiu vazia.

O dia não tinha nada para inspirá-la a sair da cama.

Ela o passou tentando esfregar todo o vestígio de Jesse de seu quarto. Lavou o cheiro dele de seus lençóis, poliu as impressões digitais da cabeceira de metal e afofou sua marca nas almofadas do assento da janela. Mas, mesmo assim, ela não podia reclamar o quarto como seu. Ele permanecia presente em sua memória, possuindo cada artigo que ele havia tocado, demorando-se em cada lugar que ele descansou, uma lembrança indesejada do que ele tinha sido para ela.

Quando a limpeza terminou, ela teve uma hora de sobra antes que David chegasse. Mas o Carteiro do Condado de Junction chegou antes dele. Ela ouviu o jornal bater no chão da varanda e o pegou, agradecida por qualquer desvio que afastasse sua mente de Jesse.

Distraída, voltou para dentro, parando diante do suporte de sombrinha e usando o jornal dobrado para verificar a tensão do queixo. Mas mesmo esse antigo hábito particular agora a lembrava de Jesse, meio nu na porta, provocando: "Está firme?" Abruptamente, ela se afastou do espelho e abriu o jornal, procurando dispersar a lembrança dele.

Lotta Crabtree estaria aparecendo no famoso Teller Opera House em Central City e seria seguida pela grande Modjeska.

Outro barão ferroviário escolhera construir sua mansão no imensamente popular Colorado Springs, parque de diversões dos ricos, que se aglomeravam ali para absorver suas doenças nas famosas nascentes minerais.

Alguém acusado de ser um ladrão de trem...

Os olhos da Senhorita Abigail se arregalaram e sua língua pareceu ficar grossa em sua garganta.

ACUSADO LADRÃO DE TREM ACABA POR SER
PROPRIETÁRIO DE FERROVIA

Em uma reunião na tarde de terça-feira na estação de Stuart's Junction, juízes debateram...

Estava tudo lá, incluindo a verdade sobre Jesse DuFrayne, que ela deveria ter adivinhado há muito tempo.

De pé no meio de sua apropriada sala vitoriana, a Senhorita Abigail colocou a parte de trás de um pulso de renda na garganta. Jesse é dono da ferrovia! O homem que eu chamei de ladrão de trem é dono da ferrovia! E então ele tem a última risada depois de tudo. Mas então, ele não sempre teve?

Com uma mistura de horror e desânimo, ela recordou as coisas terríveis que fizera a ele — o dono de uma ferrovia!

E de repente ela estava rindo, erguendo o queixo delicado, cobrindo a testa com a palma da mão. O som entorpecido e triste se partiu penosamente no silêncio. E quando finalmente desapareceu, ela ficou olhando para o artigo como uma estátua de olhos vítreos, enquanto seu significado penetrava, enquanto absorvia o que deveria ter adivinhado naquele dia em que Jim Hudson viera. Talvez ela tivesse adivinhado, mas simplesmente não queria admitir que isso poderia ser verdade. O que ela leu novamente mostrou os fatos em preto e branco. O artigo descreveu a reunião incluindo as roupas que os quatro homens usaram. Ele descreveu James Hudson como o agente de negócios co-proprietário da ferrovia, enquanto Jesse DuFrayne era chamado de parceiro oculto que supervisionava sua empresa por trás do capô de uma câmera fotográfica. A reunião em si foi descrita como "algumas plácidas discussão de termos, provocadas às vezes por confrontos violentos de animosidade entre DuFrayne e Melcher sobre o assunto aparentemente estranho de uma Srta. Abigail McKenzie, residente de longa data de Stuart's Junction, que cuidara de DuFrayne e Melcher durante a convalescença de ambos."

Quando ela terminou, ficou mortificada! A essa altura, ela estava em um estado de raiva que teria encantado Jesse DuFrayne.

David Melcher, no entanto, que passou pela porta naquele exato momento, ficou consternado quando entrou e ela deu-lhe uma bofetada no peito com o

jornal dobrado.

— Se... Senhorita Abigail, o que está er... errado? — ele gaguejou.

— O que está errado? — ela repetiu, mal controlando o volume de sua voz. — Leia isso e então me pergunte o que está errado! Eu sou uma mulher respeitável que deve viver nesta cidade depois que você e o Sr. DuFrayne partirem. Eu não quero ter meu nome cuspido nos lábios de todos os fofoqueiros de Stuart's Junction depois que vocês dois me fizeram a primeira página do jornal da maneira mais intrigante possível!

Perplexo, ele olhou para o artigo, de volta para ela, então começou a ler em silêncio, descobrindo mais no jornal do que havia dito ao editor do jornal.

— O que o possuiu para discutir sobre mim em uma reunião com a presença da imprensa?

— Não... não havia imprensa pre... presente. Foi estritamente pr... privado. Eu... ele... DuFrayne até me fez pr... prometer que nenhuma palavra iria vazar sobre você.

Isso a surpreendeu. — Então como vazou? — ela exigiu.

— Eu... eu não sei.

— Mas o que trouxe meu nome para uma discussão sobre acordos de responsabilidade?

Ele só queria o melhor para ela ontem e tremeu agora com o pensamento de que ele estragou tudo.

— Eu pensei que ele deveria pedir desculpas a você por... por tudo o que ele fez.

Ela virou as costas para ele e puxou a frente da blusa. — Ocorreu a você que talvez ele já tenha feito isso?

— Senhorita Abigail! Você está defendendo-o contra mim, quando sou eu quem partiu para... te defender contra ele?

— Eu não estou defendendo ninguém. Estou simplesmente envergonhada de me encontrar sendo o objeto da animosidade de dois homens e tendo isso aparecendo na folha do jornal. Eu... Como isso vai parecer para as pessoas desta cidade? E por que você não me contou a noite passada que ele é proprietário da ferrovia?

Ele considerou a pergunta dela por um momento, depois perguntou: — Isso muda sua opinião sobre ele agora?

Percebendo que, se isso acontecesse, ela não passaria de hipócrita, ela se virou para mostrar a David que era sincera.

— Não, isso não muda. Eu simplesmente acho que você deveria ter me dito que o dinheiro estava vindo dele, só isso.

— É justo que ele me pague. Foi ele quem atirou em mim.

— Mas ele não estava roubando aquele trem quando ele fez isso. A diferença está aí.

— Você está defendendo ele!— David Melcher acusou.

— Eu não estou! Estou me defendendo! — A voz dela subiu até ela estar gritando como uma peixeira e, quando percebeu, repentinamente colocou as pontas dos dedos sobre os lábios. Ela descobriu que estava arengando com ele da mesma forma que fizera inúmeras vezes com Jesse. Furiosa agora com Jesse também, ela atacou David como se ele fosse os dois. Para seu horror, ela se viu antecipando a alegria da luta, acolhendo o tipo de palavreado que Jesse lhe ensinara a desfrutar com ele.

Mas David não era Jesse DuFrayne. Na verdade, David ficou atordoado com sua atitude quase impetuosa e seus gritos inadequados. Seu rosto ficou ruborizado e ele olhou para ela como se nunca a tivesse visto antes. Na verdade ele não tinha, não assim. Com uma voz calma, ele disse: — Estamos brigando.

Suas palavras a trouxeram a seus sentidos. Envergonhada pelo que acabara de fazer, sentiu-se subitamente pequena e completamente errada. Ela sentou-se adequadamente na beira do sofá, olhando para as mãos que ela apertou firmemente em seu colo.

— Sinto muito — ela disse contritamente.

Ele sentou-se ao lado dela, agradavelmente surpreso por sua mudança de volta para a Senhorita Abigail que ele conhecia.

— Eu também sinto.

— Não, foi minha culpa. Eu não sei o que aconteceu comigo para falar com você em tais tons. Eu... — Mas ela tropeçou até parar, pois era uma mentira. Ela não se arrependia, e ela sabia o que havia acontecido com ela. Os modos de Jesse DuFrayne a tinham possuído, pois era como ele dissera, a luta era como um emético. Era bom. Purgava.

David falou baixinho ao lado dela. — Talvez não brigaríamos se não... — Ele ia dizer "nos importássemos com o outro", mas se deteve a tempo. Era cedo demais para dizer algo assim, então ele terminou — ... não falássemos sobre... ele.

A tensão permanecia entre eles, cada um descontente com o outro enquanto permaneciam em silêncio.

Depois de um momento, David disse: — Você sabe que eu não faria ou diria alguma coisa para comprometer sua reputação. Ora, seria tão bom quanto arruinar a minha agora, você não vê?

Ela olhou para ele, empoleirado ao lado dela no sofá.

— Não, é claro que você não vê — ele continuou. — Eu não te contei ainda. Eu ia te contar quando eu... passei pela porta, mas você estava ali com aquele... aquele jornal e não me deu uma chance.

— Me contar o que?

Ele sorriu de modo infantil, os suaves olhos castanhos presos aos dela. — Que eu vou ficar em Stuart's Junction e abrir uma loja de sapatos aqui com o dinheiro que eu ganhei da ferrovia.

Seu coração bateu no céu de sua boca. Remorso e medo brotaram em sua garganta, em seguida, passaram por suas veias.

Suas palavras abriram caminho e caíram finalmente no útero que ela implorara a Jesse DuFrayne para abrir. Ela estava tão certa de que nenhum outro homem viria em sua vida para fazer isso. Era irônico demais pensar que não apenas Jesse a fizera pedir na véspera do retorno de David, mas que dera a David o dinheiro que lhe permitiria estabelecer-se aqui bem debaixo do seu nariz e cortejá-la, quando isso estava fora de questão. O que ela deveria fazer? Estimular a situação quando ela sabia que sob nenhuma circunstância ela deveria encorajar David Melcher agora?

Além disso, estava se tornando cada vez mais óbvio que ele pretendia cortejá-la ativamente.

Ela havia sido judiada por Jesse DuFrayne pela última e mais humilhante de todas as vezes: ele dera a David os meios para o casamento, enquanto roubava-lhe do mesmo.

David Melcher observou uma miríade de expressões vagando pelo rosto da Senhorita Abigail. A princípio, ela pareceu surpresa, depois feliz, depois perplexa, intrigada, atordoada e, por fim, ele poderia jurar que ela parecia culpada. Do que ele não tinha ideia. Mas depois de assistir a esse desfile de emoções, ele certamente não esperava sua reação final, que foi a colocação de seus dedos minúsculos em seus lábios quando ela sussurrou: — Oh não!

Ele foi acertado pelo desapontamento pelas palavras dela. — Eu pensei que você ficaria feliz, Senhorita Abigail.

— Oh, eu estou, eu estou — disse ela rapidamente, tocando sua manga. — Oh, que maravilha para você. Eu sei que você não é um homem que gosta de

caminhos errantes. — Mas ela não parecia nada feliz.

— Não, eu não gosto. Eu queria ficar em um lugar por mais tempo. É que eu nunca tive os meios e nunca encontrei o lugar certo. — Timidamente ele pegou uma das mãos dela. — Agora eu acho que encontrei os dois. Você virá comigo esta tarde? Você poderia ser de uma grande ajuda. Preciso arranjar um lugar para alugar ou encontrar alguma terra para fazer um lugar. Há um lugar no extremo da rua principal que eu gosto. Você sabe quem ver e onde encontrar as pessoas com quem eu preciso falar, e é claro que você poderia me apresentar para aqueles que eu poderia precisar levar em conta. Oh, Senhorita Abigail — ele implorou — venha comigo. Vamos olhar nos olhos deles e fazê-los engolir qualquer fofoca que o jornal possa ter começado.

Sensatamente, ela retirou a mão e baixou os olhos. — Temo que você não conheça bem as pessoas desta cidade. Se aparecermos organizando acordos comerciais juntos depois do que foi impresso no jornal, eles não aceitarão nada. Tenho medo de começarmos mais fofocas do que nós vamos parar.

— Eu não tinha pensado nisso e, claro, você está certa.

Ela tinha decidido terminar qualquer relacionamento iniciado com ele aqui e agora. Seria o melhor caminho.

Mas ele pareceu tão deprimido com a recusa dela em ajudá-lo que ela se sentiu mal por negar sua ajuda. Era verdade que ela poderia agilizar as coisas para ele, pois ele era um estranho aqui.

— Por outro lado — ela procrastinou — se fôssemos enfrentar a cidade e mostrar a eles que estamos nos associando apenas em uma base de negócios, poderíamos simplesmente botar a fofoca no lixo, não é?

Ele olhou esperançosamente, seu rosto de repente jovem e atraente, como naquele primeiro dia em que ele foi levado para a casa dela.

— Então você vem? Você vai me ajudar hoje?

Ela controlou o desejo de suspirar. O que ela estava fazendo?

— Sim, eu vou. Mas apenas como embaixadora, você deve entender.

— Ah, claro, claro — ele concordou.

David Melcher foi um homem que deixou boas impressões em seu rastro. Enquanto ele e a Senhorita Abigail faziam contatos de negócios naquele dia, sua abordagem simpática e de fala mansa fez as pessoas perceberem que ele não era um "esperto" do leste, como consideravam a maioria dos vendedores ambulantes. De fato, havia aqueles que diziam que se não fosse pelo descaramento da Senhorita Abigail, Melcher não teria chegado a lugar algum,

pois ele era tímido e reservado. Ela, no entanto, abriu o caminho para ele da maneira profissional que sempre usava com as pessoas da cidade. Se algum deles se opuseram a sua vivacidade, eles não disseram. Como de costume, eles a trataram — assim como ele — com deferência. Talvez fosse porque eles se acostumaram a conceder-lhe amplo espaço, talvez porque ela não tivesse tido uma vida fácil e todos eles sabiam disso, ou talvez porque eles estavam simplesmente curiosos sobre seu relacionamento com os dois homens que tinham discutido sobre ela. Por alguma razão, enquanto ela e David atravessavam a cidade naquele dia, eles pareciam obter a aprovação da cidade e, junto com ela, muitos convites para comparecer às celebrações do dia 4 de julho no dia seguinte. De fato, alguns empresários pareciam mais decididos a garantir que os dois aparecessem nas festividades do dia seguinte do que vender terras, arrendar imóveis ou discutir preços de madeira.

Mas por trás deles a especulação era abundante. Esse dinheiro do acordo levantou questões para as quais todos desejavam ter respostas. Não é de admirar que todos dissessem: — Agora, não se esqueça de se juntar à diversão no Prado de Hake amanhã — ou — Você está vindo, não é, Senhorita Abigail? — ou — Vocês dois estarão vindo, não é?

Alguém o colocou de forma mais direta: — Haverá uma festa social e um concurso de porcos gordos e corrida de toras e de sacos e outras coisas. É uma boa maneira de você se familiarizar com todas as pessoas que estará chamando de clientes, Melcher.

Alguém mais se despediu dizendo: — Traga ela para cá e ajude-nos a comemorar. Os vagões estarão parando na frente da loja de Avery às quinze para as dez.

Eles também foram subornados. — É a única vez do verão que você vai encontrar sorvete em Stuart's Junction. Vocês não iriam querer perder, não é?

Mas o que todos realmente não queriam perder era a chance de observar a Senhorita Abigail com aquele novo namorado que ela aparentemente aceitara no minuto em que o outro deixou a cidade. É claro que todos sabiam que Melcher ficaria rico demais com o dinheiro do outro cara ainda. Agora, quem sonhara que a Senhorita Abigail alguma vez se tornaria uma caçadora de calças e, além disso, que ela se certificaria de que aquelas calças tivessem bolsos cheios? Claro, todos eles disseram, era um fato que ela estava quase sem dinheiro desde que seu pai morreu. Você dificilmente poderia culpar a mulher. Havia os mil que a ferrovia lhe pagara, mas quanto tempo isso duraria? Ela provavelmente estava

apenas investindo em seu futuro, conectando-se com Melcher dessa maneira. Toda alma na cidade mal podia esperar para ver se os dois apareceriam amanhã e se ela pareceria doce com ele. Ninguém poderia realmente dizer de sua atitude comercial hoje. Mas amanhã seria outra história!

Quando ele a levou em casa, foi com um sentimento mútuo de satisfação. Eles realizaram muito em um dia. Eles tinham checado algumas propriedades alugadas, descobriram que Nels Nordquist era dono do terreno baldio ao lado de sua loja de selaria e couro, falaram com ele sobre o preço de venda, verificaram a escritura no escritório, arranjaram plantas para serem levantadas. Um simples edifício de estrutura de um único andar, com armazenamento na parte traseira, área de vendas no centro, e vitrines na frente, e descobriram quem ver sobre os preços e a entrega da madeira.

De volta à sua casa agora, ela liderou o caminho para as cadeiras de vime na varanda.

— Eu não posso agradecer o suficiente — disse ele.

— Bobagem, você estava certo. Eu conheço todos nesta cidade e teria sido tolice tentar fazer os contatos necessários sozinho.

— Mas você foi maravilhosa. As pessoas parecem... se curvar à sua vontade.

Antes do advento de Jesse DuFrayne em sua vida, ela não teria sonhado em responder como fez agora.

— Eu tenho a tendência de coagir as pessoas e deixá-las com medo de mim. — Ela sabia que era uma admissão graciosa e nada feminina, e ela podia ver que David se sentiu desconfortável. Mas ela mesma se sentiu estranhamente livre depois de admitir isso.

— Bobagem — disse David — uma dama como você? Ora, você não é... agressiva.

Mas de repente ela soube que ela era e que ele não queria admitir isso. A agressividade não era feminina. As damas devem se comportar timidamente. Mas Jesse ensinou-lhe muito sobre à auto-ilusão, e ela estava ficando melhor e melhor em livrar-se disso.

— Não é um absurdo. Receio que seja verdade. No entanto, hoje serviu ao nosso propósito, então eu não vou reclamar. — No entanto, machucou-a um pouco que as pessoas abrissem as portas para ela porque ela as intimidou enquanto abriram as portas para David, porque elas instantaneamente gostaram dele.

— Ainda há muito a ser feito além de tomar decisões sobre a construção.

Vou ter que fazer um inventário das minhas ações e fazer um pedido de um número muito maior de sapatos do que já consegui carregar comigo na estrada. E há a mobília para pedir, o toldo e o vidro da janela, vou ter que sair para ver um estoque de madeira para o inverno em algum lugar... e, ah, preciso pedir um fogão do leste e...

Ele parou abruptamente, sem fôlego, percebendo que estava falando rápido demais.

Mas de repente ela olhou para ele de forma diferente e se encontrou rindo, desfrutando de seu entusiasmo.

— Eu acho que me deixei levar pelos meus planos — ele admitiu timidamente.

— Sim, você se deixou — ela disse agradavelmente — mas você tem todo o direito. É um passo tão grande que você está tomando. Vai exigir muito planejamento e entusiasmo.

Seu rosto de repente pareceu preocupado. — Oh, eu não quis dizer que eu esperava que você estivesse correndo ao meu lado a cada passo do caminho. Eu não esperaria isso de você. Você fez mais do que a sua parte hoje.

Mas eles continuaram fazendo planos para a loja, seus móveis, equipamentos e expectativas. Ele estava muito animado, mas se forçou a ficar parado e conter sua excitação.

Uma e outra vez ela o comparou a Jesse. Jesse com o seu ego ilimitado e grosseria limitada. Ele nunca se sentaria lá como se tivesse se encolhido no assento da cadeira como David. Ele andaria de um lado para o outro, provavelmente berrando: — Maldição, Abbie, sei que esse negócio pode funcionar e você vai ajudar! —Abigail McKenzie! Ela repreendeu a si mesma, Pare de fazer essas comparações injustificadas e preste atenção ao que David está dizendo!

— Parece que nós estamos quase... ah... esperados nas festividades... de amanhã — ele gaguejou. — Você se importa?

Ela tentou não se aborrecer com sua falta de assertividade, mas culpada por tê-lo comparado a Jesse a tarde toda, ela compensou respondendo: — É quase uma questão de bons negócios agora, não é? Não, eu não me importo. Eu assisto às festividades anualmente de qualquer maneira. Todo mundo na cidade assiste.

— Eu... ãh... nós poderíamos... ah... sair juntos então — ele gaguejou.

Não era da maneira que a Senhorita Abigail gostaria de ter sido convidada. Ela se lembrou de que Jesse certa vez chamara David de um infante, e então se

chutou mentalmente por ser injusta com ele.

— Bem... se... se você achar melhor que não...

— Oh, eu não quis dizer... Claro que vou com você.

Ele se levantou para sair, e ela se achou realmente feliz por ele estar indo.

— Onde é Hake's Meadow? — ele perguntou.

— É no nordeste fora da cidade, onde Rum Creek se expande. Como você ouviu anteriormente, várias carroças saem de Avery Holmes's Dry Goods Store e qualquer um que queira pode sair de lá.

— Às qu... quinze para as dez?

— Sim.

— Então eu vou... eu deveria... bem, vir buscar você um pouco antes disso?

— Eu estarei pronta — ela respondeu, ficando irritada com a gagueira dele.

— É melhor eu sair agora... — Sua voz tinha um jeito de se arrastar incerta no final das frases, que começavam a fazer seus nervos tremerem. Parecia que apenas o assunto dos negócios poderia arrancar uma nota positiva e segura dele. Assuntos pessoais o faziam gaguejar e balbuciar. Nos degraus, ele fez de novo.

— Eu... eu... eu poderia...

Mas ele parecia incapaz de terminar, e só ficou olhando para ela com olhos de spaniel. De repente, ela estava muito certa de que ele queria beijá-la, mas não se atreveu. Mesmo que ela não tivesse pensando nisso, se perguntou: Por que ele apenas não me agarra e o faz? Ela não precisou acrescentar, como Jesse faria. Agora ela estava comparando cada ação, cada inflexão, todo maneirismo dos dois homens. E inacreditavelmente, em cada instância ela achava uma falta de David. Surpreendeu-a perceber, enquanto o observava ir embora, que, embora as maneiras de David fossem impecáveis, agora ela preferia a grosseria de Jesse.

XIX

A SENHORITA ABIGAIL NÃO APROVAVA TUDO O QUE ACONTECIA em Hake's Meadow no dia 4 de julho, mas ela estava sempre presente. Ela tinha um sentimento de patriotismo, e esse era um feriado patriótico, embora de alguma forma ele sempre parecesse se transformar em um tumulto barulhento e encharcado de cerveja. Cada ano, começava com o discurso inapto do prefeito, enquanto as crianças seguravam bandeiras, mas em pouco tempo os políticos perdiam terreno para a cerveja e a ribalta que inevitavelmente se seguiam. Pois a cerveja fluía tão livremente quanto os feijões cozidos trazidos pelos membros do D.A.R., que os cozinhou em um tambor aberto de cinquenta galões. Também era uma piada perene que aqueles D.A.Rs que levaram alguns tambores com seus infames grãos em 1776 se tivessem alimentado os britânicos, poderiam ter acabado a guerra em sete anos. E quando esses grãos se fundiam com a cerveja... bem, havia rumores de que Royal Gorge não era uma maravilha natural; foi feito em um quatro de julho, quando o piquenique foi realizado lá em vez de em Hake's Meadow.

Havia batalhas de todos os tipos imagináveis — algumas programadas, outras não. Rum Creek deslizava friamente para fora das montanhas e parava acima de uma represa de castores, criando o lago Hake, onde madeireiros da montanha acabavam com as chances dos aspirantes a lenhador e limpavam as árvores de Stuart's Junction, que mais tarde retribuíram o favor oferecendo um porco untado.

Depois, também, havia o beijo, que ficou mais desinibido com o passar do dia e as pessoas simplesmente pareciam fazer isso sempre e com quem pudessem administrar. Claro, quanto mais escuro ficava, mais fácil era administrar.

O caso todo começou às dez da manhã e terminou oficialmente às dez da noite quando fogos de artifício foram disparados, extra oficialmente quando o último bêbado foi arrastado para casa por sua esposa, ainda cantando alto e provavelmente mais amoroso do que estivera desde o último quatro de julho.

A Senhorita Abigail trouxera uma cesta para o piquenique social — sua maneira de se juntar de todo coração nas festividades. E a colocou com todas as

outras debaixo de um enorme carvalho onde a o piquenique se realizaria.

Ela usava seu chapéu de margarida, como de costume, e um vestido cinza com casaco de linhas simples, que quase se prendiam à sua pele às onze horas. David Melcher, de terno marrom, camisa branca e gravata, ficou igualmente tão quente quando o sol subiu em direção ao ápice.

Os dois estavam sentados à sombra tomando salsaparrilha.

— Você não bebe cerveja? — ela perguntou.

— Eu nunca desenvolvi um gosto por ela, eu acho.

— A cerveja, como você provavelmente já deve ter adivinhado, é a bebida do dia aqui, embora eu nunca tenha sido capaz de entender por que esses homens não param em suas cotas. No dia 4 de julho eles simplesmente não parecem se frear! Olhe para o Sr. Diggens. Ele é o de camisa azul que está desafiando aquele madeireiro duas vezes o seu tamanho. É a cerveja que o faz acreditar que ele pode realmente ganhar daquele madeireiro na luta de braço?

Eles observaram os competidores incompatíveis do outro lado enquanto o par se ajoelhava em ambos os lados de um tronco, e é claro que o menor Diggens perdeu, embora ele tenha rido e alertado corajosamente o grande e robusto lenhador: — Um pouco mais de cervejas e eu ganharei!

— Mesmo! — O lenhador gritou. — Bem, vamos pegá-las para você então! — E antes que Diggens pudesse protestar, o lenhador levantou-o corporalmente como se fosse uma noiva sendo carregada através de um limiar e o levou para os barris de cerveja, dizendo: — Alimente meu amigo aqui com um pouco de cerveja, Ivan. Eu quero vê-lo ganhar de mim!

Um grito de risada subiu da multidão e o madeireiro tirou a camisa, amarrou-a pelas mangas ao redor de sua cintura e ficou parecido com Paul Bunyan , bebendo cerveja ao lado do Diggen anão, como se esperasse que ele se endireitasse bruscamente e crescesse mais.

Observando, a Senhorita Abigail e David juntaram-se ao riso.

— Como você pode ver, esses pequenos duelos aumentam a verdadeira disputa que acontecerá esta tarde — explicou a Srta. Abigail.

Os olhos de David examinaram a área. — Eu nunca fui muito ativo em atividades físicas — admitiu descaradamente.

— Nem Diggens, temo.

Então, quando seus olhos se encontraram, ambos caíram na gargalhada novamente.

— Eu acho que os discurseiros estão perdendo a audiência — observou ele

algum tempo depois. A maioria dos ouvintes se afastou do lago assim que o prefeito terminou sua oratória fanfarrona.

— Eles preferem ouvir o absurdo acompanhados dos barris de cerveja.

Outro pouco de folia começou lá. Agora, o madeireiro de peito peludo que havia amarrado a camisa ao redor de sua cintura estava fazendo uma vénia com a mesma camisa para Diggens antes de os dois se abraçarem e começarem uma dança improvisada ridícula enquanto um violino arranhava ao fundo. Enquanto giravam, a cerveja voou para fora de suas canecas, respingando em duas jovens mulheres, que pularam para trás e gritaram alegremente, apenas para serem profusamente desculpadas pelos homens. As meninas riram quando o lenhador novamente fez sua ridícula reverência para elas.

— Algo parece vir até as pessoas aqui no dia 4 de julho — disse a Srta. Abigail, desabotoando sua jaqueta, que estava se tornando insuportável no calor.

— É um lugar bonito. Me faz feliz mais uma vez que eu tenha decidido ficar em Stuart's Junction. Essas pessoas... elas foram todas muito legais comigo ontem. Eu não posso deixar de sentir que sou bem vindo aqui.

— Por que você não deveria sentir? Você não acha que eles sabem que seu novo negócio vai ser um trunfo para esta cidade?

— Você acha? Você realmente acha que vai ter sucesso?

Ele era muito transparente. Às vezes ele demonstrava uma necessidade quase infantil de seu apoio e encorajamento.

— Você pode pensar em algo mais necessário do que sapatos? Ora, basta olhar para todos os pésali. — Ela se virou para examinar o terreno dos piqueniques. Um bando de garotinhos brigava embaixo de uma árvore próxima, brincando com algum tipo de jogo de rúgbi que haviam improvisado, chutando um saco estufado com botas de bico enrolado; uma mãe passou, levando uma garotinha que estava chorando por causa de um dedo nu e descalço; a própria mãe usava oxfords há muito precisando de substituição. — Veja a surra que todos os sapatos estão levando. Provavelmente, mais tarde, cada uma dessas pessoas virá diretamente à sua loja para comprar novos.

Ele sorriu diante do pensamento, girando visões do futuro, mas naquele momento eles foram abordados por um homem gigante usando o uniforme familiar de calças largas, suspensórios pretos e uma camisa xadrez vermelha.

— Ei, Melcher, você é o homem que estou procurando! — Uma enorme, peluda e amigável mão foi estendida.

— Michael Morneau é o meu nome. Ouvi dizer que você vai precisar de um

pouco de madeira para um prédio que pretende construir. Eu sou o homem que tem exatamente o que você precisa. Eu te brindarei com uma cerveja para que possamos conversar sobre isso de forma amigável.

David Melcher se viu puxado para os pés e uma cerveja colocada em sua mão.

Para a Senhorita Abigail, o amável madeireiro disse: — Espero que você não se importe, senhorita, se misturarmos um pouco de negócios com prazer. Logo, logo vou trazê-lo de volta. — Um grande braço circulou os ombros de David e o levou para longe. — Venha cá, Melcher. Tem algumas pessoas que eu quero que você conheça.

A Senhorita Abigail viu como Davi foi intimidado a beber aquela cerveja. Era mais do que uma bebida — era o símbolo da boa vontade entre aqueles homens que se juntavam em grande camaradagem. Mesmo dessa distância, ela sabia quando falavam de negócios, do jeito esquecido que as canecas pendiam nas mãos.

Mas quando algum ponto foi acordado, no ar foram às cervejas antes de todos, incluindo David, que beberam.

Ela observou seus ombros marrons se esgueirando por entre a mistura de camisas: xadrezes vermelhas, brancas, até alguns ternos da união amarelados, e em cada novo grupo vinha uma cerveja fresca. Uma vez ele chamou sua atenção através da vastidão de pradarias e fez um gesto de desamparado pedido de desculpas por abandoná-la, mas ela encolheu os ombros, sorriu e balançou a mão para dizer a ele que não se preocupasse. Ela estava bem. Ela ficou sentada contente assistindo toda a comoção ao seu redor. David estava concluindo mais acordos de negócios e reunindo mais boa vontade entre os bebedores de cerveja do que poderia conseguir em quinze dias vendendo sapatos de qualidade ou andando nos calçadões do centro da cidade.

Então a Srta. Abigail se afastou para assistir às corridas de saco das crianças.

Rob Nelson veio correndo, mas parou quando a viu.

— Olá, Senhorita Abigail.

— Olá, Robert. Você estará entrando na corrida de sacos?

— Claro que sim.

— Bem, boa sorte para você então.

Havia algo diferente sobre a Senhorita Abigail hoje. Ela não parecia que tinha acabado de comer um pepino em conserva.

— Obrigado senhora — disse o menino, girando apenas para guinchar até

parar e voltar, olhando para ela, coçando a cabeça, algo obviamente em sua mente.

— O que foi, Robert?

— Bem, você sabe aqueles canudos que eu te dei naquele tempo para aquele ladrão de trem? — Ele observou sinais de perigo, mas ela parecia meio jovem e bonita e sua boca se abriu e ela tocou sua blusa onde estava seu coração.

— Sim?

— Elas funcionaram?

— Ora, sim, Robert, e eu quero agradecer muito a você por eles.

— O que você fez com eles?

Para surpresa de Rob, a Senhorita Abigail sorriu e se inclinou para baixo, conspirando. — Eu soprei sopa nele — ela sussurrou perto de sua orelha. Ela se endireitou então. — Agora corra para a sua corrida.

Mas Rob não se mexeu. Apenas ficou parado boquiaberto, maravilhado. — Você soprou sopa em um ladrão de trem, Senhorita Abigail? — ele perguntou incrédulo.

— Ele não era um ladrão de trem depois de tudo.

— Oh — Robert disse brevemente, então pareceu pensativo antes de enfiar as mãos nos bolsos da calça e dizer: — Você sabe, ele realmente não se parecia muito com um ladrão de trem naquelas calças de pijama.

Agora foi a vez da Senhorita Abigail ficar de queixo caído. Horrorizada, ela girou Rob pelos ombros, controlando a vontade de bater em seu pequeno traseiro. — Robert Nelson, não se atreva a repetir isso para uma única alma viva, ouviu? Agora vá, intrometido!

E a criança impetuosa correu para a corrida de sacos, arrastando um saco enquanto corria.

Mas quando ele se foi, ela cruzou o braço sobre a cintura, apoiou o cotovelo nela e cobriu levemente a boca sorridente. Seus ombros tremiam de alegria quando ela recapturou a imagem de Jesse, de calças de pijama muito curtas para ele.

— Há algo engraçado, Senhorita Abigail?

— Oh, Doutor Dougherty, olá. Eu estava apenas desfrutando das corridas de saco das crianças.

— Eu estava querendo ir até a sua casa e agradecer por tudo que você fez. Você com certeza me ajudou com um grande pepino.

— Eu fiquei muito feliz em ajudar.

— Aquele homem se comportou e guardou a arma? Eu com certeza não quis te deixar em apuros ao devolvê-la a ele.

— Oh, está tudo acabado e feito agora, água debaixo da ponte. — Mas ela se recusou a encontrar seus olhos, olhando para o sol em vez de assistir as corridas agora em pleno andamento.

— Sim! — ele concordou, seguindo os olhos dela para os garotos pulando, contorcendo-se, alguns agora esparramados em seus estômagos, lutando para voltar aos pés. — Eu ouvi que você foi paga muito bem.

Seus olhos se voltaram para ele. Apenas o doutor teria a temeridade de sair com uma coisa dessas.

— Todo mundo nesta cidade ouve tudo — disse ela.

— Sim — ele concordou — e o que eles não ouvem, eles supõem muito bem.

— Ouvi dizer que Gertie voltou de Fairplay — ela disse rapidamente, mudando de assunto.

— Sim, ela tem meu escritório funcionando de novo. E eu ouvi que você esteve em toda a cidade ontem, apresentando aquele Melcher em volta e abrindo caminhos para ele abrir um novo negócio.

— Isso mesmo. Essa cidade deve muito a ele, eu acho.

— Por quê?

Foi uma pergunta estranha. Ela deu-lhe um olhar confuso. Mas o Doutor tirara um canivete do bolso e ficou limpando calmamente as unhas enquanto prosseguia. — Parece-me que devemos alguma coisa a Jesse se devemos a alguém. As pessoas por aqui foram muito desagradáveis em deixá-lo sair do próprio trem daquela maneira. Se não fosse por você, ele poderia ter apodrecido ali mesmo. E o tempo todo é a ferrovia dele que trouxe nova prosperidade a Stuart's Junction. Só mostra o quão errado você pode estar sobre uma pessoa.

O Doutor nem sequer olhou para a Srta. Abigail, apenas fechou a faca, enfiou-a no bolso largo e olhou para as corridas de sacos, onde um rapaz estava deitado no chão segurando o estômago. — Bem— murmurou o Doutor, como se ruminasse para si mesmo — acho melhor eu ir ver se consigo assustar ele e fazer o ar voltar. — E ele saiu para o resgate, deixando a Senhorita Abigail se perguntando o quanto ele sabia sobre o relacionamento dela com Jesse.

Enquanto ela observava o Doutor se aproximando do menino, ela se lembrou da noite em que ela teve o ar tirado de si, e das coisas que se seguiram, e pensou nas palavras do Doutor: "Só mostra o quão errado você pode estar sobre

uma pessoa."

— Senhorita Abigail, eu estive procurando por você — disse David, fazendo-a pular. Ela engasgou e colocou a mão em seu coração. — Me desculpe, eu não queria te assustar.

— Oh, eu estava apenas sonhando acordada, isso é tudo.

— Venha. Eles vão leiloar as cestas agora. Você esteve aqui no sol por muito tempo. Seu rosto está todo vermelho.

Mas foram as lembranças de Jesse que aumentaram sua cor, e ela ficou grata por David não conseguir ler sua mente. Ele a levou pelo braço até onde a multidão havia se reunido sob o imenso carvalho para se juntar e fazer piqueniques. Ele continuou segurando seu cotovelo quando os leilões começaram, e ela podia sentir o cheiro da cerveja que ele bebeu. De vez em quando ele se movia um pouco instável, mas aparentemente estava sóbrio o suficiente para reconhecer o guardanapo que combinava com as cortinas da cozinha que espreitavam debaixo da tampa da cesta de piquenique. Quando surgiu a proposta, ele levantou um braço e gritou: — Setenta e cinco centavos!

— Bom jeito de começar! — Alguém deu um tapa nas costas dele e ele mal manteve a postura. Então alguma voz identificável gritou: — Aquela é a cesta da Srta. Abigail, Melcher. Batam o lance dele!

Risos, bem-humorados e provocantes, subiram, e as bochechas dela ficaram mais rosadas.

— Um dólar! — veio o segundo lance.

— Um dólar e dez! — chamado David.

— Inferno, isso não é maneira de pagar uma dama que salvou sua vida! Um dólar e vinte!

David balançou para trás em seus calcanhares, sorrindo bastante bêbado.

Da multidão alguém gritou: — Melcher, você não está bêbado demais para ver as cores da Srta. Abigail voando por baixo da tampa da cesta, está?

— Um dólar e um quarto! — Melcher pensou que ele gritou, só que ele soluçou no meio e saiu — Um dólar e um qua..renta! — levantando um grito de riso.

O leiloeiro berrou: — Alguém mais tem um dólar e um quarenta para essa cesta aqui? — O riso aumentou, e também o rubor da Senhorita Abigail.

— Vendido!

O martelo bateu, e de todos os lados surgiram vivas, assobios e vaias. David apenas sorriu.

— Dê a ela um inferno de um tempo, David! — alguém encorajou enquanto David caminhava inseguro para pegar a cesta.

Ao passar por Michael Morneau, uma mão guiou David e firmou-o enquanto o lenhador ria.

— Nós cuidamos de todos os negócios. Hora de se divertir um pouco agora, eh, Melcher?

A Senhorita Abigail pensou que David jamais chegaria a cesta e voltaria, mas logo ele voltou, oferecendo um braço, levando-a orgulhosamente. Ela estava tão vermelha quanto uma framboesa agora, movendo-se através da multidão, sendo observada por toda a cidade enquanto ele colocava a cesta na sombra de uma árvore próxima. Finalmente, o leilão recomeçou e chamou a atenção das pessoas para longe por enquanto.

Ela se ajoelhou e abriu a tampa da cesta e começou a tirar a comida enquanto ele caía de joelhos, apoiando as mãos nas coxas.

— Senhorita Abigail, eu tenho que implorar o seu per-erdão — ele soluçou. — Eu disse que não bebia cerveja, mas os ca-aras me empurraram. Eu pensei que seria um bom negócio misturar-me com os homens.

Ela estava envergonhada por toda a cena, mas ainda havia algo de indeciso sobre seu estado embriagado.

Ela lembrou-se muito bem de quão facilmente ela mesma conseguira ficar assim com aquele "copo de champanhe".

De repente ela não conseguiu encontrar em seu coração a raiva para ter dele.

Ele sentou-se com a cabeça baixa, as mãos ainda agarrando as coxas — um bêbado desconsolado, tendo uma luta de olhos fixos no chão entre os joelhos. De vez em quando ele soluçava silenciosamente com os lábios fechados. Ela foi calmamente colocando sua comida.

— Eu realmente sinto muito. Eu não deveria ter deixado você sozinha daquele je-ito.

— Aqui. Se você comer alguma coisinha, esses soluços vão parar.

Ele olhou para o pedaço de frango frito que ela estendeu como se tentasse identificar o que era.

— Aqui — ela repetiu, gesticulando com a coxa como se fosse para acordá-lo. — Eu não estou brava.

Ele olhou em silêncio. — Você nã-o está?

— Não, mas ficarei se você não pegar essa coisa e começar a comer para que as pessoas parem de nos encarar.

— Oh... oh, claro. — ele disse, pegando a coxa com muito cuidado, como se fosse porcelana. Ele mordeu, olhou em volta, então estupidamente acenou o pedaço de carne em direção a um aglomerado de pessoas boquiabertas como se estivesse sinalizando "Ei, ai... como vão?"

— Você sabe, eu realmente não gosto de cerveja — ele murmurou para o frango.

— Sim, assim você me disse. E como eu disse a você, parece que alguma coisa vem até as pessoas aqui no dia 4 de julho.

— Mas eu não deveria ter bebido tanto.

— Algo de bom parece ter vindo disso, não é mesmo? Acredito que você teve sua iniciação hoje e agora você realmente é um membro aceito da comunidade.

— Você acha mesmo? — Ele olhou para cima, surpreso.

— Quando você se sentou aqui, você se lembra do que você disse? Você disse algo sobre os homens insistirem que você tivesse outra cerveja.

— Eu disse isso?

— Sim, você disse, como se você fosse um deles.

Ele ergueu as sobrancelhas e sorriu. — Bem, agora talvez eu seja, talvez eu seja. — Então, depois de uma longa pausa — Isso não seria algo?

— Tenho a sensação de que, a princípio, alguns dos homens por aqui tomaram você como o costumeiro altivo e arrogante do leste... e um vendedor de botas. Essa combinação nem sempre encontra a aprovação dos empresários de Stuart's Junction. Não ficaria surpresa se eles realmente testaram você para ver se você passaria por seus ritos.

— Você acha? — Ele continuava a fazer perguntas idiotas e retóricas, mas ela não pôde deixar de sorrir porque ele estava obviamente embaraçado com o seu estado... e era engraçado à sua própria maneira.

— Oh, eu estou apenas supondo. Não se assuste. Se eles te testaram, será apenas uma vez, e meu palpite é que você já passou na prova.

— Você acha? — Ele perguntou novamente, no tom mudo que ele usou todas as outras vezes.

— Bem, você teve algum negócio tratado entre as cervejas, não é? Ou não foi isso que todos aqueles copos altos foram?

— Vindo a pensar sobre isso, eu tive. — Ele parecia surpreso.

— Bem, então, onde está a perda?

Mesmo em sua embriaguez, ele foi tocado por sua magnanimidade. — Você está sendo muito compreensiva, Senhorita Abigail, considerando o quão

envergonhada você deve ter ficado durante o leilão.

— Você gostaria de saber um segredo? — ela perguntou.

— Um segredo?

— Mm-hmm. — Ela inclinou a cabeça para o lado, um olhar travesso nos olhos. — Hoje não foi nada comparado ao ano em que o Sr. Binley comprou minha cesta de piquenique.

— Bones Binley? — ele perguntou, espantado. Sua boca se abriu, exibindo um pedaço de frango.

— Sim... o próprio.

— Bones Binley comprou sua cesta? — O frango caiu e ela escondeu sua risada atrás da mão e ficou sorrindo.

— Aha. Soa como um trava-língua, não é? — Não havia nenhuma timidez engenhosa em sua admissão. Simplesmente parecia mais fácil para ela apagar seu desconforto e ter um dia agradável do que responsabilizá-lo pela provocação das pessoas da cidade e pelo fato de que eles o coagiram a ficar bêbado.

— Bones Binley com o tabaco e os dentes marrons que fica na loja durante todo o dia cuspindo?

Era engraçado, embora ela nunca tivesse visto aquilo de uma forma tão engraçada antes. Ela se balançou para frente de joelhos, sorrindo, rindo enquanto se lembrava. — É engraçado, não é? Mas não foi então. Ele... ele comprou minha cesta e ninguém brincou com ele. Foi horrível, apenas horrível, andar pela multidão com ele. E ele olha para mim com olhos de vaca desde então.

— Deve ter sido seu frango frito que fez isso. — Ele estava um pouco sóbrio agora, mas ainda estava ébrio o suficiente para rir de sua piada. Então ele chupou seus dedos gordurosos e ambos estavam rindo quando outro contingente passou com uma cesta própria. Frank Adney acenou para David quando ele passou, falando: — Parece que ela não está muito brava depois de tudo, hein, David? — Então ele inclinou a aba do chapéu brevemente para ela. — Sem ressentimentos, Senhorita Abigail?

— Nenhum, Sr. Adney. — Ela sorriu de volta. Frank ficou surpreso ao ver que mulher bonita a Senhorita Abigail na verdade era com aquele sorriso no rosto e rindo do jeito que estava. Ele mencionou isso para sua esposa, e ela concordou enquanto se afastavam.

A Senhorita Abigail, vendo os Adney seguirem em frente, de repente se sentiu mais como uma parte da cidade do que nunca.

David, observando-a, sentiu-se expansivo e maravilhoso. Em dois curtos dias, ele fundiu-se no ambiente social e de negócios de Stuart's Junction com uma suavidade quase mágica, e tudo se devia ao apoio dela.

— Senhorita Abigail?

— Sim? — Ela olhou para cima.

— Eu amo esse frango e os ovos cozidos também. — O que ele realmente achava que amava era ela.

De repente, ela percebeu que tudo aquilo era simplesmente demasiadamente muito agradável e que ela não deveria estar encorajando-o com sorrisos e risadas desse jeito.

— Você esqueceu o paletó em algum lugar — observou ela.

Olhando para o peito dele, ele agiu surpreso ao encontrá-lo vestido apenas de camisa e gravata. — Está lá fora em algum lugar. — Ele acenou com o frango para o mundo em geral.

— Estará ao redor quando eu precisar dele. Está muito quente de qualquer maneira para tudo aquilo. Você não quer tirar seu casaco?

Informalidade criava familiaridade, ela sabia que não deveria. Mas estava terrivelmente quente, e ela fora instruída por Jesse a livrar-se de suas normas rígidas demais. Ela tentou não pensar em como ele ficaria contente se pudesse ver a mudança nela hoje. — Está terrivelmente quente — ela disse, começando a tirar a roupa.

David rapidamente usou o guardanapo e caminhou de joelhos, vindo ajudá-la a tirá-lo.

— Sim, assim é muito melhor — disse ela, colocando-a no topo da cesta de piquenique, passando a mão por cima da nuca para não dobrar absolutamente nada; o cabelo dela estava perfeitamente no lugar.

Ele tinha acabado de comer, mas ainda se sentia muito zonzo com a cerveja e se esticou na grama, relaxado. Ele se perguntou como seria deitar a cabeça no colo dela. Em vez disso, ele disse: — Amanhã eu tenho que ir até o campo de extração de madeira e fazer um pedido com Morneau por um pouco de madeira na fábrica. Mas não sei onde é, exatamente.

— É mais ou menos na metade daquele cume lá — disse ela, apontando e apertando os olhos, consciente de seus olhos nela.

Ele gostou da maneira como a sombra manchava sua testa quando ela levantou a cabeça para olhar para o cume.

— Você iria... — ele começou, mas parou. Deveria simplesmente convidá-la

para um passeio ou dizer que precisava da ajuda dela para encontrar o lugar? Ela parecia se afastar de qualquer coisa pessoal, mas contanto que ele mantivesse as coisas em uma base de negócios, ela era mais receptiva. — Você poderia vir e me mostrar onde encontrá-la?

Ela queria dizer sim, mas disse em vez disso: — Amanhã devo passar a roupa.

— Oh — ele respondeu categoricamente. Ele ficou lá, considerando-a, enquanto ela começava a arrumar os restos da refeição deles. Finalmente ele disse: — Se isso não reter você o dia todo, talvez você poderia fazer isso à tarde?

Ela ficou satisfeita com uma coisa sobre a cerveja: desde que ele estivera sob sua influência, ele parou de gaguejar. Quase a fez desmoronar e dizer sim, mas novamente ela percebeu que não tinha o direito de se envolver com ele, não mais.

— Não. Eu simplesmente não posso fazer isso — ela disse secamente, continuando a mexer na cesta de piquenique.

Rejeitado, ele imediatamente se sentou. Suas mudanças bruscas de humor o confundiam. Um minuto atrás ela tinha sido muito amável, mas de repente ela se tornou fria e concisa, recusando-se a olhar para ele.

— Eu disse antes que eu não esperava que você me acompanhasse de mãos e pés por toda essa abertura do negócio, e agora aqui estou, perguntando de novo. Eu não deveria ter perguntado.

Mais uma vez ela se sentiu irritada com a maneira como David estendeu seu convite. Embora soubesse que não deveria encorajá-lo, desejava que ele nem sempre inventasse uma desculpa para estar com ela. Vaidade feminina, ela repreendeu-se, lembrando-se da maneira como Jesse a estimulou e provocou-a para levá-la para um passeio. Ela colocou Jesse firmemente fora de sua mente, desejando que ele ficasse longe.

Como se para compensar sua transgressão, David perguntou: — Você quer um sorvete?

Mas ela estava preocupada, irritada consigo mesma por liderar David, e por David por não ser viril o suficiente para liderar a situação. Era tudo muito confuso.

— Você quer?

Ela saiu de seu devaneio para encontrá-lo de pé ao lado dela. Ela piscou uma vez, hipnoticamente. — O que?

— Eu perguntei se você quer um pouco de sorvete — ele repetiu. — Está

pronto. — Ele era bonito, educado e despretensioso, e ela olhou para o corpo dele por um momento, confusa pelas idas e vindas de sentimentos que ela experimentava por ele.

— Sim, por favor — ela disse, lamentando que ela tivesse gritado com ele.

O sorriso desapareceu de seu rosto quando ele se virou e mancou, apenas para lembrá-la novamente de Jesse mancando para longe dela na rua a última vez que ela o viu.

David estava completamente confuso com a Senhorita Abigail desde que voltara à Stuart's Junction. Suas mudanças de humor imprevisíveis eram totalmente diferentes da mulher firme e doce que ela era antes.

Houve momentos em que ele jurou que ela gostava dele — mais do que gostava dele — e outras vezes que a luz fria viria em seu olhar, fazendo-lhe ter a certeza de que ela não se importava em nada com ele.

Mas ele foi lembrado novamente do que ela poderia significar para ele quando ele foi servido à frente das crianças que estavam esperando suas vezes em torno da batedeira de sorvete. A cidade inteira parecia tratá-lo com solicitude! Até mesmo a mulher gorda que pegou sorvete e o serviu fora da vez.

— Diga a Senhorita Abigail que eu peguei os pêssegos no outono passado. Diga a ela que Fanny Hastings disse que ela trouxe uma grande felicitação aqui quando ela te trouxe — disse a mulher simpática, suas covinhas desaparecendo em suas bochechas rechonchudas.

Ele agradeceu a mulher e pegou o caminho de volta para a Senhorita Abigail, imaginando em que clima ela estaria agora.

Ele ficou acima dela, novamente ferido com seu comportamento frio e calmo, estudando seus seios sob a blusa de gola alta.

— Fanny Hastings disse para dizer que ela escolheu os pêssegos para o sorvete.

Abbie olhou para cima e estendeu a mão para sua oferta de paz, sabendo pelo olhar em seu rosto que ele achava que tinha feito algo errado, algo para aborrecê-la, quando era ela quem continuamente se aborrecia ultimamente. E porque ele realmente não tinha feito nada de errado, e porque Jesse DuFrayne se recusou a libertá-la das garras das lembranças, e porque havia um olhar tão chicoteado nos olhos de David quando ele lhe ofereceu o sorvete, ela disse: — Melcher, acredito que terei tempo para mostrar o caminho para o moinho amanhã, afinal.

Seu rosto foi imediatamente transformado em um brilho querubim. Ela percebeu quando ele sorriu tão rapidamente, tão alegremente, quão pouco era

preciso para ela fazê-lo feliz. Gratidão e admiração brilhavam em seus olhos a cada pequena atenção que ela lhe mostrava.

Este homem, ela percebeu, poderia ser manipulado por nada mais que um sorriso. Deveria ter sido um pensamento inebriante, mas a deixou inexplicavelmente desanimada. Ainda assim, ela decidiu que seria gentil com ele pelo resto do dia, porque ele não merecia sofrer as consequências de seus constantes pensamentos sobre Jesse DuFrayne.

— Vamos assistir os cortadores de árvores escolherem os lados — ela sugeriu, estendendo a mão para ele. Como um filhote grato, ele ajudou-a a ficar de pé, sua expressão de devoção.

A iniciação de David Melcher só havia começado com a sessão da manhã e o leilão subsequente nas cestas de piquenique. Sendo assunto de muita conjectura, ele foi recebido profusamente onde quer que ele e a Srta. Abigail foram. Cada saudação foi reforçada com cordialidade pela oferta de uma caneca de cerveja e, assim como naquela manhã, David encontrou sua mão cheia de um copo suado durante a tarde inteira, sem nenhum desejo próprio. Entendia-se que a Srta. Abigail não tomava cerveja, mas o mero fato de que ela acompanhava David, enquanto o fazia, parecia tornar a Srta. Abigail mais humana aos olhos dos cidadãos de Stuart's Junction. Às vezes, ela era vista sorrindo e rindo, e as mulheres da cidade notavam isso, enfiando cotovelos nas costelas umas das outras, piscando. E, hora após hora, David tornou-se cada vez mais inebriado e mais completamente aceito.

Antes do final do dia, a Senhorita Abigail também se sentiu aceita de uma maneira que nunca tinha sido antes. As mulheres incluíram-na em seus planos para a próxima reunião das Damas do Diligente Círculo de Costura, deram-lhe um avental e uma espátula quando o concurso de comer tortas aconteceu, mantendo-a em seu círculo de torcidas quando David participou com seus homens e a levou pelo cotovelo enquanto se moviam para as competições mais barulhentas.

David participou de tudo — o torneio de justa, a escalada de tronco, o Indian Wrestling e até o concurso de cuspir tabaco. E ele foi um fracasso miserável em tudo o que tentou. Mas somente se o sucesso fosse medido pelos resultados oficiais do concurso, pois na boa vontade ele foi o maior vitorioso do dia. O fato de ele ter tentado todas as disputas, apesar de seu dedo perdido, apesar de sua manqueira, apesar do fato de que ele estava seguro de uma perda antes mesmo de começar, valorizou-o entre os homens. E o fato de que ele fizera

tal mudança na Srta. Abigail valorizou os dois para as mulheres.

David foi finalmente forçado a desistir no evento final do dia, o concurso de rolagem de toras. Requeria mais rapidez dos pés e uma perfeição de equilíbrio até para entrar no evento — obviamente ele não tinha os dois. Ele havia sido esbofeteado nas costas e abraçado por mais de um dos lenhadores, no entanto, quando saíram do lago, derrotados, gotejando, rindo. Assim, quando finalmente voltou para a Srta. Abigail, ele estava tão molhado quanto se tivesse participado. Ele também estava bêbado, manchado de tabaco e torta, cheirando a altos céus de cerveja — uma bagunça inequívoca. Nesse estado deplorável, ele foi levado ao lado da Senhorita Abigail, para onde ela estava trabalhando com as mulheres que estavam guardando os pedaços restantes de torta, pegando garfos e copos, e distribuindo cestas de piquenique para seus legítimos donos.

— Senhorita Abigail — berrou Michael Morneau — esse homem é o maldito melhor esportista que já teve um dedão a menos!

As mulheres notaram que ela não fez mais que piscar os olhos diante da palavra maldito. Em vez disso, ela se virou para encontrar o desgrenhado David realmente carregado para ela nos ombros dos homens bem lubrificados que seriam seus companheiros enquanto ele escolhesse morar nessa cidade. Eles estavam todos rindo, cambaleando, cantando, gritando, abraçados, de modo que, se um deles se inclinava para a esquerda, todos se inclinavam.

Balançando de volta para a direita, todos eles oscilaram.

— A cidade tem um novo campeão aqui, não é mesmo, Jim?

Quem quer que fosse Jim, ele rugiu ainda mais alto que seus companheiros e, bêbado, dobrou o movimento de oscilação.

— Certo, e nós temos a Senhorita Abigail aqui para agradecer por trazê-lo! Não é certo, garotos?

Mais amáveis palavrões e aprovação se seguiram, e a Senhorita Abigail olhou para onde David se balançava em seus ombros.

— Viu? Nós o trouxemos de volta para você, Senhorita Abigail. — Mas o orador embriagado parecia incapaz de localizar David de repente e olhou em volta procurando. — Nós não trouxemos? — ele perguntou, levantando outro tumulto.

— Onde diabos nós o colocamos?

— Estou aqui em cima! — falou um David sorridente de seu poleiro nos ombros dos homens.

Aquele que estava procurando, olhou para cima. — Aí está você! Bem, como

diabos você se meteu aí em cima?

— Ora, seu idiota, nós o estávamos trazendo de volta para a Senhorita Abigail, lembra? — outra voz arrastou-se enquanto alguém tropeçava e a corrente alegre balançava, em massa, na outra direção.

— Bem, coloque-o no chão, porque aqui está ela!

Ela pôde ver aquilo acontecendo antes mesmo de acontecer. Num minuto, David estava lá em cima sorrindo como um lúcio de olhos arregalados, no minuto seguinte os ombros se separaram quase como se fossem coreografados — metade em uma direção, metade em outra. Como o Mar Vermelho, eles se separaram, derrubando David Melcher, ainda sorrindo e acenando, pelo abismo. A Senhorita Abigail o viu caindo e ofegou, depois tentou futilmente salvá-lo. Ele caiu, como um polvo, um emaranhado de braços e pernas gelatinosos, mas assim que ele despencou, ela ganhou o controle sobre a fenda no mar humano e o ombro de David a pegou do lado do pescoço e para baixo ela foi com ele! Ela caiu plana em cima dele, braços e pernas abertos da maneira mais grosseira que se possa imaginar.

Assim que a multidão percebeu o que havia acontecido, mãos solícitas se aproximaram do par de baixas empilhadas no meio deles. Os homens admirados. As mulheres riram. Mas David, com aquele sorriso de lúcio ainda por todo o rosto, abriu os olhos para encontrar o rosto da Srta. Abigail McKenzie na frente dele — e Senhor! Se ela não estava deitada em cima dele! Seus cabelos caíam para o lado, seus seios estavam esmagados contra a camisa úmida e cheirando a cerveja, os olhos azuis assustados e suas bochechas rosadas. Ele não se importava como ela chegara lá, ou quando. Esta era apenas uma chance boa demais para perder.

Ele jogou dois braços muito frouxos em volta dela e beijou-a por tanto tempo e com tanta força que ele pensou que vomitaria por falta de vento e tontura e o impacto que sua cabeça tinha acabado de sofrer.

A Senhorita Abigail sentiu os braços apertarem-se e viu que o sorriso torto se tornava ainda mais desequilibrado, e ela soube, sem sombra de dúvida, o que ele ia fazer, mas não conseguiu afastá-lo a tempo de impedi-lo. Ela sentiu o cabelo deslizar para cobrir as duas bochechas enquanto ele a beijava com o cheiro de suco de tabaco e cerveja e suor e tortas de cereja ao redor deles.

E de repente ela percebeu que um grande e pulsante estrondo de aplausos explodira. Até as senhoras estavam aplaudindo e aplaudindo. Homens assobiavam por entre dentes e crianças vinham se arrastando entre longas pernas

e anáguas para ver o que acontecia dentro do círculo.

— Isso aí garoto David, mostre a ela! — alguém gritou.

A Senhorita Abigail empurrou e rolou e finalmente se soltou, caiu no chão e se sentou ao lado dele. Ela estava positivamente escaldante! Mas o que fez a diferença final, o que todos não conseguiam acreditar que estivessem vendo, foi o modo como ela começou a rir, tentando esconder suas bochechas coradas atrás de uma pequena mão estranhamente imunda. Sentada ali no chão, ela estendeu as duas mãos em direção aos homens e disse: — Bem, vocês vão ficar aí aplaudindo o dia todo ou alguém vai me ajudar?

Todos estavam rindo com ela enquanto eles a puxavam de pé, seguidos por David. As senhoras esfregaram as saias e repreenderam os tolos maridos. Mas, secretamente, todos ficaram bem satisfeitos. A Senhorita Abigail, ao que parece, não era o pau-na-lama que ela parecia todos esses anos, e David — ora, ele era perfeito para ela. Todos os cidadãos da cidade parabenizaram-se pelo trabalho organizado que havia sido feito ali hoje. A partir daquele momento, David Melcher e Abigail McKenzie foram aceitos não individualmente, mas como um par.

Ela sentiu isso acontecendo o dia todo, a maré curiosa daquela aceitação. Era um sentimento novo para ela, um que havia sido negado a Abigail McKenzie durante toda a sua vida. A mudança sutil que havia começado naquela manhã tornou-se mais palpável à medida que o dia avançava. Se ela tentasse defini-la, não poderia, em seu vasto estoque de palavras, encontrar as corretas para descrever a exclusão da pessoa solteira do imutável círculo encantado daqueles que vivem a vida de dois em dois. Apenas em retrospecto ela sentiu aquilo completamente. Não até o final desse dia, durante o qual ela se sentira tão incluída, percebeu o quanto fora excluída até agora.

Sob o brilho da sensação, ela se viu de novo ao lado de David Melcher, sentada no chão sob o céu azul profundo da noite em Hake's Meadow. Pernas estendidas diante deles, rostos erguidos, observavam as intermitentes rajadas de fogos de artifício que iluminavam os dois e o céu.

Do canto do olho, ela viu que David a observava.

— Eu não deveria ter... te beijado daquele jeito — ele gaguejou, sóbrio pela segunda vez naquele dia, admirando seu queixo, nariz e bochechas enquanto as explosões iam e vinham. Ela manteve o rosto erguido, mas não disse nada. — Eu... eu não sabia exatamente... o que estava fazendo.

— Não sabia? — ela perguntou.

Ele olhou para cima quando um fogo explodiu. — Quero dizer, eu tomei muita cerveja.

— Como todo mundo.

Ele tomou coragem. — Você não está... você não está com raiva?

— Não.

Os dois se inclinaram para trás, os cotovelos duros, as palmas das mãos na grama atrás deles. Ele moveu uma mão para os lados até que seus dedos tocaram os dela, e quando o próximo fogo de artifício estourou, ele viu que ela estava sorrindo para o céu.

Os dedos de David estavam quentes, seus olhos sobre ela admirando. Ela estava cheia de uma sensação de bem-estar pelo dia que eles compartilharam e se perguntou, quando chegassem à sua porta ele a beijaria?

No caminho de volta para a cidade a bordo do vagão lotado, David segurou a mão dela enquanto estavam sentados lado a lado em um pacote de feno, com as mãos escondidas sob as dobras de sua saia. Suas mãos ficaram muito úmidas e uma vez ele soltou a dela e enxugou a palma da mão na calça da perna, então encontrou os dedos novamente sob a saia cinza. Ela pensou em Jesse, em seus movimentos diretos tão diferentes dos inseguros de David. Sentindo-se culpada, quando a mão de David voltou para a dela, ela apertou-a.

Ele a acompanhou até a casa quando o vagão descarregou, mas havia outros caminhando na mesma direção, então ele manteve distância. Na porta dela, com o coração martelando, ele pegou a mão dela mais uma vez em sua úmida.

— Eu... — ele começou, mas parou, como de costume.

Ela desejou que ele simplesmente dissesse o que ele estava pensando, sem esses falsos começos. Ele não é Jesse, ela lembrou a si mesma, dê tempo a ele.

— Obrigado — ele disse no final, e soltou a mão dela, recuando enquanto os Nelsons voltavam para a casa ao lado.

— Eu não fiz nada merecedor de agradecimento — ela disse baixinho, desapontada por ele ter baixado a mão.

— Sim, você fez.

— O que?

— Bem... — Ele pareceu procurar em sua mente por um momento. — Que tal o piquenique? — Ele espiou a cesta no chão da varanda.

Ela não disse nada.

— Você... você fez mais, Srta. Abigail, você sabe que você fez. Você em... fez... em... eu ser aceito em Stuart's Junction hoje.

A noite estava quieta, o contentamento parecia se espalhar em torno de Abbie como um vento quente e confortável. — Não, você me fez ser aceita.

— Eu... eu... o que?

Ela olhou para as mãos e juntou-as. — Eu morei aqui toda a minha vida e nunca me senti tão parte desta cidade como eu sinto agora. Você fez isso por mim hoje, Sr. Melcher.

De repente, ele pegou ambas as mãos dela novamente. — Ora, é como eu me sinto. Como... como se eu tivesse finalmente encontrado minha casa.

— Você encontrou — ela assegurou — uma em que você é amado por todos.

— Todos? — ele engoliu conforme ele perguntou.

— Sim, todos.

Ele ficou apertando as mãos dela por um longo tempo e ela o ouviu engolir de novo. Suas mãos eram muito menores que as de Jesse. Ela tentou não compará-los. Beije-me, ela pensou. Beije-me e afaste-o da minha mente.

Mas ele não conseguia reunir a coragem, sóbrio como estava agora. E ele sabia que estava em um estado lastimável, cheirando a cerveja e tabaco, roupas sujas e úmidas.

— Você vai me mostrar o caminho para o moinho amanhã? — ele perguntou.

— Certamente. Quanto mais cedo o prédio for construído, mais cedo você estará aberto para negócios.

— Sim.

Ele soltou as mãos dela, desapontando-a imensamente, pois sabia, pelo jeito que ele fez isso, que ele preferia continuar a segurá-las.

Jesse as teria segurado.

Maldito seja, Jesse, nos deixe em paz.

— Eu tive um dia maravilhoso — ela insistiu, encontrando uma necessidade quase compulsiva dentro dela de ser beijada por esse homem, embora talvez não pelos motivos certos.

Mas David apenas disse: — Eu também — então lhe desejou boa noite e se virou para ir embora.

Seu coração caiu. Ela estava condenada a outra noite de pensamentos de Jesse depois de tudo. Desesperada, foi até o balanço e ficou sentada no escuro, ouvindo o som dos passos irregulares de David recuando pela rua de cascalho. Logo ele se moveu para além do alcance da voz e o som de seus passos foi

substituído pelo suave rangido das cordas quando ela cutucou o balanço. Um grilo respondeu às cordas. Ela olhou hipnoticamente para a rua escura, não viu a rua escura, mas um bigode escuro.

David... Jesse... David... Jesse...

David, por que você não me beijou?

Jesse, por que você beijou?

David, eu deixaria você me beijar?

Jesse, por que eu te deixei?

David, e se você soubesse sobre o Jesse?

Jesse, se não fosse por você, não haveria nada para David saber. Por que você não me forçou a deixar seu quarto naquela noite como qualquer cavalheiro deveria ter feito? Por que eu forcei meu caminho como uma dama não deveria ter feito? Tudo o que isso me trouxe é dor. Não, isso não é verdade, me trouxe David, que é todas as coisas gentis, refinadas e agradáveis que eu sempre quis em minha vida. Por que devo compará-lo a você, Jesse DuFrayne? Por que ele deveria ter de se equiparar a você, quem fez tudo errado do começo ao fim? David, David, me desculpe... acredite em mim. Como eu poderia saber que você voltaria? O que você faria, com a sua natureza gentil, se soubesse a verdade sobre mim? Por que eu acho uma falha sua ser hesitante e educado e ser um cavalheiro? Jesse foi direto e rude e nada cavalheiresco e eu odiei isso...

Ah, mas não no fim... não no fim, alegrou seu corpo desleal.

Ela cruzou o braço sobre o estômago, apoiou o cotovelo nele e aninhou a testa cansadamente, tentando esquecer.

As cordas do balanço guincharam ritmadamente, e as lembranças a dominaram impiedosamente. Um peito nu aparecendo por trás dos botões abertos de uma camisa, um braço pendurado na parte de trás de um balanço, um sorriso que começou lentamente no canto de um bigode, as mãos sobre a pele, lábios e língua em sua pele.

No instante em que as lágrimas se juntaram nos cantos dos seus olhos, ela percebeu que seus seios estavam enrugados como pequenos e apertados botões de rosa.

Saia da minha vida, Jesse DuFrayne! Você me ouviu! Saia do meu balanço e saia da minha cama para que eu possa ficar em paz novamente.

XX

AS PESSOAS DA CIDADE SE ACOSTUMARAM A VER A Senhorita Abigail e David juntos nos dias que se seguiram.

Os dois passaram longas horas tomando as muitas decisões necessárias para estabelecer um novo negócio a partir do zero. No dia seguinte ao piquenique, quando eles apareceram em Silver Pine Mill, a Srta. Abigail estava ao lado de David, enquanto os arranjos para a venda de madeira eram manuseados. Demonstrando seu tino comercial afiado, ela garantiu a madeira dele a um preço melhor do que ele teria chegado a ter por conta própria ao insistir que fosse mostrado o pinheiro tratado menos desejável, o que abaixou o preço. Estes, ela sabiamente observou, eram bons o suficiente para construir prateleiras de armazenamento nas traseiras do edifício.

O vidro para as janelas, que seria enviado de trem de Ohio, teria sido uma das commodities mais caras se tivessem comprado placas do tamanho grande que ele imaginava. Ela sugeriu, em vez disso, que encomendassem vários pequenos painéis que poderiam ser enviados a um preço muito menor, devido ao fato de que eles eram muito menos propensos a entrar em trânsito. Assim, o plano para uma loja plana, fria e indiferente foi descartado em favor de uma cálida e convidativa janela de proa de Cape Cod, a primeira Main Street iria se vangloriar. Nas palavras da Senhorita Abigail, Por que não deixar as mulheres olharem os sapatos de três direções em vez de apenas uma? Talvez pudessem vender três vezes mais assim.

Enquanto as primeiras vigas da loja começavam a ser erguidas ela marchou um dia até a loja de alimentos e se apresentou a Bones Binley com uma proposta que ele encontrou impossível recusar: ela iria fornecer a ele e seus companheiros uma cesta de piquenique cada dia, durante sete dias, se durante esse tempo eles pudessem cortar um conjunto de vinte e oito carretéis combinados, dos quais um corrimão seria feito para a parte de trás da vitrine. O corrimão, em vez de uma parede, permitiria que os itens da vitrine fossem vistos de dentro da loja, criando, ao mesmo tempo, uma atmosfera acolhedora e convidativa quando vista de fora.

Quando, em um domingo, foi anunciado que os bancos haviam finalmente sido pedidos para igreja, ela sugeriu a David que eles comprassem os antigos bancos de madeira por uma fração do que as novas cadeiras custariam. Feito isso, ela invadiu o quarto dos fundos de Avery Holmes e surgiu com um rolo empoeirado de tecido que permaneceu intocado por anos, simplesmente porque era escarlate brilhante. Ela considerou escarlate a cor perfeita para emprestar a loja de sapato o calor interior que ela estava se esforçando para que tivesse. Ela falou para Avery vender todo o tecido a um preço ridiculamente baixo e deixou-o sentindo-se muito feliz por finalmente tê-lo repassado. Depois, ela falou para as mulheres do círculo de costura experimentarem o estofamento, que nenhuma delas jamais experimentara antes. Elas acolchoaram e cobriram os velhos bancos da igreja com o tecido vermelho, o tempo todo agradecendo a Srta. Abigail por dar-lhes a chance de tentar suas habilidades neste novo ofício.

O rolo de tecido parecia não ter fim. Quando os bancos foram concluídos, ainda havia metros e jardas restantes. Abbie moldou painéis de cortina planos e simples com os quais enquadrar a janela de arco, para ser amarrado atrás, dando a exibição inteira um efeito de palco. Ainda assim, ela não tinha ficado sem o tecido vermelho, então ela começou a rasgar o restante do rolo sempre que encontrava tempo, para ser usado mais tarde em tapetes trançados na frente da porta e diante do fogão de ferro na parte de trás da loja.

Quando agosto se aproximou e o prédio tomou forma, Abbie e David trabalharam juntos no enorme pedido que precisavam enviar para a fábrica da Filadélfia para o primeiro estoque das prateleiras. O calor permaneceu intenso, o ar parecia sempre carregar sua neblina baixa de partículas de poeira. Uma dessas tardes, os dois estavam no lugar mais fresco que puderam encontrar: na grama debaixo da tília, no quintal de Abbie, com livros, listas e catálogos espalhados ao redor deles.

— Mas você tem que pensar no inverno chegando! — Abbie estava insistindo. — Seja prático, David. Se você fizer um pedido apenas de sua empresa, por nada além de sapatos de alta moda, você perderia a maior parte de seu potencial de negócio.

— Sempre vendi sapatos finos e atuais — ele argumentou. — As pessoas podem comprar botas em uma loja de produtos secos, então deixe-as.

— Mas por que perder o lucro delas?

— Porque eu não acho que vou precisar disso. Eu terei todo o lucro que eu preciso ao vender os estilos mais elegantes que eu sempre vendi.

— Talvez no leste você iria, e talvez viajando em um circuito como você fez no passado, porque o que você carregava era uma novidade e aqueles que os viram pensaram que perderiam a chance de comprar tais sapatos uma vez que você se fosse. Mas aqui, em um único lugar, você precisará atender a todas as necessidades. Botas de trabalho seriam as suas melhores vendas.

— Mas como as botas de trabalho vão parecer naquela linda janela de Cape Cod que você me falou?

— Horríveis!

Ele piscou para ela interrogativamente. — Bem?

Imediatamente ela estava planejando: ela sempre estava cheia de novas ideias. — Bem... vamos colocá-las na parte de trás da loja, em um local mais adequado para elas. Vamos exibilas onde os homens se sentirão mais confortáveis olhando para elas. É isso! — ela exclamou, a ideia de repente se fixando. — Vamos fazer um lugar exclusivo para os homens! Os homens são tão engraçados, eles gostam de ter um lugar só para eles. Vamos pegar algumas cadeiras como as que estão na frente da loja de Mitch e nós vamos circulá-las ao redor do fogão e… e… vamos ver… — Ela ponderou novamente, colocando um dedo contra seus dentes. — Nós vamos fazer isso caseiro e masculino ao mesmo tempo, um tapete vermelho no meio do círculo de cadeiras, e talvez possamos mostrar as botas de uma maneira masculina que seja atraente e pouco tediosa.

— Eu não sei — David disse duvidosamente.

Ela ficou impaciente com ele e pulou, derramando livros e espalhando anotações e papéis. — Oh, David, seja sensato!

— Eu estou sendo sensato. Esta cidade já tem um local de saída para botas de trabalho e sapatos comuns. Eu sou especialista em sapatos da moda e eles são o que eu sei vender. São as mulheres que eu quero apelar. Quando elas virem o que está na janela da frente, eu quero que elas corram direto para casa e exclamem aos seus maridos: "Adivinha o que eu vi hoje!"

Abbie ficou muito quieta agora, com as mãos nos quadris, desafiando-o. — E o que exatamente elas descreverão?

— Bem, a vitrine, é claro, cheia do tipo de sapato que atrai a vaidade delas ou talvez as vaidades do marido. Sapatos celestiais como nunca viram em suas vidas, vindos diretamente do leste.

Quer fosse ou não sábio, ela perguntou: — Sapatos vermelhos?

— O que? — Ele piscou para ela.

— Sapatos vermelhos, eu disse. Elas estarão descrevendo sapatos vermelhos?

— Ora... ora, sim, alguns deles. Sapatos vermelhos como os seus.

Mas ambos sabiam que ela nunca usara aqueles sapatos vermelhos desde aquela única noite em que ele a levou para jantar fora.

— Você... você gosta dos sapatos vermelhos, n... não é, Abigail?

Ela chegou perto dele e se agachou, sua saia formando um cogumelo ondulante sobre ela quando ela colocou um braço em sua manga. — Por favor, entenda, David. Eu gosto deles porque eles vieram de você, mas eu...

Quando ela hesitou, ele insistiu: — Vá em frente.

Ela olhou para o rosto dele, depois para longe, depois se levantou nervosamente e virou as costas para ele. — Você sabe o que... o que o Sr. DuFrayne disse quando os viu?

David imediatamente se irritou com a menção de DuFrayne. — O que DuFrayne tem a ver com isso?

— Ele estava aqui no dia em que chegaram, como você sabe. — Resolutamente ela se virou para David antes de adicionar — Ele os chamou de sapatos de rameira. — O rosto de David queimou e seus lábios franziram.

— Por que você o trouxe? O que importa o que ele pensa?

Seu tom de voz se tornou implorante. — Porque eu quero que seu negócio seja bem sucedido. Eu quero que você perceba que aqui em Stuart's Junction as pessoas não usam sapatos vermelhos, mas eles usam um monte de botas de trabalho e sapatos de utilidade sensatos. Se for para você ter sucesso, é imperativo que você entenda. No leste, onde as cores brilhantes são moda, é perfeitamente aceitável vendê-los e usá-los. É diferente aqui. Você olha essas cores do ponto de vista do vendedor. As pessoas aqui, particularmente as mulheres, são muito mais conservadoras. Não importa o quanto elas possam até mesmo admirá-las secretamente, a maioria dessas mulheres não sonharia em comprá-los. Essa é a única razão pela qual eu repeti o comentário do Sr. DuFrayne, porque simboliza a visão da cidade.

— Abigail. — Sua boca estava comprimida, sua mandíbula rígida. Ele havia esquecido completamente o motivo do solilóquio dela.

Apenas uma coisa agora possuía seus pensamentos. — Você está dizendo que ele te chamou de prostituta?

Sem pensar, ela respondeu: — Oh, não, ele estava com ciúmes, só isso.

David se levantou de um salto e disse: — O que?

Ela tentou amenizar isso, percebendo seu erro. — Estamos saindo do assunto. Estávamos falando dos sapatos mais sensatos para você pedir.

— Você estava falando dos sapatos mais sensatos para eu pedir. Eu estava falando do motivo pelo qual DuFrayne deveria ter motivos para sentir ciúme. Havia algo entre vocês dois afinal? — David Melcher tornava-se estranhamente seguro de si e da língua presa sempre que o nome de DuFrayne aparecia. Ele possuía uma autoridade firme faltava em outros momentos.

— Não! — ela exclamou, muito rápido, então, acalmando-se, repetiu mais baixinho: — Não... não havia nada entre nós. Ele era odioso e imprudente e insultuoso sempre que tinha a chance de ser. — Mas ela sabia que não era inteiramente verdade, e ela não podia encontrar os olhos de David.

— Então por que ele deveria se importar de uma forma ou de outra se eu lhe enviasse um par de sapatos? Depois daquela cena na cama na manhã que eu saí, eu acho que ele seria o tipo de aplaudir sapatos vermelhos, se o que você diz é verdade e eles realmente são considerados inadequados.

Inconscientemente, David havia encontrado uma dessas inconsistências sobre Jesse DuFrayne que a incomodava ainda, mesmo depois de todas essas semanas que ele partiu. Era desconcertante ter isso colocado em palavras por outra pessoa quando isso estava em seus pensamentos com tanta frequência, aparentemente inexprimível.

— Não posso responder por ele — ela disse — e não acho que seja seu lugar me censurar. Afinal de contas, você e eu não somos nada mais do que... — Mas de repente ela se interrompeu, envergonhada de si mesma. Ela baixou os olhos e mexeu no botão no punho. Ela realmente não sabia o que ela e David eram um para o outro.

Ele tinha sido o epítome da polidez nas semanas em que estiveram trabalhando juntos nos planos para a loja.

A única mudança — e era natural — era que eles começaram a usar os primeiros nomes um do outro. Ele não fez mais nenhuma tentativa de beijá-la ou sequer de segurar a mão dela. De nenhum outro modo ele indicou que estava cortejando-a. Ela supôs que ele pensava que a tinha ofendido embebedando-se e beijando-a daquele jeito diante de toda a população de Stuart's Junction no dia 4 de julho e estava se desculpando com sua extrema polidez desde então.

Novamente com aquela aura de autoridade, ele disse inequivocamente: — Eu não quero que o nome daquele homem seja mencionado entre nós novamente, Abigail.

Seus olhos subiram bruscamente para encontrar os dele. Com que direito ele lhe dava ordens? Eles não estavam noivos.

De repente, David se suavizou. O vento levantou o cabelo castanho da testa e a expressão dos olhos dele ficou melancólica. Ele ficou com o peso na perna boa — ele muitas vezes fazia isso, talvez porque o outro pé lhe dava desconforto — e isso lhe dava uma aparência relaxada, especialmente quando ele tinha o polegar e o indicador de uma mão escondido dentro do bolso do colete, onde ele carregava o relógio.

— Abigail, o que você ia dizer naquele momento? Que você e eu não somos mais do que o quê? Você não terminou.

Mas como ela poderia terminar? Foi um deslize da língua. Ele deveria ser o único a terminar, entender o que ela queria dizer. Ela estava tão acostumada a estar com ele e gostava dele a maior parte do tempo. De vez em quando ela pensava em sua virgindade perdida e no fato de que ela deveria deixar de encorajar David, mas com o passar do tempo ela pensava nisso cada vez menos. Ainda assim, ele nunca fez nenhum avanço em direção a ela ou agiu como se pensasse em fazê-lo. Eles compartilhavam um relacionamento platônico no máximo. E assim Abbie pensou em uma resposta provável para ele.

— Eu ia dizer parceiros de negócios, mas acho que não somos nem isso. O negócio é seu. — Ela não conseguiu encontrar seus olhos.

— Eu sinto que ele é meio seu também. Você fez tanto ou... mais que eu. — Ele começava a gaguejar assim que o assunto abordava alguma coisa pessoal. Ao falar da loja, seu entusiasmo manteve sua voz firme. Mas agora, perigosamente perto de esclarecer seu relacionamento com Abigail, ele ficou tímido novamente.

— Eu não fiz mais do que qualquer amigo faria — disse ela humildemente, esperando que ele negasse.

— Não, Abigail, você fez muito mais. Eu não sei como eu poderia ter feito tudo sem você. Você... seus julgamentos são m... muito melhor que os meus.

Ela esperou com o coração na garganta, imaginando se ele iria para coisas mais pessoais, mas ela podia sentir sua timidez — para alguns homens, não é fácil ser o homem em uma situação como essa. O silêncio se alongou entre eles e ficou desconfortável e ela podia ver que ele perdeu a coragem.

— Ainda não concordamos com a encomenda do estoque — disse ela, e o momento de desconforto passou.

— Algo me diz que eu deveria confiar em seu julgamento novamente sobre isso.

— Há espaço na parte de trás da loja para botas. Também estou muito certa de que vamos vender mais delas se fizermos da maneira que eu imaginei. Venha

para a loja e vamos olhar em volta e eu te mostrarei onde poderíamos colocar a seção de botas e como vamos planejá-la.

— Agora?

— Por que não?

— Mas é domingo.

— Assim é, e não haverá barulhos e pancadas barulhentas e poderemos conversar em paz e estudar as possibilidades.

Ele sorriu, admitindo. — Você está certa. Vamos.

Ela não usava mais o chapéu e as luvas quando o tempo estava quente demais. Eles caminharam pela cidade no sol do fim do dia, acenando para um vizinho ocasional que agora enviava uma saudação amável para os dois. — Boa tarde, David, Senhorita Abigail. Como vocês estão? — Havia momentos em que a Senhorita Abigail já se sentia casada com ele.

O esqueleto do prédio estava pronto. Tinha paredes e parte de um telhado, mas dentro as vigas apareciam. A estrutura da janela de proa estava à espera de painéis, e ainda não havia porta da frente. As paredes internas deveriam ser de lambril de estanho acima das prateleiras — as pilhas de lambril estavam em meio a cavaletes e tábuas.

Abigail abriu caminho entre baldes de pregos, pilhas de prateleiras, os carretéis esculpidos que Bones e os meninos já haviam concluído. — Vê aqui? — Na parte de trás do prédio, ela apontou para um local onde havia um buraco para o cano da chaminé.

— Agora, aqui é onde o fogão estará. Suponha que nós cortemos algumas rodadas gigantes de carvalho e as deixemos, casca e tudo, assim como elas vêm da floresta. Nós as colocaremos aqui perto do fogão e colocaremos as botas de trabalho na madeira para adicionar apenas o toque certo de masculinidade, uma cesta de nozes aqui, o círculo de cadeiras resistentes ao redor do fogão, ou encostadas na parede atrás dele, quase como se fossem reservadas para cada homem, porque eles vão adorar! Os homens adoram estar perto de um fogão, as mulheres passam tempo o suficiente perto de seus fogões trabalhando em suas cozinhas, então colocamos os sapatos na frente, onde está frio, na vitrine cercada pelo corrimão trançado, e embora possa ser verdade que nenhuma mulher por aqui pode gostar da cor vermelha em seus sapatos, elas vão achar alegre e chique quando o vermelho estiver iluminando a loja como pano de fundo para exibições. Imagine no Natal com o fogo estalando e uma chaleira quente de café aqui no fogão para os homens. Nós poderíamos convidá-los a deixar suas canecas

aqui mesmo, penduradas na parede com pinos. Nós venderemos botas, e muitas delas. Ao mesmo tempo, as mulheres ficarão na frente e se animando sobre seus sapatos extravagantes e fofocando, longe de seus maridos.

Abigail não sabia disso, mas levada como estava pelos seus planos para a loja, seu rosto assumiu o mesmo olhar adorável que Jesse tinha descoberto no dia em que os sapatos vermelhos vieram. Nem ela percebeu que havia dito "nós vamos vender botas, e muitas delas". Seu rosto estava animado, de olhos brilhantes e radiantes. E, assim como Jesse DuFrayne havia sido comovido semanas atrás, David Melcher ficou comovido com isso agora. A bainha da saia de Abigail tinha levantado serragem no ar, e o sol, brilhando através do buraco da chaminé e do telhado semiacabado, pegou-a em cantos pairando enquanto ela gesticulava, movia-se, girava e falava. Ela levantou a mão para apontar onde o bule de café estaria, borbulhando em um fogão no inverno... e David esqueceu o calor do verão, imaginou-a aqui então, ajudando as senhoras a escolher sapatos, trazendo seu entusiasmo junto com seu bom senso comercial. Ele imaginou ajudar os maridos enquanto dizia a suas damas: — Minha esposa vai ajudá-las na frente.

E de repente ele sabia que não poderia ser de outra maneira.

Ela se virou e ele surpreendeu sua mão, capturando-a no ar. Por um momento, as palavras ficaram presas em sua garganta tímida. A serragem flutuou ao redor deles como neve de verão, pousando aqui e ali em seus ombros. Estava silencioso e com cheiro de madeira e privado. E ele a amava muito.

— Abigail... — ele disse, então engoliu em seco.

— Sim, David?

— Abigail, eu posso... te... te beijar? — Ele já havia cometido tantos erros com ela que achava melhor perguntar primeiro.

Ela desejou que ele não tivesse perguntado. Jesse não teria perguntado. Com medo de que David tivesse lido o pensamento indesejado, ela baixou os cílios. Em vez disso, ele tomou isso como sua recusa recatada e soltou a mão dela.

— Sinto muito... — ele começou.

Seus olhos voaram de volta para cima. — Como você pode se arrepender? — ela perguntou rapidamente. — Você não fez nada. — Era irracional que ela se sentisse irritada quando tudo o que ele pretendia era ser educado, mas já bastava!

— Eu... não... não... — ele gaguejou, mas a resposta dela o confundiu muito, ele não sabia o que fazer.

— Sim, você pode me beijar, David.

Mas agora a situação havia perdido a graça que um beijo espontâneo teria

emprestado. Apesar disso, ele pegou as duas mãos e se inclinou para ela. Havia um pequeno pedaço de tábuas entre os pés, mas, em vez de se mexer ou passar por cima dele para tomá-la nos braços, ele se inclinou sobre a barreira e, com os olhos fechados, gentilmente colocou os lábios sobre os dela.

Ele tinha lábios finos, macios, quentes e bem formados. E ela pensou, Que vergonha ele não saber como usá-los.

Ele os colocou sobre os dela por uma fração de segundos enquanto Abigail não sentia absolutamente nada. A conversa sobre como eles deveriam mostrar os sapatos a excitou mais do que o beijo dele. Ele se endireitou então e permaneceu perfeitamente silencioso, tão silencioso quanto seu beijo tinha sido. Ela olhou para a serragem sob os pés deles, para a tábua que os separava, pensando que poderia muito bem ter estado entre os seus troncos e também no chão por todo o contato que houve durante aquele beijo. Um beijo dos lábios só, ela determinou, era uma coisa decididamente insatisfatória. Então ela ergueu os lábios para David novamente e se atreveu a colocar a mão atrás do pescoço dele por um breve momento. Mas o beijo foi breve, e logo depois David disse a coisa apropriada.

— Devemos ir?

Ela queria dizer: — Não, vamos tentar de novo sem a tábua entre nós. Vamos tentar de novo com um pouco de língua. — Mas ele finalmente deu a volta na tábua e segurou-a pelo cotovelo, levando-a para a porta inexistente. Ela sabia, no entanto, que o beijo o tinha perturbado, pois ele falou nervosamente durante todo o caminho para casa, sobre como ela estava certa e ele imediatamente colocaria um pedido de botas para que chegassem a tempo da inauguração prevista para outubro. Sobre como poderia haver neve até então, e é melhor que ele estocasse sua pilha de madeira nos fundos e como planejariam um anúncio especial no jornal, embora todos na cidade soubessem que a loja abriria e quando.

Ele se recusou a ficar para o jantar, o que ele havia feito com bastante frequência recentemente — na verdade, jantarem juntos tinham se tornado a regra e não a exceção — mas pegou seus materiais e partiu, insistindo que seria melhor começar a colocar o pedido no papel.

Naquela noite, ela tentou analisar seus sentimentos em relação a David Melcher, para resolver suas razões para encorajá-lo como o fez hoje. A essa altura, ela tinha certeza de que não estava grávida, de modo que o maior obstáculo potencial ao relacionamento deles fora removido. Por incrível que pareça, a culpa

esmagadora que ela já sentira não era mais crivada. Ela havia realizado um ato imoral, mas não achava que tivesse que pagar por isso pelo resto de sua vida. Ela merecia alguma felicidade, e se David Melcher oferecesse a ela, ela não acreditava mais que estaria enganando-o por aceitá-lo.

Não, o problema dela com David não era mais um problema de moralidade, era de sexualidade. Ela simplesmente não foi estimulada por ele. Ela tentou não pensar em Jesse... ah, ela realmente tentou. Mas não funcionou. Sendo beijada como tinha sido por David, era impossível não contrastar seus beijos com os do experiente, o ardente, o tentador Jesse. Memórias vívidas vieram à tona até varrerem tudo de sua mente, exceto seu conhecimento íntimo dele. Ela conhecia todas as partes do corpo dele, assim como as suas, e não parecia mais vergonhoso admitir isso. Ela pensou em cada parte, imaginando se a importância da atração sexual iria diminuir com o tempo se ela se casasse com David. Ah, mas David não pediu a ela. Ah, mas David faria. Levaria um pouco mais de tempo, mas ela tinha certeza de que ele faria. E quando ele pedisse, o que ela diria? Não, eu não vou casar com você porque você não faz meu sangue correr como Jesse? Ou sim — porque de todas as outras formas somos compatíveis. Ela pensou, enquanto permanecia acordada até as primeiras horas da madrugada, que se pudesse convencer David a mostrar mais ardor, ela poderia pelo menos ter uma base maior de comparação entre ele e Jesse DuFrayne.

Na noite seguinte, David aceitou seu convite para o jantar. Era uma refeição agradável, compartilhada na mesa da cozinha da maneira familiar com que tantas vezes haviam compartilhado essas refeições. Durante o café, David foi extremamente elogioso, como sempre foi.

— Que refeição deliciosa. Tudo que você faz é sempre delicioso. Aquece mais que o estômago de um homem.

Se ela fosse contrastar os dois homens, então deixe-a fazer de verdade, e angariar para si uma escolha honesta sobre eles. Deixou que a voz de Jesse ecoasse de volta, com sua provocação infernal, que na época tanto a irritara, mas que agora apenas tentava. “E o que você está planejando para me envenenar dessa vez, Abbie?”

Ela não sabia do sorriso persistente que a lembrança trouxe aos seus lábios.

— Eu disse algo engraçado? — David perguntou, notando isso.

— O que? — Ela se trouxe de volta ao presente, com pesar.

— Você estava rindo. No que você estava pensando?

— Eu não estava rindo.

— Bem, seus ombros estavam se movendo como se você estivesse rindo por dentro.

Ela balançou a cabeça. — Não foi nada. Estou feliz por você ter gostado do jantar.

Sua resposta o apaziguou. Ele empurrou a cadeira para trás da mesa, sugerindo: — Pensei que talvez pudéssemos ler alguns dos seus sonetos depois do jantar. Isso é tudo o que seria necessário para tornar a noite perfeita.

Por que, de repente, os sonetos soaram tão secos quanto os seus beijos?

— Você sempre diz as coisas mais agradáveis — ela disse para reparar no pensamento errante. Eu realmente devo ser mais justa com ele, prometeu a si mesma, pois não foi ele quem mudou. Foi ela.

Eles leram sonetos, ele sentado no sofá e ela sentada em uma cadeira lateral rígida. As lamparinas estavam acesas, não tinham nada a fazer além de desfrutar dos versos juntos. Mas ele sentiu uma impaciência, quase um alívio, nela quando finalmente colocaram o livro de lado. Ele se intrigou mais uma vez com a mudança que às vezes sentia nela, uma inquietação que continuava a interferir na tranquilidade que ele amava e procurava.

Ele deu-lhe um beijo de boa noite. Um beijo casto, David pensou. Um beijo seco, pensou Abbie.

Vários dias depois, eles se sentaram no balanço no começo da noite.

Setembro estava sobre eles, à sugestão do inverno não muito atrás.

— Algo tem estado... te... te incomodando, não... não tem?

— Me incomodando? — Mas o tom dela era agudo. Ela estava trabalhando nas tiras para os tapetes, e suas mãos rasgaram e rolaram os trapos quase freneticamente.

— Eu posso dizer que eu te desagrado, mas eu... não sei o que é que tr... traz isso.

— Não seja bobo, David — disse ela em tom de reprovação. — Você não me desagrada. Muito pelo contrário.

Ela rasgou uma longa tira do tecido, seus olhos nunca o deixaram, e o som áspero arranhou seus nervos.

Ele desejou que ela parasse o trabalho enquanto eles conversavam.

— Não há necessidade de você... ten... tentar ser gentil disfarçando. Eu só gostaria de... saber o que te incomoda.

— Nada, eu disse! — Suas mãos eram um borrão, enrolando as tiras em uma bola. Como ela poderia dizer que todos na cidade estavam esperando que os dois

se casassem e que ela daria qualquer coisa se ele pedisse, mas temia mais a cada dia que ele iria? Como ela poderia explicar uma confusão de pensamentos para ele quando ela não podia endireitá-los por si mesma?

Silenciosamente, ele estendeu a mão para colocar a mão sobre a dela, que estava furiosamente rolando as tiras de pano em uma bola apertada.

— O que quer que seja que você chame de nada é um pedaço muito grande de algo. Muito maior do que eu pensava. Você está enrolando esses trapos como se você quisesse que eles estivessem sufocando alguém. Sou eu?

Ela deixou cair à bola no colo e a testa na palma da mão, mas não disse uma só palavra.

Ele ficou sentado olhando para os fios vermelhos esfarrapados que caíam sobre o colo dela como uma teia. — Começou naquele d... dia que eu perguntei se eu poderia t... te... beijar. Eu poderia dizer que você estava enojada com... comigo. É isso, Abigail? Você está com raiva po... porque eu t... te beijei?

Ela bateu com os dedos na testa e olhou para o colo, sem saber o que dizer. Ela não sabia se queria que ele seguisse esse assunto ou não. Como ela poderia dizer depois daqueles dois beijos sem brilho?

— Oh, David... — Ela suspirou pesadamente e olhou para o outro lado do jardim.

— O que é? O que eu fiz? — ele perguntou suplicante.

— Você não fez nada — ela disse, agora desejando ardentemente que ele pudesse saber de uma vez por todas o que ela sentia por ele.

— Abigail, quando cheguei aqui, senti uma... uma conexão entre nós. Pensei que você também sentisse isso. Pensei como nós éramos o mesmo ti... tipo de pessoas, mas... bem, desde que voltei, você parece d... diferente.

Era hora dela admitir a verdade.

— Eu estou — ela disse cansada.

— Como? — ele encorajou.

O cansaço a deixou e ela ficou de pé, irritando-se: — Não gosto mais de sonetos.

A bola de pano rolou no chão da varanda, sem se dobrar, mas ela não prestou a menor atenção. Ela cruzou os braços sobre as costelas e deixou-o contemplar suas omoplatas eretas.

Ele ficou olhando para elas, completamente confuso. Em um momento ela entrou na sala de estar; batendo a porta de tela fechada atrás dela. Ele permaneceu no balanço por algum tempo, imaginando o que ela queria dele,

imaginando o que os sonetos tinham a ver com qualquer coisa. Finalmente ele suspirou, levantou-se e mancou até a porta. Abriu-a em silêncio e entrou para encontrá-la em pé diante do monstruoso suporte de sombrinha em forma de trono, contemplando seu reflexo no espelho. Enquanto ele assistia, ela fez uma coisa muito curiosa. Ela levantou a mão e pressionou as costas de seus dedos para cima contra a pele de sua mandíbula, estudando o movimento no vidro.

— O que você está fazendo? — ele perguntou.

Ela não respondeu imediatamente, mas continuou pressionando o queixo. Por fim, ela largou a mão como se estivesse muito cansada, depois virou-se para ele com uma expressão triste no rosto e respondeu quase com tristeza: — Desejando que você possa me beijar novamente.

Seus lábios se abriram um pouco e ela quase podia ver seus pensamentos vagando pelo rosto transparente dele: ele ficou preocupado por tanto tempo que ele foi longe demais, beijando-a na loja naquele dia. Ele ficou aliviado ainda que tímido, talvez um pouco chocado que ela pedisse a ele. Mas finalmente ele se aproximou dela, e ela leu um último olhar em seu rosto — temor de que ela realmente o desejasse.

Desta vez não havia nenhuma tábua entre eles, mas quando ele a beijou, ele ainda a segurava sem frouxamente, fragilmente. Era como antes, só que pior, porque agora, sem impedimentos, ele poderia tê-la puxado para ele, mas não o fez. Ele a segurou em uma imitação de um abraço, com medo de acreditar que seus lábios estavam nos dela, finalmente, e com seu consentimento total.

De repente, ela precisava saber sobre David Melcher, sobre si mesma. Ela levantou os braços e eles rodearam os ombros dele enquanto ela se levantava na ponta dos pés e oferecia seus lábios para ele com uma paixão fingida. Ela pressionou os seios contra o peito dele, mas ao invés de aceitar o convite, ele respirou fundo, afastando-se do toque dela, com medo de que o contato fosse íntimo demais ainda.

— Abigail, eu pensei sobre isso por tanto tempo — disse ele, olhando em seus olhos. — Eu pensei em você, na casa, na loja e em tudo, e pareceu bom demais para ser verdade pensar que você pode sentir o mesmo por mim que eu por você.

— Como você se sente, David? — ela perguntou, tentando forçar as palavras dele.

Ele a soltou completamente, dando um passo para trás e segurando-a apenas pelos braços. — Eu quero casar com você e morar aqui nesta casa e trabalhar na

loja com você ao meu lado.

Ela tinha a sensação de que ele desejava os três igualmente. Ela tinha a sensação ainda mais triste de que ela também se sentia assim.

— Eu te amo — ele disse então, e acrescentou: — Eu acho que deveria ter dito isso primeiro.

O que ela poderia dizer sobre isso? Sim, você deveria ter dito? Diga-me de novo e me beije, me puxe contra você e toque meu corpo aqui e aqui e me inspire a amar você também? Toque minha pele, toque meu cabelo, toque meu coração e faça-o correr e toque meu peito e faça meu sangue ferver e me toque debaixo da minha saia e me mostre que você é tão bom quanto outro homem foi antes de você?

Mas o fato frio era que nenhuma dessas coisas aconteceu. Ele não a beijou apaixonadamente nem a puxou contra ele nem tocou em seu cabelo, coração, peito ou qualquer outra parte dela como Jesse havia feito. Em vez disso, ele recuou, deu a seus ombros um aperto amoroso, controlando todos os desejos do seu corpo com uma vontade que ela subitamente detestou. Ele esperou pela resposta dela. Ela se moveu para ele e o beijou, permitindo que seus lábios se tornassem relaxados, para serem abertos por sua língua, se ele escolhesse. Mas seus lábios macios permaneciam juntos, guardados pela discrição.

Mas discrição era a última coisa que ela ansiava. Ela ansiava por ser reduzida — não, aumentada — pelo êxtase que sabia que poderia passar pelo seu corpo, caso ele a manejasse da maneira certa.

Mas, de pé nas mãos de David, ela pensou: Ele não é Jesse. Ele nunca será o Jesse.

Mas isso não deixaria de importar? Ali estava ele, oferecendo-a segurança para a vida toda. Não se recusa uma oferta de casamento simplesmente por causa da maneira como um homem beijou ou não beijou. Ela deveria se sentir lisonjeada por sua corte, não ser insultada por isso. Mas Jesse conseguiu mudar seu senso de valores em algum lugar ao longo da linha.

— Há tempo suficiente para você decidir — David estava dizendo. — Você não tem que me responder hoje à noite. Afinal, eu sei que isso é um pouco repentino.

Ela teve a terrível vontade de rir em voz alta. Ela o conhecia há mais de três meses e os botões de sua blusa nunca haviam tocado em seu colete, mas ele ainda achava o beijo casto e esse convite repentino.

O que ele pensaria se soubesse que em três semanas ela tocara em todas as

partes do corpo de Jesse DuFrayne e implorara a ele que a levasse aos limites?

— Tem certeza de que quer se casar comigo? — Abigail perguntou a David, sabendo que não era ele, mas a ela mesma que deveria estar perguntando.

— Tenho certeza disso desde o dia em que você me expulsou depois que eu a acusei. — Mas ele parou, não querendo trazer o nome de DuFrayne, não percebendo que ele tinha estado nisso o tempo todo. — Você pode me perdoar pelo que eu te acusei? Eu fui muito tolo e ciumento naquela manhã. Eu sei agora que você não é esse tipo de mulher. Você é pura e boa... e é por isso que eu te amo.

Se alguma vez houve um ponto de não retorno, foi agora. Agora, quando suas palavras poderiam ser facilmente negadas, se fossem. Mas ela não as negou. Ela manteve seu silêncio, sabendo que até isso era uma mentira.

David deu um último aperto nos ombros dela. — Além disso — ele disse em uma leve tentativa de alegria — o que seria minha loja sem você?

Mas, novamente, ela se perguntou se ele não a valorizaria mais, porque ela poderia ajudar em sua loja, e porque ele poderia morar em sua casa, do que porque ela poderia ser sua esposa.

— David, estou muito orgulhosa de ter sido pedida. Eu gostaria de pensar sobre isso, pelo menos durante a noite.

Ele assentiu compreensivamente, em seguida, puxou-a em direção a ele pelos ombros e beijou-a na testa antes de sair. Ele a deixou em pé ao lado do suporte de sombrinha. Por um longo momento, ela olhou desconsolada para nada. Finalmente ela virou a cabeça e confrontou seu reflexo, admitindo de uma vez por todas quantos anos ela estava recebendo. Ela suspirou profundamente, esfregou a parte de baixo de suas costas e saiu para a varanda para pegar a bola de pano e rebobiná-la mecanicamente enquanto vagava sem rumo pelo quarto. Ela ficou parada ao lado do assento da janela, enrolando, lembrando-se de Jesse sentado ali naquela tarde, depois que Jim Hudson saiu. Deixou cair à bola na cesta de costura no chão, lembrando-se de como Jesse tirara uma mecha de lã para amarrar aquela bexiga de porco com a qual ele a provocara impiedosamente. Ela imaginou as mãos de dedos longos, pele escura, de toque suave, flexionando-se sobre a bexiga inflada, flexionando-se sobre o seu próprio peito. Ela pensou em David, com medo de puxá-la contra ele quando ele a beijou antes de sua proposta de casamento para ela.

Ela suspirou, caiu no assento da janela, apoiou os cotovelos nos joelhos, segurou o rosto com as duas mãos e chorou.

Felizmente, durante aquela noite, o bom senso tomou conta e fez com que Abigail percebesse que David Melcher era um homem decente e honesto que a trataria decentemente, honestamente pelo resto de sua vida. Ela também poderia oferecer o mesmo, daqui em diante. Quer fosse intrigante ou não, ela admitiu que David, em sua ingenuidade, provavelmente não saberia se ela era ou não virgem de qualquer maneira. Se ela estivesse enganada sobre isso, ela diria a ele que foi Richard naqueles muitos anos atrás. Se o casamento dela tivesse que começar com aquela última mentira, era uma mentira necessária — necessária para evitar que David se machucasse ainda mais.

E como não havia chance de ela cair na promiscuidade novamente, sua decisão foi tomada.

David beijou-a carinhosamente, se secamente, quando ela disse que estava aceitando a proposta dele. De pé em seu leve abraço, sentiu uma sensação de alívio por ter tomado a decisão. Desta vez ele a abraçou contra o peito, mas seus olhos estavam examinando a sala da frente dela.

— Abigail, vamos ser tão felizes aqui — disse ele perto de seu templo. Um profundo sentimento de paz superou-o aqui em sua casa.

— Você terá raízes afinal — ela retornou.

— Sim, graças a você.

E a Jesse DuFrayne, ela pensou, mas disse: — E os cidadãos de Stuart's Junction. — Acho que eles estavam meio que esperando que nos casássemos.

— Eu sei que eles estavam, especialmente depois do 4 de julho. — Ele a soltou, sorrindo seu sorriso muito juvenil. — Quando devemos anunciar?

Ela pareceu pensativa por um momento, então arqueou uma sobrancelha. — Que tal no jornal de quinta-feira? O Sr. Riley começou tudo isso quando ele ligou meu nome ao seu em junho. Vamos dar-lhe a oportunidade de imprimir o capítulo seguinte?

O anúncio no jornal de quinta-feira dizia: *A Senhorita Abigail McKenzie e David Melcher anunciam alegremente suas intenções de se casarem em 20 de outubro de 1879, em Christ Church, Stuart's Junction. A Senhorita McKenzie, moradora desta cidade, é filha dos finados Andrew e Martha McKenzie. O Sr. Melcher, ex-Filadélfia, Pensilvânia, viajou por vários anos nessa área como vendedor para a Hi-Style Shoe Company daquela cidade. Após o casamento com a Senhorita McKenzie, Melcher abrirá negócios no Salão de Sapatos do Melcher, o edifício atualmente em construção no extremo sul da Main Street, adjacente ao Perkins' Livery Stable. O negócio está programado para abrir suas portas imediatamente após o retorno do*

casal de uma lua de mel de duas semanas em Colorado Springs.

AS PRIMEIRAS GEADAS CHEGARAM. OS TRÊMULOS ÁLAMOS cobriam as colinas com respingos brilhantes de âmbar. De manhã, até mesmo os sulcos das carroças eram lindos, aparados no tempo, brilhando ao toque de nova luz. Os pores-do-sol se tornaram da cor dos melões e ficaram irregulares com púrpura, pressagiando a respiração fria do inverno que se seguiria em breve. As pombas de luto partiram; as trepadeiras ficaram. Os olhos do tempo foram lançados nas montanhas conforme as primeiras folhas caíram como pedras preciosas de ouro até a terra.

Uma inundação de bons desejos invadiu a casa da Senhorita Abigail e a loja de David, que estava quase completada. Vizinhos e moradores da cidade não resistiram a parar em um dos dois lugares quando passavam. Seus bons votos reafirmaram a Abigail que ela tinha feito à coisa certa em aceitar a proposta de David.

Era fácil e natural estar agora com David, e diariamente eles reafirmavam o fato de que eles eram muito parecidos em ideais, gostos, desgostos, objetivos. Ele era um pretendente totalmente adorável, sempre pronto com um elogio, um sorriso, um olhar que dizia que ele a aprovava em todos os sentidos. Seus beijos se tornaram mais ardentes, o que a agradou, mas seu imenso respeito por ela manteve avanços impróprios à distância. Ele gaguejava cada vez menos quando se tornaram mais familiarizados um com o outro. Essa facilidade recém-descoberta a agradou imensamente.

Muitas vezes, David e Abigail podiam ser encontrados na loja de sapatos, empilhando um estoque de madeira de inverno na parte de trás, manchando a amurada calha de carretel, construindo prateleiras, pendurando cortinas vermelhas na janela de proa, carregando as enormes rodelas de carvalho, ou desembalando uma remessa parcial de estoque, que finalmente chegou. Eles trabalhavam juntos constantemente, tornando-se um elemento da sociedade da pequena cidade, mesmo antes de seu casamento acontecer.

Aqueles que pararam para dizer olá ou para perguntar se precisavam de ajuda com qualquer coisa seguiam o seu caminho novamente pensando que nunca tinham visto um par mais adequado um para o outro; era realmente um enlace feito no céu. Alguns riram, dando tapinhas nas costas, pensando, bem, se não no céu, então em Hake's Meadow.

Abigail foi uma amante da eficiência conforme o dia do casamento se aproximava. Além de ajudar David a se preparar para a abertura da loja, havia inúmeros detalhes pessoais exigindo sua atenção. Ela decidira usar o vestido de noiva de seda marfim de sua mãe, mas precisava de alterações. O véu de renda estava em excelente estado. No entanto, algumas das pérolas tinham se soltado do adereço e precisavam ser substituídas, por isso foi enviado para um joalheiro em Denver para reforma. David pedira um par especial de sapatos de cetim branco para ela e ela aguardava ansiosamente a ambos. Uma vez que o conjunto nupcial inteiro estivesse em sua posse, ela posaria para uma foto — seu presente nupcial para David. Ela contratou um fotógrafo de Denver, Damon Smith, para fazer a fotografia. Eles tinham planejado uma recepção de casamento na casa, e Abbie começou a assar biscoitos e petits fours, congelando-os agora que as geadas vieram para ficar. O jardim foi limpo até a primavera. O pequeno fogão de ferro foi instalado na loja, e o pote de café já era um acessório útil. Ela estava sempre feliz por tê-lo, pois entre a loja e a casa, seus deveres a mantinham fazendo malabarismos com seu precioso tempo e atenção entre os preparativos para o casamento e a inauguração.

A loja estava se transformando lindamente. Lá, parecia, era onde Abigail e David compartilharam suas intimidades mais próximas. Às vezes, quando se encontravam sozinhos, estocando prateleiras no depósito, ele roubava beijos, deixando-a impaciente para o dia do casamento chegar... e, mais importante, para a lua de mel.

Houve momentos em que ela sabia que ele estava prestes a quebrar suas próprias restrições auto-impostas, mas ou ele recuaria ou elas seriam interrompidas, pois as pessoas entravam e saíam da loja como se já estivessem abertas para negócios.

O interior era tão brilhante, acolhedor e alegre como ela imaginara, com suas cortinas vermelhas, tapetes trançados e bancos estofados. O círculo de cadeiras confortáveis envolvia a lareira, onde uma chama sonhadora chamava a atenção. O cheiro de madeira fresca e casca permeava o ar, combinado com café, couro e o cheiro limpo de cera de sapato. As pessoas adoravam e sempre havia amigos reunidos ao redor do fogão. Não havia dúvida no mundo de que o negócio prosperaria, assim como o casamento também.

XXI

ERA UMA DAQUELAS TARDES ESCURAS E CINZENTAS QUANDO o pensamento de jantar em uma cozinha quente fazia passos se apressarem para as casas. As nuvens escuras brincavam com o topo da montanha, reunindo-se, espalhando-se — fragmentos de vento agitando-se em um céu escuro, fazendo todos os mortais se sentirem realmente humildes.

O sino e o adereço de pérolas haviam chegado de Denver. Bones Binley andou com os pacotes da estação depois que o último trem passou. Satisfeita, Abigail vestiu seu novo casaco verde, enrolou um cachecol em volta da cabeça e jogou suas pontas sobre os ombros. Sorrindo, ela deixou a casa com o pequeno sino de latão guardado calorosamente no seu branco muff de pele.

Manchas de neve picaram sua testa e o vento enviou as pontas de cachecol ao redor de suas bochechas. Ela estremeceu.

David já teria as lamparinas acesas na loja. O fogão estava quente e ela imaginou David de pé com um pé apoiado no guarda fogo, uma xícara de café na mão. Oh, ele ficaria satisfeito por ela ter pensado no sino. Ela pulou uma vez e seguiu em frente.

Virando na esquina do saloon, subiu no calçadão e o vento mudou, atingindo-a no rosto, conduzindo agulhas geladas de neve contra sua pele. Ela olhou para baixo na rua para a luz laranja de boas-vindas da lamparina derramando-se do arco da janela. Um homem estava de pé olhando através das pequenas vidraças, um homem corpulento com um pesado casaco de pele de carneiro, com a gola levantada e as mãos mergulhadas profundamente nos bolsos. Ele estava imóvel, de cabeça descoberta, de costas para ela, enquanto por algum motivo inexplicável seus passos diminuíram. Então ele abaixou a cabeça, olhou para suas botas um momento antes de se virar em direção ao estábulo ao lado e desaparecer por dentro. Ele era muito alto, muito largo. Por trás ele a lembrou de Jesse, exceto que ele não tinha mancado. Uma vez mais ela se apressou, mantendo os olhos na porta do estábulo, mas ninguém saiu quando ela avançou para a porta da loja, acima da qual estava pendurada uma nova placa, balançando descontroladamente ao vento.

SALÃO DE SAPATOS MELCHER, dizia, DAVID E ABIGAIL MELCHER, PROPS.

Estava deliciosamente quente na loja. Como de costume, havia um círculo de homens ao redor do fogão, David entre eles, tomando café.

Ele veio imediatamente para cumprimentá-la. — Olá, Abigail. Você deveria ter ficado em casa. Há mal tempo se formando lá fora.

Ela se dirigiu para o fogão, retirando o casaco, o cachecol e o muff, jogando-os em um banco vermelho ao longo do caminho.

— Eu tive que vir contar as boas notícias. Meu adereço retornou de Denver esta tarde, todo consertado por fim.

— Bom! — David exclamou, depois piscou para seus amigos ao redor do fogão e acrescentou: — Agora, talvez eu não tenha mais que ouvi-la se preocupar com aquela foto. — Os homens riram e bebericaram.

— E veja o que mais veio. — Ela ergueu o tilintar de latão. — É para a sua porta, um amuleto de boa sorte. Cada nova loja deve ter um sino para anunciar seu primeiro cliente.

David sorriu em genuíno deleite e pousou a xícara de café, chegando a apertar e a acariciar seus braços afetuosamente. — É justo o toque certo. Obrigado, Abigail. — O sorriso no rosto dele a fez se sentir valiosa e preciosa. — Aqui — ele disse — deixe-me pendurá-lo.

— Oh, não — ela disse distraidamente, tirando o sino do alcance dele — é meu presente. Eu o pendurarei.

David riu, voltando-se para os homens. — Nunca vi tal incômodo de mulher, sempre quer as coisas do seu próprio modo.

— Bem, David, você só precisa aprender a pisar um pouco quando ela sair da linha. — Então todos os homens riram em camaradagem fácil. Eles poderiam fazer isso agora, rir da Srta. Abigail dessa maneira, ela mudara muito desde que David Melcher apareceu.

Ela pegou um martelo e pregos do quarto dos fundos e puxou uma das cadeiras perto da porta da frente.

O sino tilintou quando ela subiu, alcançando o peitoril acima da porta para encontrar o local perfeito para o suporte. Mas mesmo na cadeira ela não conseguia alcançar, então ela colocou um pé no corrimão trançado ao lado dela e pisou nele.

Foi assim que Jesse DuFrayne a viu quando saiu do estábulo e parou novamente diante da loja com a placa sinalizadora... DAVID E ABIGAIL

MELCHER...

Ela tinha dois pregos na boca e segurava o suporte de latão contra o batente da porta, com o martelo equilibrado, quando viu as pernas de um homem pararem do lado de fora da janela Cape Cod. Com os braços erguidos daquele jeito, não conseguia ver o rosto dele, mas viu botas de cowboy, pernas cobertas de preto abertas contra o vento, e a metade de baixo de um grosso e velho casaco de pele de carneiro. Algo fez com que ela se abaixasse para espiar por baixo de sua manga o rosto acima das pernas largas.

Seus olhos se arregalaram e um dos pregos caiu de seus lábios. Um horrível e agonizante terror encheu seu coração.

Jesse! Meu Deus, não... Jesse.

Ele estava olhando para ela com aquele colarinho de pele de carneiro grande que girava em torno de sua mandíbula enquanto o vento agarrava seu espesso cabelo preto, chicoteando-o como com as nuvens escuras acima da montanha. O brilho da lamparina que entrava pela janela iluminou seu rosto e acendeu seus olhos escuros e intensos que se levantaram estudando-a de forma carrancuda. Também iluminava a testa, as bochechas e o queixo, fazendo com que se destacassem rigidamente contra a escuridão tempestuosa atrás dele. Seu bigode era negro como a asa de um corvo e, enquanto ela olhava, com o martelo esquecido na mão, ele sorriu um pouco e ergueu uma mão nua do bolso em um silencioso olá. Mas ainda assim ela parecia incapaz de se mover, de fazer algo mais do que ficar boquiaberta, como se tivesse sido atingida, cheia de emoções fortes, todas em conflito umas com as outras.

Então, um dos homens atrás dela perguntou como ela estava indo até aqui, e ela voltou à vida, virando-se para olhar por cima do ombro para o fogão e murmurar alguma coisa. Quando ela olhou para fora novamente, Jesse recuou para além do círculo de luz da janela, mas ela ainda podia ver suas botas e sabia que ele estava lá olhando para ela com aqueles olhos negros e seu velho sorriso familiar.

Ela correu para procurar o prego no chão; mas não conseguiu encontrá-lo, então subiu de novo e começou a martelar o que ela tinha, consciente do ângulo em que ele a estudava; o jeito que os seios dela se projetavam contra a frente do vestido e balançavam com cada queda do martelo: o outro prego piscou para ela do lado de dentro da balaustrada e ela desceu para pegá-lo, incapaz de evitar que seus olhos procurassem a figura janela. Por um momento ela ficou emoldurada por cortinas vermelhas, como um manequim estupefato em exibição, incapaz de

mover seus membros ou tirar os olhos da figura pálida que observava da rua, franzindo a testa enquanto o vento tentava derrubá-lo.

Jesse, vá embora, ela implorou silenciosamente, apavorada com a atração dele.

De alguma forma, seus membros encontraram a habilidade de se mover, e ela subiu novamente no corrimão e bateu no segundo prego, seu coração batendo contra as costelas ao ritmo do martelo.

David veio da parte de trás da loja, admirando a obra dela.

— Deveríamos pendurar o sino juntos? — ele perguntou.

— Sim, vamos — ela sufocou, esperando que ele não notasse a histeria em sua voz. — Dessa forma, trará boa sorte para nós dois. —Ela podia ver agora que as pernas de Jesse tinham sumido e se perguntou se David as havia espiado lá fora.

Quando o sino estava no suporte, David trouxe o casaco e ajudou-a a colocar. — É melhor você voltar para casa antes que o tempo piore.

— Você está vindo para o jantar, não é? — ela perguntou, tentando evitar que o desespero ecoasse em seu tom.

— O que você acha? — ele respondeu, em seguida, colocou o cachecol protetoramente em torno de seu pescoço e virou-a pelos ombros em direção à porta antes de abrir para ela e sorriu em despedida.

O sino tilintou.

Dois passos lá fora, ela se virou, implorando: — Se apresse para ir para casa, David.

— Eu vou.

Ela abaixou a cabeça para segurar o cachecol com mais força em volta do pescoço, mas o vento levantou a ponta franjada e jogou-a de volta em seu rosto. Ela examinou a rua escura à frente.

Ele se foi!

A neve estava fina e cortante e tinha esmaltado as ruas com gelo perigoso, que não deixava rastros para ela seguir ou evitar. O vento cortava suas costas, golpeando-a ao longo dos calçadões escorregadios, enquanto suas saias esvoaçavam como uma vela num vendaval. Ela olhou para cada loja iluminada enquanto passava, mas ele não estava em nenhuma delas. Virando-se na esquina do saloon, o vento transformou-se em um redemoinho úmido e torceu as saias sobre ela com renovado domínio. Ela abaixou a cabeça, segurando o cachecol para mantê-lo na cabeça, puxando o queixo para baixo na gola do casaco.

— Olá, Abbie.

Sua cabeça se levantou como se o alçapão de uma forca se abrisse sob seus pés. A voz dele saiu da escuridão selvagem, tão perto que ela percebeu que quase esbarrara nele ao virar a esquina. Ele estava com os pés bem abertos, as mãos nos bolsos, o vento rodopiante levantando sua respiração branca e nebulosa para cima e para longe.

— Jesse — ela disse — eu pensei que era você. — Ela parou e não pôde deixar de olhar fixamente.

— Era.

Da maneira como eles ficaram, o vento bateu em suas costas, mas rebitou a neve gelada em seu rosto, picando-o. Ela tinha esquecido o quão grande ele era, largo e tão alto que ela teve que levantar os olhos para ver seu rosto.

— O que você está fazendo aqui? — ela perguntou, mas seus dentes começaram a ranger, o frio tendo pouco a ver com isso.

— Ouvi dizer que vai haver um casamento na cidade — disse ele, em tom de conversa, como se ainda estivessem no seu jardim numa tarde suave e floral. Sem perguntar, ele retirou uma mão nua do bolso e virou-a por um cotovelo de modo que ela estava de costas para o vento, o rosto para ele. Ele a moveu para mais perto da parede de ripas, parou perto dela e enfiou a mão de volta no bolso novamente.

— Como você sabia que eu ia me casar?

— Eu percebi isso antes de partir, então fiquei de olho nos jornais.

— Então por que você simplesmente não ficou longe e nos deixou em paz?

Seu rosto sem expressão parecia tão agourento quanto as nuvens agitadas que houveram no início da noite. Ele fez uma careta, as sobrancelhas negras se enrolando enquanto ele ignorava sua pergunta e perguntava uma das próprias.

— Você está grávida?

Ele não poderia tê-la espantado mais se a tivesse chutado na lateral da cabeça com a bota de cowboy de salto inclinado.

— Ora, seu insuportável- — Mas o vento roubou o resto de seu epíteto de chicotadas, abafando sua voz enquanto o cachecol batia em seus lábios.

— Você está grávida? — ele repetiu, duro, exigente, de pé como uma barreira na frente dela. Ela moveu-se para passar por ele, mas ele bloqueou seu caminho simplesmente dando um passo para o lado, com as mãos ainda enterradas nos bolsos, mantendo-a entre seu corpo e a parede do bar.

— Me deixe passar — ela disse friamente, olhando para ele.

— O diabo que eu vou, mulher! Eu te fiz uma pergunta e eu mereço uma resposta.

— Você não merece nada e é exatamente isso que você vai conseguir!

Em um tom ferido ele continuou — Maldição, Abbie, eu deixei dinheiro suficiente para colocar vocês dois em grande estilo na vida. Tudo que eu quero em troca é saber se o bebê é meu.

Ela sentiu a raiva brotar dentro dela. Como ele se atrevia a entrar na cidade e sugerir tal coisa — que ela permitira que David fizesse amor com ela para disfarçar o erro que cometera com ele, Jesse. Naquele momento, ela o odiou. Ela se endireitou e balançou um punho, esquecendo que o muff estava em sua mão. Pegou-o na lateral do rosto, sem causar dano algum com o pêlo macio do coelho branco, a patética tentativa de violência tornou-se ainda mais lamentável por sua ineficácia.

Com as mãos nos bolsos, ele não conseguiu bloquear o balanço dela a tempo, mas encolheu os ombros e fingiu ficar de um lado, e o muff bateu em sua bochecha e rolou para a rua gelada atrás dele.

Ela fez um movimento em direção a ele, mas ele a pegou pelos ombros, girando-a em um semicírculo para encará-lo.

— Ouça-me, você! Eu voltei aqui para tirar a verdade de você e... por Deus!... Eu vou tê-la!

Ela espetou-o com os olhos e moveu-se novamente como se quisesse pegar o muff. Mas ele empurrou-a contra a parede, seus olhos a avisando para não se mover, então ele se ajoelhou e pegou o muff, mas quando ele entregou a ela, ela tinha esquecido tudo sobre isso.

— Seu bode desprezível! — ela chorou, lágrimas agora congelando rastros por suas bochechas. — Se você acha que eu vou ficar aqui no meio de uma nevasca e ser insultada por você de novo, você está tristemente enganado!

— Basta um simples sim ou não — argumentou ele, segurando-a no lugar enquanto o vento ameaçava derrubá-los. — Você está grávida, caramba?!

Mais uma vez ela tentou se afastar, mas seus dedos se fecharam sobre as mangas do casaco dela como garras. — Você está? — ele exigiu, dando-lhe uma pequena sacudida.

— Não! — Ela gritou em seu rosto, batendo o pé e finalmente girando livre, fugindo dele. Mas o chão estava coberto de gelo agora e um pequeno pé voou para o lado, e a próxima coisa que ela percebeu foi que ela estava esparramada aos pés dele. Imediatamente ele se abaixou sobre um joelho e pegou o cotovelo

dela, ainda segurando o muff branco em sua mão maciça e escura.

— Abbie, me desculpe — disse ele, mas ela sacudiu a mão, sentou-se e empurrou suas saias, lutando contra as lágrimas de mortificação. — Caramba, Abbie, não podemos conversar aqui — disse ele, estendendo a mão para ajudá-la mais uma vez, mas ela afastou a mão dele.

— Não podemos conversar em lugar nenhum! — Ela explodiu, ainda sentada na rua, olhando para ele. — Nós nunca pudemos! Tudo o que podíamos fazer era brigar, e aqui está você, de volta para mais. Bem, qual é o problema, Sr. DuFrayne, você não pôde encontrar outra mulher para se forçar?

Todos os traços de temperamento deixaram sua voz enquanto ele olhava em seus olhos raivosos, ajoelhado ali em um joelho, envolvido naquele casaco de pele de carneiro terrivelmente masculino, e simplesmente disse: — Eu não estive procurando por uma.

Deus me ajude, ela pensou, e reuniu sua indignação sobre ela como uma armadura, lutando para ficar de pé enquanto ele segurava seu cotovelo com solicitude e lhe oferecia o muff, que ela arrancou de sua mão. Quando ela se afastou e subiu a rua novamente, tudo em seu estômago ameaçou entrar em erupção.

Ele observou-a recuar por um momento e depois gritou: — Abbie, você está feliz?

Não faça isso! Não faça isso! Não faça isso! Ela queria gritar com ele. De novo não! Em vez disso, ela gritou: — O que te importa?! Deixe-me em paz. Você está ouvindo?! Eu tenho gritado para uma casa vazia por três meses, mas finalmente eu posso gritar para você em pessoa. Saia da minha vida, Jesse DuFrayne!

Então ela virou de novo para seguir em direção a casa, correndo o melhor que pôde no gelo escorregadio.

Por alguns minutos depois que ela contornou a esquina da casa do Doutor e desapareceu, Jesse olhou para a rua vazia, depois sacudiu a neve das botas e voltou para o saloon da esquina. Lá dentro, pediu uma bebida, sentou-se pensativo até ela chegar, depois engoliu-a em um só gole, com a mente preparada. Ele iria muito bem voltar para a casa dela e obter algumas respostas daquela mulher!

AS ROSAS TINHAM DESAPARECIDO AO LADO DE SEUS PIQUETES brancos, que pareciam abandonados no vendaval invernal.

Subindo o caminho ele estudou a varanda. A mobília de vime sumira. O balanço pendia desconsolado, tremendo ao vento como se um fantasma tivesse acabado de se levantar — talvez dois. Ele subiu os degraus e espiou pela longa janela oval da porta da frente. Ele podia ver seu traseiro e as costas de suas saias na extremidade da casa. Parecia que ela estava curvada, colocando madeira na área da cozinha.

Subindo a gola, ele bateu na porta, observando-a correr em direção a ele pelo comprimento da casa. Ele voltou para as sombras.

Quando ela abriu a porta, ela começou: — A ceia ainda não está pronta, David, mas... — As palavras morreram em seus lábios quando Jesse entrou na luz. Ela cambaleou para bater a porta, mas seus longos dedos se curvaram ao redor da borda e uma bota a manteve aberta.

— Abbie, podemos conversar um minuto?

Suas bochechas compensaram as rosas perdidas do lado de fora.

— Saia da minha varanda da frente! Você me ouviu, senhor. Isso é tudo que eu preciso agora, você ser visto aqui.

Ela lançou um olhar para além dele, mas o quintal e a rua estavam vazios.

— Não vai demorar um minuto, e não deveria ser permitido a um velho amigo desejar bem a noiva?

— Vá embora antes que David chegue e te veja aqui. Ele está vindo para o jantar a qualquer momento.

— Então eu posso felicitar o noivo também.

Seus olhos rapidamente avaliaram a mão e a bota segurando a porta aberta; não havia como ela poder forçá-lo a sair.

— Nem David nem eu desejamos nada de você, exceto que você se vá de nossas vidas. — O ar frio entrou na casa fazendo as chamas tremularem nas lamparinas. A mão de Jesse estava quase congelada naquela porta.

— Muito bem. Vou embora agora, mas vou vê-la novamente, Senhorita Abigail. Ainda lhe devo uma fotografia e os vinte e três dólares que peguei emprestado de você.

Então, antes que ela pudesse gritar mais uma vez sobre não querer absolutamente nada dele, ele soltou a porta, desceu os degraus da varanda e correu em direção à cidade, levantando neve atrás dele.

Seu mancar estava completamente desaparecido.

QUANDO DAVID CHEGOU PARA O JANTAR, A SAUDAÇÃO de Abigail foi muito mais calorosa do que o habitual. Ela pegou o braço dele e apertou a mão dele, dizendo: — Oh, David, estou tão feliz por você estar aqui.

— Onde mais eu estaria três dias antes do meu casamento? — ele perguntou, sorrindo.

Mas ela apertou o braço dele com mais força, depois o ajudou a tirar o casaco. — David, você é tão bom para mim — disse ela, segurando o casaco nos dois braços contra o corpo, esperando, ansiando, que fosse verdade.

— Ora, Abigail, o que é isso? — ele perguntou, notando o brilho das lágrimas em seus olhos, movendo-se para tomá-la em seus braços.

— Oh, eu não sei — ela disse asperamente. — Eu acho que são todos os planos e nervosismo e fazer tudo a tempo. Estive tão preocupada com o adereço não chegar a tempo para a fotografia, e agora esta tempestade está começando e se o fotógrafo não conseguir chegar de Denver? — Ela recuou, bateu em uma única lágrima que se derramara e disse para o chão entre eles: — Acho que estou apenas tendo o que mais ouvi que as noivas têm, mais cedo ou mais tarde, um ataque de nervos de última hora.

— Você fez demais, só isso — ele simpatizou. — Com a loja e os preparativos para a recepção e obter todas as suas roupas prontas para a cerimônia e nossa viagem. Isso tudo não é necessário, você sabe. Eu já disse isso antes.

— Eu sei que você disse — ela disse melancolicamente, sentindo-se tola agora com sua exibição de nervosismo — mas uma mulher tem apenas um casamento em sua vida e ela o quer perfeito, com todas as comodidades.

Ele circulou seus ombros com um braço e a levou para a cozinha. — Mas a maioria das mulheres tem mães e irmãs e tias para ajudar a carregar a carga. Você está fazendo muito. Apenas certifique-se de não exagerar, Abigail. Eu quero você bem e feliz no sábado.

Sua preocupação a fez se sentir um pouco melhor, mas era extremamente difícil esquecer que em algum lugar Jesse DuFrayne passava a noite, e se David o encontrasse entre agora e sábado e levantasse velhas animosidades, não havia como dizer o que poderia acontecer. Os resultados poderiam ser desagradáveis, para dizer o mínimo, desastrosos, para dizer o máximo. Pois ela não poderia ler Jesse.

Durante todo o jantar, ela encontrou seus pensamentos voltando uma e outra vez a uma pergunta incômoda: Jesse se rebaixaria tanto que contaria a

David sobre o que haviam feito juntos?

Um instinto de preservação fez com que ela abordasse Richard. David estava relaxado e letárgico, sentado no sofá com as mãos atadas sobre o estômago cheio, os pés estendidos e cruzados no tornozelo.

— David?

— Sim, Abigail? — Ele nunca tinha usado qualquer forma abreviada do nome dela como Jesse. Sempre a desapontara um pouco.

— Eu já te disse que eu estive comprometida uma vez? — Ela sabia perfeitamente bem que nunca lhe contara antes. De repente ele se sentou e se interessou. — Foi há muito tempo, quando eu tinha vinte anos.

Ela poderia dizer pelo olhar atordoado em seu rosto que havia uma centena de perguntas que ele queria perguntar, mas ele apenas ficou lá esperando por ela continuar.

— O nome dele era Richard e ele cresceu aqui em Stuart's Junction. Nós... nós costumávamos brincar de amarelinha juntos. Estou realmente surpresa que ninguém tenha mencionado o nome dele para você porque as pessoas por aqui têm memórias longas.

— Não, ninguém mencionou — ele disse, vermelho ao redor do colarinho.

— Eu só pensei que você deveria saber, David, antes de nos casarmos. Nós nunca falamos muito sobre nossos passados. Nós tivemos um interesse tão mútuo em nosso futuro, com a loja para planejar e tudo mais, que isso suprimiu um pouco outros tópicos, não é?

— Talvez tenha... você está certa. Mas se você não quer me contar sobre Richard, você não precisa. Não importa, Abigail.

— Eu quero — ela disse olhando diretamente para ele — então talvez você entenda meu nervosismo repentino. — Então ela olhou para seu colo novamente enquanto continuava. — Nunca houve ninguém, exceto Richard, e crescemos mais ou menos suspeitando que um dia nos casaríamos. Minha mãe morreu quando eu tinha dezenove anos e, em pouco tempo, Richard e eu ficamos noivos. Eu era muito jovem e ingênua e acreditava em coisas como destino, então. — Ela fez uma pausa, criando o efeito da passagem do tempo em sua narrativa. Então ela suspirou.

— Richard aparentemente acreditava diferentemente, porque quando meu pai adoeceu e se tornou um inválido total dentro de um ano da morte de minha mãe, parece que Richard me achou menos desejável como futura esposa. Eu acho que você poderia dizer que ele considerava meu pai excesso de bagagem. De

qualquer forma, meu... meu noivo desapareceu apenas uma semana antes do casamento. Sua família também se mudou, pouco depois, e eu nunca mais os vi desde então.

O rosto de David tinha uma expressão carinhosa. Ele pegou a mão dela. — Sinto muito, Abigail. Eu realmente sinto.

Ela olhou para seu rosto gentil e despretensioso, sabendo naquele instante que homem bom e moral ele era e sabendo também que ela tinha muita sorte de ter encontrado alguém como ele tão tarde em sua vida.

— Eu entendo o seu nervosismo agora — disse ele em seus olhos, — mas eu nunca iria deixá-la como ele fez. Certamente você sabe disso.

— Sim, eu sei — ela assegurou a ele. Mas ela se sentia pequena e culpada, pois sabia que ele era bom demais para ler em sua história a possibilidade de ela e Richard terem sido íntimos. — David — ela disse, realmente querendo dizer o que estava prestes a dizer — eu quero que tudo seja perfeito em nossas vidas juntos, isso é tudo.

— Vai ser — ele prometeu. Mas ele prometeu isso segurando nada mais do que a mão dela, e ela não podia deixar de pensar que era o tipo de coisa que duas pessoas apaixonadas deveriam estar compartilhando firmemente nos braços uma da outra. — Estou feliz que você me disse, Abigail. Eu pude ver que algo tinha te perturbado esta noite, e agora que a história acabou, considere esquecida.

Finalmente ele a beijou, e ela se agarrou a ele com um desespero repentino muito diferente dela. Afastando seus lábios, ele disse: — Eu acho melhor eu ir agora, Abigail.

Mas ela se agarrou com mais força, desejando que ele ficasse um pouco mais para manter a ameaça de Jesse DuFrayne à distância. — Você tem que ir tão cedo?

Ele a colocou firmemente longe dele. — Você pode se servir de uma boa noite de descanso, você mesmo disse isso antes. Vejo você amanhã à noite, como concordamos.

Ele a beijou na porta antes de sair, mas ele vestiu o sobretudo primeiro, então todo o contato caloroso de abraços foi perdido na maior parte do casaco de lã e saia de musselina.

XXII

IMEDIATAMENTE DEPOIS QUE DAVID SAIU, ABBIE SE VESTIU para dormir e se retirou, querendo que as lamparinas fossem apagadas o mais rápido possível. O vento fustigou a casa, sacudindo as telhas, batendo ramos áridos contra os beirais, prometendo uma noite cheia de fúria. Os sons da tempestade apenas multiplicaram sua apreensão. Resolutamente ela fechou os olhos e contou às necessidades que David efetivamente cumpriu em sua vida: segurança, companheirismo, admiração, amor. Ela passou um tempo analisando cada um. Ele estava abrindo caminho para a vida mais segura que já conhecera. O companheirismo era inquestionável — eles reconheceram isso entre si desde o começo. E quando se tratava de admiração — de todas as pessoas que ela conhecera em toda a sua vida, nenhuma tinha sido mais elogiosa, apreciativa ou admiradora. E amor.

Seus pensamentos foram martelados abruptamente pela batida mais forte que sua porta dos fundos já sofrera.

Ninguém nunca vinha à sua porta dos fundos. Ela sabia antes que seus pés atingissem o chão gelado e percebesse que estava deitada ali, pensando em David para manter os pensamentos longe de Jesse DuFrayne.

Por um momento, ela considerou deixá-lo bater até que ele desistisse, mas então ele gritou a plenos pulmões, e mesmo acima da tempestade uivante, ela estava com medo de alguém ao lado ouvir.

Ela encontrou seu roupão e correu para a porta dos fundos, ouvindo, os dedos dos pés enrolados contra as tábuas do assoalho. Ele bateu e gritou novamente, então ela acendeu uma lamparina, mas deixou o pavio baixo, quase gotejando, ainda com medo de alguém vê-lo através das janelas.

— Abbie, abra!

Ela o fez, mas apenas parcialmente, recusando-se a recuar e deixá-lo entrar.

Ele estava em pé ao vento e neve, cabelos, sobrancelhas e bigode enfeitados com a coisa, determinação irritante diante dela nos olhos tão negros quanto a noite.

— Eu lhe disse para ficar longe de mim. Você percebe que horas da noite

são?

— Eu não dou a mínima.

— Não, você nunca deu.

— Você vai me deixar entrar ou não? Ninguém me viu, mas com certeza vão me ouvir bater na porta se você bater na minha cara de novo. — O vento invadiu a casa enquanto ela agarrava sua capa sobre o peito. Seus pés estavam gelados e o roupão pouco fazia para protegê-la contra os estremecimentos que a dominavam.

De repente, ele ordenou: — Se afaste antes que você congele até a morte junto comigo — e ele entrou, enchendo a cozinha com cinco quilos de casaco de pele de carneiro, três centímetros de bigode molhado e quase cem quilos de teimosia.

Ela gritou para ele antes mesmo de fechar a porta. — Como você se atreve a entrar aqui como se fosse dono do lugar! Saia!

Ele apenas deu um arrepio grande e exagerado, esfregou as palmas das mãos e exclamou: — Deus, mas está frio lá fora! — Ignorando completamente o pedido dela, tirando o casaco sem lhe dar atenção.

— Nós vamos precisar de um pouco de madeira nesse fogo para nos impedir de congelar. — Ele puxou uma cadeira da mesa da cozinha, colocou-a bem na frente do fogão, pendurou o paletó na parte de trás, abriu a tampa do fogão e pegou um tronco na caixa de madeira, todo esse tempo ele mal olhou para ela. .

— Esta é a minha casa e você não é bem-vindo nela. Coloque a madeira de volta na minha caixa de madeira!

Mais uma vez ele não prestou atenção, mas enfiou a madeira no fogão, recolocou a tampa, depois virou-se e inclinou-se para a cintura, retirando a neve do cabelo. Ele avistou os dedos dos pés descalços espreitando por baixo da bainha do roupão dela, apontou para eles e disse: — É melhor você colocar alguma coisa nesses pezinhos, tootsie , porque isso vai demorar um pouco.

Por esta altura ela estava lívida. — Não vai demorar nada porque você está indo embora. E não me chame de tootsie!

— Eu não vou embora — ele disse com naturalidade.

Ela sabia que ele estava falando sério. O que ela deveria fazer com um tolo idiota como ele? Ela cerrou os punhos e grunhiu exasperada enquanto ele pegava outra cadeira e a colocava ao lado da primeira, depois recuou com o polegar preso na cintura.

— Temos algumas conversas para pôr em dia, Abbie.

A geada estava derretendo de seu bigode agora e uma gota caiu enquanto ele esperava pacientemente que ela cedesse e se sentasse. Seu nariz estava vermelho do frio, o cabelo brilhando e desgrenhado de seu recente barbear. Ele parecia mais um pistoleiro do que nunca naquelas botas e jeans, camisa escura e colete de couro áspero. Sua pele era morena, o tecido perfeito para seu cabelo preto, bigode e costeletas.

Ele poderia ter vindo de um rodeio agora mesmo depois de arrebanhar o gado na nevasca ou fugir de um bando. Sua aparência era totalmente masculina, desde a roupa até as bochechas coradas, o nariz avermelhado pelo vento até o cabelo desgrenhado. Seus olhos caíram para o quadril dele — sem arma.

— Você não precisa ter medo de mim, Abbie — ele assegurou, seguindo a direção dos olhos dela. Então ele tirou um lenço do bolso do quadril e assoou o nariz, o tempo todo estudando-a acima do lenço, seus olhos se recusando a deixá-la ir.

Como os sentimentos dela poderiam traí-la assim? Como ela poderia ficar aqui pensando que até mesmo o jeito que ele assoou o nariz era atraente? No entanto, foi. Oh, Senhor, Senhor, era porque Jesse DuFrayne era inegavelmente todo homem. Irritada consigo mesma por esses pensamentos, ela o atacou.

— Por que você veio aqui de novo? Você sabe que se David descobrir, ele ficará terrivelmente bravo, mas eu suponho que você esteja planejando isso. Você não fez o suficiente comigo, não é?

Ele se inclinou para frente na cintura, estendendo a mão para enfiar o lenço no bolso e disse calmamente: — Vamos lá, Abbie, sente-se. Estou meio congelado por estar ali esperando que ele saísse. — Então sentou-se e segurou as palmas das mãos na direção do calor.

— Você ficou na rua observando minha casa? Como você se atreve!

Ele continuou se inclinando em direção ao fogão, nem mesmo se dando ao trabalho de se virar ao dizer: — Você está esquecendo que eu estou financiando as comodidades. Acho que isso me dá muitos direitos por aqui.

— Direitos! — Ela deu um passo irritado atrás dele. — Você vem aqui falando de direitos para mim em minha própria casa e coloca madeira no meu fogão e... e senta na minha cadeira e diz que você tem direitos? E sobre os meus direitos!

Ele lentamente tirou os cotovelos dos joelhos, endireitou os ombros quase um músculo de cada vez, suspirou profundamente, levantou-se da cadeira com paciência exagerada e atravessou a sala com passos de bota deliberadamente

lentos. Seus olhos lhe disseram que ele não toleraria mais seu desafio.

E ele pegou o braço dela com uma mão, a nuca na outra, depois a conduziu para o par de cadeiras. Desta vez, quando ele ordenou: — Sente-se — ela sentou.

Mas rigidamente, na beira da cadeira, os braços dela cruzados com força contra o peito dela enquanto ela se equilibrava como uma vareta. — Se David descobrir sobre isso e eu o perder eu vou... eu vou... — Mas ela balbuciou até parar, incapaz de encontrar palavras duras o suficiente, ele a enfurecia muito.

Jesse apenas esticou as longas pernas e se inclinou para trás, relaxado, dedos entrelaçados sobre o estômago. — Então você está feliz com ele hã? — ele perguntou, estudando seu perfil rígido.

— Quando você saiu daqui, isso foi a última coisa em sua mente!

— Não faça suposições, Abbie. Quando eu saí daqui as coisas estavam em uma confusão e eu não gosto de deixar as coisas em uma confusão, então eu voltei. Quando eu não ouvi notícias suas, mas li que você estaria se casando, eu tinha que saber com certeza se você poderia estar a caminho de formar uma família.

Ela perfurou-o com um olhar malévolo. — Oh, isso é grande da sua parte, muito grande! — ela cuspiu. — Suponho que eu deveria ficar toda alvoroçada de emoção por sua preocupação tardia.

— Eu não tinha pensado que você poderia, não depois do tratamento de gelo que tive ao sair daqui naquela manhã. — Ele sorriu torto, e do nada chegou a Abbie a lembrança de Jesse naquele deslumbrante terno verdete, curvando-se sobre ela em um joelho.

— Bem, você mereceu — ela disse petulantemente, mas com um pouco menos de veneno.

— Sim, eu acho que sim — ele admitiu bem-humorado, uma expressão amável sobre seus olhos.

Atrás deles, a lamparina baixa queimava, enviando suas sombras dançando na parede atrás do fogão. Diante deles, o fogo aumentava, lambendo a janela de vidro na porta de ferro fundido do fogão.

Do lado de fora, o vento soprava, e por um momento eles se entreolharam, pensativos.

Então Jesse perguntou suavemente: — Você não está, está, Abbie?

— Não estou o que?

— Grávida.

Invadida mais uma vez por aquelas emoções conflitantes que esse homem

infernal sempre poderia despertar nela, ela se virou para olhar a janela isinglass. Ela estava tão confusa. Tudo o que ele tinha que fazer era entrar aqui e começar a ser agradável e tudo começava de novo. Ela puxou os pés do chão, colocou os calcanhares sobre a borda da cadeira e abraçou os joelhos, colocando a testa nos braços.

— Oh, Jesse, como você pôde? — ela perguntou, as palavras saindo abafadas no casulo de seu colo. — Lá fora, na rua, você praticamente me acusou de... me unir a David para confundir a questão dessa... dessa paternidade inexistente.

— Eu não quis dizer isso, Abbie. — Ele tocou o cotovelo dela, mas ela afastou-o, ainda mantendo a cabeça enterrada em seus braços.

— Não me toque, Jesse. — Agora ela olhou para cima, acusadora: — Não depois disso.

— Tudo bem, tudo bem. — Ele colocou as mãos para cima, como se uma arma estivesse apontada para ele, então, lentamente, abaixou-as quando viu a expressão feroz e ferida no rosto dela.

— Mas por que você teve que voltar aqui? Você não fez o suficiente na primeira vez sem voltar para me assombrar?

Seus olhos se fecharam, por um momento, enquanto ele perguntou baixinho: — Eu te assombro, Abbie?

Ela desviou o olhar. — Não, não do jeito que você quer dizer.

Ele olhou para os dedos dos pés descalços, curvando-se sobre a borda da cadeira, depois recuou preguiçosamente, estudando-a enquanto pendurava um pulso nas costas da cadeira dela. — Bem, você me assombra — ele admitiu. — Eu acho que é por isso que eu voltei, para resolver todos os mal-entendidos entre nós que ainda me assombram. — Sem tirar o pulso das costas da cadeira, ele pegou uma mecha de seu cabelo entre os dedos indicador e médio, esfregando o novelo de seda de um lado para o outro duas vezes. Ao toque leve, ela trabalhou os músculos do ombro em um gesto irritado e puxou a cabeça para frente para libertar o cabelo.

— Eu pensei que nos entendemos completamente naquele último dia — disse ela, abraçando os joelhos com mais força.

— Não dificilmente.

Lembranças daquele último dia voltaram apressadas, sentados lado a lado, aquecidos pelo fogão, voltando a se aquecerem, a raiva se dissipando com o frio. Algo indesejado parecia penetrar em seus poros junto com o calor irradiante do fogão. Depois de algum tempo, a voz dela voltou, baixa e ferida.

— Por que você não me disse que sabia que David voltaria antes de nós... — Mas ela estava com medo de terminar. Ele estava perto demais para colocar aquilo em palavras.

Ele a considerou por um longo momento antes de perguntar baixinho: — Por que você não voltou para cima quando eu mandei você voltar?

Mas nenhum deles tinha as respostas para essas perguntas que ecoavam pela noite varrida pelo vento. Abbie baixou a testa nos braços cruzados e silenciosamente sacudiu a cabeça. Ela ouviu Jesse se mover, sentando-se na beira da cadeira, apoiando os cotovelos nos joelhos novamente.

— Tem café nesse pote?

Ela levantou-se, ergueu o pote salpicado de azul, o encontrou cheio, depois colocou as palmas das mãos ao redor. Ele observou sob sobrancelhas abaixadas, lembrando-se daquelas mãos sobre ele, sentindo-se febril. Ela desapareceu na despensa escura.

Lá, sozinha, ela pressionou as mãos na boca aberta, como se isso pudesse ajudá-la a controlar essa vontade de chorar quando voltasse para lá, onde ele pudesse vê-la.

Seus olhos a seguiram quando ela voltou com xícaras, encheu-as, depois se virou para descobrir que ele havia tirado as botas e apoiou os pés na porta do forno para aquecê-los. Sem palavras, ela entregou-lhe a xícara, seus olhos presos enquanto ele abaixava os pés para que ela pudesse passar para a cadeira.

Lado a lado, eles beberam, sem falar, os dois olhando introspectivamente para o pequeno pedaço de fogo visível através da tampa do fogão. Ele descansou os pés mais uma vez contra a porta do forno enquanto ela enrolava os dedos dos pés um no outro. Havia algo em sentarem descalços juntos diante de um fogo que era desconcertantemente calmante. A animosidade desapareceu, deixando-os quase em paz um com o outro.

— Você achou que eu sabia que Melcher voltaria para ficar? — ele perguntou sem se virar para olhar para ela.

— Bem, não sabia? — ela perguntou olhando os pés dele envoltos nas meias. Ela se lembrou de como seus pés pareciam nus e estava consciente de como os seus também estavam agora.

— Eu sei que é o que você tem pensado todos esses meses, mas não é verdade. Eu sabia que ele estava vindo para a reunião no dia seguinte, mas eu não tinha ideia que ele acabaria ficando.

Ela se virou para estudar o perfil dele, seguindo a linha da testa, nariz, bigode

e lábios que estavam acesos em um vermelho-amarelo ardente e brilhante. Ele ergueu a xícara, tomou um gole, e ela observou o pomo de Adão levantar e se acomodar novamente. Ele era, ela admitiu, um homem decididamente bonito.

Quase cansada, ela disse: — Não minta mais para mim, Jesse. Agora não minta.

Ele ergueu os olhos para os dela, para a luz do fogo dançando em seu rosto sem fôlego. — Eu nunca menti para você. Quando eu menti?

— O silêncio pode ser uma mentira.

Ele sabia que ela estava certa. Ele a havia enganado pelo seu silêncio muitas vezes, não apenas sobre a volta de Melcher, mas sobre possuir a ferrovia e ser a pessoa que a pagou pelo seu sustento. Ela tomou um gole de café, depois segurou a xícara com cuidado em ambas às mãos, olhando para ela.

— Você sabia das esperanças que eu tinha posto nele, Jesse, você sabia o tempo todo. Como você não pôde me dizer?

Ela parecia ter dezessete anos, com o coração partido e toda a pele dourada no rubor da luz do fogo. Levou muito de seu autocontrole manter as duas mãos ao redor da xícara.

— Porque se eu tivesse dito que ele voltaria não poderia ter tido você naquela noite, não é mesmo?

Surpreendida, ela encontrou os olhos dele. Ela não sabia o que dizer. Todo esse tempo ela pensou...

— M... Mas Jesse — ela disse, com os olhos arregalados — fui eu quem foi até você naquela noite, foi eu quem pediu.

— Não, não foi. — Ele examinou o rosto dela, aqueles olhos arregalados que pareciam pretos na cozinha sombria, depois se forçou a desviar o olhar. — Não, desde o primeiro dia não foi. Foi eu, sempre eu, até o fim, tentando dobrar você até que finalmente consegui. Mas você sabe de uma coisa, Abbie? — Ele tirou da porta do forno os pés envolvidos nas meias, apoiou os cotovelos nos joelhos e falou para as profundezas da sua xícara de café. — Quando acabou, eu não gostei de mim mesmo pelo que fiz.

Naquele momento, a lamparina na mesa atrás deles gotejou, tremeu e apagou. Abalada, ela estudou a parte de trás do pescoço dele, o cabelo que estava grosso e enrolado sobre a orelha dele — Eu não te entendo.

Ele olhou por cima do ombro. — Eu quero que você seja feliz, Abbie. Isso é tão difícil de entender?

— Eu só... não... bem, isso não se encaixa no Jesse que eu conheço, é tudo.

Ele a olhou por cima do ombro por um momento a mais, depois voltou a olhar para o fogo e tomou um gole de café. — O que me serve então? A imagem de um ladrão de trem? Você está tendo problemas para me desvencilhar dessa imagem. Isso é parte da razão pela qual eu voltei aqui. Porque eu me importei com o que você pensou de mim depois, e isso nunca aconteceu comigo antes com uma mulher. Você é diferente. A forma como começamos foi diferente. Começamos tão... — Mas ele parou, voltando ao início em seus pensamentos, desfrutando de algumas lembranças, lamentando algumas outras, mas incapaz de encapsular sentimentos em palavras.

— Como nós começamos? — ela encorajou, imaginando o que ele estava prestes a dizer.

— Oh, toda a briga e provocação e troco. Quando eu acordei pela primeira vez nesta casa e descobri como cheguei aqui, você sabe como eu estava com raiva, e você era conveniente, então eu descontei em você. Mas eu só não queria que você continuasse achando que eu ainda estava dando o troco naquela última noite quando fizemos amor. Isso não teve nada a ver com dar o troco.

Ela percebeu que houve inúmeras vezes desde então quando ela pensou exatamente isso. Era parte do que a assombrava. Ele olhou por cima do ombro, mas ela estava com medo de encontrar os olhos perturbadores desse novo e sincero Jesse.

— Foi isso que você pensou, Abbie? Que eu fiz amor com você para que eu pudesse entregar o dinheiro a Melcher com uma mão e uma noiva suja com a outra e vê-lo se contorcer enquanto ele decidia o que fazer com eles? — Ele ainda estava sentado um pouco à sua frente, a xícara de café pendurada em um único dedo, vazia, esquecida, olhando para trás, esperando pela resposta que ela tinha medo de dar. — Você pensou? — ele calmamente insistiu.

E finalmente seus olhos não conseguiram resistir. Eles tremeram para encontrar os dele conforme ela conseguiu gaguejar — Eu... Eu... não queria pensar isso.

Suas palavras foram recebidas por um longo silêncio antes que Jesse se recostasse em sua cadeira, cruzando um tornozelo sobre um joelho, de modo que o pé roçou seu vestido, quase tocando seu joelho. Uma mão escura caiu sobre o tornozelo dele, a outra pendurou-se sobre o joelho erguido.

— Abbie, eu vou lhe dizer a verdade, acredite ou não. Foi dinheiro de consciência que eu dei para Melcher, mas não porque eu tinha atirado nele. Não era ele que eu estava pagando, era você porque eu me senti culpado pela noite

anterior, mas eu juro a você, a ideia veio a mim no meio da reunião, eu imaginei que se eu desse a ele tanto dinheiro ele poderia gastá-lo aqui e provavelmente iria. Eu forcei a mão dele um pouquinho, mas eu não fiz isso para te colocar no lugar, Abbie, de jeito nenhum. Eu pensei que se eu pudesse consertar isso para que você pudesse tê-lo e um bom casamento aconchegante e um bom negócio aconchegante e um futuro financeiro seguro, eu teria você fora de minha consciência.

Ela olhou para o lado do rosto dele. Ele estava observando a xícara de café enquanto a batia no joelho.

— E eu saí?

A xícara ficou quieta. Ele olhou nos olhos dela.

— Não.

Ela pegou um fio no colo. — Você é sempre tão generoso com suas amantes? — ela perguntou, tentando quebrar seu feitiço de loucura que estava se tecendo sobre eles como uma teia sedosa e sedutora.

Ele a surpreendeu por simplesmente responder: — Não.

Ela percebeu que estava esperando que ele negasse as outras, e que de repente doeu quando ele não o fez. O que importava que houvesse outras? No entanto, ela não podia olhá-lo nos olhos por temer que ele entendesse mais sobre seus sentimentos por ele do que era prudente no momento.

— Não teria sido muito mais fácil apenas me deixar de lado, desde que eu fui até você?

Seu pé saiu do joelho e caiu no chão e ele ficou de pé, subitamente absorvido em reabastecer sua xícara.

De costas para ela, ele respondeu: — Dificilmente. — Então ele tomou um longo gole de café enquanto, atordoado, ela olhava para o cabelo grosso na parte de trás do seu pescoço. Ele ficou lá por um longo tempo antes de finalmente perguntar: — Você sabia que foi a primeira mulher a dizer não a mim, Abbie?

Mais uma vez ele conseguiu surpreendê-la; o que ele disse não fazia sentido.

— Mas eu...

Ele se virou para ela de repente, interrompendo. — Não se culpe, Abbie, nem mais uma vez. Fui eu quem fez o pedido, não importa quem foi para o quarto de quem, e você sabe disso. Mas você foi diferente do resto.

— Eu pensei que na cama uma mulher não é diferente do resto.

Sua mão disparou, agarrou-a pelo queixo e ergueu o rosto rudemente. Ele pareceu por um momento como se pudesse atacá-la — Você pare com isso,

Abbie! Você sabe muito bem que você foi diferente e que foi mais do que apenas uma virgem. Foi tudo o que passamos juntos que fez você diferente. Isso e o fato de que você salvou minha vida.

De repente, com o seu toque raivoso, a intensidade em seus olhos, ela sentiu os seus próprios picarem com lágrimas. Ela torceu seu queixo para fora do aperto dele, os olhos dela nunca deixando os dele quando, por fim, ela desabafou.

— Você sabe o quão baixo eu pensei que você foi por usar o que eu não sabia contra mim? Por não me dizer que David estava voltando? Por não me dizer que você era dono da ferrovia? Por não me dizer que era o seu dinheiro que estava... estava me pagando como... como uma prostituta?

— Abbie...

— Não, deixe-me terminar. Eu fiquei com raiva de como você saiu daqui e pensou que uma pequena queda no feno não importava para uma mulher como eu, que...

— Eu nunca pensei... — Ele sentou-se, colocando uma mão nas costas da cadeira dela novamente.

— Fique quieto! — ela ordenou. — Eu quero que você saiba o que diabos você me fez passar, Jesse DuFrayne, porque você fez... você fez. Você me fez sentir indigna do amor de David, como se eu não tivesse o direito de casar com ele mesmo se ele pedisse. Você não pode imaginar o que fez para mim, Jesse. Eu não quero que você saia daqui com uma consciência limpa. Eu quero que te machuque como aconteceu comigo, porque mesmo depois que você se foi, tudo o que eu tinha que fazer era atravessar esta casa para ser lembrada do que eu fiz com você, ou entrar na loja de David para me lembrar que você pagou por tudo. Mesmo lá você parecia estar rindo de mim pelas paredes que você financiou. Eu quis lhe machucar em troca, mas não havia jeito, e comecei a pensar que não poderia me ver livre de você.

— Você quer se livrar?

— Eu quero isso mais do que qualquer coisa no mundo — disse ela com absoluta sinceridade.

— Significa que você não está? — Ele olhou para o cabelo dela, então para seus lábios trêmulos.

— Não, eu não estou. Talvez eu nunca esteja, e é por isso que estou feliz por estar em sua consciência. Porque tudo o que teria sido necessário era uma única declaração naquela noite e nada dessa culpa teria sido necessária. Agora eu me deparo com uma noite de núpcias de... — Ela olhou para o colo. — ...de

resultado questionável, para dizer o mínimo. E você diz que quer uma consciência limpa?

— Abbie — ele implorou, aproximando-se, virando-se para ela, com a mão ainda nas costas da cadeira. — Eu te disse, eu não sabia que ele ficaria...

Mas ela o interrompeu. — Você percebe, não sabe, que eu ainda posso perder tudo. Agora, quando eu estou à beira de tudo que eu sempre sonhei, um marido que pensa que o sol nasce e se põe em mim, um negócio que vai significar segurança durante o tempo em que vivermos. — Ela olhou para ele diretamente. Ele estava muito perto, inclinando-se para ela. — Ora, eu até adquiri uma aceitação dessa comunidade que nunca tive antes de conhecer David. Como sua esposa, eu finalmente me encaixarei, onde antes eu não era nada mais do que... aquela solteirona da rua.

Ficou tudo quieto, menos pelo vento e pelo fogo. Ele a estudou, sentada em sua camisola e roupão, olhando para o colo dela. E de repente ele sabia que ficar ali iria machucá-la ainda mais.

— O que você quer que eu diga? — ele perguntou miseravelmente. — Que eu sinto muito? — Seus dedos tocaram a parte de trás do cabelo dela novamente, mas ela não recuou desta vez. — Eu sinto. Você sabe disso. Sinto muito, Abbie. — Ela olhou para cima e encontrou seu rosto cheio de sinceridade, toda sugestão de sorriso ou provocação apagado.

— Eu passei pelo inferno por sua causa, Jesse. Talvez lamentar não seja suficiente. Eu sabia desde o primeiro dia que David me disse que ele iria se estabelecer em Stuart's Junction que ele estava se estabelecendo aqui por minha causa. Eu sabia que ele me tinha em um pedestal, mas eu não poderia dizer a ele de forma diferente. Ele nunca, nunca entenderia porque eu fiz o que fiz com você. Mas você sabe o que minha decepção está fazendo comigo, por dentro?

Ficou claro para Jesse o que estava fazendo com ela. Ele podia ver a dor em seu rosto e desejou que ele não tivesse sido a causa disso. Ele recuou um pouco.

— O que você vai dizer na sua noite de núpcias se ele suspeitar?

Seus olhos se moveram para a porta de vidro. — Que foi Richard.

— Você contou a ele sobre Richard? — ele perguntou, surpreso.

— Não tudo o que eu te disse, mas o suficiente.

— Ele acreditará em você?

Ela sorriu, um pouco pesarosa. — Ele não é como você, Jesse. Ele não teve todas as mulheres que vieram ao longo da estrada.

Repetidamente ele levantou o cabelo da parte de trás do pescoço dela,

deixando-o cair de volta. Muito calmamente ele disse ao ouvido dela: — Não houve mulheres ao longo da minha desde que sai daqui.

Calafrios arrepiaram sua espinha e seus braços. Mas ele era o que ele era. — Eu vou me casar com David, Jesse. Ele é muito bom para mim.

— Assim como eu fui uma vez.

— Não desse jeito.

— De muitas maneiras. Nós sempre podíamos conversar e rir e...

— E brigar?

Sua mão parou de brincar com o cabelo dela por um segundo. — Sim, e brigar — ele admitiu descaradamente, com um sorriso em sua voz.

— Mesmo depois que você saiu eu ainda estava brigando com você. Quando li a verdade naquele jornal no dia seguinte à reunião, eu fumacei por dias.

Ele sorriu. — Você sempre foi boa em fumaçar — disse ele, baixinho.

— Tire seu braço da parte de trás da minha cadeira, Sr. DuFrayne, ou eu vou fumaçar de novo.

— O nome é Jesse — disse ele, deixando o braço onde estava.

— Oh, me poupe de tudo isso de novo. A próxima coisa que eu sei é que você vai alegar que você é um ladrão de trem com uma bala no seu quadril.

Ele riu e apertou a parte de trás do pescoço dela, depois deu uma gentil sacudida e esfregou o lóbulo da orelha dela com o polegar. — Vamos ver você arder um pouco, hein, Abbie? Pelo amor dos velhos tempos? — Sua mão deixou seu pescoço e ele a pegou por um pequeno pedaço de cabelo e puxou-o levemente.

Mas ela calmamente o enfrentou, repetindo: — Eu vou me casar com David Melcher e até que eu faça isso você vai sair da minha casa e da minha vida.

Ele finalmente encarou o fogão novamente, esticando as mãos sobre o estômago, esparramado com a nuca presa nas costas da cadeira.

— Você realmente teve que gritar isso para os quartos vazios quando eu fui embora?

— Oh, não deixe seu ego inchar tanto — ela disse, irritada. — Eu odiei você toda vez que eu fiz isso.

Ele virou o rosto para ela.

— Você nunca me odiou.

— Sim, eu odiei.

— Você me odeia agora?

Mas, em vez de responder, ela se esticou na cadeira também, colocando os

pés no guarda-fogo ao lado dos dele.

— Diga-me agora que você me odeia — ele desafiou, movendo o pé para cobrir o topo do dela.

— Eu vou, se você não tirar o pé do meu e sair daqui neste exato minuto. — Ele prendeu o pé dela entre seus pés, esfregou sensualmente.

— Me faça tirar.

Ela olhou para ele e encontrou o velho sorriso de provocação de volta em seus lábios, certa de que, se pudesse fazê-lo acreditar nela, ela finalmente estaria livre dele. Ela descansou em sua cadeira, tão indolentemente quanto ele, e disse sem pestanejar: — Você ainda está convencido de que robustez é força, não é? Eu não posso fazer você ir e você sabe disso. Mas eu posso repetir o que eu disse há muito tempo, que David Melcher tem todas as forças bonitas e gentis que eu admiro em um homem, e vou me casar com ele por elas.

Jesse a examinou em silêncio por um momento, depois estendeu a mão e pegou a mão dela. Seu coração fez coisas malucas, mas ela viu o polegar dele acariciar o dela e manteve as aparências externas imperturbadas.

— Você sabe, eu acho que você realmente quer dizer isso.

— Eu sei — ela disse, deixando-o reter sua mão para provar que ela não era mais afetada por ele.

— Ele é bom para você? — Jesse perguntou, e ela de repente quis atar seus dedos com os dele e puxar aquela mão contra seu estômago. Isso era o mais difícil — sempre foi — quando Jesse se preocupava e se importava e deixava transparecer em sua voz e seu toque.

— Sempre... e de todas as maneiras — ela respondeu suavemente.

O vento gemeu sobre algo que doeu.

— E ele é bom por você?

A neve refletiu seus segredos contra a casa.

— Abbie? — ele persistiu quando ela não respondeu.

— É a mesma coisa.

— Não, não é.

— Então talvez a pergunta seja se eu sou boa por ele.

— Isso está fora de questão — veio as palavras gentis de Jesse.

Para as mãos unidas, ela disse: — Não seja gentil. É quando você é gentil que tradicionalmente nos fazemos de tolos.

Isso quebrou o feitiço e ele soltou a mão dela com uma leve risada, dizendo: — Conte-me tudo sobre seus planos. Eu realmente quero ouvi-los.

Engraçado, ela pensou, mas aqui estava ela a dois dias de seu casamento e nunca teve um amigo com quem discutir isso. Quão irônico que deveria ser Jesse quem a fez se abrir. Mas ele estava certo sobre uma coisa — eles sempre puderam conversar, e agora ela estava se sentindo muito confortável com ele. E por algum motivo ela estava contando tudo a ele. Tudo sobre os planos do casamento, os planos de recepção, e sobre o quanto ela e David trabalharam armando a loja. Ela disse que eles estavam indo para Colorado Springs em sua lua de mel.

Ele deu um sorrisinho de lado para ela e brincou: — Ah, então estou pagando por uma lua de mel também? — Mas então ele disse a ela que a loja estava bem feita. Ele podia ver sua mão nela.

E ela contou como o adereço de pérola de sua mãe a preocupara por não chegar até hoje para a fotografia amanhã. Ele perguntou quem ela havia contratado para tirá-la e ele disse que conhecia Damon Smith. Smith fazia um bom trabalho e ela ficaria satisfeita. Então ela o fez rir perguntando se ele realmente era um fotógrafo, e quando ele sorriu para ela e disse: — Você quer dizer que ainda não acredita em mim — eles acabaram rindo juntos.

Eles estavam ficando muito preguiçosos e cansados agora, e a conversa estava ficando um pouco complicada e letárgica. Ela disse que ele se parecia mais com um fora-da-lei do que com um fotógrafo naquelas roupas dele, e ele perguntou se ela o preferia naquele terno verdete e ela admitiu que não, essas roupas combinavam melhor com ele. De tempos em tempos, durante essa troca preguiçosa, ele lançava aquele sorriso malditamente sonolento para ela antes que os dois olhassem para a janela isinglass de novo, todos naturais e relaxados e ficando mais sonolentos e soltos a cada minuto. A hora deixou de importar enquanto conversavam na noite tempestuosa.

Ele contou a ela como ele e Jim começaram a avaliar uma companhia ferroviária e saíram de lá para explodir túneis, construir cavaletes e até colocar cursos antes de finalmente começarem a colocar seus próprios trilhos, começando com uma pequena linha de estímulo, porque naquela época eles podiam ver que o dinheiro não estava em estabelecer trilhos, mas em possuí-los. Ela veria, ele disse, quando chegasse a Colorado Springs, onde todos os barões da ferrovia construíram suas mansões.

— Você também? — ela perguntou indolentemente.

— Não — ele riu, ele não se inclinava para essas coisas. Além disso, a ferrovia não era tão grande assim. Mas ele falou mais sobre como a fotografia

começou como uma diversão para ele, então como ele passou a gostar disso.

A essa altura, ele estava pendurado na cadeira, os pés cruzados no guarda fogo, contente, meio adormecido. Ainda assim ele perguntou: — E você acredita em mim agora?

— Sim, eu acho que sim.

Levou muito tempo para ouvi-la dizer isso, muito tempo e muitos mal-entendidos.

Os sons da noite uivando iam e vinham enquanto eles continuavam sentados, ouvindo em silêncio amigável agora.

— É muito tarde — Abbie finalmente disse. — Eu acho que você deveria ir ou minha foto será de uma noiva muito enrugada amanhã.

Ele riu, as mãos subindo e descendo sobre o estômago, lembrando-se. — Assim como na primeira vez que te vi. Deus, você estava uma bagunça, Abbie.

— Você certamente tem jeito com as palavras. — Mas ambos estavam preguiçosos demais para se importar. Eles rolaram a cabeça para olhar um para o outro.

— Entretanto, não pense mal a meu respeito, Abbie — ele disse baixinho.

Ele nunca mudaria, ela percebeu. Ele sempre seria o mesmo Jesse provocador. Mas ele não era para ela.

— Fico feliz por termos conversado — disse ele, sentando-se por fim, espreguiçando-se e depois bocejando amplamente.

Ela seguiu o exemplo, rígida e cansada. — Eu também estou. Mas, Jesse?

— Mmm? — ele disse, piscando devagar para ela, suas mãos pendendo frouxas entre os joelhos.

— Você poderia se esgueirar de volta para o seu quarto sem ser visto, ou eu vou ter que pensar em desculpas rápidas para David novamente?

— Só um idiota estaria acordado tão tarde. Eu estaria me esgueirando por nada.

— Você vai tentar não ser visto, não vai?

— Sim, Abbie. — E pela primeira vez ele não provocou.

Ele tencionou cada músculo de seu corpo, agarrando as costas de uma das mãos, esticando as duas diante de si enquanto se empoleirava na beira da cadeira em uma daquelas esticadas que envolviam pernas, estômago, pescoço, braços, inclusive a cabeça. Ela o viu fazer aquilo cem vezes antes.

Recordações.

Então ele dobrou e começou lentamente a colocar as botas. Assistindo, ela

lembrou uma vez quando ela o ajudou a fazer isso.

Ele ficou de pé. Se espreguiçou novamente. Enfiou a camisa na calça e ela ficou de pé, hesitante ao lado dele.

Ele enfiou um polegar no cinto e ficou ali olhando para ela.

— Eu acho que não fui convidado para o casamento, huh?

Ela acalmou as selvagens batidas de seu coração e sorriu. — Sr. DuFrayne, você é incorrigível.

Sem tirar os olhos dela, ele pegou o casaco do encosto da cadeira e encolheu os ombros.

Ela ficou observando cada movimento, abraçando seus braços.

O casaco foi posto. Mas, em vez de abotoá-lo, ele usou as bordas frontais para pendurar as mãos, depois ficou ali parado, sem fazer nenhum movimento em direção à porta.

— Bem... — ele disse, em relação a nada. Ela sorriu trêmula, depois encolheu os ombros.

— Bem... — ela repetiu estupidamente.

Então seus olhos se encontraram. Nenhum deles sorriu.

— Eu conseguirei um beijo da noiva antes de ir? — ele perguntou, mas havia uma nota rouca de emoção em sua voz.

— Não! — Ela exclamou muito rapidamente, e deu um passo para longe dele, mas tropeçou na cadeira atrás dela. Ele estendeu a mão para o cotovelo dela para evitar que ela caísse, então puxou-a devagar, lentamente, inexoravelmente para a pilha larga e fofa da frente de seu casaco. Seus olhos se fecharam enquanto ele segurava a parte de trás de sua cabeça para mantê-la ali contra ele.

Abbie, ele pensou, meu pequeno beija-flor.

E como o coração do beija-flor, que bate mais rápido do que todos os outros na criação, o coração de Abigail McKenzie parecia como se fosse sair de seu corpo.

De pé contra Jesse não parecia nada como estar de pé contra David. O casaco de Jesse era mais volumoso, mas através de todas essas grossas e grossas camadas de pele de carneiro ela podia sentir o coração dele.

— Seja feliz, Abbie — disse ele contra o cabelo dela, e o beijou.

Ela apertou os olhos com força enquanto um botão se imprimia na pele macia de sua bochecha.

— Eu vou — disse ela contra a pele de carneiro e seu coração martelando. A mão grande se moveu em seu cabelo, acariciando-o, alisando-o contra o pescoço,

apertando quase dolorosamente enquanto ele a segurava firmemente contra ele por um último segundo.

Então ele recuou, as mãos arrastando-se por seus braços até que ele capturou as mãos dela. Com um último olhar penetrante em seus olhos assustados, ele levou as palmas das mãos às suas bochechas e as deixou lá por um momento, seus polegares descansando nos cantos externos do bigode preto dele. Suas pálpebras se fecharam e tremeram por um momento. Então ele as abriu novamente e disse tão baixinho que ela mal ouviu: — Tchau, Ab.

Suas mãos queriam de repente se demorar em seu rosto escuro e quente, acariciar seu bigode, tocar seus olhos e mover-se para baixo pelo seu corpo grande e duro. Mas ele apertou-as dolorosamente, e ela engoliu em seco e disse em seus olhos. — Tchau, Jess.

Então ele se afastou e ficou olhando para ela o tempo todo enquanto abotoava lentamente o casaco e virava a gola em torno de suas orelhas.

Ele virou. A porta se abriu e a neve girou em torno de seus pés.

E no silêncio depois que a porta se fechou, cortando um rápido pedaço de frio, ela sussurrou para o vazio: — Tchau, Jess.

XXIII

QUANDO ABBIE ACORDOU NA MANHÃ SEGUINTE E VIU seu rosto abatido no espelho, ficou aliviada por David não ter a chance de vê-la assim. Eles haviam concordado que ela não iria até a loja hoje, então ela não o veria até às sete da noite, quando ele viria para levá-la à igreja para o ensaio do casamento.

Avaliando-se no espelho, ela achou seu rosto um desastre e seus nervos arruinados. Ambos precisavam de ajuda imediata.

O melhor que ela podia fazer pelo seu rosto era lhe dar os benefícios adstringentes de um limão recém-cortado. Os resultados foram uma melhoria infinita sobre a perdição que havia aparecido em todos os poros quando ela acordou. Ela conseguiu atenuar o inchaço revelador e as sombras sob os olhos, usando punhados de neve para acalmá-los e revitalizá-los. Depois de um banho e lavar o cabelo, ela começou a se sentir ainda mais humana. A devastação visível foi reparada.

Mas e a invisível?

Certamente não a ajudou a tremedeira no estômago ao pensar em Jesse, mas ela não pôde evitar. Ela fez uma pausa para dar os toques finais em seu cabelo. Quão diferente Jesse parecia na noite passada.

Esqueça ele, Abigail McKenzie!

Ela obrigou-se a pensar em David, na loja, na fotografia, no ensaio de hoje à noite, na cerimônia de amanhã, na recepção, na lua de mel. Por um momento, seus pensamentos voltaram para Jesse, mas ela os afastou rapidamente.

Percorra a lista de pedidos que precisam ser feitos para a recepção! Pegue a toalha de renda, estenda os pratos, garfos, xícaras. Congele os bolos de chá, corte os pães e reserve. Passe o vestido de mamãe. Preocupe-se com a neve.

Ela olhou pela janela, mas a nevasca acabou perto do amanhecer. Ainda assim, a neve nas montanhas geralmente significava trens atrasados, já que nem todas as linhas tinham galpões de neve adequados, então os trens eram obrigados a esperar enquanto as equipes limpavam os trilhos após uma nevasca como a da noite anterior. Supondo que o trem esteja atrasado ou nunca tenha chegado. A

fotografia não era vida nem morte, ela disse a si mesma em um minuto. Então no próximo, observou o relógio, escutando para o apito, trilhos, oh, por que teve que nevar!

Jesse... com neve derretendo em seu cabelo, seu bigode...

Esqueça-o! Pense em David. Prepare sua roupa para levar para o hotel.

O apito das 09h50 Finalmente! Isso significava que Damon Smith havia chegado e estaria montando seu equipamento fotográfico no hotel.

Significava também que Jesse estava embarcando no trem para sair da cidade?

Sim, sim, por favor, vá embora, Jesse.

David descobriria que Jesse estivera na cidade, mesmo por tão pouco tempo? Alguém viu Jesse voltar ao hotel às três horas da manhã?

Não pense nisso! Embale o adereço perolado e o véu em tecido, cubra o vestido de noiva no cabide, prepare os sapatos para levá-los. Seu rosto parece bem, Abbie, pare de se olhar no espelho! Seu vestido é lindo, tudo ficará bem se você simplesmente esquecer Jesse DuFrayne.

Com quinze minutos de sobra, a Srta. Abigail McKenzie estava parada diante do suporte de sombrinha ao lado da porta da frente, com sua linda janela oval. Ela olhou para fora, para o dia sem vento e deslumbrante, vestida de branco, em homenagem ao seu casamento. No banco do suporte estavam suas roupas, todas empilhadas ordenadamente.

No topo da pilha havia um par de delicadas sapatilhas de cetim branco de calcanhar e bico pontudo — seu presente de casamento de David.

No espelho, determinados olhos a encararam, castigando Abbie por suas apreensões tolas e trêmulas.

Ela viu-se colocar os braços em um novo casaco de jade verde com capelet e capuz, comprado para sua viagem de lua de mel. Ela se forçou a não pensar que foi o dinheiro de Jesse que o comprara. Colocou as mãos no muff. Ele também comprou aquilo.

Erguendo os olhos, ela pensou, Pegue suas roupas de casamento, Abigail McKenzie, e leve-as para a cidade e tire essa foto e se case com David Melcher e deixe de agir como uma colegial. Ela pensou em quanto tempo havia passado desde que tinha verificado a tensão do queixo. Ela não precisava mais fazer isso; ela não era velha. No entanto, ela também não era jovem. Estava no meio, e era um abençoado alívio não ter que se preocupar mais com isso. David aceitou a meia idade com total despreocupação, o que a fez fazer o mesmo. Ela não

precisava temer a vida passando por ela novamente. De agora em diante haveria David.

Edwin Young estava atrás de sua mesa na recepção quando a Senhorita Abigail entrou no saguão do hotel, batendo levemente a neve dos pés enquanto fechava a porta atrás de si.

— Aqui, deixe-me ajudá-la com essas coisas, Senhorita Abigail — ele ofereceu, atravessando o saguão.

— Obrigada, Edwin, mas não precisa.

— Estas são suas coisas do casamento, eu suspeito.

— Elas certamente são.

— Pena que o tempo tenha ficado desagradável antes do seu casamento.

— Eu realmente não me importo com a neve — disse ela. — Eu tive o pensamento esta manhã de que faz a montanha inteira parecer como se estivesse vestida para o meu casamento com David.

A Senhorita Abigail certamente mudou, pensou Edwin, desde que David Melcher chegou à cidade. Ela era tão simpática e comum quanto poderia ser. Uma pessoa se sentia confortável em torno dela agora. Edwin até se atreveu a tocar levemente o queixo dela.

— Apenas mantenha esse sorriso em seu rosto, Senhorita Abigail, e, se você me perdoar por dizer isso, sua fotografia ficará bonita como uma pintura.

Eles riram e Edwin notou como a Senhorita Abigail tinha perdido a altivez que costumava fazê-lo pensar que ela se considerava um pouco acima dos outros nesta cidade.

— Damon Smith chegou no trem da manhã como esperado?

— Ah, ele com certeza chegou, Senhorita Abigail. Carregando equipamento suficiente para fotografar toda a população do Colorado, do jeito que parecia.

— Eu me preocupei com a neve bloqueando os trilhos. Fiquei aliviada ao ouvir o apito.

— Não houve problemas com a neve. Ele está aqui, tudo certo, e se você me seguir, eu ficarei feliz em te levar ao quarto dele e ajudá-la a carregar essas coisas.

— Você não precisa fazer isso, mas obrigada mesmo assim. Eu tenho tudo sob controle, eu posso subir sozinha se você me disser em que quarto ele está.

— Ele está no número oito. Tem certeza de que não posso ajudá-la?

Mas ela já estava na metade da escada naquele momento.

O longo e estreito corredor do andar de cima dissecava o prédio no meio,

com quatro cômodos de cada lado.

O número oito era o último à esquerda, onde uma longa janela iluminava o salão, o sol refletindo na neve brilhante, dando vida às rosas onze-horas no tapete.

Fazendo malabarismos com as roupas em um braço e segurando o vestido de marfim dobrado sobre o outro, ela bateu na porta com o numeral oito de bronze centralizado. Ela nunca tinha estado em um quarto de hotel em sua vida e estava bastante desconcertada por estar aqui agora. Ela pretendia garantir que a porta permanecesse aberta durante a sessão.

Passos atravessaram o chão do outro lado da porta e ela se perguntou como seria Damon Smith. David o conhecera e recomendou muito seu trabalho. A maçaneta girou e a porta foi aberta por Jesse DuFrayne.

Ela ficou boquiaberta encarando-o como se tivesse sido cegada pela neve. Ela piscou exageradamente, mas, não, era Jesse sim, gesticulando com um movimento de mão para ela entrar.

— Eu devo ter batido no quarto errado — disse ela, enraizada no local, o oito na porta aberta parecendo piscar para ela.

— Não, é o certo — disse ele, imperturbável.

— Mas esse devia ser o quarto de Damon Smith.

— E é.

— Então onde ele está?

— No meu quarto, bem ali. — Ele apontou para a porta fechada do número sete. — Eu o convenci a trocar de quarto comigo por um tempo.

— Você o convenceu?

— Sim, sim. Um favor entre colegas fotógrafos, você poderia dizer.

— Eu não acredito em você. O que você fez com ele? — Ela se virou para o número sete, meio que esperando que Jesse tentasse impedi-la. Mas ele se encostou no batente da porta, de braços cruzados, e disse, oh, tão casualmente: — Eu paguei a ele. Ele não vai tirar sua foto. Eu vou.

Com raiva já, ela lançou-lhe: — Você está sendo tão pomposo como sempre!

Ele sorriu encantadoramente. — Só pagando minhas dívidas, é tudo. Consegui aquele jantar grátis, mas ainda lhe devo um retrato, exatamente como apostamos. Vou tirá-lo para você hoje.

— Você não vai! — E Abigail bateu profundamente na porta do número sete.

Enquanto ela esperava por uma resposta, atrás dela, Jesse disse: — Eu disse a

ele que você e eu somos velhos amigos, que você salvou minha vida uma vez e que por uma feliz coincidência estou aqui na cidade para fazer um favor em troca.

Assim que ela ergueu os dedos para bater de novo, a porta foi aberta por um homem loiro e piscando que estava abotoando o colete e reprimindo um bocejo. Era evidente que ele estava dormindo. Ele passou a mão pelo cabelo desgrenhado, sorriu de maneira amigável e olhou de um para o outro. — E aí, Jesse? Essa é a Senhorita McKenzie?

— Sim, esta é a Senhorita McKenzie! — estalou a própria Senhorita McKenzie.

— Há algo errado? — ele perguntou, surpreso.

— Você é Damon Smith?

— Sim... desculpe, eu deveria ter me apre...

— E você foi contratado para tirar um retrato de casamento meu?

— Ora, sim, mas Jesse explicou como ele por acaso estava na cidade na hora certa para fazer isso, e como vocês dois são amigos tão íntimos, não tive nenhuma objeção em dar esta tarefa a ele. Contanto que ele me pague por isso, não há ressentimentos. Não precisa se desculpar, Senhorita McKenzie.

— Eu não estou batendo à sua porta para me desculpar, Sr. Smith. Estou batendo para tirar minha foto como combinamos!

Smith franziu o cenho. — Ei, Jesse, que diabos é isso?

— Uma briga de amantes — Jesse respondeu facilmente, em um sussurro teatral. — Se você simplesmente sumir, nós vamos resolver isso. Veja, ela está se casando com outro cara em troca. — Jesse continuou descansando contra o batente da porta.

Smith grunhiu enquanto Abbie, indignada, virou primeiro para um homem, depois para o outro, reclamando para ouvidos surdos — Ele está mentindo! Eu contratei você para fazer a minha foto, não ele. Agora você vai fazer isso ou não?

— Escute, eu nem mesmo montei meu equipamento, e, além disso, eu não quero ter nada a ver com essa rixa entre vocês. Apenas me deixe fora disso. Jesse já me pagou duas vezes o que você teria, então por que eu deveria me dar ao trabalho de arrumar minhas coisas? Se você quer que sua foto seja tirada, deixe-o fazer isso. Ele já está preparado para isso de qualquer maneira.

E diante de seus olhos atônitos, Damon Smith se retirou, resmungando sobre como diabos ele tinha entrado no meio disso, e bateu a porta.

Imediatamente Abbie se virou para Jesse, enfurecida. — Como você se

atreve... — Mas ele saiu daquela porta, impeliu-a para o número oito, olhando por cima do ombro pelo corredor com um sorriso conspiratório.

— Shh — ele brincou. — Se você quiser demonstrar sua atitude de peixeira, espere até que a porta esteja fechada ou a cidade inteira saberá disso.

Ela recuou, indignada, tirando seu cotovelo do agarre dele e criando raízes no chão.

Ao invés de forçá-la, ele novamente fez um gesto galante, dizendo educadamente: — Entre no meu recinto...

Venenosamente, ela adicionou — ... disse a aranha para a mosca!

— Touché! — Ele saudou, sorrindo para sua resposta inteligente. — Mas tudo que eu quero fazer é tirar sua foto, e você realmente não tem muita escolha no assunto agora, não é?

— Eu tenho a escolha de não ter nenhuma foto tirada.

— Você tem? — ele perguntou, arqueando uma sobrancelha.

— Não tenho?

— Não se você quiser que Melcher permaneça felizmente ignorante do tête-à-tête à meia-noite da noite passada com um visitante que saiu da sua casa às três da manhã. Então, também, há aquele funcionário no andar de baixo que sabe perfeitamente que você está aqui neste exato minuto, fazendo com que Damon tire sua foto. Como você vai explicar seu tempo gasto com ele se você não pôde tirar uma foto?

Ela olhou para a porta fechada do número sete e sabia que a aranha a havia prendido antes mesmo de ela entrar em seu recinto. Ela podia ver que ele realmente tinha uma câmera com capuz montada em um tripé, mas era pouco consolo. Ela desconfiava completamente dele.

— Tendo criado tal sensação na primeira vez que você entrou nesta cidade — ela argumentou — você está certo de não ter sido notado nesta segunda vez. O balconista sabe que você está aqui também. De uma forma ou de outra, David será obrigado a saber que você esteve na cidade.

— Mas eu tenho um negócio perfeitamente legítimo nessa cidade, que ele provavelmente também sabe que eu fui checar. Até agora ninguém sabe que você e eu estávamos juntos ontem à noite, ou hoje, exceto Smith e ele foi cuidado.

O homem a frustrou totalmente. Como ele poderia mudar da pessoa calorosa e compreensiva da noite passada para esse rasteiro conivente?

— Ohhh! Você e sua ferrovia e seu dinheiro! Você acha que pode comprar a sua entrada para dentro ou para fora de qualquer coisa, que você pode manipular

a vida das pessoas com o brilho do seu dinheiro.

— Que bom há no meu dinheiro se eu não usá-lo para me fazer feliz? — ele perguntou inocentemente, mais uma vez indicando a porta aberta.

Ela estava vencida e sabia disso. Entrou com raiva enquanto ele começava a fechar a porta.

— Deixe-a aberta, por favor — ela retrucou, pensando, O que ele pode fazer com a porta aberta?

— O que você disser — ele concordou amavelmente, deixando a porta como estava, quase fechada, mas destrancada. Ele avançou em direção a ela, pegando educadamente as coisas que ela segurava. Ela agora estava tão desconfiada dele que quando ele tentou pegar as roupas, ela se recusou a soltá-las.

Olhando para a mão dela segurando o cetim de marfim, ele avisou: — Você vai enrugar o vestido de noiva antes de posar. O que David vai dizer?

Ele pegou as roupas e colocou-as na cama, depois voltou para ela. — Deixe-me ajudá-la com o seu casaco — disse ele, de pé atrás dela enquanto ela desabotoava e o deixava removê-lo. — Belo casaco — ele notou enquanto ela o ajudava a removê-lo dos ombros. — É novo? — Ela não teve que ver o rosto dele para reconhecer o brilho de conhecimento em seus olhos.

O casaco era obviamente parte de seu enxoval: era óbvio de quem era o dinheiro que tinha pagado por ele.

Ele o colocou na cama junto com as outras coisas, então se virou para ela. Eles não disseram nada por um momento, e Abbie começou a se sentir desconfortável. O que ela deveria fazer, trocar de roupa agora?

— Não é aqui que você deveria me perguntar se eu gostaria de ver suas fotografias? — ela perguntou sarcasticamente.

Ele a surpreendeu exclamando: — Boa ideia! — com uma única batida de suas mãos. — Elas estão bem aqui.

Impossível acreditar, mas ele realmente quis dizer aquilo, pois se agachou na frente de três grandes estojos negros e começou a soltar as alças de um deles. Ela soube imediatamente que estas deviam ser suas fotografias que ele mencionou tantas vezes.

— Eu estava brincando — ela disse, mais docemente.

— Eu sei. Venha e dê uma olhada de qualquer jeito. Eu queria que você visse isso por um longo tempo e, talvez, uma vez que você as ver, se sentirá melhor em posar para mim.

— Você disse que não faz retratos.

— Eu não faço — disse ele, olhando para cima, sentado em suas ancas com as mãos descansando nas coxas — apenas o seu.

Ele abriu o primeiro estojo e começou a remover camadas de estofamento de veludo das muitas chapas fotográficas de vidro pesado, depois os próprios pratos.

— Vamos lá, Abbie, não seja tão cética e teimosa. Vou lhe mostrar o que é preciso para construir uma ferrovia.

Ela estava curiosa para ver que tipo de fotografias ele tirava, mas ainda hesitou incerta. Ela tinha sido desarmada por ele muitas vezes antes.

— Vamos. — Ele levantou a mão como se para puxá-la para baixo ao lado dele, onde ele estava sentado agora, rodeado por quadrados de vidro. Ele parecia muito atraente e até um pouco orgulhoso enquanto esperava que ela se juntasse a ele. Ela ignorou a mão, mas foi até o ponto vazio no chão ao lado dele e se ajoelhou em uma nuvem de saias, seus olhos se movendo imediatamente para as fotografias. A primeira que viu não era de um trem, mas de um veleiro de velas quadradas.

— Eu acho que este navio teria um pouco de dificuldade em lidar com os trilhos — ela observou.

Ele riu e pegou a fotografia, limpou-a com a manga e sorriu para ela. — Ela é a Nantucket, e ela fez isso passando pelo Cabo, da Filadélfia a São Francisco, em apenas cento e doze dias, em sessenta e três. A Nantucket trouxe os dois primeiros motores.

— Motores da ferrovia? — ela perguntou, surpresa e interessada apesar de si mesma. Ele lhe deu um breve sorriso, mas seu interesse era principalmente pelas fotografias.

— Tudo veio de navio e tudo rodeou o Horn : motores, trilhos, espigões, barras de peixe, frogs ... tudo menos madeira para as amarras e cavaletes.

Barras de Peixe? Frogs? Ele parecia saber o que estava falando. Além disso, enquanto ele falava, um deleite brilhava em seus olhos como nenhum que ela houvesse visto antes. Em seguida, ele apontou para uma foto de uma locomotiva a bordo de uma escuna graciosa e rústica, cuja roda da popa agitava as águas do dique de Sacramento.

— As ferrovias precisavam confiar nos navios a vapor — explicou ele. — Você sabia que o dique foi construído especialmente para transportar suprimentos para a ferrovia, apenas para perder sua própria força de vida para as ferrovias depois de fazer isso?

Ele estudou a foto e ela não pôde deixar de ser tocada pela tristeza que surgiu

em seus olhos. Ele poderia ter esquecido que ela estava no quarto, tão absorto estava. Ele chegou a espanar a imagem com os dedos e ela viu coisas sobre ele que ela nunca tinha visto antes.

Sem tirar os olhos da imagem, ele relembrou: — Eu andei de barco várias vezes quando era menino. Nova Orleans nunca será a mesma sem eles. — Em sua voz, em seu toque das pontas dos dedos no prato de vidro, estavam ambos paixão e compaixão, e elas comoveram Abbie profundamente.

Em seguida vieram fotos de cavaletes, suas vigas serpenteando nos corações das montanhas ou nos abismos dos canyons.

— Às vezes as brasas as incendiavam — ele ruminou, franzindo a testa como se não conseguisse esquecer uma lembrança ruim.

Ao lado de uma foto que mostrava uma porção de coolies empurrando um pequeno e velho carrinho de mão de madeira em direção a esses cavaletes infinitamente esticados, lastreando-os pela ameaça de fogo. Jesse explicou cada foto, muitas vezes sorrindo, às vezes franzindo a testa, mas sempre, com uma emoção que atingia Abbie cada vez mais fundo.

— Esse é o Chen — disse ele sobre um homem chinês enrugado e suado.

Ela olhou para o rosto curtido, feio, depois para Jesse, que sorriu por alguma boa lembrança.

— A pele de Chen era realmente amarela como eu ouvi? — ela perguntou, mistificada.

Jesse riu baixinho e disse, quase como se para si mesmo: — Não, era mais como a cor da terra que ele carregava em seu carrinho de mão, nunca reclamando, sempre sorrindo. — Mais uma vez ele limpou a foto com a manga. — Eu me pergunto onde está o velho Chen agora.

Havia túneis que se estendiam até o nada negro, seus topos abobadados, cavernosos e sinistros.

Até eles fizeram Abbie estremecer. Havia cidades de tendas que Jesse certa vez descrevera para ela, fotografadas ao sol, na lama, na hora do jantar, na hora da luta, até na hora da dança — homens dançando com homens no final de um dia sujo.

Nessas Jesse riu, como se ele se lembrasse vividamente daqueles bons momentos e os tivesse compartilhado. Havia rostos marcados com lodo, costas dobradas sobre martelos, dignitários barrigudos em ternos de seda impecáveis, com correntes de relógio de ouro esticadas sobre a barriga, contrastando com os estômagos planos, suados, sujos e cansados dos marinheiros. Haviam duas mãos

bem arrumadas sobre o espigão de ouro. Havia uma única mão dura e retorcida saindo de uma montanha de entulho na qual homens freneticamente arranhavam.

— Esse foi Will Fenton — Jesse disse baixinho. — Ele era um bom e velho garoto.

Mas esta foto ele não esfregou. Ele apenas olhou para ela enquanto Abbie observava a dor atravessar seu rosto, e engoliu um nó em sua garganta. Ela teve a compulsão de estender a mão e colocar a mão em seu braço, acalmando a expressão tensa e triste de sua testa. Jesse, ela pensou, o que mais está dentro de você que eu nunca imaginei? Ela olhou para os dedos longos dele descansando ao longo das coxas dele e novamente na mão de Will Fenton na fotografia.

O que Abbie via ao seu redor era uma galeria de contrastes, um relato conscienciosо do que custara ligar as duas margens da América com trilhos de ferro, do que alguns pagaram enquanto outros lucravam, uma declaração pictórica de um homem que fizera um pouco de ambos — pagamento e lucratividade — e que sabia o valor de ambos.

James Hudson estava certo.

— Bem, eu passei na inspeção? — Jesse perguntou, invadindo seu devaneio.

— Impressionantemente — ela respondeu, bastante humilhada com o que estava ao seu redor, não lamentava mais que ele a tivesse levado a este quarto.

— Então por que você não coloca todo esse enfeite de casamento enquanto eu guardo isto?

Ele se inclinou para sua tarefa como se esquecesse que ela estava lá, e ela olhou para a roupa ainda jogada na cama, depois para a tela posta no canto mais distante do quarto e esperou que ela estivesse fazendo a coisa certa enquanto ia pegar suas vestes.

Atrás da tela, ela disse a si mesma que, embora estivesse muito impressionada com as fotografias dele, não era imbecil o suficiente para não perceber que acabara de ser amolecida por Jesse.

Entre no meu recinto, disse a aranha para a mosca...

Mas o tempo todo que ela esteve se metendo em seu vestido de noiva, se lembrou das fotos e da expressão no rosto de Jesse. Ela se apressou, dizendo a si mesma para ter cuidado com ele, se ele ganhou o respeito dela como fotógrafo ou não. Ele ainda era o astuto Jesse DuFrayne.

Ele estava fazendo barulho lá fora, guardando seus pratos, assobiando, então pareceu que ele estava empurrando uma peça de mobília. Quando ela saiu de

trás da tela, ele estava de costas para ela. Estava ajoelhado, pegando algo do chão ao lado de sua câmera. Enquanto ela observava, ele colocou o que pegou debaixo dos balancins de uma cadeira de balanço que ele colocou diante da câmera. Ela pegou os olhos dele enquanto ele se ajoelhava ao lado da cadeira de balanço, mas ele continuou aquele assobio indiferente, obviamente desfrutando de seu ofício.

— Eu preciso ver no seu espelho — disse ela, observando que ele enrolou as mangas da camisa como se quisesse fazer negócios.

— Tudo bem — disse ele, levantando-se e afastando-se para que ela pudesse passar entre ele e sua câmera até a cômoda. Ele observou com o canto do olho enquanto ela alisava o cabelo para trás e apertava os grampos segurando o nó francês puxado para trás. No espelho, ela o viu puxar uma mesa de pedestal e colocá-la ao lado da cadeira de balanço, obviamente como pano de fundo. Certamente ele não estava planejando fotografá-la sentada em uma cadeira de balanço! E o seu adereço e véu? Mas ela não o questionou ainda, apenas levantou o círculo de pérolas-semente. Mas quando ela estava prestes a colocá-lo em sua cabeça, ele ordenou: — Não, não coloque isso!

— Mas é o meu véu de noiva. Eu o quero na foto.

— Vai estar. Traga para cá — disse ele, apontando para a cadeira de balanço.

— Certamente você não pretende me ter sentada em uma cadeira de balanço na foto do meu casamento. Eu não sou tão velha assim, Jesse.

Ele riu, uma gargalhada maravilhosa. Ele nunca conhecera outra mulher com seu grande senso de humor. Ele ficou solto, relaxado, as mãos nos quadris, deixando seus olhos observarem Abbie no vestido de casamento de sua mãe. — Eu estou feliz que eu te ensinei a ser mais natural, mas sim, você ficará sentada na cadeira de balanço.

— Jesse... — ela começou a discutir.

— Eu acho que sei um pouco mais sobre isso do que você, então venha até aqui. — Quando ela não se moveu, ele disse: — Confie em mim.

Ela pensou, Olha o que aconteceu da última vez em que confiei em você, mas ela fez o que ele pediu e se aproximou da cadeira.

Ele a apoiou em um ângulo reto, colocando um toco de madeira sob os balancins, e de repente ela percebeu o que ele estava fazendo.

— Essa deveria ser uma foto de uma noiva, não um boudoir — observou ela causticamente.

— Não seja tão desconfiada, Ab, eu sei o que estou fazendo. David vai adorar quando ver.

Isso a deixou mais desconfiada do que nunca.

— Eu quero que você tire minha foto em pé.

— Eu vou ficar de pé. Não se preocupe.

— Não seja ridículo, você sabe o que eu quero dizer.

— Sim, claro que sim. Apenas algumas facetas da minha parte. Mas ou fazemos isso do meu jeito ou David se pergunta por que não há fotos para mostrar por todo o tempo que passou aqui em cima hoje.

Ele estendeu a mão, ficou esperando para colocá-la na cadeira. Hesitante, ela fez como ele quis.

Com graves dúvidas, deixou que ele pegasse sua mão e a ajudasse a entrar na cadeira inclinada. Sua mão era dura e quente e de alguma forma muito segura, enquanto ele apertava a dela, dando algum equilíbrio enquanto ela se apoiava no encosto da cadeira. Esta cadeira era maior do que a sua, e tinha braços e costas altas decoradas com remates de cada lado do encosto curvo. Pela maneira como ele tinha posicionado a coisa tão para trás, uma vez que ela se apoiou nela, esteve completamente incapaz de sair de novo. Sentiu-se positivamente à deriva com os pés soltos e tentou afastar a cabeça do encosto da cadeira.

Jesse pegou o véu da mão dela e se moveu atrás dela para colocá-lo na cama. Ele deu um passo para o encosto da cadeira e olhou para o cabelo dela. Colocando uma mão em sua testa, ele puxou a cabeça para trás contra o carvalho esculpido que a pegou logo acima da nuca.

— Assim — disse ele — relaxada e natural.

Ao toque de sua mão, seu batimento cardíaco tornou-se pronunciado dentro do colarinho alto e apertado da renda Mechlin.

Quando o coque francês tocou a parte de trás da cadeira, ela se viu olhando para Jesse de cabeça para baixo. Eles se encararam por um momento e ela se perguntou freneticamente o que ele faria com ela.

Com uma voz aveludada, ele começou a falar enquanto se movia lentamente ao redor da cadeira, sem tirar os olhos dela.

— O que temos aqui é a noiva não antes da cerimônia, mas depois na maneira como todo noivo quer se lembrar de sua noiva. Quando o cabelo dela está um pouco menos que perfeito e ela não sabe disso.

Ele estava movendo-se lentamente, estendendo a mão para um bolso, puxando um pequeno pente enquanto seus olhos nunca deixavam os seus, mas ela viu o pente vindo em direção a sua têmpora, onde mordeu ligeiramente, soltando algumas mechas da amarra enquanto ela falhava, por uma vez, em

protestar. Ela sabia que deveria levantar as mãos para impedi-lo dessa loucura, mas ele parecia tê-la hipnotizado com aqueles olhos escuros e penetrantes e aquela voz baixa e sussurrada.

— Há uma aparência que um homem gosta de ver em sua noiva — veio aquela voz novamente. — Chame de desgrenhado talvez... menos que perfeito depois de todas as bochechas que pressionaram as dela naquele dia e todos os braços que a abraçaram, todos os perdedores que dançaram com ela e tocaram sua têmpora com a deles. — Ele se inclinou para ela lentamente, estendendo uma mão escura novamente para prender um fio de cabelo na frente da orelha oposta, sem sorrir, mas estudando, analisando. Ela sabia que seu coque francês estava sendo aniquilado, mas ficou sentada em transe enquanto ele libertava a fina mecha, então se movia ao redor da cadeira de balanço enquanto ela o seguia com os olhos.

— Ele gosta de gavinhas que se agarram aqui e ali e se aderem à sua pele úmida.

Não, Jesse, não, ela pensou, mas ficou hipnotizada enquanto ele molhava a ponta do seu próprio dedo com a língua, tocava na crista da bochecha dela, depois enfiava o cacho nela. Ela viu e sentiu tudo como se fosse apenas um observador à distância — a ponta de sua língua, seu dedo comprido, a mancha úmida e fria de sua saliva em sua bochecha.

Ela tentou não pensar em quantos lugares de seu corpo ele havia tocado com a língua, mas o dedo dele foi para a boca dele novamente e ele fez o mesmo em sua outra bochecha, então recuou um pouco, aprovando — Oh, muito melhor, Abbie. David vai amar.

Ela agarrou os braços da cadeira e olhou para ele, seu pulso errante saltando para cada parte dela que ele havia tocado e muitas que ele não tinha.

— Oh, mas você está tão tensa. Nenhuma noiva deve segurar os braços da cadeira como se estivesse morrendo de medo. — O cabelo dele chegou bem perto do rosto dela quando ele tirou suas duas mãos dos braços da cadeira e ordenou com a mesma voz onírica — Solte-se — depois sacudiu-as levemente até que seus pulsos aquiesceram e ficaram flácidos. — Assim como em seu quarto naquela noite quando você riu pela primeira vez — ele lembrou a ela. — Lembra? — Ela o deixou fazer o que ele faria com aqueles pulsos flácidos. Ele virou um e o colocou de palma para cima na sua coxa. — Assim — ele murmurou, em seguida, correu uma das pontas dos dedos por seu pulso até o final do dedo médio, sacudindo-o, achando-o relaxado. Calafrios percorreram

sua barriga. Ele se levantou e desapareceu momentaneamente, e seus olhos arregalados só esperaram pelo retorno de seu rosto escuro diante dela.

— Agora o véu... — Ele o trouxe, uma nuvem de branco em suas mãos morenas masculinas — o símbolo de pureza, prestes a ser descartado. — Seu coração saltou descontroladamente quando o braço dele veio em sua direção, mas ele apenas pendurou a peça em um remate enrolado ao lado de sua têmpora e colocou a calda rendada sobre um braço para parecer uma pilha fluindo em cascata de seu colo. — Palma para cima, ok, Ab? — A textura rendada cruzou a palma da sua mão quando ele a colocou ali, como se ela tivesse acabado de tirá-lo da cabeça. Então ele levantou o outro braço e colocou o pulso como um galho de salgueiro sobre o braço da cadeira. Ele se ajoelhou em um joelho diante dela.

— É o fim do dia, certo? Tarde demais para sapatos apertados e colarinhos engomados. — E antes que ela percebesse o que estava acontecendo, ele tinha tirado o sapato de cetim de David de seus pés, a palma da mão deslizando sobre a sola em um toque sensual e fugaz. Ela ficou boquiaberta ao vê-lo levantar e se mover para trás novamente, hipnotizando-a com seus olhos escuros acima do bigode que se curvava na direção de um sorriso quando ela mais uma vez o viu de cabeça para baixo. Ela sabia que ele estava pegando os botões em sua garganta, mas estava impotente para impedi-lo. Seus dedos lentamente libertaram o primeiro, aliviando um pouco da pressão em que o batimento cardíaco dela ameaçava calar a respiração. Ele soltou um segundo botão, depois um terceiro... minúsculos botões, juntos, presos por delicados ganchos que fizeram levar tempo, tempo e tempo antes que ele finalmente expusesse o oco de sua garganta.

Ela olhou em seus olhos negros. Suas mãos deslizaram de sua garganta para os revestimentos da cadeira e a inclinaram mais para trás, segurando-a enquanto ele olhava para baixo em seus olhos torturados e perguntava com voz rouca: — Que homem não gostaria de lembrar sua noiva desse jeito?

Seus olhos, mesmo de cabeça para baixo, queimavam como chamas, queimando suas bochechas, fazendo-a querer cobrir o rosto com a palma da mão invertida que estava relaxada em seu colo. Se ela quisesse se levantar e fugir dele, não conseguiria. Ela não tinha nenhum recurso agora senão se submeter à sua voz narcótica e aos olhos sedutores.

Olhando para ela, Jesse podia ver um manhoso feixe de luz solar enfatizar o batimento cardíaco no oco de sua garganta por trás do laço de filigrana que estava aberto e convidativo. Ele soltou a cadeira devagar até que ela descansou

contra o encosto de novo, e então se moveu lentamente para o lado, sem nunca tirar os olhos do rosto de Abbie, arrastando uma mão na armação do encosto muito perto de sua bochecha.

— Molhe seus lábios, Abbie — ele disse suavemente. — Eles devem estar molhados quando a foto for tirada. — Mas ele não fez nenhum movimento em direção à câmera, nem ela molhou os lábios.

— Molhe-os — insistiu ele — como se David acabasse de beijá-los e dissesse... eu te amo, Abbie. — Jesse olhou para os lábios macios e entreabertos, para os olhos dela, depois para a boca novamente, esperando. A ponta de sua língua se esgueirou para fora e deslizou através de seus lábios, deixando-os brilhando, ainda abertos quando a respiração saiu trabalhosa entre eles.

Ele se inclinou para baixo, colocando uma mão em cada braço da cadeira, seu rosto apenas a centímetros do dela, sua voz como mel quente. — Seus olhos estão abertos demais, Abbie. Quando um homem diz a sua esposa que ele a ama, suas pálpebras não se fecham? — Ela lutou para respirar, olhando para o rosto bonito, tão bonito dele, tão perto que quando ele falou, ela sentiu as palavras contra sua pele. — Vamos tentar mais uma vez e ver — ele sussurrou, ainda se inclinando acima dela.

— Eu te amo, Abbie. — E suas pálpebras perderam as forças.

— Eu te amo, Abbie — ela ouviu novamente... e elas ficaram quase fechadas.

— Eu te amo, Abbie. — E elas se fecharam contra a bochecha dele conforme sua boca a tocou faminta. Ela não queria mais se levantar da cadeira, pois seus lábios abertos cobriam os dela e suas longas mãos apertavam seus ombros, polegares alcançando o local onde ele tinha visto o coração dela tremular em sua garganta. Ele se ajoelhou sobre um joelho ao lado da cadeira de balanço enquanto ele a beijava contra ela, sua língua dançando e acariciando a dela enquanto tudo nela se inclinava e ansiava por mais.

Mas de repente ela sentiu o pânico crescer, apertando seus pulmões, a garganta, o couro cabeludo. — Não, eu estou me casando amanhã — ela engasgou, virando a cabeça para o lado do beijo que a provocava para esquecer.

— Exatamente, amanhã — ele murmurou baixinho em seu pescoço.

Seus olhos se fecharam e ela se afastou bruscamente dele em uma tentativa vã de combater os sentimentos que ele desencadeou nela. — Deixe-me levantar desta cadeira — ela implorou, perto das lágrimas.

— Não até eu receber um beijo apropriado da noiva — disse ele, beijando a

parte inferior de sua mandíbula. — Ab, você não é a esposa dele ainda, mas quando você for, eu não estarei aqui para beijar a noiva. Apenas um dia antes, isso é tudo...

Quando ela ainda assim se recusou a virar-se para ele, ele disse: — Por que não, Ab? Vamos fazer você parecer uma mulher beijada pela fotografia de David. É assim que uma mulher parece em sua noite de núpcias, não é? — Então uma mão forte pegou seu queixo e virou sua boca para a dele. Mas quando ele mergulhou para beijá-la novamente, ela começou a lutar contra ele, usando braços, mãos e cotovelos. Mas ele capturou seus braços sem esforço e os levantou ao redor de seu pescoço, mantendo-os lá à força até que ele sentiu sua luta começar a se acalmar.

Esses braços foram negados por tanto tempo. Agora finalmente eles se enrolaram em volta do cabelo escuro na parte de trás do pescoço dele enquanto ela se arqueava e abria os lábios que ela tinha molhado ao seu comando, para David.

A boca de Jesse torceu vorazmente a dela, então de repente se afastou quando ele derrubou o bloco de madeira debaixo do balancim com uma estocada de seu joelho. A cadeira foi cambaleando para frente e ele estava lá para encontrá-la quando ela foi junto. Suas bocas se encontraram quase desesperadamente e ele puxou Abbie da cadeira até ficar de joelhos diante dele. Envolveu um braço poderoso ao redor de sua cintura, forçando-a contra seus lombos duros e protuberantes, que se moviam em círculos lentos e sensuais contra o vestido de noiva de cetim. Suas mãos se moveram para baixo para segurá-la com força contra ele enquanto suas línguas falavam mensagens de desejo na boca um do outro e seus lábios falavam como mensagens contra carnes que arquearam e pressionaram até que ambas doessem docemente.

Arrancando seus lábios dos dela, ele pronunciou contra sua têmpora: — Você não pode se casar com ele, Ab. Diga que não pode. — Mas antes que ela pudesse emitir um som, sua boca impaciente buscou a dela mais uma vez, mergulhando em seu calor e umidade com sua língua exploradora. — Diga — ele exigiu em uma voz áspera com paixão enquanto abaixava os lábios para o queixo dela, depois para baixo, para baixo, para o pescoço aberto do vestido de noiva. Mas ela estava à deriva em esplendor, não conseguia pensar em nada além do som prazeroso que seu toque trazia de sua garganta. Ela inclinou o rosto para o cabelo dele, beijando o topo de sua cabeça enquanto suas mãos acariciavam seu rosto. Sua boca moveu-se sob as palmas das mãos, abrindo-se enquanto ele

saboreava sua pele e botões se espalharam como se fossem gotas de água ao redor deles, olhando do chão para o rosto dele enquanto ele se inclinava para a abertura feita onde seus seios esperavam pelos lábios dele.

Ela recuperou sanidade suficiente para murmurar: — Jess... meu vestido de noiva...

Nos seios dela, ele respondeu: — Eu vou comprar um novo para você. — Então sua cabeça subiu e suas palmas deslizaram dentro da roupa rasgada, tocando um mamilo tenso, achatando-o, em seguida, acariciando-o em um pico rosa ereto.

— Mas é da minha mãe — ela disse sem sentido.

— Bom — ele grunhiu, levando as palmas das mãos para cima, passando por seus seios, os ombros dela, depois tirando a roupa com um impulso de punhos. Ele o forçou para baixo até ficar justo acima dos cotovelos dela, aprisionando-os dentro das longas mangas de renda, mas liberando seus seios para suas mãos, sua língua, seus dentes, enquanto sua garganta se arqueava para trás em abandono. Ele puxou um mamilo, gemeu profundamente em sua garganta, em seguida, liberou-o para esfregar os pelos macios de seu bigode para frente e para trás através dele enquanto admitia — Deus, Abbie, eu não conseguia tirar você da minha mente.

— Por favor, Jess, temos que parar.

Mas ele não parou, apenas se moveu para o outro seio.

— Você também pensou em mim? — ele perguntou com a voz embargada.

Ela tentou fracamente puxar a cabeça dele para longe de seus seios, mas ele continuou beijando e sugando enquanto seus braços permaneciam presos pela roupa, inúteis.

— Eu tentei não fazer isso. Ah, Jess, eu tentei.

— Eu tentei também...

— Pare, Jess...

— Eu amo quando você me chama de Jess desse jeito. Como você o chama quando ele faz isso com você? — Ele se inclinou para frente ajoelhado novamente e segurou a parte de trás de sua cabeça em suas duas mãos largas, procurando em seus olhos antes de puxá-la para ele para beijá-la com uma angústia quase selvagem. Afastando-se, ele a tocou deliberadamente em seus pontos mais sensíveis, peito, barriga, abaixo das saias de marfim que permaneciam entre a mão dele e a carne feminina morna e chorosa dentro. — David pode fazê-la tremer assim, querer assim? Ele pode fazer seus seios ficarem

duros e seu corpo ficar molhado como eu posso?

E ele sabia, pela expressão torturada do rosto dela, qual era a resposta antes dela tocar seu rosto e beijar seu queixo, aproximando-se.

— Não... não como você, Jess, nunca como você... — E ela sabia que se vivesse com David por mil anos a resposta continuaria a mesma.

XXIV

O SINO TILINTOU E DAVID OLHOU PARA CIMA E ENCONTROU Bones Binley cambaleando em direção a ele entre os bancos vermelhos. Agora que o tempo frio estava aqui, Bones tinha andado vadiando na loja, que era muito mais confortável do que o varanda de Mitch, e onde o café era quente. Então, também, isso dava-lhe a chance de olhar a Senhorita Abigail de vez em quando.

Ela não estava aqui hoje... mas Bones sabia disso antes dele entrar.

— Como vai, Bones — David cumprimentou o homem desengonçado, experimentando a peculiar pontada de ego que ele sempre sentiu na presença de Bones desde que ele ouviu que Bones tinha olhos para sua mulher. Como o "escolhido" de Abbie, David muitas vezes tratava Bones de forma condescendente. Como "não-escolhido", Bones percebia isso e se intrometia internamente. Ele não conseguia descobrir o que a Senhorita Abigail viu em Melcher de qualquer maneira.

— O que disse, David? — Bones retrucou.

— Obrigado por levar os pacotes de Abigail ontem. Ela ficou muito feliz em vê-los. Ela estava esperando pelo adereço há dias e estava preocupada que não chegasse a tempo.

Bones acenou com a cabeça para o chão. — Sim.

— Ela disse para agradecer novamente quando eu visse você.

— Sim.

— Ela está no hotel tendo sua foto tirada.

— Sim.

David riu. — Eu não sei por que eu me preocupo em dizer-lhe algo. Não há nada que aconteça nesta cidade que você não saiba antes que aconteça.

Bones novamente riu para o chão — um estremecimento silencioso de ombros.

— Sim, isso é um fato. Agora, como ontem, com aquela nevasca fermentando, eu devo ter sido o único lá fora quando o das duas e vinte chegou e aquele sujeito DuFrayne saiu de dentro levando toda aquele equipamento e fez

check-in no Edwin's. — Bones encontrou a ponta de seu tabaco e mordeu um bocado para mastigar.

David ficou branco como a neve fresca.

— D... D... DuFrayne?

— Sim.

— V... Você... hm... deve estar enganado, Bones. Não foi D... DuFrayne, foi D... Damon Smith com o equipamento de tirar fotos.

— Ele? Aquele loiro? De cabelo curto? Altão? Nah, ele não chegou até as nove e cinquenta desta manhã. Não, o outro chegou no trem atrasado de ontem e deu uma olhada no hotel do Edwin, como eu disse. Até onde eu sei, ele ainda está bem aqui. — Bones levantou a tampa do fogão barrigudo, mirou mortalmente, e deixou voar uma faixa marrom de suco de tabaco que crepitou na calmaria que de repente caíra. Então ele enxugou o lado de sua boca com a ponta da mão, mantendo o canto do olho em David.

— Eu... eu vejo que é hora de ir en... encontrar Abigail, Bones. Ele... eu disse a ela que eu... iria, depois que ela fosse... fazer a fot… fotografia. Se você me der licença...

— Claro, claro — devolveu o satisfeito Bones enquanto David corria para o quarto dos fundos em busca do casaco.

Três minutos e meio depois, David entrou no saguão do hotel.

— Bem, David, meu homem, como vão os negócios?

— Tudo está... pronto para a inauguração, logo depois do casamento...

Edwin riu amavelmente, notando o nervosismo de David. Ele deu a David um sorriso conspiratório. — As últimas vinte e quatro horas antes de um casamento são as mais difíceis, hein, David?

David engoliu em seco.

— Não se preocupe agora, com aquela loja e aquela esposa, você vai ser tão feliz quanto um porco na lama.

Normalmente, David teria rido muito com Edwin, mas ele apenas perguntou agora, com um olhar preocupado no rosto: — Ela está aqui, Ed?

— Claro que está. — Ed se virou para o teto. — Está lá uma hora já. Deve ter uma fotografia chique há esta hora.

— Eu... eu pr... preciso falar com ela um minuto...

— Claro, vá em frente. Smith está no número oito, no final do corredor à sua esquerda.

— Obrigado, Ed. Eu vou encontrar.

No andar de cima, a luz do sol escorria através de uma renda na longa e estreita janela no final do corredor enquanto David caminhava silenciosamente sobre o longo corredor coberto de rosas onze-horas. Seu dedo do pé começou a doer e seu coração estava inchado, como se estivesse sufocando-o. Uma hora? Ela esteve aqui uma hora? Demorou uma hora para fazer uma fotografia? Mas era Damon Smith com quem ela estava, era! Sim, certamente deve levar pelo menos uma hora para a pose e o desenvolvimento, o que foi feito no local.

Ao aproximar-se do número oito, viu que a porta estava fechada, mas não trancada.

Um murmúrio de vozes veio de dentro — a de um homem rouca e baixo, de mulher, tensa e gutural. David sentiu-se de repente fraco e colocou a palma da mão contra a parede em busca de apoio. As vozes estavam abafadas e David se esforçou para ouvir.

— Pare, Jess...

Oh, Deus, essa era a voz de Abigail. Os olhos de David se fecharam. Ele quis que seus pés se movessem, para levá-lo embora, mas era como se aquelas rosas onze-horas tivessem subitamente enviado tentáculos para segurar seus tornozelos no carpete.

Torturado, ele ouviu as palavras roucas que se seguiram.

— Eu amo quando você me chama de Jess desse jeito. Como você o chama quando ele faz isso com você?

A mente de David se encheu de terríveis imagens em movimento quando um silêncio longo e longo se seguiu e suor escorreu em sua testa. Mova-se! Ele disse a si mesmo. Saia! Mas antes que ele pudesse, a voz de DuFrayne, feroz, apaixonada, perguntou: — David pode fazê-la tremer assim, querer assim? Ele pode fazer seus seios ficarem duros e seu corpo ficar molhado como eu posso?

E a resposta de Abigail: — Não... não como você, Jess, nunca como você...

David hesitou por mais um momento, náusea e medo despencando através dele, enquanto de dentro do quarto vinha o som de amantes que se esqueceram de si mesmos, e a tentação se tornou grande demais.

Pisando para a porta, ele a empurrou e engoliu o desfiladeiro que ameaçava sair de sua garganta.

Abigail estava ajoelhada no chão, os olhos fechados, a cabeça inclinada para trás enquanto o cabelo caía em devassa desordem pelas costas nuas. O corpete de seu vestido de casamento estava abaixado, prendendo seus cotovelos ao lado do corpo, mostrando os seios a Jesse DuFrayne, que estava ajoelhado em um joelho

diante dela, com a boca em sua pele. O véu de noiva de Abigail estava esmagado sob os joelhos de ambos, o adereço de cabeça jazia em um nó disforme debaixo da cadeira de balanço atrás dela. Botões de pérolas jaziam em meio a ganchos de cabelo, um pente, os sapatos de cetim que ele dera a Abigail como presente de casamento. Doente, mas incapaz de afastar os olhos, David viu a mulher com quem ele deveria casar-se amanhã estendendo-se cegamente para segurar a mandíbula do homem escuro à sua frente, guiando a boca de um seio ao outro quando um suave gemido escapava de seus lábios.

O sangue da vergonha surgiu no rosto de David quando ele soltou uma única palavra. — Abigail!

Ela recuou. — David! Oh, meu Deus!

— Bem, você certamente me enganou!

O sangue sumiu do rosto dela, mas tão rapidamente quanto ela recuou, Jesse instintivamente puxou-a contra o peito dele, protegendo os seios nus dos olhos intrusivos, segurando a parte de trás da cabeça dela protetoramente, até o joelho levantado dele contra o quadril dela quando ele a acomodou seguramente contra a cobertura dos seus lombos.

— É melhor você ver o que você diz, Melcher, porque desta vez serei eu quem vai responder, não ela — Jesse avisou, sua voz ressoando poderosamente contra o ouvido de Abigail que estava contra seu peito.

— Sua... sua escumalha! — David sisseou. — Eu estava certo o tempo todo. Vocês dois são do mesmo tipo!

— Parece que somos, o que me faz perguntar por que diabos ela gostaria de se casar com você.

— Ela não vai! Você pode tê-la!

— Vendido! — exclamou Jesse, perfurando Melcher com um olhar sinistro enquanto ele se esticava as cegas para puxar os ombros do vestido de Abigail de volta para cima.

— Uma palavra apropriada, eu diria, considerando o dinheiro que ela já tirou de você, seu filho da puta!

Abigail sentiu os músculos de Jesse tensos quando ele a colocou longe dele e fez como se quisesse se levantar.

— Parem com isso! Parem com isso, os dois! — Abbie chorou, agarrando a frente do vestido e lutando para ficar de pé, seguida por Jesse, que mantinha um ombro entre ela e a porta. A roupa rasgada, a pose comprometedora e o que David ouvira tornavam impossível negar. Ela sentiu como se estivesse caindo

livremente pelo infinito espaço no horripilante vazio do déjà vu. Ela se virou para se mover em direção a David, mas ele recuou em desgosto.

— David, me desculpe... me desculpe, David, por favor, me perdoe. Eu não pretendia que isso acontecesse. — Ela estendeu uma mão suplicante em direção a ele, enquanto a outra continuava a segurar o corpete. Mas desculpas e lamentos eram tão inadequados que só aumentavam sua vergonha.

— Sua prostituta mentirosa — ele soltou venenosamente, todos os sinais de gagueira de alguma forma surpreendentemente sumiram de sua voz. — Você achou que eu não iria descobrir? Só mais uma vez antes de você se casar comigo, é isso? Só mais uma vez com esse filho da puta que você prefere em vez de mim? Bem, tudo bem, fique com ele!

Hoje foi a primeira vez que ela ouviu David xingar. Ela chegou apertar a manga dele, horrorizada com o que ele havia testemunhado, por ter caído tão baixo.

— David, por favor...

Mas ele se soltou, como se o toque dela fosse veneno.

— Não me toque. Nunca mais me toque — disse ele com ódio frio e duro. Depois, colocou o casaco nos ombros, apoiou-se no pé bom e saiu mancando sem olhar para trás.

De pé, olhando para a porta vazia, a enormidade de sua ofensa tomou conta dela. Lágrimas se formaram em seus olhos e suas mãos vieram cobrir sua boca aberta, da qual nenhum som foi emitido por um longo tempo.

Ela se sentiu enojada e seus olhos se fecharam quando ela começou a tremer incontrolavelmente.

— Ele nunca vai se casar comigo agora. Oh Deus, a cidade inteira saberá dentro de uma hora. O que eu vou fazer?

Ela cobriu as têmporas com as pontas dos dedos e esfregou-as, depois apertou os braços com força e balançou para frente e para trás como se estivesse se aproximando da histeria.

Jesse ficou vários metros atrás dela, não se aproximou ou tentou tocá-la quando ele disse baixinho: — É simples... case comigo.

— O que! — Ela se virou para encará-lo, olhando por um momento como se ele tivesse enlouquecido. Mas ela foi à única que de repente riu, chorando, tremendo de uma só vez em um ajuste estranho tingido de frenesi. — Oh, não seria tão alegre. Casar com você e nós poderíamos passar o resto de nossas vidas gritando e mordendo e caçoando e tentando ser melhor que o outro. Oh... —

Ela riu novamente histericamente — Oh, isso é muito engraçado Sr. DuFrayne — ela terminou, lágrimas escorrendo pelo rosto.

Mas Jesse não estava rindo. Ele estava sério como pedra, seu rosto era uma máscara imóvel enquanto dizia intensamente: — Sim, às vezes é muito engraçado, Srta. McKenzie, engraçado, estimulante e maravilhoso, porque essa é a nossa maneira de se cortejar. Eu descobri que sentia tanta falta disso quando eu estava longe de você que tive que voltar aqui para ver se você era tão boa quanto eu me lembrava.

— Propositalmente você voltou para causar problemas entre David e eu, não negue isso.

— Eu não estou negando isso. Mas eu mudei de ideia ontem à noite enquanto conversávamos. O que aconteceu aqui hoje não foi planejado. Apenas aconteceu.

— Mas você... você me enganou neste quarto, pa... para sentar naquela cadeira de balanço e... e...

— Mas você queria tanto quanto eu.

A verdade ainda era assustadora demais para ela encarar, e ela, como sempre, estava confusa pela mutabilidade dele. Ela não pôde deixar de imaginar quais eram seus motivos hoje. Ela girou em torno dele e voou em direção à tela no canto, acusando: — É tudo um grande jogo para você, manipulando as pessoas ent...

— Isso não é um jogo, Abbie — ele argumentou, seguindo-a ao redor da tela, falando para o ombro dela quando ela virou as costas para ele. — Eu estou pedindo para você se casar comigo.

Ela desabotoou os punhos como se estivessem coçando. — Oh, nós seríamos o motivo de riso de Stuart's Junction: A Senhorita Abigail e seu ladrão de trem! — Ela se virou para ele, empurrando as mangas, afetando o tom açucarado de uma fofoca. — Oh, você lembra, não é? O casal que foi pego em flagrante um dia antes de seu iminente casamento com outro homem? — Ela puxou o corpete para baixo, fumegando. Ele se aproximou por trás dela.

— Isso por si só deveria dizer que somos certos um para o outro. Você sabe muito bem que gosta mais de mim do que dele ou nunca teria me deixado chegar tão longe quanto cheguei hoje.

Ela girou sobre ele, segurando um pouco de roupa sobre os seios. — Como você ousa insinuar que eu fiz alguma coisa com David! Nós não fizemos nada, absolutamente nada! Nós éramos tão puros quanto à neve e esta cidade sabia

disso!

Eles ficaram nariz com nariz, cada um deles encarando o outro.

— Quem se importa com o que esta cidade pensa? O que essa cidade já fez por você além de lhe rotular como solteirona quando você tinha apenas vinte anos?

— Saia daqui enquanto eu estiver trocando de roupa! — ela gritou e apresentou suas costas para sair do vestido de casamento, inclinando-se para frente e dando a ele uma visão traseira das meias calças brancas mais amarrotadas do que qualquer outra que ele viu em seu varal. Seus olhos percorreram sua pele, descendo pela cavidade sombria que recendia no cós branco de algodão.

— Quando eu sair daqui, será com você no meu braço, usando aquele caro casaco verde que eu paguei, soltando um beijo para esta cidade enquanto embarcamos no meu trem!

Ela colocou uma camisa interior sobre a cabeça e ele observou o cabelo fino na parte de trás do seu pescoço quando ela olhou para baixo e amarrou a fita em sua cintura.

— Você ainda não terminou de exibir seu dinheiro, não é? — Ela lançou um olhar breve e depreciativo por cima do ombro. — Bem, você se deparou com a única coisa que você não pode comprar! — Ela puxou uma anágua e saia e abotoou-as em sua cintura.

— Comprar você! — ele gritou — Eu não quero comprar você. Eu quero você livre! Você tem que se entregar a mim livremente se nos casarmos, porque você quer.

— Você planejou essa sedução hoje, não me diga que não. — Ela puxou uma blusa do alto da tela e enfiou os braços nela.

Ele estendeu a mão e a pegou por trás pelos dois seios, puxando-a contra sua dureza. Ela propositadamente permaneceu indiferente, agindo como se seu toque estivesse sendo completamente despercebido, exceto quando ela teve que empurrar as mãos dele para o lado para fechar os botões de sua blusa.

— Então estamos quites, não estamos, Ab? — ele perguntou, pressionando o lado de sua boca contra o cabelo atrás da orelha dela. — Você não planejou minha sedução uma vez? Só que você conseguiu onde eu não... até agora. — Enquanto ele acariciava seu pescoço com aroma de rosa, ele fervorosamente começou a acariciar seus seios, finalmente despertando a luta nela. Ela lutou com as mãos dele, mas ele só a segurou mais apertado, deslizando a palma dentro da blusa parcialmente aberta, inclinando-se para beijar a curva do pescoço dela,

deslizando a outra mão pelo estômago, então mais para baixo. Eles lutaram, cotovelos voando, enviando a tela para o chão.

— Você tem os métodos de cortejo mais inescrupulosos que já vi! — Ela gritou, puxando os pulsos dele, mas nesse momento ele colocou um braço poderoso em volta de seu estômago, a outra mão mais uma vez encontrando o caminho até o peito e forçando-a contra o corpo tumescente dele.

— Sinta isso. Diga-me que você não quer. Diga-me que não sei o que é melhor para você.

Por um momento, ela murchou e seu aperto afrouxou, dando-lhe vantagem suficiente para se libertar e girar para encará-lo.

— Como você pode saber o que é melhor para mim quando nem mesmo eu sei?

Seus olhos foram para a porta que David deixara aberta.

— Então eu acho que é hora de te mostrar de novo — ele ameaçou com mel em sua voz, dando um passo para mais perto.

Seu coração estava martelando descontroladamente agora, confuso com a mistura de emoções que Jesse podia sempre provocar nela. Eles se entreolharam como um par de gatos no tempo uivante, começando a devagar, lentamente circular, até que ela ganhou o lado do quarto mais próximo do corredor. De repente, ela se virou e correu até a porta, mas ele a fechou com tanta rapidez que o vento secou os olhos dela. Ela recuou, com os olhos arregalados, ofegante, sentindo o pulsar de seu pulso em cada nervo cauteloso de seu corpo.

Ele recostou-se casualmente, segurando a maçaneta de costas. Um pé estava no chão, o outro cruzado na frente com apenas a ponta da bota no chão. Ele não estava nem respirando pesadamente. Ele descansou lá como se tivesse todo o tempo do mundo, o fantasma de um sorriso subindo por um lado de sua boca enquanto aqueles olhos manchados de avelã a avaliavam com um toque de alegria conhecedora. Sua voz foi suave, bajuladora, sedutora.

— Você sabe que estamos fazendo de novo, não é? A velha dança de cortejo que tanto amamos. É assim que sempre começamos, Abbie, eu te perseguindo, você lutando comigo. Mas isso não é luta e você sabe disso, porque no final nós dois ganhamos. — Ele trouxe os ombros para longe da porta devagar. — Então venha aqui gatinha infernal — ele terminou com um sussurro rouco — porque eu só vou continuar perseguindo-a antes de atacar.

Ela adorou, ela sentiu falta disso, ela queria, esse martelar dos sentidos que exultavam como nada mais que ela já tinha experimentado enquanto esperava,

ansiava, sabendo o que ele faria. Seus seios estavam arfando e seus olhos brilhavam, mas como um verdadeiro gato infernal ela cuspiu mais uma vez. — Venha cá! Faça isso! Faça aquilo! Case comigo! E então o que? Passamos por isso pelo resto de nossas vidas?!

Seu sorriso ficou mais ousado. — Você está malditamente certa — ele disse, baixinho.

— Oh, você... você...

Mas ele estava farto de esperar.

— Maldição... — ele murmurou, e saltou! Ele agarrou seus pulsos e a girou habilmente até suas costas baterem contra a porta fechada. Suas mãos a seguraram sob as axilas e ela sentiu seus pés deixarem o chão quando ele a ergueu, segurando-a contra o painel de mogno, beijando-a. Suas largas palmas seguravam as laterais de seus seios, enquanto seus lábios também a mantinham presa, controlando os dela, enviando espasmos de desejo ondulando através de seu corpo, direcionando-se para cada um de seus nervos por sua língua dominadora.

Emoções invadiram seus sentidos enquanto Jesse atacava seu corpo, respirando agora como um furacão enquanto ele a sitiava com beijos profundos, sua língua feroz e sondando, empalando-a contra a porta.

Por fim, ele libertou a boca dela, encarando com olhos escuros e tempestuosos os dela.

— Maldição, Abbie, eu te amo. Era eu dizendo eu te amo antes, por mim mesmo, não por David.

Ela parecia incapaz de falar, e ambos de repente perceberam que ele ainda a tinha contra aquela porta. Ele deixou que ela deslizasse devagar, um último grampo caindo de seus cabelos sem ser notado. Quando os seus dedos dos pés tocaram o chão, ele continuou a segurá-la levemente pelos dois seios, procurando em seus olhos algum sinal de entendimento.

— O que você diz, Abbie?

Seus olhos, acesos e confusos, brilhavam no choque de cabelo solto emoldurando seu rosto.

— Como posso casar com um homem que tenho medo na metade do tempo, que acabou de me atirar contra a porta?

Uma expressão de dor atravessou seu rosto e ele baixou as mãos dos seios dela para as costelas, tocando-a gentil e carinhosamente.

— Oh, Deus, eu te machuquei, Abbie? Eu não queria te machucar. — Ele

beijou uma de suas pálpebras, depois a outra, então se afastou para olhar em seus olhos azuis, sua voz tão perto da tortura quanto ela já ouvira. — Você está realmente com medo de mim, Abbie? Você nunca tem que ter medo de mim. Tudo que eu quero fazer é te fazer feliz, fazer você rir, talvez gemer... mas não de dor. Disso...

Ele fechou os olhos dela mais uma vez com os lábios, depois arrastou-os pelo nariz até a bochecha, ao longo de sua mandíbula delicada até o queixo, depois finalmente até os lábios, que haviam se aberto quando ele os alcançou. Suas mãos foram para os ombros de sua blusa desabotoada, apertando até que ela pensou que seus ossos iriam quebrar. Mas sua boca sobre a dela era um contraste direto com a pressão de suas mãos, suave, gentil, convincente, enquanto sua língua quente deslizava levemente, levemente sobre seus lábios, depois sobre os dentes antes dele se mover para seu ouvido e dizer: — Admita, Abbie, é o que você quer também. Seja honesta comigo e com você mesma.

— Como posso ser honesta quando você me segura desse jeito? Jesse, não consigo pensar.

Ele cautelosamente deixou cair às mãos, mas só para as costelas dela, movendo-as levemente como se temesse que ela pudesse escapar dele ainda. E lá elas ficaram, quentes, grandes, abrangendo seu torso, um de seus polegares chegando a tocar a parte inferior de seu peito enquanto ele observava seu rosto.

— Abbie, você disse que tinha que gritar para os cômodos vazios quando eu estive fora, tentando se libertar de mim. Isso não lhe diz alguma coisa?

Seus olhos imploraram, mas ele não abandonou seu controle sobre ela. Em vez disso, o calor de suas palmas penetrou através da camada de algodão sobre sua pele, suas mãos agora dentro da blusa, em suas costelas, aquele longo polegar ainda a despertando para uma tremenda sensualidade enquanto deslizava lentamente para frente e para trás.

— Eu estou tão confusa — disse ela com uma voz trêmula, os olhos se fechando, a cabeça apoiada na porta.

— Você tem o direito de estar. Eu sou exatamente o oposto do que lhe foi dito em toda a sua vida que era o certo para você. Mas eu sou certo, Ab, eu sou.

Ela rolou a cabeça de um lado para o outro, engolindo em seco. — Eu não sei... eu não sei.

— Sim, você sabe, Abbie. Você sabe que tipo de vida nós teríamos. Somos bons juntos em tudo que fazemos. Conversando, discutindo, fazendo amor, fazendo sentido... e sem sentido. Do que você tem medo, Abbie, que vai se

machucar de novo? Ou do que esta cidade vai dizer? Ou do que David dirá?

Ela abriu os olhos, mas olhou por cima do ombro dele para a cortina de janela rendada e a neve além.

— Eu machuquei David tanto. — Suas narinas se alargaram e seus olhos se fecharam.

— Talvez você tivesse, para sua própria salvação.

— Não, ninguém merece ser machucado assim.

— Você mereceu, treze anos atrás?

Ela olhou nos olhos dele novamente.

— Eu me recuso a apaziguar minha consciência dizendo que dois erros fazem um acerto.

— Então deixe-me compartilhar parte da culpa por machucá-lo. Inferno, eu vou mesmo marchar até a rua e pedir desculpas a ele se é isso que é preciso para ganhar você. É isso que você quer que eu faça, Abbie?

Lágrimas de repente picaram seu nariz, pela perda de David, pela devoção desse homem. Ela de alguma forma acreditava que Jesse queria dizer isso e realmente enfrentaria David e se desculparia. Afinal de contas, Jesse era um homem que fazia qualquer coisa para conseguir o que queria. Acertou-lhe como um golpe a realização do quanto ele a queria. Ainda assim, ela encostou-se a essa porta e deixou que ele continuasse a convencê-la, pois era celestial ficar ali com o seu rosto escuro tão perto do dela quando ele inclinou os dois antebraços nos dois lados de sua cabeça.

— Há um país inteiro lá fora, Abbie. Você pode escolher qualquer cidade que você queira viver. Eu vou levá-la para qualquer lugar. Você quer viver como a esposa de um barão da estrada de ferro em alguma mansão em Colorado Springs, tudo bem. Nomeie o lugar e nós vamos. Que tal começar em Nova Orleans? Vou levá-la para ver o oceano, Abbie, e conhecer minha família. Você sempre quis ver o oceano, você me disse assim.

"Você até tentou trazer um pouco disto aqui projetando aquela janela de Cape Cod naquela loja de sapato, mas eu levarei você a Cape Cod para ver a coisa real se você quiser. — Seus olhos estavam cheios de sinceridade enquanto ele prosseguia. — Abbie, eu não quero comprar você, mas eu faria se eu precisasse. Eu sou rico, Abbie, então o que há de errado com isso? O que há de errado comigo querendo gastar meu dinheiro fazendo você feliz? Eu te devo minha vida, Abbie, deixe-me dá-la a você...

Isto, isto, isto, ela pensou, era o que ela sempre sonhou, o Jesse que ela

sempre sonhou, sussurrando palavras de amor em seu ouvido, fazendo seu sangue correr e seus sentidos voarem. Seus olhos se abriram e encontraram os dele, escuros, intensos, prometendo a ela o mundo. Ela flutuou na segurança quente do conhecimento de seu amor por ela, incapaz de falar no momento.

Sou eu, ela pensou, Abigail McKenzie? Isso está realmente acontecendo? Esse homem surpreendentemente bonito, com os cotovelos inclinados ao lado dos meus ouvidos, me convencendo com absoluta sinceridade em cada palavra que ele me ama?

Seu coração parecia pronto para explodir.

Ele inclinou-se para acariciar o pescoço dela, para beliscar o lóbulo da orelha dela, depois tocar o interior com a ponta da língua úmida.

— Isso é o que eu quero, Ab, mas e o que você quer agora?

Ela sentiu a respiração dele, quente, rápida, batendo em sua orelha, então sua voz voltou, estrangulada e estranha, fazendo as coisas derreterem dentro de seu corpo. — Não desconsidere isso como sem importância. Se eu deslizasse minha mão debaixo de sua saia e tocasse seu corpo, eu sei o que eu encontraria. Não negue que é importante, Ab. Eu senti isso antes porque você me queria, e eu sei que está aí de novo.

E, por dentro, Abbie sentiu uma onda líquida bem-vinda de feminilidade, acompanhada pelo inchaço sensual daquela parte dela que nenhum homem, exceto Jesse, jamais tocara.

Seus olhos se fecharam. Seu peito se apertou. Sua respiração ficou ofegante. Até o cabelo na nuca parecia ter nervos, cada um deles excitado, pronto para responder.

Através da parte baixa de seu estômago, ela o sentiu pressionar seu corpo excitado, levemente, tocando levemente da esquerda para a direita, da direita para a esquerda, fazendo círculos nela enquanto as palmas das mãos permaneciam pressionadas contra a porta acima de sua cabeça. Suas próprias palmas formigavam, ansiosas por serem soltas e tocá-lo, mas ela as mantinha pressionadas contra a porta atrás de seus quadris, levando essa sensual dança de acasalamento ao máximo, querendo que se formasse lentamente, lentamente, em ritmo e calor, enquanto ele se esfregava contra ela, os botões da camisa dele agora roçando levemente as pontas dos seus mamilos, que estavam apertados como pequenos sinos duros sob a leve camisola de algodão.

Ela tremeu com a sensação. Jesse, Jesse, ela pensou, você é tão bom nisso... tão bom...

Ele olhou para baixo para encontrar um leve sorriso em seus lábios, seus olhos ainda fechados, seus seios agora se esforçando o mais para frente quanto possível e ainda mantendo suas omoplatas contra a porta. Ele sorriu devagar, compreendendo-a bem, deixando os cotovelos deslizarem vários centímetros para baixo, trazendo seu meio para longe do dela, depois sacudindo a língua para tocar o canto do olho dela.

Ela teve tão pouco amor, ele pensou, vou afogá-la nele pelo resto da vida dela.

Nenhuma palavra foi dita. Suas mãos vieram de trás dela para encontrar cegamente os quadris dele e puxá-los contra ela, trazendo seu calor e dureza onde ela queria, fazendo-o sorrir contra seu cabelo e deslizar um braço entre suas omoplatas e a porta, até a cintura. Sua outra mão agarrou a maçaneta da porta enquanto ele se apoiava contra ela, uma mão batendo com força no assento de suas anáguas, incapaz de sentir muito mais através de todas aquelas camadas.

Seus quadris começaram a se mover com os dele, enquanto as palmas das mãos permaneciam logo abaixo do cinto, como se ela devesse conhecer completamente cada movimento dele — ela devia, devia, ela havia esperado por tempo demais. Ela abriu os olhos como se estivesse drogada, implorando silenciosamente até que sua boca desceu e encontrou a dela aberta, esperando, ansiosa. E juntas suas línguas mergulharam fundo enquanto suas carnes se pressionavam tão firmemente que os pulsos pareciam inseparáveis.

Ela se contorceu entre ele e a porta e ele moveu a boca para seu ouvido, sussurrando com voz rouca: — Abbie, eu vou levá-la para a cama e fazer amor com você como você nunca imaginou que você faria amor de novo.

Ele a sentiu estremecer e entendeu o que estava acontecendo dentro dela. Seu próprio corpo estava lutando contra os limites da roupa. Ainda assim, ele se inclinou e mordeu levemente um de seus mamilos — como se de passagem — através da roupa e tudo, fazendo-a se contorcer e sugar a respiração bruscamente e abrir os olhos.

Passou um braço em volta do ombro dela, o outro sob os joelhos ele levantou-a sem esforço, seus braços entrelaçados e sobre os ombros largos, os dedos entrelaçados no cabelo atrás do pescoço enquanto ele se virava devagar, lentamente até a cama.

— E eu vou continuar... e continuar... e continuar... até você admitir que me ama e dizer que vai se casar comigo — disse ele com a voz rouca.

Eles olharam nos olhos um do outro enquanto ele caminhava em direção à

cama, os músculos do peito dele duros e quentes contra seus seios.

Ela ouviu as molas cantarem quando ele se ajoelhou com um joelho e se inclinou para deitá-la. Com uma mão de cada lado de sua cabeça, ele pairou sobre ela, e disse em seus olhos: — E eu não pretendo ser prejudicado pelas anáguas que você escolheu usar para casar com outro homem, eu tendo pagado por elas ou não. — Então, sem observar o que ele estava fazendo, encontrou os botões em sua cintura e ela os sentiu serem libertos.

Arrepios passaram por ela e ela sorriu, um brilho de ânsia brincando por ele por trás dos cílios franjados.

— Mas, Jesse, você pagou tão caro para organizar o casamento — ela disse suavemente, sedutoramente.

— Bem, eu estou desarrumando — ele disse rudemente, e tirou as anáguas por suas panturrilhas, em seguida, agarrou a mão dela e puxou-a para uma posição sentada.

— E nem eu vou lutar com colarinhos vitorianos que não significam nada.

Com lentidão agonizante, ele tirou a blusa. Ela obedientemente obedeceu, mas quando a cabeça escura dele se aproximou da dela enquanto ele deslizava a roupa para longe, ela o informou: — Se eu casar com você ou não, vou me vestir como bem entender, como uma dama.

— Tudo bem — ele retrucou quando a blusa saiu. — Você faz isso. Na nossa sala quando você tiver as damas dos outros barões da ferrovia para o chá. — Ele jogou a blusa por cima do ombro — No nosso quarto você deixa tudo pendurado na penteadeira junto com sua camisa interior e estas. — Ele inseriu um único dedo no cós das meias-calças dela, puxando.

Ela recuou languidamente, os braços largados acima da cabeça, e ficou ali à espera, amando-o mais a cada palavra que passava.

— Você pagou por elas também. Suponho que isso lhe dá o direito de fazer o que quiser com elas.

Ele se ajoelhou ao lado dela e, sem tirar os olhos do rosto dela, tirou o colete e a camisa, jogando-os por cima do ombro para se juntarem à anágua e saia no chão.

— Exatamente. Assim como eu paguei pelo casaco verde que você usaria em sua lua de mel. E se você não estivesse orgulhosa do fato de que eu sou rico, você não continuaria apontando isso uma e outra vez. — E saiu o cinto dele.

— Eu teria me contentado em administrar uma sapataria simples — ela ronronou, estendendo a mão para tocar as costas de seus dedos contra a parte

dele que ela viu pela primeira vez quando ele estava morrendo em sua cama, fazendo seus olhos brilharem antes dos dedos dela se afastarem das calças dele.

Então, lentamente, tentadoramente, ele soltou os botões na frente de sua calça, enquanto sua voz se derramava sobre ela como seda líquida.

— Quando eu terminar aqui, eu vou derrubar aquela maldita placa que tem o seu nome com o dele.

O ardor em seu tom tornava a palavra maldita quase um carinho. Então sua calça também desapareceu.

— Significando nada — ela murmurou com um sorriso lento.

— Como o inferno — ele disse rudemente, chegando a desamarrar a fita na cintura de sua camisa interior, em seguida, deslizando a mão para dentro, para cima, sobre as costelas quando se sentou na cama e esticou seus longos e escuros membros em direção a Abbie.

Suas narinas se arregalaram e sua respiração ficou irregular.

— Você não acha que é significativo que eu esteja tomando de volta o que uma vez eu dei de forma tão tola? — Ele perguntou possessivamente, empurrando a camisa para cima devagar, inclinando a cabeça escura para beijar o vazio entre as costelas dela, depois a parte inferior do seio esquerdo.

Fechando os olhos, ela sussurrou: — Esta cidade inteira provavelmente sabe o que estamos fazendo agora — não se importando o mínimo, amando mesmo assim.

Ele moveu sua língua para a cavidade sob o outro seio dela, rindo profundamente em sua garganta, seus lábios roçando contra sua pele.

— E eles provavelmente correrão para casa e farão um pouco disso só de pensar.

— Nem todo mundo é como você, Jess — ela disse, sorrindo atrás de pálpebras fechadas, desejando que ele se apressasse.

Mas ele se movia como um caracol sedutor, desabotoando a cintura de suas meias-calças e deslizando-as apenas até os quadris, expondo suas cavidades provocativamente.

— Não, mas você é, e isso é tudo o que conta. — Novamente sua boca encontrou sua cavidade, esta justo dentro de seus quadris, enquanto ela se mexia sinuosamente. E depois de alguns instantes a última peça moveu-se devagar, lentamente para baixo enquanto ele beijava um caminho em sua pele descoberta e enquanto ela permanecia deitada com um pulso na testa, toda a resistência desaparecida, seus lábios se separaram enquanto a língua dele dançava sobre a

dela.

— Disso é o que eu mais me lembro — ele sussurrou roucamente antes de mergulhar nela, seguindo enquanto ela arqueava, acariciando até que ela gemeu e caiu para trás, estremecendo embaixo dele.

— Eu também... eu também — veio sua voz estrangulada.

Ele a conhecia bem, a amava bem, ele puxou a cabeça para trás justo em seu ponto de ruptura, subindo por seu corpo para enfiar os dedos para trás através de seu cabelo e colocar seu comprimento quente e duro sobre ela, não nela.

— Diga isso, Abbie — ele implorou, beijando-a sob o queixo enquanto a cabeça dela arqueava para trás. — Diga agora enquanto eu entro em você.

Ela abriu os olhos e encontrou os dele cheios de amor enquanto eles sondavam os dela. Seus cotovelos estremeceram ao lado dela enquanto ele se afastava, esperando para ouvir as palavras.

Ela alcançou entre eles e o achou, guiou ele para casa, os olhos dela nunca deixando os dele conforme ele entrou nela, movendo forte e seguro ao ritmo de suas palavras repetidas — Eu te amo, Jesse... te amo... te amo... te amo... — uma e outra vez no acompanhamento de seus longos e lentos golpes. Ele viu suas lágrimas se formarem e deslizarem dos cantos de seus olhos enquanto seus lábios formavam e reformavam as palavras, cada vez mais rápido, até que seus lábios ficaram abertos. E logo, ele seguiu o caminho que ela tinha seguido, através daquele mergulho de êxtase.

O quarto ficou silencioso, a luz da tarde refletindo na neve enquanto sua mão pousava na nuca úmida do pescoço dele. Ela brincou com o cabelo dele distraidamente. Então, fechando os olhos com força, ela subitamente agarrou-o, segurando-o, possuindo-o, permanecendo perfeitamente imóvel naquele momento, registrando-o em sua memória para levá-lo ao longo de seus dias juntos.

— Jesse... oh, Jesse.

Perdido no amor, ele a balançou, rolando sem palavras de um lado para o outro, e finalmente caindo ao lado dela, olhando em seu rosto sereno.

— O trem está chegando — ele disse suavemente.

Ela sorriu e tocou seu lábio inferior, depois arrastou a ponta do dedo do centro do bigode até a ponta externa. — Até o horário dos trens se acomoda a você, não é?

— E a Senhorita Abigail McKenzie? — ele perguntou, prendendo a respiração.

Ela olhou em seus olhos amados. — Ela também — ela disse suavemente — ela também.

Seus olhos se fecharam e ele suspirou, contente.

Mas ela os fez abrir novamente quando perguntou: — Mas o que ela fará com sua casa cheia de bolos de casamento e sanduíches?

— Deixe-os para os ratos. Eles vão gostar deles mais do que de aveia.

— Deixá-los? — ela perguntou, intrigada.

Ele se apoiou em um cotovelo, todo o traço de sorriso desapareceu de seu rosto enquanto ele a olhava atentamente.

— Eu estou pedindo para você se levantar desta cama, colocar suas roupas e caminhar até a estação de trem comigo, segurando meu braço, nunca olhando para trás. Tudo começa agora.

— Deixar minha casa, minhas posses, tudo... apenas assim?

— Bem desse jeito.

— Mas a cidade inteira está provavelmente lá fora, esperando que saiamos deste hotel. Se formos direto para a estação, eles saberão.

— Sim, eles vão. Não vamos criar uma sensação saindo bem debaixo de seus narizes, embarcando nas acomodações executivas, a Senhorita Abigail e seu ladrão de trem?

Ela olhou para ele, considerando isso.

— Ora, Jesse, você quer chocá-los, não é?

— Eu acho que já chocamos, então por que não terminar com aprumo?

Ela não pôde deixar de rir. Pelo menos ela tentou, mas ele a abraçou novamente, pressionando o peito dele contra o dela, e ele era muito, muito pesado. Tudo o que saiu dela foi um som silencioso, o que o fez aliviá-la de um pouco do seu peso, mas não de todo — não até ela dizer sim.

— Somos tão diferentes, Jesse — ela disse, séria novamente, tocando-o em suas têmporas. — Apesar do que temos em comum, ainda somos opostos. Eu não poderia mudar por você.

— Eu não quero que você mude. Você quer que eu mude? — Por um momento ele teve medo do que ela poderia responder.

Em vez disso, ela não disse nada, então ele se sentou na beira da cama, virando as costas para ela.

Mas ela já o conhecia bem o suficiente para reconhecer a tensão do músculo da mandíbula pelo que era. Ela se sentou atrás dele e passou a mão por um dos ombros dele, depois beijou suas costas.

— Não — ela disse calmamente contra sua pele — assim como você é, Jess. Eu te amo exatamente como você é.

Ele virou-se para ela com um sorriso nos lábios, o bigode macio convidando-a a estender a mão.

— Então vamos.

Ela colocou a mão na dele e deixou que ele a puxasse para fora da cama, quase catapultando em seus braços, rindo.

Ele abraçou seu corpo nu contra o dele, passando a mão pela espinha enquanto os seus dedos dos pés descalços pendiam do chão.

— Afaste-se, mulher — ele avisou com uma risada — ou vamos perder o vinte e três para Denver.

Então ele a deixou escorregar e bateu levemente em seu traseiro nu.

Eles se vestiram, seus olhos um no outro ao invés de no que eles estavam fazendo. Mas quando ela começou a recolher o vestido de casamento rasgado e os botões e sapatos de cetim, ele ordenou gentilmente: — Deixe-os.

— Mas...

— Deixe-os.

Ela olhou para o vestido. O toque de seu cetim sob seus dedos a lembrou novamente de David, e ela sabia o que deveria fazer. — Jesse, eu posso deixar todo o resto, mas devo... — Ela olhou para cima, pedindo. — Eu não devo deixar David, não desse jeito. — Jesse não moveu um músculo nem sorriu. — Não machucando ele como eu fiz. Posso apenas voltar para a loja e tentar fazê-lo entender que eu nunca quis machucá-lo?

Os olhos de Jesse estavam escuros, inescrutáveis, quando ele se ajoelhou diante dela, afivelando as alças de um dos seus estojos de fotografias.

— Sim. Se isso significar não tê-lo entre nós pelo resto de nossas vidas, sim. — Foram as palavras mais difíceis que Jesse DuFrayne já havia falado.

Alguns momentos depois, ele segurou o novo casaco verde quando ela deslizou os braços para ele. Então eles se viraram para examinar o quarto por um momento — a tela virada ainda caída de lado, o vestido de noiva em uma pilha, rasgado e enrugado, os botões espalhados pelo quarto junto com o véu triturado e os sapatos de cetim descartados.

Esperando que ele entendesse, ela voltou e pegou os sapatos, colocando-os em seu casaco quando eles saíram do hotel e entraram na fria e ensolarada tarde.

Ele segurou o braço dela enquanto caminhavam pelos calçadões até a loja de sapatos no final da rua, e ele ficou parado estoicamente, com as mãos enterradas

nos bolsos, esperando, enquanto ela entrava para devolver os sapatos de cetim branco para David Melcher. Pareceu demorar uma eternidade, embora tenha sido uma questão de apenas alguns minutos.

O sino tilintou e Jesse olhou para cima, procurando em seu rosto quando ela voltou e pegou o braço dele para caminharem para a estação.

Havia uma sensação estranha e doentia na boca do seu estômago. Ele olhou para ela gravemente.

Ela sorriu para ele. — Eu amo você, Jesse.

E ele respirou novamente.

Eles caminharam pela Main Street, sentindo olhos sobre eles a cada passo do caminho. Na estação, o trem esperava, respirando e bufando impacientemente, a respiração branca sobre o frio ar do Colorado.

Do lado do segundo até o último vagão, brilhava uma crista ornamentada com um R.M.R. insígnias feitas em folha de ouro, entrelaçadas com um desenho de pétalas de cornus.

Confusa, Abbie olhou para aquilo, depois para Jesse, mas antes que ela pudesse perguntar, ele a pegou nos braços e subiu os degraus do vagão executivo.

Mas de repente ele parou, virou-se, olhou pensativo para a rua deserta, colocou-a de pé novamente e disse: — Só um minuto. Não saia. — Então ele desceu os degraus novamente.

E da forma mais fria, Jesse DuFrayne sacou uma arma, mirou na placa que tinha os nomes de David e Abigail Melcher, e entregou dois tiros que tiraram todas as pessoas das lojas de um lado da Main Street ao outro para ver que danação estava acontecendo.

Mas tudo o que viram foi aquele letreiro deitado na neve em frente à loja de sapatos e as costas de Jesse DuFrayne desaparecendo nos degraus do trem.

Lá dentro, ele novamente pegou Abbie em seus braços, fechando os lábios surpresos com os seus.

— Não há lugar como o lar — ele disse quando a beijou completamente, chutando a porta atrás deles.

— Lar? — ela repetiu, olhando em volta para o exuberante interior de veludo verde-esmeralda do vagão. — O que é isso?

Ela se esforçou para ver em torno de sua cabeça. Conforme ela virou-se de um lado para o outro, ele acariciou seu pescoço, porque ela ainda estava em seus braços e ele não tinha intenção de colocá-la no chão ainda.

— Esta, minha querida Ab, é sua suíte de lua de mel, especialmente

encomendada para a ocasião.

O que Abbie viu não era um vagão comum. Ela nunca tinha visto tal luxo em sua vida — uma cama enorme coberta de veludo verde, uma mesa de jantar íntima para dois, um champanhe em um loving cup, uma banheira de cobre ornamentada a um lado perto de um fogão ornamentado, onde um fogo crepitava, cadeiras convidativas, tapetes grossos.

— Jesse DuFrayne, seu demônio conivente! Como você conseguiu esse vagão para Stuart's Junction no exato momento que precisávamos? E pare de beijar meu pescoço como se não ouvisse uma palavra do que estou te acusando. — Mas apesar de sua bronca, ela estava rindo.

— Vai ser um dia frio no inferno antes de eu parar de beijar seu pescoço, Srta. Abigail McKenzie, só porque você me manda.

— Mas este é um vagão executivo. Você ordenou que este vagão estivesse aqui. Você planejou minha sedução até o último minuto!

— Feche sua boca preciosa — ele disse, fechando-a para ela enquanto o trem começava a se mover, e ele caminhou até a cama enorme na extremidade do vagão, o beijo se tornando realmente escorregadio e mal orientado quando o vagão balançou e ganhou velocidade.

Eles riram na boca um do outro, depois ele a jogou na cama, recuou e perguntou: — O que vai ser primeiro? Um banho, um jantar, o champanhe... ou eu?

— Quanto tempo nós temos? — ela perguntou, já desabotoando seus botões do casaco.

— Podemos ir até Nova Orleans sem sair para tomar ar — ele respondeu, aquele sorriso maroto tentando-a enquanto seus olhos dançavam maliciosamente.

Tirando o casaco, ela olhou para a banheira de cobre, o champanhe, a mesa posta para dois, a janela ao lado onde o mundo passava. E o homem... desabotoando seus punhos.

— Bem, então, que tal todos os quatro de uma vez? — Abigail McKenzie sugeriu.

As sobrancelhas dele voaram para cima e as mãos dele ficaram quietas momentaneamente antes de começar a puxar os botões no peito dele.

— Bem, maldição... — murmurou Jesse DuFrayne deliciosamente, seu bigode aparecendo para ela da maneira mais convidativamente sugestiva.

Ficha Técnica

Copyright © 1983 por LaVyrle Spencer.
Título Original: Hummingbird
Tradução: E. Nascimento
Revisão: Chris Love

Todos os direitos reservados.
Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e incidentes são produtos da imaginação do autor ou são usados ficticiamente. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, estabelecimentos comerciais, eventos ou localidades é total e simplesmente uma coincidência.